

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC – SP**

**GEDEON FREIRE DE ALENCAR**

**ASSEMBLEIAS *BRASILEIRAS* DE DEUS:**  
**TEORIZAÇÃO, HISTÓRIA E TIPOLOGIA – 1911- 2011.**

**DOUTOURADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**SÃO PAULO**  
**2012**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC – SP**

**GEDEON FREIRE DE ALENCAR**

**ASSEMBLEIAS *BRASILEIRAS* DE DEUS:  
TEORIZAÇÃO, HISTÓRIA E TIPOLOGIA – 1911- 2011**

**DOUTOURADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências da Religião, sob a orientação do Prof. Dr. Edin Sued Abumanssur.

**SÃO PAULO**  
**2012**

## Banca examinadora

---

Prof. Dr. Leonildo de Siqueira Campos – UMESP - SP

---

Prof. Dr. Ronaldo Almeida Machado – UNICAMP –SP

---

Profª. Dra. Maria Jose F. Rosado-Nunes – PUC-SP

---

Prof. Dr. João Décio Passos – PUC-SP

---

Prof. Dr. José Ênio da Costa Brito – PUC-SP (suplente)

---

Prof. Dr. José Adriano Filho – Faculdade Unida – ES  
(suplente)

## Dedicatória

À memória de *Dona Chica e Dona Mazé*,  
minha mãe e minha sogra,  
mulheres-símbolo assembleianas que,  
como milhares de outras assembleianas,  
dedicaram suas vidas trabalhando nessas igrejas,  
mas na história oficial machista, são ignoradas.

## Agradecimentos

Agradecer é um privilégio e eu devo muito a muita a gente.

Agradeço a Deus pela vida. À minha esposa Diana que, apesar de ser a mais prejudicada por minha dedicação aos estudos, foi também a maior incentivadora. Continuou acreditando nos momentos em que parei. Muitos outros familiares, irmãos e sobrinhos ajudaram apenas em perguntar: tio, como vai a tese?

Edim Abumanssur, meu orientador e muito mais um amigo. Foram horas e dias de conversas, perguntas e correções. Minha adesão ao doutorado e à PUC, porém, eu devo à amiga Zeca, que esteve comigo no mestrado e me “obrigou” a voltar. O Depto. de Ciências da Religião não seria o que é sem a presença amável da Andréia Bisuli, na secretaria. Aos professores com quem, além de meu orientador, tive aulas: Edênio do Vale, Ênio José e Eduardo Cruz, que também me ajudaram sobremaneira nesta pesquisa.

Minha banca formada pelos amigos, profs. Drs. Leonildo de Silveira Campos, Ronaldo Almeida Machado, Décio Passos, Maria José Rosado-Nunes, José Ênio da Costa Brito e José Adriano Filho, que me honraram com a leitura e o debate. Suas perguntas, indicações e questionamentos foram extremamente importantes para a melhora desta pesquisa, conquanto, admito, não conseguirei atendê-los em tudo.

O *GT – Protestantismo e Pentecostalismo*, onde encontrei pessoas que quero guardá-las para a vida toda. Em especial a amiga Marina Corrêa, também pesquisadora das ADs, companheira de pesquisas, ideias, dúvidas e também dissensos.

Neste período tive aporte financeiro do CAPES, ajuda significativa na vida acadêmica. Minha principal ajuda, porém, veio da Igreja Betesda, que mantém o *Instituto Cristão de Estudos Contemporâneos- ICEC*, nas figuras de seus diretores, Ricardo Gondim e Silvia Geruza, que me proveram um precioso tempo e um adequado ambiente para eu me dedicar a este trabalho. Ministras aulas no ICEC foi e tem sido um privilégio, em especial pela amizade dos alunos e dos colegas professores. Impossível citar todos, mas eles sabem o quanto são responsáveis por meu crescimento acadêmico. Isabel Vitor e Ester Pereira, secretária e bibliotecária respectivamente, sabem o quanto me ajudaram, muito além de suas obrigações.

Também nesses anos dei aulas na *Faculdade Latino Americana de Teologia Integral*, na *Faculdade Teológica Batista de São Paulo* (Perdizes) e na *Faculdade Unida*. Foi o convite dos amigos Ivone Botelho, Marcelo Santos e Wanderley Rosa,

diretores dessas faculdades, que me proporcionou ambiente instigante para aprimorar algumas de minhas ideias em sala de aula. Meus alunos se reconheceram em muitas das questões propostas por mim, inclusive, como respostas a elas.

Dois funcionários do IBGE, que não conheço pessoalmente, mas que com grande presteza me forneceram, em diversos momentos, informações e dados sobre as ADs; são eles Nadya Maria e Miguel José Roosevelt, que encarnaram exatamente o que eles são: servidores públicos. Silas Valério e Rose Gimenez traduziram os textos em sueco e inglês, respectivamente. Cesar Cruz e Katine Walmrath, me ajudaram muito na cuidadosa revisão. O professor o Antonio Flávio Pierucci, com quem tive três disciplinas, foi o responsável por minha paixão absoluta por Max Weber. Disse isso a ele ainda em vida.

Diversos pastores e líderes assembleianos gastaram algumas horas de suas vidas conversando comigo, embora as melhores de todas as conversas foram com pessoas comuns em momento de total informalidade. Apesar de não concordar em tudo do que debatemos, lhes tenho o maior respeito. Dos pastores, cito Israel de Araújo, diretor do *Centro de Estudos do Movimento Pentecostal*, na CPAD. Conquanto discordemos em muita coisa, lhe sou grato pelo que ele faz em prol da memória das ADs.

Tenho um especial agradecimento à Kajsa Norell, jornalista sueca, que tive o privilégio de conhecer durante minha pesquisa, ela também pesquisando as ADs no Brasil. A Kajsa, em sua simpática amizade de absoluto altruísmo, me deu pessoalmente ou me enviou pelo correio ou email milhares de páginas digitalizadas com livros, jornais, documentos e cartas dos suecos. Tudo o que qualquer pesquisador sonha, mas não tem onde ou a quem perguntar. Jamais vou conseguir pagar o que Kajsa fez por mim; espero que divulgando alguma coisa do que ela me forneceu, eu possa, pelo menos, resgatar a memória histórica de alguns – e principalmente algumas! – heróis que ainda são marginalizados na história assembleiana.

Este trabalho, como no do meu mestrado, é também uma celebração à memória de meus pais, heróis anônimos assembleianos, que viveram suas vidas na mais singela simplicidade e pobreza. Eles também fazem parte da linda história que as ADs construíram no Brasil.

## Resumo

As Assembleias de Deus - ADs, surgidas em 1911, em Belém-PA, hoje presentes no país inteiro, são há algumas décadas a maior denominação evangélica do Brasil, e, segundo o Censo de 2010, têm 12.314.410 membros, ou mais de 6% da população brasileira. Nascidas de um grupo dissidente da Igreja Batista, em adesão à mensagem pentecostal de dois suecos: Daniel Berg e Gunnar Vingren. Conquanto antes já existissem outras pessoas e manifestações ditas pentecostais, é a partir desta liderança e grupo que o fenômeno se propaga, acompanhando, inicialmente, a migração interna do ciclo da borracha e depois as inúmeras migrações Nordestinas, se consolidando, finalmente, nos espaços urbanos. Por causa de um extremo congregacionalismo, a partir do conceito sueco de “igrejas livres”, não se permitiu uma organização institucional nacional ou regional. Ao longo da história vai se fragmentando, mas com mensagem e personalidades carismáticas marcadas por acentuado tradicionalismo a partir das igrejas-sedes de Ministérios e seus pastores-presidentes, caminhando, desta forma, em direção ao extremo episcopalismo. Cresceu acompanhando o amplo processo urbano, mas também, ou muito mais, pela imensa concorrência interna. Usando a teorização weberiana das dominações carismática, tradicional e racional burocrática, estabeleceremos a *Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira* – MPAB, em suas identidades irreversivelmente fracionadas em divergências internas, formando, assim, os distintos *assembleianismos urbano, rural, difuso e autônomo*. Não se trata, assim, de uma igreja, mas de diversas, distintas, concorrentes e divergentes entre si, muito parecidas com o país onde nasceram, cresceram e se consolidaram. Portanto, *Assembleias Brasileiras de Deus*.

**Palavras chaves:** *Assembleias de Deus, pentecostalismos, sociedade brasileira.*

## Abstract

The Assembleias de Deus-ADs, which emerged in 1911 in Belem-PA and are currently present in the entire country, for several decades have been the largest evangelical denomination in Brazil with 12,314,410 members or more than 6% of the population (2010 Census). It was created from a splinter group of the Baptist Church, in support of the Pentecostal message of two Swedes, Daniel Berg and Gunnar Vingren. Although, there have been other people and so-called Pentecostal manifestations, it is from this leadership and group that the phenomenon has spread, initially accompanying the internal migration of the rubber boom and then the numerous migrations of people from north-eastern Brazil, and ultimately consolidating in urban zones. Because of the extreme Congregationalism, as from the Swedish "free churches" concept, a national or regional institutional organization was not accepted. Throughout history, it becomes fragmented, because it was institutionally weak, but relied on strong charismatic personalities characterized by sharp traditionalism, from church headquarters of Ministries and their president-ministers, to extreme Episcopalianism. It grew followed by the broad urban process, but also and much more due to the immense internal competition. Using the Weberian theory of the domination charismatic, traditional and rational bureaucratic, we shall set forth Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira - MPAB (Brazilian Assembly Pentecostal Mother Church) in their fractional identities and irreversible internal differences, thus forming the distinct assembleianismos. For it is not a church, but several, distinct, divergent and competing units, quite like the country where they first appeared, grew and consolidated, therefore, Brazilian Assemblies of God.

**Keywords:** *Assemblies of God, Pentecostal identities, Brazilian society.*



*"Porquanto, o homem moderno, mesmo com a melhor das boas vontades, geralmente não seja capaz de imaginar o efetivo alcance da significação que os conteúdos da consciência religiosa tiveram para a conduta de vida, cultura e o caráter de um povo"*  
Max Weber.

## TABELA DE SIGLAS

ADs	- Assembleias de Deus – Brasil
ADsLA	- Asambleas de Dios – América Latina
AGs	- Assemblies of God - EUA
AGE	- Assembleia Geral Extraordinária – reunião convencional
AGO	- Assembleia Geral Ordinária – reunião convencional
AL	- América Latina
BS	- Boa Semente (jornal 1919-1929)
CCB	- Congregação Cristã no Brasil
CEBs	- Comunidade Eclesial de Base
CGADB	- Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil
CO	- Círculo de Oração
CONAMAD	- Convenção Nacional de Madureira das Igrejas Assembleias de Deus
CPAD	- Casa Publicadora das Assembleias de Deus
DC	- Década da Colheita
EBs	- Escolas Bíblicas
EBD	- Escola Bíblica Dominical
ELAD	- Encontro de Líderes das Assembleias de Deus
EMAD	- Encontro de Ministros das Assembleias de Deus
EH	- Evangelii Hårold (jornal sueco da Igreja Filadélfia, de 1915- 1993)
FPE	- Frente Parlamentar Evangélica
HC	- Harpa Cristã
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEQ	- Igreja do Evangelho Quadrangular
IPDA	- Igreja Pentecostal Deus é Amor
IURD	- Igreja Universal do Reino de Deus
MP	- Mensageiro da Paz (jornal de 1930 até o presente)
MPAB	- Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira
PWF	- Pentecostal World Fellowship - Conferencia Mundial Pentecostal
RCC	- Renovação Carismática Católica
SA	- Som Alegre (jornal de 1928-1929)
SFM	- Svenska Fria Missioem (Missão Sueca Livre)
SPS	- Society for Pentecostal Studies (Sociedade de Estudos Pentecostais)
VV	- Voz da Verdade (jornal de 1917)
WAGF	- World Assemblies of God Fellowship (Fraternidade Mundial das Assembleias de Deus)

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
------------------------	-----------

### **CAPÍTULO I**

#### **MATRIZ PENTECOSTAL ASSEMBLEIANA BRASILEIRA – MPAB**

Introdução .....	23
1.1 - AS ADs E SUAS RELAÇÕES INTERNAS. ....	24
a) A construção do mito fundante e suas hagiografias:.....	25
b) A construção da identidade pentecostal assembleiana. ....	30
1.2 - AS ADs E DEMAIS SEGMENTOS EVANGÉLICOS: .....	37
a) ADs & ADsLA . ....	38
b) ADs & AGs.....	39
1.3 - AS ADs EM RELAÇÃO À SOCIEDADE BRASILEIRA.....	40
1.4 - O PROTO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO. ....	41
a) Antecedentes pentecostais no Brasil. ....	42
b) A imigração sueca no Brasil no século XIX. ....	43
c) Pastores suecos em Belém antes de Berg e Vingren? .....	45
d) Os pentecostalismos em suas origens multiculturais .....	47

### **CAPÍTULO II**

#### **TEORIZAÇÃO, HISTÓRIA E TIPOLOGIA**

Introdução .....	50
2.1 - TEORIZAÇÃO: .....	50
a) Os limites e a “objetividade” do conhecimento.....	52
b) Tipo ideal – descrição e modelos: .....	52
c) Poder e legitimidade:.....	54
d) Camadas e classes sociais.....	55
e) Religião e racionalidade econômica. ....	57
f) Ação religiosa e vida cotidiana. ....	59
g) Teoria das Dominações Carismática, Tradicional e Burocrática Racional. ....	60
2.2 - PERIODIZAÇÃO HISTÓRICA .....	66
a) O movimento pentecostal de 1911 a 1946. ....	67
b) A instituição pentecostal: 1946-1988.....	68
c) A corporação pentecostal: 1988-2011.....	69
2.3 - TIPOLOGIA ASSEMBLEIANA:.....	72
a) Assembleianismo Rural: .....	73
b) Assembleianismo Urbano:.....	75
c) Assembleianismo Autônomo:.....	76
d) Assembleianismo Difuso: .....	77

### **CAPÍTULO III**

#### **PRIMEIRO PERÍODO – 1911 a 1948**

#### **O MOVIMENTO PENTECOSTAL: A ILUMINAÇÃO DO CARISMA..... 80**

Introdução .....	80
3.1 - RELIGIÃO E SOCIEDADE NAS DÉCADAS DE 1910 A 1950.....	80
a) Brasil & Suécia no início do século XX. ....	82

b) Belém: a “Paris Tropical da Belle Époque” .....	84
c) A influência moral e ditatorial do Estado Novo. ....	85
3.2 - MINISTÉRIOS: todos por todos. ....	85
a) Ministério, um conceito triplo. ....	86
b) O exercício do ministério:.....	87
c) Cultos nas residências e ao “Ar livre”. ....	87
3.3 - EDUCAÇÃO TEOLÓGICA: o re - conhecimento é do Espírito Santo.....	89
a) As Escolas Bíblicas.....	90
3.4 - RELAÇÕES DE GÊNERO: Ganha a missão, perde a vida. ....	94
a) A primazia feminina no pentecostalismo. ....	94
b) A invisível esposa do fundador:.....	95
c) Frida Vingren: a “bibelkvinna/mulher-bíblia” que tomou a frente .....	96
d) A Convenção de 1930 e a reação posterior de Frida: .....	101
e) Frida Vingren: <i>Aimee Semple McPherson, brasileira?</i> .....	103
f) A capacidade analítica de Frida. ....	105
g) Frida: uma adúltera?.....	109
h) Por que a Convenção de 1930 aconteceu em Natal - RN?.....	110
3.5 - MÍDIA: a modernidade assembleiana no início do século. ....	111
3.6 - CONVENÇÃO: tempo de estudar a Bíblia. ....	112
a) Convenção & Ministérios: uma (in) distinção necessária.....	113
3.7 - “TEMPLOS – CASA”: lá estamos em casa! .....	117
3.8 - IDENTIDADE ASSEMBLEIANA PENTECOSTAL BRASILEIRA: .....	118
a) Teologia do “sofrimento”. ....	118
b) E ethos sueco & nordestino, e a questão das “igrejas livres”. ....	120
c) Personagens: Gunnar Vingren & Samuel Nystron. ....	121
3.9 - As ADS & CCB. A pluralidade dos irmãos & a homogeneidade da irmandade. ...	128
a) Etnia e imigração .....	129
b) Consolidação rural & urbana .....	130
c) Dissidência presbiteriana & a dissidência batista .....	132
d) A liderança estrangeira & nacional. ....	132
e) Padronização e/ou flexibilização do louvor.....	132
f) O carisma do dinheiro e a racionalização do seu uso .....	133
g) A estética do vestuário. ....	134
h) Os testemunhos.....	135
i) A (Des)Padronização de templos.....	135

## CAPITULO IV

### SEGUNDO PERIODO – 1946 - 1988

<b>A INSTITUIÇÃO PENTECOSTAL: O AVANÇO DA TRADIÇÃO .....</b>	<b>138</b>
4.1 - RELIGIÃO E SOCIEDADE NAS DÉCADAS DE 1950 A 1980.....	140
a) O Brasil é um país conservador. ....	140
b) Brasil rural & urbano: a inversão em três décadas. ....	140
4.2 – MINISTÉRIOS: todos por alguns.....	141
a) Missão & Madureira: as tradições, campos e subcampos em disputa. ....	142
b) Pastor Presidente e os demais estamentos .....	143
4.3 - EDUCAÇÃO TEOLÓGICA: o reconhecimento é da tradição. ....	148
4.4 - RELAÇÕES DE GÊNERO: A missão é uma submissão. ....	150

a) Ruth Dóris Lemos (1925-2008): a pastora americana que virou auxiliar.....	151
b) A Missão e a Submissão fazendo escola. ....	152
4.5 - MÍDIA: na era do Rádio a Igreja ficou muda. ....	154
4.6 - CONVENÇÃO: o avanço e a invasão nos campos. ....	158
4.7 - “TEMPLO – PENSÃO”: Solidariedade burocratizada. ....	159
4.8 - IDENTIDADE ASSEMBLEIANA PENTECOSTAL BRASILEIRA: 2ª. FASE.....	162
a) Teologia da “Disciplina”: .....	162
b) O ethos brasileiro & americano.....	166
c) Personagens: Paulo Leivas Macalão & Cícero Canuto de Lima. ....	171
4.9 - AS ADS & OS PENTECOSTALISMOS “CONSERVADORES” E “MODERNOS” .....	173
a) Um pentecostalismo “modernizado” .....	174
b) Um pentecostalismo “conservador” .....	175

## CAPITULO V

### TERCEIRO PERÍODO – 1988 - 2011

<b>A CORPORAÇÃO PENTECOSTAL: A (I) RACIONALIDADE DOS PODERES .....</b>	<b>177</b>
5.1 - RELIGIÃO E SOCIEDADE NAS DÉCADAS DE 1980 A 2011.....	179
a) No início do século XXI: um país moderno?.....	179
b) Século XXI: um país urbano, plural, moderno e sincrético. ....	180
5.2 - MINISTÉRIOS: todos contra todos. ....	181
a) Os ministérios estamentais e orgânicos: distinções e hierarquias. ....	183
b) O novo modelo de pastor-presidente e o nepotismo.....	186
5.3 - EDUCAÇÃO TEOLÓGICA: o <i>re-conhecimento</i> é do MEC. ....	188
5.4 - RELAÇÕES DE GÊNERO: Missão oficial, oficiosa e oficialesca. ....	189
a) Missão oficial da mulher: Círculo de Oração - CO .....	190
b) Missão oficiosa: o profetismo feminino & ministério masculino. ....	191
c) Missão oficialesca: a “primeira dama” do Ministério.....	194
5.5 - MÍDIA: o poder, os poderes e os poderosos. ....	198
5.6 - CONVENÇÃO: a urna eletrônica “salva” a unidade? .....	199
a) Questão jurídica: Estatuto existe – inclusive - para ser alterado.....	199
b) Questão econômica: quem pode participar? .....	201
c) Questão política: lutas de oligarquias assembleianas. ....	203
5.7 - “TEMPLO – SHOPPING”: conforto, compras e celebração.....	207
a) Conforto.....	207
b) Compras.....	209
c) Cerimônia.....	209
5.8 - IDENTIDADE ASSEMBLEIANA PENTECOSTAL BRASILEIRA: 3ª. FASE.....	213
a) “Teologia da Competência” .....	213
b) O ethos “regionalista” carioca & “globalizado” paulista: .....	215
c) Personagens: José Wellington Bezerra da Costa & Samuel Câmara. ....	216
5.9 - AS ADS & “IURDIZAÇÃO”: antropofagia e polissemia assembleiana. ....	221

## CAPITULO VI

### HÁ VIDA DEPOIS DO CENTENÁRIO?

6.1 – USOS E COSTUMES: o processo de “acomodação” dos assembleianismos.....	229
a) Os documentos: história e contexto. ....	230
b) As questões são “teológicas” ou “mundanas”? .....	230

c) Legalismos e misoginia assembleiana.....	232
d) “Deus é fiel, o fiel é Deus” .....	233
6.2 – A DC (1990-2000): deu errado, mas deu certo.....	233
a) Crescimento assembleiano na última década do século XX.....	234
b) A origem da Década da Colheita: AGs nos EUA. ....	235
c) A DC no Brasil: quatro hipóteses sobre as identidades assembleianas.....	236
6.3 – CELEBRANDO O CENTENÁRIO – 2011: .....	244
6.4 - IDENTIDADE PENTECOSTAL ASSEMBLEIANA: BRASIL & SUÉCIA .....	247
6.5 - IDENTIDADE PENTECOSTAL ASSEMBLEIANA: BRASIL& EUA. ....	250
a) A questão racial e movimento pentecostal nos EUA. ....	251
b) <i>O distanciamento das AGs e das ADs.</i> .....	253
c) PWC & WAGF – a globalização pentecostal. ....	254
d) As ADs nos EUA.....	257
6.6 - AS IDENTIDADES PENTECOSTAIS NO SÉCULO XXI .....	258
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>265</b>
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS .....</b>	<b>268</b>
ANEXO I - CONVENÇÕES NACIONAIS: CGADB & CONAMAD.....	278
ANEXO II - MINISTÉRIOS ASSEMBLEIANOS AUTONOMOS .....	279
ANEXO III - ADs NA AMÉRICA LATINA.....	280
ANEXO IV - CARTAS .....	280
ANEXO V - RESOLUÇÕES SOBRE USOS E COSTUMES .....	283

## INTRODUÇÃO

A Assembleia de Deus no Brasil é brasileira? *Brasileiríssima*. Ela pode não ser “a cara” do Brasil, mas é um retrato fiel. É um dos principais. É uma das sínteses mais próximas da realidade brasileira.

Como o Brasil, é moderna, mas conservadora; presente, mas invisível; imensa, mas insignificante; única, mas diversifica; plural, mas sectária; rica, mas injusta; passiva, mas festiva; feminina, mas machista; urbana, mas periférica; mística, mas secular; carismática, mas racionalizada; fenomenológica, mas burocrática; comunitária, mas hierarquizada; barulhenta, mas calada; omissa, mas vibrante; sofredora, mas feliz. É brasileira.

É uma igreja híbrida. Presente em todos os centros urbanos, mas ausente da questão urbana; visível em todas as periferias, mas indiferente nas decisões sobre as mesmas; vanguardista no espaço que dá aos pobres e as mulheres na atuação dentro da congregação, mas repete e ajuda a perpetuar os mecanismos de opressão contra os mesmos; com grandes patrimônios nos templos sedes, repetindo o modelo de concentração de renda, enquanto os da periferia continuam com pouca ou nenhuma infraestrutura; barulhenta em suas reuniões, mas calada sobre o país. Como o Brasil que não é apenas um, mas vários brasis; as *Assembleias de Deus* - ADs (sigla no decorrer deste trabalho) também são várias. O Brasil, como unidade federativa, é um só, mas na realidade são vários *brasis*. As ADs, da mesma forma, são uma só, e, simultaneamente, várias. Muitas. São muitas as *assembleias*<sup>1</sup>. Diversas, distintas, plurais, contraditórias e concorrentes. Como o país (“o melhor país do mundo”), ela também sofre da mesma síndrome: é o centro do mundo. Visada e amada. É a maior igreja pentecostal do país e a maior (sic) Assembleia do mundo.

Segundo o Censo 2010, são 12.314.410 de assembleianos esparramados por este *brasilão*. Está presente na elite, com ministro de Estado e professores universitários, mas composta em sua maioria de pobres. Visível em todos os principais centros urbanos

---

<sup>1</sup> O nome assumido *Assembleias de Deus*, desde seu nascimento nos EUA em 1914, e no Brasil, em 1918, foi sintomaticamente no plural. Se *episcopal*, como no Brasil, ou *congregacional*, como nos EUA e demais países latinos, foi sempre *assembleias* no plural. E isso, teoricamente, lhes definiria a natureza de igreja. De agora em diante, portanto, sempre usaremos o plural - ADs.

e em quase todos os municípios brasileiros tem igrejas no Oiapoque<sup>2</sup> e no Chuí – para não desmentir o chavão brasileiro dos municípios extremos. Representam, segundo o Censo 2010, 35,6% dos 34.588.671 milhões de pentecostais, 29,1% dos 42.275.440 de evangélicos brasileiros e 6,4% dos 190.755.799 de brasileiros. Sendo há algumas décadas a maior igreja evangélica vivenciando, talvez, a mesma síndrome brasileira: um *gigante adormecido*?

William Read (1967:132) percebendo a extensão desta igreja no país inteiro diz que “*As máquinas de costura Singer, o guaraná, e a Assembleia de Deus lá estão presentes*”. As máquinas Singer já não existem mais; o guaraná, então, que se cuide.

Sua editora, a *Casa Publicadora das Assembleias de Deus* – CPAD (sigla no decorrer deste trabalho) nascida em 1948, é maior editora evangélica brasileira, com faturamento de cento e vinte milhões de reais (2009). Tem 630 de títulos publicados, com milhões de livros, revistas, CDs, etc., por ano. Só as Revistas da *Escola Bíblica Dominical* – EBD (sigla no decorrer deste trabalho) são dois milhões e meio por trimestre.

Tem mega-tempos em diversas capitais, especialmente as igrejas-sede de Ministérios<sup>3</sup>, são exemplos de mastodônticos arquitetônicos construídos à imagem e semelhança dos egos dos seus líderes, porque as sedes, como subproduto do capitalismo liberal, impõem uma concentração de renda em um caixa único, para o qual as congregações, compulsoriamente, devem enviar toda a renda. Mas os tempos das congregações nas periferias (quando existem) são, em sua maioria, prédios paupérrimos. Tem ainda um canal de TV, operando desde 1993, a *Rede Boas Novas*. No período legislativo de 2002, tinha 26 deputados federais e 3 senadores – se fosse oficialmente um partido, seria o terceiro maior partido do país, na época. Em 2010, vinte assembleianos foram eleitos deputados federais, embora um *assembleiano deputado*, ou detentor de qualquer cargo legislativo, não seja necessariamente um *deputado assembleiano*<sup>4</sup>.

É fácil constatar sua presença física e geográfica, graças a por causa de seus tempos diversificados e presentes em todos os lugares espalhados por todo o país. Da

<sup>2</sup> O ponto extremo, como se descobriu recentemente, é o Monte Caburaí, mas os dois municípios continuam sendo os dois mais extremados.

<sup>3</sup> A palavra *Ministério* nas ADs, neste trabalho, tem três sentidos distintos. Ver ponto 3.2

<sup>4</sup> A filiação religiosa de um parlamentar não implica automaticamente (como quase sempre a imprensa e algumas pesquisas dizem) que ele seja identificado com sua igreja. Benedita da Silva foi eleita deputada estadual e federal pelo PT no RJ, anos seguidos, e isso não dizia respeito às ADs. Na atual legislatura temos Burna Furlan (PDSB-SP) e Antony Garotinho (PR-RJ), da CCB e da Presbiteriana, respectivamente, mas suas igrejas não tem nenhuma interferência em suas atividades políticas. Voltaremos ao assunto no ponto 5.6 –a.



mesma maneira é possível mensurar sua membresia, pois ela aparece em todas as pesquisas do IBGE e do *DataFolha*, onde foram incluídas as perguntas sobre pertencimento religioso.

Mas e daí?

O que significa, para além de uma objetivação física, geográfica e quantitativa, *essa presença*? Apesar dos milhões de membros, da densidade e da distribuição geográfica em todo o país, e por ser agora também centenária, por que isso não se traduz em uma presença política – para o mal ou para o bem – de articulação nacional e principalmente de uma marca cultural?

Com este capital social presente, portanto, em todas as classes, profissões e camadas, não poderia (alguns dirão: não *deveria*) essa igreja operacionalizar uma rede de informações ímpar? Por exemplo: devido a sua presença geográfica em todo o país e, principalmente, por sua membresia se concentrar nas camadas mais pobres da população, poderia - caso tivesse escolhido esse caminho - ter um programa simples de informação sobre aleitamento materno fundamental para a diminuição da taxa de mortalidade infantil, o que, dada a envergadura já mencionada, teria obtido muito mais resultados do que a *Pastoral da Criança*<sup>5</sup>. Muitos municípios não têm igreja católica, mas têm ADs, e a ausência de padres é notória em cidades pequenas<sup>6</sup>. Já, por outro lado, não faltam pastores assembleianos. Se tivesse encampado um projeto nacional de alfabetização teria, por causa de sua capilaridade social, realizado algo extraordinário. Mas isso, assim como outras questões sociais, não estão na pauta dessa igreja; e ela perde, e o país idem. Com no mínimo três reuniões semanais<sup>7</sup> e uma presença fiel<sup>8</sup>, os assembleianos cantam em todos os cultos. Cantam muito. Daí ter se tornado um valioso celeiro de músicos e cantores. Desde músicos de primeira, linha nas orquestras sinfônicas<sup>9</sup>, até músicos leigos nos remotos lugares rurais.

<sup>5</sup> A Pastoral da Criança, fundada em 1982, pela Dra. Zilda Arns (1934-2010), atende no Brasil, mensalmente, cerca de 2 milhões de crianças de 0 a 6 anos, em mais de 4 mil municípios, com 260 voluntários. Além da multimistura de casca de ovo, sementes e folha de mandioca, também ensina as mães o simples e milagroso soro caseiro de água, sal e açúcar. Deve com isso ter salvado a vida de milhões de crianças subnutridas, a ponto de seu trabalho ser reconhecido e aplicado em diversos países do mundo. Folha de S.Paulo, A-12 – 15.01.10

<sup>6</sup> Tepequém, povoado do município de Amanajari, há 208 km de Boa Vista, em Roraima, com aproximadamente 200 habitantes, não tem Igreja Católica ou qualquer outra igreja evangélica, mas tem um templo assembleiano com 50 membros. Visitei o local e fotografei no dia 08/10/2011.

<sup>7</sup> O padrão invariável é de um culto público aos domingos, um culto de doutrina e outro de oração durante a semana; fora os cultos familiares.

<sup>8</sup> Segundo a PNN, 94% dos assembleianos são fieis em participação das reuniões semanais (40:1998). Já uma pesquisa feita em 1985, na região e S. B. Campo, SP, 73% dos entrevistados frequentam a igreja mais de uma vez por semana (Maraschin, 1985:40). Esse dado continua igual atualmente? Com certeza será diferente entre o *assembleianismo urbano* e *assembleianismo rural*.

<sup>9</sup> Além de uma presença significativa de músicos evangélicos nas Orquestras Sinfônicas no Brasil inteiro, no RJ, a *Orquestra Sinfônica Nacional* é regida pelo maestro Roberto Minczuk, criado nas *Assembleias de Deus Russas* onde aprendeu música clássica.

Mas será mesmo que as ADs são tão insignificantes assim na atuação social?

O analfabetismo nas zonas rurais, ainda hoje, é muito mais acentuado do que nas urbanas. Qual estímulo um trabalhador rural, boiadeiro, cortador de cana, ou similar, em décadas passadas teve ou teria para estudar? Primeiro, não havia escolas; segundo, no curral eleitoral, bastava, no máximo, assinar o nome. Ler? Quem precisava disso no campo? Qual fazenda exigia isso de seus meeiros? Nas primeiras décadas do século passado, nesses locais e nessas circunstâncias, não havia nada que pedisse ou incentivasse a alfabetização. Atualmente, nas grandes cidades, para ser faxineiro ou empregada doméstica não se exige escolaridade - basta assinar o nome<sup>10</sup>. Qual é a instituição vigente nas raias da pobreza deste país que exige alfabetização de seus membros? Uma exceção: ADs. Ser membro das ADs, por mais pobre, rural ou subempregos que seja, significa possuir, andar com, e manusear uma Bíblia. E ler. Em determinadas localidades, o único pobre que tem um livro em casa é o membro da AD. Ademais, desde 1923, assembleianos também precisam ler e estudar a revista da EBD.

Na famosa entrevista que Francisco Julião dá ao Pasquim<sup>11</sup>, ele justifica a presença dos crentes nas Ligas Camponesas (Rolim, 1985), pois “mesmo analfabetos, recebiam Bíblias”. Daí ele diz: “Peguem a Bíblia, que eu vou com o Código Civil”. Regina Novaes (1985) em sua pesquisa com cortadores de cana, na década de 70, no interior do Pernambuco, ao falar sobre assembleianos pobres, vivendo nos limites da pobreza que a região, o tempo e o trabalho dessa gente lhes proporciona, diz que os mesmos têm uma “dignidade recomposta” pela igreja.

Novamente: e daí? Por que *não* agiu? Essa é a pergunta apressada e realizada ideologicamente. A questão é: por que agiu *dessa forma* e não de *outra*? Porque, aceitemos ou não, ela agiu, sim.

Foi proibida? Não. Nas primeiras décadas sua ação foi dificultada pela Igreja Católica, pelas denominações evangélicas tradicionais e pela pobreza de seus membros, portanto, havia limitações internas e externas. Mas havia um grande campo de ação. E agiu. Não houve uma alienação natural, como algumas análises simplistas apressadamente afirmaram. Desde seu início, o pentecostalismo tem atuação social. “A religião dos pobres tanto se move no sentido de acomodação e submissão, como para questionamentos e protestos” (Rolim, 1985:10). Se foi adequada, ideal, revolucionária,

<sup>10</sup> Dos empregados domésticos, um dos frutos de nossa herança escravagista mais visível, é a exigência de que seja “limpinho”. O analfabeto é até bem-vindo, pois pode deixar coisa visível na *casa grande* e os sobreviventes da *senzala* não entenderão nada.

<sup>11</sup> *Pasquim*, ano X, no. 497, Rio, 11/01/79, pg. 14

alienante, espiritualizada, conservadora, transformadora ou qualquer outra designação, talvez a adjetivação diga mais sobre a concepção dos analistas do que sobre ela mesma<sup>12</sup>. Então, em um esforço de pesquisa histórica da Igreja e do país, vamos analisar o perfil dessa atuação: apontar as razões de *como agiu*; da ação social dos *indivíduos* assembleianos e da ação social da *sociedade* assembleiana. Assim, se constituiu o que chamamos de *identidade pentecostal assembleiana* em sua manifestação micro, e a *Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira – MPAB* (sigla no decorrer deste trabalho), em sua manifestação macro. A “conduta de vida” (usando a expressão weberiana) dos assembleianos enquanto indivíduos, e o “sentido” da ação social coletiva dos múltiplos *assembleianismos*.

Uma última questão introdutória: de Deus ou de Deuses?

A Assembleia (*Brasileira*) de Deus é mais *Brasileira* ou mais de *Deus*? Analisaremos a primeira questão, porque temos dados objetivos que comprovam isso para um trabalho de sociologia da religião. Explicar “*de Deus*” é mais complicado afirmar ou negar. Mais ainda, se é a *de Deus* – O Deus – não se pode negar ou afirmar; mas por causa dos figurões imponentes, das personalidades poderosas, dos líderes carismáticos e patrimonialistas e dos caciquismos inquestionáveis, ela é, ou pode ser, sim, Assembleia *de Deuses*. Estes homens são – e, não custa lembrar: somente homens –, como diria Faoro, os “donos do poder”. E isso a torna, ainda mais *brasileira*!

Uma frase famosa, atribuída ao primeiro ministro francês, Georges Clemenceau (1841-1929), afirma: “A guerra é algo sério demais para ser confiada aos militares”. Parodiando, “igreja é algo sério demais para ser confiada a pastores”, portanto, esse discurso de que as ADs são fruto do trabalho de Vingren & Berg e de todos os demais “homens de Deus” (e só se registram os homens) que construíram essa igreja é, no mínimo, desonesto. Essa versão é tão verdadeira quanto as genealogias bíblicas: macho dando cria a macho. Essa historiografia machista, elitista e “oficial” é um escárnio com a memória de milhares assembleianos anônimos e, principalmente, de mulheres assembleianas. Estas, sim, muito mais as verdadeiras construtoras.

-----

---

<sup>12</sup> No primeiro capítulo de sua tese Freston (1993) “*Os Protestantes em Debate... e o Debatedores também*”, chama atenção para a contaminação ideológica das análises sociológicas, e neste momento específico de seu texto, do pentecostalismo.

O trabalho está dividido em seis capítulos. O primeiro capítulo tematiza a *Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira* – MPAB, analisando as ADs em suas (1) relações internas; (2) externas com outras denominações evangélicas e; (3) com a sociedade brasileira. Duas questões são apenas apontadas inicialmente, as relações entre as ADs, *Asambleas De Dios*, na América Latina – ADsLA (sigla no decorrer deste trabalho) e *Assemblies of God*, nos EUA, AGs (sigla no decorrer deste trabalho), algo que será retomado no final.

O segundo capítulo com a teorização, história e tipologia é mais conceitual. Primeiro, temos um resumo sobre a teorização weberiana das dominações carismática, tradicional e racional, algo que orientará todo o trabalho. Depois uma periodização histórica que será aprofundada nos capítulos III, IV e V, a partir de seis elementos: *Mídia, Ministérios, Convenções, Educação Teológica, Relações de Gênero e Templos*. E por fim, a construção da tipologia quádrupla dos assembleianismos. No final de cada seção, baseada em três elementos sínteses: *conceito, fato e personagens*, se pretende estabelecer a “identidade assembleiana” dos assembleianismos *rural, urbano, autônomo e difuso*.

O terceiro, quarto e quinto capítulos serão análises sociológicas das ADs a partir desta teorização, tipologia e periodização histórica<sup>13</sup>. Primeiro período de 1911 a 1946, do nascimento de origem sueca ao registro de personalidade jurídica da CGAD; o segundo, de 1946 a 1988, é a consolidação da “tradição assembleiana” em relação à transição da sueca & americana; e terceiro período, de 1988 a 2011, da exclusão do Ministério de Madureira à celebração do Centenário, quando convivem – ou não – dentro da mesma denominação diversos grupos distintos.

Estes três capítulos analisarão os seis elementos da identidade já citados. Em cada período esses elementos são fundamentais para a delimitação da natureza desta igreja, e, obviamente, excepcionais e distintos de uma época para outra. No final de cada capítulo temos uma análise da relação das ADs com as demais igrejas pentecostais; no primeiro período, com a *Congregação Cristã no Brasil* – CCB; no segundo, com a *Igreja do Evangelho Quadrangular* - IEQ, *Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo* –

---

<sup>13</sup> A primeira periodização histórica assembleiana foi de Cartaxo Rolim (1985:89) dividindo da seguinte forma: 1) implantação – 1911-35; 2) início da expansão, segmentação e primeiros passos na política (1935-64) 3) enclausuramento na esfera sacral (1964 em diante). Outra periodização que se tornou conhecida e fundamental no estudo do pentecostalismo foi a Teoria das Ondas do Pentecostalismo, de Freston (1993). Também Bittencourt (2001) e Mariano (1999) estabelecem periodização para o estudo do pentecostalismo. Martin (1990) fez uma periodização mais macro: “protestantismo”, “metodismo” e “pentecostalismo”.

IPBC e *Igreja Pentecostal Deus é Amor* – IPDA (siglas no decorrer deste trabalho); e no terceiro, com as expressões neopentecostais internas e externas.

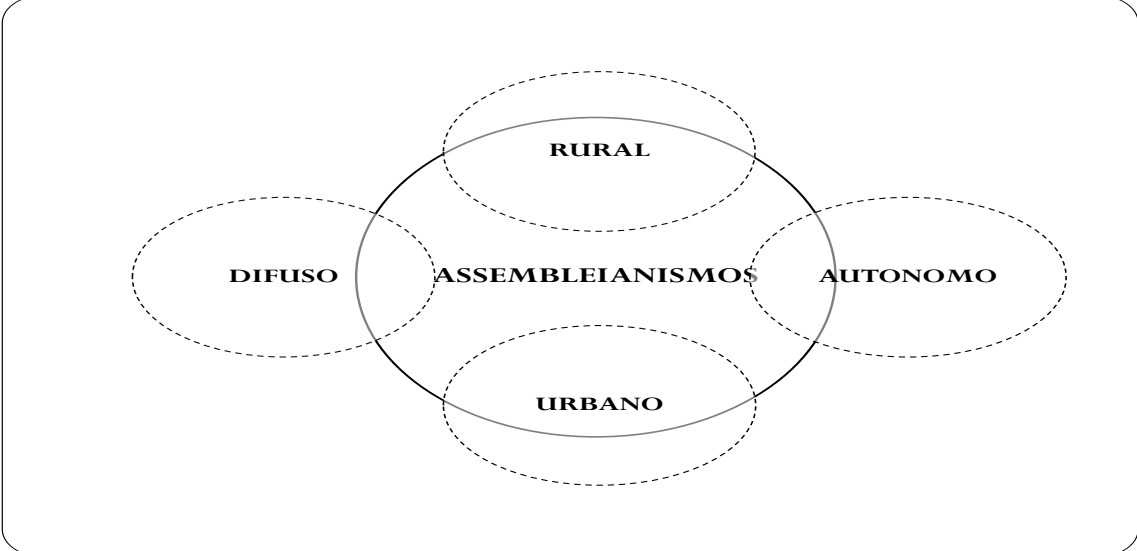
O sexto capítulo, “*Há vida depois do Centenário*”, tem seis pontos. Três questões nacionais, a problemática dos *Usos e Costumes*, o projeto da *Década da Colheita* – DC (sigla no decorrer deste trabalho) e a celebração do Centenário. E, de forma introdutória, três questões internacionais: as relações das ADs com o pentecostalismo mundial na Suécia, nos EUA e no mundo.

As ADs só percebem sua dimensão e importância por ocasião de seu cinquentenário, em 1961. É também nessa década que ela é vista pela Academia<sup>14</sup>. Somente depois de cinquenta anos de existência vai ter uma liderança brasileira e ensinar um modelo próprio, negando o antigo, sueco, mas não aderindo completamente ao novo modelo americano. Agora urbana em sua dimensão quantitativa, mas ainda com mentalidade rural; imensa, difusa e plural, agora não consegue mais ter uma liderança unificada, muito menos unidade doutrinária; e se mantém longe do modelo sueco e americano de pentecostalismo e, mais distante ainda, dos modelos latinos. As ADs no Brasil, cada vez mais se *abrasileirizam*. Assim, as ADs são o que são por serem uma “invenção brasileira”. Típica e peculiar. Enfim, *Assembleias Brasileiras de Deus*.

---

<sup>14</sup> A primeira tese de doutorado em ciências sociais, sobre os pentecostais, visando os assembleianos em particular, foi defendida em 1967 por Beatriz Muniz de Sousa, na Unicamp, com o título *A Experiência da Salvação. Pentecostais em São Paulo*, publicada em 1969. Emile Léonard (1963, 1988) escreveu textos em francês na década de 30 sobre o que ele chamou de “protestantismo iluminista” e, ainda na década de 60, o pesquisador holandês Hollenweger (1969) publicou um artigo na revista da ASTE, resultado de um Simpósio acontecido em 1968. Na década de 1970, Cartaxo Rolim (1979, 1980, 1995), um padre católico, se destaca com ampla pesquisa. Outro trabalho dessa década que ainda hoje é referência, é o de Regina Novaes (1985). Segundo pesquisa de Droogers (Boudewijnse 1991), na AL nos anos 1950-59, foram publicados 44 trabalhos acadêmicos, já nos anos 1980-1990, o montante foi de 457 títulos. Nas décadas seguintes, junto ao acentuado processo de urbanização do país e da presença indisfarçável dos grupos pentecostais no espaço cosmopolitano, surgem diferentes pesquisas sobre os mais variados temas em áreas afins e distintas, tais como: relações gênero, participação política, esportes, arquitetura, marketing, etc. Atualmente, praticamente todos os centros de pesquisas de pós-graduação no país têm alguma linha de pesquisa sobre o pentecostalismo. No entanto, apesar da importância histórica e presença quantitativa das ADs, os estudos ainda são poucos, se comparados, por exemplo, aos da IURD.

O trabalho pode, então, esquematicamente, ser assim resumido:

1911- 1946 <b>O MOVIMENTO PENTECOSTAL:</b> <i>A ILUMINAÇÃO DO CARISMA</i>	1946 – 1988 <b>A INSTITUIÇÃO PENTECOSTAL:</b> <i>O AVANÇO DA TRADIÇÃO</i>	1988 – 2011 <b>A CORPORAÇÃO PENTECOSTAL:</b> <i>A (I) RACIONALIDADE DOS PODERES</i>
<i>ADs: Brasil &amp; Suécia</i>	<i>ADs: Brasil &amp; EUA</i>	<i>ADs: Brasil &amp; Mundo</i>
<b>IDENTIDADE PENTECOSTAL ASSEMBLEIANA BRASILEIRA</b>		
- <b>Ministério:</b> todos por todos - <b>Educação Teológica:</b> <i>o re-conhecimento é do Espírito Santo</i> - <b>Relações de Gênero:</b> <i>ganha a missão, perde a vida.</i>	- <b>Ministério:</b> todos por alguns - <b>Educação Teológica:</b> <i>o re-conhecimento é da Tradição</i> - <b>Relações de Gênero:</b> <i>a missão é apenas uma submissão.</i>	- <b>Ministério:</b> todos contra todos - <b>Educação Teológica:</b> <i>o re – conhecimento é do MEC</i> - <b>Relações de Gênero:</b> <i>missão oficial, oficioso e ofícialesca.</i>
- <b>Mídia:</b> jornais e modernidade assembleiana - <b>Convenção:</b> tempo de estudar a Bíblia - <b>Templo-casa:</b> lá, estamos em casa.	- <b>Mídia:</b> na era do Rádio a mensagem ficou muda - <b>Convenção:</b> o avanço da invasão de campo - <b>Templo-pensão:</b> solidariedade burocratizada.	- <b>Mídia:</b> o poder, os poderes e os poderosos. - <b>Convenção:</b> a urna eletrônica “salva” a unidade - <b>Templo-shopping:</b> compras, conforto e celebração.
<b>CONCEITOS SÍNTESES:</b>		
<i>-teologia do “sofrimento”</i>	<i>-teologia da “disciplina”</i>	<i>-teologia da “competência”</i>
<b>FATOS:</b>		
<i>- ethos sueco-nordestino</i>	<i>- ethos americano-brasileiro</i>	<i>- ethos carioca-paulista</i>
<b>PERSONAGENS SÍMBOLOS EM DISPUTA:</b>		
<i>- Gunnar Vingren &amp; Samuel Nystron</i>	<i>- Paulo Macalão &amp; Cícero Canuto</i>	<i>- José Wellington &amp; Samuel Câmara</i>
<b>ASSEMBLEIANISMOS EM RELAÇÃO AOS DEMAIS PENTECOSTALISMOS:</b>		
<i>Os irmãos das ADS &amp; irmandade da CCB</i>	<i>ADs &amp; novos pentecostalismos “modernos” e “conservadores”</i>	<i>ADs &amp; “iurdinização”: antropofagia e polissemia assembleiana.</i>
<b>MATRIZ PENTECOSTAL ASSEMBLEIANA BRASILEIRA - MPBA</b> 		

## CAPÍTULO I

### MATRIZ PENTECOSTAL ASSEMBLEIANA BRASILEIRA – MPAB

#### Introdução

*As Assembleias de Deus, no Brasil, são brasileiras.* Isso não é mera tautologia: elas são brasileiras não apenas por estarem no Brasil, mas por que da forma que nasceram e se consolidaram; se transformaram em algo com uma especificidade brasileira. Como consequência disso e, pelo tempo e espaço que ocupam, elas são o fundamento da matriz pentecostal brasileira. Um pentecostalismo híbrido: que veio dos EUA, trazido por europeus, e aqui abrigado, gerando um resultado peculiar e único. Nasce, se constrói e se fortalece, a partir – e apesar – da realidade brasileira. Os demais movimentos pentecostais brasileiros nasceram tendo as ADs como referência, seja em *progressão, concorrência ou negação*. É ainda a principal igreja, não apenas por ser a maior, mas por ser – até o momento - a mais influente no movimento<sup>15</sup>. Esta tese pretende fazer uma análise teórico-sociológica do pentecostalismo assembleiano brasileiro em seus cem anos de existência (1911-2011), construindo uma *tipologia assembleiana* para, a partir dela, delimitar a *Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira - MPAB*.

De origem sueca (batistas suecos com traços de século XIX) não tiveram, inicialmente, nenhuma ligação com as AGs nos EUA, nascidas em 1914, diferente de outras ADs no mundo, na AL inclusive, que nasceram a partir de projeto missionário americano. Mesmo hoje, no Brasil, a ligação não é oficial e de dependência como em outros países.

Após 400 anos de domínio católico, qual igreja conseguiu, mesmo nascendo marginal, pobre, semiletrada, não reconhecida pela academia, suspeita e perseguida pela Igreja Católica e demais denominações evangélicas, depois de 70 anos se tornar a maior igreja do país? É, inclusive, mais presente geograficamente que a Católica e demais igrejas evangélicas.

<sup>15</sup> No Censo do IBGE estão em primeiro lugar, e na PNN (Fernandes, 1998) tem a melhor nota e também aparece como sendo a maior. É indicativo que a extensa e profunda pesquisa do CERIS, *Novas Formas de Crer. Católicos, Evangélicos e sem religião nas cidades* (Fernandes, s/d), tenha escolhido as ADs, como as representantes evangélicas nessa pesquisa nacional, em cinco grandes brasileiras.

Atualmente esfacelada em *Ministérios Corporativos*,<sup>16</sup> com alguma relação institucional ou absolutamente fragmentada e dispersa em diferentes grupos autônomos, sem nenhuma ligação com o ramo original, tanto sueco como americano, o *assembleianismo brasileiro* mantém suas marcas inegáveis em todos os demais subcampos pentecostais: na hinologia, na estética dos templos, nos “usos e costumes”, na doutrina, na militância da membresia, no caciquismo eclesiástico, na participação política, no proselitismo evangelístico, na fenomenologia da experiência pentecostal, assim influenciando todo o movimento, até mesmo o católico.

Para além das peculiaridades históricas, políticas e socioeconômicas, a questão teórica central é: a relação, ou afinidade, entre as práticas e condutas individuais dos (1) fiéis e da (2) da comunidade em seus desdobramentos históricos. Como diria Weber, quais os “nexos causais” entre a estilização e conduta de vida e vice-versa. Como no “paradoxo das consequências”, nem sempre ou quase sempre, os resultados não são necessariamente os previstos ou desejados.

Waldo Cesar (1973:7), na sua clássica análise dos estudos da sociologia da religião, diz que em relação ao protestantismo, existem três etapas: 1 – o protestantismo consigo mesmo (dimensões internas); 2 - protestantismo frente a outros movimentos religiosos ou de contestação social e/ou religiosa (catolicismo, positivismo e maçonaria); 3 - protestantismo frente à sociedade global. É o que se pretende fazer neste trabalho.

As ADs, de forma micro, em suas relações *internas*: sua construção não é pacífica desde sua origem sueca, no relacionamento com os brasileiros e, posteriormente, mais complexa ainda na relação brasileiros, suecos e americanos. Sua fragmentação lhe complica ainda mais. Segundo, em suas relações *externas*: as ADs e as demais igrejas. Inicialmente uma relação conflituosa com as denominações tradicionais, e depois, na disputa com as novas igrejas pentecostais. Terceiro, de forma macro, em suas relações com a sociedade: as mudanças políticas, ascensão social de sua membresia, questões de gênero e sua racionalidade econômica.

### **1.1 - AS ADs E SUAS RELAÇÕES INTERNAS.**

Como qualquer outra instituição, as ADs sofreram muitas modificações em seus cem anos de existência. Em 1910, uma pequena comunidade em Belém-PA; em 2011, alguns milhões de assembleianos espalhados em todo o país. Sua composição social, sua

---

<sup>16</sup> Este conceito será debatido posteriormente.



identidade interna e externa, vai se construindo amalgamada à sociedade brasileira. Nascidas a partir de uma empreitada missionária sueca, junto à efervescência mística que acompanhou os movimentos migratórios brasileiros, elas nascem místicas. Sua identidade, neste trabalho, será definida a partir desta historiografia épica na construção do mito fundante da igreja, e das hagiografias de seus fundadores, passando por elementos sócio-históricos, ou “nexos-causais” que fazem e fizeram a especificidade da universalidade deste fenômeno.

**a) A construção do mito fundante e suas hagiografias<sup>17</sup>:**

Leonard (1963) e Freston (2003) enfatizam a absurda distinção da CCB em relação ADs sobre registros históricos. A primeira se recusa a fazê-lo, a segunda desde o início mantém extensa documentação. Possuir poucos documentos, ou nenhum, é, em certa medida, historicamente grave; entretanto, possuir documentação abundante também dificulta. Inicialmente, nas ADs, temos os livros oficiais de história. O primeiro publicado em 1960, escrito por Emilio Conde<sup>18</sup>, por ocasião de seu cinquentenário; o segundo em 1982, escrito por uma equipe da CPAD, dirigida por Abrão de Almeida, é a versão do Conde ampliada, mas lamentavelmente piorada, pois tem diversos erros, como, por exemplo, dizer que as ADs no Brasil foram as primeiras igrejas no mundo a usar esse título. O terceiro livro escrito por Joanyr de Oliveira (1998), mas como o título informa uma “história ilustrada” apresenta muitas fotos, mas pouco acrescenta à primeira versão.

Antes desses, temos dois outros livros escritos em sueco<sup>19</sup>. Em 1927 foi publicado *Vär Och Väckelse I Sydamerika (Verão e Despertamento na América do Sul)*, escrito por A. P. Franklin (1877-1939), secretário de *Svenska Fria Missioem* (Missão Sueca Livre) – SFM (sigla no decorrer deste trabalho), como um relato de sua viagem em julho de 1926, para a realização da *Conferência Pentecostal no Brasil*, onde se

<sup>17</sup> O uso da palavra *mito* não indica que estamos insinuando que a versão histórica assembleiana seja mentirosa, mas segundo conceito da palavra “narrativa heroica, que geralmente tem um fundo de verdade”. “Hagiografia assembleiana”, pois as histórias épicas dos missionários, e demais pastores, são todas acentuadamente ahistóricas e excessivamente perfeitas.

<sup>18</sup> Conde constrói o “mito historiográfico sueco”, que será reproduzido por todos os demais livros, versão, aliás, que é “comprada” e repetida *ad nauseam*, de forma pouco cuidadosa em textos acadêmicos. Conde mereceria uma análise particular, pois é o grande “ideólogo” das ADs, “o representante-mor do Movimento Pentecostal em todos os meios sociais e evangélicos” (Araujo, 2004:197). De estilo completamente diferente do perfil socioeconômico dos demais membros, é um poliglota que trabalha como intérprete no RJ, e um exemplar modelo de “intelectual orgânico”, na expressão Gramsci. Hollenweger (1969:36) afirma que ele estudou na França e é doutor em Filosofia; mas esse mesmo texto, publicado posteriormente como parte de sua tese de doutorado, em 1976, exclui essa informação. Foi um leigo – talvez o único até agora - que teve acesso a cargos na diretoria da Convenção, mas nunca aceitou ser consagrado ao pastorado. Escreveu os primeiros livros sobre teologia pentecostal (em 1931, “*Pentecoste para todos*”), foi representante brasileiro nas *Conferências Mundiais Pentecostais* de 1946 a 1968, e na *Sociedade Bíblica do Brasil*, em uma época em que as ADs não participavam de nada fora da denominação.

<sup>19</sup> Sou extremamente grato à jornalista Kajsa Norell, que garimpou em sebos na Suécia todos os livros em sueco citados neste texto. Além de me doar graciosamente centenas de cópias de cartas, documentos e relatórios da Missão Sueca, me ofertou ainda milhares de páginas digitalizadas de diversos jornais suecos, desde 1909, até o final da década de 1950, e uma cópia quase completa dos Jornais *Boa Semente* e do *Som Alegre*.

reuniu com os missionários suecos no Brasil, e com Gunnar Svensson, que trabalhava na Argentina (Vingren, 1982:135). Nesse caso, o mais antigo livro sobre as ADs, ou sobre a presença sueca na AL. Por que esse texto foi “abandonado” pelos suecos e nunca teve versão em português? Por causa do conflito posterior que Franklin teve com Lewi Pethrus (1884-1974)<sup>20</sup> (ver Anexo V- Cartas e Atas).

Em 1934, foi publicado *Apostolisk väckelse i Brasilien* (*Despertamento Apostólico no Brasil*), onde oito missionários fazem um relato da atuação da SFM no Brasil. Tem uma apresentação de Paul Ongam, da SFM, e um texto de abertura e encerramento escritos por Samuel Nystron. Os textos têm dados geográficos e populacionais sobre os Estados (sempre contrapondo o tamanho de cada um com a Suécia) e seguem com uma pequena história de como a mensagem pentecostal chegou lá. A seguir apresentam um relato do trabalho missionário sueco, objetivando mostrar o que está sendo feito, incentivar a ajuda financeira e envio de mais missionários. Os detalhes que saberemos posteriormente na biografia de Vingren, das viagens, da doação dos noventa dólares, da profecia sobre Belém, etc., já aparecem nesse livro em 1934. Esse livro foi publicado em português somente em 1987, portanto, 53 anos depois de sair na Suécia. Por que ele foi “esquecido” pelos missionários no Brasil? Porque parte do seu conteúdo diz respeito tão somente à Suécia: a SFM, no início da década de 30 entrou em crise, portanto Nystron precisa dar uma demonstração de força. Dois anos antes, Gunnar Vingren morreu, e a viúva, com cinco filhos morando na Suécia, está causando alguns problemas (Norell, 2011), e A.P. Franklin, divergindo de Pethrus, saiu da Igreja Filadélfia e fundou uma nova missão e outra igreja<sup>21</sup>.

Essas duas são, de fato, as proto-histórias assembleianas mais importantes, pois além de serem as mais antigas, são relatos dos suecos e, de alguma forma, todas as demais narrativas as seguem; inclusive, Conde. Mas se Emilio Conde não falava ou lia sueco, onde ele pesquisou para escrever sua *História das ADs*, em 1960, além dos jornais (Isso se ele tivesse uma coleção particular de periódicos, visto que na época não existiam arquivos de jornais)? Apenas a versão oral dos suecos com quem conviveu? Difícil é repetir datas e locais com tanta precisão algumas décadas depois dos eventos.

<sup>20</sup> Lewis Pethrus foi pastor da Igreja Filadélfia de 1910 até 1958. Quando foi jubilado, essa igreja tinha mais de seis mil membros. Escreveu mais de 50 livros, fundou um jornal e uma rádio. Foi um dos líderes pentecostais mais importantes na Europa (Burgess, 1990; Pethrus, 2004; Norell, 2010). Ele pôde ter sido tudo, menos ingênuo. Vamos retornar ao assunto “igrejas livres” mais adiante.

<sup>21</sup> “A adesão de A. P. Franklin à nossa igreja de Filadélfia (...) Quando Franklin veio para o despertamento pentecostal, aceitava nosso conceito (...), mas quando se tratava da independência local da igreja, separou-se de nossos pontos de vista” (Pethrus, 2004:228). A igreja de Franklin se chamava *Assembleia de Deus*, mas teve pouco tempo de vida.

Conde usa muito a biografia de Berg, que fora publicada em 1955, mesmo sem citá-lo, até porque, neste momento, essa biografia ainda não era “oficial”.

Depois das três versões oficiais brasileiras, há uma profusão de livros de história de igrejas estaduais/ locais de interesse paroquial, e marcadamente laudatórios. Outro tipo de livro “histórico”, são as versões militantes dos Ministérios, uns contra os outros, cada um contando sua “verdade”. Dois exemplos: David Cabral (2002) escreveu *Assembleias de Deus. A outra face da história*, defendendo o Ministério de Madureira; e uma edição comemorativa em 2011, de autoria de Benjamim de Souza, *História Centenária da Assembleia de Deus*, celebrando a versão da Igreja-Mãe, em Belém do Pará. Os livros mais recentes da CPAD têm um novo mito: (alguns sem desfaçatez, outros dissimuladamente) são “celebrações” ao José Wellington e família. Dois desses tem um diferencial. *Historia das Convenções das Assembleias de Deus no Brasil*, de Silas Daniel (2004), e *Dicionário do Movimento Pentecostal no Brasil*, de autoria de Israel de Araujo (2017), ambos jornalistas, pastores e funcionários de carreira da CPAD, seguem o mesmo modelo ufanista e militante. O primeiro não disfarça: seu objetivo central é celebração personalística do José Wellington. Há diversas fotos dele, da esposa e dos filhos; e, em seu resgate “histórico”, as posições extremadas, erradas ou no mínimo equivocadas, foram tomadas por líderes dos outros grupos que estavam lutando contra o grupo de poder da *Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil* – CGADB (sigla no decorrer deste trabalho). O livro, em se tratando de livro histórico, oficial de uma denominação, tem um mérito: expõem as tensões, reproduzindo, pela primeira vez, cartas e posições nada amistosas entre os suecos (mesmo que esconda os problemas atuais<sup>22</sup>). Já o *Dicionário* é útil para pesquisa de fatos e datas, seus verbetes dentro do padrão oficial da instituição precisam ser “interpretados”, pois são uma grande “celebração” do mito fundante. Ademais, o livro é muito mais sobre as ADs do que sobre o movimento pentecostal no Brasil<sup>23</sup>.

**As hagiografias assembleianas.** Existem dois livros “sagrados” para os assembleianos: as biografias dos suecos Daniel Berg, “Enviado por Deus” e de Gunnar Vingren, “Diário do Pioneiro.” Esses “santos assembleianos suecos” foram “canonizados” depois de mortos, porém, na atualidade, existe uma prática canonizadora assembleiana de “santos vivos”. Nos últimos anos, diversas biografias laudatórias e

<sup>22</sup> Evidentemente, não se pode exigir desses jornalistas/ porta-vozes oficiais, algum rigor historiográfico acadêmico, mas seus “silêncios” estão intrinsecamente ligados ao grupo de poder que eles representam (Certeau, 1995).

<sup>23</sup> A versão em inglês do *Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*, na qual a brasileira se inspira, é realizada por uma equipe de sessenta e seis pesquisadores, organizada por três editores.

ufanistas de pastores-presidentes têm sido publicadas retratando homens perfeitos, “santos em vida”, colocando, assim, a beatice católica em desvantagem, e também manifestando a gritante diferença das hagiografias dos suecos, pois, ambos em suas biografias, deixam escapar muitos problemas e temas nada santos. Como livros de história, valem muito pelo que não dizem, mas deixam escapar<sup>24</sup>.

A biografia de Gunnar Vingren, na versão original em sueco, “*Pionjârens Dagbok. Gunnar Vingrens minnesanteckningar*”, foi publicada em 1968 na Suécia, e também no Brasil, com o título “*Diário de um pioneiro*”, em 1971, quando as ADs já celebravam seu cinquentenário e ambos os suecos já eram tidos como “semi-deuses”<sup>25</sup>. O livro do Vingren é o resultado da copidescação de vinte e cinco diários realizado por seu filho Ivar Vingren (1918-2006). Os diários são deixados por seu pai com a observação: “Ivar, guarda isso!”, ele tinha apenas 15 anos quando seu pai morreu. Como Vingren foi vitimado por golpes e tramas de seus contemporâneos, se explica daí, possivelmente, sua preocupação com a memória e registro de sua vida e também de sua esposa. O Ivar admite no texto que “edita” frases e episódios. Juntando esse com outros textos (dos jornais e cartas) dá para entender por que muita coisa ficou de fora do livro. Ou por que demorou tanto...

A atual biografia de Daniel Berg, “Enviado por Deus. Versão ampliada”, é também um texto escrito por um filho, David Berg. Porém, o primeiro livro sobre Berg foi publicado em 1945, por Brita Lidman, *Hedningen fran Vargon. Es bok om Daniel Berg*<sup>26</sup>, texto que David garante que consultou. Apesar do *copyright* da CPAD ser apenas de 1995, o texto “Enviado por Deus” foi publicado originalmente em 1955<sup>27</sup> como uma edição própria de Daniel Berg. Por que a CPAD demorou 40 anos para *oficializar* esse livro, e mais de 20 anos depois do livro do Vingren? Uma nota

<sup>24</sup> No quesito autopromoção e hagiografia a concorrência tende a aumentar, por que diversas igrejas/Ministérios estão em contagem regressiva para seus “Centenários” e todas querem escrever “sua” história. Relegada à coadjuvante na briga do Centenário em 2012, a CONAMAD-SP, Ministério do Brás, publicou um “livro fotográfico” com o título “*Ministério de Madureira em São Paulo fundação e expansão 1938-2011. Centenário de Glórias. Cem anos fazendo historia 1911-2011*”. Uma edição de luxo vendida apenas para pastores do Ministério, uma autoceleração da igreja e mistificação de seu fundador Paulo Macalão, para se contra por ao material da CPAD. Sem nenhum pudor também “canonizou” Bispo Manoel Ferreira e seu filho Samuel Ferreira, organizador do livro. Algo nada diferente do que a CPAD faz com José Wellington e família.

<sup>25</sup> Segundo Burke (1994), a imagem pública do rei é uma fabricação em uma “historiografia de encomenda”. Campos (1999:45) afirma que esses textos tem uma objetivação clara: “criação e manutenção de uma cultura organizacional”.

<sup>26</sup> “Os pagãos de Vargon. Um livro de Daniel Berg”, a tradução de Berg (1995) diz “o ateu de Vargon”, mas, segundo Kajsa Norel, o contexto era de “batista não batizado quando criança”, dizer ser considerado na Suécia como “pagão”, algo que Berg cita em sua memórias como tendo sido alvo de deboches das demais crianças na escola, por ser considerado “pagão”.

<sup>27</sup> Esse texto é citado por Hollenweger (1968:35) e por Sousa, em 1969, sem data. A versão mais antiga que encontrei data de 1971.

publicada na *Revista Seara* (nov/dez de 1957, pág. 32) apresenta uma carta de Adrião Nobre (1892-1977)<sup>28</sup>, falando de Berg, do livro e da “dolorosa injustiça” que ele sofre:

CARTA DE UMA TESTEMUNHA OCULAR DA HISTÓRIA DAS ADs EM NOSSO PAÍS.

“Prezado irmão redator d’A SEARA.

A SEARA faz um grande trabalho expondo a vida do grande obreiro que tanto se empenhou em prol da evangelização do nosso povo; um nome eminentíssimo e que, infelizmente, muitos não conhecem. Chegados à nossa terra a 19 de novembro de 1910, Daniel Berg e Gunnar Vingren (...) – apesar do muito que lhes devemos, seus nomes vivem apagados, o que constitui uma dolorosa injustiça. (...) O irmão Berg reside em São Paulo (cidade de Santo André). Não sei como ele vive ultimamente; tive, contudo, notícias desagradáveis com relação a sua condição de vida – não tem segundo soube, o descanso que merece, nem o conforto que lhe devemos proporcionar. Irmãos, não sejamos injustos, lembremos-nos de auxiliar o tão amado pioneiro da obra pentecostal no Brasil. Assinado Adrião Nobre”.

Em 52 anos no Brasil, alijado e esquecido enquanto vivo, não assumiu cargos ou igrejas, não foi oficialmente consagrado a nada e nunca teve nenhum título ou poder de decisão; enquanto Vingren já fora pastor nos EUA e era formado em teologia, Berg era apenas um operário de fundição<sup>29</sup>, portanto, qual a opção dele ao chegar ao Brasil, se não ir trabalhar na *Company of Para*, enquanto o outro, intelectual formado em teologia, estudava português?<sup>30</sup> Mesmo depois de anos no Brasil, não conseguiu fluência em português (talvez por isso não teve oportunidades de pregar e de ministrar estudos bíblicos) e viu ao longo dos anos outros missionários pregando nas EBs, nas Convenções, escrevendo artigos nos periódicos e assumindo o pastorado nas principais igrejas, enquanto ele se limitava a distribuir folhetos e vender Bíblias para se sustentar<sup>31</sup>. Passam anos e anos, esporadicamente seu nome é citado nos jornais de forma episódica. Vira herói depois de morto. Como não há quase nenhum arquivo histórico sobre ele, fica muito mais “fácil” produzir o mito. Como indica Bourdieu (2010:73), a “exaltação hagiográfica” faz “certos homens produzirem atos ou obras que vão além das suas intenções e dos seus interesses”. Pois se ele não se esforçou para ter

<sup>28</sup> Era irmão do pastor Adriano Nobre (1883-1938), professor de inglês e interprete dos suecos, trabalha na *Company of Para*. Era primo de Raimundo Nobre, líder da Igreja Batista em Belém. Adrião escreveu diversos artigos no MP, nos anos 30 e até 70, e continuou até o final da vida membro da AD São Cristóvão-RJ (Araujo, 2007:14-15). Já Adriano Nobre, apesar de ter sido um dos organizadores da HC com alguns hinos, teve uma relação conflituosa nas ADs. Segundo Daniel (2004:73-74) na Convenção de 1933, Adriano Nobre escreveu uma carta à convenção pedindo sua readmissão (foi excluído ou saiu?), algo que foi rejeitado “quase unanimemente”, pedindo uma retração, algo que nunca aconteceu “Adriano Nobre permaneceu desligado das Assembleias de Deus”.

<sup>29</sup> “Um obrero es El fundador de La Iglesia mas grande de America Latina. Daniel Berg y las Assembleias de Deus em El Brasil”, é título do capítulo 8 da tese de Hollenweger (1976), repetindo o artigo publicado pela Revista da ASTE (1968), elegendo, assim Berg como o grande fundador da igreja “mas grande da AL”. Hollenweger pesquisou as ADs logo após as celebrações do Cinquentenário e da morte do Berg, em 1962, quando se inicia seu processo de “canonização assembleiana”, terminou sendo influenciado por isso. Se falasse português e tivesse tido tempo de ler o MP, veria o quanto Berg era anônimo nos anos anteriores.

<sup>30</sup> Pethrus, algumas décadas depois da morte de ambos, diz “Vingren era o dirigente principal” (Vingren, 1982:14), como se o Berg em algum momento tivesse tido alguma liderança, mesmo não sendo o principal. “Por não temos dinheiro para pagar as aulas (de português), Daniel teve de conseguir emprego numa fundição. Ali ele trabalha de dia, enquanto eu estudava o idioma. Depois eu lhe ensinava de noite o que aprendera de dia. Assim, com esforço, aprendemos o português” (Vingren, 1982:35). Entende-se, então, por que Berg nunca teve fluência em português.

<sup>31</sup> Alguns assembleianos oficiosamente me contaram que, na década de 50, quanto crianças, lembram vagamente dele na calçada da AD do Belenzinho vendendo Bíblias em uma banca.

algum poder (talvez tenha sido impedido, não se sabe), não se projetou e não exigiu alguma visibilidade, cargo ou titulação, será que ele se sentiria bem vendo a “idolatria” que se faz à sua memória no presente? No ano de 2011, ele e Vingren foram capas de livros, revistas de EDBs, CDs, DVDs, camisetas, canetas, canecas, malas, letra de música, numa grande exploração comercial. Os “santos assembleianos”, como os católicos, viveram na pobreza e aliados do poder, mas depois de mortos costumam dar muito lucro...

Fundamentais são os jornais. O primeiro, *Voz da Verdade* - VV (1917) e *Som Alegre* - SA (11/1929 a 10/1930) em Belém e o *Boa Semente* - BS (01/1919 a 11/1930), no RJ, e, a partir de 1930 até os dias de hoje, o *Mensageiro da Paz* - MP (siglas no decorrer deste trabalho). Infelizmente, há lacunas nas três coleções<sup>32</sup>. São os registros factuais e primários desta denominação. Se lidos com cuidado, e percebendo o contexto tanto do interior da igreja, como o macro da nação, ajudam muito.

**b) A construção da identidade pentecostal assembleiana.**

A identidade será construída inicialmente a partir de seis elementos – *Mídia, Ministérios, Convenções, Educação Teológica, Relações de Gênero e Templos* – dentro da periodização tripla. No final de cada seção, eles são sintetizados em três – *conceito, fato e personagem*. É uma análise histórico-cronológica, mas também sincrônica. Consideramos esses elementos os mais adequados para nossa pesquisa. Trata-se de mera escolha, sem a pretensão de neutralidade e objetividade conclusiva<sup>33</sup>. Poderiam ser outros elementos? Talvez. Estes, porém, foram escolhidos pelo seguinte: além da abrangência nacional são construtos sociais que estiveram presentes desde o início da história da denominação; existem no presente e, pelo visto, irão pautá-la fortemente nas próximas décadas. São indícios alternados e cronológicos; sincrônicos e diacrônicos, sendo alterados ao longo do centenário, mas, de formas simultâneas, se intercalando, pois estão em todos os tempos e locais dessa igreja.

Também não é um “fato social”, pronto e conclusivo, mas tipologicamente construído, enquanto realidade social que se altera tanto em “avanços” como em “retrocessos”. Eles serão explicitados cronologicamente, dentro dos períodos estabelecidos, mas isso não implica, axiologicamente, em “evolução” durante os cem

<sup>32</sup> As coleções se encontram no *Centro de Estudos do Movimento Pentecostal* – CEMP, um departamento da CPAD. Em um louvável esforço pessoal, o diretor Isael Araujo reuniu e mantém acessível aos pesquisadores esse material.

<sup>33</sup> “Não existe nenhuma análise científica totalmente “objetivada” da vida cultural, ou - o que pode significar algo mais limitado, mas seguramente não essencialmente diverso para nossos propósitos – dos “fenômenos sociais”, que seja independente de determinadas perspectivas especiais e parciais, graças às quais estas manifestações possam ser, explícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente, *selecionadas, analisadas e organizadas na exposição, enquanto objeto de pesquisa*” (Weber, 2001:124. - grifo meu).

anos da história assembleiana. A análise apresentará concomitantes continuidades e descontinuidades; rupturas e permanências. Usando uma analogia primorosa da Hervieu-Léger (2008)<sup>34</sup>, faremos uma análise do “assembleianismo em movimento”. Como recurso didático, estamos dividindo em elementos internos, elementos externos e elementos sínteses.

**Elementos internos:** *Ministérios, Educação Teológica e Relações de Gênero.*

A palavra *Ministério*, neste texto, assume três significados. (1) *Ministério Corporativo* (sempre com letra maiúscula) é um grupo de igrejas lideradas por uma igreja-sede, e dirigida por um pastor-presidente; esse grupo pode ser de âmbito local, estadual ou nacional; portanto, a palavra tem uma conotação institucional, jurídica e geográfica. Dentro do (2) *ministério estamental* estão as hierarquias honoríficas em suas respectivas funções eclesiais, e, por último, o (3) *ministério orgânico* que é o exercício paritário de atuação da membresia local em uma igreja. Eles podem em um determinado período ser mais *racionais*, *tradicionais* ou *carismáticos*. Ou, simultaneamente, os três. Isso não é contradição teórica, apenas uma realidade social complexa (conceitos que serão aprofundados no ponto 3.2. tópico - a).

Já *Educação Teológica*, nasce informal dentro do modelo sueco das *Escolas Bíblicas - EBs*, de presença maciça e democrática para toda a igreja, e, posteriormente, vai se formalizando até se tornar compulsória para o exercício ministerial. Atualmente existem até cursos de pós-graduação. É nessa área que a luta entre suecos, americanos e brasileiros fica mais acirrada.

As *Relações de Gênero*, ou mais especificamente como as ADs lidam com o ministério feminino, é algo que teve – e continua tendo – muitas nuances. Incentivado nas primeiras décadas, restringido após 1930, atualmente a grande maioria das ADs ainda proíbe, porém algumas oficializaram o ministério estamental/pastoral de esposas de pastores-presidentes.

**Elementos externos:** *Mídia, Convenção e Templo.*

A atuação na *Mídia*<sup>35</sup>, por exemplo, no jornal *V V em 1917*, se inicia como uma demonstração carismática apologética da fé apostólica pentecostal; entretanto, já se mostra como uma manifestação da racionalidade protestante na articulação escrita da fé. Ainda hoje a presença assembleiana na mídia pretende ser carismática, em um esforço desmesurado em afirmar que a instituição permanece inalterada, com as mesmas

<sup>34</sup> O termo original de Hervieu-Léger (2008) é “religião em movimento”.

<sup>35</sup> No primeiro momento, apenas jornal escrito. Depois, sim, todos os tipos de mídias.

doutrinas, com as primitivas e contundentes manifestações fenomenológicas de ações do Espírito Santo. Ironicamente, porém, a própria presença na TV é afirmação do poderio econômico da corporação assembleiana, evidenciando assim sua modernização<sup>36</sup>. E no caso explícito dos três programas assembleianos na manhã de sábado<sup>37</sup>, surge uma oportunidade para os grupos mandarem “recados” uns aos outros. O projeto evangelístico como um marco fundante da mídia nos primeiros anos, não se perdeu, apenas foram acrescentados outros objetivos; econômicos, entre outros.

*Convenção* é o palco mais tenso – desde a primeira em 1930 até o presente – de suas articulações políticas. A primeira Convenção, por sinal, foi convocada por brasileiros contra a vontade dos suecos. Todas as demais, parece, mantêm a sina: são sempre contra algo ou alguém. Os muitos e diversos nomes de convenções no Brasil demonstram toda a confusão que elas têm em sua natureza (ver Anexo I e II). Convenção de pastores, convenção de igrejas, convenção de ministros e igrejas? Irônico mesmo é ter “Convenção das Assembleias”, nas quais somente os ministros podem participar (Correa, 2012).

E, por fim, os *Templos*. Acompanhando a periodização proposta estamos construindo três conceitos chaves para análise: 1 - *Templo-casa*; 2 - *Templo-pensão*; 3 - *Templo-shopping*. São conceitos metafóricos, com duas objetivações: internamente eles servirão para indicar o desenvolvimento histórico e institucional; e externamente são “edifícios símbolos” (Abumanssur, 2004), elementos públicos e concretos de sua pluralidade. Arquitetonicamente, em suma, não existe padrão nas ADs como, por exemplo, na CCB, e isso diz muito sobre a identidade de ambas.

#### **Elementos sínteses da Identidade: conceito, fato e personagem.**

Um **conceito**<sup>38</sup> ou um valor dominante forma, majoritariamente, a visão de mundo da membresia; sua cosmovisão. Obviamente que, em um determinado período, não existe apenas um valor isolado, mas uma predominância. Por exemplo: no primeiro período temos uma visão escatológica da realidade, que faz a militância ser marcada pela teologia do “sofrimento”; no segundo, a ênfase está na teologia da “disciplina”, algo que provoca retraimento, coerção; e no terceiro, a teologia da “competência” vai

<sup>36</sup> Sintomático é o fato de que o programa que pretende, pelo título, ser substancialmente carismático, “O Movimento Pentecostal”, é o mais racionalmente econômico dos três. Aliás, “o único programa evangélico na TV que não pede dinheiro!”. Por se tratar de um programa de venda de produtos, seria inconcebível, além disso, pedir dinheiro. Embora todos os demais programas religiosos na TV comercializem “produtos”, ainda que alguns sejam, digamos, “simbólicos”, não deixam de ser produtos.

<sup>37</sup> Em 2011, na Rede TV, pela manhã, são apresentados os programas “O movimento pentecostal”, produzido pela CPAD; “A Voz das Assembleias de Deus”, produzido pela AD em Belém-PA; e o programa “Vitória em Cristo”, produzido pelo Pr. Silas Malafaia, da AD Vitória em Cristo. Retornaremos ao assunto no ponto 5.8.

<sup>38</sup> Sigo a articulação de DaMatta (1990:24) em que explica o Brasil a partir de “ritos e personagens”.



reproduzir assembleianos plurais em competição. Conquanto a *escatologia/sufrimento* nas mensagens, músicas, textos etc., seja apontada como uma marca do primeiro tempo, ainda hoje é muito presente; apesar de toda a multiplicidade das ADs, o cerne do *ascetismo assembleiano*, em sua marca mais acentuada, foi e é a *disciplina*. E a *competência*, mesmo sendo no presente uma demonstração de habilidade burocrática e racionalizante, pode também, no passado, ser identificada com a excepcionalidade de um dom carismático.

Também essa identidade se demonstra a partir de  **fatos**. E fatos significam tempo e espaço; mais abrangentemente: uma história com espacialidade e temporalidade. O fato de ser oriunda do Pará, na Belém da *Belle Époque*, contemporânea do ciclo da borracha, e de ter crescido conjuntamente à migração nordestina, de sua liderança ter se consolidado no RJ durante a ditadura do *Estado Novo* do Getúlio, e depois ter se fortalecido na São Paulo globalizada, todos esses fatos alteram não apenas a liderança, mas a igreja como um todo; fatos históricos que se tornam componentes de sua identidade. Portanto, os mais diferentes modelos assembleianos (tanto de indivíduos como de comunidades; de subjetividades como de objetividades), não são “traições” ou “rupturas” do mito fundante, até porque, desde seu início, esses modelos se diferenciam.

Por fim, os  **personagens**<sup>39</sup>. Os seis nomes apontados são apenas meros símbolos de cada época, no entanto, evidentemente são axiomáticos para esta igreja; mas para além deles, como modelos ideais típicos, “peritos e construtores de bens simbólicos” (Bourdieu, 2010:40); os confrontos, as normatizações, as lutas de poder, as acomodações dos grupos de status, as concessões e interesses dos estamentos e classes sacerdotais, dos profetas e profetisas, em disputas entre si e também com a membresia leiga, é algo muito mais complexo do que apenas dois nomes isoladamente em cada período. Estes personagens são, repetindo, tão somente *símbolos*. Eles representam o que essa igreja é, mas também podem sinalizar o que a denominação gostaria de ser; ou, contrariamente, muito do que o movimento nega, mas pratica. Pois, “homens de Deus” e escolhidos por ele para dirigirem sua Igreja, não deveriam - se inspirados pelo Espírito Santo - mostrar divergências. Não? Mas no livro dos Atos dos Apóstolos, eles tiveram muitas. É, portanto, nessa complexidade interminável com idas, voltas e reviravoltas, que se constrói o que denominamos *Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira - MPAB*. Esses *assembleianismos* têm suas relações internas complexificadas desde sua

<sup>39</sup> “Personagens marcam, só por si, uma posição” Bourdieu (2010:40).

alteração de natureza eclesiológica, pois nascem congregacionais, mas ao longo dos anos se tornam episcopais; são extremamente modernos no uso da mídia, posteriormente se mostram refratários aos novos modelos de comunicação. Inicialmente, como um *movimento carismático*, são igrejas voluntárias e populares; no entanto, ao longo de seu processo de *tradicionalização* até os atuais modelos de extrema *racionalização* econômica, as tensões se manifestam e os *conceitos* (teologia), os *atos* (ethos) e os *personagens* (principalmente, os pastores-presidentes), se intercalam - não necessariamente em harmonia. Nessa dinâmica social, se constrói uma igreja plural, com diversos tipos de *assembleianismos*. Acrescente-se que, apesar desse protagonismo dos “produtores dos bens simbólicos”, nesses assembleianismos surge o “protagonismo leito” mesmo não reconhecido e aceito.

Toda religião (e mesmo, especialmente, a católica [...]) é na realidade uma multiplicidade de religiões distintas e muitas vezes contraditórias: há um catolicismo dos camponeses, um catolicismo dos pequeno-burgueses e dos operários da cidade, um catolicismo das mulheres e um do catolicismo dos intelectuais, este encoberto e incoerente” Gramsci<sup>40</sup>.

Ora, se a Igreja Católica, há milênios unificada em torno da liderança papal e de um órgão controlador soberano como o Vaticano, também consegue ser pluralizada, o que se poderia esperar do protestantismo, que traz a pluralização intrínseca em sua própria natureza? Toda igreja protestante é uma ilha; algumas mais isoladas e inóspitas, outras mais acessíveis; porém ilhas. As denominações podem até se candidatar a serem continentes, mas apesar de universais, transnacionais e mundiais são, na verdade, plurais e particularizadas. Vão, ao longo do tempo, se contextualizando. O pentecostalismo exacerbou isso na medida em que propôs, de forma prioritária, a ação espiritual de indivíduos.

Em síntese, temos *conceitos* que perpassam todos os *atos* e *personagens* que se espelham. Alteram-se cronologicamente? Sim e não. Alteram-se para permanecer iguais. A fortíssima escatologia do primeiro período (justificada historicamente pelas guerras mundiais<sup>41</sup>) ainda é muito presente; é impossível pensar algum tipo de assembleianismo sem a presença da *disciplina*, mesmo não tão “militarizada” como antigamente, mas sempre presente; o *ethos* vai ter mutações no tempo histórico e espaço geográfico, mas o ascetismo assembleiano está no seu cerne. Esses “homens-símbolos” (e também, como apontamos, as “mulheres-símbolos”) são modelos de conduta normatizados (oficiais ou transgressores) e individualizados, mas legitimados pela

<sup>40</sup> Citado por Lesbaupin (2003:22) in Teixeira (2003).

<sup>41</sup> “Naquele tempo havia começado a primeira guerra mundial (...) houve profecias; Nações e povos geram debaixo de acontecimentos terríveis. A destruição do mundo está perto” (Vingren, 1982:67).

comunidade. Como diria Bourdieu (1999:49): “As teodiceias são sempre sociodiceias”, pois, esse sistema simbólico, tanto na forma macro-religioso, como no subcampo assembleiano, o sofrimento, a disciplina e a competência, obviamente, são “justificadas teologicamente”, mas essas “demandas de legitimação” ou de “compensação” têm, antes de mais nada, funções sociais; elas dão “plausibilidade” aos valores religiosos (Berger, 1985).

Portanto, essa *identidade pentecostal assembleiana* que será analisada especificamente na periodização proposta, tem as seguintes características:

1. *É uma ação subjetiva.* “Ação é um comportamento humano sempre que e na medida em que o agente ou os agentes o relacionem com *sentido* subjetivo” (Weber, 1998:3, grifo no original). Isso não implica em uma ação “verdadeira ou/e correta”, apenas que o “sentido é subjetivamente visado”. É uma construção individual vivenciada dentro de um contexto, e, a partir de sua experiência mais mística ou/e mais racionalizada, se estabelece uma normatização; um padrão. Daí os conceitos dos três períodos – *sofrimento, disciplina e competência* – serem “experienciados” subjetiva e individualmente. Tanto a conversão como o batismo nas águas (por imersão em idade adulta, por escolha própria, e não enquanto criança por opção da família) e o batismo com Espírito Santo, *ritos de passagem* importantes na vida pentecostal, são experiências absolutamente voluntárias, individuais, “experiência atomizada” (Antoniazzi, 1994:22) e vão, teoricamente, produzir “rupturas”; um “antes” e “depois” da conversão, idem do batismo<sup>42</sup>. Mas também por ser individual, essa “ruptura” não é padronizada e repetida igualmente por todos; ao longo do tempo vai ser *resignificada*: a “ruptura da competência” (3º período) vai ter demandas muito distantes da “ruptura do sofrimento” (1º período); a “ruptura da disciplina” (2º período) continua exigida fortemente no assembleianismo rural e quase desaparecida no urbano. Há uma diferença extrema no ato da conversão entre 1911 e 2011; uma grande distância entre o espaço rural naquela época e no urbano atualmente; um abismo entre o *ethos* da congregação e o da igreja-sede; no fato de ser mulher e ser homem - e mesmo sendo homem, há um diferencial entre um mero obreiro e um pastor-presidente. Dar testemunho nos primeiros anos é falar da perseguição sofrida na família, na sociedade e até da prisão por entrar na “lei dos crentes”, algo absolutamente inexistente nos “testemunhos de prosperidade” material do presente. Enfim, conversão e batismo continuam ainda sendo ações

<sup>42</sup> Uma análise antropológica sobre “o crente assembleiano a partir da posição que ocupa na estrutura social” é o Novaes (1985), onde a autora frisa bem a questão da adesão voluntária ao batismo de adultos nas águas, não de criança, e a experiência individual do batismo com o Espírito Santo.

individuais e voluntárias, mas o *sentido subjetivamente visado* é alterado de acordo com o tempo, espaço, camada social;

2. *O sentido individual e a relação com os outros*. “Ação ‘social’ por sua vez, significa uma ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente, ou pelos agentes, se refere ao comportamento de *outros*, orientando-se por este em seu curso” (Weber, 1998:3, grifo no original). Individual apesar de coletivo, pois é no grupo, nos “outros”, que esse modelo de conduta social se objetiva, se *legítima*. Portanto, uma construção histórica, pois apesar de ser uma “peculiaridade individual” só tem sentido se “gradualmente *composto* a partir de cada um de seus elementos, extraídos da realidade histórica” (Weber, 2004:41, grifo no original). Os sentidos visados pelos agentes são compulsoriamente ligados aos valores dos outros, e vice-versa<sup>43</sup>, “não apenas de indivíduos singulares isolados, mas sim como um modo de ver portado por *grupos* de pessoas” (Weber, 2004:48, grifo no original). Ainda mais valores e fatos são relacionáveis, pois fatos produzem valores e valores alteram os fatos<sup>44</sup>. Uma questão central em Weber: *a visão de mundo como uma produção da religião*. O indivíduo aceita, rejeita ou entende determinada realidade pela sua visão de mundo; por mais mágica ou mística que seja sua visão, ela é uma forma de racionalização. E essa visão de mundo é uma *tensão* ou *concessão* na sua relação com os outros, com o mundo, pois, portadora de seus valores<sup>45</sup>. De outra forma, sinteticamente, quais os *nexos causais* entre a conduta e estilização de vida assembleiana, individual e/ou coletiva, suas mudanças internas e externas e a realidade brasileira.

3. *Identidade social é sempre delimitada por relação e oposição*. É distintiva, a partir de “sinais diacríticos”; é “isto” e não “aquilo”<sup>46</sup>. Como explica Manuela C. Cunha (1977:57-58): “a estrutura é compartilhada, enquanto os símbolos diferenciam (...) é a religião que estabelece a identidade do grupo”. Assembleianos são, no primeiro momento, ex-batistas<sup>47</sup> e ex-católicos, todos parecem ser ex-alguma religião. Somente no segundo período histórico é que teremos assembleianos de nascimento; assim, já temos tanto uma “continuidade” como uma “descontinuidade” interna e externa. Além do mais, diferente, por exemplo, de igrejas étnicas (Luterana e CCB) que se diferenciam

<sup>43</sup> Algo absolutamente original do assembleianismo brasileiro é o ritual “sagrado” do cumprimento no grupo. Não se fala *bom dia*, *boa tarde*, *boa noite* ou *até logo*, mas obrigatoriamente “*A paz do Senhor*”; seja na vida corriqueira ou no rito religioso. Trata-se de exigência para indivíduos que tem absoluto sentido para o grupo (assunto do ponto 4.8 – a).

<sup>44</sup> O trecho é um resumo da temática de seu clássico *Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*.

<sup>45</sup> Esse é um texto seminal de Weber (2002), “Rejeições religiosas do mundo e suas direções”, cap. XIII, onde se tematiza que essa *tensão/concessão* que se manifesta mais forte em religiões salvacionistas eticizadas.

<sup>46</sup> Segundo Ortiz (1985:3), uma identidade pode ser construída: (1) em relação exterior ao grupo; (2) na relação interna percebendo-se as alterações históricas (3) numa relação cultural e política e (4) na construção simbólica de sua autenticidade.

<sup>47</sup> Os dois suecos fundadores são ex-batistas, também todos os demais 18 novos membros da igreja são ex-batistas.

quase exclusivamente por questões étnicas, as ADs brasileiras têm liderança sueca e nordestina, e acompanhando a migração, vão se instalar tanto no espaço urbano como no rural. Se foi “simples” estabelecer distinções em relação à Igreja Católica e demais igrejas evangélicas, não será tão fácil fazê-lo com os novos pentecostalismos a partir da década de 50, com dificuldade crescente para as décadas seguintes. Então, afirmar/negar, isto/não aquilo, continuidade/descontinuidade talvez não abarque a complexidade dos “assembleianismos em movimento”, sendo mais adequada, portanto, a argumentação de Ronaldo Almeida (2006:111-122), de que os pentecostalismos em geral vivem em um processo de “circulação e flexibilização”. Portanto, as identidades assembleianas se constroem por *relações*, e apesar de alguma oposição entre os assembleianos, essas relações são circulares e flexibilizadas (pontos 3.9, 4.9 e 5.9).

4. *A especificidade do pentecostalismo brasileiro assembleiano.* Apesar de vir dos EUA, é trazido não por americanos<sup>48</sup>, mas por europeus marginalizados tanto em seus países de origem como nos EUA e Brasil. Portanto, se inicia como uma “contracultura” ao catolicismo dominante, e concorrente do protestantismo de missão, já nos EUA, além de uma série de disputas teológicas (“segunda” e “terceira” benção; “obra consumada”; unitarismo & trinitarismo) que nunca chegaram ao Brasil, vai se debater com algo mais grave, pois tem a pretensão de ser um grupo supra-racial, mas desde o início se divide entre um *pentecostalism white* & *pentecostalism black*, algo absolutamente inexistente no Brasil<sup>49</sup>. Essas e diversas outras especificidades são marcas da MPAB, que pretendemos estudar neste trabalho.

## 1.2 - AS ADs E DEMAIS SEGMENTOS EVANGÉLICOS:

Não contabilizando a “invasão” francesa e holandesa (a portuguesa em 1500 não é invasão?), nos séculos XVI e XVII, o protestantismo oficialmente chegou ao Brasil com a vinda da família real em 1808, décadas depois é que se inicia o chamado “protestantismo de missão”. Decorridos quase cem anos, em 1900 a presença protestante é de apenas 1,1%, e, em 1940, alcança 2,61%. Na segunda metade do século XX o crescimento protestante foi vertiginoso, inclusive, ou principalmente, por causa da presença pentecostal – assembleianos em primeiro lugar – alcançando 22% da população. Demorou 150 anos para chegar a 3%, e menos de 50 para ultrapassar os 20%.

<sup>48</sup> A relação tensa com os americanos será estudada posteriormente.

<sup>49</sup> Segundo Anderson (1992:186) em 1936, nos EUA, as denominações pentecostais eram formadas pelas seguintes membrasias: 71,5 % urbana; 30,8 % branca; 18,1% negra e 51,1% inter-racial.

As ADs em sua origem histórica e em sua natureza eclesiológica eram batistas, portanto, congregacionais, mas também têm em seu DNA uma necessidade absurda de negar isso, pois sua maior “inimiga” é exatamente a Igreja Batista<sup>50</sup>. A relação é também conflituosa com as demais denominações evangélicas já existentes, muito mais que com a Igreja Católica em suas primeiras quatro décadas. Na década de 50, terá que enfrentar a nova configuração social da urbanização, mas o mais grave será o enfrentamento de novos pentecostalismos mais “modernos” e/ou mais “conservadores”. E se o desafio urbano foi difícil, mais ainda foi o desafio da concorrência pentecostal para o qual as ADs nunca tinham se preparado.

Além das novas igrejas pentecostais, a partir de década de 60, surgiram os movimentos de renovação dentro das denominações evangélicas, e também a inusitada renovação carismática católica. As ADs, desde 1950, já são a maior denominação evangélica no Brasil, porém, visceralmente fragmentada. Têm inúmeros grupos internos em competição, e ainda terá que dar conta do mercado externo. Vai oscilar entre a extrema ortodoxia em alguns grupos e em alguns aspectos, a modelos e manifestações profundamente aculturadas em termos de política, música e vestuário, etc. Portanto, as ADs espalhadas do agreste sertão ao litoral, da região amazônica aos polos industriais, da menor vila à mais cosmopolita das cidades, vão se multiplicando em variadas e interdependentes manifestações de *assembleianismos*.

#### a) ADs & ADsLA .

A extrema dificuldade de se encontrar um livro nicaraguense ou equatoriano (ou qualquer outro latino) no Brasil é proporcional à facilidade de encontrar livros norte-americanos, não somente publicações do mundo religioso. Portanto, isso resulta em um desconhecimento mútuo entre as ADs de fala espanhola na AL e as brasileiras. Essa é uma das lacunas deste trabalho: uma relação mais aprofundada entre essas denominações que tem o mesmo nome e estão no mesmo continente, mas que são desconhecidas, distantes e diferentes entre si<sup>51</sup>.

<sup>50</sup> Não são poucos os artigos publicados nos periódicos assembleianos contra os batistas. Idem, artigos, folhetos e livros de autoria batista contra a “seita pentecotista” como as ADs eram chamadas no Jornal Batista (Alencar, 2010); um folheto batista contra os pentecostais teve a tiragem de “20 mil exemplares e foi enviado para todas as igrejas batistas e também para Portugal” (Vingren, 1987:16). Em um texto de 1934, Otto Nelson diz “Embora os protestantes já tenham 50 anos nesta cidade, da sua parte não encontramos nenhum apoio, pelo contrário, encontramos mais resistências deles do que dos católicos” (Vingren, 1987:75). Em diferentes partes desse texto se fala da “perseguição” sofrida pelos pentecostais das igrejas denominacionais, algo que os pentecostais suecos também viviam na mesma época na Suécia.

<sup>51</sup> Apesar das tentativas por carta, *emails* e telefonemas, através dos sites das ADsLA (ver Anexo III), até o momento não conseguimos quase nenhuma informação adicional da bibliografia citada. Conseguimos alguns livros históricos das ADs Latinas graças à participação na *Rede de Estudos Latinos Americanos sobre o Pentecostalismo - RELEP*. Até o momento aconteceram dois encontros no Chile (2000 e 2009), um na Costa Rica (2003), outro na Argentina (2005) e outro no Equador (2009).

As ADsLA podem ser classificadas, grosso modo, como: (1) igrejas fundadas, financiadas e ligadas as AGs prioritariamente<sup>52</sup>; (2) a partir da ação missionária de outras ADs latinas, portanto, um pouco mais nativas; (3) ou de missionários suecos (como na Argentina) e de missionários brasileiros (como na Bolívia). Conquanto majoritariamente congregacionais, mimetizando as AGs, na AL, como no Brasil, elas são plurais; em cada país tem um nome distinto<sup>53</sup>, estrutura eclesiástica diferenciada<sup>54</sup> e teologia peculiar. Recorrente é a tensão na relação dos fundadores e líderes nacionais versus missionários americanos (Walker, 1990; Hildago, 1989).

#### **b) ADs & AGs.**

Nos EUA, as AGs surgiram em 1914; no Brasil, esse nome se oficializa em 1918. Fica a dúvida: as ADs no Brasil nascem por influencia das americanas? A cronologia é lógica, mas a lógica não é verdadeira e automática. Isso provavelmente induziu autores americanos e brasileiros a afirmar que as ADs no Brasil são resultado da atividade missionária assembleiana americana.

“As duas primeiras igrejas citadas (CCB e ADs) implantadas em nosso país (...) através da obra missionária de procedência norte-americana” (Souza, 1969:26)

“*El outro grupo pentecostal importante em Brasil es le de las Asambleias de Dios. Esta denominación comenzó con las labores de dos norteamericanos de origen sueco: Daniel Berg y Gunnar Vingren*” (Deiros, 1994:62).

Deiros vai repetir essa afirmação em texto mais recente (Synan, 2004:418), o que se torna ainda mais absurdo, pois além de ser um texto acadêmico, tem a pretensão de ser uma síntese do pentecostalismo mundial<sup>55</sup>. Isso é um dos indícios mais claros do abismo e desconhecimento de ambas as igrejas. Na década de 60, W. Read (1967:123) atribui o surgimento das ADs em SP a um missionário americano. Barbosa (1895:61) fala de “dois missionários americanos” em 1910, iniciando as ADs; e Beatriz M. Sousa, mesmo citando o livro do Conde, dá crédito à missão americana; portanto, é significativo que William Molenaar escrevendo a história da *Fraternidade Mundial das Assembleias de Deus* (World Assemblies of God Fellowship – WAGF), mesmo não dando méritos aos suecos, admita que as ADs nasceram antes das americanas<sup>56</sup>.

<sup>52</sup> É facilmente verificável, pelos sites dessas igrejas, que até mesmo o logotipo delas é idêntico ao da americana.

<sup>53</sup> Ver Apêndice IV – As distinções já se manifestam nos nomes usados: *Concílio, União, Federação, Convenção*, etc.

<sup>54</sup> <http://www.asambleasdedios.org.gt/organizacion.aspx> é visível em todos os sites das ADsLA que elas têm uma estrutura congregacional.

<sup>55</sup> Inicialmente, achei que fosse erro de tradução, mas em contato com o tradutor da obra podemos constatar que o erro é do original em inglês.

<sup>56</sup> “The WAGF (originally called World Pentecostal Assemblies of God Fellowship) was established on August 15, 1989, at the International Decade of Harvest Conference. Founding delegates represented various national Pentecostal churches that were historically and theologically connected to the AG and in fraternal relationship with each other. Most national churches which hold membership in the AGF emerged from the missions efforts of the AG USA. However, it is important to note that some national churches began separately from the AG USA. For example, the largest national church, the *Assembleias de Deus* in Brazil, dates its beginning to 1911, three years before the founding general council

As ADsLA são em sua maioria, sim, resultado da atividade da americana (ver Apêndice IV), mas os suecos tinham objeção à ida ao Brasil de missionários norte-americanos (...) aquele país deveria ser considerado campo deles (Brenda, 1984:85), essa “reserva de mercado” produziu muitos conflitos na relação entre os dois grupos, como conta JP Kolenda (1898-1984) em sua biografia. Os suecos vêm dos EUA por razões de transportes na época, não porque tivessem alguma ligação denominacional<sup>57</sup>. Mesmo Vingren que se formou em teologia e fora pastor nos EUA, como batista não tem nenhuma ligação estadunidense. Essa relação de distanciamento entre as ADs no Brasil e suas congêneres latinas e americanas, vão confirmar, fundamentalmente, o que chamamos de *Assembleias Brasileiras de Deus* (a relação ADs & AGs será analisada no ponto 6.5)<sup>58</sup>.

### 1.3 - AS ADs EM RELAÇÃO À SOCIEDADE BRASILEIRA.

Religião é uma atividade humana. É nesta perspectiva que as ADs serão analisadas, mesmo que, às vezes, ela negue ou oculte sua humanidade. Para entender essa relação dialética – consigo mesma, com as demais igrejas e o todo da sociedade – na “imputação de causas a determinados acontecimentos históricos concretos” (Weber, 2001:124), faremos uma relação entre as ADs e a sociedade brasileira.

No Brasil, desde séculos atrás, já temos uma subjacente religiosidade popular extremamente receptiva ao surgimento do pentecostalismo. Nossa herança religiosa indígena, católica e afro, sincretizadas ou não, são terreno fértil para tal. Os acontecimentos históricos estão em correlação indisfarçável com os fenômenos religiosos. A história assembleiana se inicia com a “revelação” do Pará aos suecos, mas ao chegarem em 1910, já existem muitos outros suecos (pastores suecos) no Brasil e, principalmente, no Pará. A expansão da mensagem pentecostal é obra do Espírito Santo, segundo a versão da igreja, mas a crise da borracha “ajuda” muito os milhares de migrantes desempregados retornarem aos seus lugares de origem e, assim, a igreja floresce (Alencar, 2010); os suecos constroem uma igreja congregacional, mas se

---

of the AG USA in Hot Springs, Arkansas”. (<http://worldagfellowship.org>, publicado em novembro de 2011. Acesso 02.12.2011).

<sup>57</sup> Nystron em texto de 1934 (Vingren, 1934:23) explica sua chegada dos EUA assim: “quando chegamos no navio que nos trouxe de Nova Iorque a Belém (Pará), pois esse era o único caminho de viagem, via Estados Unidos, e mesmo assim, não era um caminho seguro”.

<sup>58</sup> Leonildo Campos (1989), em uma pesquisa histórica rigorosamente documentada. “*As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada*”, além de fazer um resgate do pré-pentecostalismo americano, aponta os dois – Parham e Seymour – “pioneiros (...) que agiram como pontas de um iceberg ou como agentes demarcadores de fronteiras” (1989:107). E tanto esses homens como suas igrejas, são pessoas-lugares ícones, onde os suecos e também o italiano da CCB, passaram. Influência óbvia que não negamos aqui, mas as ligações étnicas, teológicas e institucionais dos suecos no Brasil, não se estabelecem com as AGs nos EUA, mas com as igrejas pentecostais suecas nos EUA, e com a *Filadélfia* na Suécia (tema do ponto 6.5).



mantém no poder por décadas, resultando, assim, em um episcopalismo mal assumido, fazendo escola para os novos líderes nordestinos. Influenciados sobremaneira pelo discurso moralista e autoritário do getulismo, surgem as Igrejas-sede com seus pastores-presidentes controlando de forma ditatorial as congregações em um fórmula bem original de “peleguismo assembleiano” mimetizando a Ditadura do Estado-Novo.

Espremida entre ser uma igreja moderna ou conservadora, urbana ou rural, nacional ou estrangeira, com afinidades com suecos ou americanos, essa igreja se esfacela, assumindo, em diferentes locais e tempos, por razões diversas, múltiplas vertentes. Acompanha, sim, o desenvolvimento do país, suas alterações, seus acidentes ditatoriais, suas ambiguidades, e vai incorporando o sistema patrimonialista na direção dos Ministérios, bem como o voluntarismo ímpar de uma membresia militante; comunitária e acolhedora, abre espaços para todos e todas nas manifestações democráticas e paritárias da glossolalia, dos testemunhos, dos cânticos, da musicalidade, das oportunidades; conquanto hierarquizada legaliza um modelo estamental excludente das mulheres e também discriminador dos “negativamente privilegiados”, por esses não fazerem parte dos grupos de status próximos aos centros de poder.

Presente nas extremas brenhas do interior marginal - do mais pobre e esquecido sertão - e nas favelas, ao lado de espaços ricos e urbanos, mas igualmente não alcançado pelo Poder Público; entranhadas e assimiladas nas comunidades pobres e também já dando o ar de sua graça nas classes mais favorecidas; aparecendo nos mais altos cargos políticos e também ascendendo economicamente, portanto, impossível de não serem notadas nas paisagens urbanas e rurais, pois presente de norte a sul, lá estão as ADs. Nelas se reconhece o Brasil, e este também, não se pode negar, é muito presente nas mesmas.

#### **1.4 - O PROTO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO.**

O Brasil nasceu religioso e essa “fundação” é celebrada com missa. As cosmogonias indígenas bem anteriores se perderam ou foram destruídas. Oficial, portanto, temos a missa em 21 de abril de 1500. Nasce, assim, com a chancela do divino, ou pelo menos do seu presumível representante. É neste “país tropical e abençoado por Deus”, que o nascente movimento pentecostal, também bebendo em fontes religiosas bem mais antigas, vem se estabelecer.

As ADs têm em sua historiografia a pretensão de oficialidade e primazia do pentecostalismo no Brasil. E se seus livros de história não lembram que a CCB nasceu

um ano antes, muito menos lembraria então de outros movimentos e manifestações místicas anteriores a ela. Ora, se “A História das AD”, escrita por Abraão de Almeida (1982) tem a presunção de afirmar que as ADs no Brasil são a primeira igreja do mundo a usar este nome (quando desde 1914 já existe nos EUA, e no Brasil, somente em 1918), a primazia pentecostal assembleiana não se sustenta, pois já existiam antes dela “resíduos pentecostais” na religiosidade do país.

#### **a) Antecedentes pentecostais no Brasil.**

O Brasil sincrético dos indígenas, catolicismo e cultos afro, é marcado por uma religiosidade com muita abertura para a manifestação do êxtase e suas variantes, portanto, o pentecostalismo encontra campo fértil. Aliás, muito mais aberto a isso que ao protestantismo nórdico, anglo-saxônico e americano ritualizado, segregacionista e racionalizado. Por isso mesmo, Holanda (1995:151), em seu clássico *Raízes do Brasil*, de 1936, cita o missionário inglês Kidder que dizia que a severidade e austeridade protestante não iriam florescer nos trópicos.

Os protestantes tentaram entrar no Brasil, nos primeiros séculos, com propostas econômicas e políticas, da mesma forma que o catolicismo. As incursões dos franceses e holandeses nos séculos XVI e XVII tiveram pouco ou nenhum efeito religioso. Somente a partir da vinda da família real, em 1808, por causa do acordo comercial Portugal e Inglaterra, chegam oficialmente ingleses e alemães, no período chamado de “protestantismo étnico”<sup>59</sup>. Já nos meados do século XIX, aportam as missões protestantes<sup>60</sup> com ênfase missionária, quase todas de origem norte-americana (Mendonça, 1990).

Os pentecostais, na primeira década de sua chegada por aqui, encontram um país com uma “religiosidade mínima” (Droogers, 1987), de substância cristã e essencialmente sincrética, mesclada com “movimentos iluministas protestantes” (Léonard, 1988). É neste caldo que o pentecostalismo vai crescer<sup>61</sup>. Ainda no século XIX, no meio protestante, já temos alguns “resíduos pentecostais”, pois já temos no Brasil grupos *holiness*, batistas letos<sup>62</sup>, metodistas livres e, na terra do efervescente messianismo de Conselheiro, com curas e revelações, esses fenômenos típicos estão

<sup>59</sup> Outros grupos protestantes étnicos também vêm neste momento, como, por exemplo, os suecos.

<sup>60</sup> O chamado “protestantismo de missão” – congregacionais em 1855, presbiterianos em 1959, metodistas em 1867 e batistas em 1882.

<sup>61</sup> O mesmo pode ser ampliado para AL. No Chile, por exemplo, o “avivamento pentecostal” se inicia em 1902, pois W. Hoover (1856-1936), líder metodista, conheceu uma comunidade *holiness*, em 1895. Oficialmente Hoover e seu grupo metodista recebeu o batismo com ES em 1909 (Synan, 2009:415; Orellana, 2006)

<sup>62</sup> Os batistas letos originalmente eram pentecostais? Se sim ou se não, essa história se perdeu. Mas eles são contemporâneos dos batistas suecos e russos, estes, sim, pentecostais.

presentes desde sempre<sup>63</sup>. O texto de Leonard lembra ainda mais os Muckers no RS e o “protestantismo indígena” do ex-padre José Manuel da Conceição, que se torna pastor presbiteriano; porém, graças ao seu “ardente misticismo” acaba tendo problemas com os missionários americanos.

Em 1841, no Recife, surgiu um negro letrado, Agostinho José Pereira, de Bíblia em punho proclamando uma revelação divina, e com um grupo de negros fundou a *Igreja Divino Mestre*. Pregava contra a Igreja Católica e a mediação dos santos, e defendia a ação direta do Espírito Santo nos fiéis. Foi preso, processado e solto posteriormente. Seu grupo e sua mensagem desapareceram. Há pouca documentação sobre este grupo e seu líder, chamado na época de “Lutero Negro” (Carvalho, 2004).

O mais surpreendente é a *Igreja Evangélica Brasil*, fundada, no Rio de Janeiro, em 1874, por Manuel Vieira Ferreira (1837-1885). Um aristocrata positivista que passou pelo espiritismo e presbiterianismo, exercendo seu ministério a partir de revelações e visões inusitadas. Todas essas manifestações estáticas “iluministas” ocorreram bem antes de 1910.

#### **b) A imigração sueca no Brasil no século XIX.**

Existem mais libaneses no Brasil que no Líbano, e se considerarmos todos os descendentes de italianos, há mais italianos no Brasil que na Itália. Alguns grupos étnicos são visíveis, outros nem tanto. Se os italianos, japoneses e libaneses são, dentre outros, os grupos mais visíveis no quesito quantitativo, na influência da linguagem, na arquitetura, na alimentação, etc., temos também outros grupos que influenciaram este país, porém menos visíveis. Os suecos, por exemplo; atualmente insignificantes no aspecto quantitativo, talvez não alcancem a cifra de três mil pessoas<sup>64</sup>, mas no final do século XIX, porém, eram estimados em mais de 10 mil, o que é muito significativo<sup>65</sup>, se considerarmos as populações brasileira e sueca, à época. Portanto, os suecos que chegam com o pentecostalismo em 1911, encontram um país de muitos suecos. As relações Brasil e Suécia, são mais antigas. No século XVIII, tem suecos em São Bartolomeu e José de Bonifácio visita a Suécia oficialmente. Junto com D. João VI,

<sup>63</sup> Sigo a indicação e análise de Léonard (1988) “O Iluminismo num protestantismo de constituição recente”, escrito em 1952. “Iluminismo”, em seu texto, tem a conotação de “revelação divina”.

<sup>64</sup> Informação dada pela Embaixada da Suécia, por telefone, mas não há dados exatos.

<sup>65</sup> Considere-se ainda que o período de maior migração estrangeira no Brasil foi o final de séc. XIX e início do XX. Por exemplo: sobre os norte-americanos na região de Nova Odessa e Sta. Bárbara, no estado de SP, Oliveira (2005:31) registra o seguinte: “Os anos de 1867 e 1868 atingiram um movimento bem maior, quando vieram grupos de até 277 e 330 emigrados. Tais grupos foram chegando durante os anos seguintes e, já em 1871, haviam escasseado bastante. Aos poucos cessou aquela onda emigratória. O número total de emigrados, contando as mulheres e crianças, ainda é desconhecido. Alguns estimam entre 5 a 8 mil”.

também vieram suecos e alguns deles lutaram na guerra do Paraguai ao lado do Brasil (Weine, 1994), ver a ilustração abaixo.

“Aproximadamente um milhão e duzentos mil suecos emigraram, na segunda metade do século XIX, para a América do Norte (...) e alguns desses suecos vieram para o Brasil, pois desde 1891, havia sido instalado um escritório do Brasil na Suécia, onde se realizaram as *Brasilienmöten* (Reuniões sobre o Brasil) para fomentar a imigração. Suécia que fora visitada por D. Pedro II, em 1888” (Ekström, 2005:31,32)<sup>66</sup>.



Os suecos foram majoritariamente para o sul e “perderam os ditames da fé” (Erström, 2005:59) pela falta de atendimento religioso. Em 1894<sup>67</sup> foi enviado o primeiro missionário batista sueco, Adolf Larsson, pela *Örebro Missionsförening* (Associação Missionária de Örebro), fundada em 1892 por John Ongman<sup>68</sup> (1845-

<sup>66</sup> “Escritório Brasileiro em Malmö, no sul da Suécia, em 1891. Os Estados Unidos do Brasil concedem viagem gratuita de Hamburgo, na Alemanha, até o Rio de Janeiro, no Brasil, para agricultores ou trabalhadores rurais e famílias ou pessoas que tenham conhecimento do trabalho no campo. Para poder usufruir da viagem gratuita, a família deve ser composta da seguinte maneira: 1º. Marido e mulher com ou sem filhos próprios ou adotivos. 2º. Viúvo ou viúva com no mínimo dois filhos próprios ou adotivos. 3º. Avós, paternos ou maternos, com netos ou outros descendentes. Solteiros de ambos os sexos poderão ganhar a viagem gratuita dentro de uma limitação percentual, ou seja, a cada 60 pessoas ligadas a uma família, 40 solteiros poderão embarcar também. Marido e mulher sem filhos não poderão ter mais de 45 anos de idade. Aleijados, deficientes, cegos ou que tenham alguma outra deficiência física, não poderão obter a viagem gratuita. O mesmo vale para doentes mentais. Pessoas que sejam portadoras de doenças contagiosas não poderão acompanhar na viagem. O Brasil tem muita terra frutífera, mas tem carência de pessoas que possam cultivar essa terra. Para solucionar o problema, o Governo está convidando trabalhadores europeus a virem ao Brasil de graça. Não se exige domínio total do trabalho agrícola. É suficiente algum conhecimento e disposição para o trabalho no campo. O emigrante será recebido no porto do Rio de Janeiro por autoridade designada. Lá terá bom tratamento, hospedagem e alimentação gratuita por oito dias. Após este período, receberá viagem gratuita para qualquer parte do país que queira, onde quiser se estabelecer sem qualquer vínculo ou obrigação com o Estado, ou qualquer outra entidade. Ali, o emigrante será seu próprio senhor. Algumas recomendações aos emigrantes: Não comam frutas ainda não maduras. Não durmam com as mesmas vestimentas com que trabalhou durante o dia. Não tome bebidas alcoólicas. Tome banho apenas pela manhã. Não se exponha ao frio e ao sereno noturno. Comida vegetariana composta basicamente de verduras e legumes é a alimentação mais saudável em países quentes. Filial do Escritório Brasileiro. Estocolmo . Österlånggatan 15 (entrada pela Nygränd)” (Ekström, 2005:48-49).

<sup>67</sup> Em 1898 chega o Pr. João Inkis, batista leito. Ronis (1974) estima em mais 400 famílias letas no Brasil em 1902.

<sup>68</sup> J. Ongman é pai de Paul Ongman (1885-1957), que foi secretário da SFV da Igreja Batista Filadélfia junto ao pastor L. Pethrus, e escreveu a introdução do livro *Despertamento Apostólico no Brasil, em 1934*. Sobre *Missão Örebro* e a

1931), mas Adolf morreu meses após, de malária. Em 15 de junho de 1912, chega o missionário Erik Jansson em Ijuí - RS, e permanece até 1953. Estabeleceu em 1915 a *Igreja Batista Sueca* e uma escola para as crianças. Foi desse trabalho que nasceu a *Igreja Batista Independente*<sup>69</sup>, com acentuada presença de missionários suecos (Ekström, 2008; Kappaun, 2012).

Oficialmente, em 19 de outubro de 1890, em Ijuí - RS, foi fundada a primeira colônia sueca no Brasil, presente ainda hoje<sup>70</sup>; em 1911, existiam “mais de 300 suecos” (Ekström, 2008), porém, em 1912, um grupo frustrado com as condições e a falta do cumprimento das promessas do Governo brasileiro, conseguiu repatriação (Ekström, 2005).

### c) Pastores suecos em Belém antes de Berg e Vingren?

Berg e Vingren não tinha absolutamente nenhum conhecimento do Brasil, do Pará, e não conheciam ninguém em Belém?

Em Belém, antes da chegada de Berg e Vingren, já existiam quatro igrejas protestantes: batista, metodista, presbiteriana e luterana. O pastor metodista era Justus Nelson, que chegou a Belém em 1885, e que também era sueco. As biografias de Vingren e Berg registram o nome desse pastor metodista, e também Paul Ongman na introdução do *Despertamento Apostólico* (Vingren, 1934:11). Mas além desse, em Belém, desde 1891, havia outro pastor sueco, Erik Alfred Nilsson (1862-1939)<sup>71</sup> e, em algum momento de sua vida, teve uma “fase pentecostal”. Os quatro pastores em Belém, dois eram suecos.

Registro de Vingren (1982:35):

“Esse missionário vinha, quando chegou ao Brasil, buscar o batismo e o poder do Espírito Santo durante quatorze dias. Mas quando começou a sentir o poder de Deus, sua mulher ficou com medo e o impediu. Ele cessou então de buscar a face do Senhor e se tornou contrário a essas manifestações”

---

atuação dos missionários suecos no Brasil na *Igreja Batista Independente*, foi realizada uma extensiva pesquisa organizada por Kappaun (2012).

<sup>69</sup> [www.cibi.org.br](http://www.cibi.org.br) – *Convenção das Igrejas Batistas Independentes* – acesso 12.02.2012. Na sede da Convenção em Campinas foi estabelecido o *Projeto Identidade e Memória*, um centro de documentação, onde é possível se pesquisar também sobre a migração sueca. No momento, no programa de CER-PUC-SP, o mestrando Samuel Valerio está pesquisando essa denominação.

<sup>70</sup> Em Ijuí - RS existe a *União de Etnias de Ijuí*, e compondo o grupo, um *Centro Cultural Sueco*, com danças típicas. <http://www.uefi.org.br> – acesso 12/10/2011.

<sup>71</sup> Como há diferentes grafias de seu nome, optamos pelo registro de Vingren. J. Reis Pereira (1982:44-45) o relaciona como um dos “*Seis Grandes Missionários*”, e na biografia escrita em 1954, ele aparece como “*O apóstolo da Amazônia*”. Migrante aventureiro nos EUA (1869), veio para o Norte do Brasil e chegou ao Pará em novembro de 1891. Fundou a 1ª. Igreja Batista em Belém, em 2 de fevereiro de 1896, também em Manaus (1900), São Luiz e Fortaleza (1908). “Nelson leu, num jornal batista sueco publicado em Chicago, uma carta do Dr. W.B. Bagby (este chegou ao Brasil em 1881), o grande pioneiro do trabalho batista no Brasil” (Pereira, 1963:39). Vingren estudou no *Seminário Teológico Sueco de Chicago*, também leu notícias sobre o Brasil? Um minucioso resgate histórico de Eric Nilsson e da Igreja Batista – e suas divisões em 1901 e outra em 1905 – em Belém do Pará, foi feito pela historiadora Ezilene Ribeiro (2011), relatando, inclusive, os atritos que esses dois suecos tiveram em uma polêmica pública através do jornal “*O Apologista Cristão*”. E também o fato de que a esposa de Nelson retornou aos EUA e ele ficou sozinho no Brasil, por 18 anos.

Registro de Berg (1995:73):

“Algum tempo atrás, um missionário de linhagem sueca fora enviado da América para trabalhar com eles [Berg está se referindo à Igreja Batista], e havia sido uma grande bênção nas suas vidas. No entanto, a sua esposa não teria dado a mesma importância para o fato do Espírito Santo ser realmente fundamental na vida com Cristo. Ele amava sua esposa, mas sua posição se tornou impossível. Não se podia servir a dois senhores. Sua franqueza e alegria foram fortemente influenciadas, e a congregação terminaria por sofrer com tudo isso”.

Eles se conheciam? Berg (1995:70-72) informa que Vingren e Justus Nelson se conheceram nos EUA e que o “pastor metodista ficou surpreso ao rever Gunnar naquela latitude”. Mas e o pastor sueco batista, Eric Nilsson? Em ambos os textos dos suecos, se informa que a Igreja Batista de Belém estava sem pastor, e que “Raimundo Nobre (...) estava temporariamente atuando como pastor<sup>72</sup>” (Berg, 1995:73). Nilsson havia retornado aos EUA em agosto de 1910 (Pereira, 1963:110), e Berg e Vingren, chegam em 19 de novembro do mesmo ano. O texto do Vingren relata conversa (s?) com o mesmo, mas não indica se ocorreram em Belém ou nos EUA. Conquanto Eric Nilsson, desde 1910, já tenha assumido a Igreja Batista em Manaus (Ribeiro, 2011). Mais um detalhe: Eric e Vingren estudaram teologia, em épocas distintas, mas no mesmo seminário teológico.

Testificamos também para o missionário batista, tanto do batismo com o Espírito Santo, como da cura divina. Esse missionário era sueco, mas fora enviado dos Estados Unidos para o Brasil; o seu nome era Erik Nilsson. Ele não respondeu nada, somente disse em uma oportunidade que deveríamos deixar fora aquele verso que fala de Jesus batizar com o Espírito Santo, “pois”, disse ele, “propaga divisões” (Vingren 1982:35).

A razão da exclusão dos dois suecos e do grupo é repetida tanto pela versão assembleiana como na versão batista: as reuniões de oração e o batismo com Espírito Santo. Essa “razão” é muito conveniente para ambas às igrejas, mas além dessa questão teológica, há outras? Como já dito, o missionário sueco Erik, além de já ter assumido a Igreja Batista em Manaus, neste momento está viajando para os EUA, portanto, a *I<sup>a</sup> Igreja Batista em Belém estar sem pastor*. Em sua biografia Vingren (1987:35) diz que “os batistas esperavam que eu fosse o seu pastor, quando houvesse aprendido o português”. Raimundo Nobre (o diácono dirigente que perderia seu posto para o recém-chegado sueco) é quem lidera a reunião na qual os suecos e os demais brasileiros são expulsos, articulando com uma “minoría” que expulsa a “maioria”. Será que foi apenas a doutrina pentecostal o motivo da expulsão? A autonomia local da igreja (algo

<sup>72</sup> Será que esse “detalhe” é registrado por Vingren em um dos seus 25 diários? Se eles tivessem sido publicados na íntegra, talvez soubéssemos esse e outros “detalhes”, pois Vingren foi minucioso em seus registros. Isso indica o quanto as biografias são fragmentadas e cheias de ambiguidades (Levi, 1996). Raimundo Nobre é quem lidera a reunião na qual os suecos e os demais brasileiros são expulsos da Igreja Batista, dia 13 de junho de 1911. Apenas por causa da doutrina pentecostal ou também porque “os batistas esperavam que eu fosse o seu pastor, quando houvesse aprendido o português” (Vingren, 1987:35), ainda neste momento, em que o pastor Nelson está ausente?



caríssimo para qualquer comunidade batista) adicionada à desconfiança de brasileiros diante de mais um sueco que chega e pode ir embora (e briga com seus conterrâneos em Belém) em uma igreja já vitimada por duas divisões, também não pesou?<sup>73</sup>

O que temos em Belém no início do Séc. XX? Dois pastores suecos (Que por sinal não eram amigos, pois tiveram desavenças e brigaram através da imprensa), uma igreja batista que já sofreu outras cisões - uma inclusive por “causas” pentecostais, (Ribeiro, 2011). A “Paris Tropical- Belém” forneceu borracha para várias partes do mundo e postes de iluminação para a cidade de Los Angeles, com a inscrição da *Company of Pará* (empresa em que Berg vai trabalhar). Seria possível que esses suecos já tivessem se encontrado nos EUA, e nunca falado sobre o Brasil? Isso anularia a revelação que fez com que eles tivessem vindo ao Pará? Não necessariamente, apenas explica o mito fundante. É nesse ambiente que Berg e Vingren chegam e iniciam reuniões de oração. Não vai demorar, portanto, para ocorrer a próxima divisão.

#### **d) Os pentecostalismos em suas origens multiculturais**

Campos (1995:27) frisa acertadamente que *movimento pentecostal* deve ser escrito no plural, e o historiador Dreher (1999:186) chama atenção [para o fato de](#) que, desde seu nascimento, o movimento já é multifacetado. Há pentecostalismos trinitarianos e não-trinitários; os que batizam apenas adultos e outros que batizam crianças. Nos EUA, havia assembleianos unicistas e outros não. Além das questões teológicas, temos também um visceral problema racial no seu nascimento.

O pentecostalismo no séc. XX é majoritariamente um movimento de raízes negras. Apesar de W. Seymour<sup>74</sup> ter frequentado as aulas da escola bíblica de Parham<sup>75</sup> (uma escola bíblica onde um negro não pode entrar, mas assiste pela janela), sua igreja em Los Angeles, a *Missão da Fé Apostólica*, em quase nada se liga a sua antiga escola. É uma igreja superracial. De raízes africanas usando musica *spirituals*, “música que era considerada imprópria para o culto cristão”, Seymour pregou “amor em meio ao ódio. Sua pregação é uma opção diferente da do *american way of life*” (Dreher, 1999:187). Apesar de seu esforço inicial, o pentecostalismo ficou bipartido: “igrejas negras” e “igrejas brancas”.

<sup>73</sup> Há poucos anos, algo parecido já havia acontecido nesta igreja. O pastor Erik se ausentou e o dirigente se apossou da igreja efetuando uma dissidência na mesma (Ribeiro, 2011).

<sup>74</sup> William Joseph Seymour (1870-1922), filho de escravos, nasceu em Centerville, Louisiana. Autodidata, aprendeu a ler e escrever, se tornando um pregador da mensagem pentecostal em Los Angeles, onde iniciou a *Missão da Fé Apostólica*, em 1906 (Burgess, 1988).

<sup>75</sup> Charles Fox Parham (1873-1929) estabeleceu uma Escola Bíblica em Topeka, no Kansas, onde, no dia 1 de janeiro de 1901, Agnes Ozman falou línguas estranhas em uma reunião de oração. Parham, portanto, poderia ser considerado o grande fundador do movimento pentecostal moderno, mas em sua história tem duas questões problemáticas: sua simpatia pela *Ku-Klux-Klan* e, mais tarde, uma denúncia de homossexualismo. Seymour tem mais destaque (Burgess, 1988; Dreher, 1999:186; Campos, 2005).

Mas bem antes da igreja de Seymor, na Azusa, em 1906, já existiam diversas outras igrejas pentecostais (Holiness em 1895 e do Nazareno em 1899), inclusive uma *Associação de Igrejas Pentecostais*, formada em 1895 (Vinson, 2003:559) e também pentecostanismos na Suécia e regiões próximas<sup>76</sup>. Pethrus registra em sua biografia que, em 1897, um grupo do *Exército da Salvação* falava em línguas, fala do “Avivamento na Noruega” em 1900, ele mesmo diz que falou em línguas em 1902 (2004:40, 43,80).

Europeus brancos, mesmo assim não se identificam com as igrejas segregacionistas (algo que em Belém do Pará e nas demais cidades nordestinas seria absolutamente impossível), mas também não preservam as marcas do movimento original negro das músicas, das danças, das manifestações estáticas. Mas também longe do racismo das AGs.

As AGs são, inicialmente, igrejas brancas segregacionistas. Algo que, evidentemente, os historiadores pentecostais escondem, e que na historiografia brasileira é desconhecido ou propositalmente encoberto<sup>77</sup>. Uma postura que assim permanece “oficial” até 1994, quando em uma solenidade de pedido de perdão recíproco, em uma emocionalmente solenidade de lava-pés, os líderes das AGs (igrejas brancas) e líderes das *Igrejas de Deus em Cristo* (igrejas negras) se reconciliam. É o famoso “*Milagre de Memphis*”<sup>78</sup>.

Um dado importante é que, os primeiros pentecostais entendiam o fenômeno da *glossolalia* como *xenolalia*, que é a “capacidade de falar uma linguagem humana identificada, sem havê-la estudado. A xenologia passou a ser, no pentecostalismo, um sinal de vocação missionária” (Dreher, 1999:187; Burgess, 1990). Essa seria, portanto, a convicção dos suecos ao virem ao Brasil sem nenhuma preocupação anterior de estudar português?<sup>79</sup>

Enfim, o que o pentecostalismo assembleiano brasileiro herda de suas origens americanas? Não teve o estilo musical do jazz e do blues dos *spirituals*, das danças congregacionais, longe da tensão entre grupos segregacionais e das disputas trinitárias e unicistas tão presentes nas AGs, e durante muitas décadas completamente longe do

<sup>76</sup> “Avivamento na Noruega 1796 e 1842, na Finlândia em 1835 e Holanda em 1860. Em 1906, aconteceu um encontro pentecostal na Itália e na Noruega T.B. Barrat (1862-1940) é um grande líder avivalista.

<sup>77</sup> O livro publicado pelas AGs, e depois no Brasil pela CPAD, *Teologia Pentecostal. Uma perspectiva pentecostal*, organizada por Stanley Horton (1996), faz malabarismos sobre as disputas teológicas, mas não confessa que muitas delas foram ocasionadas pela questão racista.

<sup>78</sup> “The Miracle Memphis” foi um movimento de reconciliação entre as igrejas brancas e negras nos EUA, acontecida em 1994 em Memphis, Tennessee. Tenho um DVD desta solenidade. No site da *Society for Pentecostal Studies* – SPS, na revista *Pneuma*, há alguns registros <http://www.sps-usa.org>.

<sup>79</sup> “Parham ensina que basta aos missionários receber o batismo com o Espírito Santo para que possam, por meio do dom da glossolalia, ser imediatamente compreendidos nos idiomas nativos dos locais mais remotos do mundo” (Vinson, 2003:561)



movimento pentecostal mundial, pois a primeira – única até o momento – *Pentecostal World Fellowship* - PWF (sigla no decorrer deste trabalho) vai acontecer no Brasil somente em 1967. As ADs reproduzem, então, a síndrome brasileira de alheamento do mundo <sup>80</sup> Na periferia mundial, o Brasil como sempre possui pouca visibilidade. À exceção do futebol, nunca se destacou em muita coisa. Portanto, é possível escrever a história da física nuclear, da moda, da produção de TI sem se falar do Brasil. Daí por que, se escreve – nos EUA, na AL e de demais países - a história do pentecostalismo mundial, sem se falar no Brasil, apesar de termos por aqui o maior movimento pentecostal e a maior (sic) *Assembleia de Deus* do mundo. No entanto, parece que isso somente no Brasil é sabido.

---

<sup>80</sup> Em 2010, a PWF aconteceu na Suécia (pela segunda vez, e nona na Europa), e em 2011, no ano do *Centenário das ADs* no Brasil, o congresso da WAGF aconteceu na Índia. Isso não diz respeito apenas a “desimportância” das ADs, mas pela disputa política entre as duas entidades. Retornaremos a esta questão no capítulo VI.

## CAPITULO II

### TEORIZAÇÃO, HISTÓRIA E TIPOLOGIA.

#### Introdução

A Igreja é imensa e o período é grande; assim, parece impossível conhecermos todas as nuances dessa centenária história. Daí um recurso metodológico óbvio é lançarmos mão de uma teoria que explicita o fenômeno em diferentes aspectos, tempos e lugares, ou mais ainda, ajuda no entendimento de suas alterações. Uma periodização é um recurso didático, pois nos dá a oportunidade de indicar as questões centrais, e, por fim e a partir delas, se realizar uma construção tipológica.

#### 2.1 - TEORIZAÇÃO:

*“Não as ideias, mas os interesses materiais e ideais governam diretamente a conduta do homem” (Weber, 2002).*

Weber sempre esteve envolvido em alguma polêmica científica de seu tempo. Produziu textos que se tornaram referência na epistemologia científica, como “Ciência como vocação”, que além de irônico e original, alia uma ideia religiosa como *vocação* ao labor da ciência; e outro texto seminal “A ‘objetividade’ do conhecimento nas ciências sociais” que além de uma análise profunda e complexa, usa provocativamente aspas na palavra objetividade, presente no título. Na longa introdução de quarenta e três páginas que H.H. Gerth e Wright Mills escreveram na tradução para o inglês, em 1946, para *Ensaio de Sociologia*, eles relacionam Marx, Nietzsche e Weber, observando as convergências e divergências entre eles. Conquanto Weber concorde com a importância das ideias na produção de transformações a partir de seus interesses materiais, e a relação das ideias e questões psíquicas, também discorda dos citados, pois as ideias não são meros reflexos desses interesses e “Weber se mostra ansioso em identificar as possíveis tensões entre ideais e interesses, entre uma esfera e outra, ou entre estados internos e exigências exteriores”. (2002:43) Como assinala Jessé de Sousa, para Weber a relação entre a esfera religiosa e a causalidade econômica, “*não é causal, e sim heurística*” (1999:19, grifo no original). *Ideais e interesses*, podem, então, estar tanto em harmonia ou contradição, pois, enquanto teorização e prática são elementos fundamentais para a delimitação do comportamento dos indivíduos ou membros da

sociedade. Como Weber (1998:3) define, “sociologia é uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e em efeitos”. Portanto, é fundamental entender como os interesses materiais e ideais alteram e direcionam os indivíduos sociais; por conseguinte, as sociedades.

Este capítulo vai analisar a *teoria das dominações*, uma construção weberiana original em sua especificidade religiosa. Weber começou seu exercício acadêmico como jurista e economista<sup>81</sup>, somente depois é que se torna referência para a sociologia e, finalmente, um dos teóricos mais importantes para a sociologia da religião. Esta teoria tem conceitos e aplicações, no próprio texto de Weber, acentuadamente religioso, mas pode e é usada em diferentes áreas da ciência, pois, originalmente, foi escrita com o título “*Ética Econômica das Religiões Mundiais*” (Weber, 2002:190, nota), no contexto da análise da transformação moderna do Estado em crescente burocratização<sup>82</sup>.

Podem, então, as análises teológicas, econômicas, políticas, sociais, etc., ser válidas, mas isoladamente se mostram reducionistas. A *teoria das dominações* pretende inicialmente ser apenas análise sociológica da *legitimação do poder*; mas, como toda a produção científica deste autor, é extremamente complexa e abrangente. De forma que, em sua teoria, Weber abrange aspectos teológicos, políticos e socioeconômicos da realidade em sua quase totalidade. Hirano (1973) chama atenção para o fato de que há uma “poli-historicidade em suas formulações teóricas”. Porém, apesar do positivismo científico tão em voga em seus dias, Weber não acredita que qualquer teoria, conceito ou análise sejam capazes de dar conta do real; enquadrar em sua totalidade a realidade. A ciência, portanto, pode e deve ajudar na compreensão (ou para usarmos suas palavras), uma “compreensão interpretativa de seus efeitos e causas”. Aliás, é isso que ele anuncia em seu estudo: a busca por uma sociologia que tenta compreender o fenômeno, uma sociologia compreensiva. No caso da religião, por exemplo, tem uma posição diversa de Durkheim<sup>83</sup>, pois enquanto este a define com precisão, Weber<sup>84</sup> não acredita que isso seja possível ou necessário. Como assinala Freund (2003:34) “Weber é

<sup>81</sup> Seus estudos originais de doutoramento são sobre a *História das companhias comerciais na Idade Média, de acordo com fontes do sul da Europa* (1889) e *História agrária romana e sua importância para o direito público e civil*, em 1891 (Weber, 2003:820; Swedberg, 2005:321)

<sup>82</sup> Nos *Ensaio de Sociologia*, na parte *Poder*, temos os capítulos *Estruturas do Poder*; *Classe*; *Estamento*; *Partido*; *Burocracia*; *A sociologia da Autoridade Carismática* e o *Significado da Disciplina*, publicados em 1915 na revista do *Archiv*, volume 41. Posteriormente, na primeira parte do clássico *Economia e Sociedade*, publicado em 1920, Weber retorna a estes conceitos, “com sua insistência na necessidade de ver os estudos econômicos como uma ciência do homem e em analisar as ligações entre a economia e as esferas não econômicas da sociedade (Swedberg, 2005:321).

<sup>83</sup> “Religião é um sistema solidário de crenças seguintes, e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todas que a ela aderem” (1989:79).

<sup>84</sup> “Uma definição daquilo que “é” religião é impossível no início de uma consideração como a que segue, e, quando muito, poderia ser dada no seu final” (1998:279).

contrário a todo dogmatismo: a função de um método é fazer progredir o saber, e não ser fiel a um pretensão ideal do conhecimento”.

Alguns conceitos weberianos, como: *tipo ideal*, *poder*, *legitimação*, *camadas*, *estamentos* e a *teoria das dominações* serão aplicadas em todo o texto.

#### **a) Os limites e a “objetividade” do conhecimento.**

Mais do que uma ironia, “objetividade”, entre aspas, não é apenas um recurso estilístico, mas um paradigma metodológico claro: *a ciência tem limites*. Weber é um cientista moderno, analisando a modernidade, mas não se “encantado” ou se “desencantado” com ela. Ele teoriza sobre o “desencantamento do mundo” e não o desencanto com o mundo (Pierucci, 2003). Como já dito anteriormente, ele não embarcou no entusiasmo positivista da filosofia naturalista, assim como mantinha algumas reservas ao determinismo unicausal materialista, o que deixa claro na frase final de seu clássico sobre a *Ética Protestante*.

“A ciência não podia ordenar nem garantir valores, também foi uma surpresa tanto para positivistas como para idealistas” (MacRae, 1975:60). Weber é moderno sem ser modernista; confiante na racionalidade, mas um tanto cético quanto à razão. Moderno quanto ao processo de burocratização do Estado, mas reticente quanto ao poder do mesmo; ou aos seus *interesses*.

“Weber nega que o conhecimento possa ser uma reprodução ou uma cópia integral da realidade, tanto no sentido de extensão, como da compreensão. O real é infinito e inesgotável” (Freund, 2003:33). Ainda mais em se tratando do fenômeno religioso, este muito mais fugaz e mutável. Sempre que um estudo elabora padrões, delimita espaços e estabelece modelos, chega com algum atraso, pois naturalmente o fenômeno religioso já tomou outra formulação, se alterou, se complexificou (algo que, evidentemente, vai acontecer com esta tese). Ademais, muitos de seus objetivos e consequências fogem do previsível, daí porque, genialmente, Weber trabalha com o conceito de “paradoxo das consequências” ou “afinidades eletivas”; ou seja, em se tratando de religião ou de qualquer realidade que envolva relações humanas, a soma de dois mais dois, não necessariamente pode – e deve – ser quatro.

Como então estudar a realidade complexa e fugidia da religiosidade? Weber apela para uma construção original, que apresenta como sendo os “tipos ideais”.

#### **b) Tipo ideal – descrição e modelos:**

É um recurso metodológico para ajudar na análise e compreensão da realidade; estudada como uma típica especificidade racional do Ocidente. Uma confluência de

realidades históricas e abstrações conceituais; é uma conjunção de percepções das condutas unitárias de indivíduos e também do conjunto histórico da coletividade. É, como define Weber (1998:466), “uma reconstrução ideal típica no conjunto histórico de um certo número de características para construir um todo inteligente”. Como em diversos momentos de seu esforço metodológico, ele mesmo exemplifica: não existe, ou não existiu, um exemplar puro, fundante e único do capitalismo e de um capitalista, mas diversos tipos históricos, distintos, projetos em transformação, que se alteraram e, concomitantemente, também alteram as condições culturais em seu tempo e em determinados lugares. O tipo ideal, então, com sua recorrência histórica e sua exemplaridade modelar, pode e ajuda no processo de conhecimento. O “tipo, como *meio* permanente de intermediação entre a ideia e a matéria, entre a formulação teórica e a realidade empírica – como propriedade semiológica da linguagem histórica – ao mesmo tempo funcionando como “*ponto de partida*” e “*ponto de chegada*” de todo o processo de reflexão e de investigação” (Mello, 2004:51).

Weber elege três elementos como símbolos dos *tipos ideais* em sua análise religiosa: o *sacerdote*, o *feiticeiro* e o *profeta*.

Enquanto o sacerdote “age por vocação” a partir de um saber conceitual, pois é funcionário de uma empresa de salvação, o profeta age por carisma pessoal, a partir de um saber divino. A ligação do sacerdote é institucional, e a do profeta é pessoal com sua mensagem. Ambos podem ser funcionários de uma religião, mas o primeiro sempre será um preservador do modelo e da doutrina; o segundo, o profeta, deve ser um reformador. O sacerdote só existe em função do culto e do clero, já o profeta é invariavelmente um leigo, e existe sem clero e sem culto, pois sua legitimidade é de origem divina. Já a legitimidade do sacerdote será sempre institucional.

Além desses dois, existe a figura do feiticeiro, que pode ocasionalmente também ser um tipo de sacerdote ou de profeta. “Não existem tipos puros”. Oscilando entre uma mensagem divina e uma instituição, o feiticeiro serve a indivíduos em seu saber empírico e contingencial, sem nenhuma relação institucional ou reformista com grupos; sem clero e sem doutrina, apenas com seus clientes (Pierucci, 2001).

Os tipos ideais não podem ser engessados, dando, portanto, a possibilidade de ampliarmos e adaptarmos sua aplicabilidade. O sacerdote, não somente nas ADs, é facilmente identificado como sacerdote religioso - no caso, os pastores. Mas há pastores e pastores. Há um abismo entre um pastor de uma pequena igreja na zona rural ou de uma congregação de periférica, em relação aos seus correspondentes de igrejas grandes,

sediadas em metrópoles; trata-se de um abismo que pode se aprofundar, se a relação se fizer entre esse pastor e seu pastor presidente. E pode se complexificar ainda mais se se tratar do pastor-presidente do Ministério Nacional e o pastor-presidente de um Ministério Local. O sistema racional de doutrina, sua conceitual e qualificação profissional, vão sempre diferir, pois são empresas religiosas com alta assimetria.

Quem seriam os/as profetas nas ADs? Não é razoável pensarmos que uma igreja que nasce através de uma profecia, segundo a versão oficial, deveria, então, dar muita oportunidade aos/às profetas? Sim e não. Oficialmente, não há profetas; mas sabe-se que há muitos/as exercendo seus ofícios, evidentemente com muita tensão com os sacerdotes/pastores. Sem dúvida, como esse exercício profético se manifesta mais entre as mulheres, e a elas não é dada oficialmente o poder ministerial, em princípio isso já é causa de grande tensão (vamos aprofundar o tema no ponto 5.4 - b). Sua mensagem e autoridade, a partir de seu carisma pessoal, produzem um/a profeta sem o intrínseco compromisso institucional.

Seria o feiticeiro, então, mais difícil de tipificar? Nem tanto. Um ambiente pentecostal é por natureza um espaço mistificado, com propensão a visões, revelações, línguas, etc. Há, portanto, um amplo campo de atuação e atração para o/a feiticeiro/a e sua clientela. Neste caso, esse pentecostalismo brasileiro consegue ampliar seu campo de ação indo do mais extremo da magia à racionalidade, como diria Weber; de uma magia racional & racionalidade mágica. Há profetas aos montes fazendo profecias em profusão, dando assim seus “recados” particulares e suas soluções cotidianas para quaisquer males<sup>85</sup>; contrapondo-se a isso, há os mais articulados “conferencistas”, pregadores, convidados especiais, que levam “mensagens” à igreja, sempre em um momento específico (congresso de jovens, senhoras, avivamentos e cruzadas, etc.).

### c) Poder e legitimidade:

“Há três tipos puros de dominação legítima” (Weber, 1991:141)

A questão central da análise weberiana: *como o poder pode e deve ser legitimado?* Não custa repetir, esta teorização é originalmente uma obra de sociologia jurídica, que pode, como já dito, ser aplicada a diferentes áreas. No presente, ao estudo da religião.

Weber (33:1998), no parágrafo 16, conceitua três questões fundamentais para seu estudo. *Poder, dominação e disciplina*, como segue abaixo.

<sup>85</sup> É muito comum no universo pentecostal assembleiano, a realização de reuniões de oração em casas particulares, onde os “vasos” (assim chamadas as irmãs de oração) entregam profecias específicas de casamentos, empregos e respostas (ou negação) sobre doenças. É um exercício mágico particularizado, não muito aceito institucionalmente nos templos, justamente por isso acontecem, “oficiosamente”, nas casas.

**Poder** “significa toda probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra a resistência, sejam qual for o fundamento dessa probabilidade”<sup>86</sup>.

“**Dominação** é a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo entre determinadas pessoas indicáveis”

“**Disciplina** é a probabilidade de obediência pronta, automática e esquemática a uma ordem, entre uma pluralidade indicável de pessoas, em virtudes de atividades treinadas”

Em síntese, *poder* gera *dominação*, que se transforma em *disciplina*. Estes três conceitos são fundamentais para nosso entendimento das ADs.

Como na sociedade, ou mais especificamente nas instâncias sócio-religiosas, vai se dar a relação entre essas categorias? É fundamental lembrar que há uma imbricação entre ideias, práticas e instituições sociais. O *poder* religioso não mais se legitima automaticamente, pois há, na modernidade, a “probabilidade de resistência” a este poder. Agora a religião, não mais hegemônica, e também não absolutamente étnica, é uma opção individual ou escolha de determinado grupo; portanto, a *disciplina* religiosa precisa “encontrar obediência (...) entre uma pluralidade de pessoas”. Diferente de um tempo de dominação homogênea, étnica e religiosa, agora vivemos uma multiplicidade de valores heterogêneos, uma pluralidade de religiões e conceitos éticos.

A questão se complexifica ainda mais, se considerarmos que a religião urbana é cada vez mais heterogênea, é uma “religião em movimento” (Hervieu-Léger, 2008), exatamente porque a cidade também é cada vez mais formada por uma “pluralidade indicável de pessoas”. Pessoas de diferentes grupos sociais, de etnias distintas, e com diferentes interesses ideais e materiais. Por isso, em seus textos, Weber relaciona “classes”, “grupos de status”<sup>87</sup> e “camadas sociais”, as mais diversas. Diversos e distintos, têm razões sociais, políticas e econômicas convergentes e (ou muito mais) divergentes, para aderirem a este e não a outro modelo religioso. São esses interesses de classe e das camadas que resultam num caldo cada vez mais marcado pela diversidade social. Neste caso, a pluralidade dos grupos protestantes, quase sempre beligerantes é, dentre outros, uma das marcas centrais dessa diversidade no Ocidente. Os pentecostalismos assembleianos – sim, no plural – ampliam a questão.

#### **d) Camadas e classes sociais.**

Enquanto Marx crava e sintetiza seu estudo em torno do antagonismo das *classes sociais*, Weber, apesar de também usar a palavra classe, não reduz a questão a apenas duas classes, polarizadas. Elas são muitas, diversas e antagônicas, mas não estão

<sup>86</sup> No Vol II (1999:175) Weber explica de outra forma “Por “poder” entendemos, aqui, genericamente, a probabilidade de uma pessoa ou várias impor, numa ação social, a vontade própria, mesmo contra a oposição de outros participantes desta”

<sup>87</sup> “Grupos de status” é um conceito fundamental para a análise das estruturas de poder dentro dos pentecostalismos assembleianos, pois não temos duas classes sociais (burguesia e proletariado), mas grupos de pessoas quase sempre da mesma classe, mas com *status* e *interesses* distintos. Vamos discutir isso em *Ministérios Institucionais* (3.3.1).

exclusivamente em contradição; elas se cruzam, se alternam se relacionam e se complementam. As *camadas sociais* são justapostas, complementares e interdependentes. Este conceito é tão significativo que, no pequeno texto *Religião e Racionalidade Econômica*, Weber (1991:142-159) relaciona entre os tipos de camadas, práticas e interesses, nada menos que trinta e duas categorias. Vinte no Oriente e doze no Ocidente. Como seguem: No Oriente, as *camadas dos iletrados, sacerdotes, leigos aristocráticos, ilustrados entusiastas, burocracia patrimonial, portadores de culto estamental, letrados políticos, nobres cortesãos, letrados nobres de caráter político, homem de conversão (salão), carismáticos, medias, letrados, castas, auxiliares subalternos, eruditos letrados, nobreza sempre ilustrada, herdeiros do carisma, magos, gurus...* No Ocidente, há as seguintes adjetivações: as camadas dos *virtuosos, profetas, políticos-burgueses, intelectual político, intelectuais ocidentais modernos, feiticeiros, carismáticos, camponeses trabalhadores, médias, letradas, média não letrada, vida burguesa.*

São grupos de se encontram no “cerimonial estamental”, nas “crenças”, na “estilização cerimoniosa”, no “caráter gnóstico da salvação”, mas se diferenciam na “ética social intramundana”, na “crença da predestinação”, na “ideia de vocação”, etc.; são iguais na igreja, nos *ministérios orgânicos*, mas são distintos na “situação de classe” e na “situação estamental” (Weber, 2002:211). Podem ter os mesmos valores religiosos, mas os valores econômicos são visceralmente contrários; ou podem até ter os mesmos valores, mas os “interesses” podem ou não ser similares, concorrentes ou antagônicos.

Na síntese de Weber:

“Havia doutrinas, ordens e seitas ortodoxas e heterodoxas e, entre as ortodoxas, as mais ou menos clássicas. De especial importância para nós é que elas também se distinguiam socialmente. Por um lado (e minoritariamente) conformes as suas camadas sociais de origem. Por outro lado (e principalmente) conforme o tipo de salvação que ofereciam aos seus adeptos” (1991:143).

Ou seja, a origem social de um grupo ou do indivíduo (*ortodoxo, heterodoxo* ou mais ou menos *clássico*), é questão chave para delimitação de sua ação social. É distinção social. E, se fosse a única (ou duas em polaridade, como na análise marxista), poderia se tornar uma questão puramente econômica. Mas a diferenciação do grupo religioso é mais filosófica (tipo salvação ou doutrina), ou mais econômica (o pertencimento a um grupo, uma seita ou o tipo de camada de origem), ou em síntese, mais cultural (distinções sociais dos portadores<sup>88</sup> de bens culturais). E para complicar

<sup>88</sup> A palavra “portador”, muito usada por Weber, não pode passar despercebida. A camada e/ou o indivíduo é como construtor de sua cultura, é “portador” dos valores da mesma.



ainda mais, as grupos/seitas são ortodoxas e heterodoxas. Enfim, um *rito religioso ou tipo de salvação* não significa a mesma coisa para um erudito, um nobre, um artesão, um comerciante. O rito pode até ser único e obrigatório e celebrado em comum, por exemplo, em um “culto estamental”, mas as interpretações e funções (ou “interesses”, usando a palavra chave de Weber) desse rito são distintas para cada grupo ou indivíduo. Os estamentos, ou *grupos de status*, são “portadores de bens culturais” (1991:134), e indicadores da força e/ou fraqueza de cada grupo, pois cada um, dentro de seus limites/interesses, produz um *sentido* distinto para ação social. E essa disputa cultural – e quanto mais “simbólica” mais complexa – é muito mais abrangente do que uma simples e mera questão econômica, política e teológica; ou todas concomitantes (ponto 4.2 - b).

#### e) **Religião e racionalidade econômica.**

Religião, avisa Weber inicialmente, não pode ser definida ao contrário do que pensa Durkheim; ou não se pode falar de “essência religiosa”, mas das condições e efeitos sociais que uma ação comunitária, como a religião, pode trazer para a realidade. E a seguir, elenca três objetivos da *ação religiosa*. O primeiro diz respeito ao “mundo”, portanto, ação social no mundo terreno, não noutro mundo, ou no céu. O segundo, à racionalidade da experiência, portanto, ação social por meios e fins. O terceiro, uma ação social de cotidianidade econômica. Religião aqui não é coisa de deuses, anjos e da transcendência, mas ação de homens e mulheres; neste mundo.

1. “Ação religiosa ou magicamente motivada, em sua existência primordial, está orientada para este *mundo*. As ações religiosas ou magicamente exigidas devem ser realizadas “para que vás muito bem e vivas muitos e muitos anos sobre a Terra”;
2. “A ação religiosa ou magicamente motivada é, ademais, precisamente em sua forma primordial, uma ação racional, pelo menos relativamente: ainda que não seja necessariamente uma ação orientada por meios e fins, orienta-se, pelo menos, pelas regras da experiência”;
3. “A ação ou o pensamento religioso ou “mágico” não pode ser apartado, portanto, do círculo das ações cotidianas ligadas a um fim, uma vez que também seus próprios fins são, em grande maioria, de natureza econômica”. (Weber, 1998:279, grifo original)

É chavão nos meios religiosos se falar de “outro mundo”, da “outra vida”. Religião é, por natureza, definida de forma “transcendente”, ou seja, para além do racional e do cognoscível e, por isso, “transcendente”. Nisso vemos a originalidade de Weber em puxar a religião para *este mundo* (grifado, como ele faz questão de apontar em seu texto).

Talvez a tal “essência” (se é que isso existe...) da religião seja transcendente, mas a ação religiosa – que, enquanto ação social, é o que de fato interessa – diz respeito a este mundo. As coisas do mundo; as pessoas do mundo. Deste mundo. E essa *ação*

*social* tem três características básicas, como já foi dito: é (1) tempo presente; é (2) racional e é (3) econômica.

Na sua primeira análise, e na frase subsequente, ele até repete um texto bíblico do Antigo Testamento, originalmente componente do decálogo mosaico. O segundo mandamento: “*Honra ao teu pai e tua mãe para que vás muito bem e vivas muitos anos sobre a terra*”. A ação religiosa é uma relação entre indivíduos. Suas motivações, essencialmente, respondem às condições sociais dos grupos e de seus interesses. O primeiro mandamento é *honrar* a Deus, que remete ao transcendente; mas o segundo, também *honrar*, remete a vida humana, material e contingente. E, presumivelmente, o mesmo bem que faz o “*honrar a Deus*”, se equivale no “*honrar aos pais*”. Servir a Deus é servir aos ancestrais, é honrá-los de igual maneira. Algo que é comum em quase todas as religiões: honra aos ancestrais. Conquanto esse discurso da religião seja como um mandamento divino, uma relação ética transcendental, uma atividade mística, Weber lê esse preceito como uma contingência humana e um modelo de conduta social.

Em outro texto clássico, de 1915, *Ética Econômica das Religiões Mundiais*<sup>89</sup>, Weber faz sua grande obra de religiões comparadas, escrevendo sobre Confucionismo, Hinduísmo, Budismo e Judaísmo antigo, e lança as bases do que viria a ser seu trabalho conhecido “A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo”, onde ele delimita a relação entre a magia e a racionalidade econômica.

Para apreciar o nível de racionalidade que uma religião representa podemos usar dois critérios básicos, que se inter-relacionam de várias maneiras. O primeiro é o grau em que uma religião despojou-se da magia; o outro é o grau de coerência sistemática que a religião imprime à relação entre Deus e o mundo, e, em consonância com isso, à sua própria relação com o mundo (Weber, 1995:151).

Primeiro, a questão da magia e, segundo, a relação ética das condições de vida no mundo e sua conseqüente resposta ao divino. Uma religião despojada da magia, em mundo desmagificado, povoado não por espíritos e duendes, mas por humanos em condições socioeconômicas dirigidas por eles mesmos, é um mundo de homens, não um mundo de deuses. Portanto, a relação ética exige uma sistematização ética. Qual resposta é (não) dada a este mundo? Há graus distintos de coerência sistemática, mais ou menos, seria uma forma de resposta razoavelmente aceitável.

---

<sup>89</sup> Aqui reproduzido do substrato publicado pela *Coleção Grandes Cientistas Sociais*, cap. 5 *Religião e Racionalidade Econômica*, Ed. Ática, SP, 1991:151.

Weber lembra reiteradas vezes que há “tensões entre a religião e o mundo” (2002:229), ao longo do texto *Rejeições Religiosas*, em cada esfera<sup>90</sup>, ele repete as questões que provocam as *tensões*. Mesmo falando das possibilidades de *concessões*.

Ora, é nesta relação de *tensão & concessão* que a questão da racionalidade, e fundamentalmente no Ocidente, da *racionalidade econômica*, é mais acentuada. Nas duas seguintes caracterizações da *ação religiosa*, Weber vai acentuar a racionalidade econômica (Weber, 1998:179). Esta é sua originalidade e distanciamento metodológico da análise marxista, em que a religião é simplesmente um elemento de alienação, e também da análise durkaniana; a religião como elemento de coesão social. Religião é, na multiplicidade das questões e respostas envolvidas, uma – uma das<sup>91</sup> - forma de racionalidade econômica. Ou melhor, religião pode ser também (e inclusive) elemento fundamental no processo de racionalidade econômica, além de fonte de valorização moral ou isolamento cultural. Mas a religião não é única, nem o mundo um só; e o encontro ou desencontro destes dois (mundo e religião) elementos não produz uma ação única e isolada. Há diferentes processos, distintas religiões e diversas camadas sociais com múltiplos interesses econômicos, sociopolíticos e, por conseguinte, as ações sociais, tanto dos indivíduos como dos grupos, terão também múltiplos interesses.

Weber em sua última frase na *Ética Protestante* chama atenção para a possibilidade de uma análise “unicausal” simplificadora. Algo que, parece, muitos analistas não percebe.

Porquanto embora o homem moderno, (...) geralmente não seja capaz de imaginar o efetivo alcance da significação que os conteúdos da consciência religiosa tiveram para a conduta humana, a cultura e o caráter de um povo, não cabe, contudo, evidentemente, a intenção de substituir uma interpretação causal unilateralmente “materialista” da cultura e da história por uma outra espiritualista, também unilateral (2004:167)

#### **f) Ação religiosa e vida cotidiana.**

A vida cotidiana é cheia de ações; práticas, empíricas e, notadamente, racionalizadas. Em síntese: racionalidade e experiência. É uma “ação racional, pelo menos relativamente (...) pelas regras da experiência”. Mais adiante, Weber diz que ação religiosa não pode ser “apartada do círculo das ações cotidianas”, em sua “grande maioria de natureza econômica”. As ações dos indivíduos, mesmo pretensamente mágicas, são cotidianas. Uma pedra pode ser um fetiche, como lembra Weber, mas não toda pedra ou todas as pedras em todos os tempos; e, por mais fetichizada que ela seja, ou vista como, ela é, antes de tudo, uma pedra. Mesmo o “êxtase” é um fenômeno

<sup>90</sup> As esferas apontadas são: econômica, política, estética, erótica e intelectual.

<sup>91</sup> “Uma das” por que Weber condena a unicausalidade e opta pela pluricausalidade.

ocasional. Não se vive absolutamente em êxtase a vida toda, e nem todas as pessoas entram em êxtase. Entre um fenômeno e outro, há a vida regulada e natural; existem as necessidades prementes da vida.

**g) Teoria das Dominações Carismática, Tradicional e Burocrática Racional.**

No mundo antigo, de sentido homogêneo, o poder é único, absoluto, divinizado e, obviamente, naturalmente aceito e legitimado. Em um mundo agora heterogêneo, principalmente em termos de estabelecimento de um poder central (seja religioso ou político), como se dará a *legitimação do poder*? No início do século XX, Weber enfrenta uma especificidade de seu tempo: os poderes cada vez mais se pluralizando, concomitantemente a racionalização burocrática do Estado, se estabelecendo como nunca antes se havia visto. A questão é, portanto, entendermos como um determinado tipo de *dominação*, ou exercício de *poder*, pode ou poderia ser *legal*; ou como uma *disciplina* pode encontrar *legalidade*.

A religião, em geral e presumivelmente, se legalizava a partir do divino, de um poder sobrenatural e transcendente e, em tese, permanece ainda hoje assim. No entanto, religião na modernidade não é mais assunto divino, mas humano. Portanto, religião agora diz respeito a humanos<sup>92</sup>, ou, especialmente, a uma racionalidade econômica de humanos<sup>93</sup>, que se “racionaliza” a partir de duas premissas básicas. Primeira: a *desmagificação*<sup>94</sup>; segunda: pela eticização racional da relação do divino com o mundo (Weber, 1991:151). Nesta complexidade de relações plurais, ou nas palavras de Weber, “constelações de interesses”, envolvendo o indivíduo, a família, o Estado, a empresa, a religião, enfim, os mais diversos grupos sociais ou pessoas individualmente, a fórmula da legitimação de poder tem algumas características, sinteticamente organizadas em três grandes categorias: *dominação racional*, *dominação tradicional* e *dominação carismática*.

***A dominação carismática***

O carisma só conhece a determinação interna e a contenção interna (2002:172).

A dominação carismática não tem forma ou processo de demissão ou nomeação, ignora hierarquia ou treinamento especializado, portanto, não tem carreira, salário e

<sup>92</sup> “Ação religiosa ou magicamente motivada, em sua existência primordial, está orientada para este *mundo*. As ações religiosas ou magicamente exigidas devem ser realizadas “para que vás muito bem e vivas muitos e muitos anos sobre a Terra”. (Weber, 1998:279, grifo original)

<sup>93</sup> “A ação ou o pensamento religioso ou “mágico” não pode ser apartado, portanto, do círculo das ações cotidianas ligadas a um fim, uma vez que também seus próprios fins são, em grande maioria, de natureza econômica” (Weber, 1998:279, grifo original).

<sup>94</sup> Um texto ímpar sobre o assunto é o de Pierucci (2003)

profissionalização. Não há departamento ou agência de controle independente, porque o *carisma* do líder é totalmente pessoal.

Desta forma, seja líder, político demagogo, herói, guerreiro ou profeta, ele terá discípulos cujo reconhecimento será dirigido direta e exclusivamente a ele. O líder carismático não é eleito por seus liderados, “mas acontece o inverso: é o *dever* daqueles a quem dirige a missão de reconhecê-lo como seu líder carismaticamente qualificado” (2002:172, grifo no original).

Como é essencialmente uma questão interna, o carisma é sempre dirigido a uma pessoa, grupo, local ou fato, “delimitados localmente, etnicamente, socialmente, politicamente, ocupacionalmente” (2002:172).

Na questão econômica, a dominação carismática é distinta da tradicional e oposta à burocrática, pois o “carisma rejeita todo comportamento econômico racional” (2002:173) – e esta é sua principal característica. Como não há relação profissional e funcionários de carreira, não há salários e, como o processo de institucionalização é no máximo embrionário, a máquina operacional se revela pequena; vai existir – quando existe – e funcionar a partir do trabalho dos voluntários, ou seja, dos *seguidores*. Quando é ainda uma dominação carismática “pura”, não há nenhuma relação econômica ou institucional, e quando essa dominação inicia seu processo de institucionalização, acontece o que Weber vai conceituar como sendo o processo de *rotinização do carisma*. Ou seja, o carisma se *tradicionaliza*.

A *rotinização* acontece quando se torna uma relação permanente (1998:161), quando ocorre sua natural *institucionalização* e, principalmente, *racionalização*, que pode acontecer pelos seguintes motivos (1998:162): interesses materiais e ideias dos membros da comunidade, e a persistência das relações e nascimento de um quadro administrativo. Tal situação pode se agravar quando “surge a questão da sucessão”.

A “transmissão do carisma”, então, pode acontecer por nova escolha, por revelação, por designação do sucessor, por qualificação profissional, por hereditariedade, por transferência do carisma ao cargo. E, como Weber adverte, isso “nunca acontece sem lutas”. (Weber, 1998:166).

O fenômeno religioso, portanto, no primeiro momento de seu surgimento, é um evento carismático – uns mais intensamente, outros menos, porém todos com algo de carismático. Na medida em que o evento ou o líder permanece, ou evento se repete, há uma natural *tradicionalização*. Além de seu valor pessoal (local, étnico, político ou fenomênico em si) ele agrega valores culturais ao seu modelo de vida. Para o fenômeno

sobreviver e se consolidar, há a necessidade absoluta de alguma racionalização. De forma cíclica e dialética, o processo se constrói e se mantém. Religiões mais carismáticas, tradicionalíssimas e com muita habilidade racional – principalmente econômica – tendem a ser mais importantes culturalmente. E vão retroalimentando o processo<sup>95</sup>.

### **Dominação carismática e a MPAB**

Um líder carismático com muito *poder*, seguidores crédulos firmes na *disciplina*, e uma revelação divina legitimando uma *dominação*<sup>96</sup>. É necessário algo mais? Para as ADs, no primeiro momento não.

O movimento tem carisma (aqui acentuadamente as manifestações estáticas da doutrina pentecostal), e principalmente o líder tem carisma. Vingren tem uma revelação. Não existe, além disso, funcionários, salários, profissionalização, controles, Estatutos, racionalidade econômica, pois o “carisma rejeita todo o comportamento econômico (Weber, 2002:173).

Esse “ideal pentecostal” persiste *há* quanto tempo? *Até hoje*. Em alguns lugares deste país, ainda existem congregações em estado pré-burocrático, funcionando em função do carisma da liderança, totalmente baseada no voluntarismo da membresia. É o mais próximo do que denominamos de *assembleianismo rural*: místico, voluntarioso, cíclico e moralista. Ideal. Mas, mesmo na primeira década, dois anos após o início da igreja, em 1913 (Conde, 1960:32), Vingren realiza consagração de cinco pastores brasileiros. Nasce, assim, a *tradição assembleiana*. Inicia-se a rotinização do carisma. É a primeira leva de sacerdotes assembleianos. Em 1917, chega Samuel Nystron, como o primeiro missionário oficialmente enviado pela *Missão Sueca*, da *Igreja Filadélfia em Estocolmo*. Em 1918, oficializa-se o nome *Assembleias de Deus*. Em 1946, a Convenção Geral assume personalidade jurídica com Estatuto.

### **A dominação tradicional**

Esta é uma dominação de transição entre a burocrática e o carismática, também chamada de *dominação patriarcal*. “Obedece-se à pessoa em virtude de sua dignidade própria, santificada pela tradição: por fidelidade” (Weber, 1991:131). Os critérios normativos não são objetivos como na racionalidade econômica, mas familiares,

<sup>95</sup> Uma exemplificação simples: o papa (figura carismática em si) tem em torno de si toda uma estrutura (tradicional), mas não pode sobreviver apenas por causa de seu carisma e da tradição, ele e o Vaticano necessitam de um suporte econômico. Quanto mais racional este for, mais retroativamente vai se consolidar sua tradição e seu carisma. O mesmo se aplica a qualquer outra religião no que tange carisma, tradição e racionalidade. Quanto melhor este fenômeno religioso conseguir equilibrar as forças destas dominações, melhor para ela; e é este o motivo pelo qual alguns grupos religiosos naufragam e outros se tornam vitoriosos.

<sup>96</sup> Essa tríade conceitual: *poder*, *dominação* e *disciplina* é o que fundamenta a legitimação.

patriarcais, ou no modelo do sultanato. São relações de privilégios e favorecimentos interpessoais. A obediência se dá pela dignidade do senhor ou patrão, mas não é sua pessoa, carismaticamente, que o legaliza, mas a tradição que ela representa. “Falta aqui o caráter burocrático de “competência” como esfera de jurisdição” (Weber, 1991:131), mas as relações clâmicas e parentais são supridas pela “docilidade dos súditos”.

Há duas formas básicas de dominação tradicional. Em primeiro lugar, a *estrutura puramente patriarcal de administração*. Funcionários domésticos sem qualificação profissional, mas selecionados pela necessidade da estrutura patrimonial e com alguns direitos, portanto, mais próxima da dominação legal precursora do Estado moderno (134). Em segundo, a *estrutura estamental*, mais próxima da dominação carismática. Os funcionários, no caso, os servidores, não estão legitimados pelos senhores, mas independentes e “investidos por privilégio e concessão do senhor” por causa de algum direito que o cargo oferece ou pelo *estamento*, o que dá certa autonomia e alguma “competência” à administração. Falta-lhe, porém, “disciplina” e “direito formal”, mas ele se equilibra entre a “boa vontade” dos servidores e o “privilégio” oferecido pelo senhor.

Todas as codificações e leis da dominação tradicional respiram o espírito do chamado “Estado-providência”: predomina uma combinação de princípios ético-sociais e utilitário-sociais que rompe toda rigidez jurídica formal (Weber, 1991:133).

Como esta dominação é um tipo ideal entre duas outras, ela oscila entre as mesmas, inclusive, com características de ambas. E essa separação metodológica é fundamental para a identificação do Estado moderno e do Estado pré-burocrático. Enquanto a estrutura patriarcal vai engendrando uma forma de patrimonialismo com elementos de racionalidade econômica, o outro lado estamental, em sua forma de sultanismo, se aproxima mais de uma manifestação carismática. Por isso, a “combinação de princípios” que a dominação tradicional tem em sua natureza de transição (ver quadro anexo).

Esse instrumental analítico é fundamental para o entendimento das instituições religiosas. Conquanto majoritariamente carismáticas, as religiões em geral são, também, por natureza, tradicionais. As características do quadro administrativo, em função da legalidade, são óbvias em se tratando de estruturas religiosas. Os líderes se legalizam pela “tradição que representam”. A dignidade do cargo – senhor, patrão, líder religioso, rei, presidente – dignifica quem o exerce, e este fica absolutamente preso às honrarias do título. Aqui o conceito weberiano de *estamento* é fundamental. Melhor entendido, a meu ver, quando Weber designa como “grupos de status”.

As titulações hierárquicas religiosas não são nada mais do que isso: honrarias e títulos honoríficos. O nível de competência profissional vai oscilar de uma religião para outra. Uma religião moderna e racional, portanto mais profissionalizada, vai exigir do ocupante do cargo algum tipo de “preparo”; em outra, digamos, mais pré-moderna, o “preparo” pode ser, inclusive, uma relação de consanguinidade ou indicação privilegiada do chefe, cuja relação, por ser mais extremada, vai ter características carismáticas.

### **Dominação tradicional e a MPAB.**

Esse é o modelo mais condizente com o estilo das ADs em todos os períodos. Mesmo quando carismática ou racional, ela é *majoritariamente tradicional*. Todas as categorias indicadas por Weber nesta dominação se encaixam perfeitamente no modelo assembleiano.

Ela se racionaliza, em um extremo; e de forma tradicional é, no extremo oposto, tradicionalmente carismática.

Não há nada mais óbvio para a MPAB do que a “santidade da tradição”. Estamentos como patamar de status, frutos de indicações e privilégios de um grupo; é um modelo de um Estado pré-burocrático, ou “Estado Providência”, na expressão de Weber. Qualquer indivíduo ou grupo dentro das ADs sabe que para subir na hierarquia é necessário contar com relação de favorecimento interpessoal; a simples competência burocrática não resolve, a consanguinidade é mais eficaz.

Tanto o *Ministério Corporativo* quanto o *ministério estamental* são regidos por uma “combinação de princípios éticos sociais e utilitários sociais”, e o grau de parentesco é imprescindível para mover o que, em paralelo, chamaríamos de estrutura pré-burocrática, ou seja, o “Ministério Providência”.

Por fim, as titulações honoríficas do patriarcado e do sultanato são uma versão muito próxima da ideia de pastor-presidente assembleiano<sup>97</sup>.

### **A dominação racional burocrática**

Esta é a mais plena exemplificação da racionalidade, no primeiro momento uma especificidade ocidental, também chamada de *dominação burocrática*. Um modelo administrativo a partir de estatutos, de funcionários com salários e capacitação profissional, com hierarquia burocratizada e crescente; deste modo, o exemplo de “tipo mais puro é a dominação burocrática” (Weber, 1991:128). E além da especificidade

<sup>97</sup> Em um determinado Ministério os pastores se referem ao seu pastor-presidente como: “Reverendo pastor doutor fulano”. Conquanto “reverendo” nunca tenha sido uma titulação assembleiana, e o “doutor”, no caso, seja uma titulação honorífica fraudulenta, pois se trata de um título sem reconhecimento oficial.



dessa racionalidade estatal, estão aqui, nesta categoria, as empresas capitalistas. Nascidas, construídas e, no momento na análise weberiana no início do século XX<sup>98</sup>, aparecem em amplo processo de consolidação no mercado, marcadas fundamentalmente por uma *racionalidade econômica*.

Portanto, tem legalidade “em função do Estatuto”. Leis, processos e legalidades são sancionados não de acordo com pessoas carismáticas ou tradições consolidadas, mas em função da necessidade e eficiência da racionalidade, principalmente a racionalidade econômica, pois o “ideal é proceder sem a menor influência de motivos pessoais e sem influências sentimentais” (Weber, 1999:129). O poder e obediência são devidos à legitimidade das ordenações instituídas.

Apesar da definição reducionista de Estado, como “legalização da violência”, Weber vai chamar atenção da “fundação do Estado moderno” como marcado pela profissionalização de seus componentes, cujos servidores não mais serão escolhidos por pertencimento ao clã, por beneficiamento e hereditariedade consanguínea de nobreza ou por indicação parental, mas por capacitação profissional, pois os cargos dessa burocracia também serão preenchidos de forma eletiva, visto que até mesmo os elementos de produção da violência legal do Estado, agora necessitam de uma profissionalização.

Conquanto seu estudo seja da burocracia estatal e empresarial, é interessante a sua aplicação na religião. Os demais tipos de dominação, examinados mais adiante, são um tanto óbvios em relação à estrutura funcional da religião – de qualquer religião. Um modelo *tradicional* ou *carismático* é sinônimo de um fato religioso. De outra forma, é quase impossível uma religião não ter carisma e não ter tradição. Mas como uma religião poderia ter uma *burocracia legal* e, ainda por cima, ser uma expressão da racionalidade econômica? Impossível? Nem tanto. E Weber comprova.

Seu texto mais conhecido, “*A ética protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo*”, de 1914 e 1920, exemplifica magistralmente isso: certo tipo de religião, em determinada época, com distintas características, foi burocratizada e consolidou-se a partir de um amplo processo de legalidades instituídas, e demonstrou ser usuária de uma maior racionalidade econômica e cultural, em relação às demais<sup>99</sup>.

---

<sup>98</sup> É sintomático que ele tenha percebido isso, em 1917: “as formas de dominação burocrática estão em ascensão em todas as partes” (Weber, 1991:130).

<sup>99</sup> “Embora o homem moderno (...) geralmente não seja capaz de imaginar o efetivo alcance da significação que os conteúdos da consciência religiosa” (Weber, 2004:167).

### **Dominação racional e a MPAB.**

É visível a mudança das ADs nos dias de hoje. Desde a profissionalização da base ministerial das igrejas, passando por peculiaridades como o serviço de som, a zeladoria, as publicações, as músicas, etc., até o topo do ministério pastoral nas igrejas-sedes (que se assemelham a “templos–shoppings”). As Convenções se realizam não mais em templos, mas em Centros de Convenções profissionais, e a burocracia da CGADB, e similares, é imensa. Aliás, foi este amplo e competente processo de adequação racional que sua editora, a CPAD, se tornou uma das principais editoras evangélicas, enquanto suas similares confessionais faliram e fecharam.

A mudança é para além de física, corporativa e econômica; também se deu (e continua se dando) em sua natureza eclesial, como, por exemplo, na participação das mulheres nos cultos, dos músicos e *ministérios orgânicos*; além da exigência de formação teológica para os obreiros e titulação para os pastores.

## **2.2 - PERIODIZAÇÃO HISTÓRICA**

Religiões em geral têm uma relação mística com seus textos sagrados. O pentecostalismo assembleiano faz uma leitura absolutamente mistificada do livro de Atos dos Apóstolos<sup>100</sup>, texto bíblico que é usado por todo o movimento pentecostal como confirmação da “herança apostólica pentecostal”, como “fiança” de veracidade, “atestado” de legitimação bíblica. Justifica-se, principalmente, pois é nele relatado o episódio conhecido como “Dia de Pentecoste” onde, segundo o relato, aconteceram as primeiras manifestações de línguas, que deram surgimento ao fenômeno pentecostal.

As ADs frequentemente querem se identificar com o Atos dos Apóstolos, por um motivo bastante óbvio: A igreja de Atos nasce no dia de Pentecoste. E esta igreja tem seus desdobramentos cronológicos, dentro desta tipologia de *movimento, instituição e corporação*. Vamos conceituar e descrever cada período a seguir. Evidentemente que a leitura que essa igreja faz do livro de Atos é puramente fenomenológica; nada muito diferente da leitura que ela faz de sua própria história: no passado, a vinda dos dois suecos é fruto de uma “revelação divina”; no presente, a permanência de José Wellington por décadas na presidência da CGADB é “vontade divina”.

---

<sup>100</sup> O livro dos Atos dos Apóstolos faz parte do Novo Testamento, a segunda parte da Bíblia. Segundo a tradição, foi escrito por Lucas, médico companheiro do Apóstolo Paulo em seu ministério missionário. Como em todos os textos sagrados, há divergências sobre autoria e veracidade historiográfica. As questões de crítica textual não alteram nosso trabalho, servem apenas para confirmar em ambos os casos a leitura mistificada da historiografia. Não é o caso de se questionar a historiografia ou mesmo a veracidade de sua autoria ou escrita. Usamos o livro tão somente como mera indicação histórica.

### a) O movimento pentecostal de 1911 a 1946.

Pois, a promessa é para vocês, para seus filhos e para todos os que estão longe, para todos quantos o Senhor, o nosso Deus, chamar Atos, 2.39.

A Igreja dos Atos, em seus primeiros dias, não tem liderança institucional e oficial com cargos e títulos. Não tem templo, por conseguinte nenhuma distinção entre clero e membresia; nem gênero ou seleção de raças, pois, segundo o relato bíblico, a “promessa é para todos”.

“Todos”, nas primeiras décadas assembleianas, de fato eram *todos*. Pois a igreja é formada indistintamente por todos. Ela não tem clero e membresia, tem “seguidores”; não tem templo e órgãos institucionais, tem uma “revelação”; não tem pretendas, cargos ou títulos, tem um “carisma”.

O que são as ADs, então? Um *movimento*.

Como já foi dito, esta divisão histórica não é fixa nem absoluta, além de não existir “tipos puros”. Este *movimento*, porém, desde seu nascimento tem sintomas de institucionalização. Na Igreja de Atos, nos seus primeiros anos, a medida que cresce se faz necessário instituir *diáconos* (Atos 6:1-7), cuja qualificação pretendida era que fossem “homens cheios do Espírito Santo”. Homens, apenas. Aqui nascem os títulos, as hierarquias entre apóstolos e diáconos. O episódio é ímpar: toda a problemática se dá porque a igreja cresce e, com isso, a membresia pobre aumenta. Então a igreja inicia uma distribuição diária de alimentos para as viúvas judias, enquanto as viúvas gregas são “esquecidas diariamente”. É um problema econômico, político e racial, que produz a necessidade da instituição. A igreja se reúne e resolve. Na solução em “oração e sob inspiração do Espírito Santo”, ficam explícitas: as hierarquias, o preterimento das mulheres e a distinção da membresia.

O “movimento pentecostal” não vai fazer diferente. Apesar de sempre realizar suas atividades em “oração, revelação e sob orientação do Espírito Santo”, isso **não a** afasta dos problemas, antigos e novos. Se autodenominar “movimento” nos primeiros anos faz algum sentido, mas L. Pethrus, na apresentação que faz da biografia de Gunnar Vingren, em 1968, diz o seguinte:

Muitos esforços têm sido feitos para dividir esse *movimento*; outros têm procurado organizá-lo como uma *denominação*, mas até agora sem êxito. As igrejas, conforme foram formadas e fundadas pelos pioneiros Vingren e Berg segundo o *modelo apostólico* (Vingren, 19773:6, grifos meus).

Quando ele fala em “movimento” e “denominação”, está pensando no contexto sueco de “igrejas livres” em contraposição à igreja estatal na Suécia? Na sua primeira viagem ao Brasil, em 1930, ele poderia ser desculpado, mas escrever isso 1968? O que

ele viu em 1967, na 8ª. Conferencia Mundial Pentecostal no RJ, não era uma denominação? Ingenuidade? Desinformação? Ou a “síndrome sueca pentecostal” de aversão institucional? (vamos retornar ao assunto no ponto 6.4).

Inicia-se como um movimento e mantém ainda hoje algumas características do mesmo, mas em outubro de 1946, trinta e cinco anos depois da igreja fundada, na Convenção em Recife, assume uma personalidade jurídica.

#### **b) A instituição pentecostal: 1946-1988.**

*Os apóstolos e os presbíteros se reuniram para considerar esta questão: Atos 15.6.*

O episódio da instituição dos diáconos no início da Igreja Primitiva já revela a tensão das questões econômicas, políticas e raciais, e estas não desaparecerão. Novos membros, novas etnias, novos costumes, novas manifestações e as relações religiosas com os judeus se agravando; terminam por afastá-los do templo e começam a se reunir nas casas familiares. Mas quem pode participar? Somente judeus? Gentios e judeus podem celebrar juntos? Mais grave: gentios que se convertem devem adotar os costumes judaicos de guardar o sábado e circuncisão? Uma igreja - *eclésia*: povo reunido<sup>101</sup> - que convivía com manifestações de curas, ressurreições, línguas, revelações (segundo o texto registra), também é afetada por outras questões.

No capítulo 15 do livro de Atos, reúnem-se os presbíteros de diversas igrejas para, depois de um “grande debate”, tomar uma decisão. E o registro historiográfico faz um malabarismo ímpar das tensões entre as lideranças<sup>102</sup> e a “ação do Espírito”. Solução final: “Na verdade, pareceu bem ao Espírito Santo e a nós” Atos 15.27.

“Nós e o Espírito Santo” será um vetor (não assumido) para todas as questões das ADs. Lá o Espírito Santo não decidiu sozinho; aqui, idem. Resta saber até onde o “nós” concorda com o Espírito Santo ou o sobrepuja; afinal, como Weber (2002:197) nos ensina, “*Não as ideias, mas os interesses materiais e ideais, governam diretamente a conduta do homem*”. É possível identificar os “interesses do Espírito Santo” em distinção aos “interesses dos homens”?

Segundo versão oral do Pr. João Kolenda Lemos<sup>103</sup>, quando as máquinas impressoras da futura CPAD, chegaram ao porto do RJ, trazidas por seu tio JP Kolenda<sup>104</sup> dos EUA, não havia como e quem recebê-las, pois não existia uma

<sup>101</sup> Eclésia é o termo grego para “povo reunido”. É muito interessante que os termos fundantes dos Atos – *Eclésia*, *diaconia*, *presbitério*, sejam originalmente adjetivos. Indicam as qualificações e adjetivações do estado da coisa e das pessoas. Atualmente, eles são substantivos.

<sup>102</sup> Se houve *debate* havia “contras” e “prós”. Não fica claro nesse texto, mas na epístola de Paulo aos Gálatas, o “grande debate” que se deu se personaliza entre ele e Pedro.

<sup>103</sup> Entrevista pessoal dia 20/01/2011.

<sup>104</sup> A interessante biografia de JP Kolenda (Brenda, 1984) precisa ser “lida nas entrelinhas” para se entender essa disputa.

instituição oficial registrada. Isso é exemplar de como esta igreja foi se formando. Oficial e obrigatoriamente a CPAD vai ter um “estatuto simples e provisório” (Araujo, 2007:166) em 13 de março de 1940, por causa de um decreto do DIP<sup>105</sup>, no governo Getúlio Vargas (1937-45)<sup>106</sup>. A questão é que até essa data não havia uma Convenção com Estatuto, não havia um registro de personalidade jurídica. É o primeiro? Não existia um registro em outra cidade ou Estado? Sim ou não, é significativo que no RJ, a então capital do país, isso vai acontecer depois de quatro décadas de existência por exigência do Governo.

Uma dominação tradicional baseia-se em confianças nas instituições, cuja legalidade se dá agora na “cotidiana santidade das tradições vigentes” (Weber, 1998:141), e a obediência nasce na representação dessa autoridade. Nos Atos, são os presbíteros que resolvem. Agora, nas ADs, há uma Convenção e um Estatuto para burocraticamente seguir. Nas falas dos pastores nas Convenções surge reincidentemente o mote “na tradição das ADs”, “nos moldes antigos”, “preservação da doutrina e dos bons costumes”. Afinal, o Espírito Santo guia, revela e dirige a igreja - o Espírito e “nós”. Neste sentido, a historiografia bíblica é mais honesta, lá se admitiu que os “interesses humanos” também tinham validade; já no modelo pentecostal assembleiano é recorrente o discurso hipócrita que garante que tudo e todos são dirigidos exclusivamente pelo Espírito Santo. Os interesses – bons e/ou maléficos - dos líderes, dos Ministérios, das corporações são colocados na cota do Espírito Santo.

### **c) A corporação pentecostal: 1988-2011.**

Algun tempo depois Paulo disse a Barnabé: “Voltemos para visitar os irmãos em todas as cidades onde pregamos a palavra do Senhor, para ver como estão indo”. Barnabé queria levar João, também chamado Marcos<sup>107</sup>. Mas Paulo não achava prudente levá-lo, pois ele, abandonando-os na Panfília, não permanecera com eles no trabalho. Tiveram um desentendimento tão sério que se separaram. Barnabé levando consigo Marcos, navegou para Chipre, mas Paulo escolheu Silas e partiu, encomendado pelos irmãos à graça do Senhor. Passou, então, pela Síria e pela Cecília, fortalecendo as igrejas. Atos 15.36-41.

A igreja cresceu. Explodiu em crescimento e com ele vieram os problemas. Muitos problemas. Na Igreja Primitiva, nos primeiros capítulos dos Atos, todas as tensões são externas: perseguição dos judeus, aprisionamentos pelos romanos, etc. A medida que a Igreja cresce surgem também problemas internos. Agora, estruturada em

<sup>105</sup> O *Departamento de Imprensa e Propaganda* proibiu em 25/08/37 o uso de língua estrangeiras em qualquer atividade do país, e mais à frente a publicação de jornais ou revistas que não fossem registradas em uma entidade oficial.

<sup>106</sup> A ênfase aqui é o modelo anárquico assembleiano, mas o país no geral era assim, gerando a necessidade do decreto do Governo.

<sup>107</sup> Detalhe que o narrador dos Atos não registra: João Marcos é sobrinho de Barnabé.

hierarquias, estabelecida em tradições e ritos, os problemas externos já não são os mais importantes. É dentro dela que mora seu maior desafio.

As primeiras viagens de Paulo e Barnabé são evangelísticas, missionárias. Eles levam o evangelho, a “novidade”. Na segunda e terceira viagens eles vão “visitar os irmãos e ver como eles estão indo”. São viagens de confirmação da tradição. Acabou-se a novidade. O carisma já se rotinizou.

Seria um anacronismo imenso aplicar neste período da história do cristianismo, uma das características principais da dominação burocrática, que é a *racionalidade econômica*. Isso inexistiu no período da Igreja Apostólica, mas não tanto. Capitalismo, dinheiro e relações econômicas sempre existiram; e isso, nas devidas proporções, também na Igreja Primitiva. Afinal, a racionalidade ocidental tem, segundo Weber, suas origens no profetismo judaico.

Na dominação racional burocrática obedece-se a estatutos, leis e processos. As relações econômicas são um detalhe da questão, pois uma das especificidades da racionalidade econômica ocidental, é que existe agora uma profissionalização nas empresas; há pessoas profissionalmente hábeis e outras inadequadas. Ademais, os servidores agora pagos não são mais escolhidos por algum grau de parentesco – como nas relações do patrimonialismo e sultanismo passado. Por mais que o modelo da Igreja Primitiva fosse de altruísmo, voluntarismo e de carisma absoluto, pois Paulo e Barnabé vão para a primeira viagem a partir de uma “revelação do Espírito” em Antioquia, eles são escolhidos pelo Espírito, mas um deles leva um parente. É a “ação” do Espírito, e de “nós”, simultaneamente. Nos próximos atos, envolvendo a logística da viagem, processo de consolidação da tradição, rotinização do carisma, relações de grupos de status<sup>108</sup>, Paulo não aceita mais como assistente João Marcos, sobrinho de seu amigo Barnabé. O “desentendimento sério” ocasionou a dissidência e surgiu um novo “Ministério”. Neste mesmo período, Paulo relata na sua epístola aos Gálatas, que inicia um “Ministério aos Gentios”, enquanto Pedro e os demais fazem “Ministério aos Judeus”. As ADs, divididas em grupos, então, têm escola?

A partir da década de 80, há uma profissionalização nas ADs. Desde a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil - CGADB até as mais simples congregações periféricas, há uma necessária adaptação ao novo modelo<sup>109</sup>. Pela disputa dos *Ministérios Corporativos* (interna) e pela imensa concorrência que irá sofrer de

<sup>108</sup> *Campo, subcampo, gosto de classe, estilo de vida, demandas, produtores e consumidores de bens simbólicos*, são conceitos fundamentais trabalhados por Bourdieu (1999).

<sup>109</sup> Vamos aprofundar essa discussão no tópico Convenção, mas principalmente no conceito de “templo-shopping”.

denominações mais hábeis (relação com outras igrejas) nas suas relações com o mundo<sup>110</sup>, as ADs se reinventam.

### CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A PERIODIZAÇÃO.

A periodização é válida e se justifica, mas não é fixa e absoluta. Aqui é usada como recurso didático; a delimitação do tempo cronológico viabiliza melhor o entendimento dos processos, mas em hipótese nenhuma com a pretensão de pensar a história assembleiana em uma cronologia natural, fechada e contínua; de forma positivista. Conquanto a tese possa analisar cronologicamente o desenvolvimento histórico assembleiano, também vai diacronicamente relacionar aspectos<sup>111</sup> dessa igreja em suas idas e vindas com a história do país.

Há idas e voltas, tensões e concessões, rupturas e continuidades, os fenômenos<sup>112</sup> característicos de cada período histórico se repetindo noutro. Combinando com a teorização weberiana, de que as dominações não são isoladas, estanques e puras, mas concomitantes, interdependentes e, em alguns momentos, até mesmo dialéticas. Então, o primeiro período histórico é majoritariamente carismático, mas já neste momento também características institucionais e estamentais; o segundo momento é tipicamente tradicional, mais ainda muito carismático e já com alguma racionalidade econômica. No terceiro período, aí sim, temos um domínio burocrático racional. Mas as ADs ainda mantêm muito do ideal carismático (de líderes), têm uma gerontocracia dominante. Existem, portanto, na atualidade, “ilhas de racionalidade econômica” (a CPAD é um dos melhores exemplos) marcadas pelo patrimonialismo somado a um discurso carismático recheado do mais pleno tradicionalismo. Moderna, mas conservadora.

Milhões de assembleianos com milhares de pastores e milhares de igrejas do Oiapoque ao Chuí, em condições econômicas distintas, em camadas sociais diversas, com modelos diferentes. Uma e muitas. Precisamos ter uma tipologia que dê conta desse assembleianismo multifacetado. Propomos, então, quatro tipos: o *assembleianismo rural*, *assembleianismo urbano*, *assembleianismo autônomo* e *assembleianismo difuso*.

<sup>110</sup> Weber acentua que, quanto maior a racionalidade econômica, maior será a relação de tensão com o mundo (1991:144)

<sup>111</sup> Cinco questões-chaves na análise assembleiana: mídia, convenção, ministério, educação teológica, gênero e templo.

<sup>112</sup> No final de cada capítulo, faremos uma análise tripla de conceitos, fatos e personagens que são símbolos e síntese da época. A ideia vem de DaMatta (1990:24) em sua análise de *ritos e personagens*.

### 2.3 - TIPOLOGIA ASSEMBLEIANA:

O processo de mudança – continuidades e/ou rupturas – desta igreja acompanha inevitavelmente o caminhar histórico do Brasil. Acompanhar os cem anos do pentecostalismo brasileiro é também acompanhar conceitos, fatos e personagens que constroem ideais típicos da identidade brasileira. No final de cada seção, a partir desta tipologia, iremos delimitando, dentro do possível, o que se entende como sendo a *identidade assembleiana pentecostal brasileira*.

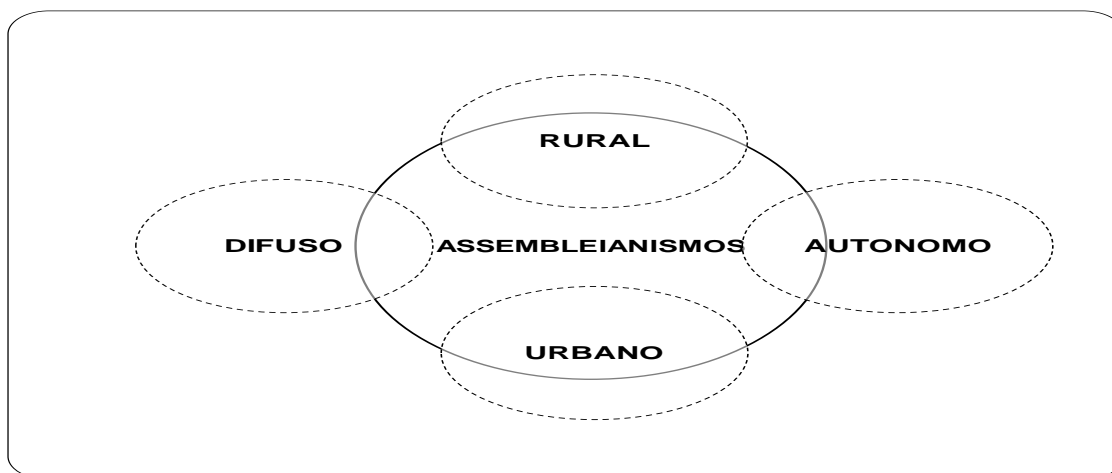
No Brasil nunca existiu uma *Assembleia de Deus*, mas *Assembleias*, no plural (ver tópico sobre as Convenções e Ministérios). Muito mais que Ministérios distintos, Convenções concorrentes, igrejas divergentes, estilos diversificados à natureza existencial das *identidades assembleianas brasileiras*, as ADs se consolidam de forma plural. Como afirmar ou entender, então, essa denominação secular, com centenas de grupos e de milhares de membros? Com uma tipologia que não pretende cercá-la definitivamente, mas aproximar-se da realidade<sup>113</sup>, em conclusão temos o seguinte: *existem muitos assembleianos e diversas Assembleias, portanto, temos muitos assembleianismos!*

Quando propomos essa polissemia de *assembleianismos*, temos como proposta típica ideal, uma aproximação da realidade, não ela plenamente. Ademais, é fundamental dizer: os assembleianismos são divergentes, mas convergentes; distintos, mas interdependentes; isolados, mas conjuntos; utópicos, mas concretos. Ou seja, não existe e ou nunca existiu, no tempo (as três periodizações históricas definidas) e no espaço (seja em Ministérios, Convenções ou mais especificamente em um espaço geográfico), um *assembleianismo urbano, rural, autônomo e difuso* de forma pura. Eles existem em concomitância e alternadamente se apresentam, às vezes, no mesmo período e no mesmo local; não é uma delimitação histórica ou geográfica, mas um conceito de mentalidade. Mais ainda: uma mesma congregação, igreja, ou Ministério tem, sim, elementos residuais de um *assembleianismo urbano* e, ao mesmo tempo e local, nuances de *assembleianismo rural*; idem, *assembleianismo difuso & autônomo*. Vamos a seguir caracterizar cada tipo isoladamente. Em alguns momentos, um tipo é mais majoritário e dominante que os demais, e as combinações desses quatro elementos são fundantes neste fenômeno.

---

<sup>113</sup> “A ciência pode fornecer conceitos e juízos que não constituem a realidade empírica, nem poderia reproduzi-la” (Weber, 2006:104).





#### a) Assembleianismo Rural:

É dominante. No primeiro momento, por razões óbvias (pois o país é rural), mas mesmo na atualidade ainda é muito presente. Essa igreja nasce com *ethos rural* e mesmo em zonas urbanas mantém as características anteriores. Indicaremos três características fundamentais: a mentalidade rural, a estrutura patriarcal da liderança e o abismo comportamental entre Igrejas Sedes e Congregações.

*A mentalidade rural.*<sup>114</sup> Cidades, nas décadas de 1910 a 1950, pequenas, agrícolas, dominadas pelas relações de compadrio, apesar de serem zonas urbanas, tinham mentalidade rural. A religiosidade popular católica foi seu berço, daí a mistificação dos santos e rezadeiras foi transposto para o modelo hierofânico da bibliolatria e das orações e revelações dos profetas e profetisas, algo que Décio Passos (2001) aponta como “resíduos católicos no pentecostalismo”.

*A estrutura patriarcal e estamental da liderança* (Weber, 1991:132). No primeiro, os servidores “são recrutados em total dependência pessoal do senhor”; e no segundo, as relações se baseiam em “privilegio ou concessão do senhor”. Um Ministério ou uma convenção, na cidade com toda a tecnologia e administração profissionalizada, não perde este caráter: sua construção gira em torno de clientelismo e mandonismo. Herança do modelo coronelista das zonas rurais, onde o poder privado do dono da fazenda rivalizava e substituí a o poder público ausente. O modelo de administração assembleiana se molda na passagem da *República Velha* para o *Estado Novo*. A instauração de Ministérios com suas congregações e subcongregações, de alguma forma

<sup>114</sup> A maioria dos municípios brasileiros é composta de pequenas cidades. “Os pentecostais se localizam na primeira coroa, quer dizer, na periferia imediata ao município central das regiões metropolitanas. Em muitas delas, entre as mais importantes do país, observa-se uma configuração em forma de anel que traduz uma forte implantação na quase totalidade dos distritos e subdistritos da periferia. Este é principalmente o caso de Belém, Recife, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Na região metropolitana de Belém, os pentecostais ultrapassam 18% da população (...) no Rio de Janeiro, os pentecostais cercam o município por todos os lados” (Jacob, 2003:40). Pentecostais em Belém são majoritariamente assembleianos.

repete – mal ou bem – o modelo do peleguismo do Estado Novo<sup>115</sup>. Ainda hoje, o modelo é dominante mesmo em zonas urbanas e em igrejas modernas e ricas; pastores presidente, na ausência de um poder central nacional, são os “donos” da igreja; uma degeneração do “episcopalismo vitalício” (Alencar, 2010).

A expressão “coronelismo nordestino”, usada por Freston (1994:86) e muitos outros, é problemática e não dá conta plenamente do fenômeno. Primeiro, o modelo coronelista brasileiro não é uma especificidade do Nordeste, é muito mais amplo. D’Epinay em sua pesquisa sobre pentecostalismo no Chile, na década de 60, indica a mesma coisa, porém usando outra expressão, o “hacendado” (fazendeiro), relacionando-a na conotação de pastor-caudilho (1970:140-148). Uma igreja ou *Ministério Corporativo* é um latifúndio onde seu dono – pastor-presidente, o fazendeiro – reina absoluto e soberanamente<sup>116</sup>. Portanto, a questão é muito mais inerente à natureza e exercício do poder, que uma especificidade do nordeste brasileiro. Segundo, a palavra coronelismo remete a um estilo essencialmente *militarizado*, algo que se diferencia em relação às igrejas. A proposta de *disciplina* e *dominação* (ponto 1.1.3), tanto religiosa como militar, estão bem próximas, no entanto são distintas. A legalidade carismática é da pessoa do líder e não da instituição, portanto a obediência é ao líder; já no modelo militar, a obediência é à tradição. Neste caso, a segunda periodização assembleiana, por ser majoritariamente tradicional, está mais próxima desse contexto militar, conquanto entendemos o conceito “coronel” e similares mais com títulos honoríficos e menos como patentes militares. Mesmo assim, o exercício da dominação e da disciplina eclesiástica é resposta ao tipo de líder que a exerce; sua legalidade se dá porque o pastor é “homem de Deus” e não deve ser desobedecido como “autoridade divina”. Ainda mais, como observa Weber, na ambiência religiosa é uma “obediência consentida” pelos seguidores, distinta da obediência do Estado é que unilateral, daí uma “violência legal”.

*O abismo comportamental entre Sedes e Congregações.* Nas igrejas-sede, as cobranças legalistas – quando existem – no que tange as vestimentas femininas ou a proibição de praticar esportes para os homens, são raras e tímidas, mas nas congregações os que infringirem essas interdições são “disciplinados” compulsoriamente. Aqui em SP (desnecessário ir ao interior do país ou procurar isso em década passadas),

<sup>115</sup> A figura do “pelego”, enquanto um agente do Estado e também articulador dos sindicatos, mediando direitos individuais e do Estado, como uma das marcas do Estado Novo, no governo do Getúlio, vai servir de “modelo” para a institucionalização e relação de poder entre as Igrejas-Sede/ Pastores-Presidentes e os líderes das congregações.

<sup>116</sup> E como retrocessos podem acontecer, os latifúndios agora estão se tornando *capitanias hereditárias*. Os pastores-presidentes têm preferencialmente colocado filhos e genros como “pastores herdeiros” das igrejas-sede, enquanto nas congregações há rotatividade de liderança (vamos retornar ao assunto no ponto 4.2 -b).

nas congregações de periferia, por causa do absolutismo da liderança, um pastor ou dirigente proíbe uma jovem de cantar porque cortou o cabelo, mas nas sedes, as jovens fazem isso sem nenhum problema. A partir daí se pode deduzir que, mesmo em igrejas sediadas nas capitais ou zonas urbanas, há uma liderança com mentalidade de “fazendeiro”. Essa esquizofrenia se agrava por causa dos programas de TV assembleianos. Jovens assembleianos na periferia são disciplinadas por causa de corte de cabelo, pintura, etc., mas as apresentadoras dos programas oficiais da igreja se apresentam com cabelos cortados e com maquiagem<sup>117</sup>.

*A densidade assembleiana nas pequenas igrejas.* Existem de fato grandes igrejas e grandes templos assembleianos no Brasil, mas a grande maioria é de igrejas médias e pequenas, exatamente porque dos 5.565 municípios brasileiros, 4.841 têm entre 2.000 a 50.000 habitantes, 86,9% dos municípios são pequenos, portanto, com pequenas igrejas. Apenas 15 cidades brasileiras têm mais de um milhão de habitantes nas capitais<sup>118</sup>, portanto, são igrejas pequenas – girando em torno de 2 a 5% da população da cidade.

Número de Municípios e População nos Censos Demográficos por tamanho da população							
Tamanho da População	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Até 2.000	3	15	56	56	58	105	118
De 2.001 a 5.000	65	263	602	610	682	1.225	1.183
De 5.001 a 10.000	349	651	1.058	957	1.055	1.312	1.212
De 10.001 a 20.000	615	847	1.159	1.114	1.299	1.382	1.401
De 20.001 a 50.000	691	783	826	872	926	958	1.043
De 50.001 a 100.000	128	143	157	240	284	301	325
Mais de 100.000	38	64	94	142	187	224	283
De 100.001 a 500.000	35	57	83	124	162	193	245
Mais de 500.000	3	7	11	18	25	31	38
Total	1.889	2.766	3.952	3.991	4.491	5.507	5.565

Fonte IBGE – Censo 2010.

### **b) Assembleianismo Urbano<sup>119</sup>:**

É majoritário em um país urbano, mas é apenas uma mera questão quantitativa. A “urbanidade” das igrejas está mais na sua pluralidade; é urbana por ser múltipla e diversificada – e não, absolutamente, por ter valores urbanos. Diferentemente de décadas atrás (ou mesmo hoje, em uma zona rural que tem apenas uma igreja ou um Ministério), nas zonas urbanas há mais de uma igreja ou mais de um Ministério, e isso produz uma diversidade mínima: no modelo de liderança, nas articulações eclesiais, na própria diversidade assembleiana.

<sup>117</sup> No ano 2011, em diversos programas do Movimento Pentecostal, se divulga o DDV do *Grupo Hebrom*, da AD em Cachoeira do Itapemirim-ES, contratado da *Gravadora CPAD Music*. Os músicos e cantores/as dançam e as meninas usam brinco. Um grupo local de jovens de uma congregação que se atreve a fazer igual só cantará uma única vez...

<sup>118</sup> São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Brasília, Fortaleza, Recife, Porto Alegre, Belém, Goiânia, São Luis, e as cidades paulistas de Guarulhos e Campinas.

<sup>119</sup> “Os pentecostais habitam mais as zonas urbanas que as rurais, congregam mais mulheres que homens, mais crianças e adolescentes do que adultos, e mais negros, pardos e indígenas do que brancos” (Jacob, 2003:40).

Em todos os Estados da Federação há, no mínimo, três convenções e/ou *Ministérios Corporativos* oficiais, um ligado à CGADB e outro à CONAMAD, e uma quantia incalculável de *Ministérios autônomos* (ver Anexo II). Resultado: quando um membro se indis põe graças à alguma questão, ou se vê impossibilitado de exercer algum Ministério (estamental ou orgânico), ou fica interdito por algum preceito ou costume, pode mudar de igreja e assim permanecer “assembleiano”. Muda-se apenas o Ministério, mas mantém a “identidade assembleiana”. E isso pode acontecer com indivíduos ou igrejas. Os Ministérios nascem, morrem ou ainda se propagam majoritariamente por disputa. Uma igreja não quer seguir a liderança, ou o estilo daquele Ministério, então adere a outro, ou, ainda mais prático, autonomiza-se e funda um novo Ministério. Algo impossível em décadas atrás, e com poucas chances de ocorrer em um domínio rural.

Da mesma forma que trabalhadores rurais têm extrema dificuldade de plantar seu próprio roçado e/ou escolher o que plantar – vai, portanto, seguir a cartilha do dono da fazenda –, igrejas ou membros são regidos e controlados dentro de um Ministério em uma dominação/tradição por um modelo de gerontocracia e patrimonialismo. Já em um espaço urbano, com maior diversidade, qualquer líder ou liderança sabe que há pluralidade de opções assembleianas na praça. Conquanto urbano quantitativamente se apresenta rural, qualitativamente.

### **c) Assembleianismo Autônomo:**

É intrínseco à natureza assembleiana por causa de sua origem e de sua construção. Cada igreja é uma assembleia, uma igreja autônoma, em especial graças ao modelo sueco de ligação apenas “espiritual” entre as igrejas. Se proposital ou não, as interdependências entre comunidades eram fluidas e informais, conquanto entre os líderes formais. O surgimento da Convenção, em 1930, não foi uma reunião de igrejas, como o modelo congregacional exige, mas uma reunião de missionários/ pastores para resolver a “grave crise”.

Temos primeiro uma autonomia oficial, pois nenhuma igreja no Brasil, para existir, precisa ser filiada a um organismo específico, seja a CGADB, ou uma Convenção estadual, Ministério ou outra igreja local. E existem diversas igrejas assim: sem nenhuma filiação ou ligação institucional, pois nasceu de um esforço pessoal ou de um grupo, e assim vive.

Mais grave ainda é a profusão de assembleias para todos os gostos. Dos mais exóticos e folclóricos aos mais conservadores e puristas<sup>120</sup>. Conservando o nome, ou não. Percebe-se que, mais importante do que o nome “assembleia”, é manterem algumas características típicas assembleianas<sup>121</sup>: hinologia<sup>122</sup>, usos e costumes, estilo de liderança, militância proselitista, isolamento do mundo, etc.

**d) Assembleianismo Difuso:**

Da mesma forma como as ADs se espalharam e alcançaram o Brasil aleatoriamente, suas marcas também influenciaram todo o universo evangélico, mais precisamente o pentecostal. A disseminação do *assembleianismo* vai fazer com que todos os demais pentecostalismos lhe respondam afirmativa ou negativamente.

O rigor na indumentária, a sobriedade do vestuário, o legalismo de usos e costumes, o puritanismo da moralidade, a militância aguerrida na evangelização, o apoliticismo nas questões sociais, o espiritualismo na leitura do mundo, o fundamentalismo e literalismo na leitura bíblica, o caciquismo da liderança, o despojamento e localização periférica dos templos, dentre outras questões, não são exclusividades assembleianas; mas por sua natureza fundante, terminaram de alguma forma marcando todas as demais igrejas pentecostais. No atual modelo neopentecostal, algumas dessas questões foram profundamente alteradas quando, coincidentemente, as ADs também alteraram, e muito, suas condutas a partir da década de 1980.

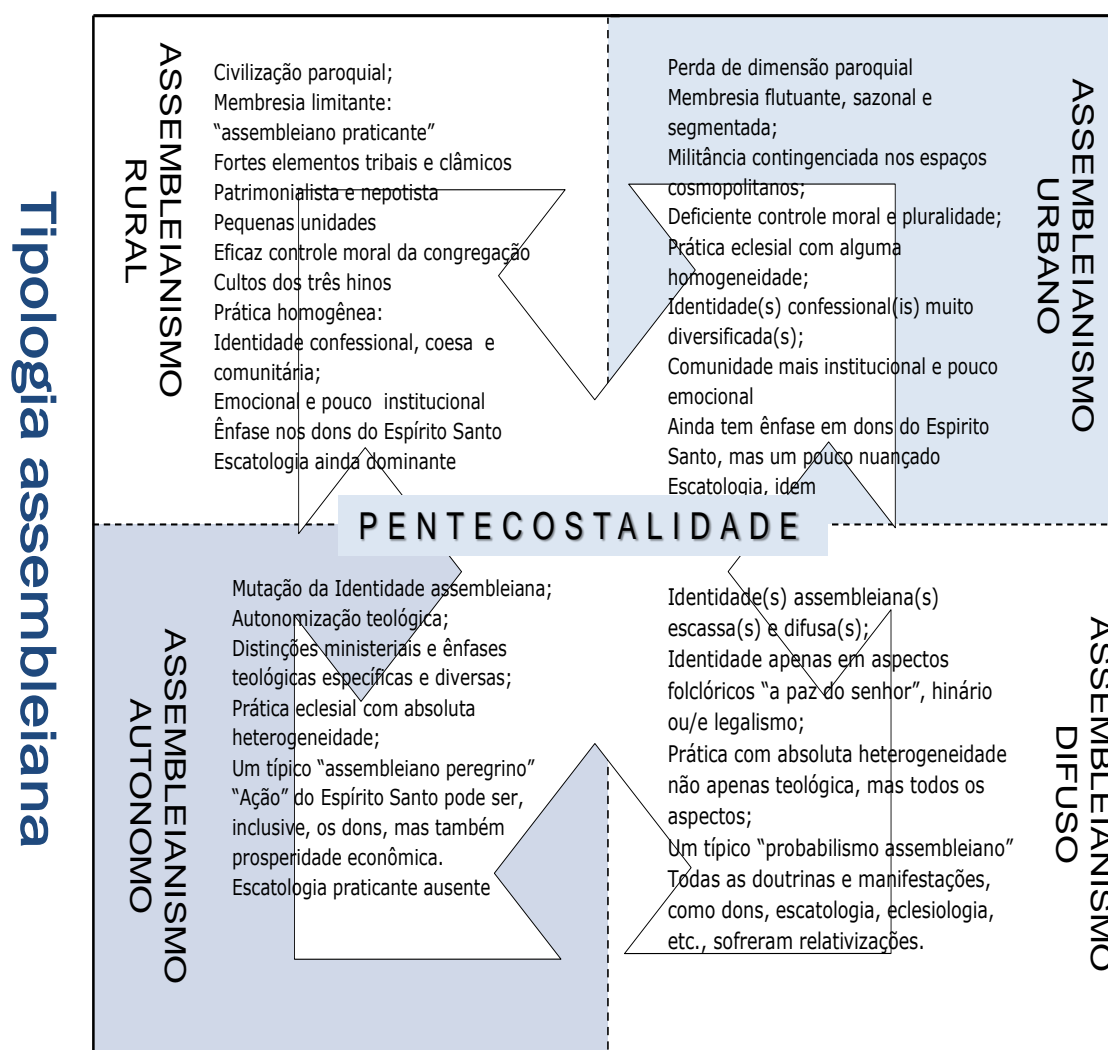
Os *assembleianismos* podem ser resumidos assim (ver quadro a seguir), conquanto o único detalhe em comum de todos eles seja a *doutrina da contemporaneidade dos dons do Espírito Santo*. Algo que o teólogo peruano, Bernardo Campos (1997), originalmente distingue como “pentecostalidade fundante” - enquanto razão primeira e fundamental da doutrina pentecostal - e os “pentecostalismos” - enquanto manifestações históricas e culturas de cada época. Em tese, a doutrina é a mesma, mas as interpretações e práticas sociais diferem.

<sup>120</sup> Ver Apêndice I e II

<sup>121</sup> Conversando com um pastor da *Missão Deus Vivo*, perguntei a ele quais as características de sua igreja. Ele optou por simplificar: “Nós temos muito da Assembleia!”

<sup>122</sup> Como no *Hinário das Igrejas Pentecostais, uma cópia da Harpa Cristã*.

## Quadro Tipologias Assembleianas



O que uma senhora de classe média alta, participante da RCC, tem em comum com uma jovem participante de uma CEBs e militante do MST? Ambas são católicas, mas com “novas formas de crer” (Fernandes, s/d). O que o monge, franciscano com voto de castidade, obediência e pobreza, tem em comum com um diocesano com propriedade privada, automóvel próprio e executivo de uma rede de escolas, editoras ou canais de TV? Também, ambos são católicos. Como nas ADs, a Igreja Católica tem grupos inteiramente distintos e antagônicos dentro dela, dos de extrema direita à extrema esquerda, dos mais altos estratos sociais aos mais baixos, dos mais liberais aos mais conservadores<sup>123</sup>, a grande diferença da Católica para outros grupos religiosos é que ela tem um núcleo central: o Vaticano. No caso das ADs, elas também têm alguns

<sup>123</sup> Membros da *Opus Dei* e da CCD – *Católicas pelo Direito de Decidir*, são católicos, mesmo que absurdamente distintos. E antagônicos.

“vaticanos” e muitos “papas”. Se na Igreja Católica um papa ou um Vaticano “resolvem” o problema, nas ADs, os muitos “vaticanos” e muitos “papas”, também resolvem. E também agravam.

Como já frisado na teorização e na história, as tipologias são um elemento de análise para, didaticamente, ajudar no entendimento. Um tipo ideal não é a realidade, pois esta não é dada, mas construída com escolhas de metodologia e de valores. “A ciência pode fornecer conceitos e juízos que não constituem a realidade empírica nem poderia reproduzi-la, mas que permite *ordená-la pelo pensamento* de modo válido” (Weber, 2006; 104, grifo do autor).

Não existe, portanto, uma igreja, um local e um tempo específico que seja um absoluto modelo de *assembleianismo urbano, rural, difuso* ou *autônomo*, exclusivamente. Os conceitos, fatos e personagens vão se manifestar de formas simultâneas, alternadas e interdependentes. Como na divisão cronológica em relação à teoria das dominações, em algum tempo ou espaço, há características majoritárias deste e não do outro; noutro momento e local, as mesmas questões podem ter outra leitura. Autônomos, mas interdependentes; juntos, mas diferenciados; misturados, mas distintos.

As tipologias, portanto, nos ajudam a ver este fenômeno em sua especificidade, mas também em sua generalidade. Nos próximos capítulos, utilizando a periodização didática e os seis elementos já indicados nas tipologias, iremos construir nossa teorização das *identidades assembleianas brasileiras*.

## CAPITULO III

### PRIMEIRO PERÍODO – 1911 a 1948

#### O MOVIMENTO PENTECOSTAL: A ILUMINAÇÃO DO CARISMA

*“Pois a promessa é para vocês,  
para seus filhos e para todos os que estão longe,  
para todos os quantos o Senhor, o nosso Deus, chamar”. Atos, 2.39.*

#### Introdução

Os estudos sobre o pentecostalismo dão como razão de seu crescimento basicamente duas coisas: a urbanização e o movimento migratório. No início desta primeira fase, não temos ainda urbanização, algo que vai se acentuar a partir dos anos 50, mas temos muita migração estrangeira e nacional, e, isso sim, será marcante para o crescimento do pentecostalismo.

Nesta primeira fase é um *movimento*, porque não tem ainda personalidade jurídica, oficialidade institucional, cargos, títulos e patrimônio; é a soma do altruísmo de alguns suecos, com a militância aguerrida de brasileiros, majoritariamente migrantes nordestinos. Não é uma fase “perfeita” e construída por gente “perfeita”. Tem também suas crises, inclusive pela forma anárquica como é dirigida em seus primeiros dias.

#### 3.1 - RELIGIÃO E SOCIEDADE NAS DÉCADAS DE 1910 A 1950.

Em 1910, o Brasil tinha 23.414.177 milhões de habitantes, a maioria na zona rural. A República tinha apenas 21 anos, sua capital era no Rio de Janeiro e havia no país, como no mundo em geral, um grande entusiasmo. Um aumento considerável da imigração europeia e muitas outras novidades; as grandes cidades já tinham bondes, linhas de trens, telefone e muitos jornais. O Brasil é o maior produtor mundial de borracha, no norte; e de café, no sudeste. O simbolismo desta riqueza foi a construção de belos e grandes teatros<sup>124</sup>. É então, na primeira década do alvissareiro século XX, que o pentecostalismo chega ao Brasil. É mais uma das muitas novidades vindas dos EUA, mas trazida por europeus.

<sup>124</sup> Em 1878, foi construído o *Theatro da Paz*, em Belém do Pará, em 1896, o *Teatro Amazonas*, em Manaus. Já no Rio e São Paulo os teatros municipais nasceram em 1905 e 1911, respectivamente.



Nas décadas de 1910 a 1950, à exceção das grandes capitais, as cidades ainda são pequenas, sem industrialização, com pouca ou nenhuma opção de universidades, sem TV, portanto, com mentalidade ainda agrícola. O que era uma cidade como Uruburetama<sup>125</sup>, no sertão do Ceará, em 1914, quando a irmã Maria de Nazaré levou a mensagem pentecostal? Lá não havia energia elétrica, automóveis, telefone, saneamento... – a lista do que não havia é imensa. Havia tão somente um aglomerado de casas de agricultores. Evidentemente que hoje, por menor que seja um povoado rural, possui energia elétrica e muitos dos “produtos” dos tempos modernos, o que altera significativamente a mentalidade dos moradores, e assim fazendo a região mais próxima às metrópoles. A tese da urbanização e sua consequente anomia não explicam completamente o crescimento do pentecostalismo assembleiano nas primeiras décadas.

Temos, também neste período, um domínio absoluto católico e a presença tímida de algumas igrejas evangélicas norte-americanas, com pouca penetração na cultura popular. O que mudou no Brasil nesses 40 anos? Além da urbanização, o campo religioso, pois se durante todo o século XIX os protestantes chegam a 1900 com a marca de apenas 1,1% da população, com a ajuda do pentecostalismo, em 1950 esse número sobe para 3,4%. Três aspectos são importantes para melhor entendermos a inserção do pentecostalismo assembleiano: a relação Brasil e Suécia, o cosmopolitanismo da cidade de Belém e a instauração da ditadura do Estado Novo, no governo de Getúlio Vargas.

Tabela no. – Relação Brasil & ADs – décadas de 1910 a 1950.

	1910	1920	1930	1940	1950
Pop. Brasil	17.438.434	30.635.605	37.675.436	41.236.315	51.944.397
Pop. Urbana	-	-	-	31%	34,4%
Pop. Rural	-	-	-	69%	55%
Católicos	-	-	-	39.177.880	48.558.854 93,5%
Evangélicos	177.727 1,1%	-	-	1.074.857	1.714.430 3,35%
ADs	20	-	13.511	-	120.000
CCB	20	-	30.800	-	

Fonte: IBGE. Em 1920, o Censo não mensurou religião; e, em 1930, não foi realizado Censo. Os dados sobre religião antes da década de 1940 são estimativas do Read (1976:122) e também do Rolim (1995). O Censo de 1940, o primeiro realizado pelo IBGE, usou a designação de “protestantes”.

<sup>125</sup> Em 1890 se torna vila, e em 1931 é levada a condição de município. Segundo dados do IBGE, em 2000 são 16.400 habitantes. E segundo a classificação de IDH-M – índice de Desenvolvimento Humano de Municípios, em 2000, marca 0,632.

### a) Brasil & Suécia no início do século XX.

Se o Brasil de 2011 é diferente do Brasil de 1910, a Suécia, obviamente, também não é mesma. Conhecer um pouco, dentro do possível, o que era a Suécia antigamente nos ajuda a entender as ADs.

Os suecos que fundam e estruturam as ADs eram, em sua maioria, pessoas de zonas rurais<sup>126</sup>, pobres, com pouca escolaridade, de tradição congregacional, membros de “igrejas livres”, portanto de cosmovisão parecida ao que encontram no Brasil. A exceção do espaço geográfico, a Suécia de hoje mudou muito, assim como o Brasil. Mas é bom notar que, em alguns aglomerados rurais, onde essa igreja nasceu pode ter havido uma diferenciação do número da população, a mentalidade não mudou tanto.

Em 1910, a Suécia tem 5.522.403 habitantes, dos quais 4.154.803 são de zona rural, ou 75% da população. Cem anos depois, a população sueca é de 9.415.570 habitantes. No Brasil, em 1910, temos 23.414.177 habitantes, um século depois essa população alcança 190.732.694 habitantes. Enquanto, em termos populacionais, a Suécia cresce apenas 61%, o Brasil cresce 815%. Mas em compensação, se no início do século XX a Suécia é um país agrícola e falido, e mais de um milhão e duzentos mil suecos “atenderam à voz do sangue (...) e ouviu o chamado da América”, dos quais dez mil vêm para o Brasil (Ekström, 2005), hoje é um dos países mais ricos do mundo, com renda *per capita* de U\$ 34.000, enquanto a do Brasil é de U\$ 8.200<sup>127</sup>.

Os suecos saem da pobreza para a fartura. A descrição da chegada da família Olof Nilsson, junto com dezenas de outros suecos, feita por Ekström (2005:37-38) é bem significativa para caracterizar quem eram os suecos e do que encontraram no Brasil.

A chegada ao Brasil, no dia 19 de julho de 1891, e a primeira recepção na Ilha das Flores (Rio de Janeiro), foi positiva e recuperou a saúde de alguns. Na ilha, o governo brasileiro exigia que os emigrantes ficassem em quarentena por uma semana. O local, segundo os relatos, era quase um paraíso. A ilha fazia jus ao nome; para os suecos, emigrantes de uma terra onde as flores só apareciam em alguns meses do ano, a exuberância da vegetação brasileira era inebriante. Podiam ver que a terra onde tinham chegado era, verdadeiramente, uma terra farta e produtiva. Boas acomodações, comida farta, frutas e legumes nunca vistos pelos pobres colonos suecos. O calor era forte, mas com a proximidade do mar, os viajantes podiam se banhar todo dia. As agruras da viagem foram esquecidas. Estavam, realmente, no paraíso. Tudo aquilo que havia sido prometido nos folhetos era verdade. O Brasil era um país maravilhoso. Até os mais céticos mudaram de opinião. Muitos agradeceram a Deus por terem feito a escolha de emigrar para este lindo país.

Dentro da construção ideal dos missionários, a capacidade altruísta deles é a mais falada. Constrói-se a Suécia como o melhor dos mundos e o Brasil o pior.

<sup>126</sup> A ênfase e financiamento do Governo brasileiro aos migrantes europeus é por trabalhadores rurais.

<sup>127</sup> Os dados estatísticos da Suécia foram consultados ao longo da pesquisa do “IBGE Sueco”, Statistiska Centralbyrån-Statistics Sweden no site: <http://www.scb.se/>

Presumivelmente, os missionários saíram de um país rico e desenvolvido, e chegam a uma Belém atrasada, cheia de doenças. Na Europa existia boa alimentação, bom clima; aqui, muitas enfermidades, pobreza, calor e, ainda por cima, perseguição religiosa<sup>128</sup>. Evidentemente, esta percepção historiográfica assembleiana se dá visando realçar o caráter mítico dos missionários. Como assinala Freston (1993:76): “A Suécia da época não era a próspera sociedade de bem-estar em que se transformou posteriormente. Era um país estagnado com pouca diferenciação social, forçado a exportar grande parte de sua população”. Um testemunho insuspeito sobre isso é de Frida Vingren, que chega a Belém em 1917:

Cheguei ao alvo de minha viagem. No dia 3 de julho, à noite, entramos no porto de Belém (...). A cidade parece grande e imponente. É bastante bonita com suas torres e casas altas. No dia seguinte de manhã tudo era sol e verão outra vez. As margens do rio são lindas, com duas pequenas ilhas lá fora. As praias tão lindas eram baixas, um pouco monótonas e atrás estava a densa mata (Vingren, 1982:91).

Se Belém e seus arredores são um “mundo romântico, imensas selvas com grandes orquídeas e cipós por todos os lados” (Vingren, 1982:30), a descrição que Vingren faz do Rio de Janeiro em 1920, durante a sua primeira viagem, é mais favorável ainda:

Aqui não faz calor nem frio, um clima agradável. A entrada do porto é maravilhosa e a cidade também é muito linda. Parece com os Estados Unidos, há fartura e muito luxo também (...). Caminhei bastante naquele trânsito terrível e no meio de tudo senti o poder de Deus (Vingren, 1982:106).

Tendo isso em vista, podemos questionar se para esses missionários vir para o Brasil era realmente um sofrimento? Ou sofrimento de fato foi a relação mal resolvida entre eles, suecos; e entre suecos e brasileiros.

Em 1911, o Brasil não era o paraíso, mas estava longe de ser o inferno. Tinha liberdade religiosa, algo que na Suécia, em tese, também existia; porém, em uma coletânea de textos dos missionários, publicada em 1934 na Suécia (Vingren, 1987), os suecos relatam, deslumbrados, o fato de que no Brasil a lei lhes dá a possibilidade de “pregar o evangelho em praça pública”. A história de todas as denominações registra inúmeras vezes em que os crentes naquela época foram presos por influência da Igreja Católica. Os suecos também registram isso, mas com uma ressalva: ao serem presos,

<sup>128</sup> A biografia de Pethrus (2004) fala insistentemente da tripla perseguição sofrida por sua igreja na Suécia. Da Associação Batista, da Igreja Luterana e do Estado. Da primeira, por causa da “comunhão aberta”; da segunda, na construção da creche, do abrigo aos desempregados, nas visitas aos hospitais; da terceira, na impressão dos jornais, na implantação da rádio, e principalmente, pela falta de “liberdade religiosa” (173). Daí sua leitura do livro dos Atos: “O interrogatório diante das autoridades espirituais e a intervenção do lado dos poderes mundiais não são estranhos para as descrições da Igreja Primitiva no livro de Atos” (2004:177).

eles exibem uma cópia da Constituição<sup>129</sup> e o delegado é obrigado a soltá-los. Isso é sofrimento ou glória?

### **b) Belém: a “Paris Tropical da Belle Époque”<sup>130</sup>**

“A capital do Pará, em 1900, era uma das metrópoles mais modernas do país” (Sarges, 2000:94). Hoje não é definitivamente a cidade brasileira mais conhecida e rica do mundo, mas no final do século XIX era uma das cidades mais cosmopolitanas e ricas do país<sup>131</sup>. Aliás, Manaus era na época também muito rica<sup>132</sup>. Por causa da exploração gomífera desde 1840, atraiu muitas pessoas e empresas estrangeiras. Com seus 96.560 habitantes, em 1900, cinco jornais, um belo teatro construído em 1878 (bem antes dos teatros do Rio e SP), tem transporte público com bondes elétricos, crematório, rede de esgoto, matadouro, ruas pavimentadas e muitos espetáculos estrangeiros no teatro. “O Paraíso chama-se Pará”<sup>133</sup>. As lixeiras públicas foram trazidas da França, e de lá também vinham vestidos, chapéus e biscoitos importados pela elite local. O intendente Lemos tem um projeto modernizador e civilizatório na cidade, “tendo a França como modelo” (Sarges, 2000:115).

Também milhares de imigrantes nordestinos, principalmente, fugidos da seca, trabalhando em condições semifeudais. Doenças como malária e febre amarela proliferam principalmente nas classes mais baixas, que trabalham com a exploração da borracha nas regiões rurais.

É nessa “cidade partida” e também muito interessada em novidades que as ADs vão nascer. Ela tem milionários e miseráveis, muita riqueza e muita pobreza, europeus e americanos exploradores de riqueza, e brasileiros explorados e fugidos da estiagem. Bem “naturalmente” brasileira!

<sup>129</sup> Vingren (1982:49) “O comissário sabia que era contra a Constituição do país perseguir os crentes e prendê-los, porque a lei dá plena liberdade de religião”. Pastor José T. Rego, vítima de perseguição religiosa no Ceará, escreveu uma longa carta ao Secretário de Polícia, em 03/06/1940, onde citando a Constituição, diz: “*Todos os indivíduos de convicções religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, e observadas as disposições do direito comum e as exigências da ordem pública e dos bons costumes*” (Art. 122 da Constituição Brasileira, de 10 de Novembro de 1937)” (Rego, 1942:32).

<sup>130</sup> Devo este título e demais informações sobre Belém a historiadora Maria N Sarges (2000).

<sup>131</sup> Estrangeiros os mais diversos, turcos, árabes, europeus e norte-americanos em geral, além de milhares de nordestinos atraídos pela exploração da borracha (Ribeiro, 2011, Sarges, 2000).

<sup>132</sup> Em texto publicado em sueco, em 1934 (Vingren, 1987:30), Nystron conta o seguinte: “Manaus era uma cidade linda, embora muito distante do centro do país; era uma cidade onde o povo tinha vivido em grande luxo. Mas eles estavam presos pelo pecado. Alguns anos antes, o dinheiro tinha abundado ali. Conta-se que um seringueiro costumava pegar uma nota de dez mil réis e pôr fogo nela para acender o seu cigarro. Eles ganhavam naquele tempo entre 50 a 100 mil réis por dia. Mas não tarde que aquele orgulho foi abatido pela necessidade que veio depois, quando os preços da borracha caíram de modo que os ordenados não davam nem para a comida”

<sup>133</sup> Esse é o título de uma propaganda do governo para atrair migrantes, usada como título de um artigo da historiadora Edilza Fontes: “O Paraíso chama-se Pará: O Álbum “Pará em 1900” e a propaganda para atrair imigrantes”, citado por Ribeiro (2011:14)

### c) A influência moral e ditatorial do Estado Novo.

Getúlio Vargas (1882-1945) assume pela primeira vez a presidência em 1930 e fica até 1945, em sua Ditadura do Estado Novo. O caudilhismo de liderança, o moralismo da cooptação dos movimentos sociais, a articulação política do peleguismo e o exercício fascista de seu governo vão, definitivamente, influenciar o modelo assembleiano. O nacionalismo do tenentismo, a força do discurso moralista e ditatorial do Governo, o controle administrativo e censura através do DIP, a cooptação dos sindicatos via o peleguismo, a centralização personalística da figura do Getúlio são posturas que vão deixar marcas profundas na sociedade brasileira (Fausto, 1972). O conservadorismo assembleiano, a partir de 1930, vai beber nestas fontes e realidades.

As ADs nascem congregacionais, tanto em suas origens suecas como americanas, e se mantêm assim, até a década de 1930. Moderna em sua comunicação e liturgia, avançada na participação das mulheres e absolutamente inclusiva com pobres e negros. Porém, no final dos anos 1950, ela já é uma igreja conservadora e controlada ditatorialmente por uma elite sacerdotal machista e refratária a todas e quaisquer mudanças. Há um substrato de “getulismo” no modelo assembleiano a partir de então, principalmente na passagem do modelo congregacional original para o episcopal *a la* Brasil. Um típico “peleguismo assembleiano” na relação patronal, dirigista e de obediência cega aos líderes das congregações aos pastores-presidentes nas Igrejas-Sede.

Sobre a Revolução de 1930 e o governo de Getúlio, há um registro nos diários de Vingren, muito indicativo<sup>134</sup>.

“Foram dias de muita tensão (...). Do ponto de vista do trabalho evangélico, tudo foi muito bom, pois Getúlio conservou sempre boas relações com os pentecostais e ajudou esse movimento de todas as maneiras possíveis. Vários parentes do presidente eram crentes pentecostais e um deles é ainda pregador do evangelho no RGS. Vingren escreveu: “O Senhor nos guardou durante a revolução e podemos continuar a trabalhar com a mesma liberdade de antes”. (Vingren, 1982:161,162).

### 3.2 - MINISTÉRIOS: todos por todos.

Ministérios (com letra maiúscula) nos três períodos sofrem grandes mudanças. No primeiro momento, são todos por todos; não há ainda divisões e as disputas acirradas; no segundo, por falta de uma organização nacional e coesa, eles se autonomizam e cada um segue se próprio caminho; no terceiro período são todos contra todos, pois é um momento de muita concorrência.

Ministério é uma palavra de muitos sentidos, portanto, antes de analisá-la historicamente, é necessário indicar como ela será usada neste texto. Conceitualmente

<sup>134</sup> O Ivar Vingren às vezes repete frases inteiras dos diários de seu pai ou as altera dando nova redação. Lembrar que o texto original foi publicado em sueco, em 1968; e em português, em 1971, em plena ditadura militar.

estamos estabelecendo três tipos de Ministérios: *ministérios orgânicos*, *ministérios estamentais* e *Ministérios Corporativos*.

**a) Ministério, um conceito triplo.**

Primeiro: *ministérios orgânicos* são atividades que os membros em geral exercem e não necessitam de uma “consagração”<sup>135</sup> oficial, capacitação específica ou titulação, como, por exemplo, ser músico ou participar de grupo vocal ou coral, dar aulas na EBD, fazer evangelismo ou zeladoria. Genericamente, nas ADs, todos – homens e mulheres igualmente – *podem* e *devem* ter um ministério na igreja; realizar alguma atividade eclesial. Tal espaço de poder está dentro do limite das atividades típicas e próprias de pessoas carismáticas, e é realizado de forma anárquica. Todos fazem, de todas as maneiras.

Segundo: os *ministérios estamentais* são as atividades ministeriais de classe, os “produtores dos bens de salvação”; titulações classistas alcançadas, inicialmente, por carisma pessoal ou por relações patrimoniais burocráticas, para exercer nas igrejas locais funções de seus cargos, típicas de uma dominação tradicional<sup>136</sup>. Em tese, em uma igreja local, a pirâmide assembleiana se forma assim: auxiliares, diáconos, presbíteros, evangelistas e pastores – somente homens!<sup>137</sup>. Nas igrejas-sede, além dessa hierarquia, no cume da pirâmide está o *pastor-presidente* (uma espécie de papa) como chefe de um *Ministério Corporativo*.

A palavra também será usada para os Ministérios X e Y<sup>138</sup> que são um aglomerado de igrejas ligadas a uma sede em um Bairro, Cidade ou Estado (e sempre nesse texto será grafado com letra maiúscula), aqui denominados de *Ministérios Corporativos*. Aqui estamos no domínio da racionalidade administrativa e sempre indicará uma delimitação geográfica. A fundação, organização e manutenção é o modelo de uma empresa capitalista, pois aqui há questões financeiras, patrimônios, cargos e salários; profissionalização. Não é sem motivo, portanto, que esse seja o espaço

<sup>135</sup> Consagração ministerial é uma solenidade em que, perante a igreja, os indicados pelo Corpo Ministerial são oficializados com títulos e um cargo ministerial, como pastor, presbítero ou diácono, e recebem uma unção com óleo seguida de oração com imposição de mãos. A palavra também adjetivada implica em uma vida asceticamente purificada; o mesmo que santificação.

<sup>136</sup> Remete-se aqui fundamentalmente aos conceitos discutidos nos pontos 1.1.3 - *Camadas e classes sociais* no ponto 1.2.2 – *Dominação Tradicional*.

<sup>137</sup> Essa pirâmide muda de um Ministério para outro. Há igrejas que consideram o título de presbítero igual ao de pastor, portanto, não consagra presbíteros, apenas pastores. Há igrejas quem têm missionários/as, e em algumas, o título de “evangelista” é apenas uma etapa probatória para o pastado. Considere-se ainda mais que, todos esses títulos masculinos, podem ser lidos no feminino, pois há *Ministérios Corporativos* que aceitam o ministério das mulheres.

<sup>138</sup> *Ministério de Madureira*, bairro no RJ, *Ministério do Belém*, bairro em São Paulo; *Ministério de Taubaté*, cidade de São Paulo, *Ministério de Petrópolis*, cidade no RJ. E assim sucessivamente, em diversos bairros, cidades e Estados existem *Ministérios Corporativos* ligados a uma Convenção Estadual ou, nacionalmente, a CGADB; ou autônomos, com convenção própria. (Ver Anexos I e II)

de maior tensão interna, e também externa, na relação conflituosa da luta de poder entre Ministérios.

#### **b) O exercício do ministério:**

Ter ou exercer um *ministério orgânico* e também *estamental* (no primeiro período histórico, de 1911 a 1946, não existe o que denominamos *Ministério Corporativo*), nas primeiras décadas da história assembleiana, implicava em militância na causa evangélica pentecostal. Em um movimento majoritariamente carismático, onde a legitimidade do líder ou da mensagem se efetua pela aprovação dos seguidores, essa membresia militante é absoluta e evidente no crescimento e consolidação dessa comunidade.

É importante lembrar que nesse período se faz uma leitura absolutamente mítica dos Atos dos Apóstolos<sup>139</sup>, daí a incorporação do sofrimento como categoria natural da vida cristã. “Seguir a Cristo é ser perseguido” ou de outra forma “ser perseguido é marca de autenticação”; “*seguir a Cristo*” aqui implica exclusivamente ser pentecostal.

Ser membro da igreja é ser a igreja em todas as suas implicações. E são muitas. E perigosas. É recorrente nos jornais – tanto *BS*, como posteriormente no *MP* a partir de 1930 – cartas enviadas do país inteiro com o seguinte conteúdo: após a conversão, ou recebimento do batismo com o Espírito Santo, veio a perseguição; veio também o “batismo de fogo”<sup>140</sup>. Expulsão de casa, demissão do emprego, abandono da família e também perseguição das outras igrejas denominacionais<sup>141</sup>. E todas essas implicações perigosas apenas reforçavam a militância.

Cada membro, uma igreja; aqui é todos por todos, visto que, indistintamente, são incentivados a levar a mensagem aos parentes, amigos e a todos que encontrarem. Em poucos dias, meses e anos a mensagem pentecostal assembleiana (a mensagem pentecostal da CCB demorou muito mais) alcançou o Brasil.

#### **c) Cultos nas residências e ao “Ar livre”.**

O ganho social que as *Marias* e os *Raimundos*, gente semianalfabeta ou analfabeta<sup>142</sup>, têm ao falar ou cantar em um culto público e, principalmente, ao “ar livre” com uma multidão de ouvintes, é incalculável. Este substrato da sociedade que

<sup>139</sup> No primeiro relato oficial dessa igreja, em 1934, Nystron inicia assim: “Este relato transborda aos nossos dias o tempo apostólico” (Vingren, 1987:7, 84). No mesmo livro Nystron diz: “Um novo livro de Atos dos Apóstolos se poderia escrever se contássemos todos os doentes que foram curados, endemoninhados libertos, e as perseguições que muitos passaram, mas com vitória”. Em diversos outros momentos se faz analogia com o livro de Atos dos Apóstolos.

<sup>140</sup> Este conceito é muito repetido: “batismo de fogo” é sofrer perseguição.

<sup>141</sup> Silveira Lima (1996) faz uma análise de 23 artigos publicados em 1919, no Estandarte, jornal presbiteriano, contra a “invasão pentecostista”.

<sup>142</sup> G. Nordlund (Vingren, 1987:113) fala de um velho preto, José Correa da Rosa “Ele era analfabeto, mas era admirável como entendia o que se dizia pregações(...) Ele nos agregou muito com seus testemunhos(...) o sangue de Jesus e a sua segunda vinda eram os assuntos de seus testemunhos” Morreu em 09/09/33, com 85 anos. Nascido, portanto, em 1848, se não foi escravo era filho.

nunca teve nome, oportunidade, não tem significação nem posição social, mas ao “ar livre”<sup>143</sup>, em público, fala, canta, dá testemunho<sup>144</sup> e prega. Com um livro na mão – livro: sinal de “gente de letra” – na rua da sua casa, na feira, no mercado, na praça, em qualquer pedaço de calçada, ele tem voz e vez. Sintomaticamente, como ainda hoje é frisado nas ADs, “os irmãos e irmãs têm oportunidade”. Faz-se uma leitura bíblica e, depois, em alto e bom som (não existia aparelho de som eletrônico na época) proclama sua verdade. “Voz” que adquiriu somente porque virou crente! “Oportunidade” que tem porque prega!

Estas faixas pobres, com muito escassas possibilidades de melhoria de vida e com praticamente nenhuma participação nos cultos católicos oficiais, encontraram nas celebrações deste ramo pentecostal momentos propiciadores de espontaneidade e liberdade religiosa. No liminar da segunda década do século, o pobre começa a ter vez, numa presença ativa, em templos que ele mesmo ajudou construir, e que os considera seus. Além disso, a forte tendência à glossolalia, e as orações coletivas, que a Assembleia veio destacar, respondiam desde o início às inspirações religiosas dos pobres (Rolim, 1985:42)

O testemunho é paradigmático do *antes* e o *depois*<sup>145</sup>. Antes de se converter e agora, depois de convertido; a vida antes de encontrar o caminho, e a nova vida. É um compromisso público para uma comunidade que já o conhece. Imagine um sertanejo qualquer, que antes batia na mulher, tinha amantes, bêbado, caía nas ruas, mas agora crente, se afirma como alguém sóbrio, casto e transformado. Ele se compromete diante de si mesmo, mas, sobretudo, diante da comunidade que o conhecia; e agora, junto com sua nova comunidade de fé, vai vigiar seus passos. Conferir sua fala e atestar seu *testemunho*. É gente que nunca falaria em público de outra forma – porque não tinha razão para falar, mas, acima de tudo, porque não teria oportunidade. A mesma sociedade que ridiculariza os crentes, *os bíblias* e *os glórias*<sup>146</sup> na praça, também os valoriza. Respeita. Ele agora, depois de crente, sabe falar, algo que a grande maioria não sabe; ele sabe ler um livro grande e difícil<sup>147</sup>, algo extraordinário no universo rural e/ou periférico; ele tem o que dizer. E diz alto. E quanto mais alto, internamente, para a comunidade assembleiana, “mais unção”. E pode até não convencer, mas intimida.

<sup>143</sup> Na tradição pentecostal assembleiana, ainda hoje nos finais de semana, se realiza “culto ao ar livre”.

<sup>144</sup> Diversos autores ao estudarem o pentecostalismo perceberam a importância do “testemunho” (Rolim, 1985:43; SantaAna, 1992:13; Novaes, 1985)

<sup>145</sup> Pentecostalismo como resposta a anomia (D’Epinay 1970: 60; Drogos 1992:67; Sousa 1996:121)

<sup>146</sup> Na CCB, o apelido “glória” fica tão impregnado que o termo é assumido. Posteriormente, o deboche de “os Bíblia” se tornou elogioso. Era o “ser insultado com um livro”.

<sup>147</sup> Os intelectuais e teólogos tradicionais criticam a leitura moralista, literalista e sem exegese dos pentecostais, e não conseguem perceber o significado social que é para uma pessoa semiletrada ter um livro e “lê-lo”. Assistindo um culto na AD de Parelheiros, em SP, 12/2010, uma senhora negra sobe ao púlpito para dar um testemunho e com muita dificuldade vai soletrando e juntando as letras e pronunciando as palavras. Depois pede “perdão pela leitura, pois tem pouca leitura”. O ganho social que essa mulher tem é inestimável.



“Parece até gente de letra”. Podiam falar, pregar, orar com suas palavras e gestos, dar testemunho e aclamar o poder de Deus (Rolim, 1985:42).

Essa militância aguerrida pode ser comprovada em dois dados concretos: as vendas de Harpas Cristas – HC e a tiragem do Mensageiro da Paz – MP<sup>148</sup>. Se a tiragem do MP quase se iguala ao número de membros da igreja (vamos analisar isso no ponto 4.5), a da HC ultrapassa, pois, em 1934, no momento de sua 5ª. edição, já temos um total de 31 mil HC publicadas, quando a estimativa de membros era de 13 mil pessoas. Evidentemente, isso se dá pelo desgaste do uso da HC, o que reforça o argumento da militância.

### **3.3 - EDUCAÇÃO TEOLÓGICA: o re - conhecimento é do Espírito Santo.**

O melhor seminário para o pregador é o de “joelhos” perante a face do Senhor. Ali o Espírito Santo nos transmite os mais bellos e poderosos sermões. Alleluia! S. Pedro não foi formado por nenhum seminário” (Mensageiro da Paz, 15/09/1931, mantida a grafia original)

No Brasil, o pentecostalismo nasceu, cresceu, consolidou-se e tornou-se majoritário, sem educação teológica formal; por isso, ela ser vista como desnecessária. Aliás, mais do que desnecessária, ela era olhada – e para alguns ainda é – com suspeição. Além da assertiva anterior, é necessário, de início, também afirmar que: 1. Se entendemos educação teológica, apenas como institutos, seminários e faculdades teológicas institucionais com currículo, disciplinas, prédios, etc.; isso, de fato, não foi imprescindível ao pentecostalismo brasileiro; 2. Isso não significa absolutamente que o pentecostalismo não tenha apreço pelo estudo da Bíblia; 3. O pentecostalismo nunca foi homogêneo em suas manifestações, e, na temática estudo teológico, não seria diferente; 4. Genericamente, portanto, o pentecostalismo brasileiro sempre foi indiferente ao ensino formal, mas diversos grupos, em diferentes momentos e aspectos, no passado e no presente, tiveram ou têm educação teológica formal e/ou informal. Ou seja, por diferentes razões condenou; e também por diferentes razões aceitou e aceita.

As ADs, particularmente em suas primeiras décadas, anatematizou absolutamente os seminários – pejorativamente chamados de “fábricas de pastores”<sup>149</sup>, mas em 1971, a CGADB criou o *Conselho de Educação e Cultura*, órgão auxiliar da Convenção, cujo intuito é organizar, fiscalizar e reconhecer escolas teológicas. Atualmente, algumas convenções estaduais exigem um curso de teologia como um dos

<sup>148</sup> Dados fornecidos por Nystron em 1934 (Vingren, 1987). Em 1920, a primeira edição da HC foi de 1000 exemplares, a segunda (com 300 hinos) teve 3000 exemplares. A 3ª. e 4ª. (com 458 hinos) mais 19 mil, e em 1934, sai uma nova edição com mais de 8 mil exemplares.

<sup>149</sup> Essa expressão é usada em diversas ocasiões por pastores nas discussões convencionais ao se posicionarem contra a instituição de seminários teológicos. Nas Atas da Convenção de 1966, pg. 47, em S. André, repetida pelo Pr. Anselmo Silvestre, de BH (Daniel, 2004:381)

*pré-requisitos* para a entrada no ministério. Trata-se de uma mudança imensa. Saiu da absoluta condenação para, em alguns lugares, de forma pendular, a compulsoriedade<sup>150</sup>.

Ao longo dos seus primeiros anos de vida, as ADs não tiveram institutos bíblicos, seminários ou faculdades – e não sentiram falta deles. A formação dos obreiros se dava exclusivamente pela *prática*. Prática experiencial, comprovadamente eficaz. Tão eficaz que a igreja nasceu, cresceu e se consolidou sem a educação formal, ou sem a “fábrica de pastores”. Apressadamente, poderia-se identificar, simplistamente, a ausência de escolas teológicas nas ADs como “aversão à teologia”, sendo, daí, uma característica “natural” do pentecostalismo – a partir de uma óptica genérica, sem considerar, por exemplo, a diferença entre a postura diametralmente oposta das ADs e da CCB, e sem perceber as razões históricas, políticas, econômicas e teológicas para tal postura.

Não houve, nas ADs, uma aversão natural à educação teológica. Desde seu nascimento, existe a *Escola Bíblica Dominical - EBD*<sup>151</sup> e as *Escolas Bíblicas para Obreiros*. Conquanto, neste momento, não houvesse nenhuma distinção entre obreiros e leigos, toda a igreja participava. Aliás, essa é uma marca da prática militante assembleiana dos primeiros anos (Alencar, 2000, 2008): *toda a igreja era obreira*.

#### a) As Escolas Bíblicas

Convenção no Rio de Janeiro

Foi resolvido, na última Convenção em Natal, Rio Grande do Norte, que seria realizada, este anno, uma Convenção no sul ou norte do paí. Não sendo possível a realização da mesma em Belém do Pará, devido à crise, resolveu a Assembléia de Deus no Rio, confiando no Senhor, anunciar uma Convenção, aqui na Capital da República.

Será a mesma simplesmente, uma série de reuniões, estudos bíblicos, e orações, efetuadas durante o período de 16 a 31 de Agosto, próximo vindouro.

Para esta reunião são especialmente convidados, desde já, os irmãos e as irmãs que trabalham o Evangelho; os Missionários, pastores, evangelistas e auxiliares, bem como qualquer um que tenha interesse no trabalho do Senhor.

Esperamos grandes bênçãos do Senhor.

Seria muito bom se as igrejas ajudassem os seus trabalhadores com as despesas de viagem, pois, da nossa parte, queremos fazer tudo o que for possível para o mesmo fim.

Assim, pedimos aos que desejarem vir, avisarem-nos com antecedência.

Pela Assembléia de Deus no Rio de Janeiro.

GUNNAR VINGREN - Mensageiro de Paz - MP, Anno I, n. 10 – 15 de maio de 1931, pag. 7. (mantida a grafia original)

Este anúncio do MP, em 1931, nos diz algumas coisas significativas: 1. A importância dada, pelas ADs, em seus primeiros anos de vida ao estudo da Bíblia; 2. A oscilação entre o carisma e tradição; 3. A liberdade da participação: homens, mulheres,

<sup>150</sup> Não consegui até o momento confirmar oficialmente essa obrigatoriedade. Há um consenso sobre a recomendação e necessidade do curso de teologia, mas alguns pastores falam que esse e aquele Ministério (ou pastor) exige o curso obrigatoriamente, mas não encontrei ainda nenhum Estatuto ou Regimento Interno validando tal referência.

<sup>151</sup> Reunião realizada sempre aos domingos para estudo da Bíblia por faixa etária, algo comum nas denominações evangélicas desde o século XIX, e ainda hoje presente.

enfim, todos; 3. A transição da igreja entre o voluntarismo e a organização institucional. Consideremos, pois, algumas questões fundamentais deste pentecostalismo:

*Uma estrutura de movimento.* Ela nasce carismaticamente, ou seja, aflora a partir de “uma pessoa portadora de carisma”. A natureza espontânea e informal é o que caracteriza as relações ainda pouco institucionais dessa igreja. Não se pode negar que essa “espontaneidade” se dá, inclusive, pelas condições de transporte da época e pelo perfil da igreja. Os visitantes se hospedavam nas casas dos irmãos; a “irmandade” falava mais alto que a burocracia de inscrição e regulamentação. Isso, evidentemente, além das relações internas da igreja, dizia respeito basicamente à realidade do país na época<sup>152</sup>. Mas realizar um mês de estudos bíblicos formais era, convenhamos, um esforço extraordinário. Obviamente, a falta de estrutura da igreja hospedeira e a pobreza de todos os envolvidos na “Convenção”, é o que vai, concretamente, dar a marca final.

*A proto formação teológica: Gunnar Vingren e o Seminário Sueco de Chicago.* Dos 64 missionários suecos<sup>153</sup> no Brasil, somente Gunnar Vingren tem um curso de teologia de quatro anos, no *Seminário Sueco Teológico de Chicago* (1906-09)<sup>154</sup>. Até o momento encontramos registros de que Samuel Nyström, em 1914, cursou o *Instituto Bíblico* (Araújo, 2007:509). Gustavo Bergström (1907-1999) estudou em um seminário nos EUA entre 1929 e 1931 (Hoover, 1997:17), Nils Taranger (1916-2003) cursou o *Instituto Bíblico em Londres* nos anos de 1931 e 1932 (Stein, 2002:19), e, em 1966, em Porto Alegre, iniciou o *Instituto Bíblico Ebenezer*. É provável, portanto, que os demais suecos tenham pelo menos um curso bíblico.

É fundamental lembrar qual era a realidade religiosa sueca da época. É um país onde uma igreja estatal tem o domínio do sistema escolar, em especial o teológico, pois assim, mais do que ensinar teologia, é manter o controle do poder. É grave, portanto, ser de uma “igreja livre” neste momento; é negar todo e qualquer processo de institucionalização – daí se iniciando pela formação teológica. Consequentemente, os suecos batistas são absolutamente contra toda e qualquer forma de oficialização da igreja como denominação. Escola teológica formal, então, seria uma negação dessa postura.

<sup>152</sup> Em um país continental, com estradas quase inexistentes principalmente na região Norte e Nordeste, pois somente na década de 70, em pleno governo militar, foi iniciada a construção da transamazônica, pois até então a região norte estava isolada do país.

<sup>153</sup> “Contando o período de 1910 a 1976, somam-se, incluindo as esposas, 64 missionários da Missão Sueca Livre no Brasil. Foram 19 casais com suas famílias, 20 mulheres solteiras e seis homens solteiros” (Araújo, 2007:472)

<sup>154</sup> A migração sueca em Chicago é forte, desde 1875 tem uma Igreja Batista Sueca (Ekström, 2008:23).

Muitos esforços têm sido feitos para dividir esse movimento; outros têm procurado organizá-lo como uma denominação, mas até agora sem êxito graças a Deus” (Prefácio do L. Pethrus, na biografia de Vingren, 1982:14, grifo meu).

Note-se que esta frase de Pethrus foi escrita em 1968 (na versão sueca); nesta época, para ele, essa denominação é ainda apenas um *movimento* e até *agora* ela ainda não foi institucionalizada. Pethrus estava falando para seus leitores brasileiros ou suecos? Ele tinha “atitudes negativas em relação a uma escola de pregadores” (2004:264), e sua experiência em 1904 e 1905, no Seminário Betel, em Estocolmo, não foi boa pelas “matérias profanas, brincadeiras e piadas” dos alunos (Pethrus, 2004:61-63). Mas desde 1915, na Filadélfia havia uma escola bíblica de treinamento de jovens. Em 1933, iniciou a luta por uma universidade, algo que somente se concretiza de forma ainda provisória em 1942 (Pethrus, 2004:266-7).

As ADsLA, fundadas pelas AGs, constroem Institutos Bíblicos sem nenhuma tensão, pois é parte da herança americana. (ver Anexo IV).

*A consagração de obreiros nacionais.* Essa igreja nascente realiza, antes de um ano de vida, consagração de pastores; todos brasileiros e nenhum com curso de teologia<sup>155</sup>. Ou seja, importa o carisma pessoal e sua legalidade congregacional, não a formação acadêmica. Quem são os obreiros ou quais são os critérios de escolha dos mesmos? Simples: gente comum, militante na congregação, com compromisso e a prática na comunidade. Apenas isso.

Ademais, ao longo dos primeiros anos, é comum aparecer nos jornais o anúncio (festivo) de que foram batizadas nas águas *x* pessoas em determinada localidade. Quem levou a mensagem? Quem oficializou a igreja? Como? Quando? Tais detalhes “burocrático-institucionais” são absolutamente relegados à desimportância. Não importa quem, quando e como, importa apenas que a igreja está crescendo.

Quem são os fundadores? São pessoas, homens e mulheres, absolutamente anônimos. São nordestinos, seringueiros desempregados que, após a crise da borracha (Fausto, 1999) retornam aos seus municípios de origem “levando a mensagem pentecostal”.

*Ausência de financiamento estrangeiro.* Por que as denominações tradicionais no Brasil a partir do século XIX têm um considerável patrimônio? Porque recebiam (e ainda recebem) financiamento estrangeiro. Além de serem frutos de estratégias

<sup>155</sup> “Em 1912, no princípio do ano, irmão Isidoro Filho foi consagrado como pastor (...) no princípio de 1913, o irmão Absalão Piano foi separado como pastor” (Vingren, 1982:57). Conde (2000:36) registra a consagração de cinco pastores brasileiros nos dois primeiros anos.

missionárias planejadas, os missionários são enviados pelos departamentos de missões destas igrejas. Os suecos, e demais missionários, vêm sozinhos e por conta própria. Posteriormente, eles oficializam uma ligação com a *Igreja Filadélfia de Estocolmo*, que, como dito anteriormente, está na categoria de “igreja livre”, e é também contra a institucionalização. Resultante disso, desde o início, as ADs têm uma igreja autônoma e brasileira. Vai andar com seus próprios pés. Nenhuma ADs em seus primeiros anos tem qualquer patrimônio parecido com o da Igreja Presbiteriana tem como o *Mackenzie College*. Construir prédios, montar bibliotecas, manter professores e alunos em um seminário, não é algo simples e barato; isso estava longe do perfil assembleiano em suas primeiras décadas<sup>156</sup>.

*As Escolas Bíblicas - EB: teoria e prática assembleiana.* A primeira EB aconteceu no período de 4 de março a 4 de abril de 1922, em Belém, e a primeira *Convenção* – no longo processo de institucionalização que aconteceria nos próximos anos – só vai acontecer em 1930. Ou seja, não há oficialização de comissões, estabelecimento de qualquer instituição, mas há estudos bíblicos formais. É bom lembrar, também, um mês de estudo em Belém - PA com a presença dos obreiros de todo o país.

*A temática básica do estudo teológico é a escatologia*<sup>157</sup>. O ensino, então, é além de prático, urgente. Urgentíssimo, ainda mais pela conotação arminianista<sup>158</sup> deste pentecostalismo. Não há predestinados à salvação; há, sim, milhões de pessoas precisando ouvir a mensagem (pentecostal, é óbvio), pois esta mensagem de salvação é para todos.

Essa teologia escatológica tem duas vertentes: 1) a negação por razões sociais, e 2) a negação de cunho teológico. A negação social nasce como “resposta” ao desprezo anterior dado pela sociedade (e muito mais das outras igrejas) por sua pobreza e falta de *status*. Na impossibilidade de se alcançar o mesmo *status* - posição social, financeira e cultural - menospreza-se o *status* e opta-se por uma identificação mais “nobre”, porque é bíblica e espiritual. Como consequência disso, há uma exacerbação da escatologia: o mundo (este mundo culto, rico, cheio de vaidades) é decadente, avança para a destruição; sua destinação final - a destruição - está vez mais próxima e com ele, todos os seus pertences. A Igreja, portanto, proibia a leitura de jornais e revistas e condenava

<sup>156</sup> Comparando com as grandes denominações no Brasil, a *Igreja Batista* tem seminários desde 1889, a *Igreja Presbiteriana do Brasil*, desde 1888 e a *Igreja Metodista* também, desde 1889.

<sup>157</sup> A temática escatologia será retomada no Cap. IV – 4;8 – a ) teologia da disciplina.

<sup>158</sup> Doutrina da salvação para todos; diferente do conceito calvinista, em que a salvação é apenas para os escolhidos.

a instrução como sendo “coisas mundanas” e desnecessárias, porque o “Senhor vem em breve”. O que se impunha era o preparo de cada um para o “iminente arrebatamento da Igreja”.

A negação do mundo também tem um sentido - em sua origem e consequência - teológico: a aprovação do mundo seria a desaprovação de Deus; já que há um abismo entre os valores de ambos (Weber, 2002:231)<sup>159</sup>. Negar o mundo é negar aquele que despreza a Deus, que luta contra os valores divinos (ou pelo menos dos valores que a Igreja afirma serem de Deus). Além disso, o mundo está na iminência de ser destruído. Esse escatologismo não é tão anacrônico ou atemporal assim, afinal - 1911 a 1946 - é o período entre as duas grandes guerras mundiais.

Por que a Igreja deveria se preocupar com as questões do mundo, ou mesmo com a construção de escolas teológicas, se sua destruição é irreversível e qualquer tentativa infrutífera<sup>160</sup>? A “missão” é o mais importante. E até mais eficiente.

Em 1914, ano em que rebentou a Grande Guerra (...) Enquanto diplomatas do Velho Mundo se debatiam nas chancelarias procurando um meio de por termo ao conflito, veio, da cidade de Belém, uma mulher crente, de nome Maria de Nazaré (Rego, 1942:9).

O mundo da diplomacia, rico, culto e poderoso, não conseguiu dar conta de seu recado, mas a irmã Nazaré, pobre e inculta, o fez.

Em um texto sem autor conhecido, “A Santificação”, que traz informações que dão continuidade ao texto “*Como ser um Bom Obreiro*”, do número anterior do MP, de 15 de setembro de 1931; fala-se de elementos básicos da direção de um culto, das mensagens pregadas, da evangelização e da preparação do obreiro. E apresenta uma frase síntese das ADs, na época.

“O melhor seminário para o pregador é o de ‘joelhos’ perante a face do Senhor. Ali o Espírito Santo nos transmite, os mais bellos e poderosos sermões. Alleluia! S. Pedro não foi formado por nenhum seminário” (mantida a grafia original).

### **3.4 - RELAÇÕES DE GÊNERO: Ganha a missão, perde a vida.**

Para essa discussão, escolhemos como mulheres-símbolo Frida Vingren e Dóris Lemos, respectivamente representantes do primeiro e segundo períodos. No terceiro, faremos uma análise mais genérica do ministério feminino.

#### **a) A primazia feminina no pentecostalismo.**

No Livro de Atos, as mulheres não são as primeiras, mas, segundo o relato, recebem o Espírito Santo no mesmo dia, local e da mesma forma que os homens. Isso

<sup>159</sup> Weber frisa que a tensão valorativa será muito maior entre o mundo e a religião, quanto mais esta religião for uma religião de salvação e de aspiração ética.

<sup>160</sup> Um trabalho que trata especificamente deste “*apocalipsismo dos pentecostais e sua visão fatalista do mundo*” é o de Bobsin (1984). Ver também Cavalcanti (1994)

indica alguma paridade? Já no movimento pentecostal, tanto nos EUA como no Brasil, elas foram as primeiras a falar em línguas. Agness N Ozman Laberce (1870-1937), aluna da Escola de Parham, em 1906; e Celina Martins Albuquerque (1876-1966) em uma reunião de oração, fato que vai culminar com a expulsão do grupo no dia 13 de junho de 1911 da Igreja Batista em Belém. Originalmente, elas são iguais ou têm primazia, mas no decorrer da história, elas são visceralmente marginalizadas. Em 1914, Maria de Jesus Nazaré Araujo (1880- ), a segunda a ser batizada, foi a pioneira pentecostal no Ceará. E são muitas outras histórias de mulheres que levam a mensagem pentecostal, iniciam e constroem as igrejas, mas no momento da inauguração do templo, ou colocação dos nomes na história oficial, são esquecidas (Sanzana, 1995)<sup>161</sup>.

#### **b) A invisível esposa do fundador:**

Frida Maria Strandberg Vingren (1891-1940) veio sozinha da Suécia e aportou em Belém, em 14 de julho de 1917. Viveu apenas treze anos no Brasil: sete em Belém e seis no Rio de Janeiro. Pouco tempo, mas o suficiente para deixar marcas. Voltou para a Suécia em 1932 e, um ano depois, seu marido morreu. Após sete anos, ela também faleceu, aos 49 anos. Sua atuação foi um marco divisório. Ainda hoje não é reconhecida pela história oficial da igreja. Essa missionária pregava, cantava, tocava – existem vinte e quatro hinos da *Harpa Cristã* -HC<sup>162</sup> registrados em seu nome –, dirigia cultos na Praça Onze, em presídios, nas casas e nos templos. Trabalhou no jornal oficial da denominação *Boa Semente*, em Belém, e, depois, no Rio de Janeiro, no *Som Alegre*. Em 1930, os dois jornais são unidos e nasce o *Mensageiro da Paz* – MP (existente ainda hoje) e ela se torna sua redatora.

Qualquer assembleiano ou pesquisador que tenha o mínimo de conhecimento da história das ADs no Brasil conhece os nomes Daniel Berg e Gunnar Vingren. São os suecos fundadores oficiais das ADs no Brasil, cuja história gira em torno deles mesmos. São centrais e únicos. Nada errado, pois, são eles que, em 1911, trazem dos EUA a mensagem pentecostal para uma igreja batista na cidade de Belém. A figura da Frida na história oficial é apagada, quase inexistente<sup>163</sup>. Algo, aliás, que não é privilégio das

<sup>161</sup> Elizabeth Sanzana (1995) fez uma interessante etnografia das igrejas pentecostais chilenas dentro deste parâmetro. As mulheres realizam o trabalho, os homens recebem as glórias.

<sup>162</sup> Hinário oficial das ADs. A primeira versão, em 1921, é *Cantor Pentecostal*, com 44 hinos, mas a partir de 1922 é transformado em *Harpa Cristã*.

<sup>163</sup> “Para compreender o que pode ser dito e, sobretudo, o que não pode ser dito no palco, é preciso conhecer as leis de formação do grupo de dos locutores – é preciso saber quem é excluído e quem se exclui. *A censura mais radical é a ausência*” (Bourdieu, 2010:55, grifo meu). A pesquisadora sueca Oskarsson (2006:77) em sua pesquisa sobre o Movimento Azusa diz o seguinte: “A afro-americana Lucy Farrow desempenhou um papel crucial na rua Azusa e serviu como mentora de William Seymour. No entanto, ela é mantida invisível na história oficial”. Gunilla N. Oskarsson (2007 e 2008), diz que isso aconteceu também com Francy Lucy, pioneira da Azusa, e com Maria Lundgren e Gerd, na Suécia. Mulheres pioneiras e fundamentais no processo, mas quando a história vai ser contada, elas desaparecem. A ironia é que Frida, vivendo no Brasil e escrevendo em português, não aparece nem mesmo neste resgate histórico sueco.

ADs, no pentecostalismo em geral isso aconteceu muito. No entanto, ao ler os três jornais e tabular por assunto e autores os jornais da época, nomes femininos apareceram em razoável quantidade, em especial o de Frida. Quantos jornais na década de 20 eram redigidos por mulheres e, mais ainda, quantos tinham como redatora principal uma mulher?

Na teorização teológica pentecostal, há igualdade entre homens e mulheres. Simples: *o Espírito Santo age indistintamente sobre os gêneros*. Na prática eclesiológica, a coisa é outra. No entanto, o período de maior participação e melhores oportunidades que as mulheres tiveram nas ADs, foram as primeiras décadas.

É comum, desde cientistas sociais a jornalistas, quando tratam do moralismo pentecostal, a menção ao fato de que nas reuniões no templo homens e mulheres se sentam separadamente<sup>164</sup>; algo ainda existente no *assembleianismo rural*. Ora, isso não é um moralismo pentecostal, é bem mais antigo. No AT, no templo de Salomão, já existiam espaços separados. E todas as demais expressões religiosas da antiguidade tinham tal delimitação – Durkheim, ainda no século XIX, lembrou isso. Nas Mesquitas, para citar apenas uma religião universal, o hábito ainda se mantém. Isso não é originalidade, ou moralismo arcaico assembleiano, a especificidade é manter isso séculos depois. Por que as denominações abandonam a prática? Quando vão se secularizando e ascendendo socialmente – nada diferente, portanto, do *assembleianismo urbano*.

A ideia feminista de igualdade de gênero é um fenômeno de classes escolarizadas; a ideia de igualdade entre os sexos é uma singularidade do século vinte, especialmente entre os mais abastados. Na pobreza, a desigualdade sempre campeou e permanece um tanto quanto inalterada. Pobres, os pentecostais repetem as condutas sociais de seu grupo.

### c) Frida Vingren: a “bibelkvinna/mulher-bíblia” que tomou a frente.

*A irmã Frida tomou a frente dos cultos ao ar livre* (Vingren, 1982:131).

Sagrado e profano são duas realidades que se excluem mutuamente, “ambos se excluem e se rejeitam” (Durkheim, 1989:371), ou seja, sua realização não pode

<sup>164</sup> “Um dos indícios que caracterizam as denominações com tendências mais próximas às das seitas é o de separar os sexos dentro do templo, com alas diversas de bancos ou cadeiras” (Souza 1969:141). Uma caracterização simplista e ultrapassada de delimitação entre igreja e seita, pois isso, na tradição bíblica, é herança judaica. Algo encontrado também no Islamismo e diversas outras religiões.



acontecer simultaneamente. As atividades sagradas pressupõem um estado, um local<sup>165</sup>, uma vestimenta, uma alimentação, uma liturgia e um gênero distinto, separado, exclusivo – e excludente.

O sagrado está na categoria da excepcionalidade, acontece de forma especial, existindo toda uma preparação e toda uma participação exclusiva e excludente do mesmo; já o profano presume a rotina, o cotidiano, o repetitivo na vida comum. E nisso entra, como elemento definidor e altamente emblemático, a categoria dos *interditos* e, como resultado dos mesmos, a participação (positiva ou negativa) do gênero. Da mesma forma, como profano e sagrado são delimitações dos espaços, os mesmos terminam por definir, ideologicamente, o caráter “sagrado” do homem e o caráter “profano” da mulher, como diz Durkheim (1989:373) “*A vida religiosa e a vida profana não podem coexistir no mesmo espaço e tempo*”. O homem tem participação prioritária nos ritos (esses se objetivam ao “efetivar o estado de separação”, Durkheim, 1989:368), aliás, fator fundamental da separação que sanciona as incompatibilidades nas atividades sagradas. A mulher, além da proibição que sobre ela recai, de participar dos rituais sagrados, fica relegada ao profano, por participar – espontânea ou obrigatoriamente – apenas do aspecto rotineiro da vida. Coincidência?

Será que isso é algo aleatório ou coincidente? Ao contrário, é excepcionalmente intencional em sua capacidade proibitiva de delimitação; serve de amarra para o “bem-estar social” e o “bom” funcionamento das estruturas sociais. O difícil é determinar, exatamente, todas as suas implicações.

Frida Vingren é, como muito bem ilustra o belíssimo tema do trabalho de Eliane Gouveia sobre mulheres pentecostais em São Paulo, “*O silêncio que deve ser ouvido*” (Gouveia, 1986)<sup>166</sup> – Frida fez tanto barulho que precisou ser silenciada. Mas, no seu caso, trata-se do silêncio da história oficial, não dos hinos, artigos, poesias e jornais que compôs e escreveu. Foi sua articulação teórica que deu base para a participação das mulheres assembleianas. Também exerceu, na prática, atividades eclesiais, as quais, se ainda hoje não são bem aceitas, convenhamos que na década de 20 seriam menos ainda. O próprio Gunnar Vingren reconhece em seu diário que “durante a minha enfermidade, a *minha esposa*, junto com os obreiros da Igreja, tem *assumido a responsabilidade pela obra*” (Vingren, 1982:209, grifo nosso), e no mesmo texto,

<sup>165</sup> “A vida religiosa e a vida profana não podem coexistir no mesmo espaço e tempo”, (Durkheim, 1989:373)

<sup>166</sup> Este é o título da dissertação da Eliane Gouveia “*O silêncio que deve ser ouvido. Mulheres pentecostais em São Paulo*”, na qual ela analisa a atuação “silenciosa” das mulheres dentro da igreja. Uma análise na mesma perspectiva, mas discutindo a realidade chilena, é o texto de Sanzana (1995).

reproduzindo um artigo do Macalão, publicado na revista O Semeador, maio de 1961, diz o que “a irmã Frida *tomou a frente* dos cultos ao ar livre” (Vingren, 1982:131, grifo meu). Essa frase de Vingren diz muito: sua esposa de fato liderava os obreiros. E, quando ela “tomou a frente”, não foi por falta de líderes e obreiros, pois este registro se refere ao período em que o casal vivia no Rio de Janeiro, onde passou a residir a partir de 1924. Aliás, “tomou a frente dos cultos”, significa dizer que os mesmos já estavam acontecendo e alguém já os dirigia? E Frida assumiu a responsabilidade da obra durante sua enfermidade, mas ele viveu sempre doente...

Nos EUA, as ADs nascidas em 1914 tinham pastoras e missionárias. No Brasil, elas não eram reconhecidas oficialmente. Porém, em 1925, na AD do Rio de Janeiro, no primeiro ano de exercício do ministério, Vingren consagra uma mulher ao diaconato, Emília Costa. E isso, evidentemente acontecendo na igreja no RJ, a capital do país, poderia se tornar um padrão? O mesmo não se firmou e cinco anos mais tarde o modelo é esmagado na Convenção de 30. Pelos registros, é a primeira e a única<sup>167</sup>. A falta de registro não nos impede de especular que existiram outras, até porque, não seria esta única diaconisa na igreja do Rio de Janeiro que iria [provocar](#) toda a celeuma no Brasil. A convenção não trabalha com uma hipótese, mas com um dado concreto, daí a proibição. Elementar.

Há registro de uma polêmica atuação de algumas missionárias solteiras, suecas, no Ceará, na década de 20, com o missionário Bruno Skolimowski (Rego, 1942); pela data, isso por ter tido desdobramento no que o próprio Pethrus afirma, [acerca de existir](#) “diferentes opiniões” sobre o trabalho feminino na igreja, entre os próprios suecos. Além de Frida, Adina Nelson (1889-1978) também se destacou como pregadora. Essa dificuldade de lidar com o ministério feminino não é um “problema de nordestinos” exclusivamente, mas também dos suecos, segundo a pesquisa de Gunilla N Oskarsson (2007).

Segundo a conta de Araujo (2011:9), dos 64 missionários da SFM, entre solteiras e casadas, 39 eram mulheres (56,3% da força missionária), mas como ele admite, somente se fala em Vingren e Berg.

Se considerarmos a HC, com seus 524 hinos, além dos 24 hinos compostos por Frida, existem ao todo 40 hinos escritos por mulheres, o que dá a cifra de 7,63%,

---

<sup>167</sup> E isso, evidentemente acontecendo na igreja no RJ, a capital do país, poderia ser tornar um padrão? O mesmo não se firmou e cinco anos mais tarde o modelo é esmagado na Convenção de 30. Essa consagração feita por Vingren, sem exagero, pode ter sido o início de sua queda?

excetuando-se os 244 hinos (54%) de Paulo Leivas Macalão<sup>168</sup>, a produção musical das mulheres, pela influência de Frida, aumenta consideravelmente. E não custa lembrar: isso ocorria em uma época em que as mulheres ainda não votavam. O machismo dos líderes nordestinos, associado ao reacionarismo sueco, proibiu essa prática. Vingren, então, amargou ver sua mulher, que nas atividades do jornal produzia mais do que ele<sup>169</sup>, ser boicotada, inclusive por seu conterrâneo Samuel Nystron, o mais ferrenho inimigo de mulheres no ministério.

Frida Vingren não contava com a característica fundamental das ADs, que Freston (1993) denominou de “etos sueco-nordestino”. A mistura desses dois tipos de machismo a destruiu. Frida era muito independente para sua época, pois em 1917 viajava sozinha e tinha profissão definida. Numa reportagem no EH, 1917/s 89, no 22, com título “Nova Força de Trabalho para o Brasil”, diz o seguinte: “A nossa irmã tem frequentado um curso de oito semanas no Seminário Bíblico Sueco, um curso de dois anos no hospital de Vänersborg, e um curso de três meses na Maternidade de Estocolmo”. E mais: “a sua tarefa será primeiramente servir como “*bibelkvinna*”. Literalmente, no sueco, *bibel* é bíblia, e *kvinna* é mulher, portanto, ela foi enviada como “professora bíblica”. Em cem anos de história, foi a única comentarista mulher das *Lições Bíblicas* da EBD, em 1923<sup>170</sup>. Existem duas fotos oficiais da Convenção de 1930. Numa ela é a única mulher postada no meio de dez homens; noutra, na porta do templo de Natal, estão 34 homens, ela ao lado de Vingren e escondida bem atrás de Beda Palm.<sup>171</sup> (ver fotos abaixo). Ela certamente iniciou uma luta em diversos flancos, mas não teve apoio nem dos obreiros nacionais nem de seus compatriotas e, provavelmente, tampouco de suas compatriotas<sup>172</sup>. Israel Araujo (2007:904) transcreveu trecho da entrevista concedida pelo filho de Frida, Ivar, missionário na Argentina. A respeito de sua mãe, ele diz o seguinte: “tinha o dom de ensinar e pregar como ninguém, e por essa causa sofreu muita perseguição”. Dom de *pregar* e *ensinar*? Esse tipo de “dom”, ainda hoje não é aceito como sendo uma função feminina, pois *esse dom é masculino*. Nesse caso, parece, o Espírito Santo lhe deu o dom errado...

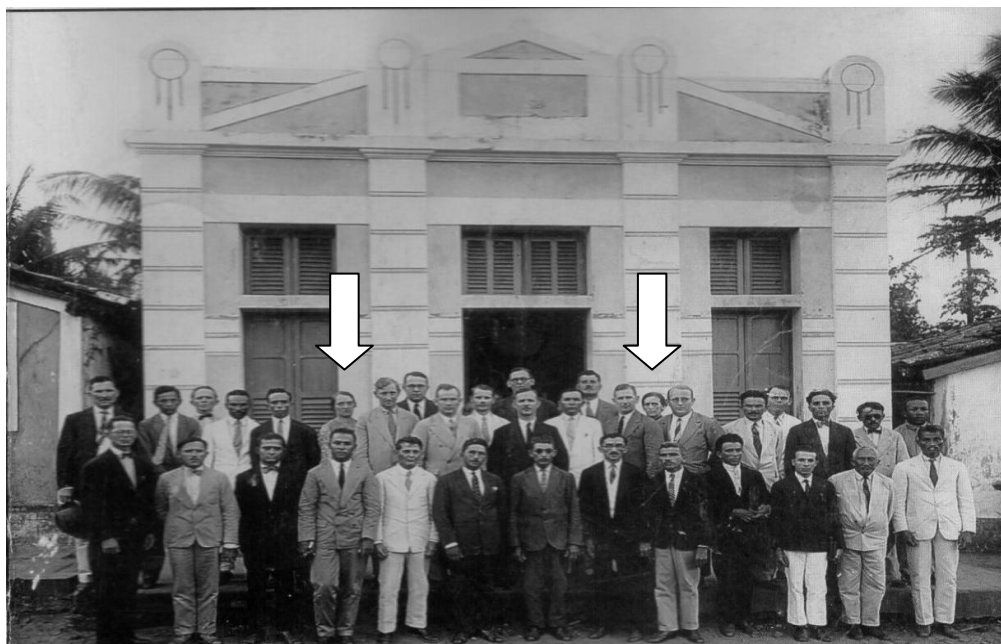
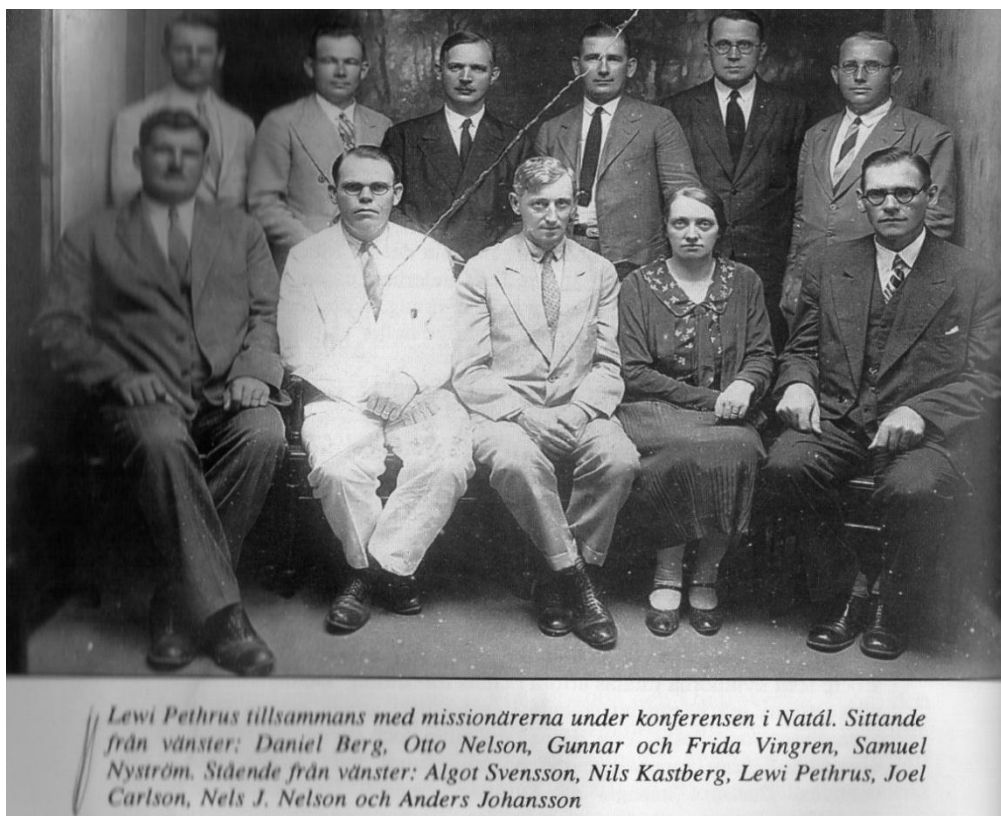
<sup>168</sup> Muitos desses hinos na HC, apesar de constar o nome de Macalão, não são de sua autoria, apenas ele traduziu. É bom frisar que na época, não existia no Brasil nenhuma preocupação com direitos autorais.

<sup>169</sup> Por exemplo, em 1931, após a Convenção, Frida escreve no MP 19 artigos e Gunnar apenas 6.

<sup>170</sup> Em 2011, a CPAD fez uma edição das lições mais importantes, mas as suas não foram incluídas.

<sup>171</sup> No MP estas fotos não estão visíveis, mas no livro VINGREN Ivar - *Det började i Pará. Svensk Pingstmission i Brasilien*, GRuppen AB, Bromma, 1994. As duas mulheres aparecem e inclusive seus nomes.

<sup>172</sup> Como não há registro, cabe perguntar o que as demais suecas solteiras ou casadas fizeram diante do problema? Ficaram caladas? Ou foram mantidas caladas?



Perseguição interna ou externa?

Frida era uma mulher valente, mas não foi párea para os “cabras-machos” nordestinos em conluio com Samuel Nystron. O retorno à Suécia antes do esperado,

provavelmente conseguiu acabar com seu ministério e com sua vida<sup>173</sup>. Ela é a grande heroína não reconhecida da história, pois esta igreja – como quase todas – tem uma historiografia que dá visibilidade apenas aos homens. Sob esta perspectiva, cabe citar o excepcional título que Laura Sá Aragão (2004) deu a seu trabalho: “*Chamadas por Deus, ignoradas pelos homens*”<sup>174</sup>. No mundo religioso, mesmo quando uma mulher se destaca, ela não pode ser “maior” que seu marido, ainda que na prática o seja, seu cargo “precisa” ser inferior ao dele.<sup>175</sup>

Silas Daniel (2004) é o primeiro autor assembleiano a dar destaque a Frida. O seu livro, além de expor pela primeira vez na história oficial as cartas nada amistosas entre esses dois ícones suecos, Gunnar e Nystron, ressalta a importância dessa mulher, algo que não havia sido feito em nenhum dos três livros anteriores sobre a história das ADs. Mais recentemente, Isael de Araujo, no *Dicionário do Movimento Pentecostal* (2007), abre questões nunca antes comentadas pelas histórias oficiais.

É provável que a presença de Irmã Frida na reunião convencional de 1930 estivesse ligada principalmente ao destino dos jornais Boa Semente e Som Alegre. Com o apoio do marido, era ela quem, na prática, dirigia o Som Alegre, portanto, uma interessada direta na decisão (...). Mesmo aqueles que criticavam sua forte presença no jornal (seu marido a incentivava, não por nepotismo, mas por Frida ser notoriamente talentosa) eram unânimes em reconhecer que ela era vocacionada para aquele trabalho, e uma das mais bem preparadas evangélicas que já pisaram em solo brasileiro (Daniel, 2004:34).

Substituíu o marido na direção dos cultos quando ele se ausentava (...) Era enérgica em tudo, tendo desprendimento para compreender e resolver todas as situações, num só momento. Isso contribuiu, diversas vezes, para que ela tomasse atitudes que desagravam a muitos (...). Foi incompreendida e demasiadamente criticada (...). Um dado sobre o fim da vida de Frida, na Suécia, ainda não devidamente comprovado, é que ela teria morrido só, asilada, desconhecida, sendo enterrada como indigente” (Araujo, 2007:904-6).

#### **d) A Convenção de 1930 e a reação posterior de Frida:**

Nos dias 12 e 18 de setembro de 1930, em Natal - RN, aconteceu a primeira Convenção das ADs no Brasil. Um manifesto assinado por dez nomes brasileiros, publicado no BS durante alguns meses em 1929, convoca a “necessidade urgente de uma Convenção Geral”, algo, aliás, que não parte do modelo sueco de igreja. Objetivo: “resolver certas questões que se prendem ao progresso e harmonia da causa do Senhor”. Por quê? “Necessidade de uma Convenção Geral, pois só assim será possível remover

<sup>173</sup> “Um dado sobre o fim da vida de Frida, na Suécia, e que ainda não foi devidamente comprovado, diz respeito ao fim de sua via: ela teria morrido só, asilada, desconhecida, sendo enterrada como indigente.” (Araújo, 2007:906). Isso que Isael Araujo diz como “hipótese” não comprovada, é assegurada pela documentação que Kajsa Norel (2011) apresenta em seu trabalho.

<sup>174</sup> Especialmente o capítulo IV, no qual a autora analisa a gênese da questão, a partir de uma discussão das cosmovisões e do surgimento dos paradigmas na produção do machismo latino-americano, ao concluir ele chama a atenção para o “sacerdócio universal” dos crentes, que, em tese, deveria alcançar as mulheres.

<sup>175</sup> Por exemplo, os chamados Apóstolos Estevão Hernandez e Waldomiro Santiago, da *Igreja Apostólica Renascer em Cristo e Igreja Mundial do Poder de Deus*, respectivamente, têm ambas as esposas em destaque, aparecendo junto com elas na TV, mas elas são “apenas” *bispas*. Por que suas mulheres não podem alcançar cargos iguais aos que eles ocupam?

certos obstáculos que podem embarçar a causa do Nosso Senhor Jesus Cristo” (Alencar, 2000). As questões tratadas foram: 1. As relações conflituosas entre brasileiros e suecos; 2. Entre as igrejas do Norte/Nordeste e Sul e Sudeste; 3. Jornal *Boa Semente* (Belém-PA) & *Som Alegre* (Rio de Janeiro); 4. Atuação das mulheres na igreja. Esse quarto ponto é a “soma” dos anteriores, pois sem ele os anteriores inexisteriam. Apesar de toda objeção que havia contra a participação das mulheres no ministério assembleiano, Vingren é favorável e registra como declaração oficial o seguinte:

As irmãs têm todo o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e a sua salvação, e também ensinando quando for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou de ensinadora, salvo em casos excepcionais mencionados em Mateus 12.3-8. Assim deve ser somente quando não existam na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar (Vingren, 1982:168).

Duas questões fundamentais estão presentes nessa declaração: primeiro, o fato dela tornar óbvio que, na época, existiam mulheres pastoreando – senão seria desnecessária a proibição; segundo, apesar da proibição, se mantém a possibilidade de exceção, no caso da necessidade, ou seja, quando da ausência de “irmãos capacitados (...)”. O que torna mais óbvia ainda a necessidade das mulheres exercerem o pastoreio, uma vez que, na década de 30, não havia um número suficiente de “irmãos capacitados” para atender todas as igrejas em todas as cidades no Brasil. Então, a convenção foi convocada para pôr fim à atuação das mulheres, e, efetivamente, neste evento ela foi proibida, mas nem tanto, uma vez que o reconhecimento da proibição dependeria da interpretação de cada líder ou igreja.

As duas críticas mais ferrenhas feitas ao pentecostalismo no início do século se deviam ao fato dele ser um movimento de liderança negra e feminina (Hollenweger, 1976). O racismo norte-americano da época se tornava ainda mais complexo por outra questão: a posição das mulheres. Evidentemente que este “vanguardismo” tinha uma interpretação teológica: a ação do Espírito Santo atingia a todos sem distinção. Mas esta “indistinção” de raças causou, e posteriormente no âmbito do movimento dos direitos civis, consequências sociais importantes. Ora, se não havia distinção de raças, por que haveria, então, de gêneros? Homens e mulheres são, portanto, iguais. Desde o início, na *Missão da Fé Apostólica*, havia mulheres pregando e exercendo o ministério pastoral. É essa interpretação que oferece John Ongman (1845-1931), um dos líderes do pentecostalismo sueco, ao escrever um livreto em 1900 intitulado “*O direito da mulher pregar o Evangelho*” (Ekstrom, 2003:26).

Tal interpretação, obviamente, não é ponto pacífico nos EUA, na Suécia e muito menos no Brasil. Uma interessante pesquisa realizada sobre a atuação das mulheres no movimento pentecostal sueco (Okskarsson, 2008) ironicamente se assemelha à história das ADs no Brasil. Isso porque, em ambas, no início, as mulheres tinham espaço, títulos, cargos e liberdade para exercer o ministério, mas, como diz o título, “as mulheres são marginalizadas quando o movimento se consolida”. A partir da década de 30, as mulheres passam a sofrer restrições. E na moderna Suécia de hoje, somente na década de 90, depois de muitas lutas as mulheres são reconhecidas no pastorado.

**e) Frida Vingren: Aimee Semple McPherson, brasileira?**

Quem é referência de vida para Frida? Quem é seu modelo? Na Suécia, com base nas biografias de suecos conhecidos, não há nenhuma mulher líder em destaque. Isto é, os suecos não registram, mas há diversas mulheres trabalhando<sup>176</sup>. No Brasil, também não existe nenhuma mulher em destaque no mundo religioso<sup>177</sup>. No pentecostalismo norte-americano, despontava uma pregadora, musicista e escritora, que liderava um movimento que se transforma na *Igreja Evangelho Quadrangular*, Aimee Semple McPherson (1890-1944).

Quem no Brasil poderia ter acompanhado este fenômeno senão exatamente os missionários suecos, pois todos vinham da Suécia para o Brasil via EUA e, provavelmente, todos falavam inglês. McPherson era a inspiração de Frida. Em 1922, a família Vingren vai passar um período de férias na Suécia e, no retorno, fica nos EUA de agosto de 1922 a janeiro de 1923. Neste período, Frida tem contato pessoal com McPherson, pois no Brasil lhe escreve uma carta agradecendo a oportunidade da conversa (ver Anexo VI – Atas e Cartas). Este é um dos momentos áureos de McPherson, pois em 1923 ela inaugura o *Angelus Temple*, em Los Angeles, com 5 mil e 300 assentos e também lança no ar sua rádio KFSG (Blumhofer, 1996). McPherson nasceu em 1890 e Frida, em 1891, portanto, um ano mais nova; McPherson morreu em 1944, Frida, em 1940; ambas são compositoras, pregadoras e escrevem em jornais, diferem, porém, no que diz respeito aos casamentos. Frida casou apenas uma vez, McPherson três<sup>178</sup>. Frida conhecia seu ministério, lia seus textos e a admirava; tanto que

<sup>176</sup> Como no Brasil, na Suécia aconteceu o mesmo modelo de invisibilização das mulheres segundo a pesquisa de Okskarsson (2006 e 2008).

<sup>177</sup> No Brasil, em 1922, acontece a *Semana da Arte Moderna* com destaque para mulheres artistas, como Tarsila do Amaral; mas estes modelos “mundanos” jamais foram bem vistos dentro da igreja (Alencar, 2005:122); ademais, resta saber até onde Frida acompanhou e interessou-se pela presença das mulheres na arte contemporânea.

<sup>178</sup> McPherson é, no mínimo, muito original em suas excentricidades eclesiológicas. Ninguém fez algo igual antes e, até onde conheço, depois. Em uma de suas “mensagens dramatizadas”, por exemplo, ela entra no púlpito com uma moto e uma capa preta com uma placa “Stop”, isso no ano de 1927. Como escreve diversos musicais e operetas, seu ministério é muito caracterizado por expressões artísticas não muito comuns na realidade evangélica ainda hoje. Atriz, cantora, rica, bonita, divorciada: uma celebridade. Em *Los Angeles* é amiga de artistas como Charlie Chaplin, que visita

no *Som Alegre*, ano I, no. 3, fevereiro de 1930, há um texto de McPherson traduzido por Frida. Medidas as proporções, talvez quisesse imitá-la. Portanto, os suecos sabiam o risco que corriam! Pelo que McPherson fazia nos EUA e, em especial, pelo que Frida poderia fazer – ou já fazia - no Brasil. Se os suecos não aceitaram ser liderados por uma mulher, os brasileiros também não aceitariam.

Frida aceitou passivamente a determinação da Convenção de 1930? Definitivamente não.

Como redatora do jornal oficial da denominação, ela tem poder e o usa. Com uma argumentação genial em um texto arrasador, Frida declara guerra; não foi, portanto, sem motivo, que seu filho diz ter sido ela “muito perseguida”. No MP. Ano I, no. 3, de 1º de fevereiro de 1931 (cinco meses após a convenção), na página 3, há um texto de sua autoria com o singular título “*Deus mobilizando suas tropas*”. Seu primeiro parágrafo diz o seguinte:

Mobilização é um movimento pertencente às guerras. É o acto de preparação das tropas para a luta. Vivemos em tempos de apreensões, guerras e revoluções (...) O quando a guerra é declarada numa nação, chama-se o povo para a mobilização”. (mantida a grafia da época)

O texto tem um objetivo específico: *incitar as assembleianas a não aceitarem passivamente a decisão da convenção*. Seria muito interessante saber como este texto foi lido pelos homens – e mulheres - da época. Foi sem dúvida uma clara declaração de guerra às determinações da Convenção de 30, e um recado aos machos dirigentes dizendo que, pelo menos ela, não se submeteria à proibição. Como as demais mulheres, ela fora proibida de falar, mas não de escrever. Inclusive, porque ao seu lado não existiam “irmãos capacitados” (ao seu lado na redação estava Samuel Nystron). Os grifos do texto estão no original, nada mais significativo do que Frida queria enfatizar:

Despertemo-nos, para atender ao chamado do Rei, alistando-nos nas Suas fileiras. As **irmãs** das “assembléias de Deus” que igualmente, como os irmãos tem recebido o Espírito Santo, e portanto, possuem a mesma responsabilidade de levar a mensagem aos pecadores precisam convencer-se de que podem fazer **mais** do que tratar dos deveres domésticos. Sim, podem também **quando chamadas pelo Espírito Santo** sair e anunciar o Evangelho. Em todas as partes do mundo<sup>179</sup>, e especialmente no trabalho pentecostal, as irmãs tomam grande parte na evangelização. Na Suécia<sup>180</sup>, paiz pequeno com cerca de 7 milhões de habitantes, existe **um grande numero** de irmãs (...) trabalhando **exclusivamente** no Evangelho. Dirigem cultos,

---

a sua igreja e lhe “assessora” em suas apresentações musicais. Seu vanguardismo, evidentemente, vai provocar muita polêmica, ainda mais no meio religioso. Ela “ajuda” seus inimigos com seus complicados casamentos e divórcios e outros episódios, como um mal explicado sequestro, em 1926 (Blumhofer, 1996:260; 318,350). No final da década de 1920, seu ministério enfrenta muita resistência. Não é coincidência, portanto, a data da proibição do ministério feminino assembleiano no Brasil.

<sup>179</sup> Ela tinha razão, desde o início das missões evangélicas modernas há uma presença feminina significativa. “Estamos suprimindo nossos postos com mulheres, durante toda a fase inicial de suas histórias, a missão de Taylor buscava mulheres solteiras e casadas para todas as tarefas missionárias, até mesmo pregar e ensinar” (Kraft & Crossman, 2009:372)

<sup>180</sup> Frida tem em mente seus conterrâneos suecos, ou mais especificamente, Nystron, pois na Suécia mulheres pregam não apenas nas congregações, mas nas grandes conferências. Gunilla Oskarsson (2007) resgata anúncios no EV e outros periódicos na década de 1920. Nomes como Gerd Astrom e Maria Lundgren, e outras, são publicados juntos aos de Pethrus e Ongman.



testificam e falam da palavra (Os que estiveram na convenção em Natal e ouviram o Pastor Lewi Pethrus falar deste assunto, sabem que é verdade). Por qual razão, as irmãs brasileiras hão de ficar atrasadas? Será, que o campo não chega, ou que Deus não quer: Creio que não. Será falta de coragem? (...) As irmãs, convém buscarem santificação e consagração, para que o Senhor as possa dirigir e abençoar. Não há tempo a perder. Jesus vem em breve. O Senhor diz: “A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Diremos nós: “Eis-me aqui, envia-a me a mim”. [mantida a grafia da época; grifos no original]

Perguntas: quem – sueco ou brasileiro - na liderança assembleiana, na época, seria capaz de responder a este texto? E quais (e como) dos seus argumentos poderiam ser refutados?

#### **f) A capacidade analítica de Frida.**

*Uma leitura da realidade.* A esperteza da Frida é óbvia: ela parte da realidade, em pleno período entre guerras, para articular a urgente e absoluta necessidade de mão-de-obra. Mobilização de tropas para a guerra é o assunto do momento. Seu título atrai corações e mentes e, a partir da realidade de guerra, ela faz, genialmente, uma ponte com a convocação divina para outra guerra. E essa é mais importante.

*Uma leitura teológica pentecostal.* Argumentação bíblica também é óbvia e irretocável: o Espírito Santo age igualmente em todos - nos irmãos e também nas irmãs. É muito irônico e absolutamente problemático que ainda hoje não há uma justificativa para diferenciar por que os homens podem exercer o ministério, mas não as mulheres, se a ação do Espírito Santo é a mesma em todos. O que justificaria a distinção? Na falta de razão ou de argumentação mínima, inclusive algo que mereça o nome de argumento, as denominações evangélicas, como a igreja católica, simplesmente proíbem.

*Uma leitura feminina e não feminista.* Sua fala seria absolutamente rejeitada, inclusive pelas mulheres, se desprezasse ou apenas esquecesse os deveres domésticos. Esperta, ela não nega, nem os menospreza, pois isso seria mortal para sua luta, mas diz que elas podem fazer *mais* (e frisa o mais) do que apenas isso. Mulheres são iguais aos homens, com os mesmos direitos? De onde Frida tirou esta ideia? No Brasil, as mulheres ainda não votavam<sup>181</sup> e não podiam assumir cargos públicos, algo não muito diferente do mundo em geral. As demandas feministas não tinham voz na sociedade brasileira, muito menos em um ambiente religioso pentecostal assembleiano. Evidente que sua tematização de igualdade não tem a conotação feminista ou feminina moderna; era muito mais “teológica” (como frisado anteriormente) que sociopolítica.

*Uma leitura do movimento pentecostal.* Poder-se-ia dizer que, no período entre guerras, as mulheres estão agindo assim (entrando no mercado de trabalho), e teria perdido a argumentação, pois “o mundo” não pode ser padrão para a igreja. Os EUA

<sup>181</sup> Frida também não votava, pois saiu da Suécia em 1917, e somente em 1921 as suecas foram incluídas no processo eleitoral. No Brasil, somente em 24 de fevereiro de 1932.

também não. Qual o modelo, então? O “movimento pentecostal no mundo” é assim. Por que no Brasil deveria ser diferente? Na Suécia, que é muito menor, há mulheres trabalhando exclusivamente na obra, por que não no Brasil? Por que as brasileiras deveriam ficar atrasadas?

*Uma leitura eclesiástica e apelo à autoridade.* Na hipótese de algum leitor ausente na Convenção pensar que ela estava mentindo, apela para o testemunho dos presentes. Além de ser um recado para as brasileiras, é talvez, muito mais, um recado para os seus colegas suecos: por que na Suécia o movimento pentecostal permite mulheres trabalhando exclusivamente, com o apoio do líder principal, Pr. Lewis Pethrus, mas aqui no Brasil eles boicotam as mulheres? Quando legaliza seu argumento a partir da fala do Pr. Pethrus, coloca na berlinda todos os missionários suecos. Ou mais especificamente Samuel Nystron, seu colega de redação no MP.

Depois de, espetacularmente, usar argumentos sobre a real igualdade teológica dos gêneros, do modelo sueco evangelização, apela para autoridade do testemunho de Pethrus – algo fortíssimo na identidade assembleiana nordestina da época. Usa a posição do pastor líder. Inquestionável.

Por fim, em suas últimas frases, ela apela para o escatologismo marcante da época (Alencar, 2000) e encerra o texto com o mais clássico versículo de chamamento ao compromisso missionário. “*A quem enviarei e quem há de ir por nós? Eis-me aqui, envia-me a mim*”. Esse apelo missionário ainda hoje é fortíssimo no meio assembleiano. Funcionava e ainda funciona muito bem.

Essa é a Frida Vingren! Afinal ela não foi enviada como *bibelkvinna*?

Isso, evidentemente, causa muitos problemas para ela, para seu marido, para a igreja local e para as demais igrejas no Brasil, onde o jornal é lido – mais uma vez, nada registrado na história oficial, mas registrado em cartas que os missionários trocaram entre si e enviaram do Brasil para a Suécia. Conquanto o problema não tenha sido sua reação posterior à Convenção em setembro de 1930, é mais antigo. Em maio de 1930, na página 6 do *Jornal Boa Semente*, há uma aviso à igreja, que diz o seguinte:

*Comunicamos aos irmãos que o Sr. Raul Alvares de Abreu **está** excluído da Assembleia de Deus, na Capital.*

*Pela Assembleia de Deus. No Rio de Janeiro, 22 de Maio de 1930.*

*Frida Vingren*

*Palatino dos Santos*

*Joaquim Cardoso*

Frida, junto a dois nomes masculinos abaixo do dela, assina e publica aviso de exclusão de um membro da igreja. Quem, de fato, *dirige* a igreja: ela ou o marido?

Na Convenção de 1930, não se fala de Vingren deixar o Brasil, ao contrário, se “oficializou” a liderança sueca no sul e a brasileira no norte e nordeste. Dois anos depois, porém (um ano depois desse comunicado), ele com a família estavam deixando o Brasil e voltando para a Suécia. Diz-se que a grande causa de seu retorno é o agravamento de seus problemas de saúde, mas doente ele sempre foi, desde adolescente (Vingren, 1982:19)<sup>182</sup>. As questões advindas da Convenção de 30, e as posteriores, apenas problematizaram ainda mais sua fraca saúde. Com certeza, sua doença foi agravada pelo embate em defesa de sua mulher. Esse texto de Frida foi a gota d’água? Ainda não, pois no próximo jornal ele escreve um texto com o singelo título “*O Pastor*” (MP, ano I, no.4, pg. 3, 15/02/1931). Assunto: delimitações da vocação, disciplinamento do comportamento pastoral, diretrizes na condução da Igreja, dizendo que alguns têm o “título, mas não tem o dom”. Vejamos o que os pastores leram em 1931: “*Muitos pensam que é consagração quem faz o pastor. É um erro - esta é unicamente uma confirmação de Deus, e um auxílio, diante da lei social, poder exercer as funções de um ministro do evangelho (...) É preferível, então, ter a realidade sem os títulos. O verdadeiro pastor nunca é “dirigente” em absoluto. Elle tem o Espírito Santo como dirigente, e não como ‘auxiliar’*” [mantida a grafia original]. Era um “recado” para alguém em especial ou dirigido a todos?

Vejamos, portanto, um editorial que é publicado no MP, ano I, no. 21, de 15 de novembro de 1931, pg 11, (dez meses depois do texto da Frida) assinado por Gunnar Vingren (e, talvez, escrito por Frida).

“O Mensageiro de Paz”

A fim de que todos fiquem sabendo a realidade concernente ao “Mensageiro de Paz”, quero fazer a seguinte declaração.

Ficou resolvido na Convenção Geral de Obreiros, realizada na cidade de Natal. Rio Grande do Norte, em setembro de 1930 p. p., que o novo orgam das “Assembléias de Deus” no Brasil, aliás, o “Mensageiro de Paz”, seria dirigido pelos irmãos Samuel Nystron e o abaixo assinado. Também que o mesmo ficaria sendo redigido no Rio de Janeiro. E, particularmente, entre mim e o irmão Samuel Nystron, combinados duas coisas, as quaes, quero deixar escripto aqui.

A primeira foi que, a resolução tomada em convenção, a respeito de que o novo orgam, hoje, “Mensageiro de Paz” ficasse sendo redigido no Rio de Janeiro, teria valor, entre nós directores, durante o tempo em que ficasse trabalhando nesse campo, isto é, no Rio de Janeiro.

<sup>182</sup> Em seu diário é recorrente sua fala sobre doenças. A primeira que aparece é ainda no ano de 1897, ele tem dezoito anos e mora na Suécia; depois registra que tem um “corpo débil e enfermo”; “dor nas pernas, tosse e febre e inchado”; “tremia terrivelmente [malária]”; “alimento não suficiente”, “cansado e esgotado [cinco anos]”, “usava uma faixa sobre a hérnia”; “gripado, doente do estomago e do peito, me faltavam forças”; “seis semanas febre e pneumonia”, “sofrendo do estômago”; “esgotado tive um colapso” “gemia e clamava de dor” [em 1932, já na Suécia] (Vingren, 1982: 14,19,40,41,43,53,70,151,204, 208,215,220)

A segunda combinação, foi que a irmã Frida Vingren, ficasse trabalhando na redação do novo órgão, da mesma maneira em que trabalhava com o extinto jornal “Som Alegre”.

Pela verdade do que escrevi aqui, me responsabilizo.

Segundo estas combinações, temos trabalhado todo este ano que está para terminar. Agora pedimos as orações de todos os irmãos, que amam o trabalho do Senhor, neste sentido; que Deus dirija para o próximo ano, todas as coisas concernentes ao jornal. Queremos em tudo, que a vontade e a direção do Senhor prevaleça e com a vontade de Deus, estamos prontos a nos conformar.

Declaro também, que o meu ardente desejo, pela graça de Deus, posso afirmar, que sempre foi, é e será, de trabalhar em harmonia, com todos os meus amados irmãos no Brasil, em favor da obra gloriosa do Mestre.

Vosso no Senhor,

Gunnar Vingren. [mantida a grafia original]

Um jornal, revista ou documento pode ser feito por uma ou mais pessoas, atualmente com muita facilidade, por causa da internet. Como um jornal, no início da década de 30, poderia ser dirigido por duas pessoas, uma no Rio de Janeiro e outra em Belém do Pará? Especialmente quando o diretor no RJ não dirige, mas é sua mulher quem o faz? Esse editorial do Vingren tem um leitor especial: Nystron. As tensões se agravaram consideravelmente e, em 15 de agosto de 1932, Vingren e família voltam para a Suécia. Quem o substitui no pastoreado da igreja no RJ? Samuel Nystron.

Daniel Berg viveu cinquenta e dois anos no Brasil; Gunnar Vingren, vinte e dois; e Frida, apenas quinze. Berg nunca assumiu nenhum cargo na instituição e Gunnar sempre foi voto vencido em suas propostas. Frida incomoda o suficiente que precisa ser calada. Não deixa de ser extremamente significativo que, na década de 1920, líderes, homens e mulheres reunidos, discutam e, mesmo que como exceção, mantenham a possibilidade das mulheres pastorearem. Questão que vai rondar como fantasma a história desta igreja nos próximos anos. Em 1983 e 2001<sup>183</sup> ao voltar a ser discutido na convenção, o assunto é rejeitado por unanimidade – numa reunião exclusiva de homens.

Anos depois, o ministério feminino seria mais uma vez discutido. Na Convenção Geral de 1983, ele foi rejeitado por unanimidade. Na Convenção Geral de 2001, em Brasília, o tema seria mais uma vez levantado. Na ocasião, os convencionais, por *esmagadora maioria*, rejeitaram a ordenação de mulheres (Daniel, 2004:40, grifo meu).

Essa “maioria esmagadora” é contrária à oficialização do ~~ministério~~Ministério feminino, conquanto as mulheres continuem o exercendo oficiosamente. Oficialmente marginais, na prática a igreja é mantida por elas, que são presença majoritária, pois enquanto há 5.586.520 homens assembleianos, existem 6.727.891 mulheres assembleianas. Conquanto no Brasil isso não seja uma especificidade feminina das

<sup>183</sup> Em 1984 a denominação Batista do Sul, EUA, produziu um documento justificando por que não se ordenariam mulheres pastores (Rodrigues, 2005:34).

ADs, pois, com exceção do Islamismo, Judaísmo e do sem-religião, todas as manifestações religiosas no Brasil têm maior membresia feminina.

Tabela sobre o pertencimento religioso – homens e mulheres no Censo 2010.

RELIGIÃO	HOMENS	%	MULHERES	%
Católica Apostólica Romana	61.180.316	<b>49,63</b>	62.099.856	<b>50,37</b>
Evangélicas	18.782.831	<b>44,43</b>	23.492.609	<b>55,57</b>
Evangélicas de Missão	3.409.082	<b>44,35</b>	4.277.745	<b>55,65</b>
Evangélicas de origem pentecostal	11.273.195	<b>44,43</b>	14.097.289	<b>55,57</b>
<b>ADs</b>	<b>5.586.520</b>	<b>45,37</b>	<b>6.727.891</b>	<b>54,63</b>
CCB	1.060.218	<b>46,31</b>	1.229.416	<b>53,69</b>
IBC	85.768	<b>43,61</b>	110.897	<b>56,39</b>
IEQ	774.696	<b>42,84</b>	1.033.693	<b>57,16</b>
IURD	756.203	<b>40,37</b>	1.117.040	<b>59,63</b>
ICB	52.274	<b>41,64</b>	73.276	<b>58,36</b>
IPDA	365.250	<b>43,21</b>	480.133	<b>56,79</b>
Evangélicas de origem pentecostal	77.990	<b>43,30</b>	102.141	<b>56,70</b>
Espírita	1.581.701	<b>41,10</b>	2.267.176	<b>58,90</b>
Umbanda e Candomblé	269.488	<b>45,77</b>	319.310	<b>54,23</b>
Umbanda	182.119	<b>44,71</b>	225.213	<b>55,29</b>
Candomblé	80.733	<b>48,24</b>	86.630	<b>51,76</b>
Budismo	110.403	<b>45,25</b>	133.563	<b>54,75</b>
Islamismo	21.042	<b>59,84</b>	14.124	<b>40,16</b>
Judaísmo	53.885	<b>50,21</b>	53.444	<b>49,79</b>
Sem religião	9.082.507	<b>59,23</b>	6.253.004	<b>40,77</b>

Fonte: IBGE – Censo 2010

Frida Vingren, “tomou a frente”. De fato tomou, pois as lideranças assembleianas brasileiras e suecas jamais lhe dariam. Mas na “frente”, ela foi esmagada. Nas ADs atuais, diferentemente de décadas atrás, não há nenhuma Frida para *tomar a frente*. E a maioria continua esmagadora.

#### g) Frida: uma adúltera?

Há uma versão entre os pastores mais antigos<sup>184</sup>, reproduzida ainda hoje por alguns, que afirma que a campanha dos nativos e suecos contra Frida teria sido motivada porque Frida teria tido um caso extraconjugal. Em 1940, ano de sua morte, essa acusação era de conhecimento público? Isso, então, explicaria por que no MP não se escreveu uma única linha sobre a sua morte?

Aceitada a *veracidade* desta versão, surge um problema: se isso de fato foi verdade, como alguns gostam de repetir para justificar seu alijamento, por que isso não foi usado contra ela na carta em que foi denunciada a Pethrus, em 1932? (Anexo V). Isso não seria o suficiente para por fim à sua atuação no MP, seu ministério e seu casamento? Esse fato poderia ter sido usado na época para calá-la completamente, mas as acusações são de que ela *manda na igreja, atropela os homens, não obedece a convenção e incita as mulheres contra os obreiros*? A acusação de adultério surge –

<sup>184</sup> Quando das entrevistas com pastores com mais de 70 anos, no meu período de mestrado, um pastor insinuou isso, mas não aceitou gravar entrevista nem publicar seu nome. Segundo ele, exagerando, “todos os pastores sabiam disso”.

coincidência? – bem depois das polêmicas. Na falta de argumentos parte-se para ataques pessoais, fórmula bem “eficiente”, especialmente contra mulheres.

Frida viveu quinze anos no Brasil e seus últimos oito anos na Suécia, viúva com cinco filhos (teve seis, mas uma menina morreu no Brasil, onde foi enterrada). Deixa o Rio e Belém, onde ela e as crianças estão acostumadas com o clima tropical, e vai morar na fria Suécia. No mundo, a Segunda Guerra Mundial; na vida particular, Frida vive uma guerra com a Igreja Filadélfia e mais particularmente com Pethrus (Norell, 2011; 289-299). Depois da morte do marido o que ela faria na Suécia? Tentou voltar para o Brasil, mas a Filadélfia não permitiu; tentou ir a Portugal, onde ocorreu o mesmo (Norell, 2011, 208-9). Por fim, decidiu voltar por conta própria, mas quando estava na plataforma do trem com as crianças, um grupo da igreja a impediu (Norell, 2011:322). Foi levada à delegacia e de lá internada compulsoriamente no *Hospital Psiquiátrico de Konradsberg*, em Estocolmo, no dia 25 de dezembro de 1934. Viveu os próximos seis anos, com graves alucinações, vindo a falecer em setembro de 1940. Norell (2011), a partir da documentação do hospital, informa sobre alguns distúrbios mentais e alucinações persecutórias que Frida vive em seus últimos dias. Ela oscila em “afirmar” e “negar” as inúmeras acusações que sofreu em vida, inclusive de adultério. Considerando que uma viúva que lhe fora tomados os filhos, hospitalizada compulsoriamente, abandonada e destituída de seus ministérios, vendo sua vida findando sem nenhuma perspectiva tanto na Suécia como no Brasil, enlouqueça. Era “louca” antes de ser hospitalizada ou se tornou “louca” posteriormente? As ADs elegeram seus “santos”, mas falta assumir que têm uma mártir. Feita não por inimigos da igreja, mas por ela própria.

#### **h) Por que a Convenção de 1930 aconteceu em Natal - RN?**

A maior igreja está em Belém, porém a mais importante fica no RJ, pois além de ser dirigida por Vingren é a capital do país; entretanto, a Convenção acontece em Natal-RN. Por quê? A convocação para a Convenção partiu de um grupo de pastores de Natal. Dentre os dez nomes, apenas um, posteriormente, se torna um nome conhecido na liderança nacional. Cícero Canuto de Lima, foi consagrado pastor por Vingren em 1923, em Belém-PA (seu ministério será analisado no ponto 4.8 – c), ademais, mesmo sendo um período entre guerras (aliás, um esforço extraordinários de missionários obreiros nacionais viajarem neste momento), Natal neste momento é uma cidade moderna e de muita importância, pois lá está a Base Americana.

Vingren tinha ido à Suécia em 1926, mas volta emergencialmente em 1930 para trazer L. Pethrus. Foi buscar o apoio de Pethrus? Se sim, o resultado foi desastroso para ele, pois mostrou a fraqueza de sua liderança e seu pequeno cacife para a luta que iria enfrentar, além de deixar claro que seu carisma pessoal não era suficiente; segundo, essa não era a viagem dos sonhos e a prioridade do Pethrus, pois em sua biografia frisa que, em 1930, estava inaugurando seu templo em Estocolmo, e nem ele nem a igreja queriam a viagem. A questão era, portanto, muito grave. Ainda mas se considerarmos as estimativas de que no Brasil já são mais de 13 mil membros, enquanto a Filadélfia tem 4 mil (Pethrus, 2004:217), e aqui já há dezenas de igrejas, lá apenas uma.

Natal tinha na época o principal movimento sufragista feminino com apoio do Governador, onde, de forma inusitada, as mulheres votaram pela primeira vez no Brasil, em 1927, e também ocorreu a primeira eleição de uma mulher à prefeitura, em 1928. Um abaixo-assinado foi organizado com duas mil e setecentas assinaturas em defesa do voto feminino (Pinto, 2003:48). Qual a ressonância disso dentro das ADs no RN, e demais estados nordestinos? Alguns/as assembleianos/as também firmaram este abaixo-assinado? Até onde essa “subversão” feminina alcançou e afetou a igreja? Não temos nenhum registro, mas evidentemente, essa orquestração masculina contra o ministério feminino, exatamente nesta região e neste período, é indício de algo<sup>185</sup>. Essa cidade é “moderna” demais para os padrões dessa igreja, e antes que ela fosse “contaminada”, os machos dirigentes tomaram uma atitude. Não pode passar despercebida que a herança sueca batista na defesa da “igreja livre” era por natureza defensora da mais plena participação igualitária do voto na assembleia. Pethrus e os demais suecos defendem isso na Suécia, mas não no Brasil; ou não para as mulheres brasileiras.

### **3.5 - MÍDIA: a modernidade assembleiana no início do século.**

A divulgação da obra através da impressão e distribuição de jornais foi uma marca do pentecostalismo desde os primórdios<sup>186</sup>, fato ainda mais interessante, especialmente quando lembramos que no Brasil da época as condições de transporte e de correio eram bastante limitadas, além dos altos índices de analfabetismo. Mas a questão era: qual a forma mais rápida, urgente e possível na época para a propagação e militância da mensagem? A melhor e mais viável era o jornal; e desde o início ele foi usado.

<sup>185</sup> Segundo Rego (1942:48-49), nos anos 1923 e 1924, no Ceará, missionárias suecas solteiras “desprezaram o evangelista (...) as missionárias enciumadas procuraram lançar fora o pastor”.

<sup>186</sup> No Brasil, já temos os seguintes jornais: *Imprensa Evangélica* (1864), *O puritano* (presbiteriano), desde 1889; e *O Jornal Batista*, desde 1901.

O objetivo central e quase único no primeiro momento é apologético. Algo, aliás, não apenas do jornal das ADs, *A Voz da Verdade*, mas em geral da imprensa evangélica. A motivação era a polêmica, particularmente contra a Igreja Católica. Desde o século XIX, os protestantes no Brasil polemizam com a Igreja Católica e, para não perder a natureza protestante do separatismo, entre si também. É uma postura apologética. No caso das ADs, além da polêmica contra o catolicismo, se alimentam (talvez mais ainda) da polêmica contra as demais denominações evangélicas.

*A Voz da Verdade* mostra, desde já, uma parcela da identidade pentecostal: a autonomização pessoal dos membros e a tentativa de controle da liderança. Por que não sobreviveu? Os redatores do jornal, João Trigueiro<sup>187</sup> e Almeida Sobrinho<sup>188</sup>, eram apenas membros da igreja. Por que ele foi encerrado e nasceu um “oficial”, chamado *Boa Semente - BS*, na liderança de Gunnar Vingren?

O *BS* não é um jornal. É uma *causa*. Não é simplesmente um veículo de informação da igreja nascente, é um instrumento de evangelização. Os membros são desafiados em todas as edições a pegarem o jornal e o levarem para rua, para suas casas e locais de trabalho, e com ele em punho proclamarem a mensagem. Parece uma militância ingênua? Talvez nem tanto, se considerarmos o valor simbólico da palavra escrita nesse momento. Era o meio de comunicação mais moderno e eficiente da época. Uma demonstração de modernidade: palavra escrita. “Gente de letra” era gente da cidade, do mundo evoluído da tecnologia. Assembleianos pobres na periferia tinham a seu dispor neste momento um elemento incontestável de distinção social, mesmo muitos sendo semiletrados (talvez a grande maioria), mas de posse de um livro grande – a Bíblia – e de um jornal, ascendiam em importância.

“Você (delegado sindical) está todo falante, aprumado, cheio de explicações. É por isso que eu digo: quando o cabra entra para o Sindicato ou quando vira crente, vira logo cidadão. Ergue a cabeça, até parece que tem estudo!” (Novaes, 1985:136).

### 3.6 - CONVENÇÃO: tempo de estudar a Bíblia.

“Durante os últimos anos, temos *sido enganados aqui na Suécia* com a notícia de que os missionários e a missão no Brasil estavam *organizados numa denominação* bastante forte. Quem nos disse isso mencionou que a sede da organização estava no Pará, e que no princípio consistia somente em três missionários, mas que depois se estendeu, dominando a obra em todo o Brasil. Os missionários estão, quando de trata de assunto de organização, inteiramente no mesmo ponto de vista que as igrejas livres da Suécia. Todos expuseram a sua perfeita aprovação sobre o *pensamento bíblico de igrejas livres e independentes*, entre as quais deve haver uma colaboração espiritual, mas sem a organização da qual os missionários agora tinham sido acusados de professar, e até de praticar uma organização eclesiástica e nível nacional” (Vingren, 1982:166/7)

<sup>187</sup> Foi consagrado pastor nas ADs apenas em 1930 (Araujo, 2005:798).

<sup>188</sup> Sobrinho, aparentemente, nunca se firmou nas ADs; tentou retornar à Batista, mas não foi aceito (Araujo, 2005:819). Tinha substituído o pastor sueco Erik Nelson, em 1898, na *Igreja Batista* em Belém, mas teve problemas doutrinários e institucionais, terminou saindo e fundando a *Igreja Cristã Evangélica*. Posteriormente voltou para a Batista, e depois para as ADs (Ribeiro, 2011).



Esse trecho na biografia do Vingren é do Pethrus, informando-se que é um “artigo escrito mais tarde” pós Convenção de 1930. Enganados por quem? Se a “sede” não é Belém, é onde? No princípio eram três missionários? Somente o modelo de *igrejas livres* da Suécia é bíblico? O fato de organizarem uma igreja nacional merece reprimenda? Essa obsessão anti-institucional que sofre Pethrus é mais do que algo pessoal, pois o projeto de uma organização pentecostal mundial também, mais de uma vez, foi obstaculizado pelos suecos (vamos analisar isso no ponto 6.4).

Teríamos que decifrar a forma sueca de pensar, pois eles são extremamente refratários a todo e qualquer tipo de organização da igreja no Brasil<sup>189</sup>, apesar de que na Suécia eles têm uma instituição. Talvez um resquício do trauma pela perseguição da igreja estatal em seu país de origem? Ou simples medo da autonomia dos caboclos latinos? Algo a se considerar é que, os dois suecos, segundo a revelação, vêm para o Pará; será que em suas cabeças não existe a perspectiva dessa mensagem alcançar o país? O Brasil em extensão geográfica é treze vezes maior que a Suécia, e somente o Estado do Pará<sup>190</sup> é quase três vezes maior. Alcançar o Pará, segundo a profecia, não seria, então, mais do que suficiente?

Nos primeiros anos não houve Convenção no sentido estrito da palavra (ela assume personalidade jurídica somente em 1946), mas apenas *Escolas Bíblicas-EBs*. Por quê? Porque não havia problemas institucionais para tratar. Havia um longo período de oração e estudos bíblicos. Qual era o modelo institucional oficializado a ser seguido? Congregacional, presbiteriano ou episcopal? Nas Atas da Convenção de 38 (as mais antigas que conseguimos até o momento), na sexta reunião, há uma “resolução” que é indício dessa indefinição:

“Visto que os pastores das Assembleas de Deus são consagrados pela cooperação de pastores de outras Assembleas e não por uma igreja local ou o ministério de uma igreja local, a disciplina deles deve também sêr feita com a cooperação de pastores experimentados, convidados pela Assembleia em que há dificuldade, como foi a pratica desde o principio deste trabalho, e estes devem agir em conjunto com a igreja local” [mantida a grafia original].

#### **a) Convenção & Ministérios: uma (in) distinção necessária.**

Talvez uma das questões mais confusas do mundo assembleiano seja a da natureza e relação de uma Convenção e um Ministério. Convenção, tanto a *Convenção*

<sup>189</sup> Algo parecido vai acontecer com os missionários batistas independentes, que são contra a organização nacional. “Em 1939, houve uma primeira tentativa de organizar uma Convenção Nacional, que não foi levada adiante por causa da oposição dos missionários. Em 24 de abril de 1941 foi constituída a primeira Pessoa Jurídica” (Ekström, 2008:56). A Convenção somente foi oficializada em 1952, “após intenso debate”.

<sup>190</sup> O Estado do Pará tem 1.247.689.515 km<sup>2</sup> diante dos 450.295 km<sup>2</sup> da Suécia

*Geral das Assembleias de Deus no Brasil* - CGADB, como a *Convenção Nacional das Assembleias de Deus do Ministério de Madureira* - CONAMAD, assim como as inúmeras outras Convenções Nacionais, Estaduais e Interestaduais, são instituições de personalidade jurídica que, via uma filiação e pagamento de anuidade ou mensalidade, representam jurídica e oficialmente um agrupamento de igrejas. *Ministérios Corporativos* também são um agrupamento de igrejas, mas, tecnicamente, não precisam ter Estatuto, documentações ou registros, pois podem ser apenas uma “filiação fraternal” (como era o desejo dos suecos...).

Um ponto grave é que, na maioria das vezes, a partir da CGADB, as Convenções se denominam de “Convenções de Igrejas”, mas na realidade são “Convenções de Pastores” – as diversas nomenclaturas das convenções indicam a confusão<sup>191</sup>. Portanto, em geral, uma Convenção defende – se é que defende de fato – o interesse do filiados, no caso os pastores. E no mundo assembleiano não existe um órgão de igrejas visando o interesse delas; portanto, nesta seara somente os pastores têm “interesses”...

Conceitualmente, *Convenção* é uma instituição; *Ministério* um organismo. Teoricamente essa distinção delimitaria e resolveria os problemas conceituais e organizacionais, tanto das Convenções como dos Ministérios, mas nas ADs nunca algo é simples. Há Ministérios que têm uma Convenção própria, tanto em âmbito nacional como estadual, mas na maioria das vezes, as Convenções são um agrupamento de Ministérios. Neste imbróglio institucional, uma Convenção instrumentaliza um Ministério, e vice-versa.

Ministérios são filiados às Convenções Estaduais<sup>192</sup> (Convenções, não custa repetir, que não são de igrejas, mas de pastores), e essas às duas Convenções Nacionais, CGADB e/ou CONAMAD. Estamos, nesta pesquisa, considerando apenas ambas, pois estão presentes em todo o território nacional e são as mais antigas, porém existem diversas outras autodenominadas “nacionais” pelos seus sites, afirmação que não pode ser levada propriamente a sério<sup>193</sup>. Acrescente-se que uma grande maioria das ditas

<sup>191</sup> No anexo V relacionamos os nomes das Convenções ligadas a CAGDB e a CONAMAD.

<sup>192</sup> Para um Ministério se filiar a COMADESPE, por exemplo, é necessário ter, no mínimo, um prédio próprio e oito ministros. Outras convenções estaduais podem ter outros critérios.

<sup>193</sup> *Convenção Nacional das Igrejas Assembleias de Deus e Pentecostais Independentes do Brasil* – CONIAPIB. Algo bem suspeito, pois é ligada a um *Instituto Gamaliel*, onde se convoca pastores para filiação e também divulga cursos de bacharel, mestrado e doutorado em teologia, curso de presbítero e diaconato, e também de psicanálise clínica. A sede está localizada em uma pequena cidade do interior do Pernambuco, com um aviso no início do site: “Atenção: todos os cursos oferecidos pelo ITG – *Instituto Teológico Gamaliel* são de ordem eclesiástica e, portanto, não podem ser considerados como curso de nível superior”. [WWW.coniapib.com](http://WWW.coniapib.com) e [WWW.institutogamriel.com](http://WWW.institutogamriel.com). Acesso dia 11.11.11. Há também a *Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil* – CNADB e a *Convenção Geral das Igrejas Assembleia (sic!) de Deus* - CGIADB; o que parece brincadeira beirando à criminalidade por conta da divulgação de uma faculdade com mais de 3.000 cursos livres, e venda de diplomas de Pastor, Bacharel em Teologia e Phd em Teologia [www.cgiadb.com.br](http://www.cgiadb.com.br)

convenções *estaduais* ultrapassam esses limites, pois são também interestaduais, ou “Convenção do Estado X e Estados Limítrofes” (ver Apêndice I e II), um eufemismo ridículo que tenta encobrir o que na realidade é uma anarquia institucional, e o comércio imoral da “indústria” da convenção! (ponto 5.6 – a).

Existe, portanto, resumidamente o seguinte: (1) Ministérios que têm sua própria Convenção, tanto Nacional quanto Estadual: Convenção e Ministérios se confundem; (2) Ministérios que são filiados a uma Convenção Estadual ou interestadual e, assim, a uma Convenção Nacional; (3) Ministérios que se filiam apenas a uma Convenção; (4) Ministérios completamente autônomos, não tem convenção própria e não são filiados a nenhuma Convenção Nacional ou Estadual.

No Brasil, resumidamente, temos três tipos de convenções nacionais: a CGADB e a CONAMAD, possivelmente as duas maiores, e diversas outras, autônomas. São exemplos: *Assembleias de Deus de Anápolis – GO*, presente em diversos Estados e também no exterior, e mais recentemente a *Assembleia de Deus Vitória em Cristo*.

Qual o maior grupo? Possivelmente, seja o ligado à CGADB. Como o Censo não faz distinção entre ambas, é impossível saber o número final de cada grupo. No Anexo I, temos uma listagem de Convenções Estaduais ligadas à CGADB em todos os Estados da Federação; e, em diversos Estados, mais de uma Convenção Estadual é filiada, mas isso também acontece com a CONAMAD: em alguns Estados e cidades há mais de uma Convenção ou Ministérios ligados à CONAMAD<sup>194</sup>. Como se explica isso?

As Convenções não têm registros de membresia das igrejas filiadas, (algo, aliás, inexistente na maioria das igrejas) e também não existe um registro confiável de templos. Elas têm apenas registros de seus filiados, pois esses pagam anuidade ou mensalidade. No Brasil assembleiano, existe uma “indústria de Convenção”, numa corrida inescrupulosa para a filiação de grupos, numa imbricação de política e economia. Existem “grandes” e “pequenas” Convenções<sup>195</sup>, e é seu tamanho que, em última análise, determina sua arrecadação de anuidades e/ou mensalidades, bem como o número de filiados à Convenção Geral, para votar nos candidatos da Mesa Diretora e

<sup>194</sup> Por exemplo, na Região Metropolitana de Goiânia estão ligados a CONEMAD-GO os Ministérios de Campinas, Fama, J. América, J. Esmeralda, Nerópolis, Catedral da Esperança, Setor Sul, S. Garavelo, S. Ludovico, Vila Nova, C. Central, J. Tropical, Catedral da Família e C. Esperança, todos com seus respectivos *pastores-presidente*; portanto, 14 ministérios distintos. Algo que se repete em outras cidades goianas e também em outros Estados.

<sup>195</sup> Em SP, por exemplo, a CONFRADESP, tem 5 mil ministros, já a CIADESPEL tem apenas 882 ministros. No Estado do ES, a CEMADES tem 234 ministros, e a CADEESCO, 1420 ministros. Conquanto números questionáveis, principalmente os arredondados, porém oriundos de informes oficiais das Convenções, e publicados na *Revista Obreiro/Manuel do Obreiro*, ano 27, em abril/maio de 2005.

assumir as centenas de cargos nas muitas comissões nacionais e estaduais. Desta forma, há uma proliferação de cargos e títulos. Muitas destas Convenções, seguindo o mesmo modelo do surgimento de novos Ministérios, são frutos de brigas intestinais dos grupos de poder. Um grupo de igrejas ou Ministério Corporativo sai de uma Convenção, funda uma nova, e se filia à Convenção Nacional, seja ela qual for. E todas agem assim, pois a que não se filiar a este novo grupo, abre espaço a uma outra nacional – em disputa – se filiar. E isso, tanto nacional como estadualmente, é denominado “ligação fraternal”. Realmente.

No Estado de São Paulo, por exemplo, temos quatro Convenções Estaduais filiadas à CGADB; além da CONAMAD – SP (Ministério do Brás), e muitas outras Convenções autônomas filiadas a outros Estados, além de Ministérios autônomos não filiados a nenhuma convenção:

Convenções paulistas estaduais ligadas à CGADB:

- *Convenção dos Ministros das AD no Estado de São Paulo e Outros* – COMADESPE, esta reúne diversos Ministérios<sup>196</sup>;
- *Convenção das Igrejas Evangélicas AD do Estado de SP e Estados Limítrofes* – CIADESPEL. Essa reúne diversos Ministérios;
- *Convenção dos Ministros Ortodoxos das Assembleias de Deus no Estado de SP* – COMOESPO. Exclusiva do *Ministério de Ipiranga*, bairro de SP;
- *Convenção Fraternal e Interestadual das ADs de SP* – CONFRADESP. Exclusiva do *Ministério do Belém*, bairro de SP;

Em SP, portanto, temos o seguinte (idem, em todos os demais Estados):

CGADB	CONAMAD	AUTÔNOMAS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• COMADESPE</li> <li>• CIADESPEL</li> <li>• COMOESPO</li> <li>• CONFRADESP</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• CONAMAD – SP. Ministério do Brás</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ministério AD Bom Retiro</li> <li>• Ministério AD Bereana</li> <li>• Ver Anexo II</li> </ul>

Enfim, para além dessa “oficialidade” de ADs ligadas às Convenções, existem inúmeras igrejas locais ou Ministérios Corporativos completamente autônomos (com os nomes os mais inusitados possíveis). Eles nasceram, se construíram, se solidificaram e se fragmentam, cada vez mais.

<sup>196</sup> Nesta Convenção, há 102 ministérios filiados. Informação dada pelo Pastor Roberto Santos, secretário da COMADESPE, entrevista em 27/01/2011.

### 3.7 - “TEMPLOS – CASA”: lá estamos em casa!

Essa igreja tem um *ethos caseiro*, um “*culto familiar*”<sup>197</sup>. Ao serem expulsos da Igreja Batista, em 1911, os dezoitos membros, novos pentecostais, vão se reunir onde? Numa casa. E isso não altera muito, pois desde o primeiro momento os suecos com alguns irmãos da igreja já faziam reuniões no porão do templo e em casas particulares<sup>198</sup>. Assim permanecem por alguns anos – e em muitos lugares ainda hoje tem esse perfil. Aqui se manifesta o *assembleianismo rural*.

A igreja – não custa lembrar que nos primeiros anos não há templos – é uma extensão da casa e vice-versa. E os primeiros templos quando construídos não se diferiam muito das casas dos membros. Os templos assembleianos não têm energia elétrica, som eletrônico, estacionamento, sanitários públicos, secretaria, tesouraria, salas de aula, luxo e não estão nas ruas e avenidas importantes da cidade; são apenas o espaço carismático das reuniões. Ademais, construídos e mantidos pelos próprios membros<sup>199</sup>.

Todos os templos, dentro do universo rural ou mesmo urbano, são pequenos, com arquitetura simples e estão no raio geográfico das moradias dos membros. Frequentar este templo significa morar perto, pois então todos os membros moram perto uns dos outros; na mesma periferia e estrato social. Pertencentes à *paróquia* no sentido clássico do termo: todos os que estão em redor; templo é um exemplo de uma “dominação *territorial* hierocrática” (Weber, 1998:35, grifo no original) Nenhum templo das ADs nos primeiros anos foi construído nas regiões centrais e mais ricas das cidades, ou foram grandes templos, como os presbiterianos ou batistas<sup>200</sup>. Os templos assembleianos estavam onde estava a membresia: nos subúrbios.

Qual o distanciamento, então, que um assembleiano tem em relação a sua casa e o templo onde congrega? Sua militância inclusive será acentuada, pois antes como católico, ao ir a um templo católico, com a ostentação de riqueza e uma celebração em latim, ele se via distante. Agora, no “templo-casa”, ele participa<sup>201</sup>. Cantando, pregando, dando testemunho, varrendo o chão, organizando a vida do templo e sua vida no templo.

<sup>197</sup> Esta expressão é usada por Léonard (1963:34) para o protestantismo, mas cabe muito mais aqui no nascente pentecostalismo. Manoel Gaxiola, historiador do pentecostalismo mexicano, citado por Synan (2009:398), diz “Não havia credenciais de ministro, e qualquer um que se sentisse chamado podia iniciar uma igreja em sua própria residência ou na casa de outra família”.

<sup>198</sup> É também em uma reunião familiar que os dois suecos recebem a revelação para virem ao Pará.

<sup>199</sup> Como reprodução do modelo da lavoura, em que amigos, compadres e parentes, se reúnem comunitariamente para ajudar no roçado. Na plantação e na colheita.

<sup>200</sup> Primeira Igreja Batista do RJ e de Niterói, bem como as Catedrais Presbiterianas em ambas as cidades também. São Paulo, idem.

<sup>201</sup> “Processo de formação do núcleo inicial, a nucleação foi, principalmente na Assembleia de Deus, ao longo de muitos anos, a *matriz germinadora de templos* e multiplicadora de crentes. A iniciativa de simples crentes servia de mola propulsora. Não se esperava que os templos fossem construídos primeiro para depois se iniciarem os cultos. Na casa de crentes ou de algum amigo, em terreno baldio, dava-se começo ao culto para atrair simpatizantes” (Rolim, 1994:45, grifo nosso).

O templo é seu, pois ele é a igreja. Sua participação na vida do templo-casa vai ser fundante para delimitação de sua identidade, algo que já foi frisado no tópico sobre Ministérios (2.2).

### 3.8 - IDENTIDADE ASSEMBLEIANA PENTECOSTAL BRASILEIRA:

A construção da identidade (é fundamental considerar toda a elaboração teórica que foi feita no ponto 1.1 – b), neste período, é marcada pela teologia do sofrimento dentro de um contexto de exacerbada escatologia. E historicamente é formada a partir do *ethos* sueco-nordestino, onde as primeiras lideranças vivem na tensão entre a “revelação carismática” e a oficialização da denominação.

#### a) Teologia do “sofrimento”.

*“Quem quiser de Deus ter a coroa,  
Passará por mais tribulação;  
As alturas santas ninguém voa,  
Sem as asas da humilhação; (...)  
O aflito crente vai orar;  
Os mais belos hinos e poesias,  
Foram escritos na tribulação  
E do Céu, as lindas melodias  
Se ouvirem, na escuridão”<sup>202</sup>*

Sufrimento não é um ideal, mas uma prática e uma práxis com função ideológica, ela dá a veracidade do grupo; a legitimação da verdade do mesmo, pois é esse sofrimento quem constrói a identificação com o *Atos dos Apóstolos*. Esse conceito é uma palavra chave na história dos primeiros anos, lá e cá. Primeiro, é na igreja reunida que surgem as línguas; segundo, imediatamente veio a perseguição. O fenômeno interno da glossolalia e as reações externas dos inimigos vão moldar o grupo.

Mas é necessário saber, que nem sempre o que a história oficial indica como sofrimento, era de fato. Uma recorrente é “os suecos saem da Suécia para sofrer no Brasil por amor ao evangelho”. Sim, é um tempo de pobreza no Brasil, mas na Suécia também; há perseguição religiosa no Brasil, na Suécia também. O que de fato foi o grande sofrimento dos missionários no Brasil?

A história de Berg e Vingren é heroica e não há nenhum mérito em reconhecê-la. No entanto, eles só assumem essa posição a partir da década de 1960, quando a igreja vai celebrar o seu cinquentenário. Nesse caso, é a instituição que precisa dos “heróis” para se legalizar. Ou, como diz Campos (1999:88), para “manutenção dos esquemas de poder”. A *Igreja Luterana* tem a figura de Lutero, a *Presbiteriana* tem Calvino, a

<sup>202</sup> Hino nº126 na antiga *Harpa Cristã*, e 475 na nova Harpa, de autoria de Frida Vingren.

*Metodista* tem Wesley; enfim, cada instituição precisa produzir seus heróis fundadores. E quanto mais perto do ideal, melhor<sup>203</sup>.

Daniel Berg, em 1961, em solenidade no Maracanã, recebeu uma placa folheada a ouro, mas nos anos anteriores era uma figura apagada, esquecida e, segundo relatos de contemporâneos, vivia em grande pobreza, abandonado na periferia de São Paulo<sup>204</sup>. Seu heroísmo, decantado na história oficial da igreja, é ter vindo para o Brasil em 1910, porém ninguém louva seu heroico sofrimento de ter sido esquecido desde 1913, quando aconteceram as consagrações de pastores (Conde, 1960:32) e ele nunca foi lembrado? Enquanto ele trabalha como operário<sup>205</sup> e posteriormente como colportor, vendendo Bíblias, inicialmente em Belém, depois de barco na região Amazônica, e ainda no final de sua vida, em SP<sup>206</sup>. Não teve títulos e cargos no início, e nos anos seguintes diversos outros suecos vão assumindo igrejas e postos na hierarquia. Para Berg, resta apenas receber uma placa em 1961. Reverenciado às vésperas da morte, mas esquecido enquanto vivo.

Vingren é decantado agora, mas foi voto vencido em diversas questões discutidas nas ADs de sua época. Doente desde o primeiro ano de sua chegada, não viu seu projeto de igreja se realizar. Se na Suécia a Igreja Estatal Luterana lhe traria dificuldade de exercício ministerial, aqui no Brasil a igreja que ele fundou faria o mesmo. Ele havia se formado em um curso de teologia de quatro anos, feito que nenhum outro missionário sueco ou pastor brasileiro havia conquistado à época, todos eram contra essa “fábrica de pastores”; por influência de sua formação batista, era a favor do que na época se chamava de “igreja livre” – em oposição à Igreja Estatal Luterana; também era contra a existência de uma Convenção Nacional, mesmo assim a convenção aconteceu em 1930. Por causa da atuação de sua esposa, era a favor da mulher no ministério pastoral, algo inexistente no Brasil, mas presente nos EUA, desde 1914. Vingren viu a igreja que ele iniciou tomar rumos que ele não compartilhava. Pior, viu sua liderança ser minada por seu conterrâneo Samuel Nystron.

Focalizando não apenas os primeiros missionários, mas para o assembleiano em geral, qual era o sofrimento?

<sup>203</sup> A única exceção conhecida é a biografia de João Queiroz. O autor, seu filho Carlos Queiroz (1999), relata fatos corriqueiros e também as intransigências do patriarca da *Igreja de Cristo* no Ceará.

<sup>204</sup> Esta informação, evidentemente, não consta na historiografia oficial, mas me dita por mais de uma pessoa, em conversas informais.

<sup>205</sup> Trabalha para sustentar os dois, enquanto Vingren fica estudando Português, e segundo a versão dele, ensina o que aprendeu ao Berg à noite. Mas as aulas não foram eficazes, pois nunca aprendeu falar Português decentemente.

<sup>206</sup> Através dos colportores, as Sociedades Bíblicas são as grandes divulgadoras da Bíblia desde 1804. Uma figura chave deste modelo é Daniel Kidder, que trabalhou para a *Sociedade Bíblica Americana*.

Sair de Belém e ir para o interior do Nordeste, ou para o sul do país, falar da mensagem pentecostal, considerando-se as condições de transportes da época, era um sacrifício ou um dever? Era um *privilegio*. Levar a mensagem de “salvação pentecostal” (sim, eles acreditam apenas na salvação na versão pentecostal) para os parentes e amigos é um dever-privilegio, pois é se sentir participante e mensageiro. Afinal, os suecos não vieram de mais longe?

Há sofrimento nessa época? Sim. Conversão é quase sinônimo de martírio, pois há a perseguição da família, das igrejas, da sociedade, além de muita pobreza. Mas o que lemos como sofrimento era lido pelos assembleianos como “glória”. Como registra os Atos dos Apóstolos 5:40-41:

“Chamaram os apóstolos e mandaram açoitá-los. Depois, ordenaram-lhes que não falassem no nome de Jesus e os deixaram sair em liberdade. Os apóstolos saíram do Sinédrio, alegres por terem sido considerados dignos de serem humilhados por causa do Nome”

Este texto é repetido em diversos testemunhos publicados nos jornais. Eram “tempos apostólicos”, como nos Atos, em que os líderes e membros da eram presos por causa do evangelho. Na atualidade também temos apóstolos sendo presos. As razões é que mudaram.

Por fim, o conceito de *trabalho*. Trabalhar é sofrimento ou privilégio? É um privilégio do dever. Herança protestante que vem da interpretação luterana do conceito paulino de vocação, questão que Weber dedica uma capítulo fundamental em sua “Ética Protestante” (2004) e Mendonça (1984) indica como uma das marcas do protestantismo brasileiro. Trabalho, na cosmovisão assembleiana de herança agrícola, é algo natural e vai permear diversos aspectos da vida da igreja. É comum na linguagem litúrgica: “Vamos iniciar o trabalho” (culto); é sinônimo de atividades eclesiais e pessoais: “os trabalhos da semana são...” (reuniões diversas) e “Eu trabalho na obra do Senhor!” (ministério orgânico). Palavra também muito presente na hinologia<sup>207</sup>.

#### **b) E ethos sueco & nordestino, e a questão das “igrejas livres”.**

A Assembleia de Deus (AD) tem um *ethos* sueco-nordestino. Começou com os nórdicos e passou para os nordestinos. Sem entender as marcas dessa trajetória, não se entende a AD”. (Freston, 1994:76).

A expressão “ethos sueco-nordestino”, como elemento fundante da identidade assembleiana, dada por Freston, com a qual concordamos, é fundamental. As ADs, sim, nascem do labor dos muitos suecos, mas desde seu início nacionalizou-se a partir do

<sup>207</sup> Hino no. 504 “Eu quero trabalhar para o meu Senhor”; hino no 506 “Trabalhadores do Evangelho”; hino 519 “Juntos trabalhamos”, e inúmeros outros em que aparecem as palavras “evangelizar, semear, pelear, lutar” todos na mesma temática significando trabalho, tanto “material” quanto “espiritual”.



Norte e Nordeste<sup>208</sup>, e é do (des) encontro desses dois mundos que ela se forma. Uma questão político-teológica vai ser fundamental para sua constituição: a ideia de “igrejas livres”.

Na clássica tipologia weberiana, igrejas e seitas<sup>209</sup>, passa despercebida de alguns a questão de que Weber está reportando a um período histórico de uma Igreja Estatal. Daí o contraponto da igreja & seita, muito mais do que uma designação teológica é uma postura política. Igreja é um órgão do Estado, como diz Weber, é a “instituição da graça”; seita, portanto, um grupo religioso não-estatal, compulsoriamente de contestação do Estado; senão prioritariamente uma subversão de um Estado político, mas de um representante do Estado, no caso, da Igreja Estatal.

Os suecos têm, portanto, absoluta aversão a todo e qualquer tipo de organização e institucionalidade, por isso a celebração ufânica das “igrejas-livres”. Para eles, como para todo o modelo congregacional, só era uma *igreja verdadeira* se fosse uma igreja-livre. Ademais, a *Igreja Filadélfia*, em 1915 foi expulsa da *Associação Batista na Suécia*. Para além de alguma dificuldade com a *Igreja Luterana na Suécia*, a repulsão aumentou ainda mais pelo golpe e perseguição que Pethrus e seus líderes vão sofrer das igrejas autônomas suecas. Portanto, entende-se por que ainda no final da década de 60 ele fala de “denominação” como algo absolutamente danoso.

“Machismo nordestino”? Sim, mas uma especificidade e exclusividade nordestina? O machismo sueco, talvez, aqui tenha sido muito mais cioso que o nordestino. Estes, homens pobres e semiletrados; aqueles, homens europeus brancos, formados na mesma escola da sueca (Nystron foi contemporâneo de Frida no Instituto Bíblico), aceitam ser dirigidos por uma mulher? E acrescente-se também machismo gaúcho. Paulo Leivas Macalão “sentiu de Deus” ir para a periferia de Madureira porque Frida “tomou a frente dos cultos”.

### c) Personagens: Gunnar Vingren & Samuel Nystron.

*A transmissão de carisma nunca acontece sem lutas.* (Weber, 1998:166, grifo do autor).

Vingren e Berg são os fundadores das ADs? Sim, eles podem ser os responsáveis por seu nascimento, mas apenas isso. A formação da igreja, os rumos e sua identidade, não foram dadas por esses dois. Se era a Frida quem comandava (ou tentava fazê-lo no RJ) nas duas primeiras décadas, quem de fato dirigiu a igreja e deu seu rumo, modelo e formação, nas duas décadas seguintes, período, aliás, fundamental da

<sup>208</sup> A primeira consagração de pastores nacionais, já em 1912 (Vingren, 1982:56), é o primeiro indicio.

<sup>209</sup> Daí ser anacrônica a dualidade *igreja-seita* como modelo teórico de explicação do fenômeno religioso.

passagem de *movimento* para *instituição* (Gonh, 2011), foi o missionário Lars-Erik Samuel Nystron (1891-1960).

Vingren era um *profeta*, Nystron um *sacerdote*<sup>210</sup>.

Samuel Nystron foi o primeiro e principal responsável pela tradicionalização<sup>211</sup> das ADs no Brasil – foi presidente da Convenção e da igreja sede no RJ no mesmo período em que Getúlio governou o país. Chegou ao Brasil com sua esposa Lina Nystron, em 16 de agosto de 1916, enviada pela Missão Sueca. Foi, portanto, o primeiro missionário *enviado oficialmente* pela Igreja Batista Filadélfia. Se Vingren (e Berg) vem sozinho, por conta própria a partir de uma *revelação* divina, Nystron foi enviado oficialmente por uma *instituição*. Isso, definitivamente, vai ser um divisor entre os dois. “Líder que mais esteve à frente das Assembleias de Deus no Brasil. Foram nove gestões (1933, 1934, 1936, 1938, 1941, 1943, 1946 e 1948<sup>212</sup>) (Daniel, 2004:679). Em 1946 retorna à Suécia para assumir a Secretaria de Missões da *Igreja Filadélfia*, cargo que exerce até 1960 (Araujo, 2007:510). Inicia e termina sua vida como um burocrata. Um homem zelador da “pureza” da instituição. Jamais compreenderia o modo de ser de um Vingren.

Vingren é cosmopolitano, Nystron interiorano.

Vingren morou e pastoreou em igrejas nos EUA, Nystron saiu do interior da Suécia para vir ao Brasil. Vingren estudou teologia por quatro anos no *Seminário Teológico Sueco de Chicago*; Nystron estudou no *Instituto Bíblico*, na Suécia, por dois anos. Ambos são suecos contemporâneos, pastores batistas pentecostais, mas há um abismo entre os dois, e no Brasil isso somente aumentou. Vingren registra em seu diário que recebeu “uma carta dura de Samuel Nystron”. Em seu registro, em 4 de novembro de 1929, portanto quase um ano antes da Convenção de 30, em Natal, que aconteceu em setembro. O problema é antigo e não se vai resolver de forma fácil.

Samuel Nystron chegou do Pará. Não se humilhou. Sustenta que a mulher não pode pregar nem ensinar, só testificar. Disse mais: que, provavelmente, vai embora do Brasil (...) Separamo-nos em paz, mas não trabalhar mais juntos, nem com jornal ou nas escolas bíblicas, até o Senhor nos unir(...) Assim, disse para ele: Estamos separados”. (Daniel, 2004:35).

<sup>210</sup> Os conceitos *profeta* e *sacerdote* foram explicados no Cap. II, 2.1 – ponto b.

<sup>211</sup> Em nota publicada no MP, em 11 de junho de 1933, pg. 4 traz o seguinte: “**A nossa orientação quanto ao futuro** (título). Após algumas considerações sobre o trabalho em geral, e também sobre o perigo de nos tornarmos formalistas, se impedirmos ou tornarmos o lugar do Espírito Santo, a Convenção resolveu, como o tem feito até o dia de hoje, a obedecer, em tudo, a sábia direção do Espírito Santo. O presidente: Samuel Nystron, o secretário – Emilio Conde” [grafia original]

<sup>212</sup> Sua liderança é tão forte que, mesmo tendo indo embora do Brasil, em 1945, na visita que faz em 1948 é eleito presidente da Convenção.

Nystron não vai embora do Brasil e, na Convenção, sua posição ganhou. Segundo o registro da *História da Convenção*, Samuel viaja a SP para encontrar Berg, e em Santos, Simon Lundgren (1898-1990). Depois, Vingren registra novo encontro dos quatro e, pelo visto, perdeu o apoio dos seus demais compatriotas.

Estes dois suecos representaram, simbolicamente, as tensões iniciadas em 1917 e que ainda hoje acompanham as ADs: ser uma instituição conservadora ou aberta e procurando alguma razoabilidade no tempo; como lidar com o tempo presente? (Vingren, por exemplo, em 1933, já sonhava com a mensagem do evangelho pregada nas rádios. Algo que essa igreja vai debater na próxima década, mas uma grande maioria é contra). Em 1 de abril de 1930, em uma nova carta a Nystron, tenta mais uma vez convencê-lo:

Deus é testemunha de que meu único desejo é que o Espírito Santo possa ter o seu caminho, o seu próprio caminho neste país, e que esta gloriosa obra divina possa continuar da mesma forma que começou. Não posso deixar de apresentar minha convicção de que o Senhor chamou e ainda está chamado homens e mulheres (...) Eu mesmo fui salvo por uma irmã evangelista (...). Depois veio uma irmã dos EUA (...) Também quem orou por mim para que eu recebesse a promessa, foram as irmãs. Eu creio que Deus quer fazer uma obra maravilhosa neste país. Com o nosso modo de agir, podemos impedi-lo. Para não impedi-la, devemos dar plena liberdade ao Espírito Santo para operar como Ele quiser (Vingren, 1982:184).

Por fim, em seu registro no *Diário do Pioneiro*:

As irmãs têm todo o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e a sua salvação, e também ensinando quando for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou de ensinadora, salvo em casos excepcionais mencionados em Mateus 12.3-8. Assim deve ser somente quando não existam na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar (Vingren, 1982:168)

Vingren contemporiza “quando for necessário”, ou em casos excepcionais a “irmã com função de pastor”, ou deve ensinar “quando não existam irmãos capacitados”. É uma tentativa de adequação, de fazer concessão ao momento e à membresia, algo impensável para Nystron, outros suecos e demais obreiros nacionais. Conquanto isso talvez seja mais uma questão pessoal com Frida do que com o ministério feminino, pois, na Suécia ela convivia com mulheres no Ministério<sup>213</sup>. Vingren retorna à Suécia em 1932, muito doente, morrendo no ano seguinte<sup>214</sup>. Observe-se que, em nenhum momento antes, durante e posterior a convenção, se fala da possibilidade de Vingren ir embora. Nystron, sim, ameaça, mas não foi por que sua posição venceu. Vingren perdeu carisma e liderança. Boicotado por contrerrôneos e brasileiros, foi forçado a abandonar o campo e morre logo em seguida. Tristeza e

<sup>213</sup> “No culto da igreja no dia 7 de dezembro de 1914, a igreja separou seus primeiros evangelistas, Carl Ericsson, Samuel Nystron, Ernst Nilsson e Ester Bostrom” (Pethrus, 2004:158)

<sup>214</sup> Berg era um indivíduo forte de quase dois metros de altura, Vingren era frágil e doente.

somatização seria uma boa explicação para sua *causa mortis*. Algo que se repetirá, sete anos depois, na morte de sua esposa, porém de maneira ainda mais trágica.

Por fim, um exemplo claro da liderança de Nystron na igreja, e sobre os demais suecos, é a publicação em setembro de 1934 do livro já citado: *Apostolisk väckelse i Brasilien* (em português: *Despertamento Apostólico no Brasil*). A apresentação do livro é feita por Paul Ongman, na época líder da Missão Sueca, mas o texto de abertura e de finalização, além dos capítulos sobre Norte e Sudeste (as duas regiões mais importantes), foram escritos por Nystron. Vingren falecera há um ano e quatro meses, então se escreve um grande relato sobre o Brasil, celebrando a figura dos dois pioneiros. O que chama atenção é aspecto macro que os artigos do Nystron têm: relatórios sobre o Brasil inteiro do passado “junto ao irmão Vingren” e do presente.

Uma nota: Nystron somente cita o nome da Frida quando fala que ela veio casar com o Vingren, mas nas demais citações ele e os outros suecos quando muito mencionam o “irmão Vingren e esposa”. Como Frida (que está na Suécia desde agosto de 1932) leu este livro e qual foi o impacto que esse texto teve em sua saúde e viuvez? Pode ter sido este um dos fatores que a levou a um hospital psiquiátrico onde ela terminou a vida?

### **Carta dos brasileiros ao pastor Pethrus: ultimato contra Frida.**

Em uma carta assinada por Cícero Lima, Napoleão Oliveira, Francisco Gonzaga, João Baptista, José Amador e Amaro Celestino<sup>215</sup>, em 21/04/1931, datilografada em português, e acrescida de uma versão em sueco (quem traduziu para o sueco?), enviada de Natal, para L. Pethrus, os brasileiros dão o ultimato; entre Frida e Nystron, eles preferem o último.

“todos os ministros unânimes protestamos, primeiramente pela entrada da irmã Frida como redactor do “Mensajeiro de Paz”.(...) fora disso, irmã Frida tem escripto artigos (...) ella ensina como deve estar um pastor, como também como o trabalho deve ser dirigido”<sup>216</sup>. Segunda questão, a “retirada do nosso irmão Nystron, por questões com irmã Frida, haverá grandes desintelligencias entre os nativos. Por causa d’isso, desejamos que a Assembleia de Deus em Stockholmo fará todo o possível para que nosso irmão Samuel ficará neste paiz em continuação” [mantida a grafia original].

Por que Vingren, o homem da revelação, fundador e desbravador deste país, que está há vinte anos na liderança, termina seu ministério de forma tão humilhante? E por

<sup>215</sup> A exceção de João Batista e Amaro Celestino, todos os demais nomes constam na convocação da Convenção Geral de 1930, publicada no BS durante o ano de 1929.

<sup>216</sup> Fazem referência específica ao texto de Frida, publicado no MP, nº 4, 15/02/1930, com o título “O pastor”, onde ela dá diretrizes do ministério pastoral.

que Nystron, e não outro sueco, é quem assume o jornal, a igreja sede no RJ, e fica na presidência da Convenção até o final da década de 40?

Vejamos algumas questões.

*A relação Pethrus & Vingren.* Pethrus foi amigo de infância de Berg e foram batizados juntos em 12/02/1899 (Pethrus, 2004:37), mas somente conheceu Vingren em 1916 quando ele voltou a Suécia. Portanto, a relação dos dois é, no mínimo, pequena e recente. Nystron foi obreiro na Filadélfia antes de vir ao Brasil, foi consagrado ao ministério por Pethrus.

*Qual relação institucional ADs Brasil & Igreja Batista Filadélfica em Estocolmo?* Oficialmente, nenhuma. Se em 1930 a Filadélfia inaugura um templo para 4.000 pessoas em Estocolmo, no Brasil as ADs, já presentes em quase todo o país, já têm 13.511 membros (E, não custa lembrar, não estamos falando da Suécia moderna e rica dos dias atuais). É muito estranho que a Filadélfia, tão ciosa de interferência estatal em suas atividades, tão autônoma como “igreja livre”, visceral em modelo congregacional, mas em se tratando de Brasil, age de forma episcopal. Os nativos nordestinos “pedem” para Pethrus tirar Frida e manter Nystron (Quem afinal escreveu essa carta? O próprio Nystron?<sup>217</sup>) e isso foi um golpe contra Vingren, pois ele veio por uma “revelação de Deus”, e essa igreja, da qual os nativos e os suecos faziam parte, era a prova da veracidade de tal revelação. Oficialmente Pethrus e Filadélfia não tinham direito, autoridade e legalidade nenhuma para interferir. O casal Vingren foi massacrado lá e cá. Não é sem motivo a morte de ambos.

Na carta, eles se dirigem à *Assembleia de Deus em Estocolmo*. Os suecos não lhes explicaram que na Suécia não existiam ADs, e eram pentecostais batista? E sendo de natureza congregacional não era permitido que uma igreja – mais grave, uma pessoa, no caso Pethrus – decidir algo sobre outra igreja? Aqui falou mais alto o machismo sueco. Misoginia não distingue nacionalidade.

Na Convenção de 30, decidiram por unificar os dois jornais, o do Pará e do RJ em um só. Vingren e Nystron seriam os diretores, e Frida e Silvio Brito, os redatores. Ideal na teoria, impossível na prática. Atualmente, pessoas em locais distantes se comunicando via internet realizam tarefas conjuntas, mas como fazer isso em 1930, a 3250 km de distância? Nem telefone eles tinham. Então, afinal, quem faz o jornal?

<sup>217</sup> No MP, de janeiro de 1931, o nome do Nystron aparece como pastor em Santos-SP. Em janeiro de 1932, o MP divulga duas caixas postais dele, uma no RJ e outra em SP. Como, quando e por que ele deixou a igreja em Belém, não há registro; e se já morava em SP, como foi sua articulação com os pastores nordestinos nessa carta para derrubar o casal Vingren?

Frida. Se as relações já não eram amigáveis, esta solução piorou as coisas. Qual o nome do novo jornal *O Mensageiro de Paz*? Irônico, em especial, porque estamos em pleno período que antecede a Segunda Guerra Mundial. De fato, não somente o mundo, mas as ADs estavam muito carentes de paz. Foi um ato falho ou um apelo<sup>218</sup>?

### ***Por que a MFA se torna ADs em 1918?***

O ano de 1918 foi de suma importância para a continuação do movimento pentecostal no nosso país. O trabalho já contava alguns anos. Agora chegou a hora de registrar a igreja para que fosse pessoa jurídica. *Isso aconteceu no dia 11 de janeiro de 1918, quando a igreja foi registrada oficialmente com o nome “Assembleia de Deus”* (Vingren, 1082:97, grifo no original)

Em 1918, além dos dois suecos originais (Frida e Vingren casam-se no Brasil em 1917, mas Berg ainda é solteiro), estão também os casais Otto e Andina Nelson (chegaram em 1914), Samuel e Lina Nystron (chegaram em 1917) e Joel e Signe Carlson (chegaram em 1918). Todos eles trabalham na *Igreja Batista* ou na *Assembleia de Deus*? Nem em uma nem em outra, mas na *Missão da Fé Apostólica - MFA*<sup>219</sup>.

O que era a MFA? Esse é nome da igreja fundada por Seymor, na famosa *Azuza Street*, daí se falar genericamente do “movimento de Azuza”. Mas Vingren conheceu a doutrina pentecostal em uma conferência sueca em Chicago, em 1909 (Vingren, 1982:23); e, parece, é só posteriormente que conhece Parham<sup>220</sup>. Portanto, não há imediatamente nenhuma ligação institucional com Parham ou Seymor, e se os suecos não têm afinidade com a MFA, muito menos com as nascentes AGs. Mas no Brasil os dois nomes eram usado alternadamente<sup>221</sup>.

Por que muda o nome?

Qual a relação dos suecos e brasileiros com os americanos? Oficialmente, nenhuma. As ligações oficiais eram com a *Igreja Filadélfia*, originalmente a 8ª. *Igreja Batista de Estocolmo*. Por que não optar por *Igreja Batista Livre em Belém*? A designação *batista* é traumática. Nos EUA Vingren, foi pastor na *Igreja Batista em Memoninnee*, Michigan, entre junho de 1909 a fevereiro de 1910, mas teve de abandoná-la por causa de sua doutrina pentecostal (Vingren, 1982:22). No Brasil, os dois foram expulsos da *Primeira Igreja Batista* em 1911, e na Suécia, a *Filadélfia*

<sup>218</sup> Também pode ter sido inspirado no *Evangelii Härold*, o jornal da Filadélfia, que em sueco é *Arauto do Evangelho*.

<sup>219</sup> Originalmente, o Ministério de São Cristóvão-RJ, em 2010, mudou de nome para *Assembleia de Deus da Fé Apostólica*, segundo o Bispo Amarildo (entrevista 12/02/11), pois essa, sim, é a “verdadeira origem das ADs”. Vamos retornar ao assunto no ponto Ministério 3ª. Fase.

<sup>220</sup> Leonildo Campos (2005:111) chama atenção para o fato de que o movimento pentecostal “celebra” a versão Seymor e “esconde” Parham, porque este, além de racista, também sofreu acusações de sodomia. Algo que pode explicar a “distância” que os suecos mantêm dele, pois em 1910 eles participam de cultos na igreja do Parham, mas depois esse nome desaparece de seus relatos.

<sup>221</sup> “Missão da Fé Apostólica (era o nome da igreja naquele tempo)” (Vingren, 1982:60). Na descrição de Frida de quando chegou ao Brasil, em 1917, na porta do tempo tinha uma placa “Assembleia de Deus” e de que foi morar na “casa da igreja pentecostal sueca” (Vingren, 1982:93,94).

também foi excluída da *Associação Batista* em 1915. No Brasil e nos EUA, a doutrina pentecostal foi o problema; na Suécia, segundo a versão de Pethrus, a razão da exclusão foi a santa ceia “aberta” (Pethrus, 2004)<sup>222</sup>.

O que é a *Missão da Fé Apostólica* e o que são as AGs, nos EUA, em 1918? A primeira se esfacelou em diversas facções (Hollenweger, 1969, Campos, 1996). As AGs apesar das tensões teológicas e de seu racismo, já têm articulado sua organização em outros países; no México em 1915 e na Guatemala em 1916 (ver Apêndice IV).

Há uma versão que reza que, Vingren, em 1918, conversando com os irmãos no ponto de um bonde, comenta de um grupo pentecostal no EUA com o nome de *Assembleias de Deus*, daí todos aderiram<sup>223</sup>. A questão é que um grupo de pastores de “igrejas livres”, em 1918, organizou-se sob o nome “*Scandinavian Independent Assemblies*”, mas oficialmente somente em 1922 é que esse grupo passa a fazer parte das AGs, oficializando a mudança de nome para *Scandinavian Assemblies of God*.

"Esta organização surgiu durante a primavera de 1922, quando cerca de vinte e cinco ministros escandinavos concordaram em se reunir em S. Paul Minnesota para discutir a possibilidade de criar uma bolsa de estudo informal de igrejas locais autônomas. Cerca de metade desses ministros eram pastores de independentes assembleias locais na região Centro-Oeste superior, a outra metade eram pastores dentro da mesma região que tinha previamente incorporados como corpo de locais igrejas independentes em 1918 sob o nome de Assembleias Escandinavas Independentes" (Burgess, 1988:305-306)<sup>224</sup>.

Essa é, até o momento, a explicação mais razoável para a mudança do nome. Os suecos ao virem para o Brasil passam pelos EUA, o próprio Vingren recebe um salário dos EUA — não está claro em seu texto se de uma igreja ou de uma pessoa física. Um certificado (vide abaixo) de ordenação do missionário sueco Nels J Nelson (1894-1963), que veio dos EUA para o Brasil em 1921, poderia também ajudar. A data da consagração é 1917, mas o certificado somente foi expedido em 1925. Essa versão assembleiana escandinava seria então a grande influência no Brasil?

<sup>222</sup> “Santa Ceia” é a celebração eucarística. Pethrus defendia uma “santa aberta”, em que todos podem participar independentemente da igreja, contra a “santa fechada” dos batistas suecos, em que apenas os membros em comunhão com a igreja local podem participar. Ainda hoje no Brasil isso não é consenso entre as igrejas.

<sup>223</sup> “A inspiração (do nome ADs) também veio dos EUA” (Daniel, 2004:9), isso faz parte da tentativa atual de vincular as ADs aos EUA.

<sup>224</sup> “This organization originated during the spring of 1922 when approximately twenty-five Scandinavian ministers agreed to meet in S. Paul Minnesota, to discuss the possibility of creating an informal fellowship of autonomous local churches. About half of these ministers were pastors of independent local assemblies within the upper Midwest region. the other half were pastors within the same region that had previously incorporated as body of local independent churches in 1918 under the name of Scandinavian Independent Assemblies” (Burgess, 1988:305-306)



### 3.9 - As ADS & CCB. A pluralidade dos irmãos & a homogeneidade da irmandade.

A CCB nasce como uma irmandade e ainda hoje mantém não somente a nomenclatura, mas o *ethos* de irmandade<sup>225</sup>. A CCB tem sistema eclesiástico nacional semipresbiteriano, em que o *Colegiado de Anciãos* toma as decisões, mas localmente é fundamentalmente episcopal: o cooperador do ancião decide sozinho, pois em última hipótese é ele quem tem a “revelação de Deus”. As ADs têm, em sua grande maioria, um episcopalismo vitalício (Alencar, 2010) com algumas facetas presbiterianas e, em raras igrejas autônomas, existe alguns indícios de congregacionalismo. Típico das ADs no Brasil: não há padrão.

Quanto “maior a rejeição do mundo” de um modelo religioso, maior sua tensão com as esferas sociais, pois “religiões proféticas e redentoras [estão em] permanente tensão em relação ao mundo e suas ordens” (Weber, 229:2002). A CCB, sim, consegue ser a igreja pentecostal mais conservadora na preservação de seus traços originais, mas não de forma plena. Tem alterações nas orquestras (formação e execução dos hinos), no hinário, na construção dos templos, na estrutura de poder (no início, não existia o Conselho de Anciãos), etc. E seu ponto mais contraditório é a contínua e absoluta negação organizacional, pretendendo se formar enquanto igreja pela exclusiva

<sup>225</sup> Grupo de leigos católicos com um compromisso fixo e objetivo claro: a devoção a um santo. Esta luta por uma causa transcendia as individualidades dos membros, daí a produção homogênea do grupo, ou seja, uma confraria. Posteriormente, por razões políticas e econômicas, assumem outros papéis, mas sempre em função dos benefícios e interesses da irmandade.



“revelação de Deus”, pelo carisma da mensagem <sup>226</sup>. Mas, embora negue, tem sim uma estrutura hierárquica bem consolidada e uma estrutura administrativa, além de alguma racionalização burocrática (Weber 1991:128).

Nas ADs pode-se encontrar desde o mais pleno modelo anárquico até a mais refinada burocracia administrativa. Isso se evidencia muito na diferenciação entre congregações de periferias e zonas rurais, em relação à profissionalização ministerial das grandes igrejas urbanas. Enquanto as congregações ainda são visceralmente marcadas pelo voluntarismo carismático, desde a função pastoral passando pelos músicos e obreiros, até os zeladores que cuidam do patrimônio (pouco e pobre), as grandes igrejas são dirigidas como empresas capitalistas, com alto grau de racionalidade econômica.

Como já indicado, elas nascem parecidas, e ao longo de seu processo histórico e cultural vão se diferenciando. Ainda assim, há grandes semelhanças entre elas nos tempos atuais. Os itens abaixo não esgotam a questão, são, no momento, as principais características desta identidade. E como essas igrejas, repetindo, são as duas primeiras (e ainda neste momento as maiores), elas representam a *Matriz Pentecostal Brasileira*. Atualmente, diante da imensa fragmentação do movimento pentecostal e de sua indefinível heterogeneidade, não é possível estabelecer a identidade pentecostal delas com os demais subgrupos.

#### **a) Etnia e imigração**

A CCB é fundada por um italiano, dentro de um grupo étnico, e vai manter-se uma igreja étnica — uma irmandade italiana — durante suas primeiras décadas, tendo ainda hoje algumas marcas dessa etnia. Durante estes cem anos os líderes principais no Conselho de Anciões<sup>227</sup> têm sobrenome italiano. A CCB mantém-se quase absolutamente igual à igreja fundada e construída por seus primórdios italianos<sup>228</sup>. Nasceu como um agrupamento étnico familiar e permanece assim com uma estrutura piramidal de uma gerontocracia familista. Sectária, com absoluta aversão a contatos externos, inclusive com outras pentecostais, conseguiu preservar seu modelo quase intacto. Oficialmente nunca houve uma dissidência na CCB, algo comum em todo o protestantismo. Porém, nesses tempos de internet, não é difícil se encontrar sites divulgando possíveis dissidências, fazendo denúncias de desvios de dinheiro, de

<sup>226</sup> Algo teoricamente afirmado também pelas ADs e ironicamente afirmado e reafirmado pelos pentecostais batistas suecos desde o início do movimento e ainda em 1966 por Pethrus

<sup>227</sup> Celebração de anciãos é uma marca das religiosidades antigas, entre os Valdenses, origem religiosa do Francescon, isto é muito importante (Pellizzaro, 2005).

<sup>228</sup> Dos três milhões de imigrantes que chegam entre o final do séc. XIX e início do XX, 60% são italianos.

alteração de rota, de desalinhamento teológico, etc. Até onde é possível entender e identificar tais ações, percebe-se que são movimentos isolados, individuais e muitas vezes anônimos, que trazem, assim, a marca da pouca credibilidade<sup>229</sup>.

#### **b) Consolidação rural & urbana**

Observar os dados dos censos ao longo deste centenário é uma boa maneira de entender o caminhar destas duas igrejas. A primeira cresce muito mais em seus primeiros anos, prioritariamente no sudeste e sul do país. A segunda, no norte e nordeste, enquanto as ADs descem rapidamente, acompanhando o processo migratório para o sul e sudeste. Já a CCB demorou para se expandir pelo país<sup>230</sup>. Somente vai se tornar uma igreja nacional depois da década de 1950, quando neste momento está sendo ultrapassada pelas ADs.

Em Santo Antonio da Platina (PR), foi oficializado o primeiro batismo da CCB, sendo esse considerado seu marco inicial. Posteriormente ela se firma em São Paulo na colônia italiana. As ADs nascem numa das cidades mais cosmopolitanas da América Latina da época, a “Paris Tropical” (Sarges, 2010) e, desde seu início, além de brasileiros, tem diversos estrangeiros, pois Belém do Pará, além dos estrangeiros, apresenta também muita miscigenação. No auge da urbanização, depois dos anos 1950 em diante, sua presença e “resposta à aflição”, usando a expressão de Fry (1975), é muito mais acanhada que as ADs. Continua crescendo, mas muito sectária; presente nacionalmente, mas isolada.

**Tabela No. - Membresia das CCB e ADs em relação a população brasileira:**

	<b>1910</b>	<b>1930</b>	<b>1960</b>	<b>1970</b>	<b>1990</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>
Pop. Brasil	23.413.177	37.675.436	70.070.457	93.139.037	145.825.475	169.872.856	190.732.694
Membresia da CCB	<b>20</b>	<b>30.800</b>	<b>211.108</b>	<b>328.655</b>	<b>1.635.983</b>	<b>2.489.113</b>	<b>2.289.634</b>
% da CCB no Brasil	0,00009%	0,082%	0,301%	0,353%	1,222%	1,465%	1,2%%
Membresia das ADs	<b>20</b>	<b>13.511</b>	<b>407.588</b>	<b>753.129</b>	<b>2.439.770</b>	<b>8.418.140</b>	<b>12.314.410</b>
% das ADs no Brasil	0,00009%	0,036%	0,582%	0,809%	1,673%	4,956%	6,4%

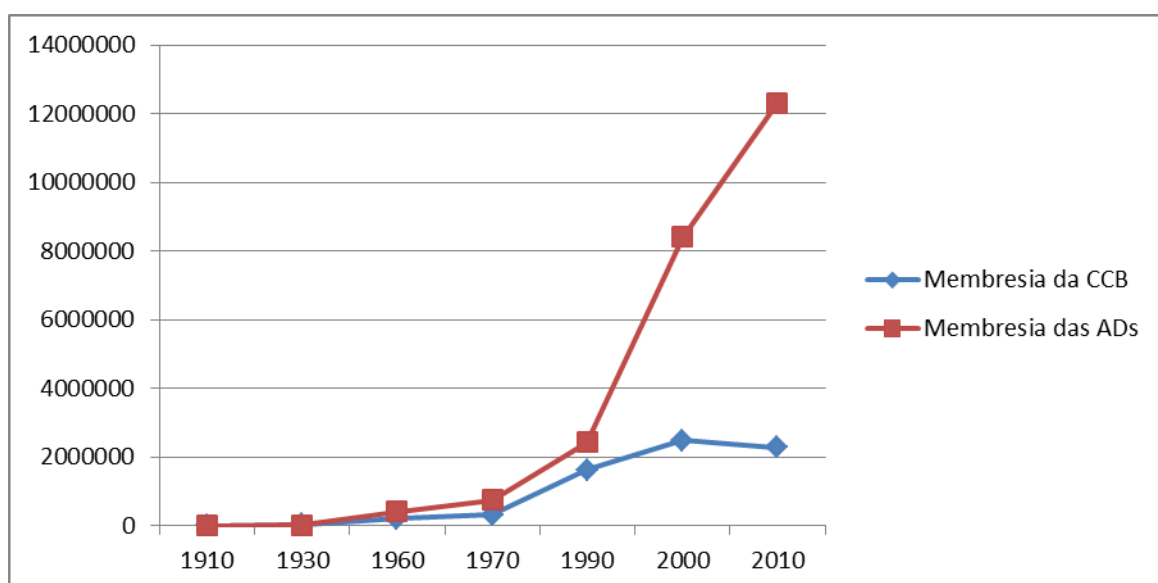
Fonte IBGE – Obs: dada a falta de dados oficiais, algumas décadas foram omitidas.

Na década de 1990-2000 as ADs cresceram 247% enquanto que a CCB “apenas” 52%, resultando, assim, em 2,5 milhão de membros na CCB e 8,5 milhão nas ADs; porém, analisando os gráficos separadamente, percebe-se que o crescimento da CCB nas duas primeiras décadas é mais que dobro das ADs. Em 1930, a CCB está se

<sup>229</sup> A exceção é o site [www.amccb.com](http://www.amccb.com) de uma original Associação de Membros da CCB, com endereço e diretoria, que faz proselitismo apenas interno.

<sup>230</sup> Em 1936, tem 75 templos, dos quais 89,2% estão localizados em SP e os demais no RJ, MG, PR e RS (Monteiro, 2009).

espalhando no Sudeste, uma região com densidade populacional muito maior. Por que, então, 30 anos depois, temos essa reviravolta na membresia pentecostal? Dois fatos podem explicar isso: primeiro, nesse período as ADs “descem” do Norte acompanhando o processo migratório e terminam por alcançar o país, e sem a etnicidade e a doutrina predecionista da CCB, as ADs tem um apelo popular muito mais proselitista. Segundo, as ADs não tinham o estigma que a CCB carregava por ser uma igreja italiana, algo complicador no período da II Guerra. Como não existem dados oficiais das décadas de 1940 e 1950, vamos encontrar em 1960 as ADs já com quase o dobro de membros. Isso mostra muito da volatilidade do fenômeno religioso: em poucos anos a configuração religiosa pode sofrer mudanças significativas.



O Censo 2010 mostrou o declínio católico, das denominações tradicionais e também o decréscimo da CCB (algo que merece um estudo específico), pois se em 2000 ela tem 2.489.113 membros, em 2010, ela tem “apenas” 2.289.634 membros. Isso mostra a complexidade do tema, pois, apesar do “celebrado” crescimento pentecostal, ele não se dá de forma *natural* em todas as igrejas pentecostais, porque o que de fato tem crescido são manifestações pentecostais autônomas e “modernas”, segundo a designação do Censo “Evangélicas Pentecostais – outras”, estas com a quantia de 9.218.129 de membros, e se fosse uma igreja, seria a segunda maior do país.

### **c) Dissidência presbiteriana & a dissidência batista**

A peculiar versão teológica do calvinismo ortodoxo<sup>231</sup> (Mendonça, 1989:47) da CCB, lhe auxilia em seu isolamento. Assim não é necessário esforço de conversão dos parentes e amigos; não se faz nenhum tipo de proselitismo de ação evangelizadora de pregar em praças, ou envolver-se com projeto de comunicação em rádio e TV. Como consequência, não publica nenhum livro ou tratado teológico<sup>232</sup>, portanto não tem nenhum tipo de estudo institucional teológico para formalização do corpo sacerdotal e, com isso, diminuiu notadamente as disputas. “A predestinação liberta da pressão de adaptar-se constantemente aos métodos de divulgação que as mudanças sociais e avanços tecnológicos indicam (...). A doutrina da CCB age como amortecedor” (Freston, 1994:103-4). É por causa dessa ideia de distinção que Weber (2004:110,120,226) classifica os predestinados como uma “aristocracia”.

As ADs nascem dentro de uma teologia escatológica arminiana, em que a salvação é para todos; resta, portanto, engajar-se absolutamente na divulgação de tal mensagem. Daí vem o seu exacerbado proselitismo. Além de livre das amarras étnicas, é também anárquica quanto à sua institucionalização: todos em todos os lugares podem pregar, cantar, profetizar e abrir um “trabalho”<sup>233</sup>, bem coerente com suas origens batistas. Na CCB, apenas cooperador e ancião podem dirigir cultos, batismos e santas ceias e também receber a “revelação de Deus”; nas ADs, à exceção da celebração de santa ceia e batismos, os crentes podem e devem fazer todas as demais tarefas.

### **d) A liderança estrangeira & nacional.**

A CCB, fundada e controlada por um italiano no seu início, e se mantendo um grupo étnico, favoreceu sua coesão. Ademais, mesmo depois da morte de Francescon, seus sucessores italianos ou descendentes mantiveram o modelo; “o ethos familista e iluminista prevalece” (Freston, 1994:106)<sup>234</sup>. Do Brasil se expande para diversos países do mundo, acompanhando a migração brasileira e, nesses países, continua, quase sempre, sob liderança brasileira. Assim, o único período em que teve liderança estrangeira foi quando era uma igreja estrangeira.

### **e) Padronização e/ou flexibilização do louvor**

Há cem anos, algumas vezes por semana se canta determinadas músicas, sempre as mesmas, no mesmo tom e ritmo. Elas, então, vão fazer parte da vida. Vão

<sup>231</sup> Doutrina da salvação desenvolvida por João Calvino (1509-1564). O calvinismo, como todos os “ismos” têm muitas versões.

<sup>232</sup> Publica o hinário, um livro com os endereços dos templos, um livro de Instrução para as Orquestras e um Relatório Anual de cunho burocrático, nada teológico-conceitual.

<sup>233</sup> “Trabalho” pode ser uma igreja, mas antes apenas um ponto de pregação, uma reunião familiar ou congregação.

<sup>234</sup> Francescon fez 10 visitas ao Brasil entre os anos 1910-1947. A família Spina, ou mais especificamente, Miguel Spina, foi o grande líder, até falecer em 1993 (Freston, 1994:107). Sua esposa foi a única maestrina na CCB.

*interiorizar*<sup>235</sup> valores, produzir comportamentos e estabelecer identidades. É a música da conversação, batismo, casamento e enterro; música da infância, adolescência, juventude e vida adulta. A vida toda tem música e a música é presente na vida toda, cujos conceitos, repetidos e confirmados, vão sendo internalizados.

Neste caso, desde o primeiro momento, música de um hinário único, fixo e oficial, o que é, por sinal, um grande diferencial ainda hoje na maioria das ADs e absoluto na CCB. É esse conteúdo teológico que constrói e reforça essa “marca identitária”. E cantadas durante décadas, em todos os recantos do país, se tornam símbolos internos e externos do grupo, como marcas “diacríticas” e simbólicas desta comunidade. Na CCB existem orquestras<sup>236</sup> desde 1932 com uma música razoavelmente refinada, onde se cantam louvores a pedido dos participantes. Não se permite cantores e cantoras com carreiras solo ou grupos musicais distintos de homens, mulheres, jovens ou crianças (algo muito comum nas ADs) para fazer apresentações de músicas especiais. As músicas harmonicamente executadas são louvores da coletividade cantados por todos. Enquanto nas igrejas evangélicas, em geral, os hinários estão em desuso, na CCB o hinário *Louvores e Súplicas* continua soberano e único. Somente em sua quarta edição, em 1941, é que o hinário é publicado totalmente em português; contextualizam-se na língua, mas mantém o estilo. Existe uma polêmica hoje pela proibição das mulheres nas orquestras, pois no início elas participavam, e em outros países também, mas não no Brasil. Como tudo, porém, é decidido absolutamente em “oração” pelo Conselho de Anciões, ninguém publicamente questiona<sup>237</sup>.

Na CCB a música é uma identidade fortíssima, assim como nas ADs, porém, na CCB, a marca que se perpetua é a da exclusividade da música do hinário e a proibição de solos e cantores/as, o que é visceralmente distinto nas ADs, onde há todos os estilos, os mais diversos tipos de conjuntos de corais, senhores/as, jovens, crianças e, muitas — muitas e muitas — carreiras solo. Uma indústria fonográfica tipicamente capitalista floresceu nas ADs, algo impensável na CCB.

#### **f) O carisma do dinheiro e a racionalização do seu uso**

Quanto ao dinheiro, a CCB é de uma originalidade ímpar no universo evangélico, ainda mais pentecostal. Não há em nenhum dos cultos qualquer tipo de

<sup>235</sup> Nas três etapas da teorização de Berg, temos a *exteriorização*, a *objetivação* e a *interiorização* que, segundo sua definição, “é a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente em estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva” (Berger, 1985:17).

<sup>236</sup> Existem no Brasil aproximadamente 250 mil músicos na CCB (Monteiro, 2011).

<sup>237</sup> Resta protestar via internet em sites. Há diversos sites e blogues com fotos e vídeos de orquestras em outros países com mulheres tocando. No Brasil, a participação das mulheres na música e de uma organista que toca, antes do culto iniciar, o “hino do silêncio”. Momento em que os fiéis vão chegando ao templo e ficam em tempo de oração silenciosa.

coleta. Em cada igreja há um grupo para quem se entrega voluntariamente os donativos com prévia destinação, e seu controle é regionalizado. Existem três objetivos para o dinheiro: obra da piedade, construção de templos e viagens missionárias. Obra da Piedade, dirigidas por diáconos auxiliados pelas “irmãs da piedade”, é a versão filantrópica da igreja, onde uma comissão que conhece as necessidades e os necessitados na membresia vai, discreta e anonimamente, tomar providências. As construções também são decididas e controladas por comissões regionais. As missões são viagens dos anciãos para celebrar a Santa Ceia, efetuar batismo e ordenação dos diáconos, pois essas são funções exclusivas deles. Sendo assim, por mais carismática e anti-institucional que essa igreja pretenda ser, ela tem uma “hierarquia espiritual” e uma “hierarquia secular” (Monteiro, 2009). Voluntária, enxuta e carismática, mas uma hierarquia machista, geroncrática e totalitária.

**g) A estética do vestuário.**

Aqui as duas igrejas estão próximas: há uma formalidade e sobriedade natural no vestuário. Aliás, mesmo estereotipada isso se tornou uma marca identitária do pentecostalismo. Acrescente-se que, quanto mais periférica e pobre, mais as duas igrejas se aproximam. O inverso também: quanto mais aburguesadas e urbanas, suas estéticas se “modernizam” e há uma flexibilização acentuada. Algo que vai mudar consideravelmente, no novo pentecostalismo, mais recente.

Na CCB, mesmo não sendo oficial e obrigatório, na tradição da “roupa de ver Deus”, o padrão masculino é o terno formal<sup>238</sup>. Portanto, à exceção de alguns jovens e as crianças, todos os homens estão de paletó e gravata. O público feminino com roupas sóbrias, de saias compridas e nenhum decote ou mangas curtas, se assemelha ainda mais pelo universal e padronizado véu<sup>239</sup> na cabeça obrigatório durante os cultos. Mesmo que as mulheres sejam mais suscetíveis a mudanças de roupas e cabelos, o véu as uniformiza. Não há proibição de arrumar o cabelo<sup>240</sup>, mas a despeito de milhares de cabelos distintos, no momento do culto, todas estão igualmente de cabeça coberta. As vestimentas sóbrias e igualitárias dos homens e das mulheres se aproximam de um *fardamento*<sup>241</sup>. Nas ADs mais pobres, como já frisado, há também essa mesma uniformização e sobriedade tanto masculina como feminina; mas, nas igrejas mais

<sup>238</sup> Até hoje isso ainda é muito forte em todas as igrejas, em grupos mais pobres como os pentecostais, o uso formal do terno é um ganho de dignidade ímpar; “roupa de doutor” dá status na comunidade pobre.

<sup>239</sup> Herança católico-italiana tanto que, ainda hoje, as mulheres nas ADs italianas nascidas pela ação das AGs, também usam véu nos cultos. Ver: [www.assembleeddio.org](http://www.assembleeddio.org).

<sup>240</sup> Apesar de seu legalismo em relação ao modelo de oração (apenas de joelhos), em relação à liturgia e outros pontos, mais uma originalidade da CCB, oficialmente não tem nenhuma regra sobre bebidas alcoólicas.

<sup>241</sup> Mais um traço típico de irmandade com suas indumentárias de procissão.

urbanas, e com alguma ascensão social, há indiscutivelmente uma “modernização estética” (Mariano, 1999; Correia, 2006). Conquanto ainda seja marca registrada das ADs, em geral a questão de “usos e costumes” é interpretada como doutrina, com ênfase nas proibições de enfeites e maquiagem feminina.

#### **h) Os testemunhos**

Na CCB dar testemunho nos cultos é mais que privilégio, é parte da “identidade da irmandade”. Não existe reunião sem testemunho porque não há flexibilização na liturgia; oração, louvor, mensagem e testemunhos acontecem em todos os cultos. Ora, como em uma irmandade onde todos — absolutamente todos de forma democrática — podem e devem falar, sabe-se quem casou, adoeceu, viajou, recebeu visitas; a irmandade, assim, acompanha e *controla* cada passo de vida da membresia. Doenças e curas, desempregos e novos empregos, acidentes e novidades da vida são ouvidos como bênçãos ou pedidos de ajuda em oração, resultando assim, naturalmente, no fortalecimento deste corpo social; fazendo dela, cada vez mais, exatamente uma *irmandade*: a fraternidade, *tutti fratelli*<sup>242</sup>, se fortalece. As frases padronizadas de início e fim: “Deus seja louvado” para finalizar, ecoando com a resposta uníssona da congregação “Amém”. Além da padronização do cumprimento: *A paz de Deus!*, e obrigatoriamente deve ser respondido com um “*Amém!*”. Nas ADs também existe uma padronização de cumprimentos numa versão parecida: “*A paz do Senhor*”, com uma resposta idêntica: “*Amem!*”

#### **i) A (Des)Padronização de templos**

Aqui há abismo entre as duas. Enquanto na primeira todos os templos são iguais, na segunda é inversamente ao contrário: não há dois templos assembleianos iguais<sup>243</sup>.

Na CCB, o estilo arquitetônico dos prédios, do letreiro no púlpito “Em nome do Senhor”, dos bancos, da pintura, do púlpito, virou um padrão nacional (internacional, nem tanto<sup>244</sup>) e isso facilitou ao longo dos anos o projeto, pois sempre foi feito por voluntários, herança de um passado agrícola onde existia o trabalho voluntário e comunitário das roças entre parentes e amigos. Assim, como a coleta é regionalizada, as construções igualitárias não permitem que uma irmandade rica se diferencie em seu templo de outra mais pobre. Pelo menos era esse o projeto e, em tese, isso ainda é

<sup>242</sup> “Tutti fratelli”, em italiano, “todos os irmãos”. Na tradução brasileira se oficializou a expressão *irmandade* usada sempre nesta igreja. Uma “famiglia” que reúne “todos os irmãos” em uma irmandade fechada e coesa em *benefício do grupo*.

<sup>243</sup> Em Pernambuco, a disputa acirrada dos ministérios tem “cor”: templos do Ministério de Recife são azul/branco e do Ministério de Abreu e Lima são verde/branco. Indicam aos membros quais templos, portanto, podem e devem frequentar, pois, inclusive, como me informou um deles, obreiros de outro ministério não podem receber oportunidade de falar e nem mesmo são apresentados nos cultos.

<sup>244</sup> É nos templos da CCB em outros países que se vê a maior distinção. Essa igreja se espalha pelo mundo acompanhando a imigração brasileira (não como projeto evangelístico), então, nesses países os prédios são alugados.

repetido, mas uma irmandade em Curitiba-PR quebrou o modelo e construiu um grande e esplêndido templo que parece um shopping; nesse caso, o padrão foi quebrado para “cima” e não para “baixo”<sup>245</sup>.

Evidentemente que este modelo voluntarista tem seus limites, tanto por razões internas quanto externas. A vida urbana com seus compromissos e demandas não permite mais este voluntarismo, depois porque, oficialmente, é exigida mão-de-obra especializada para cada atividade. Ademais, novos templos construídos ou reformados não podem mais ser construídos como os antigos, pois têm de se seguir novos padrões de construção, como por exemplo, obrigatoriedade de estacionamento. E se a CCB perder o que é sua maior identidade, o modelo padrão de templos, o resto pode vir “modernamente” e automaticamente.

Nas ADs há uma pluralidade absoluta de estilos, que vai do mais simples ao mais moderno e luxuoso. Obviamente que os mais simples são localizados em zonas pobres e rurais, e os mais luxuosos nas grandes cidades. O tópico *Templos Assembleianos* será aprofundado posteriormente (pontos 3.7, 4.7 e 5.7)

Tabela de Construção de templos da CCB:

Ano	1937	1952	1960	1970	1980	1990	2000	2009
Templos	244	856	1.537	3.219	5.675	9.430	14.314	17.906

Fonte: CCB – Relatório Edição 2010/2011 – no. 74 Monteiro, 2011:111

Os dados mundiais sobre os templos da CCB demonstram claramente que, apesar dessa igreja ter se espalhado no mundo, sua presença é majoritária no Brasil.

Tabela de templos da CCB no mundo:

Continentes	1997	2002	2007	%
África	9	40	51	0,279
Ásia	6	19	25	0,137
América do Norte	34	54	69	0,378
América Central	4	5	13	0,071
América do Sul	340	353	505	2,770
Europa	167	187	274	1,503
Oceania	-	-	1	0,005
<b>BRASIL</b>	<b>12.656</b>	<b>15.385</b>	<b>17.287</b>	<b>94.853</b>
<b>TOTAL</b>	<b>13.216</b>	<b>16.043</b>	<b>18.225</b>	<b>100</b>

Fonte: Monteiro, 2011:135.

<sup>245</sup> Visitei esse prédio em outubro de 2008, e apesar do guarda de segurança de uma empresa terceirizada me deixar entrar para conhecer o prédio (era durante a tarde) não me permitiu fotografar, mas estrategicamente me informou que na banca de jornal da esquina tinha um postal do templo. Comprei um e tenho em arquivo esse templo-shopping da irmandade de Curitiba-PR.



Na metade do século XX, as ADs já estão presentes em todo o país, com personalidade jurídica registrada, editora e uma convenção nacional funcionando. O carisma foi institucionalizado. Juntamente com o país, ela também se urbanizou e cresceu: são 50 milhões de brasileiros e 120 mil assembleianos. Vai enfrentar a década de 1950 com muitos problemas e também conquistas. O ethos sueco esta se esvaziando, as mulheres foram colocadas em seus devidos “lugares”, os pastores nacionais estão dominando. E vai ser a maior igreja evangélica do país, ultrapassando a Luterana e a CCB. Como as ADs vão caminhar e construir sua identidade neste novo mundo é que iremos analisar no próximo capítulo.

## CAPITULO IV

### SEGUNDO PERIODO – 1946 - 1988

#### A INSTITUIÇÃO PENTECOSTAL: O AVANÇO DA TRADIÇÃO

“Os apóstolos e os presbíteros se reuniram para considerar esta questão”  
Atos 15:6.

“Nesta dialética da continuidade e da ruptura o que importa, finalmente, é a continuidade, a preservação do passado, mas ainda sua sacralização, uma vez que agora essas estruturas, esses ritos, essas instituições encontram uma justificativa em sua nova fé” D’Epinay, 1970:14<sup>246</sup>

Como uma instituição - Estado, igreja, empresa ou uma pessoa - reage ao ser atacada por forças exteriores? Invariavelmente com retração. Tende a cuidar de si mesma e/ou consolidar o espaço já ganho, arrumar a casa, para depois, se for possível, atacar o inimigo externo.

Como a Igreja Católica reagiu quando perdeu a hegemonia após a Reforma Protestante? Deu como resposta a Contra Reforma. Como a Igreja Católica, na AL reagiu com o avanço do pentecostalismo (questão externa) e da autonomização das CEBs (questão interna)? De modo geral, como o cristianismo se comportou diante da modernidade? Reafirmando valores pré-modernos. Com as ADs não foi diferente. O concílio de Trento fez escola. Nascia, então, a *tradição assembleiana*.

As ADs, a partir da década de 50, enfrentaram diversos problemas graves: 1. No plano interno, sua fragmentação em Ministérios. Em uma determinada cidade e/ou Estado, diferente do período, não mais terá apenas uma única igreja AD, mas algumas. E essas, ligadas, pois fundadas e mantidas por Ministérios distintos e concorrentes; 2. Além dos conflitos com as denominações tradicionais, agora sim, vem sua maior tensão: perdeu o monopólio da glossolalia para os novos pentecostalismos, alguns mais “modernos” (IEQ e IPBC), outros “conservadores” (CCB e IPDA); 3. Na década de 60 e 70, essa pluralidade e concorrência pentecostal vai se ampliar, pois surgem em

<sup>246</sup> Esta afirmação do D’Epinay, em 1969, é antecedida por sua afirmação da capacidade de mudança e alteração social que o pentecostalismo efetua na AL, mas paradoxalmente, é profundamente conservador, a partir desta década.

diversas igrejas evangélicas grupos de *Renovação* (*Batista Renovada*, *Presbiteriana Renovada*, *Metodista Renovada*) e até uma versão católica vai competir dentro do pentecostalismo a *Renovação Católica Carismática*; 4. A urbanização e industrialização pós II Guerra Mundial vai alterar visceralmente o país. Diante da conjugação desses e outros problemas qual a resposta das ADs?

As ADs nunca tinham lidado com concorrência, pois a CCB ainda, até então, era uma igreja étnica, isolada e restrita ao Sudeste, mas é também neste período que ela se “nacionaliza” e se expande para o Norte e Nordeste, até então espaço de domínio assembleiano. As ADs já tem uma identidade marcada por uma ascese de abstinência, frugalidade e rigorismo moral; uma conduta de vida, cada vez mais de estilo monacal e isolamento social, com uma leitura subjetivista e literalizada dos textos sagrados (herança pietista), portanto, muito conservadora e de exacerbado moralismo<sup>247</sup>. *Tradicionalização*, esse é o grande modelo assembleiano para enfrentar a nova realidade brasileira. Essa transformação é de fundamental importância para o entendimento dos *assembleianismos*, pois mesmo com toda a pluralização destes, essa matriz permanece presente ainda hoje<sup>248</sup>.

Nesse período (o segundo de nossa periodização), o Brasil deixa de ser um país rural para se tornar urbano, se inicia com uma ditadura (o Estado Novo) e termina em uma outra (Ditadura Militar de 64). Definitivamente, há um abismo entre o Brasil de 1950 e o de 1980. Idem, nas ADs. Neste capítulo, vamos analisar como ocorreu essa tradicionalização, sua trajetória de ampliação nacional, a consolidação do “episcopalismo vitalício” (Alencar, 2010) dos pastores-presidentes, a oficialização dos *Ministérios Corporativos* e suas respostas aos pentecostalismos da “segunda onda” (Freston, 1998).

A militância arminiana e congregacional de uma irmandade simples, voluntariosa e profundamente marcada por fenômenos pentecostais, dá espaço a um modelo institucional centralizado e regado pelas Igrejas-Sede e seus “grupos de poder”; vai se delimitar o espaço distinto entre ação e domínio dos “peritos” e grupos estamentais, dos consumidores e produtores dos bens de salvação. Como no texto de Atos dos Apóstolos (15:6), não mais a comunidade, mas os “apóstolos e os presbíteros resolvem a questão”. Aparecem agora, junto às Igrejas-Sede, os *pastores-presidentes* com estilo sóbrio, conservador e longo; são décadas de pastorado deles nos mesmos

<sup>247</sup> Conquanto isso seja conservador, para Weber é uma forma de racionalização; aliás, a segunda etapa do processo da racionalização ocidental, pois o primeiro nasceu com o profetismo judaico.

<sup>248</sup> É fundamental lembrar a *Dominação Tradicional* analisada no ponto 2.1, item g.

lugares com o mesmo estilo; essas igrejas (o grupo), em função de seus pastores (os indivíduos), terão um longo período de estabilidade ministerial. A conduta de ambos se ossificou. Os jovens aventureiros suecos e brasileiros imigrantes que dirigiam essa igreja nas primeiras décadas, agora estão envelhecidos no físico e nas ideias, são contra as “fábricas de pastores” (seminários), o uso do Rádio e TV; são zelosos da “doutrina”; conservadores da tradição, preservadores do poder. De seu próprio poder. A igreja tem sua identidade marcada pela “disciplina”. Ganha – ou ganhou - quem for mais conservador. Se antes a igreja era de todos os membros, agora ela passa a ser a igreja dos Ministérios. Aliás, de alguns Ministérios ou, mais precisamente, de alguns ministros.

#### **4.1 - RELIGIÃO E SOCIEDADE NAS DÉCADAS DE 1950 A 1980.**

##### **a) O Brasil é um país conservador.**

Não temos pesquisa de opinião no início da década de 1950, como as feitas pelo Datafolha e IBOPE nos últimos anos, ou como a detalhada pesquisa “A Cabeça do Brasileiro”, realizada por Almeida (2007), mas se na segunda década do século XXI ainda temos um perfil conservador, isso se observava muito mais em década anteriores. As ADs, portanto, inseridas neste contexto, não poderiam ser diferentes<sup>249</sup>.

Da chegada de Cabral em 1500, à vinda de Dom João VI, em 1808, o Brasil permaneceu em economia extrativista agrícola de exploração. Somente no início do século XVIII, surgem instituições locais, conquanto ainda ligadas ao Império Português. No final do século XIX vem a República com poucas mudanças socioeconômicas. É na implantação da *República Nova*, com Getúlio Vargas, que se iniciam as alterações do país<sup>250</sup>. Como já apontado, as ADs nascem na moderna e urbana Belém e se espalham a partir da migração interna. Vai, portanto, assumindo estruturalmente as características de seu tempo.

##### **b) Brasil rural & urbano: a inversão em três décadas.**

Desde 1500, o país foi majoritariamente rural, mas entre os anos 1950 a 1980 houve uma inversão (ver tabela abaixo). Em 1950, o Brasil tem 52 milhões de habitantes, com 36,4% de população urbana e 63,6 rural; em 1980 alcançou 120 milhões, com 67,6 de população urbana e apenas 32,4% rural. As ADs em 1950 tinham

<sup>249</sup> Avanços e retrocessos são comuns na sociedade brasileira. Se na década de 1920 aconteceu a *Semana de Arte*, o movimento sufragista para o voto feminino, as duas ditaduras posteriores também deram suas contribuições. Zuenir Ventura, no seu clássico “1968: o ano que não terminou” analisa essa época.

<sup>250</sup> No governo de Getúlio foram criados os *Ministérios do Trabalho, da Saúde e da Indústria e Comércio*, o *BNDS* e a *Petrobrás*. Também nesse período foram oficializados o voto secreto, a participação feminina e a *Justiça Eleitoral*; a *CLT* e a *carteira de trabalho*.

120 mil membros, o Censo de 1980 não contabilizou distintamente os grupos religiosos, portanto, estamos numa estimativa duplicando sua membresia. O seu crescimento quantitativo aqui é de menor importância, a questão central é que as ADs espalhadas por este país inteiro acompanham – e contribuem com – a mudança de uma população rural para uma população urbana; ou seja, mais importante que um crescimento *quantitativo*, foi a enorme alteração *qualitativa*. Os novos pentecostalismos (os mais “modernos” principalmente) surgem, inclusive, por causa dessa urbanização. Enfim, há uma pluralidade de pentecostalismos e, por consequência, uma pluralização nos *assembleianismos*.

Tabela no. – Relação Brasil & ADs – décadas de 1950 a 1980.

	1950	1960	1970	1980
Pop. Brasil	51.944.397	70.070.457	93.139.037	119.002.706
Pop. Urbana	36,4%	45,08	55,9%	67,6%
Pop. Rural	63,6%	54,92	44,1%	32,4%
Católicos	49.606.899 95,5%	65.235.595 93,1%	85.775.047 91,8%	105.860.063 89%
Evangélicos	1.741.430 3,35%	2.824.775 4,02%	4.833.106 5,02%	7.885.846 6,6%
Pentecostais	-	60%*	-	3.863.320
ADs	120.000	407.588 29,8%	753.129 31,3%	1.506.258**

Fonte: IBGE. \* Essa é uma estimativa de Souza (1969:17), algo um tanto exagerado. \*\* estimativa, pois o Censo de 1980 não computou igrejas separadamente, apenas duplicamos a membresia da década anterior.

#### 4.2 – MINISTÉRIOS: todos por alguns.

“Em 1959, a AD em São Cristovão (RJ) recebe a CGADB, presidida pelo pastor Francisco Pereira do Nascimento. Foi nessa Convenção que foi discutida pela primeira vez a patente do nome Assembleia de Deus, que pertencia à AD gaúcha. Foi também discutido, em debate concorrido, como ocorrera no Rio de Janeiro nos anos 1950, quando o pastor Alcebíades Pereira de Vasconcelos, então líder da AD em São Cristovão, cedendo a pressões do presbitério da igreja, que era o mais forte presbitério que uma AD no Brasil já teve, deu autonomia a várias congregações, fazendo surgir os Ministérios da Penha, Bonsucesso, Cordovil e outros” (pg 10 – Revista Obreiro – ano 27, no. 30 – abril-maio-jun/2005).

A história oficial diz que em 1930, Vingren foi à Suécia buscar Pethrus para arbitrar a questão entre suecos e brasileiros, mas pelas cartas trocadas entre eles na época, ao que parece, a questão era entre os suecos. O importante mesmo é que a herança assembleiana congregacional foi influenciada por esta *intervenção estrangeira e episcopal*<sup>251</sup>. Nascia o modelo de decisão a partir de um indivíduo e não da

<sup>251</sup> E Pethrus gosta disso. Ele é pastor batista com pretensão episcopal; se auto denomina “pastor presidente” (se a tradução estiver correta), e são muitas as tensões com a *Corporação de Diáconos* e o *Conselho de Presbíteros*. No capítulo em que fala de sua liderança, admite “Tenho sido acusado constantemente de impor tudo o que quero, mas não é assim” (Pethrus, 2004:162)

comunidade, neste caso, do “pastor-presidente”; surgia assim um estilo de oligarquização assembleiana. Os Ministérios vão tomar espaço do *ministério orgânico*, do exercício da militância na igreja e, desta forma, há novos atores articulados e ligados aos grupos de poder, ou na categórica expressão “grupos de status” (Bourdieu, 1999; Weber, 2002), que agem, invariavelmente, uns contra os outros.

**a) Missão & Madureira: as tradições, campos e subcampos em disputa.**

Não existe uma data clara, um episódio definidor e, evidentemente a história oficial não conta; e apesar do registro acima sobre a disputa entre o pastor-presidente e o “forte presbitério” no final dos anos 1950, a gênese do problema remonta aos anos 1920. Gunnar Vingren, em 1925 sai de Belém, a “Igreja Mãe”, para assumir a igreja no Rio, mas nessa milita um jovem obreiro, Paulo Leivas Macalão, consagrado pastor em 1930, solteiro e com 27 anos, que, por razões ainda não totalmente claras, não aceitou a liderança do sueco.

Macalão, então, no seu ímpeto evangelístico vai para o subúrbio do Rio e inicia uma igreja em Madureira. Vingren em São Cristóvão liderava a “igreja da Missão”, e Macalão liderava a “Madureira”. Esse binômio, *Missão & Madureira*, vai se ampliar, se problematizar e exportar a polarização pelo país inteiro. Em diferentes estados do Brasil, ainda hoje se afirma ou se pergunta: “Assembleia da Missão ou de Madureira”?

Na noite de 27 de setembro, houve cultos de ações de graças pela inauguração da nova Sede nos templos das Assembleias de Deus em São Cristóvão e Madureira, com a presença de vários pastores de diferentes estados (MP, no. 19, ano 40, 10/70, p. 1).

Essa disputa de campo, (como fica claro no texto citado acima na inauguração do novo prédio da CPAD, em 27/09/1970) não foi um mero detalhe geográfico no RJ, ela toma muitas outras conotações. *Política*: Macalão vem de uma família rica, de tradição militar, portanto nacionalista<sup>252</sup>. O governo do Getúlio (seu conterrâneo gaúcho) e o tenentismo é um substrato conceitual importante na sua formação. Ele não aceitou se submeter à liderança de um jovem sueco – ou mais grave – e/ou de uma mulher? Em 1932, quando Vingren vai embora, Nystron assume em seu lugar. Por que não Macalão que já era um pastor com ministério consolidado na cidade? *Econômica*: o distanciamento entre o bairro de São Cristóvão e Madureira não era (e ainda hoje não é)

<sup>252</sup> Este nacionalismo do Macalão eu discuti no mestrado (Alencar, 2010). Filho do General Macalão? Apesar das tentativas não consegui até o momento documentação para provar isso. Com apoio de dois militares, durante quase um dia inteiro no CEDEX – *Centro de Documentação do Exército*, em Brasília, conferimos listagens de oficiais militares desde o Império até o governo de Getúlio, mas não encontramos nenhum Gen. Macalão. Em tempo: o fato de não ter encontrado esse nome nos registros, não implica automaticamente dizer que a história do “general” é mentirosa. O oficial de plantão levantou a hipótese de que seja um “título honorífico” herança da *Guarda Nacional*.

apenas geográfico, era econômico<sup>253</sup>. O MP, a HC, os folhetos evangelísticos e livros eram produzidos em S. Cristóvão e, anos depois, a CPAD se inicia neste prédio; essa era a igreja principal e mais rica. Daí criou-se um mito entre a “modernidade” da igreja de São Cristóvão e o “conservadorismo” da igreja de Madureira<sup>254</sup>. Os templos de ambas foram exemplos concretos desse abismo. O prédio de Madureira, inaugurado em 01/05/1953, é um majestoso prédio de estilo gótico<sup>255</sup>. O prédio de S. Cristóvão vai ser alterado diversas vezes, mas no início dos anos 1970 se constrói um prédio moderno de seis andares, com elevador, estacionamento, etc. Há um “abismo simbólico” entre os dois prédios. Simbolicamente, as construções personificam seus líderes e reproduzem pelo país inteiro essa luta entre os templos, as igrejas e os Ministérios<sup>256</sup>.

Em *Atos dos Apóstolos* acontece algo parecido: na impossibilidade de Paulo, Barnabé e Pedro andarem juntos, cada um, a seu modo, desenvolveu seus ministérios (ou “Ministérios”) separadamente. O conflito da relação entre Pedro e Paulo, parece, foi de caráter teológico (com alta carga de racismo); e o de Paulo com Barnabé, de forma menos nobre, foi nepotismo.

#### **b) Pastor Presidente e os demais estamentos<sup>257</sup>.**

Apesar da pluralidade dos catolicismos, no plano hierárquico, a Igreja Católica é única a partir do Vaticano e do Papa. Toda comparação é deficitária por razões óbvias, mas é possível exemplificar a hierarquia assembleiana com a católica. A pirâmide do poder católico vai desde o Papa, cardeal, bispos, arcebispos até os padres. O presidente da WAGF, coincidentemente o superintendente das AGs, está longe de ser o “papa assembleiano”, conquanto Springfield, nos EUA, tenha a pretensão de ser o “Vaticano Assembleiano”<sup>258</sup>. No caso brasileiro, o pastor presidente de um Ministério é um “papa”, e sua igreja-sede um “Vaticano”. Como já dito, não há uma hierarquia única no universo assembleiano, mas há um título absolutamente universal em todos os grupos: o

<sup>253</sup> Nystron diz que “a maior parte das pessoas morava nos subúrbios” (Vingren, 1987:82), então, na época, S. Cristóvão, o “bairro imperial”, não era subúrbio? Nesta igreja tem algumas famílias acima da “camada pobre assembleiana”, como por exemplos a Macalão e a Brito. Carlos Brito, advogado, foi diretor do MP entre 1934-1940.

<sup>254</sup> O bairro de S. Cristóvão era chamado de “Bairro Imperial”, próximo a Quinta da Boa Vista (hoje Museu Nacional), Casa da Marquesa de Santos; lá estava situada também o Colégio Pio Americano (1859, onde estudava a elite do RJ) e Colégio D. Pedro II (1888); os Estádios do Vasco (1927) e o Maracanã (1950). Conquanto essa espacialidade no RJ sempre foi difusa, neste mesmo espaço geográfico “Imperial” se consolidou a “Feira dos Paraibás”, pela imensa concentração de nordestinos. O que confirma, ainda mais, a presença das ADs, pois essas igrejas se expandem pela migração nordestina pós-crise da borracha na década de 1910-1920 (Alencar, 2010).

<sup>255</sup> Talvez o único templo das ADs que tem vitrais alusivos ao *Dia do Pentecoste* (Cabral, 2002:137) e um dos poucos tombados. Parecido com este, no Brasil, apenas o templo do Ministério do Ipiranga em SP, esse também tombado.

<sup>256</sup> Isso transbordou para o Brasil, pois, na minha adolescência no Ceará, ouvi diversos comentários sobre essa polarização no RJ. Em 12/02/2010, em visita a *AD da Fé Apostólica*, perguntei a mais de uma pessoa e isso foi confirmado. (Vamos retornar a esse ponto no Cap. V – 5.9 – As ADs & IURD e similares)

<sup>257</sup> Importante lembrar a teorização dos estamentos e classes no ponto 2.1 – d.

<sup>258</sup> Um missionário americano me disse que nos anos 1990 tinha uma placa na sede das AGs: “Sede Mundial das Assembleias de Deus” – (entrevista 10.10.2010).

**pastor-presidente.** Essa titulação surge pela primeira vez em 1958, se referindo a Paulo Leivas Macalão, na época dirigente supremo do Ministério de Madureira<sup>259</sup>. Pastor-presidente é um adjetivo que tem e assume substância, natureza e personalidade, pois é impossível essa função ser separada de agora em diante do nome. Não existe mais o irmão X, irmão Y, existe apenas o “Pastor-presidente Fulano”, etc. Isso – e apenas isso – lhe dá identidade; o “culto à personalidade” algo que Holanda (1999) indica como marca do Brasil. O pastor-presidente torna-se um “patrão”, e essa mentalidade vai marcar a relação dele com os demais obreiros<sup>260</sup>.

A “*significação cultural*” dos estamentos. Estamento não é uma “condição de classe”, mas uma “condição social”; não é uma *classe* no sentido marxista, portanto, não é uma realidade exclusiva e prioritariamente econômica, é mais um status, um “estilo de vida”<sup>261</sup>, um “habitus” (Bourdieu, 1999). As hierarquias que se formarão na pirâmide assembleiana desde obreiros até pastores-presidentes têm uma origem, finalidade e “significação cultural”<sup>262</sup>. (Neste momento vai-se analisar apenas o pastor-presidente, os demais serão debatidos no terceiro período).

O *poder simbólico dos estamentos*. À primeira vista, um Paulo Macalão, Cícero Canuto, Jose Pimentel, e tantos outros, pastores-presidentes, soberanos e vitalícios, sem nenhum órgão que delimitasse suas funções, poderes e autoridade, sem nenhuma mediação de *Regimento Interno* ou *Estatuto* para lhes questionar ou limitar suas idiossincrasias; com plena autoridade sobre todos e tudo, sem a necessidade de pedir ou precisar de autorização para mudar pastor local, indicar nomes para consagração<sup>263</sup>, administrar os bens e finanças da igreja, decidir seu próprio salário, de amigos e de familiares, alterar programas e eventos, etc., seriam, assim, despidamente déspotas.

<sup>259</sup> *Revista Seara*, 1953, 1a. Quinzena de junho, pg. 6, quando da inauguração do templo de Madureira em Bangu. Posteriormente, na Escola de Bíblia de 1959, se registro os nomes de Alcebiades Vasconcelos e Túlio Barros como pastor-presidente e vice-presidente. (Registre-se que nos EUA e demais países onde as ADs são congregacionais não existe a titulação de pastor-presidente, mas superintendente. Ver 6.5) Um exemplo do poder absoluto do Macalão é dado por Manuel Ferreira, quando um determinado pastor quis autonomizar seu grupo, ele recebe a seguinte ordem: “Vá lá e assumo a presidência!” (2011:143). Aliás, no mesmo texto, Ferreira conta que grupo em SP preparou uma documentação de autonomização e deu entrada no Cartório. Mas ele foi ao cartório acompanhado do General Marcondes e o dono do cartório reverteu. Em plena ditadura na década de 70, quem desobedeceria a um general?

<sup>260</sup> “Patrão é, no Brasil, um termo significativo. É o chefe que patrocina a vida cotidiana de um grande número de pessoas [...] Qualquer pessoa a quem as massas possam apelar e que delas se encarregue, torna-se seu patrão. Quando as pequenas igrejas pentecostais vão-se transformando em igrejas maiores, podemos verificar a transferência dessa mentalidade para o pastor-geral. [...] os pentecostais se utilizam dessa mentalidade caudilhesca na organização de sua igreja”. (Read, 1967:221).

<sup>261</sup> “As “classes” se estratificam de acordo com suas relações com a produção e aquisição de bens; ao passo que os “estamentos” se estratificam de acordo com os princípios de seu *consumo* de bens, representado por estilos de vida especiais” (Weber, 2002:135, grifo no original).

<sup>262</sup> “Significação cultural” é um conceito metodológico chave para Weber (2004:41), que indica a relação do “espírito” do capitalismo com a ética protestante, em “complexo de conexões que dão na realidade histórica”. Não é o simplismo: o protestantismo produziu o capitalismo, mas uma determinada conduta religiosa teve ou tem mais ou menos afinidades com um contexto cultural.

<sup>263</sup> O poder que o pastor presidente tem de indicar ou rejeitar nomes para a “consagração” é absolutamente inquestionável, algo próximo com a ideia de “investidura” dos reis.



Esta é a leitura mais óbvia e rápida, mas isso não é verdade. Pelo menos não a verdade toda e única.

Um pastor-presidente mais que ser um déspota, precisa ser um articulador habilidoso. Um ser político. Um déspota, como um Cesar ou Hitler, simplesmente manda matar seus desafetos; já um pastor-presidente, se quiser, pode matar alguém, simbolicamente. É uma forma de despotismo nuançado (D'Épinay 151,161). Ele não se valida unicamente por carisma próprio, mas, muito mais, pela força simbólica do que ele representa: *a instituição da tradição assembleiana*. ADs já têm uma “tradição”, e algo grave e fundamental dessa tradição é a “conduta de vida” (expressão cara para Weber) dos pastores. Ser pastor é ter conduta serena, uma ética moral acima da média, formalidade no vestir<sup>264</sup>, frugalidade no estilo de vida e fidelidade na palavra. Pastor-presidente, nessa época, eram símbolos máximos morais e éticos dessa igreja, determinam, assim, o *habitus assembleianos*<sup>265</sup>.

É significativo que nos primeiros anos, tanto nos periódicos como nas cartas, os suecos ao falarem uns dos outros, ou de outros pastores brasileiros, sempre se reportam ao “irmão Vingren”, “irmão Berg”, “irmão Nystron”. Note-se bem: esse tratamento paritário que os pastores (inclusive os pastores-presidentes das igrejas-sede) usam entre si, é o mesmo que todos os crentes, gente comum e sem título, usa entre si. Óbvio, todos são irmãos. Atualmente é absolutamente impossível, um irmão/irmã se dirigir ao pastor-presidente por “irmão”. Simples: *ele de fato não é irmão, é o pastor-presidente*. Aliás, “reverendo pastor doutor presidente”! Isso se o irmão/irmã conseguir falar pessoalmente com o pastor-presidente<sup>266</sup>.

“Nada mais falso do que acreditar que as ações simbólicas (ou o aspecto simbólico das ações) nada significam além delas mesmas: na verdade, elas exprimem sempre a posição social segundo uma lógica que é a mesma da estrutura social, *a lógica da distinção*” (Bourdieu, 1999:17, grifo nosso)

**A longevidade dos pastorados.** Como já frisado há um abismo entre ser pastor-presidente na década de 1950-1980 e nos dias atuais. Por que esses homens ficam tanto tempo no exercício pastoral e na mesma igreja? 1. Eles têm uma conduta ilibada. Um pastor para ser afastado ou destituído do Ministério precisa ter cometido algum desvio

<sup>264</sup> Algo completamente inconcebível, como atualmente, segundo a Revista Enfoque Gospel, 2011, no 4, ver um pastor-presidente pousando com camiseta de etiqueta famosa, como garoto propaganda, e se dizendo proprietário de 11 aviões, vivendo nababescamente em alto luxo, etc.

<sup>265</sup> Dos nomes citados em décadas passadas, até o momento, anos depois da morte dos mesmos, nenhuma falcatura e desvio grave foram divulgados. Isso não significa dizer que todos viveram em paz com seus liderados e nunca aconteceu alguma insurreição em seu ministério, mas a longevidade e a morte dos mesmos exercendo os cargos implica dizer que eles terminaram suas vidas com muito respeito da comunidade.

<sup>266</sup> Em minha pesquisa de mestrado, como optei em entrevistar pastores de mais de 70 anos, tentei, sem sucesso, falar com alguns pastores-presidente. Invariavelmente eu parava no pastor auxiliar e, quase nunca, conseguia falar com o chefe.

moral grave; todos os citados terminaram seus ministérios em paz; 2. Eles têm um corpo burocrático firme, coeso e fiel. Dos nomes citados abaixo nenhum foi derrubado do cargo por algum grupo divergente, algo um tanto corriqueiro nos tempos presentes. 3. A força do carisma da tradição alimenta seu carisma pessoal, e vice-versa, portanto, sua conduta pessoal e individual, seu *habitus*, estabelece um padrão ministerial “correto” - e apenas esse é correto. Ele se torna assim, na expressão de DaMatta (1979:92) “dono do rito” pela força hierárquica que seu título tem. Sua *ação social* produz *sentido* para si mesmo (individual/subjetivo), e consequentemente mais importante para o grupo (coletivo/objetivo). É impossível, portanto, entender as ADs sem atentar para a *significação cultural da ação dos pastores-presidentes*<sup>267</sup>.

São ministérios que duram décadas e isso vai imprimir nessas igrejas um modelo; é absolutamente impossível pensar o *Ministério do Ipiranga* sem a figura do Reikdal (67 anos de pastorado), idem nos demais Ministérios. Recortamos para efeito de amostragem (ver tabela abaixo) um *pastor-presidente que ficou mais de 30 anos na presidência de um Ministério*<sup>268</sup>. Um padrão no país, pois temos isso do extremo norte ao sul. Todos foram consagrados jovens (45 anos foi o mais “velho”), alguns solteiros (algo impensável nas décadas seguintes) na casa dos vinte anos. E, a exceção de Anselmo Silvestre, em BH-MG, que foi jubulado e substituído por um neto na presidência da Convenção, os demais pastores não tiveram como sucessor alguém da família. Duas outras exceções poderiam ser indicadas nesta lista, mas em condições distintas. Tulio Barros morreu em 2007 e foi substituído por seu filho Apóstolo Jessé Maurício Ferreira, na presidência do *Ministério Missão da Fé Apostólica* (ex-Cristovão) e José Teixeira Rego, em Fortaleza, que após sua morte em 1960, seu genro Luiz Costa tentou substituí-lo. No caso do Ceará, isso causou uma divisão traumática na igreja com o surgimento do Ministério do Templo Central e Ministério de Bela Vista.

Com o peso moral e respeitabilidade que eles tiveram em vida, se quisessem teriam, sim, colocado um dos filhos/genros na presidência (como virou moda atualmente). Criticar o nepotismo é fazer uma crítica fácil e simplista, a questão requer mais do que isso. Por que os descendentes desta geração de pastores-presidentes não se tornam também pastores? Por que a grande maioria dos filhos desta geração nenhum

<sup>267</sup> D’Epinay (1970:80) e Rolim (1995:125) chamam a atenção para a “centralidade do pastor” nesses espaços, algo que, teoricamente, uma comunidade protestante deveria ter superado.

<sup>268</sup> Há diversos outros com 29 anos ou menos e em igrejas menores e ou Ministérios não localizados em capitais. Optamos por não relacionarmos, pois, não encontramos documentação para comprovar o período pastoral devido as informações orais e mesmo as escritas terem datas distintas. A grande maioria dessas datas constam em Araujo (2007).

deles entrou para o ministério pastoral e muitos saíram da igreja? Eles não quiseram seguir a carreira dos pais ou os pais não incentivaram? Em que mundo ou estilo de vida esses homens viviam que seus “modelos” não foram interessantes aos seus filhos? *Esses pastores rejeitaram o nepotismo ou os filhos rejeitaram o pastorado?* Quais pontos em comum existem entre os “interesses” pastorais da geração passada e da nova geração de pastores-presidentes? Há alguma coincidência entre as “demandas de legitimação”<sup>269</sup> dos antigos com os atuais?

Tabela No. - Pastores com mais de 30 anos de Presidência em um Ministério:

NOME. ANO DE CONSAGRAÇÃO AO PASTORADO, IDADE, TEMPO DE VIDA E ANOS DE MINISTÉRIO	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000	2010	ANOS DE PRESIDÊNCIA
<b>Alfredo Reikdal</b> (1915 - 2010), consagrado pastor em 1939, com 24 anos, solteiro. Viveu 95 anos com 71 anos de pastorado.		Ipiranga - SP (1943-2010)								67
<b>Anselmo Silvestre da Silva</b> (1916- 2012), consagrado pastor em 1950, com 29 anos. Em 2009, aos 93 anos, renunciou ao pastorado, em prol de seu neto, Pr. Moises Silvestre .Viveu 96 anos.			BH - MG (1951-2009)							62
<b>Antonio Lemos</b> (1908-1992). Consagrado pastor em 1942, com 34 anos. Viveu 84 anos com 53 anos de pastorado.		Blumenau - SC (1939-1992).								53
<b>Antonio Rego Barros</b> (1887-1966). Consagrado pastor em 1929, com 42 anos. Viveu 79 anos com 43 anos de pastorado.	Maceió- AL (1934-1966)									32
<b>Cícero Canuto de Lima</b> (1893-1982). Consagrado pastor em 1923, solteiro com 30 anos. Viveu 89 anos com 52 anos de pastorado.		Belém - SP (1946-1980)								34
<b>Estevão Angelo de Souza</b> (1922-1996). Consagrado pastor em 1952, casado com 30 anos. Viveu 74 anos com 52 anos de pastorado.			São Luiz- MA (1954-1996)							42
<b>Isac Martins Rodrigues</b> (1926-2008). Consagrado pastor em 1969, com 43 anos. Viveu 82 anos. com 53 anos de pastorado.			Abreu e Lima - PE (1969-1993)							35
<b>João Batista da Silva</b> (1905-1999). Consagrado pastor em 1935, solteiro com 30 anos. Viveu 94 anos com 64 anos de pastorado.			R. G. Norte (1960-1993)							33
<b>José Pimentel de Carvalho</b> (1916 –2011). Consagrado pastor em 1945, com 29 anos. Viveu 95 anos com 49 anos de pastorado.			Curitiba - PR (1962-2011)							49
<b>Luiz Bezerra da Costa</b> (1927-1993). Consagrado pastor em 1956, com 30 anos. Viveu 66 anos com 38 anos de pastorado.				Fortaleza- CE (1960-1993)						38
<b>Nills Taranger</b> (1916-2003). Norueguês, desde criança morando na Suécia, chegou ao Brasil em 1946, com 30 anos. Viveu 87 anos com 52 anos de pastorado.			Porto Alegre - RS (1955-1998)							43
<b>Paulo Belisário de Carvalho</b> (1927-2000). Consagrado pastor em 1960, com 33 anos. Viveu 73 anos com 40 anos de pastorado.				Teresina - PI (1961-2000)						39
<b>Paulo Leivas Macalão</b> (1903-1982). Consagrado pastor em 1930, solteiro com 27 anos. Viveu 79 anos com 52 anos de pastorado.	Madureira - RJ (1930-1982)									52
<b>Túlio Barros Ferreira</b> (1921-2007). Consagrado pastor em 1950, com 29 anos. Viveu 86 anos com 57 anos de pastorado.				São Cristóvão - RJ (1965-2007)						42

<sup>269</sup> “As demandas religiosas tendem a organizar-se em torno de dois grandes tipos que correspondem a dois grandes tipos de situações de classes, ou seja, as demandas de legitimação da ordem estabelecida próprias das classes privilegiadas, e as demandas de compensação, próprias das classes desfavorecidas” (Bourdieu, 1999:87, grifo no original)

<i>Satyro Loureiro</i> (1922-1993). Consagrado pastor em 1954, com 32 anos. Viveu 71 anos com 44 anos de pastorado.					
---	--	--	--	--	--

Joinville - SC (1954-1990)

36

Dos 14 pastores-presidentes relacionados, temos as seguintes médias: esses pastores tiveram em média, 84 anos de idade, 52 anos de pastorado e exerceram a presidência de um Ministerio por 44 anos.

#### 4.3 - EDUCAÇÃO TEOLÓGICA: o reconhecimento é da tradição.

O missionário Eurico Bergstén (1913-1999) lembrou que na primeira convenção Geral que assistiu, realizada em Natal, em 1948, foi deliberado que não seriam aceitos seminários ou institutos bíblicos. Ele acrescentou que preferiria permanecer fiel àquela decisão (Daniel, 2004:381).

Este período se inicia com a proibição da educação teológica formal e termina com sua adesão compulsória; neste aspecto se evidencia a mudança de influência da tradição sueca sendo substituída pela americana. Os brasileiros e suecos são contra a formalização da educação teológica em seminários e institutos bíblicos, porque, segundo eles, isso não faz parte da “tradição” herdada dos suecos, conquanto isso não seja verdade, pois desde 1915, a Igreja Filadélfia tem instituto bíblico<sup>270</sup> (Pethrus, 2004:159). Os brasileiros não sabiam? Os suecos nunca deixaram isso claro? A questão é que escolas teológicas eram uma das “marca das AGs” (como era o ministério feminino que também vai ocasionar problemas no Brasil), portanto, a construção mítica da tradição sueca (já estamos no cinquentenário da igreja) se disfarça por razões “espirituais” e essas escondem o problema mais político que é a relação-tensão entre suecos e americanos, não somente no Brasil, mas também em âmbito internacional (que vamos analisar no ponto 6.4). Para os suecos, o Brasil é campo deles e esse está sendo “invadido” pelos americanos<sup>271</sup>.

Na Convenção de 1948, um dos temas foi “*Quais são os meios de preparação para os obreiros serem bem sucedidos no trabalho do Senhor?*” (Daniel, 2004:250). Após 47 anos de existência as ADs se pergunta sobre a preparação de obreiros e, estranhamente, como ter sucesso? O comentário acima de Bergstén, remontando à convenção de 1948, é feito em dezembro de 1966, na Convenção Geral realizada em

<sup>270</sup> A *Missão Örebro*, da Igreja Batista de Örebro na Suécia, que, no Brasil, vai fundar as Igrejas Batistas Independentes, tem *Instituto Bíblico* desde 1891 (Ekström, 2008:22).

<sup>271</sup> Em diferentes momentos nas Convenções, essas tensões aparecem. Por exemplo, na Convenção de 1938, em Recife, a ata da 10ª. Sessão registra o seguinte: “Foi lida a carta que a convenção propôs fosse enviada para o secretário da missão “*The General Council of the Assemblies of God* (...) e explicado pelo presidente o seu conteúdo cuja carta foi aprovada unanimemente (...) A convenção deliberou também que uma comissão composta por Virgílio Smith e Gustavo Bergstron escrevesse uma carta a Frank Stalter dando ciência do assunto”. A ata não reproduz o conteúdo da carta enviada aos EUA, mas Stalter é um missionário americano enviado pelas AGs e trabalha na época em SP (Read, 1963:126).

Santo André, onde o assunto “Instituto Bíblico” volta a ser discutido. Em 1948, a questão é: o ensino poderia afastar os obreiros dos princípios bíblicos; em 1966, a razão é explícita: seminário não faz parte da tradição assembleiana. José Teixeira Rego “achou aconselhável permanecer nos moldes antigos”; Francisco Pereira do Nascimento “aconselhou cuidado para não incorrer nos erros das igrejas denominacionais terminando em formalismo”; Gustavo Nordlund “se sente muito bem porque começou, e ainda permanece, no colégio de Jesus”; e em 1966, no retorno ao debate, Anselmo Silvestre é “contra a fábrica de pastores e o perigo de alguns ficarem com as cabeças cheias e o coração vazio” (Daniel, 2004: 250-255, 381). Na década de sessenta, a *tradição assembleiana* oscila entre a fidelidade ao modelo sueco e a adequação brasileira ao novo mundo pós-guerra. Enfim, percebido e aceito ou não, o carisma estava sendo rotinizado (Weber, 1998,2002), e a tradição sendo alterada.

É visível, portanto, que não havia um consenso sobre o assunto, a grande maioria era contra, mas já neste momento existia gente a favor. No MP de março de 1950 (ano XX, no. 6, pg 5), há nota divulgando a *Revista Teológica do Seminário Batista do Sul*, informando que “contém matéria interessante para os estudos da Bíblia, principalmente os obreiros”.

A questão é que essa *tradição assembleiana* já nasce em crise, já está presente o que Hervieu-Léger (2008) vai chamar de “crise da transmissão”, pois, se tradição é uma tentativa de perpetuação de uma memória fundante, ela precisa ser transmitida, repassada, e os “processos de transmissão são múltiplos”. Como já indicamos não há consenso entre os suecos, entre os suecos e brasileiros, e entre esses e os americanos.

#### **a) O IBAD, o pioneiro brasileiro, mas de tradição americana.**

Proposital ou não, o nome é uma incógnita: *Instituto Bíblico das Assembleias de Deus - IBAD*, nascido em 1958. Das ADs? Quais? De onde, do Brasil ou dos EUA? O projeto é a realização de um sonho pessoal de um jovem casal de missionários, João Kolenda Lemos e Ruth Dóris Lemos (vamos falar dela mais na frente), ele brasileiro e ela americana. Aliás, ironicamente, por ser um projeto *made in EUA*, tem “vantagens” e “desvantagens”. No pós-guerra, o modelo de vida americana vai dominar o mundo (Sodré, 1976). Na sociedade em geral, isso tinha uma natural e privilegiada origem, mas no meio assembleiano encontrou muita resistência. Por outro lado, Kolenda e Dóris não estão ligados a nenhum Ministério no Brasil. São missionários americanos, de onde vem seu sustento e onde são membros; portanto, no Brasil não podem ser “disciplinados” em

nenhum Ministério. Mas nos primeiros anos de existência do IBAD, alunos/as foram “disciplinados” nas suas igrejas de origem porque foram estudar teologia.

A “*tradição assembleiana*” é um sonho dos antigos obreiros, aliados dos poucos suecos que sobraram na liderança depois de 1950 (Eurico Bergstén foi coerente até o final da vida, pois na década de 1990 continua contra a existência de seminários), como uma tentativa de preservação do mito fundante: “nós construímos tudo isso sozinhos, aliás, sozinhos não, mas com a ajuda exclusiva do Espírito Santo”. A recorrente posição da geração mais idosa em desconsiderar o novo e celebrar apenas o passado, em oposição à nova geração em menosprezar o passado e celebrar, acriticamente, a novidade. Uma das razões da animosidade dos brasileiros com o casal Kolenda (ele tinha 36 anos e ela 33) era o fato deles serem “jovens” e não podiam ensinar a liderança. Algo que esses pastores “esqueciam” é que eles foram consagrados ao pastorado também jovens e muitos deles solteiros (ver tabela de pastores-presidentes).

Pr. Anselmo Silvestre, em 1966, ainda é absolutamente contra a “*fábrica de pastores*”, mas hoje sua igreja em BH, tem seminário e o *Regimento Interno* da Igreja exige curso de teologia para consagração de obreiros. A transição foi feita.

Um detalhe da história do IBAD: o projeto somente foi reconhecido oficialmente como atividade missionária americana em 1975 (dezessete anos depois de fundado), até então, era uma atividade particular do casal. Numa viagem ao Brasil, o chefe do *Departamento de Missões Estrangeiras das AGs* conheceu o IBAD, e, ao pedir informações em Springfield sobre ele, constatou que não existia nenhum registro, portanto, nenhuma ajuda oficial da denominação americana. Isso é uma especificidade (mal ou bem) de um sistema congregacional: a igreja da qual o casal era membro, e fora enviado dos EUA, sabia de seu ministério e o sustentava; a cúpula nacional, não. Como ele era sustentado por ofertas pessoais e de igrejas locais autônomas, não precisava, até então, dar relatório de seu trabalho à cúpula nacional. Dito isso, outros missionários americanos, se quisessem, poderiam ter iniciado também alguma atividade de educação teológica formal, mas optaram por aceitar a proibição brasileira. Como foi o caso do L. Olson, que chegou ao Brasil em 1938, mas só foi instalar seu *Instituto Bíblico Pentecostal*, em 1961, depois que o casal Kolenda já tinha pago alto preço.

#### **4.4 - RELAÇÕES DE GÊNERO: A missão é uma submissão.**

Como ficam as ADs, pós Frida? Da mesma forma como a IEQ, pós Aimee Semple McPherson: nenhuma mulher, depois dela, teve seu destaque. Após sua morte,

em 1944, seu filho assumiu a presidência da igreja, a igreja pentecostal de maior destaque, fundada por uma mulher, no século XX, que por sinal nunca mais teve outra mulher na presidência<sup>272</sup>.

Neste período, escolhemos analisar o ministério da pastora Dóris, uma americana que viveu mais de cinco décadas no Brasil e nunca teve seu ministério pastoral reconhecido.

**a) Ruth Dóris Lemos (1925-2008): a pastora americana que virou auxiliar.**

Missionária americana, esposa de João Kolenda Lemos (1922-), pastor brasileiro de origem alemã, chegou ao Brasil em 1951. Dóris era jornalista profissional e pastora assembleiana nos EUA. Viveu cinco décadas no Brasil exercendo seu ministério pastoral, mas aqui lhe foi negado seu título de pastora. Uma vida de renúncia ao título, submetida a um modelo machista, exercendo sua missão, literalmente como uma “submissão”, apenas por ser mulher. A ela foi dada apenas a possibilidade de *ministério orgânico*, e jamais o *ministério estamental*.

Pianista, compositora, pedagoga apaixonada, junto com seu marido fundou o IBAD, em 1958, e foi durante todo esse período uma boa referência de exercício pastoral. Seu marido, João Kolenda Lemos, aos 89 anos, em um livro de aconselhamento ético pastoral, faz um pungente relato sobre sua esposa:

Se ainda existem dúvidas sobre a legitimidade do ministério feminino, ofereço como exemplo, luminoso, a vida de minha querida esposa Dóris. Quando a conheci no verão de 1948, ainda um jovem seminarista, ela já era uma pastora ordenada pela Assembleia de Deus norte-americana. Tão grande era seu zelo e sua paixão pela obra missionária que ela se dispôs a abrir mão do título de pastora para junto comigo ministrar no Brasil, num contexto eclesiástico machista que ainda tinha um forte preconceito contra o ministério feminino. Mesmo sem credenciais oficiais pela igreja brasileira, ela pastoreou e mentoriou milhares de brasileiros e brasileiras, e mesmo após sua morte continua um paradigma ministerial para todos os que a conheceram. Os que foram discipulados por ela nunca poderão negar a legitimidade do seu pastorado, mesmo sem o reconhecimento institucional. Até o final de sua vida, Dóris nutriu o sonho de um dia ver jovens brasileiras assembleianas reconhecidas por sua denominação como pastoras, e só posso esperar que a geração presente faça desse sonho uma realidade. (Lemos, 2011:52).

Seus cinquenta e sete anos de ministério no Brasil não lhe deram credencial e reconhecimento pastoral, ela era a “irmã Dóris”, no máximo a “missionária Dóris”. Nos EUA, ao voltar periodicamente em suas férias, ela era a “pastora Dóris”. Apesar desses anos de trabalho dando aulas e pregando para milhares de alunos (e alunas), e muitos deles atualmente exercerem o cargo de pastor, alguns, inclusive, ocupam cargos na burocracia convencional e também são pastores-presidentes de Ministérios no país

<sup>272</sup> Um interessante trabalho da socióloga Claudirene Bandini (2008), mostra que, apesar do ministério feminino ser quantitativamente forte na IEQ, no Brasil, nenhuma assume as maiores e melhores igrejas.

inteiro, nenhum defende publicamente o exercício pastoral feminino<sup>273</sup>. O que aconteceu com esses homens? A vida da pastora Dóris não foi suficiente?

Por que a pastora Dóris foi marginalizada? 1. Simplesmente porque ela era uma mulher. Básico. A interpretação teológica corrente é que a mulher é – apenas – auxiliar do homem; 2. O trabalho feminino, seja qual for, “precisa” ser inferior ao do homem; daí ela pode ser “missionária”, “irmã”, mas não pastora, pois isso a iguala; 3. A pastora Dóris chega ao Brasil no momento em que as relações entre brasileiros e americanos estão tensas; 4. O abismo entre as ADs e AGs: o modelo americano é herança batista (cada missionário é enviado e sustentado por igrejas locais, como no caso do casal Kolenda); a missão americana não envia, mas as igrejas. Outros americanos, porém, se destacam; apenas homens; 5. Mulher pode até ter ou exercer *missão*, não ministério (muito menos Ministério). O primeiro, feminizado, é destituído de poder; o segundo, masculinizado, tem poder ou é um poder em si; a *missão* tem trabalho, tarefas e muitas exigências; o Ministério tem dinheiro, patrimônio e muitos funcionários/auxiliares ao seu dispor; a *missão* deve ser abnegada, sofrida beirando ao sacrifício. Se pastor-presidente se iguala a um CEO de uma empresa, um missionário pode ser comparado com um voluntário de ONG. O Ministério e seu presidente têm todas as regalias e benefícios do poder, o missionário/a tem o “privilegio” do serviço, sem remuneração e profissionalização, e somente é útil enquanto executa bem seu trabalho<sup>274</sup>.

Não é sem motivo, portanto, que esse é o único título que é dado a um casal automaticamente: são *missionários*, pois, teoricamente, ambos são iguais. Missionários/as não incomodam, alteram, exigem e tem algum poder no Ministério. São os “heróis” que vão fazer um trabalho excepcional dentro do país ou no exterior, e quanto mais altruístas mais próximos do “ideal missionário”. Daí, homem pode e deve ter poder no Ministério, mulher apenas na *missão*.

#### **b) A Missão e a Submissão fazendo escola.**

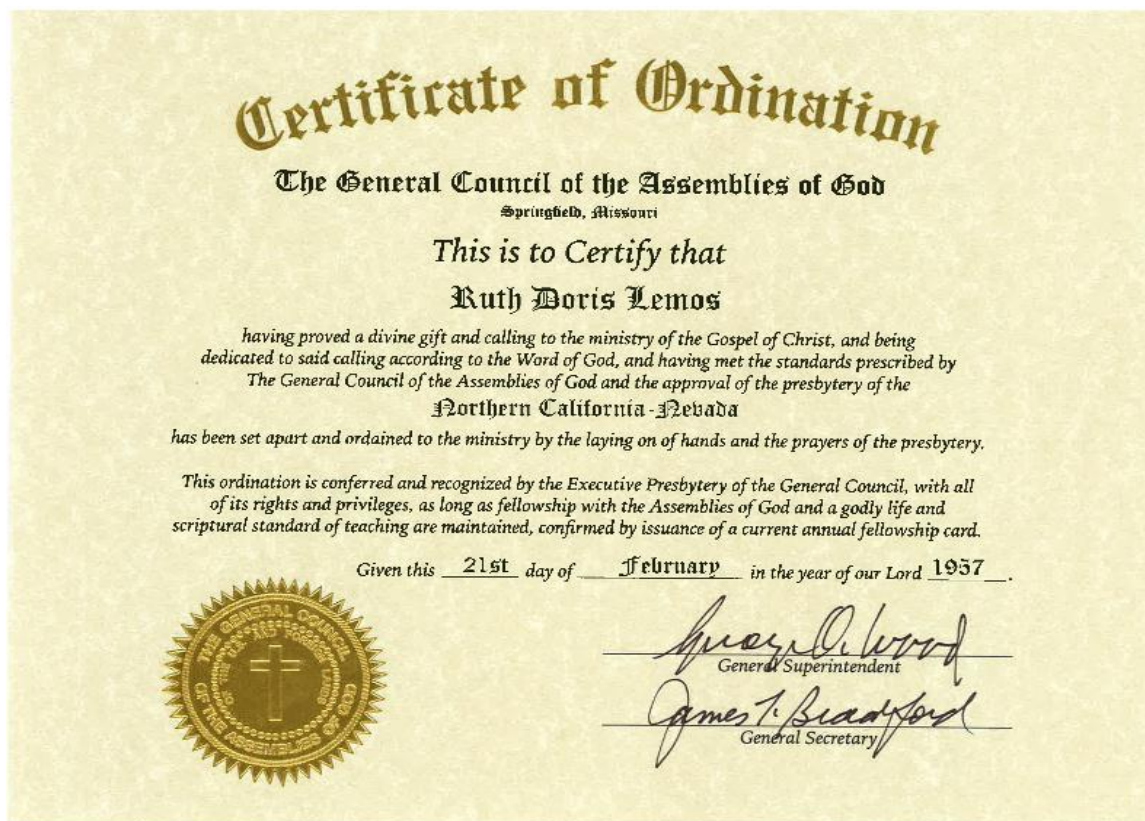
A pastora Dóris se contentou apenas com a *missão*; Frida quis também o Ministério. Frida confrontou os homens; Dóris se acomodou diante deles; Frida foi massacrada, rejeitada excluída e, por fim, morta; Dóris foi aceita e incorporada. Frida morreu aos 49 anos, abandonada em um hospital psiquiátrico; Dóris com 83, junto do

<sup>273</sup> Tem exceções, como por exemplo, as ADs Ministério do Bom Retiro - SP, onde um ex-aluno do IBAD, Jabes Alencar é pastor-presidente e sua esposa e muitas outras mulheres são pastoras. Mas esse Ministério não faz parte CGADB, é um Ministério Autônomo.

<sup>274</sup> Como o mundo evangélico pentecostal é cheio de idiossincrasias, o título missionário é usado originalmente pelo R.R. Soares pastor-presidente da *Igreja da Graça*, quando seus correlatos usam “apóstolo”, “Bispo”. Neste caso, “missionário” aqui tomou uma nova conotação de muito destaque, pois – coincidência? – ele é *único missionário* da denominação. Como o papa, ele é único.



marido, filhos e amigos. Frida teve sua memória apagada; Dóris tem história celebrada; Frida não serve como modelo de conduta; Dóris, sim.



Dóris são muitas<sup>275</sup>. A pastora Dóris é apenas um símbolo do que aconteceu – e ainda acontece – com milhares de mulheres assembleianas. Antes e depois dela, existiram e existem ainda milhares de mulheres oprimidas e renegadas à função inferior do que exerceram e foram – e são – capazes. Pastora Dóris Lemos teve o reconhecimento de seu marido, filhos e de diversas gerações de alunos do IBAD; teve em vida e continua tendo ainda hoje, mas as milhares de assembleianas ao longo deste centenário continuam anônimas, inclusive, por não ter maridos, filhos e/ou alunos para resgatarem suas histórias.

Pastora Dóris Lemos foi tudo que a Frida não foi: submissa e, principalmente, resignada; mas, sobretudo, foi tudo que a liderança da igreja mais desejou. Qual das duas, afinal, fez o maior “bem” ou o maior “mal” para esta igreja e, em especial, para si mesma?

Uma das marcas do trabalho feminino de missão, é que há nele um reflexo direto do machismo brasileiro, que põe a mulher em posição de submissão. Trata-se de um

<sup>275</sup> Simbolicamente, outra Doris Pearl Johnson (1931-) também cursou a mesma faculdade de teologia que o marido, o substituiu no púlpito, “em 1957, consagraram-na como ministra do evangelho” (Araújo, 2011:182), mas, no Brasil, ficou conhecida como a esposa do Bernardo Johnson. Algo comum a todas as esposas.

paradigma social maior do que a Igreja, que se faz presente nos Governos, nas empresas e em diversas camadas da sociedade. No caso das ADs e do pentecostalismo em geral, a marca é direta e recorrente. Algumas igrejas disfarçam, outras “legalizam” tal atitude, sempre “divinamente”.

O certificado de ordenação da Pastora Dóris tem mais um agravante, a data é de 21 de fevereiro de 1957. Kolenda a conhece em 1948, ambas ainda seminaristas, quando ela já era “pastora credenciada<sup>276</sup>”. Em 1951, o casal vem para o Brasil. Depois de seis anos já morando no Brasil e trabalhando na época na CPAD, no RJ, ela foi ordenada ao pastorado. Ela no Brasil, no entanto, não seria aceita como pastora e não poderia usufruir seu título e exercer seu ministério, por que, então, lhe dão esse título? Hipóteses: seria um descaso da AGs em relação ao modelo brasileiro? Uma afronta calculada ou simples ignorância sobre as atividades missionárias de seus enviados? (O IBAD ainda não existia).

#### 4.5 - MÍDIA: na era do Rádio a Igreja ficou muda.

“Hoje passamos pela linha do equador, a mil e setecentos milhas do RJ. Oh! Desejaria se pudéssemos ser como fortes estações de Rádio para que o mundo pudesse ouvir a voz de Deus. Deus, dá-me esta graça” (Vingren, 1973:203)

Em pleno século XXI é ridícula a proibição de possuir ou ouvir rádio, mas o que isso significava em décadas passadas?

Primeiro, desde os primeiros jornais (VV, BS, SA) até o presente MP, a igreja lida muito bem com a mídia escrita. Apologético e militante, o MP não é apenas um jornal, é uma *causa*. É recorrente em diversos anos frases e quadros de convocação, apelo e desafio aos leitores. Assim, o MP é a principal e única marca externa desta igreja.

Para a igreja, portanto, o MP bastava por duas razões básicas: como mídia escrita, era uma progressão dessa religião do livro, não chegava a ter a mesma “sacralidade” da Bíblia, mas estava perto. Segundo, ele servia tanto para o público interno (testemunhos, avisos, endereços, textos disciplinadores) como para o externo. Suas funções apologéticas e proselitistas eram alcançadas. Os *testemunhos* publicados falam para a igreja e simultaneamente também fazem apelos conversionistas<sup>277</sup>. Nos primeiros anos, há uma euforia incontida com a tiragem que aumenta a cada mês

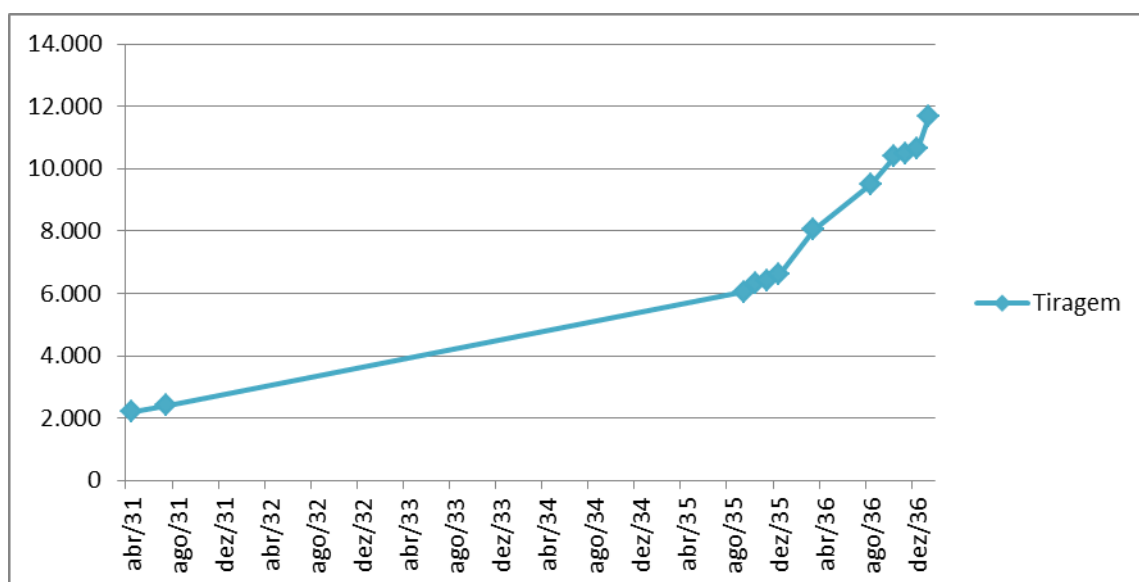
<sup>276</sup> “Credenciamento” é um período probatório em que os/as candidatos/as ao ministério passam no exercício pastoral, realizando pregações e demais atividades. Sendo, por fim, comprovado na prática seu comportamento e habilidades, eles/elas recebem a “ordenação” que oficializa, então, seus ministérios diante tanto da igreja local como nacional, daí a “Certificação de Ordenação”. Processo é inicialmente local, inversamente no Brasil é episcopal.

<sup>277</sup> Os títulos dos testemunhos são um primor de militância: “*Como alcancei a salvação*”, “*Encontrei toda a verdade*”, “*Da morte para a vida*”, “*Salva e batizada no ES*”, “*Livre de todo engano*”, “*Salvo do romanismo*”.

(depois essa informação desaparece), algo que confirma a militância acirrada<sup>278</sup>, pois, segundo estimativa, a membresia assembleiana na década de 1930 é de 13.511 membros, o que dá *quase um jornal para cada membro*.

Tabela No. - Quadro da tiragem do MP – anos 1931-1937.

Mês/ano	04/31	07/31	09/35	10/35	11/35	12/35	03/36	08/36	10/36	11/36	12/36	01/37
Tiragem	2.200	2.400	6.050	6.350	6.400	6.600	8.050	9.500	10.400	10.500	10.650	11.700



Nos anos 1950, quando a membresia é estimada em 120 mil membros, o MP ultrapassa os 50 mil exemplares; havia quase *um jornal para cada dois membros*. Essa euforia sobre a tiragem do MP é expressa numa frase na capa do jornal a partir de janeiro de 1960: “*O maior jornal evangélico na América do Sul*”, conquanto a partir de agora não mais divulgue a tiragem, algo que aparecia nos jornais anteriores, como a tabela abaixo indica:

Mês/ano	01/56	03/56	04/57	05/57	07/57	01/59	10/59	11/59
Tiragem	48.200	49.500	51.000	52.000	53.000	54.000	55.000	56.000

Qual a tiragem atual? No presente essa informação é “esotérica” – só sabe quem faz. Foram muitas as tentativas por telefones, emails e pessoalmente, com diferentes pessoas, mas não conseguimos os dados da tiragem atual para podermos fazer uma comparação. Diversas fontes orais dizem que nos anos 1980 a tiragem ultrapassou 100

<sup>278</sup> Há mais de um “pedido de desculpas” por que não conseguiram imprimir revistas de EBD e HC suficientes para a demanda da igreja (MP – no 7, 04/1935).

mil exemplares, mas não temos nenhum documento que confirme isso. Um anúncio publicado no MP, ano 30, no. 20, pg. 6, de 01.10.1960 diz o seguinte:

MENSAGEIRO DA PAZ

NÚMERO ESPECIAL DE JUNHO DE 1961. COMEMORAÇÃO DO CINQUENTENÁRIO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

Nesse número será publicada a história das Assembleias de Deus, sua origem e seu desenvolvimento.

Só haverá um número no mês de junho de 1961. Será um número ilustrado e terá melhor apresentação do que o número de Natal deste ano.

Queremos alcançar o alvo de 100.000 exemplares na tiragem de cada quinzena, e nesse número pretendemos dobrar essa tiragem para 200.000 jornais.

Faça sua encomenda com antecedência para ser atendido em tempo útil.

Terceiro, acuada pela concorrência e urbanização, como já frisado, essas igrejas optam por uma tradicionalização receosa de toda e qualquer alteração e “novidade”<sup>279</sup>. Isso vai valer para música (somente os Hinos da HC), para a liturgia (sempre três hinos na abertura dos cultos) e para os ritos em geral. Rádio e (mais grave ainda nos próximos tempos) TV são inovações que não podem ser assimiladas. Preferiu solidificar o espaço já conquistado na imprensa, pois a ironia é que, neste período, amplia sua gráfica, editora, jornal, mas renega os demais meios de comunicação.

Quarto: o rádio é “mundano”. E essa “mundanidade” do rádio não é grave apenas para as ADs, e não somente no Brasil, mas também nos EUA<sup>280</sup>. As rádio-novelas, os programas de música, os festivais e seus personagens boêmios eram caricaturalmente mal vistos na sociedade em geral. Se o rádio somente tocava “música do mundo” e/ou transmitia algo que não interessava aos crentes, por que então ouvi-lo? Quem tinha rádio ou ouvia rádio, assim como TV, nos primeiros anos? Uma classe social urbana abastada. E a membresia assembleiana não estava nessa classe, e seu alvo evangelístico também não era ela. Enfim, se as ADs não tinham muito o que dizer para os de fora, muito menos para a classe alta. Possuir ou ouvir rádio, e posteriormente TV<sup>281</sup>, era pecado, mas poderia ser usado como veículo “evangelizador”?

“O missionário Albert Widmer<sup>282</sup> [isso em 1937] levantou uma questão cuja resolução seria histórica para as Assembleias de Deus no Brasil: *“É lícito pregarmos o evangelho pelo rádio”*;

<sup>279</sup> Manoel de Melo, da IPBC, entrou no Rádio em 1956. Nos EUA, Mc Pherson tem programa de rádio desde 1922, e as AGs em 1944. Oral Roberts, em 1935, inicia um programa na TV. Em 1955 foi inaugurada a Rádio IBRA, da Igreja Filadélfia.

<sup>280</sup> Campos (1999, especialmente o cap. 6) tem um bom levantamento das relações amistosas e conflituosas dos pentecostais no Brasil e EUA em relação ao Rádio.

<sup>281</sup> No MP de 1969. Pg. 2 se publica o seguinte: “Considerando os efeitos maléficos que os programas de televisão tem causado à comunidade evangélica, principalmente à família, a Convenção Geral resolveu aprovar a seguinte proposta: 1) Os pastores e evangelistas da Assembleia de Deus no Brasil não devem usar aparelhos de televisores; 2) Os que já possuem, devem desfazer-se deles até a próxima Convenção; 3) Os obreiros devem recomendar às igrejas que se abstenham do uso de televisores; 4) Que os que possuem desfaçam-se dos mesmos, a fim de evitar a suspensão”.

<sup>282</sup> Widmer é um missionário suíço itinerante, que trabalhou na década de 1930 no sul do Brasil. Esta Convenção aconteceu em Recife, em outubro de 1937, e é a primeira vez que dois brasileiros assumem a mesma – Macalão e Canuto. Depois os suecos retomam os cargos até 1951.

“E podem as Assembleias *participar de uma sociedade evangélica* de transmissão de rádio?” Apesar de não ter sido ainda nessa época a liberação para o crente de ter ou possuir um aparelho de rádio em casa, a Convenção *decidiu por unanimidade* aprovar o uso do rádio para evangelização” (Daniel, 2004:128, grifo nosso)<sup>283</sup>.

As ADs estão na dúvida se é lícito evangelizar pelo rádio ou se é possível participar de uma associação evangélica. Típico de um grupo tradicional e refratário, que não sabe (ou não quer) se relacionar com o mundo exterior. Por outro lado, temos o aspecto econômico do problema: quantos assembleianos na década de 1950 tinham poder aquisitivo para ter um aparelho de rádio? Por uma óptica mais ampla: quantos brasileiros tinham acesso ao rádio nessa época, ou quantos brasileiros tinham acesso à TV nos anos 1970?<sup>284</sup>. Rádio e TV eram fenômenos urbanos que serão enfrentados mais pelo *assembleianismo urbano* e muito menos pelo *assembleianismo rural*. Sintomático é que tenha sido um americano, missionário Lawrence Olson (1910-1993), com uma visão “moderna” das AGs, em 1947, a iniciar o primeiro programa radiofônico das ADs no Brasil.

Quinto: como lidar com as relações de poder internas e externas? Qual a possibilidade de um programa de rádio ou TV, ou uma concessão governamental nos anos 1950 ou 1970? Mesmo que o Governo cedesse, o lobby católico não permitiria. Internamente, se as ADs tivessem conquistado, qual Ministério seria o dono? Essa fragmentação assembleiana nunca lhe deu a possibilidade de ter um caixa único nacional (como é o caso em outras igrejas); portanto, ela não teria condições financeiras de sustentar esse projeto. Inusitado é que, em 1945, Lewis Pethrus prega pela primeira vez em uma rádio na Suécia, mas por pressão popular, da imprensa e dos entraves governamentais, seu programa foi proibido. Ele descreve o problema assim: “Durante o tempo em que o debate prosseguiu e o ataque aumentou, cada vez mais os grandes grupos em nosso país consideram isso pouco democrático, e inconsequente para um país democrático, não ter uma rádio livre. Na questão da imprensa escrita e a liberdade do encontro existe democracia, mas na questão do rádio, a Suécia é um típico Estado ditatorial” (Pethrus, 2004:285). A IBRA Rádio, enfim, só iniciou suas transmissões em 29 de julho de 1955, no Marrocos.

<sup>283</sup> Aprovação por unanimidade? No mesmo texto Daniel (2004:129) registra “*vários irmãos falaram (...) também os perigos que o mesmo pode trazer no caso de os crentes se apegarem ao rádio, não querendo mais ir às igrejas, e mesmo que apenas adquirindo rádios, contaminando-se com as músicas mundanas e outras palestras prejudiciais (...) devemos aceitar os convites para cantar, tocar e pregar pelo rádio (...)* mas, quanto à questão de ter rádio, no momento atual, a Convenção achou que não devemos ter”.

<sup>284</sup> Folcloricamente, a IPDA vai repetir esse discurso, na década de 1960 contra a TV, mas não contra o rádio. Seu público em potencial não tem TV, mas tem rádio. Algo completamente diferente essa igreja vai fazer em relação à internet na passagem do século – (Alencar, 2010)

Em 1932, Vingren sonhava com uma rádio para evangelização, décadas depois os pastores ainda debatem se os assembleianos podem ou não ouvir e/ou possuir um rádio em casa. Como teria sido, então, o caminho dessa igreja se tivesse sido liderada por esse sueco aventureiro e “moderno”<sup>285</sup>?

#### 4.6 - CONVENÇÃO: o avanço e a invasão nos campos.

“Levantai os vossos olhos e vede os campos, que já estão brancos para a ceifa” Jo. 4:35.

Se o “campo é o mundo”, este, então, tem que ser ganho na evangelização, mas as ADs já alcançaram todo o campo brasileiro. Se a primeira fase do crescimento se caracterizou pelo “avanço no campo”, esta será marcada pelo “avanço no campo vizinho”; enfim, teremos mais “invasão de campo” que “avanço no campo”. Parafraseando o texto bíblico citado, caro ao movimento da evangelização, se o “campo é o mundo”, o “mundo” agora é, inclusive, o Ministério vizinho. Concorrente.

Nos primeiros anos, a igreja nascia por atividade particular de um membro, como resultado da imigração; portanto, surgia do “nada” e “sozinha”; do voluntarismo e da militância arminianista assembleiana, pois, “todos precisam ouvir a mensagem da salvação”. Agora, porém, na medida em que Igrejas-Sedes se fortalecem e se estabelecem como “centros de poder”, são elas agora que enviam obreiros para “abrir um trabalho”, e esses obreiros – apenas homens, com títulos e pressupostos estamentais, não mais um membro comum – agora geram demandas de ordenação, salário, templo, estatutos, e, por conseguinte, a legitimidade desta nova(s) igreja(s) e deste(s) obreiro(s) agora não mais é resultado de seu carisma pessoal, mas do carisma da instituição. Igrejas formadas, prédios construídos, renda estabelecida, ministérios estamentais oficializados, vão gerar novos núcleos de poder, consequentemente, alvos de disputa entre os Ministérios Corporativos. Ainda mais porque alguns Ministérios não respeitam os espaços geográficos dos demais.

Como isso poderia ter sido evitado ou resolvido? Se desde o início existisse uma organização nacional de racionalização da ocupação do espaço, como é comum em qualquer igreja, seja presbiteriana ou episcopal. Na ausência de um organismo nacional e central forte, com estatutos sólidos e uma liderança única, esse novos centros de poder não são arbitrados, estabelece-se, então, a “invasão de campo”. O Ministério A, envia

<sup>285</sup> Em 1936, (MP, ano VI, No 11, 01/06/36) Nils Kastberg (1896-1978) escrevendo um artigo diz que seus “filhos pedem para ligar a vitrola”. E acrescenta dentro de parênteses “(A vitrola, como qualquer instrumento, pode ser consagrada para honra do nome santo de Jesus)”.

um obreiro para abrir um trabalho no espaço geográfico já, teoricamente, ocupado pelo Ministério B, que por sua vez também já abriu uma nova igreja no território do Ministério C. E assim sucessivamente.

Quem é o inventor deste modelo *made in Brazil*? Paulo Leivas Macalão? Talvez. Mas o problema não pode ser personalizado, pois é fundamentalmente institucional. Como já dito anteriormente, os suecos fundadores são de uma tradição congregacional extremada – as “*igrejas livres*”, e, como foi debatido no tópico anterior (Convenção 3.6), a Convenção, apesar do nome, era apenas um espaço de tempo para orar e estudar a Bíblia. Não houve da parte dos suecos e dos brasileiros uma preocupação de institucionalização estatutária e delimitação geográfica (algo óbvio no modelo episcopal ou presbiteriano), daí, quando essa igreja cresceu anarquicamente, os centros de poder – Igrejas-Sedes e seus pastores-presidentes – não estavam dispostos a submeterem-se a algum órgão, burocracia, estatuto ou muito menos uns aos outros.

Isso também não deveria ter acontecido com as *Igrejas Batistas Independentes*? Também de origem sueca, nascidas no Brasil na mesma época, marcadas pela ideia de “igrejas-livres” e dominadas por suecos nas primeiras décadas por isso mesmo com tensões entre missionários e os brasileiros, tanto que a CIBI somente teve foi oficializada com personalidade jurídica em 1940 (Kauppaun, 2012)? As diferenças é que a CIBI nasceu e se manteve como igreja étnica por décadas, ficou restrita ao sul, e não cresceu. Nas ADs, os suecos foram atropelados pelos brasileiros, as igrejas se expandiram rapidamente; e, sem uma delimitação de Convenções, campos e Ministérios, prevaleceu a concorrência da invasão de campo.

#### 4.7 - “TEMPLO – PENSÃO”: Solidariedade burocratizada.

Fato histórico recorrente é que os templos batistas sempre foram construídos obrigatoriamente com salas de aulas para a EBD, já os templos-sedes das ADs nas capitais foram construídos obrigatoriamente com salas para a hospedagem dos obreiros vindos do interior<sup>286</sup>. Era – e ainda existe - um modelo de pensão.

Três questões fundamentais serão apontadas aqui: a *Carta de Recomendação/Mudança*, a localização dos templos e o processo de burocratização. A *Carta Recomendação/Mudança* (hoje um tanto em desuso nas metrópoles, mas ainda válida principalmente nas pequenas cidades) é necessária para todo e qualquer

<sup>286</sup> Ainda hoje, em 2011, alguns templos-sedes, principalmente no Nordeste, ainda têm área de hospedagem para os obreiros. Aqui em SP, em 2012, há igrejas-sedes com infraestrutura de hospedagem tanto para obreiros como para grupos de senhoras ou jovens que vêm participar de congressos. Muito significativo [observar que](#) os novos templos aboliram esse modelo.

deslocamento que o membro faça de sua cidade a outra; é necessário levá-la para ser apresentada na igreja de seu destino. E, ao retornar da viagem, deve ser apresentada em sua igreja de origem, ou pelo menos ao seu pastor, com o carimbo, data e assinatura da igreja visitada, para comprovar que em sua viagem ele não se descuidou de sua vida espiritual. Caso sua viagem seja definitiva, o crente precisa de uma *Carta de Mudança*. Ambas têm prazo de validade a partir da data da expedição. Isso seria apenas uma demonstração do controle social de um grupo sectário? Uma forma engenhosa e ditatorial do líder acompanhar cada passo, viagem, mudança dos membros de seu grupo? Sim, mas é um reducionismo tacanho dizer que isso é apenas controle sectário, aqui os *interesses* da igreja e dos membros se encontram, e a membresia é muito mais beneficiada que a liderança. Essas *Cartas* tiveram (e ainda têm) um ganho social inestimável.

Chegar a qualquer cidade do país com uma *Carta de Recomendação*<sup>287</sup> ou *Mudança*, é um atestado de bons antecedentes, é a possibilidade concreta de, se necessário, ser acolhido pela comunidade, ajudado em caso de doença; é receber indicação para um emprego por um irmão/ã da comunidade. Até mesmo ser hospedado em uma das residências dos membros da nova igreja. É ter, enfim, uma grande família assembleiana de braços abertos em todos os lugares. É como se fosse sua própria casa ou a casa de um parente, afinal é a “casa de um dos irmãos” e todos fazem parte da mesma família espiritual. É uma expressão de solidariedade com os “domésticos da fé”, mas desde seu início (em 1923) já nasce burocratizada. As viagens particulares (dos membros em geral) ou oficiais (do clero) vão necessitar de uma carta de apresentação. É uma forma de controle e proteção aos membros e, principalmente, aos obreiros. É uma proteção externa “para os fingidos de crentes não se introduzirem nas igrejas”, mas também interna. Homens em pensão na periferia dos grandes centros, fatalmente seriam alvo de prostitutas. Já os obreiros acolhidos no templo estavam seguros.

Além das hospedagens residenciais, o templo-sede, oficialmente, é espaço de acolhimento dos obreiros nas grandes cidades. Não é um hotel formal e caro, algo inacessível aos obreiros da época, mas um *espaço intermediário* entre a casa e o hotel. Como a dominação tradicional é um espaço entre o modelo carismático e o racional

<sup>287</sup> A primeira menção a Carta de Recomendação foi dada no jornal Boa Semente, de 1923, pg 4. Veja a seguir o texto: “Carta de recomendação. Avisamos que, segundo foi resolvido na convenção havida em Alagoas (dias 21 a 28 de outubro), os irmãos que se tiverem de mudar de um lugar para outro devem conduzir consigo uma carta de recomendação do pastor ou dirigente da igreja a que se pertencia para apresentar á igreja onde vae residir Esta carta de recomendação tem por fim evitar que pessoas fingidas se introduzam, como crente, entre ás egrejas” [mantida a grafia original]. A Convenção somente oficializa “Carta de Recomendação” e “Carta de Mudança” em 1933 (MP, no 11, 06/33).



burocrático, e o “Estado providência” (Weber, 1991:133) ainda não é o modelo pleno de Estado Moderno, pensão é onde se conhece o dono/dona, tem uma comida caseira, e pode-se até conversar na cozinha. Não há um abismo entre o freguês e o consumidor. Os templos assembleianos, majoritariamente, neste período, estão na periferia. E mesmos as igrejas-sedes mais próximas do centro da cidade, estão na periferia do município<sup>288</sup>. Nenhum templo estava nas regiões ricas, nas avenidas principais, todos foram construídos em ruas secundárias representando e construindo um pouco da identidade desta igreja<sup>289</sup>.

“No início da década de 40, a AD de Niterói estava localizada num salão alugado na rua principal do bairro nobre da época (...). O pastor Francisco Leopoldo Coelho preferiu mobilizar a igreja para comprar um terreno e construir seu primeiro templo numa das travessas, porque, segundo ele, a Assembleia de Deus não era igreja par estar nas grandes avenidas”. (Araujo, 2007:853)

E é nesta periferia acolhedora que migrantes encontram seu espaço de acolhimento, obreiros que voluntaria ou compulsoriamente precisam ir a capital, à igreja-sede, receber orientações e reafirmar o compromisso com a igreja. Então, a igreja-sede é uma grande pensão, onde se tem hospedagem e alimentação. Simples, porém gratuitas. É nos templos-sedes que se realizam as EBs, as convenções, tanto nacionais como regionais, daí por que eles foram construídos com hospedagem.

Um templo-sede, vai se tornar ao longo do tempo um “Centro de Romaria”. Igual a um Santuário ou Catedral católica, serve de aglutinação tanto de fiéis como de ministros, mas como a ascese protestante é bem menos mística que a católica, essa “romaria” pentecostal é também muito mais burocrática (Weber, 1998; Fernandes, 1982). Essa “romaria assembleiana” para beijar a mão do bispo/pastor-presidente, pode ser um dos muitos “resíduos” da matriz católica no pentecostalismo (Passos, 2005). Esse templo, como espaço e centro de decisões do Ministério, e onde fica o pastor-presidente em sua “dominação patriarcal”, vai atrair as atenções não exatamente por suas qualificações mistificadoras, mas burocráticas. É quem esta nela (ou ela própria) que vai decidir o destino de cada igreja e cada pastor/dirigente local, algo já indicado como “peleguismo assembleiano”. Afinal, em uma dominação patriarcal, os “servidores são recrutados em completa dependência pessoal do senhor” (Weber, 1991:132).

<sup>288</sup> É o caso aqui em SP dos bairros do Brás, Belém, Ipiranga. No RJ: Madureira e S. Cristóvão. Em Fortaleza, Natal, Recife, BH e Belém, idem. “

<sup>289</sup> A identidade religiosa passa fundamentalmente por seu templo. As catedrais católicas nos centros das cidades representam a centralidade e importância destas igrejas no momento histórico de suas construções. Os templos Mórmons são um símbolo do estilo *Made in EUA*.

#### 4.8 - IDENTIDADE ASSEMBLEIANA PENTECOSTAL BRASILEIRA: 2ª. FASE.

A identidade pentecostal demarca os campos e define uma *adesão exclusiva*. A opção de um Sujeito, que assume uma identidade única, identidade que repercute na totalidade de uma orientação existencial, que ela organiza. O fenômeno do “Batismo no Espírito Santo” estabelece um corte, o fim da dispersão identitária, uma reorientação centralizada e centrípeta. Não é mais “isto” e “aquilo” ao mesmo tempo” (Sanchis, 1994:47)

Uma questão central da identidade é a distinção – conforme a elaboração teórica no ponto 1.1. b): os sinais diacríticos. Fácil e visível na primeira fase: *assembleiano é pentecostal porque fala em línguas*. Como diz Sanchis, o “batismo no Espírito Santo estabelece um corte”. Pentecostal fala língua e assembleiano fala língua, portanto, é pentecostal. O grave, no atual período, é que as ADs perdem o “monopólio da glossolalia”; esse diferencial que lhes dava a “certeza”, agora outros grupos, como IPDA, IEQ, IPBC, também têm<sup>290</sup>. O agravante é quando tal marca identitária, internamente, torna-se o limite da “verdade”. Se apenas o falar em línguas é um “revestimento de poder”, é o “batismo de fogo”, é o sinal da “plenitude do Espírito Santo”, daí ser a legalização de que esta igreja é a verdadeira, vai uma longa distância. Problema sério, interno: em outras igrejas também esse fenômeno se manifesta? Essa é uma questão gravíssima para um grupo que elege de forma absolutista uma única verdade; uma única legitimação. O que sobra – ou sobraria – para as ADs como indício de sua única verdade já que outros agora também a têm?

Todas as denominações (esse conceito, para os suecos, já é um pecado), são frias (são “Igrejas sem brilho”<sup>291</sup>), elitizadas e cultas (“a letra mata”) e mundanas. O único outro ramo pentecostal é a CCB, mas longe de competir, pois ainda não chegou ao Norte e Nordeste. Seu princípio unificador – o falar em línguas – agora também é manifesto em outros grupos mais “conservadores” e, mais grave, também mais “modernos”. O que sobra? A *disciplina*.

##### a) Teologia da “Disciplina”:

*Assembleia de Deus no Brasil chegou,  
Cuidando da doutrina e também dos dons.  
Porta que abriu, nunca mais fechou.*

*Deus multiplicou o seu rebanho* (hit cantado no Centenário em Belém-PA, em 2011)

Um problema grave neste período, além da concorrência de outros pentecostalismos, é como que fica o novo mundo pós II Guerra? Terminada a Guerra, Israel nasce como nação, em 1948, ou seja, “a figueira floresceu”! O anticristo já não

<sup>290</sup> Campos Jr (2009:121) em sua análise da Igreja do Avivamento Bíblico, diz que o “modelo assembleiano” influencia a mesma.

<sup>291</sup> Título do livro do Emílio Conde, de crítica as denominações evangélicas não pentecostais sem data de publicação.

estava reinando? Os dedos da estátua de Daniel já não foram esmagados<sup>292</sup>? Alguma coisa saiu errada no padrão escatológico, pois tudo isso indicava o *fim*. Ou pelo menos o começo do fim ainda “nesta geração”. Neste escatologismo exacerbado se repetia muitos textos da Bíblia.

No monte das Oliveiras, achava-se Jesus assentado, quando se aproximaram dele os discípulos, em particular, e lhe pediram: Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da *consumação do século*. (...) E, certamente, ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, *mas ainda não é o fim*. Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares; porém tudo isto é o *princípio das dores*. (...) E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. *Então virá o fim*. [aqui se fala da profecia de Daniel] Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do Homem. Aprendam a lição da figueira: seus ramos se renovam e suas folhas começam a brotar, vocês sabem que o verão está próximo (...) Eu lhes asseguro que não passará *esta geração* até que todas estas coisas aconteçam” [Mt 24.1-34, grifo nosso].

Guerras, rumores de guerras, terremotos, sinais no céu, filhos contra pais, nação contra nação, fome e o mais importante de tudo: o ressurgimento – depois de milhares de anos de diáspora – da nação de Israel. E tudo isso ainda “nesta geração”. Uma musica da época diz o seguinte<sup>293</sup>:

*Ainda é tempo para você se arrepender,  
Antes de o homem fazer o caminho para lua,  
Pois a ciência cada vez aumenta mais,  
Lá na lua ninguém vai, salve a alma tua.  
Meu Deus, meu Deus, salvei o meu Brasil,  
Dá salvação aos filhos contra os pais,  
Talvez não chegue completar dois mil,  
A sua igreja para nuvens vai.  
O grande dia ninguém saberá.*

Neste clima de terror escatológico, o que se deveria fazer? Se preparar para o *fim*. Como? Com a maior e mais plena *disciplina*. É uma resposta ao “caos externo” (mundo & escatologia) e ao “caos interno” (novos pentecostalismos & fragmentação Ministerial). Esse rigorismo é uma forma de “estranhamento do mundo” (Weber, 2004:35) e essa inadequação recebe uma resposta “ascética”; se vai ser uma resposta “ideal” ou “suposta”, não vem ao caso, mas é resposta.

<sup>292</sup> O quadro *Plano Divino através dos Séculos*, com a pretensão icnográfica e totalizante de resumir o mundo do Éden à Eternidade, usava os textos do profeta Daniel (especialmente o cap. 2 “o que vai acontecer nos últimos tempos”) e sua descrição geopolítica do mundo a partir de uma Estátua, em que seus membros representavam reinos e nações, até serem vencidos por uma “pedra” um reino que durará para sempre” versículo 44. Em 1977, foi lançado o livro *Israel Gogue e o Anticristo*, escrito por Abrão de Almeida, onde se celebrava Israel e demonizava a URSS, que, segundo o site do autor, já vendeu 250 mil exemplares.

<sup>293</sup> Segundo referências orais, ela foi composta em 1967, pelo pastor Josué, no RJ. Há também uma folclórica história de que a mesma foi cedida pelo autor para o cantor Silvinho, famoso na época, mas esse não sendo evangélico a cantou, inclusive, em bailes de carnaval, o que aumentou a polêmica.

“Disciplina” também tem outras conotações – ainda hoje – no meio assembleiano. “Ser disciplinado” ou “estar disciplinado”, ao contrário do que a frase indica, significa ter cometido algum pecado e, por isso, ser “cortado do rol de membros”, impedido de participação nas atividades da igreja e “ficar no banco”<sup>294</sup>. A razão e o tempo da “disciplina” são folclóricos<sup>295</sup>, ademais, como nunca houve uma “doutrina” homogênea no país, as razões e os períodos se diferenciavam de um local para outro.

Aqui já temos a segunda geração de assembleianos. Todos os assembleianos do primeiro período são convertidos; ou seja, tiveram em algum momento uma adesão voluntária, saíram de sua antiga religião para as ADs. Na segunda geração, a partir da década de 1950, já temos crentes “nascidos” assembleianos; há os que aderiram à “seita pentecostista” e agora assembleianos de nascimento<sup>296</sup>. E isso vai, sim, fazer muita diferença. Daí (ainda hoje existem), os tradicionais “Cultos de Doutrina”, onde se ensina as doutrinas e, mais importante, se comunicam à igreja os nomes dos “disciplinados/as” com as causas e os períodos de interdição.

As massas pobres de imigrantes estão indo para as cidades em busca de um novo tempo. Apesar da teologia escatológica dizer que tudo iria piorar cada vez mais, alguma coisa melhorou também. Na urbanização há também muito mais empregos, mais acesso à educação e ascensão social. Os assembleianos da segunda geração vão viver em um mundo melhor que os da primeira. Menor perseguição da parte da Igreja Católica e mais ainda das demais igrejas evangélicas; menor discriminação por causa de sua fé nas grandes e pluralistas cidades. Agora essa igreja já é uma grande igreja, com templos espalhados pelo país e uma capilaridade social impossível de ser invisibilizada. O desafio agora é: *como manter as novas gerações dentro da mesma tradição?* Como os ordeiros assembleianos vão se portar, por exemplo, no meio da desordem do crescimento populacional, da urbanização, de loteamentos irregulares<sup>297</sup>? Basta olhar para a (falta de) simetria das ruas para saber que o casario nasceu de invasões. Como os assembleianos, recém-chegados ou recém-convertidos, se portaram nas invasões dos terrenos públicos? Invadindo também. São crentes, mas – antes, talvez – são pobres.

<sup>294</sup> Implica em poder participar dos cultos, mas não ter oportunidade para pregar ou cantar, apenas “ficar no banco assistindo”.

<sup>295</sup> Por exemplo, em alguns lugares era passível de “disciplina” uma mulher andar na garupa de uma bicicleta; um homem andar sem camisa; já em outros lugares, não. O que vigorou absolutamente em todos os lugares e tempos foi às interdições a sexualidade. Não muito distinto de outros grupos religiosos.

<sup>296</sup> Evidentemente, isso pode aproximar-se do conceito de seita & igreja: se adere a uma seita, mas se nasce em uma igreja, como analisou Troeltsch (1987) e também Weber (2002), mas longe de uma análise dicotômica e simplificadora.

<sup>297</sup> A exceção do centro de BH e de Brasília, qual outra grande cidade brasileira foi planejada?

Como já frisado (Cap. II, 2.1 – Teorização, item c), *poder* gera *dominação* e esta se transforma em *disciplina* que, segundo a definição weberiana, “é a probabilidade de obediência pronta e esquemática a uma ordem, entre uma pluralidade indicável de pessoas em virtude de atividades treinadas” (Weber, 1998: 33). A dominação tradicional assembleiana teve, evidentemente, muito mais “probabilidade de obediência pronta” no primeiro período, em que era uma igreja minoritária, nascente, militante e quando todos seus inimigos eram externos. Agora ela já se diversificou; o pentecostalismo já é plural e o país muito mais urbano. Obedecer a uma “ordem” única é muito mais fácil de que as diversas ordens de diferentes origens.

Na tensão entre o *nomos* e *caos*, o primeiro sendo *uma ordenação conhecida e segura*, e o segundo o *ainda não ordenado*, é obvio que se opta pelo primeiro (Berger, 1985:42-64). Religião é, então, apenas uma alienação ou uma mera resposta à anomia? Novaes (1985:9) diz que é necessário:

Relativizar a ideia do migrante perdido na grande cidade e que encontra na associação pentecostal uma forma de substituir as redes de relações primárias deixadas no local de origem. Relativizar porque escolhi dados que indicavam outra possibilidade, ou seja, a filiação religiosa ser um canal para facilitar a migração na medida em que o “convertido”, levando consigo – a “Carta dos apóstolos”, abre uma gama de possibilidades de apoio através da identidade religiosa”.

Portanto, reduzir a conversão a uma resposta à anomia do migrante nos grandes centros urbanos, ou uma demonstração de sua alienação social, é uma das respostas, mas não a única. Como bem observa Novaes, a migração também acontece posterior à conversão, e essa se realiza influenciada pelas redes de solidariedade que essa religião produz. Daí que, o chavão marxista da capacidade opiácea da religião ou o funcionalismo da coesão social de Durkheim, como respostas únicas, são reducionismos; e os fenômenos sociais pedem explicações mais complexas. No mundo urbano há opções tão díspares quanto umbanda e pentecostalismo, como resposta à aflição (Fry, 1975). Ademais, esse escatologismo pentecostal não produz uma ascese extramundana em forma de um messianismo ausente do mundo, como, por exemplo, dos menonitas. Ele é *portador de uma conduta de vida*, é por causa destas questões – macro e mundiais & micro e pessoais – que é necessário ter este modelo de vida *disciplinada*. Entrar na “lei dos crentes”, por fim, era sinônimo de honradez, compromisso com a família, fidelidade nos relacionamentos, rigorismo moral e crédito na praça. Foi essa postura que entusiasmou o líder comunista, Francisco Julião, nas *Ligas Camponesas* a incentivar os assembleianos a participar transferindo “capital

simbólico” de confiabilidade dos crentes aos sindicatos (Rolim, 1985: Pasquim ano X, no. 497, 1979).

Um elemento diferenciador dessa *disciplina* pode ser apontado também na peculiar e exclusiva saudação brasileira assembleiana: *A paz do Senhor!* Algo que não existe nas ADs em outros países. É um sinal diacrítico da brasilidade assembleiana. Crente assembleiano não se cumprimenta “igual ao mundo, ou como nas igrejas tradicionais”, mas de forma distinta, “bíblica”<sup>298</sup>. Costume que não é herança sueca, pois nas cartas dos suecos tal prática não existe. É de fato algo do pentecostalismo brasileiro, pois a CCB tem cumprimento similar. A irmandade se cumprimenta com a “A paz de Deus!”. Muito significativo que ambas contemporâneas e sectárias em suas origens, tenham essa distinção que ainda hoje permanece.

Não oferecer ao irmão “*A paz do Senhor!*”, com voz firme, em alto e bom som e, principalmente, em público (na escola, no trabalho, na rua...) é um sinal de “fraqueza espiritual”. Assim como a “carta de recomendação”, que também tem função social de proteção interna do grupo, os “iniciados” que conhecem esses os códigos conseguem identificar imediatamente os convertidos e os aventureiros tentando se aproveitar da boa vontade dos assembleianos<sup>299</sup>.

#### **b) O ethos brasileiro & americano.**

Por que as ADs e as AGs não se uniram e andaram juntas? A rejeição e/ou indiferença foi mútua ou parcial? Apesar do “namoro” do governo Getúlio com o nazifascismo, há grande influência e presença norte-americana no cinema, música, indústria siderúrgica, etc. Não seria, portanto, natural que duas igrejas com o mesmo nome e nascidas na mesma época, unidas por um traço singular e distintivo como a glossolalia tivessem, no mínimo, algum contato? Nos anos pós-guerra houve no Brasil, como em grande parte do mundo, um processo de americanização da cultura, o que ocorreu também nas ADs, mas com alguma resistência. O *ethos* brasileiro se americanizou prioritariamente por força da política e da economia, o *ethos*

<sup>298</sup> A ideia é que Jesus cumprimenta seus discípulos com a “paz”. Nessa competição de quem é mais “bíblico” que o outro, a CCB diz que os textos paulinos indicam o cumprimento com “ósculos santo”. Mais folclórico é ver grupos que saíram das ADs se esforçando para tirar o costume do cumprimento com “a paz do Senhor” por que não são ADs. Algo que aconteceu muito com Pr. João Queiroz, no Ceará, um dos fundadores da Igreja Cristo, nos anos 30. Vi pessoalmente, Pr. Paulo Brito, da Igreja Maranata, no RJ, dizer que incentivava o povo de sua igreja e não se cumprimentar assim, porque lá não era ADs. Nas eleições de 2012 para prefeito de SP, em um culto na Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus, um pastor disse que “*sonha com o dia em que o presidente da República inicie a “Voz do Brasil” com a frase: Eu cumprimento o povo brasileiro com a paz do Senhor*” (Folha de S. Paulo, 11/09/2012, A-8).

<sup>299</sup> Uma histórica folclórica sintetiza bem isso. Numa determinada localidade um indivíduo chegou pedindo ajuda e hospedagem em uma AD, se dizendo crente assembleiano. Uma irmã chegou no meio da conversa e lhe diz: “A paz do Senhor!”, ao que ele responde prontamente: “A paz da Senhora!”, o suficiente para [que o desmascarassem](#).

assembleiano, ainda hoje, é uma tentativa de preservar o legado sueco, mesmo aderindo ao americano.

Como e por que isso aconteceu? A influência americana, como já dito, foi essencialmente econômica e política, duas áreas distantes das ADs<sup>300</sup>. Segundo, em questões culturais, o grande cartão de visita do *american way of life* foi o cinema, mas essa “influência mundana” teve efeito contrário. Terceiro, a tentativa de “invasão” das AGs com o envio do missionário Frank Stalter e esposa, em 1934 (Read, 1967:123), teve a resistência dos suecos, inclusive, enviando um protesto para as AGs, pois o Brasil era “reserva de mercado” deles. Posteriormente, outros americanos vão chegando, mas se mantêm coadjuvantes dos suecos. O único americano que de fato marcou presença no país inteiro, mas fazendo diversas concessões ao modelo, foi Bernhard Jonhson Jr (1931-1995), isso já década de 1970 em diante, que com seu modelo de campanha evangelística não incomodou aos nativos e nem aos antigos missionários.

Os suecos “donos da tradição” dominam nas igrejas-sedes e na presidência das convenções durante 40 anos<sup>301</sup>. De 1930 a 1951, a exceção de quatro ocasiões em que o presidente foi um brasileiro, os demais foram suecos<sup>302</sup>. Mas é muito significativo que depois de 1951, nenhum sueco assumiu qualquer cargo na Convenção. Foram vencidos pelo poder do dinheiro americano? JP Kolenda, um pastor alemão com parentes no Brasil, é chamado pelas AGs a fazer uma “ponte” com a liderança brasileira (Brenda, 1984)<sup>303</sup>. Portanto, as AGs, parecem que, desde o início, tinham sim interesse pelo Brasil. Por que isso não se concretizou efetivamente merece um pouco mais de pesquisa (vamos retornar ao assunto Cap. VI - 6.5).

Tabela de missionários suecos & americanos:

	1910	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	TOTAL
Suecos <sup>304</sup>	9	20	15	8	6	5	2	-	-	<b>68</b>
Americanos	-	6	8	11	10	7	22	6	2	<b>72</b>

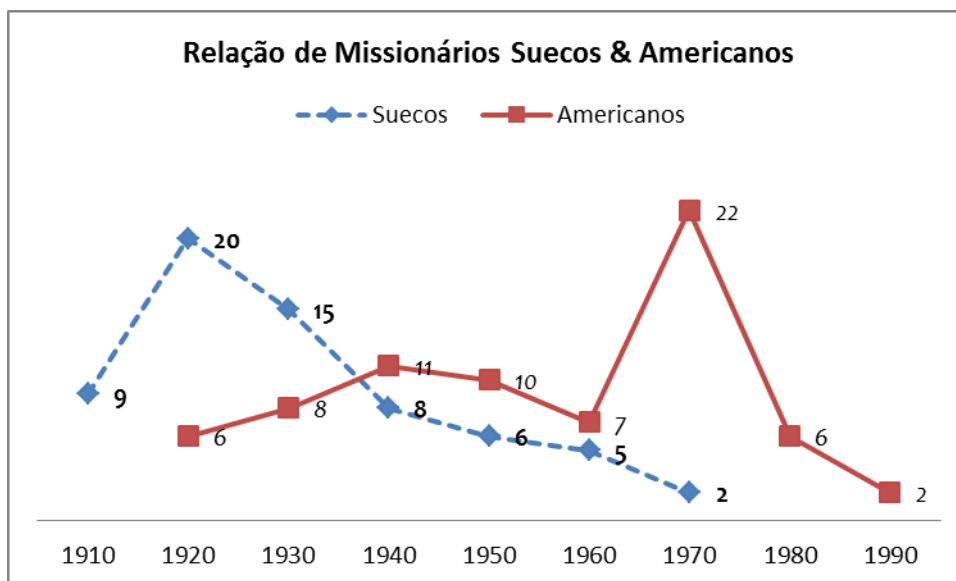
<sup>300</sup> A influência econômica americana vai, sim, ser importante nos anos seguintes, tanto oficialmente entre as ADs e AGs (o modelo empresarial da editora), como oficiosamente por causa da teologia da prosperidade.

<sup>301</sup> Algo idêntico aconteceu com os suecos nas Igrejas Batistas Independentes “durante 40 anos o trabalho batista independente ficou sob a liderança dos missionários suecos (Ekström, 2008:55). O total de missionários suecos enviados pela Missão Örebro para trabalhar na CIBI, desde 1912 até o final da década de 1960 foi de 103 suecos, quase o dobro dos suecos nas ADs. Registre-se que, no momento, nenhum sueco esteja na liderança de igreja brasileira ou exercendo algum outro cargo, e que, agora a Missão envia brasileiros para trabalhar na Suécia (Kappan, 2012:54).

<sup>302</sup> Considerando que há um abismo em “presidente da Convenção” na década de 20 e atualmente.

<sup>303</sup> Essa questão foi analisada em minha dissertação (Alencar, 2009).

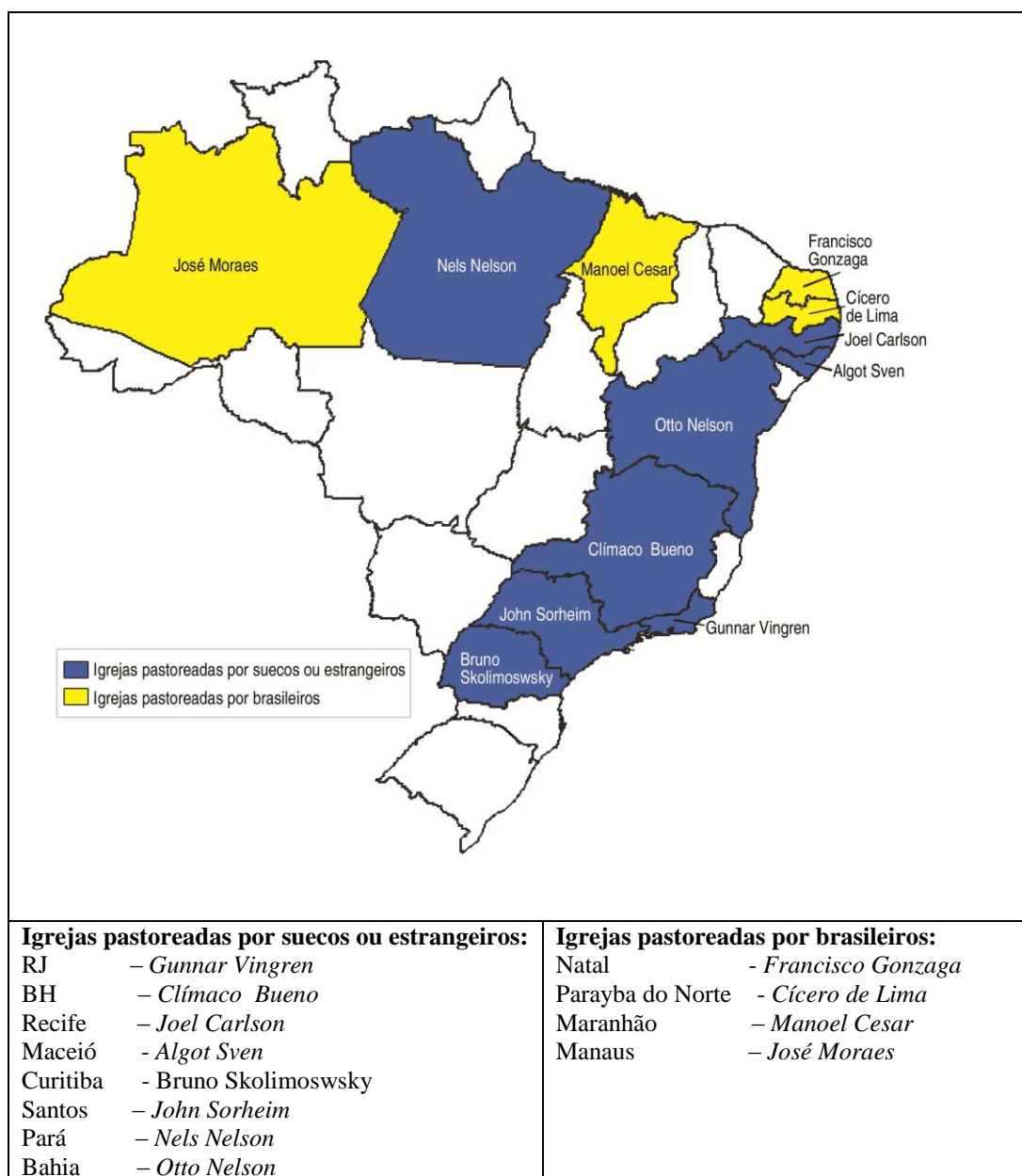
<sup>304</sup> Os missionários são enviados pela Missão Sueca, e no Brasil, todos se “tornam suecos”, como os dados históricos não são completos sobre eles (há nomes na listagem sem datas de chegadas e retorno), há, por exemplo, dois missionários que não eram suecos, Bergstén (chegou em 1936) era finlandês e Taranger (chegou em 1946) era norueguês.



Há uma relação óbvia entre a diminuição da presença sueca e aumento da americana. Embora a diminuição de missionários suecos não tenha sido *apenas* motivada pela chegada americana, foi uma escolha da *Svenska Fria Missioem* e motivada por outras questões. As “razões” internas e/ou externas, tanto da Suécia (desarticulação da SFM, diminuição de candidatos-missionários, mudanças na *Filadélfia*) como do Brasil (as ADs são dirigidas por brasileiros e não precisam de “ajuda” estrangeira?), também poderiam ser “razões” aplicadas as ADs e as AGs? Independentemente disso, os missionários americanos começam a chegar.

Uma das parcelas do mito fundante, construído por Conde (1960), e muito repetido pelos demais (versão inclusive repetido acriticamente por pesquisadores) é que os suecos “entregaram” a igreja aos brasileiros na Convenção de 1930. Mas na última página do MP, a partir de 1931, há um quadro com as igrejas-sedes, endereços, horários de cultos e nomes dos pastores. Os suecos continuam pastoreando as principais e maiores igrejas nas principais cidades do país.





Durante aqueles vinte anos, o trabalho tinha crescido bastante, e um grupo de pregadores brasileiros considerou que tinham pouca influência sobre as igrejas. Havia fortes rompimentos políticos no país e a nacionalidade tinha contribuído para criar uma certa aversão aos estrangeiros. Esses pastores tinham organizado a conferência e convidado os missionários, como também um representante da missão no país local. (Pethrus, 2004:222).

Enfim, a relação entre brasileiros & suecos; suecos & americanos; e brasileiros & americanos nunca foi tranquila nos diferentes momentos e por distintas causas. Então a transição do *ethos sueco* para o um *ethos americano* aconteceu, mas não foi pacífica e automática.

#### **A Harpa Cristã – HC, presença brasileira e construção da identidade.**

Basta uma simples olhada nos nomes para se perceber os nomes estrangeiros no *Cantor Cristão*, nos *Salmos e Hinos* e demais hinários evangélicos, todos de igrejas

implantadas no século XIX, com forte presença estrangeira. Na HC isso também acontece, mas a presença brasileira não é insignificante. Vejamos os dados abaixo.

Tabela no. - Hinos e nacionalidade dos autores identificados<sup>305</sup>:

HOMENS		MULHERES	
Hinos de brasileiros	349	Hinos de brasileiras	03
Hinos de estrangeiros	54	Hinos de estrangeiras	35
TOTAL POR NACIONALIDADE	403	TOTAL POR GÊNERO	38

Os “autores” das canções não correspondem exatamente à realidade, pois grande parte são apenas versões de músicas sacras já conhecidas, e, tanto os estrangeiros como os brasileiros, traduzem as músicas e as assinam com seus nomes. Há de se considerar que, na década de 1920 e 1930, quando as primeiras edições são organizadas, não existia a noção de direitos autorais que há hoje. O que nos chama atenção é a presença brasileira na construção deste hinário assembleiano; excetuando-se os 244 hinos de Paulo Macalão e os 23 de Frida, os percentuais de participação de gênero ficam mais equilibrados.

A HC também é uma das marcas do MPAB, desde sua primeira edição em 1921, como já analisado na relação entre CCB e ADs (no tópico 1.9). Na CCB, o hinário, o estilo e a execução não sofreu tantas alterações. Nas ADs mudou, mas permanecem praticamente iguais. São mais de oitenta anos cantando esses hinos semanalmente, em cultos e reuniões informais. São valores que formam a identidade dessa igreja. E aqui, mais uma vez, se manifesta a falta de consenso dentro dela. Em diversas convenções foram indicadas comissões para alteração e atualização da HC (a primeira comissão foi em 1979): alteram-se algumas letras, reorganiza-se a sequência dos hinos, hinos clássicos são incluídos (como Castelo Forte, de Lutero) e hinos pátrios. Um trabalho realizado por uma comissão de nomes insuspeitos dentro da denominação. Lançada pela CPAD, em 1992, com prefácio do presidente da CGAB, apresentação da comissão a “nova HC” não vingou! Resultado: temos a antiga e nova em uso. E segundo várias versões orais, o povo assembleiano não aceitou por uma razão um tanto prosaica: mudaram os números. Faz parte da natureza assembleiana situar sua vida a partir dos números do hinos: “aceitei Jesus quando ouvi o 330”; “no meu batismo cantaram o 412”.

<sup>305</sup> Os “autores” estão relacionados apenas com iniciais de seus nomes, portanto, relacionamos apenas os nomes que foram identificados tanto por nacionalidade como por gênero, pois o número total de hinos da HC é bem maior que esse.

Duas questões adicionais sobre a HC como marca da identidade. Em virtude do florescimento da indústria fonográfica diversos cantores/as já gravaram trabalhos exclusivos com hinos da HC<sup>306</sup>. Um reforço da identidade do grupo e um reforço de caixa do empreendedor também. Mas como marca residual do que identificamos como MPAD, também no mercado a “Harpa Pentecostal. Hinário adotado nas Igrejas Pentecostais e outras”. Uma cópia literal da HC, com acréscimos de avulsos, corinhos e hinos práticos, editado pela *Casa Publicadora dos Evangélicos*. Poderia ser indicado como mero oportunismo comercial (se poderia também dizer isso dos cantores/as e gravadoras?)<sup>307</sup>, mas essa infinidade de novas igrejas pentecostais pequenas, sem tradição e editora, tem sua identidade marcada pelo *assembleianismo difuso*.

**c) Personagens: Paulo Leivas Macalão & Cícero Canuto de Lima.**

Se entre Vingren e Nystron é visível o distanciamento entre o profetismo pentecostal e o aventureiro do primeiro, e o burocratismo preservador do segundo, agora, os dois grandes líderes símbolos rivalizam sobre quem é mais conservador. É uma guerra de *conservadorismos*. Ambos, aliás, são eleitos em 1979 “conselheiros honorários e vitalícios” da CPAD. Sintomático.

Paulo Leivas Macalão (1903-1982) é uma figura ímpar nas ADs. Tornou-se um ícone, portanto, maior do que realmente era; um nativo que não se deslumbrou com os suecos, mas os desafiou. No RJ, preferiu iniciar um trabalho autônomo na periferia de Bangu e depois em Madureira, a ser um simples auxiliar de Vingren em São Cristóvão. Segundo versão oficial assembleiana, era filho do General Macalão, portanto, oriundo de uma família gaúcha rica. Idiossincrático, implantou um modelo no Ministério de Madureira (oficializado com personalidade jurídica em 1941) onde reinou absoluto e soberano por mais de 50 anos. Rigoroso, conservador e polêmico. Pelas atas das convenções e registros no MP, ele não tem medo de expressar sua opinião e se posicionar contra qualquer pessoa ou tema. Como toda figura polêmica, os registros contra ou a favor são sempre passionais. A sua grande marca é de “invasor de campo”. Em qualquer lugar em que um grupo assembleiano estava insatisfeito com a “modernidade” de seu Ministério, esse grupo aderiu à Madureira e abriu um novo Ministério na cidade. Essa “fabricação” de Ministérios se tornou uma marca, inclusive,

<sup>306</sup> O fundador da *Internacional da Graça de Deus*, gravou um CD “Hinos Clássicos com o Missionário R.R. Soares”, além de um série de outros CDs com hinos da HC.

<sup>307</sup> Comprei um exemplar da *Harpa Pentecostal*, na Rua Conde de Sarzedas, em SP, por \$ 2,00 (dois reais) no dia 19.09.2012.

porque, em diversas cidades do Brasil, há mais de um Ministério ligado à Madureira<sup>308</sup>. Atualmente, o nome CONAMAD “esconde” isso. Evidentemente que a autonomização desses grupos não se reduziu apenas a isso. A questão é que esse modelo foi incorporado no Brasil inteiro.

Cícero Canuto de Lima (1893-1982) aparece na história das ADs pela primeira vez no manifesto publicado no BS, em 1928, convocando uma convenção à revelia da liderança sueca. Antes dos seus 34 anos de pastorado em SP, foi pastor em algumas igrejas no Nordeste. Conservador convicto, durante seu pastorado, apesar de tentativas e de já ter se tornado comum no Brasil inteiro, não permitia “Cultos e/ou Congressos de Mocidade”.

*São dois projetos conservadores em disputas.*

Ambos morreram em 1982. Macalão com 79 anos, Canuto com 89. Polarizaram em vida a disputa *Missão & Madureira*, se alternaram no poder nas convenções e nos cargos da CPAD. No MP no. 19, ano 40, outubro de 1970, na primeira página, há uma reportagem que no interior do jornal vai ocupar duas páginas, com a manchete principal: “Inaugurada a nova Sede da Casa Publicadora”. Na foto principal, Macalão e Cicero cortam a fita. Depois, Cicero, “presidente do Campo de Belém” fez a oração de consagração; e Macalão, do “campo de Madureira”, cortou a fita. No início da década de 1980 eles encerram o ciclo dos grandes nomes assembleianos que se legalizam mais pela tradição que representam, do que realmente pelo que eles pessoalmente faziam, pois é difícil encontrar alguma diferença nos modelos ministeriais de ambos. Consagrados ao pastorado, igualmente com 30 anos e solteiros, depois de idosos, nenhum deles incentivou e deu oportunidade para jovens solteiros no pastorado. Nesse embate, eles simbolizam o que todos os demais pastores, e principalmente os presidentes estabeleceram como modelo: se eternizando nos cargos, pois foram poucos os que optaram pela jubilação; entronizados em suas “cadeiras papais” nos púlpitos, inquestionáveis em suas idiossincrasias, reverenciados por seus seguidores. E apesar de todo esse espectro moral e poder simbólico que exerceram, nenhum dos dois teve um *continuum*, pois seus sucessores, por razões diversas, alteraram não somente a forma de ser pastores-presidentes, mas o estilo conservador de seus Ministérios.

Quais nomes poderiam ser símbolos de “modernidade” na época? Talvez *Túlio Barros Ferreira* e *José Pimentel*? O último, enquanto pastor em Curitiba, constrói um

<sup>308</sup> Como já indicado, na cidade de Goiânia, existem 14 ministérios ligados à Madureira. Em SP, tanto na Capital como no interior, há diversos ministérios autônomos e semi-autônomos ligados à CONAMAD na mesma cidade. Algo corriqueiro no país inteiro.

grande e moderníssimo templo em uma das avenidas principais de Curitiba - algo inusitado ainda hoje. Com senso de humor<sup>309</sup> aguçado e um imenso espírito conciliador, “precisou” mais de uma vez, ser o presidente da CGADB para acalmar os ânimos dos grupos litigiosos. Já Túlio tem diversos indícios em sua caminhada. A igreja em São Cristóvão, desde seu início já tem uma classe social mais abastada e projetos que, no meio assembleiano, se destacavam. Em 1971, fundou EPOE – *Escola de Preparação de Obreiros* (algo suspeito e proibido em muitas ADs), também participou de organismos e congressos internacionais e encampou um ambicioso projeto de alfabetização de adultos que, caso tivesse tido um apoio nacional, teria feito um imenso diferencial no país. Porém, em 2002, se desligou da CGADB e sua igreja passou a se denominar *Assembleia de Deus Missão da Fé Apostólica*, e ele, em 2004, foi ungido apóstolo. Essa igreja, então vai se tornar um dos principais representantes do que caracterizamos como *assembleianismo autônomo*.

A liderança sueca era conservadora, mas tinha o mínimo de cosmopolitanismo e pluralidade. Eram suecos, finlandeses, noruegueses que, literalmente, falam “línguas estranhas”. Os novos líderes assembleianos desde período em diante são brasileiros monoglotas, de mentalidade rural e conservadores.

#### **4.9 - AS ADS & OS PENTECOSTALISMOS “CONSERVADORES” E “MODERNOS”.**

Da mesma forma que algumas culturas definem o estrangeiro como “não humano”, para as ADs, à exceção delas mesmas, todas as demais eram “não-salvas”, “não-crentes”. Por quê? Até agora, segundo sua visão, somente elas têm o Espírito Santo; os dons se manifestavam nelas exclusivamente e apenas assembleianos falavam “línguas dos anjos”. Era. Agora não mais.

As ADs reinaram sozinhas durante quatro décadas no pentecostalismo brasileiro, não sabiam o que era ter concorrência pentecostal, portanto, não tiveram tempo de aprender lidar com isso<sup>310</sup>. É com o surgimento da *Igreja do Evangelho Quadrangular* - IEQ, 1953, da *Igreja o Brasil Para Cristo* - IBPC, em 1956, e da *Igreja Pentecostal*

<sup>309</sup> Em sua primeira reunião convencional fez uma charge dos pastores debatendo, isso lhe proporcionou uma bronca fortíssima de seu pastor. Naquele dia ele percebeu que sua veia humorística precisava de “limites”. Isso ele me contou pessoalmente em uma conversa informal.

<sup>310</sup> Isso não implica dizer que houve cisões e concorrência antes dos anos 1950. Em 1930, um grupo assembleiano calvinista saiu das ADs e organizou a *Igreja de Cristo*, mas essa igreja ainda hoje é restrita ao Nordeste. Também outras igrejas pentecostais surgiram; três anos depois a *Igreja Adventista da Promessa*, e nos anos 40, em SP, essa vindo do metodismo, nasceu a *Igreja do Avivamento Bíblico*. Essas igrejas permaneceram pequenas e regionais, por isso não entraram em concorrência com as ADs.

*Deus é Amor* – IPDA, em 1962, que as ADs vão perceber que o Espírito Santo, ou mais precisamente a marca da glossolalia, não era exclusividade sua. Mas aí a batalha já estava – quase – perdida<sup>311</sup>.

Neste momento as ADs vão enfrentar não mais os inimigos externos, como a perseguição da Igreja Católica e a depreciação das demais igrejas evangélicas; agora vão enfrentar dois modelos de concorrência interna pentecostal, um “moderno” e outro “conservador”.

#### **a) Um pentecostalismo “modernizado”.**

De um lado, a extrema modernidade da IEQ. Trazida ao Brasil por artistas americanos, realizando cultos em tendas, com instrumentos musicais eletrônicos, tinham tudo o que de mais “mundano” as ADs abominavam. Mas a IEQ, na sua doutrina quadrangular, trazia um lema que calou profundamente no substrato da religiosidade pentecostal: “Jesus salva, cura, batiza e voltará”. Ou seja, ela supre todas as demandas espirituais do pentecostalismo, e ainda tem um toque de “modernidade”. É possível que alguns renascentes da época da Frida, nos anos 20, ainda vivos, lembrassem o trauma da influência de McPherson? Talvez. Independentemente de Frida e McPherson, as ADs em geral não estavam preparadas absolutamente para concorrer com a IEQ.

Além dessa versão moderna do pentecostalismo americano, três anos depois, nasce a versão brasileira deste pentecostalismo, a *Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo* - IPBC. Missionário Manoel de Melo (1929-1990), em sua época, foi tudo o que até agora nenhum pastor pentecostal brasileiro conseguiu chegar perto. Foi a primeira expressão pentecostal que chamou atenção da mídia, da Academia, do Governo e do mundo ecumênico. E, mais ainda, Manoel de Melo (1929-1990) foi o primeiro – e até agora único – líder pentecostal brasileiro a fazer parte do Conselho Mundial de Igrejas. Em 1966, a ASTE promoveu o *Simpósio O Espírito Santo e o Movimento Pentecostal*, onde Melo foi a estrela. Carismático, ecumênico e esquerdista, abalou sua época com frases de efeito como essa:

“Roma deu ao mundo a idolatria, a Rússia o terror do comunismo, o Estados Unidos o demônio do capitalismo; nós brasileiros, povo dos pobres, traremos o Evangelho ao mundo” (Hollenweger, 1969:29).

---

<sup>311</sup> Nada muito diferente do que aconteceu, segundo o texto bíblico, quando “gentios” receberam o Espírito Santo na épica história da Igreja Primitiva. Se Pedro, em seu discurso no dia de Pentecoste, anuncia que a “promessa era para vocês, para seus filhos e *para todos os que estão longe*, para todos quantos o Senhor, nosso Deus, chamar” (Atos 2.39), mas quando é convidado a ir à casa de Cornélio (um centurião romano), fica na dúvida, lá é surpreendido pelas manifestações de línguas, e, ao retornar esconde sua incursão étnica pouco ortodoxa. Então, podemos desculpar os assembleianos?

Essa versão pentecostal ecumênica assombra ainda mais as ADs. Desde 1930, com a proibição do ministério feminino e com o domínio da liderança conservadora de Nystron, as ADs vinham em seu projeto de retraimento. É refratária à educação teológica, é contra o ministério feminino, proíbe participação política de seus membros, é contra a prática de esportes e o consumo de todo e qualquer tipo de diversão; também é contra o Rádio e TV. Seu marcante legalismo em seus usos e costumes (quase exclusivamente feminino), visto como “pureza de doutrina” é pregado como fiança de legalização da atuação do Espírito Santo. “Somos pentecostais, porque não usamos isso e aquilo, não bebemos, não fumamos, não dançamos, etc.” e isso, caricaturalmente, era (e ainda é para alguns grupos) distintivo de “identidade de santificação”. É a marca. É a fiança. Mas nada pior para um conservador do que encontrar outro mais conservador do que ele; pretensamente mais rigoroso e puro. Nessa disputa, alguns grupos se apresentam mais “santos”, mais “ortodoxos”. É isso que é a CCB e IPDA para as ADs.

#### **b) Um pentecostalismo “conservador”**

Surgida em um país já urbano, com milhares de migrantes nas periferias em estado de anomia, a pregação de curas e milagres do missionário David Miranda (1936-), fundador da IPDA, em 1962, é absolutamente impactante para o modelo assembleiano. As ADs não eram e não queriam ser “modernas” com as IEQ e IPBC, mas se orgulhava de sua “pureza”, pois seus “usos e costumes” preservados eram o elemento fundamental de sua natureza pentecostal. Era por causa disso que elas tinham poder, porém agora apareceu uma igreja mais “pura” e com muito mais “poder”<sup>312</sup>. Miranda através do rádio e nos estádios arrebanhou uma multidão de crentes e novos crentes em busca de milagres e uma vida de “santidade” e ainda hoje o discurso da IPDA se legitima dessa forma. Os milagres somente acontecem porque essa igreja tem mais “santidade”. Uma “doutrina” ainda hoje muito difundida nos meios assembleianos é que, para receber o batismo com o Espírito Santo ou qualquer outro dom e/ ou milagre, é necessário “santificação” (essa é a tônica das Declarações sobre Usos e Costumes – ponto 6.1). O fiasco desse discurso das ADs e da IPDA é que “milagres” e “línguas” também acontecem nos ambientes pentecostais “modernos”.

A concorrência com a CCB é menor, como já falado no capítulo anterior, mas ela acontece no mesmo *front*; a questão da “santidade” no rigorismo moral, das vestimentas, da pureza litúrgica, da leitura mística da Bíblia. E espaços geográficos

<sup>312</sup> Medidas as proporções, é esse o discurso que o Apostolo Valdemiro Santiago, da Igreja Mundial, faz em relação a IURD. Igualmente o discurso de “mais poder” e “pureza” é justificativa do crescimento do Candomblé em relação a Umbanda na análise de Prandi (1991).

antes somente ocupados pelas ADs, agora também são alcançados pela CCB. Em um momento em que as ADs estão se urbanizando e, lentamente, estão se adequando aos novos modelos, a CCB se abriga reafirmando uma postura extremamente dogmática.

Se não sabia lidar com os “modernos”, lidou ainda com mais dificuldade com os mais “conservadores”; isso foi, inclusive, um dos elementos de maior desagregação dentro dos subcampos assembleianos. Alguns grupos assembleianos gostam de disputar para saber quem é que é, ou pode ser, mais retrógrado. Em SP, por exemplo, os Ministérios do Ipiranga e Belém disputavam na “pureza doutrinária”, pois enquanto Cícero Canuto esteve vivo não aconteceram Congressos de Mocidade no Ministério do Belém. Já Alfredo Reikdal, no Ipiranga (no poder durante 67 anos de pastorado), em 1999, altera o nome da convenção para *Convenção dos Ministros Ortodoxos das Assembleias de Deus no Estado de SP* – ou seja, ganhou o campeonato pelo menos no nome!<sup>313</sup>.

As ADs chegam ao final da década de 1980 celebrando uma “tradição”. Não podem mais ironizar (como faziam nos anos nascentes) as denominações tradicionais, porque agora ela é uma delas, com todas as vantagens e também todos os problemas. Grande, presente, solidificada, mas também dividida. Os Ministérios cada vez mais se afastam uns dos outros, as Convenções não conseguem oficializar um modelo e os muitos pentecostalismos no mercado agora são opções válidas e concorrentes fortes. Mas é também agora que seu lado econômico editorial mostra sua competência, e elas se globalizam participando de organismos internacionais. Essa nova igreja, partida oficialmente em 1988, com atuação política corporativa e com uma imensa racionalidade administrativa e financeira, vai enfrentar a passagem do século XX para o XXI, e é isso que vamos analisar no próximo capítulo.

---

<sup>313</sup> “Ortodoxo” nos padrões assembleianos, pois assistir a um culto domingo à noite, em novembro de 2010, e vi senhoras cantando no Coral da Igreja com vestidos sem manga, e no conjunto dos jovens, diversas com cabelo cortados, com brincos. Discretas, mas maquiadas. Portanto, não muito distante das demais assembleias “modernas”.



## CAPITULO V

### TERCEIRO PERÍODO – 1988 - 2011

#### A CORPORAÇÃO PENTECOSTAL: A (I) RACIONALIDADE DOS PODERES

*“Algum tempo depois, Paulo disse a Barnabé: “Voltemos para visitar os irmãos em todas as cidades onde pregamos a palavra do Senhor, para ver como estão indo”. Barnabé queria levar João, também chamado Marcos<sup>314</sup>. Mas Paulo não achava prudente levá-lo, pois ele, abandonando-os na Panfília, não permanecera com eles no trabalho. Tiveram um desentendimento tão sério que se separaram. Barnabé levando consigo Marcos, navegou para Chipre, mas Paulo escolheu Silas e partiu, encomendado pelos irmãos à graça de Senhor. Passou, então, pela Síria e pela Cícília, fortalecendo as igrejas”. Atos 15.26-41*

*“A história dos deuses segue as flutuações da história de seus seguidores” (Bourdieu,1999:91).*

Se no primeiro período a luta era contra a Igreja Católica e demais denominações evangélicas, no segundo tiveram que competir com igrejas pentecostais mais “modernas” e/ ou “conservadoras”; agora, emaranhada em seu gigantismo, sua maior tensão é interna; a questão é entre os *assembleianismos*.

A maior força das ADs é interna: sua presença em todo o território nacional, sua membresia dedicada, sua liderança se aprimorando, suas instituições e organismos consolidados, seu capital simbólico solidificado e presença política e econômica visíveis; mas, ironicamente, seu maior inimigo é também interno. É grande, mas fracionada; organizada, mas desarticulada; presente, mas invisível. O antigo problema da luta de poder entre nativos e Ministérios estrangeiros (no primeiro período), e entre os suecos e americanos (no segundo), que até então, podia ser dissimulada, agora se agrava e se oficializa, em 1988, com a expulsão do Ministério de Madureira. Desentendimento entre as lideranças, dificuldades de relacionamento, nepotismo, divergências de estratégias, priorização de lugares, e, sobre tudo, o fortalecimento das instituições já estabelecidas, não é acidente das ADs nas recentes décadas, pois desde os tempos paulinos isso acontece. Por que atualmente deveria ser diferente?

A figura central deste período é José Wellington Bezerra da Costa, desde 1989 na presidência da CGADB. Aliás, não apenas José Wellington, mas Jose Wellington e

<sup>314</sup> Detalhe que o narrador dos Atos não registra aqui: João Marcos é sobrinho de Barnabé.

família<sup>315</sup>. Ele (e família) é caudilho, patrimonialista e nepotista, mas é competente. Competente, inclusive, para não ser derrubado por outros grupos políticos similares da família *Ferreira*, no Ministério de Madureira; e da família *Câmara*, no Ministério de Belém do Pará (e muitas outras oligarquias assembleianas por este país, que também gostariam de estar nesse lugar), pois esses também articulam e manobram o poder da mesma forma, mas parecem com muito menos resultados. Por enquanto.

No terceiro momento de nossa periodização – 1988 a 2011 – enquanto o país retorna à democracia, com eleições livres e alternância de poder em todos os níveis, as ADs continuam no “episcopalismo vitalício”. E a liderança central dá um golpe casuístico e expulsa o Ministério de Madureira, porque esse é um Ministério nacional – como se Madureira fosse o único. A CPAD dá um salto de qualidade nas publicações, vendas e administração, assumindo um modelo profissional, capacitando-se para competir com qualquer outra empresa capitalista de editoração. A CGADB, cada vez mais agigantada, profissionalizando-se com corpo técnico e tecnologia moderna para realização de convenções, não mais em *templo-pensão*, dependendo do voluntarismo da membresia da igreja. As titulações, comissões e organismos convencionais, teoricamente, respondem à nova realidade. A igreja ainda se autodenomina de *movimento*, o que pode ser comprovado em suas bases locais, mas suas elites (as inúmeras cúpulas ministeriais se diferenciam pouco) agem como uma *corporação* na defesa de seus *interesses* em conchavos políticos, arranjos econômicos e disputas de *hegemonias*. São poderes e poderosos em uma disputa de racionalidade econômica, não exatamente racional.

Antes de ir em frente, aqui é fundamental fazer uma distinção: a estrutura de poder político e econômico da CGADB, CPAD, CONAMAD e muitas outras elites dirigentes das muitas Convenções e Ministérios em todo o país, são uma realidade; outra bem distante e diferente é uma igreja local, uma congregação periférica chamada *Assembleia de Deus*. O mesmo acontece entre a elite dirigente nacional ou ministerial e um/a obreiro/a local. O nome da instituição pode, sim, ser o mesmo, mas são entidades diferenciadas. Abissalmente distintas. Assemelha-se à distância que existe entre uma

---

<sup>315</sup> Perguntei a um pastor ligado ao Ministério do Belém e com cargo na CGADB, por que o JW estava há tempo no poder. Ele me respondeu “é por que ele é um homem muito preparado”. “Sim, eu sei, afinal se ele não fosse não estaria no poder. Mas isso não responde minha pergunta”. Então, ele disse esta pérola. “É por que Deus o escolheu”. Daí eu comentei: “Ok, não vou entrar no mérito de que ele é preparado e que Deus o escolheu, mas isso provoca um problema grave: então dos milhares de pastores das ADs ele é *único* preparado e Deus só tem esta opção?” O pastor encerrou a conversa.

reunião de cardeais no Vaticano, e um grupo de estudo bíblico numa CEB – conquanto ambas as reuniões sejam católicas.

Neste capítulo, apoiado em toda a argumentação já feita nos anteriores, vamos analisar as ADs a partir do episódio da expulsão do Ministério de Madureira, em 1988, como marco dessa nova elite dirigente capitaneada por José Wellington e seu grupo. Também a pluralidade da atuação ministerial feminina, a alteração de conduta em relação à educação teológica, a politização das convenções e novos templos-sede. Nesse momento a terceira geração assembleiana, assim como no Brasil inteiro, teve ascensão social, portanto, sua identidade – não exclusivamente, mas principalmente por causa dessa ascensão – vai ser alterada. As ADs entram no cenário global: participam do projeto assembleiano mundial *Década da Colheita - DC* e se tornam membros da *World Assemblies of God Fellowship - WAGF (Fraternidade Mundial das Assembleias de Deus)*, e, conquanto tenham assumido esse nome apenas em 1918, celebram seu centenário antes de todas as demais assembleias no mundo!

### **5.1 - RELIGIÃO E SOCIEDADE NAS DÉCADAS DE 1980 A 2011.**

Em 2001, o economista Jim O'Neill, criou o acrônimo *BRIC – Brasil, Rússia, Índia e China*, indicando a importância desses países como economias emergentes. O Brasil em 2008 participou do G20 e, pela primeira vez, no exercício rotativo da presidência do grupo. No início do século XXI, o Brasil inicia sua participação efetiva em diferentes e importantes cúpulas mundiais, sejam nas questões ambientais, econômicas ou políticas. Depois de 500 anos, o Brasil tem, enfim, algum protagonismo mundial, pois até então é conhecido apenas folcloricamente pelo exotismo tropical.

Se o Brasil, mesmo sendo o quinto maior no espaço geográfico e a sexta economia do mundo, tem dificuldades de se inserir na aldeia global, o que esperar, então, da maior igreja evangélica do país? As ADs são ilustres desconhecidas dentro do país e, mais ainda, fora dele. Ou eram. Neste período, as ADs, como o Brasil, estão mostrando a cara.

#### **a) No início do século XXI: um país moderno?**

Em 2011, é a sexta economia do mundo e crescendo, enquanto a Europa desmorona; exemplo de transição democrática e de convivência pacífica de grupos religiosos e étnicos, enquanto esses, em outros lugares, estão em guerra. Com um potencial energético invejável, um mercado interno de mais de 100 milhões de consumidores, e tendo alçado da pobreza, nos últimos anos, 40 milhões de pessoas,

ainda há por aqui Jecas Tatus aos montões; qualquer estrangeiro é tratado como astro e arremedo de guru, e gringo é visto como gênio. O deslumbramento tupiniquim é, inclusive, produzido pela imprensa. Os jornais ainda publicam horóscopo e, no final do ano, se consulta à larga videntes para as previsões do ano vindouro. A modernidade brasileira é sincrética, folclórica e tupiniquim (Alencar, 2005), e até mesmo a “ciência cartesiana tem pitadas de candomblé”, na versão de FHC<sup>316</sup>.

Sexta maior economia mundial, mas o 84º colocado no IDH; pentacampeão de futebol e vencedor de todas as competições de vôlei dos últimos anos, mas nossos jogadores ainda precisam ir para o exterior para consolidarem suas carreiras; com uma das tecnologias bancárias mais avançadas do mundo, mas, no momento, desinstalando caixas eletrônicos por causa dos assaltos; um exemplo de convivência pacífica e democrática, pois os mesmos políticos que apoiaram a ditadura continuam no poder, o ex-presidente que sofreu *impeachment*, hoje senador, faz parte da base aliada do partido que liderou sua queda. São muitos os extremos e os contrassensos brasileiros, do mais sublime ao mais tacanho, da mais alvissareira conquista ao mais absurdo do atraso. Uma igreja centenária nascida e construída no Brasil por brasileiros, poderia então se diferenciar de seu *habitat* natural?

A terceira geração de assembleianos mudou muito? Sim. Há distinções claras de escolaridade, de status e de condição econômica; houve um significativo ganho social na comunidade assembleiana. Mas, como no Brasil, também aconteceu um distanciamento social entre membesia e elite dirigente, entre congregações pobres de zonas rurais e periféricas e igrejas-sede nas grandes cidades; entre obreiros locais e os pastores-presidentes; uma concentração de renda no pico da pirâmide, pois ultrapassamos a Inglaterra em riqueza no PIB, mas não na *renda per capita*, portanto, cada vez mais se manifesta a simultaneidade dos *assembleianismos*.

#### **b) Século XXI: um país urbano, plural, moderno e sincrético.**

Tabela no. – Relação Brasil & ADs – décadas de 1950 a 1980.

	<b>1980</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>
Pop. Brasil	119.002.706	146.814.061	169.870.803	190.732.694
Pop. Urbana	80.450.610 67,6%	115.983.107 79%	137.935.092 81,2%	160.879.708 84,3%
Pop. Rural	38.559.168 32,4%	36.703.514 25%	31.935.711 18,8%	29.852.986 15,7%
Católicos	105.861.103 89%	122.365.302 83,3%	125.517.222 73,7%	123.280.172 64,6%

<sup>316</sup> Folha de S. Paulo, 30/11/2011.

Evangélicos	7.885.850 6,62%	13.157.094 9,0%	26.452.174 15,6%	42.275.440
Pentecostais	3.863.507 3,2%	8.768.929 6,0%	17.975.106 10,6%	25.370.484
ADs	1.506.258 1,26%	2.439.770 1,66%	8.418.140 4,95%	12.314.410 6,46%
Sem religião	1.953.096 1,6%	6.946.077 4,7%	12.492.189 7,4%	15.335.510

Fonte: IBGE Censos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2012. (Jacob, 2003:34)

### A questão do crescimento evangélico (e) assembleiano.

Para além do ufanismo meramente quantitativo, existem diferentes nuances a serem considerados. Quanto *mais* cresce, *menos* cresce, pois, o crescimento quantitativo é grande, mas proporcionalmente menor. Cada vez mais aculturados esses grupos, como quaisquer outros, vão ter menor alteração e distinção cultural no todo, ou seja, *quanto mais a igreja cresce, mas ela fica parecida com a sociedade na qual está inserida* (Freston, 1995). Enfim, o “Brasil-evangélico-assembleiano”, pode, sim, ser cada vez mais *evangélico* e mais *assembleiano*, mas também muito mais *brasileiro*. Assembleiano brasileiro<sup>317</sup> (vamos retornar ao assunto crescimento no tópico 6.2 – *Década da Colheita*).

## 5.2 - MINISTÉRIOS: todos contra todos.

“Deus está abençoando nosso Ministério!”

Esta frase é recorrente nos púlpitos assembleianos, como se Deus abençoasse esse Ministério distintamente dos outros. E a “benção” é referendada e medida em crescimento quantitativo (preferencialmente mais que o outro Ministério...); evidentemente que um número maior de pessoas “convertidas” significa: *aumento de renda da igreja*. Mas na terra de Conselheiro, de Padre Cicero, de Aparecida ou das muitas entidades espirituais, não há nenhum ineditismo e mérito em uma expressão religiosa crescer. Com o capital simbólico e a capilaridade assembleiana permeando os recantos da Nação, “milagre” é fazer uma igreja dessa não crescer ou fechar. Como (quase) todas crescem, temos na atualidade uma grande disputa no mercado assembleiano através dessa especificidade brasileira que são os Ministérios – o xis da questão é entender por que alguns crescem mais que os outros.

<sup>317</sup> “O crescimento dos evangélicos pentecostais se constitui o principal fator de diversificação religiosa ocorrendo no Brasil (...) uma forma de desvio em relação ao ethos católico, na formação da cultura brasileira” (Jacob, 2003:39). Portanto, o *ethos cultural brasileiro* também implica em, dentre outras, ser evangélico-pentecostal-assembleiano.

O mundo bipolar da guerra fria, do capitalismo versus comunismo, da esquerda versus direita, foi relativizado nos anos 1980. O mundo bipolar assembleiano Missão & Madureira (discutido no capítulo anterior) que permeou décadas e fez escola no Brasil, também foi pluralizado. Existem no Brasil inteiro, até mesmo em pequenas cidades, inúmeros Ministérios distintos nascidos por diferentes razões.

#### Tipologia da Autonomia dos Ministérios<sup>318</sup>.

- 1) **Autonomia por expansão:** quando uma igreja ou congregação cresce naturalmente e consegue manter seu próprio sustento e não acata mais os comandos do pastor-presidente e a igreja-sede concede autonomia automática;
- 2) **Autonomia por disputa de campo:** nas disputas entre campos ou Ministérios, por diferentes razões (teológicas, políticas, financeiras), a igreja é “tomada” da outra;
- 3) **Autonomia por disputa teológica:** por causa de algumas interpretações teológicas diferenciadas;
- 4) **Autonomia por disputa familiar:** quando o pastor-presidente morre ou mesmo em vida quer impor seu filho ou genro na liderança da igreja.

*Figura - Pirâmide do Poder Ministerial*



A pirâmide do poder se fortalece quando exclusiva e única, mas quando essa pirâmide, obrigatoriamente, precisa conviver com outras razoavelmente iguais a ela, obviamente ela perde força. Assim, em cada bairro ou cidade, existem diversas hierarquias iguais ou parecidas. Evidentemente, um diácono é só mais um no meio de muitos outros, em sua própria igreja ou no Ministério. Um pastor-presidente, no entanto, por razões óbvias, é único em cada Ministério, mas com a proliferação dos mesmos, esse presidente se torna mais um no meio de tantos outros; ele, querendo ou não, precisa

<sup>318</sup> Essa Tipologia dos Ministérios, foi criada em colaboração da doutoranda Marina Correa (2012).

conviver com diversos outros *iguais* a ele. Evidentemente que “alguns são mais iguais que outros”, pois há uma absurda diferença em ser pastor-presidente de um Ministério rico e grande numa metrópole com canal de TV, editora, gravadora, etc., a ser presidente de um Ministério iniciante, pobre e pequeno na periferia. Uma diferença essencialmente econômica, mas, essa é a *diferença* que de fato é, em nosso tempo, a mais importante.

**a) Os ministérios estamentais e orgânicos: distinções e hierarquias.**

“Da mesma sorte os diáconos sejam honestos, não de língua dobre, não dados a muito vinho, não cobiçosos de torpe ganância; os diáconos sejam maridos de uma só mulher, e governem bem a seus filhos e suas próprias casas. (...) Os presbíteros que governam bem sejam estimados por dignos de duplicada honra, principalmente os que trabalham na palavra e na doutrina” Epístola de Paulo a Timóteo, 3:8,12; 5:17<sup>319</sup>

Além da questão macro e estrutural das relações de poder entre os Ministérios (exemplificado no gráfico acima), há um subcampo de poder mais individual e personalizado, cheio de sutilezas, acontecendo no interior dos *ministérios estamentais* e também dos *orgânicos* (Ver ponto 3.2 – a).

Um presbítero<sup>320</sup> assembleiano de um *templo-shopping* não é igual a um presbítero assembleiano de uma congregação periférica (ou sub-congregação) de um *templo-casa*. O primeiro, além de presbítero assembleiano, pode ser também médico, advogado ou oficial das Forças Armadas<sup>321</sup>; o segundo, além de presbítero assembleiano pode ser também zelador, porteiro de prédio ou auxiliar da construção civil; o primeiro, de classe A-B, ganha acima 10 salário mínimos; o segundo, de classe C-D, ganha um ou dois mínimos, no máximo<sup>322</sup>; o primeiro tem curso superior; o segundo é semiletrado; o primeiro vai para a igreja de carro; o segundo, a pé ou ônibus (exatamente por não ter carro e morar na periferia, se congrega no *templo-casa*). São presbíteros assembleianos da mesma denominação e, até também do mesmo *Ministério corporativo*, mas estão em camadas sociais diferentes, são do mesmo estamentos/honraria, mas em condição de

<sup>319</sup> Esse texto bíblico é leitura obrigatória em todas as solenidades de consagração.

<sup>320</sup> Como já indicado, a hierarquia das ADs não é definitiva. Muda no tempo e no espaço. Há ministérios que consideram a condição de presbítero (como na Igreja Católica e Presbiteriana) igual a de *pastor*, e o título *evangelista* é apenas um probatório ao pastado. Em tese, segue o seguinte: *auxiliar* (mesmo que obreiro), *diácono*, *presbítero*, *evangelista* e *pastor*. Teoricamente, todos deveriam passar por todas essas etapas, mas muitos “pulam” etapas dessa hierarquia.

<sup>321</sup> Pode ser que exista em algum local, mas desde criança nascido e criado assembleiano e conhecendo e perguntando sobre ela com amigos do Norte ao Sul do Brasil, nunca vi um oficial das Forças Armadas ou qualquer outro profissional liberal “doutor” sendo porteiro ou exercendo uma atividade *ministerial orgânica* em uma AD. Sempre de diácono “acima”. É a igreja ou o indivíduo que não aceita essa possibilidade de “inferiorização”?

<sup>322</sup> As categorizações de classes sociais A, B, C e D, são definidas a partir da renda. Classe A/B – R\$ 4.807,00 e acima. Classe C, renda de R\$ 1.115,00 a 4.807,00; Classe D, renda de R\$ 804,00 a 1.115,00 e Classe D renda de até R\$ 804,00. A classe C encolheu 53,6, de dezembro de 2002 a dezembro de 2008, “Classe C puxa novo padrão de consumo”, *Folha S. Paulo*, 18/04/2010, Caderno B17.

classe distinta. Isso também pode ser perfeitamente aplicado à categoria dos pastores, diáconos, líder dos jovens ou dos membros do CO. “Mocidade da Sede” tem comportamento, perfil sócio econômico e status diferenciado da “Mocidade do bairro X”<sup>323</sup>.

Essas posições se complexificam ainda mais, porque há duas distinções fundamentais nos participantes dos *ministérios estamentais*: primeiro, são apenas homens e, segundo, seus títulos exigem uma oficialização e uma solenidade de *consagração*. Eles são de fato o que se pode chamar de *ministérios da igreja*: a classe privilegiada, pois detentora do poder, ou como denomina Weber, “camada politicamente dominante”. Por causa da ascensão social da terceira geração assembleiana<sup>324</sup> e o aburguesamento de sua elite, está acontecendo cada vez mais um hiato entre a igreja local – as chamadas congregações e/ou subcongregações – e o grupo dirigente da sede. Essa camada elitizada fica cada vez mais marcada por “demanda de legitimidade”, e, dentre suas características, uma delas é o “monopólio da administração dos bens de salvação” (Bourdieu, 1999:95, grifo no original)<sup>325</sup>. No caso, pastores, presbíteros e diáconos além de um local de destaque nos púlpitos dos templos, podem exercer todas as funções que os demais estamentos fazem, mas eles têm o monopólio. Somente pastores e presbíteros podem celebrar casamentos, santa ceia, batismos e ofícios fúnebres. No caso de uma igreja ser dirigida por um diácono, o que aconteceu durante muito tempo e ainda é comum em pequenos centros, na ausência de uma pessoa de “hierarquia maior”, esse diácono (que na verdade exerce a função pastoral em sua completude, mesmo sem o título) realiza tudo<sup>326</sup>.

<sup>323</sup> Isso eu presenciei inúmeras vezes e por diferentes razões, quando jovem militante nas ADs em Fortaleza, e aqui em SP; já ouvi relatos e conheço isso pessoalmente. Jovens das sedes dos Ministérios do Brás, Belém e Bom Retiro são diferentes dos jovens das congregações, algo já discutido no tópico Assembleianismo rural & assembleianismo urbano (2.3 – a) Marina Correia (2006) também relata as diferenças entre a sede da AD Bom Retiro e suas congregações.

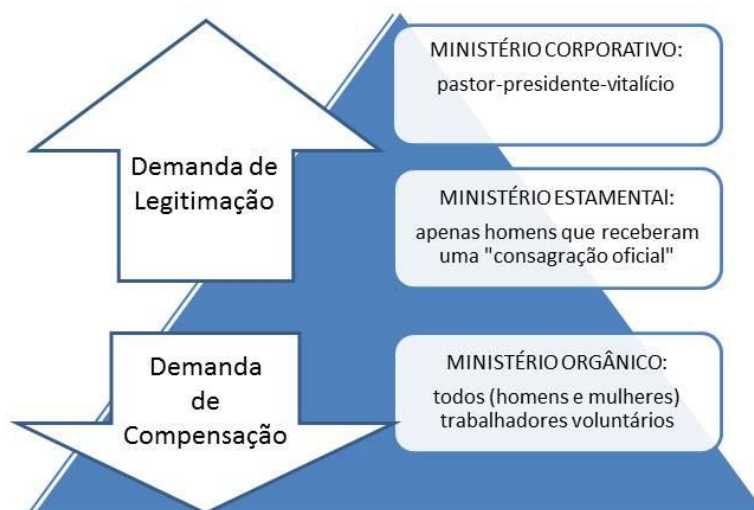
<sup>324</sup> Principalmente na década passada houve uma considerável ascensão social nas baixas classes, quando a classe média brasileira ultrapassou a barreira dos 100 milhões de pessoas, a mais de 26 milhões de pessoas saíram do estado de pobreza. *Revista Isto é Dinheiro/IPEA*, 06.11.2009. A relação pentecostalismo e ascensão social já era vista, mesmo com reservas, já muito há tempos por Rolim (1980).

<sup>325</sup> Vingren registra que, logo nos primeiros dias, “Um irmão que trabalhava com borracha(...) e ao mesmo tempo testificar de Jesus. Depois de um certo tempo, havia ali um grupo de uns sessenta crentes, que *esse irmão mesmo* batizou em águas” (Vingren, 1982:47, grifo nosso).

<sup>326</sup> Essa é outra questão emblemática, não apenas nas ADs, mas no protestantismo em geral. Ora, se batismo e casamento não são sacramentos – elementos portadores de salvação como, por exemplo, na teologia católica – por que esses ofícios estão dentro de um “monopólio” sacerdotal? Ou, mais ainda, por que eles são exigidos?



Figura no. : Pirâmide do Poder Ministerial e as relações de demandas



**Reunião do Ministério.** Tecnicamente é uma reunião onde se toma as decisões espirituais e materiais tanto de uma igreja local como do *Ministério corporativo*. Quase sempre mensais, e, na maioria das igrejas, somente se permite a presença de “obreiros consagrados”. Tecnicamente esses obreiros são iguais. Todos podem falar, expressar suas opiniões, votar e serem votados. Mas é obvio que um pastor/presbítero advogado leva vantagem sobre outro semiletrado; ambos podem ter o “dom da palavra”, ambos estão no mesmo patamar honorífico e estamental, mas não econômico e acadêmico. E não custa perguntar, exatamente por que esse advogado foi “consagrado”? Sua titulação acadêmica, consanguinidade ou/e condição econômica não influenciaram?<sup>327</sup>

A questão fundamental é que a honraria do estamento produz uma *conduta*, (como já frisamos sobre o pastor-presidente no ponto 4.2 –b), aliás, é *portadora de conduta*<sup>328</sup>, e somente ela vai ser a correta: a *conduta do diácono*, a *conduta do*

<sup>327</sup> Nos artigos do MP atualmente, todos os autores/as têm alguma titulação acadêmica, desde quando isso é necessário como *legitimação* dentro da igreja? (voltaremos ao assunto no ponto 5.8- a - *Teologia da Competência*). Uma condição estamental e sua titulação honorífica (pastor, missionário) já não são suficientes para legitimação da fala? Sim, mas um “pastor-advogado” ou um “missionário-psicólogo” tem um “discurso (mais) competente” (Chauí, 2003).

<sup>328</sup> O conceito de habitus de Bourdieu (1999-201) explicita ainda mais: “O princípio unificador e gerador de todas as práticas (...) descritas como “escolhas” da “vocação” (...) efeitos da “tomada de consciência”, não é outra coisa senão o habitus, sistema de disposições inconscientes que constitui o projeto de interiorização das estruturas objetivas”

*presbítero*, etc.<sup>329</sup>. Há um lugar exclusivo para sentar, um jeito de falar, uma obrigatoriedade de postura, uma padronização de vestuário, uma postura de poder<sup>330</sup>. Nasce uma oligarquia. Oligarquia essa mais grave que qualquer outra, pois essa detém *legitimidade divina*.

O grupo *ministerial orgânico* (ver ponto 3.2 - a) tem duas qualificações iniciais que lhe dão a identidade de “não privilegiadas”. Primeiro, seus membros não precisam de uma oficialização de consagração; e, segundo, mulheres podem participar. Enfim, estamento ministerial orgânico não tem “poder”, tem apenas “trabalho”; existe apenas como “missão” e muito menos como “Ministério” (conforme foi tematizado no ponto 4.4). “Obreiros e auxiliares” é um nome genérico que se dá a todos – e todas – os que trabalham numa igreja. E trabalham muito. Essa mão de obra voluntária, militante e altruísta que não “precisa” de uma solenidade oficial de consagração<sup>331</sup>. Canta, prega, ora, oferta, evangeliza, organiza eventos, limpa o templo, toca, enfim, faz tudo o que o grupo da elite também pode fazer. Trabalha muito, mas não decide nada. Apenas realiza. Como uma classe desfavorecida em “demanda de compensação”.

#### **b) O novo modelo de pastor-presidente e o nepotismo**

Agora o pastor-presidente ganha mais – muito mais –, e com isso, ao longo dos anos, vai ter ascensão social distinta de seus pares; e sua família, obviamente, vai ter um nível econômico superior às demais famílias pastorais. Não é sem motivo, portanto, que seus herdeiros vão também assumir cargos no Ministério, pois esse vai se tornar “patrimônio da família”. Isso vai caracterizar as cúpulas dos Ministérios no 3º período, onde o filho (ou o genro) é pastor auxiliar ou vice-presidente, esperando apenas o pai/sogro morrer para herdar o “trono”<sup>332</sup>.

Mas censurar a nova geração de pastores de seguir o caminho dos pais é fazer uma crítica simplista do nepotismo, pois é muito alvissareiro que muitos filhos de pastores agora almejem o sacerdócio, algo inexistente nas gerações passadas. Indica, no mínimo, que a nova geração tem uma melhor relação com seus pais e o exercício do

<sup>329</sup> “O papel decisivo de um “estilo de vida” na “honra” do grupo significa que os estamentos são os portadores específicos de todas as “convenções”. De qualquer modo que se manifeste, toda a “estilização” da vida se origina nos estamentos ou é pelo menos conservada por eles” (Weber, 2002:134).

<sup>330</sup> Tanto Bourdieu (1974) como Weber (2002:133) chamam atenção como, dentre outras, as vestimentas são elementos centrais na distinção. “A estratificação estamental vai de mãos dadas com uma monopolização de bens ou oportunidades ideais e materiais, de modo que chegamos a um saber típico. Além da honra estamental específica, que sempre se baseia na distância e exclusividade, encontramos toda a sorte de monopólios materiais. Essas preferências honoríficas podem consistir no privilégio de usar roupas especiais”.

<sup>331</sup> É muito significativo que esse grupo anônimo de obreiros pode ser uma escolha pessoal do pastor/diácono local, não sendo necessária a autorização do pastor-presidente ou mesmo da burocracia da igreja-sede. Esse grupo faz “apenas” missão e não participa das reuniões de ministério.

<sup>332</sup> Não é coincidência que nas igrejas-sede as cadeiras principais do púlpito sejam distintas das demais. E há um “trono”, uma cadeira central, em que somente o pastor-presidente senta. Na ausência dele no culto, ninguém ocupa esse “trono”.

ministério tem outra conotação. Deixamos, no capítulo anterior, a pergunta: *foram os pastores que rejeitaram o nepotismo ou foram os filhos que rejeitaram o ministério, ou mais ainda, o Ministério?* Na terceira geração pastoral assembleiana, talvez, a pergunta deva ser: *por que tantos filhos/genros de pastores estão seguindo seus pais/sogros?* Isso não poder ser reduzido a mero desejo de ascensão social, patrimonialismo oportunista e conchavo familista. É claro que isso é também possível, principalmente em se tratando da elite assembleiana das igrejas-sede, com seus caixas únicos, mas isso também tem acontecido nas periferias, nas igrejas pequenas.

O pastor José Wellington Bezerra da Costa Junior, filho do atual presidente da CGADB, é além de vice-presidente em SP, também presidente do Conselho Administrativo da CPAD. Poderia ser imediatamente indicado como um caso óbvio de nepotismo oportunista, afinal a CPAD é a “galinha dos ovos de ouro” e um dos alvos centrais das disputas econômicas entre os grupos. Mas se o mero nepotismo poderia lhe indicar o cargo – como acontece na política e nas empresas – a filiação não o ajuda em nada na administração e sucesso empresarial da editora<sup>333</sup>. A CPAD continua funcionando muito bem, apesar ou por causa dele. Da mesma forma ocorre com diversos outros cargos na burocracia.

Isso fica mais acentuado na direção de uma igreja. Silas Malafaia “herdou” a presidência do Ministério da AD Penha - RJ, “apenas” por ser genro do Pr. José Santos (1927-2010), como inúmeros outros pastores filhos/genros por esse Brasil inteiro? É impossível negar que os laços de consanguinidades são fundamentais, mas, igualmente como na política, nenhum “sucessor natural” se mantém apenas dependendo do carisma herdado, se não construir algo próprio; nessa especificidade histórica individual o herdeiro pode ou não se consolidar. Se ele (Malafaia, Wellington Jr e tantos outros) não tiver algum carisma pessoal, habilidade ministerial, “brilho próprio”, pode até ser indicado como *sucessor natural*, mas não sobrevive. Portanto, não se pode condenar, *a priori*, os pastores muito menos seus filhos e genros de se tornarem pastores e sucessores. Se nesta geração os filhos e demais parentes se sentem vocacionados, é porque algo da vida desses pastores os influenciou. Grave mesmo é o fato de que apenas os filhos e genros<sup>334</sup> possam sucedê-los, e não também as filhas e noras.

<sup>333</sup> Como no caso de Bruno Sena, por causa de seu sobrenome famoso, pode encontrar portas abertas, o que, de início, ajuda, mas não assegura o sucesso.

<sup>334</sup> “No Campo de Presidente-Prudente/SP, o pastor-presidente atual é João Carlos Padilha, filho do ex-pastor-presidente Carlos Padilha. No Campo de Indaiatuba/SP, o pastorpresidente é Raimundo Soares de Lima, que temo como vice-presidente e sucessor estatutário o prorio filho, o pastor Rubeneuton de Lima, mais conhecido como Newton Lima. No Campo de Araçatuba/SP, o presidente é o pastor Emanuel Barbosa Martins e o vice-presidente é seu filho,

### 5.3 - EDUCAÇÃO TEOLÓGICA: o *re-conhecimento* é do MEC.

Nesse tópico acontece uma das mais significativas alterações no modelo assembleiano, pois se nos primeiros anos se condenava de forma veemente a educação teológica, agora há uma adesão compulsória. Neste momento já mais existe a tensão entre a tradição assembleiana-sueca em disputa com a “intromissão” americana; a herança sueca foi superada e a relação americana normalizada.

Em 1971, é criada a *Comissão de Educação e Cultura Religiosa*, posteriormente transformada em *Conselho de Educação e Cultura*, órgão permanente da CGADB<sup>335</sup>. Tem toda uma burocracia, estrutura organizacional de âmbito nacional, plano de diretrizes e metas, efetuando processos de credenciamento e reconhecimentos dos institutos, seminários e faculdades. Incentivando as igrejas no Brasil inteiro a abrirem cursos e, mais ainda, faculdades que vencerão a berreira dos meros “institutos bíblicos” para formação endógena, mas que busquem validação e credenciamento do MEC. O simples “re-conhecimento” da denominação, da *tradição assembleiana*, não é mais suficiente, conquanto não se invalidou o “conhecimento e atuação do Espírito Santo”, nem mesmo da tradição. Ninguém na denominação teria a coragem de levantar esta hipótese, mas apesar de não se abandonar o discurso carismático, ele não é mais suficiente. Novas valorações são acrescentadas<sup>336</sup>. Preferencialmente as modernas e acadêmicas. Não bastam institutos e seminários, agora são necessárias também faculdades<sup>337</sup>. E estas, para serem de fato válidas, necessitam do registro e reconhecimento do MEC. O válido e legal agora é o oficial. E essa oficialização não é de simples ordem carismática ou tradição, agora é burocrática e jurídica.

A produção literária acadêmica da CPAD teve um salto de qualidade na apresentação dos livros, no material impresso em geral e na escolha das obras. Poderia ser diferente? Sim. A CCB não mudou um milímetro de sua posição inicial. As épocas se justificam, as condições do tempo se alteram e as realidades se explicam e se fundamentam. As ADs, portanto, mudam. Inseridas no tempo, sofrendo rupturas e

---

Emanoel Barbosa Martins Filho. No campo de Limeira, o ex-presidente Joel Amâncio de Souza, fez como seu sucessor o seu filho, pastor Levy Ferreira de Souza”. (Correa, 2012:152).

<sup>335</sup> “O Conselho de Educação e Cultura – CEC, conforme dispositivo nos Art. 54 a 55, capítulo IV seção VI do Estatuto em vigor da CGADB, é o órgão normativo e organizador da Educação em todos os níveis nas Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Brasil; sua função é criar, normatizar, autorizar e reconhecer Escolas, Seminários, Institutos, Faculdades Integradas e Universidades Teológicas e Seculares procurando estabelecer na Educação Teológica um programas educativo na observância das doutrinas das Assembleias de Deus no Brasil, e os Cursos Seculares obedecerão às normas estabelecidas pela L.D.B (Leis de Diretrizes e Bases do Ministério da Educação – MEC)” Fonte: [www.cgadb.org.br](http://www.cgadb.org.br) acesso 10.04.2012.

<sup>336</sup> Todos os artigos nos jornais e revistas da CPAD atualmente tem uma nota de apresentação do autor, nada diferente da imprensa em geral. Além das informações eclesiais, são dadas as acadêmicas.

<sup>337</sup> A manchete principal do MP, no. 1419, agosto de 2003, foi “Faculdade da AD deve iniciar em 2004”

produzindo continuidades; mais uma vez lembrando as palavras-chave de Weber, em “tensão e concessão”. Evidentemente, como nos demais fenômenos sociais, este não é um processo simples e sem traumas.

Na página do Conselho de Educação e Cultura, dentro do site da CGADB, existe uma lista de escolas teológicas credenciadas. A grande maioria são seminários e institutos bíblicos locais, mas no RJ surgiu a *Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia da CGADB – FAECAD*. É uma faculdade com graduação e pós, que seria absolutamente inimaginável nos anos anteriores no universo assembleiano<sup>338</sup>; e, ainda hoje, em alguns grupos assembleianos, com certeza é abominável: curso de pós em *administração eclesiástica*. É o máximo de racionalidade econômica.

É uma faculdade da denominação, e igual a essa há outras no país, com objetivação acadêmica, pois basta ver o corpo docente, com professores de outras denominações, e alguns com formação teológica por uma universidade católica<sup>339</sup>.

#### 5.4 - RELAÇÕES DE GÊNERO: Missão oficial, oficiosa e oficialisca.

Se na primeira fase a mulher símbolo é Frida Vingren, na segunda é Dóris Lemos, e, para a terceira, optamos por uma mulher sem rosto nem nome. As mulheres assembleianas genericamente.

No ano do centenário assembleiano, uma mulher foi eleita para a presidência da República com um recorde de mulheres ministras – enquanto o MP fazia campanha contra a mesma<sup>340</sup>. Mas a misoginia assembleiana não é isolada, é apenas repetição de algo mais amplo<sup>341</sup>. Todas as Convenções e Ministérios assembleianos são dirigidos

<sup>338</sup> Portanto, buscando essa aprovação acadêmica, foi que a FAECAD recebeu em 31.08.2011, o teólogo luterano Jürgen Moltmann, um autor que, provavelmente a Comissão de Doutrina não recomendaria e a CPAD nunca publicou. Um detalhe: o MP não divulgou esse evento. Essa faculdade é uma “vitrine” da CPAD, pois apesar de cursos presenciais tem propaganda veiculada no programa de TV para todo o Brasil.

<sup>339</sup> CEEDUC é uma faculdade das ADs em Joinville, com revista acadêmica e professores cursando pós em teologia na tradição luterana. [www.ceeduc.org](http://www.ceeduc.org)

<sup>340</sup> A manchete é “*Evangélicos podem decidir segundo turno*”, (MP, no. 1506, 11/2010), o jornal de outubro, lembra que dentro de poucos dias haverá o 2º. Turno das eleições presidenciais. Tem um editorial explicitamente contra Dilma Rousseff (PT) e favorecendo o José Serra (PSDB). No interior do jornal, além de artigos de colunistas, uma matéria com o título “Programa do Governo ataca radicalmente os valores cristãos”, nas duas páginas centrais com uma foto do Lula na Conferência GLBTT. A matéria chama Lula e alguns de seus ministros de “ex-terroristas de esquerda” e diz que seu governo quer “impedir tanto o crucifixo como a Bíblia”, “divulgar o candomblé nas escolas”, “descriminalizar o aborto” dentre outras coisas. O jornal somente não informa que, para além dos “interesses do Reino de Deus”, a vereadora de SP, Marta Costa (DEM), filha do presidente da CGADB, é segunda suplente do senador, José Aluísio Nunes (PSDB), e também não informa que, dia 01.05.2010, Serra foi recebido na 28ª Conferência dos Gideões Missionários, em Camboriú-SC, onde o Governo Estadual e Prefeitura liberaram uma verba de R\$ 540.000,00 mil reais, *Folha de S. Paulo*, dias 01 e 03/05/2010, pg. 4. Mesmo depois de eleita, o MP sempre que se refere a presidente Dilma, como “ex-terrorista de esquerda”.

<sup>341</sup> *Folha de S. Paulo*, caderno Mercado, B1, 28/01/11. No mundo corporativo, por exemplo, de cada 100 empresas apenas 5 tem mulheres na presidência. Segundo essa pesquisa, as mulheres têm as seguintes características: constroem relacionamentos duradouros, sensibilidade criativa, menos necessidade de refazer trabalhos, ouvem mais antes de tomar decisão e visão abrangente; já os homens tem: criatividade baseada na razão visão com foco em resultados, mais agressivos em resultados, mais agressivos na competição, pragmatismo nos relacionamentos, mais

exclusivamente por homens<sup>342</sup>, há isoladamente algumas igrejas locais dirigidas por mulheres, como no primeiro período. Porém, sejam poucas ou muitas, na primeira convenção elas pelo menos foram assunto. Nas atuais Convenções, elas simplesmente não existem, mesmo que o número de assembleianas supere em mais de um milhão o de homens (conforme tabela na página 109). Portanto, se no primeiro momento as ADs são mais modernas que o país, no momento em que o país avança na questão de gênero, o assembleianismo é a vanguarda do atraso. Aqui, mais uma vez, fica bem explícita a relação de simultaneidade entre o *assembleianismo rural* e o *assembleianismo urbano*. A CGADB é um primor de organização capitalista moderna, mas os valores que imprime em suas articulações são arcaicos.

No terceiro período as mulheres têm três funções nas ADs. Primeiro, uma *missão oficial* que é participar do *Círculo de Oração - CO*. Talvez este seja um dos *ministérios orgânicos* que melhor funcione na igreja; um *CO* forte, bem articulado, reflete-se na vida da igreja. Segundo, uma *missão oficioso*: o exercício da profecia. Mulher não pode ter ministério oficial, mas marginalmente ela tem um poder que pode desestabilizar qualquer grupo ou líder masculino; um “poder simbólico” que é subordinado, mas transformador (Bourdieu, 2010:15). Em terceiro lugar, está grassando no universo assembleiano, de maneira folclórica e *oficialesca*, a figura da “primeira dama” do Ministério.

#### **a) Missão oficial da mulher: Círculo de Oração - CO**

Orar é a *missão oficial* da mulher assembleiana. Missão única, exclusiva e excludente? O CO, tipicamente feminino<sup>343</sup>, é uma reunião diurna onde mulheres na igreja local se reúnem para orar – e também conversar, cantar e, em alguns lugares, fazer alguma outra atividade manual de bordado, etc. Assume esse nome a partir de uma “roda de oração” que algumas mulheres iniciam no Recife em 1942, numa peculiar história sobrenatural e mítica (Araujo, 2007:189-190)<sup>344</sup>.

Características dos CO. a) Dirigido pelas as mulheres e direcionado às mesmas. Problema: mulher fica restrita a *oração* e o homem no domínio da *ação*. A oração é

---

rápidos para decidir. Brasil X EUA – gerentes – 35 X 50; diretores e vice-presidentes 9 X 25; presidentes – CEO – 3 X 3. A exceção do segundo tópico não há muita diferença entre Brasil e EUA.

<sup>342</sup> No mundo pentecostal brasileiro, até o momento, apenas uma mulher fundou e assumiu a presidência de uma denominação em âmbito nacional, Valnice Milhomens na *Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo*. Em diversos lugares já surgiram outras, mas até o momento nenhuma –mulher e igreja – conseguiu maior destaque. Nas ADS, nenhuma.

<sup>343</sup> Como tudo no universo assembleiano há exceções; existe um Círculo de Oração masculino em Joinville-SC (MP, no. 1507, dezembro de 2010. Pg. 8), e o pastor dirigente enfatiza: “Nós temos o nosso Círculo de Oração Feminino, mas as mulheres não são as únicas que precisam orar; os homens também”

<sup>344</sup> Na tradição sueca já existiam os “Círculos de Costura” na década de 1920 (Pethrus, 2004:210). Influenciados ou não, os *Círculos de Oração* nas ADs, não são tão originais e “sobrenaturais” assim, pois desde 1932 o Governo de Getúlio Vargas implantou o modelo de *Círculo Operário* (Fausto, 1999; Dreher, 1996).

portadora de uma conduta mística e atividade passiva, agravando, assim, o problema de gênero; b) Familiar e feminino nasceu e ainda se caracteriza assim para mulheres que não tem atividade profissional fora de casa. Daí ser no horário diurno, entre os afazeres domésticos, algo óbvio pela época de seu surgimento; c) Sua articulação é fundamental para a identidade assembleiana: ela é *portadora de uma conduta* moralista e produtora de coesão e sentido. Segundo Bourdieu (1999:2001), o “lugar geométrico” do *habitus* é fundamental para “interiorização das estruturas e tomadas de consciência”; fica aqui evidenciada a condição de “estrutura estruturante” que o CO tem **para** essa igreja, na combinação das *teologias do sofrimento, da disciplina* e da *competência*. C) Ainda forte nas congregações, mas morto nas grandes igrejas, pois houve uma alteração no perfil feminino, onde um grande número de mulheres trabalha fora de casa e no expediente comercial. É necessário, portanto, um rodízio obrigatório do CO das congregações para encher os templos-sede<sup>345</sup>.

No dia a dia do CO, as mulheres cantam, testemunham e pregam. Nos aniversários ou outras grandes festividades, as pregações são feitas por homens, mantendo o estigma do papel feminino na cotidianidade e o masculino na excepcionalidade do sagrado (Durkheim, 1989:371).

#### **b) Missão oficiosa: o profetismo feminino & ministério masculino.**

A questão central é que, com títulos ou sem títulos, com *ministérios estamentais* ou não, com acesso ao púlpito ou não, existem muitas “profetas”, “vasos” e “montes”<sup>346</sup> em casas particulares dirigidas por mulheres<sup>347</sup>. As mulheres dos CO nos templos, total ou parcialmente, podem ser controladas e, qualquer desvio ou tentativa de autonomização, é mais facilmente monitorado. E o pastor local, por razões óbvias, mantém na liderança alguém que tenha sintonia com ele; sua mulher, preferencialmente. O problema é que, para além do CO oficial e ligado ao Ministério, há muitos grupos de oração “autônomos”, nos “montes”, liderados por mulheres carismáticas não “ligadas” ao poder oficial masculino.

E como a liderança corporativa assembleiana lida com isso? 1. Proíbe e faz o grupo marginal se fortalecer; 2. Tolerando seu controle nem sempre com sucesso;

<sup>345</sup> Algo que vai acontecer não somente nas reuniões do CO, mas nas demais no templo-shopping (ver ponto 5.7).

<sup>346</sup> O título “profeta” é dado a uma irmã que, segundo a crença popular da membresia de uma determinada igreja, tem o “dom de profecia”. Invariavelmente sua fama, dependendo dos “acertos”, se espalha na região e com o tempo, ela será conhecida como um “vaso muito usado”. Quando na conversa informal dos crentes se diz que “A irmã X é um vaso”, significa que ela tem visão, revelação e profecia. “Monte” pode ser um monte literal, onde os crentes vão orar de madrugada, ou “monte” pode ser “casa do vaso” onde os grupos vão orar e receber revelações e ouvir profecias. Isso evidentemente sai do “controle” da liderança masculina e institucional. Por que existem pouquíssimos “vasos” homens? Eles são mais facilmente cooptados pelos cargos oficiais?

<sup>347</sup> Existem alguns casos de “profetas” homens liderando “montes”, mas raros os casos. O fenômeno é essencialmente feminino.

3. Ignora o que pode, circunstancialmente, ajudar a ambos. Mas a despeito de como se lida com isso, essa “efervescência sagrada”, impossível de ser negada, dá muito trabalho.

Raríssimos *Ministérios Corporativos* aceitam o exercício feminino de pastoras, presbíteras ou diaconisas<sup>348</sup>, porém uma mulher pobre, semiletrada, sem nenhum cargo oficial, marginal dos estamentos assembleianos, sentada na plateia pode, se quiser, com alguma “habilidade espiritual”, desestabilizar qualquer líder, reunião ou projeto. Oficialmente, ela não é nada, mas oficiosamente a “profeta” exerce um poder simbólico fenomenal. E qualquer líder – macho poderoso e cheio de títulos - a teme mais que ao diabo.

A questão fundamental: *o exercício profético feminino (oficioso) rivaliza com o ministério masculino (oficial).*

*Sua fala ou silêncio enigmático.* Algo que caracteriza a reunião pentecostal é a possibilidade da fala; todos podem e devem “participar” falando com brados, exclamações de louvor, etc. Nisso democraticamente, todos. Homens, mulheres e crianças. Um sinal de “espiritualidade” e “unção” é quando (e quanto mais barulhento melhor<sup>349</sup>) as pessoas se manifestam nas reuniões. Portanto, se manifestar ou ficar calado é algo grave. Gravíssimo. A participação do “vaso” nos cultos é sempre uma grande tensão. Daí, no momento da pregação do pastor (ou qualquer outro homem), basta um sonoro “Misericórdia do teu povo, Jesus!”, ou, dependendo da entonação, “Meu Jesus!” E por fim, e ainda mais grave, é o seu silêncio enigmático e estratégico. Pois, se não lhe é dada a palavra oficial no púlpito, sua fala fenomenológica (inclusive e principalmente permeada por glossolalia, o que lhe dá muito mais crédito em relação à fala do pastor no púlpito) pode derrubar e estremecer qualquer estrutura.

Simples, basta silenciar. Seu “silêncio estratégico”, que pode ser seguido por seu grupo caseiro, é não proclamar “Glória ou Aleluia” enquanto determinado homem estiver falando. E isto é um sinal de morte para este: *sua mensagem é fria*. Pois, quando outro prega (ou mesmo dá aviso), o grupo responde com “glória”, “aleluia, fala,

<sup>348</sup> “Problema” que atinge diversas outras igrejas evangélicas. Oficialmente, a IPB não aceita o ministério feminino, mas a Catedral Presbiteriana do RJ tem diaconisa e presbíteras, algo condenado pelo Supremo Concílio. A Igreja Metodista rejeitou em 1930, mas aceitou diaconisas em 1946 e 1970; episcopisa, a IEQ, no Brasil, tem pastoras desde 1958, a IECLB desde 1976, a Episcopal em 1985 e a IPI aceitou em 1999. Há Igrejas Batistas, por sua autonomia local, que aceitam outras que rejeitam. O mundo neopentecostal não conseguiu superar o impasse, em algumas as mulheres são centrais, noutras eles continuam marginais (Realy, 1993, Ribeiro, 2011).

<sup>349</sup> Há uma música escatológica que representa bem essa identidade: “Onde está aquele povo barulhento? / Onde está que não se vê nenhum irmão? / Alguém com voz de lamento, / vai dizer neste momento/ aquele povo foi embora pra Sião”.



*Deus!*”<sup>350</sup> e o restante da igreja vai junto. A “contaminação” do “fervor” ou da “frieza” de um determinado grupo (in) satisfeito, liderada por uma mulher astuta pode acabar ou levantar um ministério e/ou Ministério. E muitos projetos, pastores e movimentos foram inflados ou derrubados assim.

Sua *articulação caseira*<sup>351</sup>. Ademais se não lhe dão oportunidade no templo, ela arregimenta um grupo para orar em sua casa. Quem pode proibir? Afinal, orar não é a *função natural* da mulher? E no seu “terreiro”, perdão, na sua casa, manda ela. E lá ela prega, ensina, tira oferta, tem revelação e profetisa. Manda. Aliás, manda o “espírito” que se manifesta nela. E ela, literalmente, de lá envia “recados” aos seus desafetos. Com seu grupo “treinado” em sua casa, em seu “templo familiar”, em seu “monte”, ela pode inclusive alcançar outras pessoas fora da região geográfica da igreja. E quanto maior sua fama e credibilidade mais gente de fora vem à sua procura. E as lideranças oficiais não tem nenhum controle sobre isso.

*Seu poder simbólico*. Daí o homem pode ter poder e acesso único ao púlpito da igreja, mas se ele menosprezar essa articulação feminina, isso lhe pode ser fatal. Elas, sim, têm poder. Algumas sabem e, astutamente, usam muito bem e/ou mal. Outras, não. Nas grandes igrejas, nos *templos-shopping*, por exemplo, onde a administração dos bens simbólicos e materiais se profissionalizaram, a atuação dos “vasos” também é menor, pois a manifestação carismática perdeu espaços em todos os aspectos, mas nas igrejas menores, nos *templos-casas*, isso ainda é forte. Ademais, nessas igrejas o pastor e demais líderes homens trabalham secularmente e não estão presentes no dia a dia da igreja. Quem, afinal, visita os enfermos, cuida dos necessitados, conhece os problemas da congregação senão elas? A dirigente oficial do CO é muito mais presente na vida da igreja do que qualquer pastor. Se o pastor for o mínimo inteligente, incorpora os “vasos”, as “profetas” no CO, pois dentro do templo há alguma possibilidade de “controle”, ainda mais porque essas “profetas” terão que disputar espaço com outras mulheres de oração oficial da igreja, mas se ele se indispor com elas, pode jogar uma parte da igreja na marginalidade dos grupos de oração autônoma, os “montes de oração”, e no decorrer da história, perder o “vaso/profeta” e seu grupo. Pior, pode perder a igreja toda.

<sup>350</sup> Esta frase “fala, Deus!” é recorrente no meio pentecostal e como exclamação vinda do público é uma assertiva de que a palavra dita tem ressonância em seu coração; esta palavra vem de Deus. Gritada a plenos pulmões em uma reunião é o mais extremo modelo de “legitimação” ao contrário do silêncio da plateia.

<sup>351</sup> Novaes (1985:77) dá um exemplo excepcional em sua pesquisa com a Dona Dé. “líder feminina da Congregação que não tem *nenhuma designação oficial na hierarquia* que a distinga dos outros membros e congregados, no entanto (...) sempre surge o seu nome (...) no papel ativo *no dia-a-dia* dos crentes” (grifo meu).

Wanda Freire (esposa do José Welington), bem como Zélia Macalão<sup>352</sup> (esposa do Paulo Macalão), pode até ter seu retrato em todos os jornais, ser entrevistada na TV e publicar livro. Sim, ela também tem poder e o usa. Mas a irmã Maria, anônima, semianalfabeta, negra, viúva ou solteirona, periférica, consciente ou não de seu poder, pode fazer um estrago ou benefício bem maior que esta outra com sobrenome ilustre. Afinal, essa ilustre “Primeira Dama do Ministério”, se fia no poder do marido; neste caso, fortalecendo-o. Assim sendo, seu papel realiza um efeito contrário: sua postura reforça sua inferioridade e desimportância. A outra irmã, pobre, sem nome, solteirona ou sem marido ilustre, age autonomamente; reforçando, assim, simbolicamente seu próprio poder. Ou, segundo o entendimento de seus seguidores, o poder do Espírito Santo. Afinal, qual das duas é mais *poderosa*?

Aqui cabe muito bem a descrição conceitual da dominação carismática e tradicional (conforme 2.1-g). O exercício de uma liderança carismática tem sua legitimidade dada por seus seguidores; o exercício do poder da segunda se fia na tradição. No caso, a irmã “vaso/profeta” é assegurada por seus “dons” e seus fieis seguidores a legitimam; a “primeira dama” assembleiana, em nível nacional ou local, se agarra a uma tradição corroída e questionada, que também tem algum “poder simbólico”, mas entre a *profeta* e a *primeira dama*, há uma incomensurável distância, pois essa é um “modismo mundano”, aquela uma “manifestação” do Espírito Santo<sup>353</sup>.

### c) Missão oficial: a “primeira dama” do Ministério.

Uma diferenciação básica entre a CGADB e a CONAMAD (pois, em termos de política eclesiástica não há distinção): a primeira se mantém contra, e a segunda oficializou o ministério pastoral feminino. No *assembleianismo autônomo e difuso*, também é comum, mas há também grandes abismos entre as práticas eclesiásticas. Algumas ADs autônomas nasceram já com as mulheres exercendo esse *ministério estamental* (e em alguns casos, essa foi a causa da divisão e/ou autonomia do Ministério), outros aderiram depois. Já outras Assembleias, próximas do modelo da IPDA, mais conservadoras na “doutrina”, mantém terminantemente a proibição. Enfim, como tudo que diz respeito às ADs é plural, não poderia ser diferente nessa questão<sup>354</sup>.

<sup>352</sup> Na foto oficial da Convenção em Sto. André, em 1975, estão lá centenas de homens, e na primeira fila, ao lado Paulo Macalão, Zélia Macalão. É uma tentativa de imitar a foto clássica da Convenção de 30, quando Frida é a única mulher no meio de homens poderosos? Nos periódicos oficiais atualmente, repetidas vezes há fotos de homens poderosos e uma solitária Wanda. A repetição, aliás, tira a força simbólica do ato.

<sup>353</sup> Ademais é incomensurável a importância do fenômeno da vidência, das profecias, da “consulta a Deus” que existe na religiosidade popular e que exercem um grande fascínio não apenas nas classes mais populares mas também nas camadas médias da população.

<sup>354</sup> “Destarte, na ambivalência protestante, a ordenação feminina vai desde o veto terminante até a prática indiscriminada” Waldyr Carvalho Luz. Entrevista a Revista Ultimato, março/abril 2011, pgs. 44-49. Durante anos

Os avisos publicados no BS e MP, convidando para as convenções, incluem igualmente homens e mulheres que cooperam na obra. Nos primeiros anos todas as mulheres podiam participar; atualmente, apenas as mulheres de pastores. Mais ainda, mulheres de pastores com algum poder aquisitivo que podem ir para a convenção<sup>355</sup>.

A ironia é que, como já dito, quanto mais a Wanda Freire e demais “primeiras damas assembleianas” aparecem nos jornais, livros e TVs, mas ela, ideologicamente, reforça o estereótipo: ela só existe para acompanhar o marido!<sup>356</sup> São “mulheres importantes”, mas com maridos muitos mais “importantes”; elas são apenas uma sombra perto deles<sup>357</sup>.

Foi exigência da própria Wanda Freire aparecer? Por que a mulher do Cicero Canuto (como todas as mulheres de pastores-presidentes da geração passada) não aparecia em nenhum momento? Ou por que as demais mulheres dos outros pastores não aparecem, mas apenas a Wanda?<sup>358</sup> Isso reforça o seguinte: ela aparece não porque, como mulher, tem valor próprio, tem ministério e importância, ela aparece apenas por ser mulher do pastor-presidente. Pois, se ela aparecesse por méritos próprios, outras mulheres com exercício ministerial indiscutível – e existem muitas – nas ADs, e com certeza muito mais significativo, deveriam também ser vistas, fotografadas, visibilizadas.

### *A folclorização do ministério feminino na Madureira.*

É burlesco, mas na CONAMAD, em Paulínia-SP, no dia 23/04/2005, o bispo Manuel Ferreira<sup>359</sup>, ao anunciar os nomes (somente homens) que seriam consagrados ao

professor do Seminário Presbiteriano do Sul, Campinas-SP, onde questiona a proibição da ordenação feminina nas igrejas evangélicas.

<sup>355</sup> Contabilizadas passagens, hospedagem em hotéis (as igrejas não mais comportam o número de pessoas), anuidades convencionais, taxas de participação para um casal (sem contar todas as demais despesas que uma viagem dispensa), não é qualquer pastor que “pode” participar de uma convenção.

<sup>356</sup> Ironicamente foi no governo do Lula que mais as mulheres tiveram conquistas, inclusive com um ministério específico. E sua ministra mais importante se tornou sua sucessora. Mas sua esposa, Marisa, calada durante oito anos, serviu como uma Wanda Freire, apenas para posar para fotos ao lado do marido.

<sup>357</sup> Essa problemática não é uma questão mal resolvida apenas nas ADs, o mundo vive isso há décadas. Em nossa atualidade, quando da visita do presidente de algum país, aqui ou em qualquer lugar do mundo, a primeira dama sempre vai fazer um programa “inferior” ao do seu marido. E quando suas esposas, antes deles serem autoridades republicanas, têm também carreira política e acadêmica? FHC e Obama são exemplos de homens cultos, importantes, poderosos com esposas igualmente cultas e poderosas, mas enquanto primeiras damas tiveram que, de alguma forma, renunciar às suas carreiras. As esposas de Bill Clinton, FHC e Obama já tinham carreiras próprias, mas tiveram que colocá-las para “hibernar” durante os mandatos de seus maridos. Conquanto se tenha diversas “justificativas” políticas e econômicas para explicar essa “renúncia” das mulheres, a questão é que isso acontece, e não é um produto exclusivo do conservadorismo assembleiano. Se isso acontece com políticos, pelo menos enquanto dura seu mandato, no caso dos pastores em que sua carreira é vitalícia, a função da mulher do pastor se agrava.

<sup>358</sup> Em culto na Sede da AD Brás, em SP, dia 06/05/12, há um imenso púlpito lotado de homens e uma mulher dirige o culto. Indica que os demais pastores devem fazer avisos, orações, pregação. É a única mulher no púlpito. Avanço? Pra. Keila Ferreira é esposa do pastor presidente, que assume a direção, pois ele no momento está viajando.

<sup>359</sup> Fiz diversas tentativas via email, telefonemas e pessoalmente, tanto em SP, na Sede da AD Brás, como no RJ, sede de Madureira e Editorial Bethel, para conseguir exemplares do Jornal O Semeador. Conquanto informem que não existem em arquivos esses jornais, também dizem que somente com autorização do pastor presidente eu poderia ter acesso a eles. Permissão que nunca chegou. Há muitas informações sobre a consagração ministerial das mulheres na internet, mas não consegui nenhuma sobre a “consagração do bispo” Manoel Ferreira. Versões orais dizem que ele foi consagrado na Rússia. Por quem e por quê? Existem alguns detalhes de sua história, além do bispado, para as quais

pastorado, chama Jairo Manhães e também sua esposa, Cassiane Santana Manhães. O bispo “sentiu de Deus” e, sem consultar os demais pastores, quebrou esse tabu publicamente. Mera coincidência que a “revelação de Deus” alcançou apenas uma mulher rica, famosa, campeã de vendas, um “ídolo” do Ministério de Madureira, que ninguém (pelo menos publicamente) seria contra<sup>360</sup>. Posteriormente, em 2011, a CONAMAD realizou uma “consagração compulsória” de todas as esposas de pastores-presidentes do Ministério. Sobre as mulheres pobres, viúvas, solteironas, periféricas, que dão a vida pela igreja e trabalham muito, até o momento, nada foi revelado ao bispo.

É comum pelo país esposas de pastores receberem a denominação de “missionárias”. Sintomático. Considerando-se que missionárias não tem nenhum poder de decisão; todos os deveres e nenhum direito, bem dentro da categorização de *missão & ministério* (tematizado no ponto 4.4)

Nenhuma mulher se destacou em um século de pentecostalismo assembleiano? Nenhuma.

De fato, nenhuma *pôde* se destacar; não permitiram. As que conseguiram, como Frida Vingren e Dóris Lemos em suas épocas, foram boicotas. Frida foi morta duplamente. Em vida, mataram-na, pois lhe tiraram seu ministério. Depois, mataram-na novamente quando silenciam sobre sua história. De forma diferente, mas também violento, fizeram com Dóris, durante 50 anos, negando-lhe o ministério. Portanto, com certeza, nos muitos espaços assembleianos deste país, milhares de mulheres fizeram e fazem uma diferença extraordinária, mas são invisibilizadas, preteridas e alijadas. Daí dois títulos primorosos de trabalhos escritos sobre o assunto, como a dissertação de Eliane Gouveia (1986) “*O silêncio que deve ser ouvido. Mulheres pentecostais em São Paulo*”, e Laura Aragão (2004), “*Escolhidas por Deus, rejeitadas pelos homens*”.

---

não consegui explicações, como diversos vídeos de sua participação junto ao REv, Moon, fundador da Igreja da Unificação, na consagração de casamentos. Em 1993, junto a IURD e ao Pastor Nilson Faninini, presidente da Aliança Mundial Batista, organizou o *Conselho Nacional de Pastores do Brasil*, apenas para fazer oposição, na época, a Associação Evangélica Brasileira – AEVB? Apesar de por escrito informar que não tinha nenhum juízo de valor sobre esses fatos, mas queria apenas as versões oficiais da igreja, não obtive respostas.

<sup>360</sup> Diversos sites divulgaram esse fato, inclusive o de sua gravadora e até textos acadêmicos o citam a partir do site da cantora (Ribeiro, 2011), mas no site da Cassiane, no momento, não há nenhuma menção ao seu título pastoral. Por que essa informação foi apagada ou é negada? Algo também muito inusitado é que nos CDs da cantora, não conste essa informação. Aliás, em 2005, a manchete dos sites frisava que ela era a “primeira pastora assembleiana” no Brasil, mas desde 1995, em Fortaleza-CE, a *Assembleia de Deus Betesda* já tinha mulheres no pastorado. Em marco de 2012, na 94ª. AGO da CEADDIF (ver anexo I), liderada pelo pastor Sóstenes Apolo, foi aprovada a consagração feminina, algo muito divulgado na internet, mas no site da Convenção e também da *AD do Novo Dia* não tem nenhum registro. Apesar de alguns sites divulgarem que a ex-senadora Marina da Silva, membro AD L2, foi consagrada “pastora”, ela na verdade foi consagrada “evangelista”. (Jornal *Cidade em Foco*, ano II, quinzena de 15 a 30/março/2012, pg. 3). Oficiosamente, se diz que o Pr. Sóstenes, de fato, queria lhe indicar ao pastorado, mas Marina não aceitou.

Apesar de Isael Araujo (2011) ter lançado o livro “*Cem mulheres que fizeram a história das Assembleias de Deus no Brasil*”, um mero apelo comercial no ano do centenário, e repetição dos verbetes de seu *Dicionário* (Araujo, 2007). O esforço matemático para encontrar as “cem mulheres” priorizou as missionárias estrangeiras (em detrimento das nacionais) e as esposas de pastores (em detrimento de mulheres anônimas), reforçando o estereótipo de que mulher tem - apenas - submissão. A intenção de indicar as “cem mulheres que fizeram a história das ADs” pode ter sido boa, mas, na realidade, a história das ADs foi escrita sem as mulheres.

Conquanto não apenas “cem”, mas milhares de mulheres - esposas de pastores inclusive – fizeram e fazem história. Aliás, sobre esposas de pastor há uma carga sobre humana: elas além de todas as tarefas normais com a família e casa, é exigido delas trabalharem na música, com as crianças e, obrigatoriamente, no CO. A igreja paga – quando paga – um pastor e ganha dois “funcionários”: *a esposa vem junta no pacote como mão-de-obra não remunerada*. Se a maioria das mulheres obreiras é anônima, essa camada de mulheres é notada. Notada, inclusive, para ser cobrada mais do que qualquer outra. Mulher de pastor interiorano ou de periferia vive, então, no pior dos mundos: não pode desaparecer no meio da congregação, mas também não tem o status de “primeira dama” do Ministério sentada no púlpito dando ordens aos obreiros.

Por fim, o que o fenômeno da “primeira dama” pode provocar? Primeiro, as novas gerações se acostumarão com mulher no púlpito, mesmo sendo apenas a esposa do pastor presidente. Assim como elas também se acostumaram. Mas ao longo dos anos vão aceitar “apenas” isso? É a lógica natural de todos os movimentos de conquistas: um espaço conquistado vai compulsoriamente exigir um novo. E maior. Segundo, até quando todas as demais esposas de pastores não pertencentes a “casta de primeiras damas” vão aceitar indefinidamente essa exclusão?

O modelo da “primeira dama” pode ser piorado? Se elas se prestam a esse papel, mais grave tem sido o de alguns homens – homens líderes e cada vez mais “pastores-presidentes” – de ostentar títulos burlescos e beirando a criminalidade. A bizarrice vai de “reverendo doutor pastor presidente” ao famigerado título de “doutor em divindade”, vendido a prestações em diversas “faculdades teológicas”<sup>361</sup>. Só não é cômico, porque é

<sup>361</sup> Nos sites [www.fadtefi.com.br](http://www.fadtefi.com.br) tem curso de doutorado por correspondência, e também outro com 22 cursos de bacharel, mestrado, doutorado e pós-doutorado no <http://www.faculadadeteologica.com.br/>. Além da Convenção Internacional da ADs já citadas - <http://www.cgiadb.com.br>, também com curso de doutorado por correspondência. Acesso 10.04.2012.

trágico. O papel farsante desses títulos serve apenas para ridicularizar o pouco que sobra de seriedade desta elite assembleiana<sup>362</sup>.

### 5.5 - MÍDIA: o poder, os poderes e os poderosos.

Neste terceiro período, não existe o debate se pode ou não pode; se usa ou não usa Rádio, TV e similares. A dúvida “teológica” foi substituída por uma questão instrumental; não se discute mais o “se”, mas o “como” usar. Ou mais ainda, política e economicamente, *contra quem*. A mídia assembleiana não se alimenta mais da polêmica contra o catolicismo ou demais igrejas evangélicas, atualmente têm outros insumos. Polêmicas? Internas. Ministérios *versus* Ministérios, Congressos *versus* Congressos, Gravadoras *versus* Gravadoras, Editoras *versus* Editoras. A mídia e seu uso, é, sobretudo, um “rito de reforço” (DaMatta, 1990<sup>363</sup>) para consumo interno.

O aumento e a possibilidade de bens de consumo aconteceram porque os pobres, em geral, melhoram de vida – assim como os assembleianos pobres. Ou talvez até um pouco mais? No mesmo estrato social dos demais, mas com demandas menores, pois não gastam com bebidas, baladas, cigarros, diversão em geral – para onde vai este *excedente*?<sup>364</sup> Para compras no mercado gospel (Cunha, 2007). Assim, CPAD pode produzir DVDs para a EBD, publicar obras maiores e com melhor apresentação, realizar congressos em hotéis e abrir lojas pelo país inteiro, pois tem consumidores “cativos”, com poder aquisitivo em ascensão. Se antigamente as ADs tinham problemas com a vizinhança por causa dos cultos barulhentos, isso não existe mais: os prédios têm tratamento acústico; surge, então, um novo “problema”: os muitos carros dos crentes atrapalham o trânsito. Assembleianos agora, essa emergente classe C, também pode comprar carro.

Se cada Ministério pode e deve ter seu templo-sede (templo é o grande símbolo de demonstração de poder do grupo, ponto 5.7), por que não, também, seu site, sua rádio, TV, editora, gravadora, etc.? Por que a *Rede Boas Novas*, um canal comprado em 1993 pelas ADs do Amazonas, junto com as do Pará, não teve adesão nacional? Se as

<sup>362</sup> A nova moda é “Indicação ao Prêmio Nobel da Paz”. O pior é a versão que corre sobre o assunto. Numa AD em Taboão da Serra/ SP, um obreiro me informa, orgulhoso, que seu pastor-presidente, “um homem muito importante no mundo, já recebeu um prêmio na Europa, o Nobel da Paz”. Seu pastor-presidente, no caso, é o Bispo Manoel Ferreira que foi indicado, sim, por um grupo de sua igreja, da mesma forma como o pastor Cesino Bernadino, da AD de Camboriu - SC, que recebeu uma “placa de indicação” em solenidade emocionante, realizada por pastores amigos. <http://www.youtube.com/watch?v=jYsOZLFLxU>. Acesso dia 04.05.2012.

<sup>363</sup> Da Matta (1990) constrói dois tipos de ritos: o *rito de reforço* e o *rito de inversão*. O reforço, organicamente, objetiva-se a (re)ordenar o mundo, (re)afirmação do poder, da autoridade, dentro da formalidade e com seus atores bem definidos, assim ele explica, por exemplo, os desfiles militares; já o rito da inversão, em sua peculiar aplicação ao carnaval, é o espaço da informalidade da “suspensão ética”.

<sup>364</sup> O excedente, tão caro ao Marx, vai ser fundamental para o processo de fortalecimento do capitalismo.

ADs desde seu início fossem uma igreja única, com caixa único, teriam, muito antes da IURD e similares, comprado canais de TV, Rádio e adquirido uma força midiática superior a qualquer igreja. Mas o fascínio individual de cada líder e cada grupo ministerial por seu próprio poderio midiático sempre foi maior que a unidade da igreja. Se uma TV, rádio, editora, gravadora, etc. – ou mesmo apenas um programa – é uma evidência de força, não seria, portanto, mais óbvio que essa igreja unida efetivasse isso como uma comprovação de seu poder para a sociedade? Já que a “justificativa” da presença na mídia é a evangelização, então, por que não unir forças na evangelização nacional? A verdade é que essa presença midiática é muito mais uma demonstração de um “poder simbólico”; é uma luta de poderes e de poderosos.

## 5.6 - CONVENÇÃO: a urna eletrônica “salva” a unidade?

Será que foi um ato falho? O livro da *História da Convenção das ADs*, de Silas Daniel (2004), analisa essa fase da igreja no capítulo intitulado “*Período de Fortalecimento da Mesa Diretora*”. Sintomático. A burocracia da igreja se fortaleceu; já a igreja nem tanto; ou enquanto a burocracia se fortalecia, a igreja se fracionava ainda mais. E a CGADB é tão forte que suas eleições são feitas com urnas eletrônicas e fiscalização do TRE. Forte? Ou será que a credibilidade interna é tão fraca que é necessária fiscalização externa para o mínimo de confiabilidade? As lutas de poder se tornaram tão acirradas, as disputas ferozes, os interesses tão confusos, os candidatos tão desacreditados que é necessário um “atestado oficial” do TRE. Agora não existe mais a combinação como nos Atos, o “Espírito Santo e nós”. Ato falho ou não, com certeza, foi um recado aos inimigos. A convenção será analisada em três aspectos jurídico, econômico e político.

### a) **Questão jurídica: Estatuto existe – inclusive - para ser alterado.**

Para virem ao Brasil, em 1910, os dois suecos tinham uma revelação divina. O problema é que ela dizia apenas que eles deveriam vir ao Pará. E depois do Pará? E o restante do país? E quando a igreja crescesse? E quando os problemas se avolumassem e as entranhas da igreja fossem postas à mostra? A revelação não dá mais conta.

No início do século XXI, distante do tempo e espaço mítico da revelação e da experiência fenomenológica do falar em línguas, ou seja, o mito fundante é obvio como fundamento originário, pois fortalece a tradição, reforça a identidade e reafirma o ideal, mas não ajuda em nada nas questões presentes. Muito menos nas futuras.

Sem uma “revelação”, como fazer agora?

Não há como – ou, principalmente, não se pode ou não se quer – “consultar” o Espírito Santo para resolver as demandas. Como e quando abrir novas igrejas? Como, quando e, principalmente, quem deve presidir as igrejas? Quem deve ter acesso ao poder convencional? Isso o Espírito Santo não responde. Para isso, então, existe o *Estatuto*, elemento jurídico que “resolve” o que a revelação não alcança. A ordem jurídica e estatutária pode até não resolver todos os problemas imediatos e futuros da denominação, mas resolve os problemas de quem faz o estatuto. Melhor: de quem pode alterá-lo.

Ademais, se a primeira convenção<sup>365</sup> teve uma “diretoria” com três membros, atualmente são dezoito cargos na mesa diretora, e mais doze conselhos<sup>366</sup> e sete comissões<sup>367</sup>, e como faz parte do jogo político alguma “representatividade” mínima de cada região, essas comissões e conselhos têm, ou “precisam ter”, um ou dois membros de cada região ou estado, portanto, todos são grandes, inviáveis operacionalmente, dispendiosos ao reunir e burocráticos para decidir. Entende-se, talvez, o drama que foi a *Comissão da Década da Colheita* e seu aparente fracasso, ou a polêmica publicação da *Bíblia Dake* e sua revogação posterior. Teria sido revogada porque foi publicada sem a aprovação da *Comissão de Doutrina*?<sup>368</sup>

Nesse emaranhado jurídico, temos, então, uma nova “casta sacerdotal”<sup>369</sup>: primeiro: somente pastores e evangelista podem participar – evidentemente com suas anuidades em dia. Segundo: ser indicado ou eleito para uma comissão ou conselho, em que não basta ser pastor assembleiano, pois na maioria deles há exigências prévias, como por exemplo, no *Conselho de Ética e Disciplina*<sup>370</sup>. Isso vai implicar que, além de certa condição cultural, também se exige certa condição financeira. Ademais, desde a

<sup>365</sup> Nos primeiros anos, como analisado no terceiro capítulo, toda a igreja participava.

<sup>366</sup> Conselhos: *Conselho Consultivo, Regional, Administrativo da CPAD, Fiscal, de Ética e Disciplina, Educação e Cultura, Doutrina, Ação Social, Capelania, Comunicação e Imprensa, Política e Missões*.

<sup>367</sup> Comissões Permanentes: *Comissão de Temário, Jurídica, Relações Públicas, Apologética, Plano Estratégico de Evangelismo e Discipulado e Comissão Eleitoral*.

<sup>368</sup> É uma temeridade óbvia usar informações divulgadas em blogues, mas neste caso tratamos como exceção, pois o assunto foi discutido no blogue de Judson Canto, ex-chefe do setor de livros da CPAD, numa entrevista com o Pr. Antônio Gilberto, consultor teológico da CPAD. Ele informa que “O Conselho da Casa se reuniu e bloqueou o assunto. Só posso me pronunciar em reuniões, como fiz aqui [na EBO de Curitiba]. Pedi ao pastor Wagner Gaby, vice-presidente da igreja: ‘Por estarmos numa escola bíblica, com gente de vários lugares, o irmão autoriza eu tomar no máximo uns cinco minutos para dar um alerta sobre uma onda de boatos sobre a *Dake*?’”. Não me interessa a questão teológica da citada Bíblia, sua publicação e sua retirada, mas o “funcionamento” da Comissão. Na entrevista, Gilberto diz que recomendou a publicação com ressalvas e estas não foram atendidas. Por quê? Por quem? Afinal, quem em última hipótese “decide” uma publicação na CPAD? A Comissão de Doutrina ou o mercado consumidor? <http://judsoncanto.wordpress.com/2010/02/12> acesso 10.04.2012.

<sup>369</sup> Em uma conversa informal com um pastor na periferia da grande SP, ele fala com entusiasmo apaixonado do projeto de seu ministério na Europa, com o seguinte detalhe: um grupo de pastores alugou um avião e foi visitar a igreja filial na Europa. Daí eu lhe pergunto (seu entusiasmo era que *ele e sua igreja* estavam participando economicamente com o projeto): “por que o senhor não foi também neste avião especial?” Ele responde, convincente e contrito: “Não, foram apenas os pastores estudados!”

<sup>370</sup> “Artigo 62 - §1º. Os componentes do Conselho de Ética e Disciplina serão ministros de notória reputação e experiência, tendo pelo menos um formação jurídica adequada” [www.cqadb.org.br/estatuto](http://www.cqadb.org.br/estatuto). Acesso dia 09.04.2012.



Convenção de 1946, logo após a assumir personalidade jurídica (as atas da Convenção de 1948 revelam que isso foi assunto de quase todas as 21 sessões), em todas as reuniões convencionais houve uma pauta repetida: “reforma dos Estatutos”. Mas como ler, estudar, debater, ouvir e decidir sobre páginas e páginas em poucos dias com uma plateia de milhares de pessoas? O assunto, portanto, não é resolvido. Instaura-se, então, uma comissão. E, mais importante que o assunto ou a própria comissão, é quem tem poder de indicar nomes.

**b) Questão econômica: quem pode participar?**

“Os três mil participantes da Convenção Geral – eram esperados mil, no máximo – tomaram dez mil refeições diárias, café inclusive. (...) Criou-se, assim, um grande problema: *as igrejas não têm mais condições materiais de convidar as convenções*. Diante disso, uma comissão especial constituída para estudar o assunto propôs ao plenário que fossem escolhidos delegados em cada região, e esses representariam seus colegas na convenção. A ideia não teve boa aceitação e, por isso, a matéria foi retirada de pauta para ser reexaminada na próxima Convenção, que deverá reunir-se em Manaus (acabou sendo em Porto Alegre), onde *cada visitante cuidará de sua própria hospedagem, nos hotéis*” (Daniel, 2004:447, grifo nosso)

Essa foi a Convenção Geral, nos dias 17 a 21 de janeiro de 1977, em Recife, com hospedagem e alimentação feita por mão-de-obra voluntária e gratuita. Foi quando acendeu o sinal: seria impossível manter o modelo. Note-se que a comissão tenta um arranjo de “representatividade” com delegados da cada região, algo normal em qualquer sistema e organismo, mas o grupo não aceita. Na próxima, a questão econômica se agrava, pois cada participante paga suas despesas.

Por razões óbvias, há uma grande distância entre o modelo dos primeiros anos, em que se colocava um aviso nos jornais convidando a todos (e todas), e se pede apenas que avisem com alguma antecedência para se providenciar a hospedagem. O gigantismo da igreja, e como consequência de sua convenção, é um bem e um mal; a Convenção que existia em função da igreja, e toma uma proporção maior do que ela: *nenhuma igreja no Brasil seria capaz de recebê-la*. Daí, então, a igreja vai viver em função da Convenção.

Quem pode participar? Tecnicamente pastores e evangelistas assembleianos. Todos? Sim, *todos* os que o Estatuto indicar; *todos* os que a convocação alcançar: “associados que estejam com suas obrigações estatutárias devidamente quitadas”; *todos* os que possam financiar as diversas despesas que a participação em uma convenção demanda. Anuidades (da Convenção Geral e também da Estadual) em dia, hospedagens e passagens. Isso implica dizer: *todos significam alguns*. E, além de critérios institucionais, o econômico vai ser fundamental. Aquele típico pastor assembleiano que trabalha durante toda a semana em uma atividade secular, semiqualeficado

profissionalmente, com renda baixa e pouca escolaridade, fatalmente não irá participar, pois além da anuidade da Convenção Nacional, tem também a mensalidade da Convenção Estadual (e dessa é difícil escapar); portanto, excluído de votar e de ser votado para um cargo na CGADB. Já os pastores participantes da burocracia têm despesas de hospedagens e transportes pagas pela CGADB. Como diz o texto bíblico: “A quem tiver, mais lhe será dado; de quem não tiver, até o pouco que tem lhe subtraído”.

Esse impedimento econômico, além do emaranhado burocrático que se tornaram as inúmeras instâncias de poder, vão ocasionar uma série de deformidades institucionais. Por isso, desde 1946, quando a Convenção assumiu uma personalidade jurídica, se faz “reforma de Estatuto”. Estatuto, aliás, que é *letra morta*, pois presidente e tesoureiro só podem ser reeleitos uma única vez, mas o atual presidente está no poder há mais de duas décadas<sup>371</sup>.

Isso sem falar que em qualquer lugar do mundo ou em quaisquer circunstâncias é impossível analisar, debater e decidir sobre o mínimo, em um plenário de mil ou mais de dez mil pessoas. Portanto, o modelo de AGO – *Assembleia Geral Ordinária* é absolutamente inviável. As decisões de fato acontecem nos *Conselhos*, *Comissões*, *ELAD* ou numa das *AGE* – *Assembleia Geral Extraordinária*. Não é uma questão de elitismo e exclusão da maioria, é um problema de viabilidade. Se houvesse a eleição de delegados regionais e/ou estaduais, como no modelo das AGs nos EUA, a representatividade seria justa. Ademais, os cargos nas comissões e conselhos são *indicação* da mesa diretora; como seu presidente reina intocável há mais de 20 anos, seu grupo de poder se encastelou ali e todos gravitam em torno dele.

A 39ª. CGADB, em 2009, em Vitória-ES, teve 17.300<sup>372</sup> inscritos, quando a expectativa era de “apenas” de 12 mil; e, pela primeira vez, se usou as urnas eletrônicas do TRE<sup>373</sup>. Conquanto 4.054 inscritos não tenham votado<sup>374</sup>, os demais tinham que votar em dezoito nomes para a mesa diretora – um presidente, cinco vice-presidentes, cinco secretários, dois tesoureiros e cinco membros do conselho fiscal. Simples: seriam

<sup>371</sup> Estatuto- Seção III – Da Mesa Diretora, art. 37 . Parágrafo único. O Presidente e os Tesoureiros poderão ser reeleitos para um único período subsequente.

<sup>372</sup> O número de participantes das Convenções consta no site da CGADB, o blogue *Fronteira Final*, do pastor Antônio Mesquita, porém, informa que em 2009 foram 16.736 inscritos, divulga inclusive a relação de cada convenção; o número de *não votantes* também é de Mesquita, algo que a CGADB não informa. Ele foi gerente de jornalismo da CPAD, e no blogue, divulga as atividades do grupo “dissidente” da Terceira Via, mas também da CGADB e do grupo de José Wellington. <http://fronteirafinal.wordpress.com> acesso 12.04.2012.

<sup>373</sup> Informações do blogue *Fronteira Final*, do pastor Antônio Mesquita. Ele foi gerente de jornalismo da CPAD. Em seu blogue ele divulga as atividades do grupo “dissidente” da Terceira Via, mas também da CGADB e do grupo do José Wellington. <http://fronteirafinal.wordpress.com> acesso 12.04.2012.

<sup>374</sup> Foram inscritos pelas Convenções Estaduais, mas não compareceram a Convenção Nacional. Quais razões desses pastores inscritos, com anuidades pagas, não terem votado?

apenas mais de duzentos e trinta mil votos a serem contabilizados, porque apesar da possibilidade de serem formadas chapas, os cargos são eleitos individualmente. As implicações políticas e estruturais disso são evidentes, portanto.

A 40ª. Convenção aconteceu no “Grande Templo” de Cuiabá-MT, nos dias 12 a 14 de abril de 2011, onde mais uma vez Wellington foi eleito. E aqui tem um dado gravíssimo: se na AGO anterior, em 2009, mais de 17 mil pastores se inscreveram, essa teve apenas 3.840 pastores inscritos. Por que na Convenção do Centenário (dois meses antes da festa em Belém-PA), quase 14 mil pastores participantes e inscritos na anterior, não tiveram algum estímulo para participar?

**c) Questão política: lutas de oligarquias assembleianas.**

Se a Convenção na primeira fase era “tempo de estudar a Bíblia”, na segunda, era gasto para resolver “invasão de campo”; na terceira fase, o estudo bíblico virou adereço e invasão se tornou padrão<sup>375</sup>. Convenção ainda tem estudos bíblicos? Sim e não. Há uma leitura bíblica, mero ritual, no início da sessão. E a noite, nos cultos, há mensagens de pregadores *convidados* pela mesa diretora. Algumas convenções estaduais já realizam os dois eventos: Convenção e EBs, separadamente.

*A politização da CGADB*<sup>376</sup>. Além da *politização interna*, há um dado novo que é a sua *politização externa e partidária*<sup>377</sup>. Desde a Constituinte de 1988, houve não somente nas ADs, mas no meio evangélico em geral, uma alteração em relação à postura do fiel enquanto ator social. Saiu de uma minoria com “mentalidade sacral” (Rolim, 1979, 1980) para integrar um grupo com uma bancada política visível, mas estigmatizada<sup>378</sup>. Nada mais óbvio, portanto, que essa politização do país (nova Constituinte), tenha também “politizado” as ADs.

Conquanto haja suspeição e muito preconceito contra a atuação dos evangélicos, particularmente dos pentecostais na política brasileira, em análises ideologizadas

<sup>375</sup> Por que a *Comissão de Temário* não inclui nos debates da Convenção o tema “invasão de campo”? Antes era “apenas” a Madureira que invadia o campo, agora isso é uma prática generalizada. Um pesquisador amigo me procurou em certa ocasião para relatar que, ao passar em uma rua em SP, leu uma placa com o nome *Assembleia de Deus Ministério de Santos*. Pergunta: “Um erro ortográfico, pois não seria Ministério dos Santos? E por que bem próximo havia outra *AD Ministério de Taubaté*? Mas não estamos em SP? Por que uma igreja do interior abre uma filial na capital?”

<sup>376</sup> A referência é feita a CGADB, mas é recorrente nas demais Convenções Estaduais. O que explicaria por que nos dias 07 a 10/03/2012, aconteceu na AD de São José dos Campos, igreja liderada pelo Pr. Philipe João Câmara, filho do Samuel Câmara, a 202ª. AGO da CEADER. Por que uma convenção de igrejas do Rio de Janeiro se realiza em SP? Os nomes das convenções dizem muito... (ver anexo I).

<sup>377</sup> Diversos pesquisadores, sobre diferentes aspectos, analisaram essa participação política das ADs nos últimos anos, desde Freston 2003, 1994; Burity & Machado, 2006; Baptista, 2009.

<sup>378</sup> Conquanto a eleição de um deputado federal, estadual ou vereador membro das ADs não implica automaticamente que ele seja um “deputado assembleiano” como a imprensa e algumas pesquisas computam de forma compulsória. Benedita da Silva e Marina da Silva, ambas assembleianas, mas suas eleições e atuações nunca estiveram ligadas a igreja. Alguns pesquisadores indicam diversas distinções entre participação política e atuação dos parlamentares em diferentes igrejas e Ministérios. Campos (2006) elaborou uma tipologia distinguindo “políticos evangélicos” e “políticos de Cristo”, no mesmo livro, Machado, Miranda, Oro e Burity (2006) dão importante contribuição à problemática.

contaminadas, senão no todo, elas têm suas razões. Essa atuação tem vícios e acidentes poucos favoráveis, a imensa e suspeita mudança de partidos e a oscilação dessa representatividade, uma demonstração de sua fragilidade ética. Ademais, sua participação política foi de um extremo ao outro: de um absoluto alheamento para um surto teocrático.

Como já indicado, essa convenção é uma das convenções, e ao se politizar com um projeto nacional (sem entrar no mérito e validade do mesmo<sup>379</sup>) ela disputa com as demais; nas lutas por espaço geográfico dos subcampos assembleianos onde “naturalizou” a invasão de campo; nas disputas por bens simbólicos como construção de templos; na implantação de seminários/faculdades; envio de missionários para o exterior<sup>380</sup> e, principalmente, na inserção dos Ministérios na mídia. Caso a CGADB fosse uma única convenção de toda a Igreja no país, teria muito mais poder de articulação e peso social. Conquanto, tanto para o país como para a denominação, os riscos seriam bem maiores.

A *politização externa* é articulação da cúpula e não da Igreja<sup>381</sup>. Evidentemente que o discurso legitimador são “os interesses” da Igreja – algo que calou forte na época da Constituinte em 1988, e no presente na luta contra o aborto e a questão gay. Majoritariamente, os assembleianos, como os brasileiros em geral, têm os mesmos valores morais, mas isso não implica em automático alinhamento da membresia com a liderança, pois em 2011 houve uma campanha oficial da CGADB, por parte de Silas Malafaia e outros líderes evangélicos contra a eleição da Dilma Rousseff no segundo turno, mas não surtiu o efeito esperado. Havia dissenso entre os membros. Portanto, textos e reportagens “AD vai apoiar o candidato X”, para ser mais próxima da verdade, deveriam ser “A direção da Convenção X ou do Ministério Y vai apoiar candidato Z”.

### **As disputas entre os grupos de poder chegaram aos tribunais.**

Convenção, desde a primeira, foi espaço de debates e tensão. A diferença é que, mal ou bem, tudo se resolvia internamente, no princípio de reciprocidade dos irmãos.

<sup>379</sup> O projeto *Cidadania AD*, na teoria é um primor, mas ainda não conseguiu imprimir alguma marca cidadã na prática política assembleiana que possa ser apontado. Em 2003, na AGE, foi lançado o *Projeto Ler é Viver*, objetivando a “erradicação do analfabetismo” (Daniel, 2004:666), mas até o momento não viu algum resultado objetivo. No MP de janeiro de fevereiro de 1947, tem artigos de apoio à “Campanha contra o analfabetismo” um projeto da *Confederação Evangélica Brasileira*.

<sup>380</sup> Em diferentes momentos, em distintos lugares missionários/as do Ministério X se estranharam com missionários/as do Ministério Y nos no exterior. E a SENAMI não tem poder de decisão sobre o envio e retorno dos mesmos. E mesmo até quando há amizade e consenso dos missionários no exterior, eles não podem trabalhar juntos, pois como enviados por seus Ministérios, para abrir igrejas financiadas pelos mesmos, estes precisam, como no Brasil, ser “concorrentes”.

<sup>381</sup> Um aspecto profundamente complicador do projeto político é que, segundo versões que não consegui documentos para confirmar, um pastor ao se candidatar deveria entregar a igreja. Portanto, ninguém poderia exercer um mandato político simultâneo ao exercício pastoral. Mas isso somente funcionou para alguns e no início. Figuras de sobrenome importante no momento são parlamentares e se mantêm na presidência de Igrejas e Ministérios.

Agora não mais. Se as urnas do TRE são requeridas para dar alguma credibilidade aos processos, agora os resultados e decisões têm sido levados ao arbítrio do Estado. Mandatos de segurança, denúncias na justiça, pedido de cancelamento, etc. No ano de 2012, a AGE da CGADB, que deveria ter acontecidos nos dias 4 a 9 de junho, em Maceió- AL, foi interrompida por “posturas impróprias de alguns convencionais”. A nota publicada no site da AD em Maceió, e repercutida em diversos sites assembleianos, diz o seguinte:

“Presidente conclui evento, antes para não macular a Igreja em Maceió; poucos pontos foram discutidos.

**Rio Largo, AL** – Por orientação do corpo jurídico da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGABD) e seguindo as prerrogativas que são impostas, como base no estatuto da Igreja, o pastor José Wellington Bezerra da Costa, presidente da instituição, encerrou os trabalhos da Assembleia Geral Extraordinária (AGE), em Alagoas, mais cedo. Ante mesmo de começar a plenária desta sexta-feira (08) e imediatamente após o momento devocional (...), o presidente fez a conclusão e explicou que a atitude estava sendo tomada para evitar, de novo, posturas impróprias de alguns convencionais.”<sup>382</sup>.

Aqui se decidiu a partir dos “Estatutos” e de um “corpo jurídico” - não se cogitou consultar o Espírito Santo? “Posturas impróprias”? Quais? Como? De quem? De qual grupo? Esse fiasco da AGE<sup>383</sup> é uma concreta demonstração da imensa dificuldade dessa elite assembleiana no lidar com todos os subprodutos decorrentes de seu gigantismo: exacerbação institucional, politização da liderança, burocratização jurídica... Muito sintomático que, no site da CGADB, além da listagem de inscritos, absolutamente nada mais foi publicado sobre o que aconteceu. E no MP, nº 1.526, de julho de 2012, com reportagens sobre essa AGE, a manchete principal é “CGADB opõe-se a ataque à família tradicional”, e nas páginas 3, 4 e 5 nova manchete “Convenção Geral marca oposição à agenda do liberalismo social no Brasil” e nenhuma palavra sobre o porquê dela ter terminado antes do previsto. Informa-se também que a “CGADB publicará, nos principais jornais do país, documento oficial se opondo ao ‘casamento’ gay, legalização de drogas, aborto e eutanásia”. As ADs têm “a” resposta única, correta e divina para a família, sociedade e o Estado, mas não sabem como fazer uma reunião de pastores com o mínimo de civilidade. E também não tem a honestidade

<sup>382</sup> <http://www.adalagoas.com.br/licoesBiblicas/?vCod=7898&idioma=pt>, acesso 27.06.2012

<sup>383</sup> São muitas as versões na internet, inclusive vídeos. Pessoas que estiveram presentes também me deram versões distintas, portanto, me restringirei às informações oficiais do site da CGADB (risíveis são as inúmeras “interpretações espirituais” dos internautas). Foram 2802 inscritos, 434 inscrições canceladas, portanto, 2368 convencionais participaram. Como essa, outras atividades da CGADB nesses últimos anos se tornaram um palco de guerra entre os grupos do José Wellington e Samuel Câmara é muito sintomático que das 50 Convenções Estaduais presentes, 40 delas tenham inscritos 516 pessoas, e os 1852 presentes sejam de apenas 10 Convenções. Por exemplo, a CONFRADESP (Convenção do Ministério do Belém – SP), levou 309, a CIMADB (Ministério da Igreja Mãe-Belém), 356 e a CEADAM (Ministério de Manaus, liderada pelo Pr. Jonatas Câmara), 504 inscritos. Os grupos se articularam para a participação na AGE, portanto, denúncias de fraude nas inscrições e sub-representação nas comissões são o mínimo em uma disputa com esse acirramento. Faltou apenas um cadáver.

dos antigos MP em que se publicavam os resumos das reuniões e até artigos com posições distintas dos seus membros<sup>384</sup>.

### **A geopolítica da CGADB**

Computar as cidades/igrejas onde aconteceram as AGE e AGO durante todos esses anos é uma forma didática de entender os sistemas geopolíticos das entranhas dessa igreja; uma igreja que recebe uma convenção dá uma demonstração de poder econômico e, mais ainda, de poder político da liderança. As reuniões convencionais são realizadas em cidades onde têm ADs fortes, com lideranças articuladas e, nas duas últimas décadas, somente onde os líderes estaduais são amigos do José Wellington. Fazendo justiça a atual diretoria da CGADB, essa *politização geográfica* não nasceu agora. A primeira Convenção, em 1930, como já indicamos (no ponto 3.4 –g), aconteceu em Natal porque o manifesto de convocação foi realizado por pastores locais. Por que, ao longo dos anos nenhuma CGADB aconteceu no templo sede de Madureira?<sup>385</sup>. Desde a Convenção de 1977, em Recife, por causa de seu agigantamento, se decidiu realizá-la em espaços profissionais de centro de convenções. Qual templo das ADs teria condições mínimas de hospedar e realizar reuniões com mais de 17 mil participantes, como na Convenção de 2009, em Vitória-ES? Mas a seguinte foi no templo das ADs em Campo Grande-MS, igreja do primeiro vice-presidente da CGADB.

Em 25 de agosto de 2011, os pastores Samuel Câmara e Gilberto Marques de Souza, respectivamente presidentes da *Convenção da Igreja-Mãe da AD -CIMAB e Convenção dos Ministros e Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Estado do Pará – COMIADEPA*, ambas do Pará, enviaram cartas ao presidente da CGADB informando do acordo entre as duas convenções de oficializarem o convite para que a próxima AGO, da CGADB, em 2013, seja realizada em Belém. Algo absolutamente inusitado, senão vejamos a análise que Geremias do Couto fez em seu blogue<sup>386</sup>:

Essa foi a notícia menos esperada do ano em âmbito assembleiano. Mas acabei de recebê-la por email nesta madrugada, com os fac-símiles das cartas-convite. Por muitas razões que não precisam ser comentadas, acredito que a maioria dos pastores, senão todos, não tinham condições de admitir tal possibilidade. Mas aconteceu.

<sup>384</sup> São diversos os momentos em que são publicados artigos distintos contra e a favor de algo. Por exemplo, no Boa Semente, antes de 1930, há posições distintas a favor da existência de uma Convenção; ao longo dos anos, diversos pastores se pronunciaram contrários e favoráveis à oficialização de institutos bíblicos. E, em 1946, o Pastor Antonio Ferreira escreve 4 artigos com o título “Como era diferente”. Um profundo lamento de que as novas convenções ficavam apenas discutindo artigos e estatutos, bem diferente dos primeiros encontros onde havia oração e manifestação do Espírito Santo.

<sup>385</sup> Depois da traumática divisão em Fortaleza, em 1962, nenhuma CGADB poderia ser feita lá, pois privilegiaria um dos dois ministérios em litígio.

<sup>386</sup> <http://geremiasdocouto.blogspot.com.br/2011/12/convencoes-paraenses-pedem-cgadb-em.html> acesso 10.07.2012. texto escrito em 10.12.2011.

A CIMADB (Convenção da Igreja-Mãe) e a COMIEADEPA (Convenção do Estado do Pará) se articularam entre si e formalizaram convite à Mesa Diretora da CGADB para que a próxima Assembleia Geral da CGADB em abril de 2013 seja realizada em Belém. E agora? Como a Mesa Diretora decidirá? Afinal, o óbice que poderia existir - a falta de apoio de um dos lados - já não prevalece. Ambas as convenções concordam e apoiam. Vamos aguardar os próximos desdobramentos

Com todas as antigas rixas agudizadas na AGE de 2012, já se forma o palco de lutas para a próxima AGO da CGADB em Brasília, em 2013, pois a CGADB rejeitou o convite de Belém. Samuel Câmara já oficializou mais uma vez sua candidatura, algo que o MP de setembro de 2012 publicou com aviso – e nunca na história dessa igreja isso tinha acontecido – que alguém poderia impugnar. E a “eleição” também já chegou à TV Câmara no seu programa *A Voz das Assembleias de Deus*, que em um bloco especial chama atenção de que, nos anos anteriores, havia alternância de presidentes de diversos estados, mas o atual, em 2013, vai completar 25 anos de presidência e, assim, convida os pastores para se inscreverem e votarem pela “renovação”. O nível de animosidade entre os grupos e subgrupos onde as desavenças chegaram aos tribunais<sup>387</sup> e às lutas corporais, talvez nunca tenham sido tão acirradas quanto no presente. Falta apenas – se é que já não existe – um cadáver.

### 5.7 - “TEMPLO – SHOPPING”: conforto, compras e celebração.

As exigências atuais da construção civil alcançam também os templos, conquanto nas periferias e regiões interioranas pouca coisa tenha mudado, há uma diferença abissal na construção dos templos-sede de Ministérios nas metrópoles. Antes tínhamos o *templo-casa*, na década de 1950 em diante; os *templos-pensão*, a partir do final de século passado, e muito mais recentemente os *templos-shopping*. Apesar da indicação cronológica, esses três modelos de templos são concomitantes. Os *templos-shopping* se distinguem dos demais em três aspectos: a nova membresia assembleiana em ascensão social exige o mínimo de (1) *conforto*, com seu aumento de renda tem mais possibilidade de (2) *compras* e, em processo de racionalização, a (3) *celebração* litúrgica se profissionalizou<sup>388</sup>.

#### a) Conforto.

Quais e quantos assembleianos tinham automóveis na curva de tempo que compreendia as décadas de 1910 a 1980? No início possivelmente nenhum, depois poucos. Pouquíssimos. Nada muito diferente das estatísticas brasileiras de consumo nas

<sup>387</sup> Correa (2012:178) relata a luta judicial, dentre outras, do Pastor Jabes Alencar e seu grupo do Ministério Bom Retiro, em 2007, para participar da AGO, para votar no Silas Malafaia e Samuel Camara.

<sup>388</sup> Essa minha construção metafórica é devedora da argumentação que Leonildo Campos (1999) faz da IURD no tripé de “Teatro, Templo e Mercado”.

classes C e D. Já o assembleiano de terceira geração tem carro, portanto, um dos elementos fundamentais na decisão de ir ou participar de uma igreja é o *estacionamento*. Da mesma forma como é impossível um shopping sem estacionamento, o mesmo se diz de um megatemplo em uma grande cidade. Mera questão de legislação urbana<sup>389</sup>, prédios não podem ser construídos sem estacionamentos, mas nos templos isso toma outra conotação; vai fazer parte da *mudança da identidade assembleiana* (questão a ser debatida no 5.8).

Os templos assembleianos mudaram pouco nessas décadas, continuam periféricos, simples e próximos de sua membresia, ainda paroquiais (exemplo de “dominação *territorial* hierocrática”); a verdadeira grande mudança aconteceu nos *templos-sede*, na estética e na sua estratégica localização<sup>390</sup>. Esse megatemplo agora não é mais extensão da casa, não é espaço de acolhimento urbano, solidário e terapêutico, ele é um (dos) ambiente macro, impessoal, mecanizado, higienizado, ritualizado, artificializado – para ser visto na TV<sup>391</sup> – e pode ser frequentado igualmente como o supermercado, rodoviária, aeroporto, posto de gasolina ou shopping. O templo-shopping é um *não-lugar* (Passos, 2005:67) por ser marca de impessoalidade. No *templo-casa* quando alguém falta por doença, desinteresse ou abandono, é imediatamente notado por toda a comunidade, e esse é procurado, porque no *templo-casa* o participante é membro; no *templo-shopping* é plateia anônima, mero assistente.

Sintomático que alguns Ministérios também chamem suas sedes de *Catedrais*, consoante ao modelo católico, pois elas são o centro do poder, onde, coincidentemente, está o bispo, na versão assembleiana o seu correlato pastor-presidente. Construídos como demarcadores da força do caixa do Ministério, precisam de todo o conforto possível e imaginável, visto que além da camada que gravita em torno do presidente, lá sua membresia é “gente diferenciada”. A nova moda é que os templos-sede sejam agora *Centro de Convenções*<sup>392</sup>. Em uma demonstração de racionalidade econômica, pois são espaços multiusos com toda infraestrutura para shows, convenções, celebrações e solenidades. E, dependendo do dia e da plateia, dá para realizar muitas coisas em um espaço desses. Até cultos.

<sup>389</sup> Isso e muito mais. Daí, planejamento de escoamento de trânsito, sinalização nas redondezas, no prédio, guias rebaixadas para deficientes físicos, câmeras de segurança patrimonial, faixas de pedestres nos cruzamentos. Tudo o que é exigido de qualquer prédio é também exigido de um templo. Ainda mais de um megatemplo.

<sup>390</sup> Almeida (2009:56) frisa bem que a localização dos templos da IURD tem uma “estratégia espacial”.

<sup>391</sup> Medida as proporções é distância entre o carnaval de rua e um desfile de escola de samba, cronometrado como espetáculo para a TV.

<sup>392</sup> No Centenário, em Belém, em 2011, foi construído um Centro de Convenções da Igreja-Mãe.



### b) Compras.

A construção de um shopping exige milhões de reais, e por ser um empreendimento que exige muito investimento, não pode ser subaproveitado ou ficar ocioso durante dias (ou mesmo horas), assim, à exceção do dia 25 de dezembro e 1º de janeiro, em SP, eles funcionam diariamente em um expediente de 10 horas. Ademais, o conceito de compras é múltiplo e amplo: não se vai comprar o que se precisa, vai se conhecer o que se precisa comprar; é um espaço para gerar necessidades, daí ele *precisar* ter de tudo. Absolutamente tudo. Então, não seria um exagero falar em templo-shopping, pois não há um abismo entre os modelos operacionais de ambos.

A centralidade dos novos templos não é compra, mas inexoravelmente isso agora faz parte de sua natureza. Porém os templos podem – e devem – estar em zonas de comércio, ruas onde outros bens de consumo são mais visíveis, pois, afinal, um produto religioso é um dos itens desse consumo. O *templo-sede* não é simplesmente um templo (shopping é muito mais do que um local de compras, é símbolo<sup>393</sup>), ele um “*edifício símbolo*” (Abumanssur, 2004:12): significa tudo o que o Ministério em questão é ou pretende ser. É um símbolo político, econômico e, principalmente, burocrático, pois, é lá onde está o pastor-presidente e seus afilhados<sup>394</sup>. A lógica da construção é um subproduto da lógica institucional como demonstração da riqueza do Ministério<sup>395</sup>, pois há uma concentração compulsória de toda renda do Ministério no caixa central. O templo-sede é rico, majestoso, com uma boa infraestrutura, enquanto as congregações que patrocinam esses projetos faraônicos são pobres, com pouca ou nenhuma infraestrutura<sup>396</sup>.

É também um espaço de compras, porque cada Ministério agora tem seus produtos: livros, mensagens, CDs, DVDs, etc. É fundamental ter *seus próprios bens de consumo*, pois, se não tiver, a clientela vai comprar na concorrência.

### c) Cerimônia.

No *templo-shopping* não tem culto exatamente, tem *cerimônia*; tem *culto show*, como sua equivalente *missa-show* (Faustino, 2006:76). O culto é informal, de participação paritária, sem etiqueta e protocolo, indistinto nos cânticos, orações,

<sup>393</sup> Em São Paulo, por exemplo, há uma grande diferença entre shoppings como o *Interlagos* e o *Iguatemi*. Suas localizações, os tipos de lojas, o nível de conforto oferecido ao cliente, etc, tudo isso indica exatamente a *identidade* da clientela.

<sup>394</sup> Algo que não acontece, por exemplo, no templo onde oficia um bispo metodista, pois seu mandato é temporário. Já o pastor-presidente nas ADs é vitalício, como na Católica.

<sup>395</sup> “A arquitetura dos templos (é uma) demonstração da prosperidade da Igreja (...) alterando a orientação inicial da igreja” (Fernandes, s/d:300).

<sup>396</sup> A IPDA é o maior exemplo dessa concentração de renda, pois construíram um prédio em SP, com um “altar” blindado para o “grande irmão”, enquanto todos os demais templos periféricos estão ainda (e vão continuar) em salinhas feias, pequenas e paupérrimas. Alguns Ministérios assembleianos não tem uma sede parecida com a IPDA, mas os templos das congregações se parecem.

testemunhos, sem cerimonialismos e, principalmente, sem distinção entre clero e membresia. A cerimônia, ao contrário, implica burocratização e profissionalização; separação implícita e explícita entre produtores e consumidores; entre o clero produtor e *monopolizador dos bens de salvação* e uma clientela assistente que não tem nenhum poder de alteração sobre a primeira – mesmo sendo pagante. Campos (1999:73) analisando o *templo-teatro* da IURD afirma que, “no lugar da pregação ética repressiva, como acontece na IPDA ou na AD, colocou-se, como eixo litúrgico, o estético”. Pois então, no *templo-shopping*, o estético agora vale tanto ou mais que o ético, pois a cerimônia não é um culto simplesmente, é um “espetáculo”, um “teatro”, como o Carnaval no Sambódromo; não é mais uma manifestação popular e improvisada, mas um show para a TV. Daí a distância entre um culto corriqueiro e um culto gravado e Filmado. E isso implica em duas outras questões: a música e a mensagem são gravadas para serem vendidas, e a câmara altera o comportamento religioso. Esse é um dos aspectos em que se dá a “urdização”<sup>397</sup> das ADs (vamos voltar ao tema no ponto 5.9).

Essa distinção, apesar do exagero, pode, sim, ser verificada em um culto rotineiro da semana feito *por* e *para* os congregados: é um culto deles, pois é um culto feito por eles. Conquanto a “informalidade” assembleiana seja ritualizada e ainda absoluta no *assembleianismo rural*, pode acontecer alguma anarquia litúrgica nos “montes de oração” (ponto 5.4.- b), exatamente por estarem fora dos controles da igreja, mas os cultos tem rito. Um “rito frouxo”<sup>398</sup>, mas rito. Qualquer um canta, dá testemunho e todos – literalmente – participam dando gritos de “aleluia” e “glória a Deus”, etc. Anárquico, mas anarquicamente ritualizado e controlado. Já a cerimônia do templo-shopping tem significativas mudanças. Primeiro, há uma *burocratização simbólica e eclesiástica*. Nesse espaço cada vez mais os produtores e consumidores se distanciam. Aqui há bandas, conjuntos (vamos falar da música no próximo item) e, principalmente, há uma *fala oficial*; há um controle da pregação e dos pregadores. Para além do folclore da cadeira do presidente, as demais cadeiras no púlpito (o espaldar da cadeira indica algo) e suas localizações são indícios de poder – falam muito sobre *quem* pode e deve ali se sentar. Não é, portanto, coincidência que, nas grandes festas, nos cultos-cerimônias, a primeira dama do Ministério esteja sentada ao lado do presidente<sup>399</sup>.

<sup>397</sup> “Podemos imaginar que o sucesso da IURD contamine todos os demais grupos pentecostais e o protestantismo histórico, e provoque uma “iurdização” desse campo ou pelo menos de algumas de suas partes” (Campos, 1999:473).

<sup>398</sup> Holanda (1999:151) diz que o Brasil é um país de “rito frouxo” com “aversão ao ritualismo”, assim, até nossos “ritos” são informais.

<sup>399</sup> Nos congressos, convenções etc., na CONAMAD, se tornou um “rito” um desfile triunfal dos presidentes ao lado de suas esposas, que por sua vez se assentam em um local especial no púlpito. No *Ministério do Belém*, somente Wanda

Segundo, há uma *profissionalização da música*. Nada mais característico em um culto assembleiano: há conjunto de crianças, de jovens, de mulheres, e solos, os mais diversos, com as mais distintas músicas. A liturgia assembleiana tem duas etapas: uma absoluta, outra flexibilizada. Na primeira parte o culto apresenta o seguinte: oração de abertura, três hinos da HC (exclusivamente da HC), leitura bíblica e nova oração. Esse é o “núcleo duro”, que jamais pode ser alterado. Depois disso vem a liturgia flexibilizada, pois mesmos nos grupos mais conservadores pode, sim, ter pequenas alterações. O culto continua, então, com um “hino avulso”<sup>400</sup> do conjunto das senhoras, dos jovens, ou das crianças ou ainda do coral, intercalados por solos e/ou testemunhos ou palavras dos obreiros. A liturgia absoluta tem mais dois tópicos impossíveis de serem mudados: o ofertório e o apelo. Afinal, essa é a grande função do culto: a “conversão”

Como indicado no tópico “compras”, os templos-sede, além de igrejas, são também o escritório central dessa nova empresa capitalista; seu principal ponto de vendas. Daí o domínio da indústria fonográfica na escalação de cantores, cantoras e grupos para congressos e festividades dessas igrejas<sup>401</sup>. Duas mudanças consideráveis aconteceram: primeiro, não se cantam mais hinos da HC, mas os *hit* da moda. No *templo-casa* todas as pessoas podem “pedir um hino” para ser cantado pelo grupo (hino de sua conversão e que vive com ele há anos), mas agora, no *templo-shopping* o grupo de louvor (semi ou profissional, mas oficial) já vem com as músicas decididas, escolhidas pelo grupo. Ou pela gravadora. Segundo, é absolutamente impossível que, numa dessas solenidades, algum irmão ou irmã anônimo tenha oportunidade de cantar, pois há o risco de se cantar algo da concorrência – atraindo público para o artista gospel dos outros. Hoje existem os profissionais da música, os “ministérios de louvor”<sup>402</sup>, “levitas” ou “adoradores”. “Adoradores” contratados pela empresa. Como consequência natural há a exigência de mão-de-obra especializada e técnica, longe do improvisado e voluntarismo das congregações<sup>403</sup>.

---

Freire está sempre sentada ao lado do marido (no Brás, idem), e, pelas fotos do MP, isso está se tornando um modelo para o restante do país.

<sup>400</sup> Todos os hinos e músicas que não constam no hinário oficial – HC, são chamados de “avulsos”

<sup>401</sup> Em todas as divulgações de eventos, além das informações óbvias de datas, local, horário, menciona-se os nomes dos “cantores/as”, pois além de atrair o público, a menção a seus nomes implica em patrocínio implícito ou explícito da indústria fonográfica no evento. Isso acontece em todos os eventos da CPAD, com os “adoradores da CPAD Music”, até as mais simples e remotas festividades pelo país.

<sup>402</sup> Aqui é necessário também a distinção entre “ministérios de louvor”, como atividade orgânica de uma igreja e alguns “Ministérios de Louvor” independentes que funcionam como “empresas de adoração” comercializando seus próprios produtores. E evidentemente com ampla concorrência entre os grupos.

<sup>403</sup> Técnicos de som, operadores de TV e vídeo, *web designers*, assessores de imprensa e jurídico, administradores do patrimônio, etc., como diria Durkheim, quanto maior o nível de modernização, maior a “divisão social do trabalho”.

### *Simultaneidade dos templos e simultaneidade dos assembleianismos.*

Apesar da importância econômica e simbólica do *templo-shopping*, o *templo-casa* ainda existe. E muito. O *templo-pensão* é que está perdendo força, porém presente nas convenções estaduais, e ainda em funcionamento em muitos lugares<sup>404</sup>. Como indicado no tópico Convenções, os obreiros em geral agora podem custear suas próprias despesas de hospedagem, e a necessidade extremada que havia de ir à cidade grande para resolver problemas de saúde ou relativos à documentação, são hoje resolvidos facilmente em qualquer cidade pequena. E, por fim, os Ministérios que não se “modernizam” perdem terreno dentro da *teologia da competência*. Esses tipos ideais de templos, portanto, existem concomitantes aos modelos ideais de assembleianismos, sendo assim, majoritários o *templo-casa* no *assembleianismo rural* e, em seu extremo oposto, o *templo-shopping* no *assembleianismo urbano*. O *templo-pensão*, indicado no processo de transição dessa igreja, está presente em outros modelos de igreja também em transição.

#### TEMPLOS - Síntese e comparação dos três períodos

	1º. PERÍODO	2º. PERÍODO	3º. PERÍODO
	TEMPLO-CASA	TEMPLO-PENSÃO	TEMPLO-SHOPPING
Época	Desde as primeiras décadas até hoje; mundo rural	A partir da década de 1950, e, timidamente, ainda sobrevive	A partir da década de 1980
Localização	Na periferia	Na periferia do centro	Grandes avenidas
Dimensão	Pequenos	Médios	Grandes
Equivalência católica	Paróquia	Diocese	Santuário – Catedral
Aspectos internos	Apenas os prédios e os bancos para sentar. Não tem som, sanitários e salas de aula.	Ainda com bancos para sentar, tem sanitários, salas administrativas e dependências de hospedagem para obreiros do interior.	Não tem bancos, mas cadeiras estofadas. Sanitários, circuito de TV, salas administrativas, segurança (terceirizada), estacionamento.
Aspectos externos	Desde o início, a arquitetura é simples e plural, nunca teve um padrão (como a CCB)	Clássicos. Torre, nome e versículo. Alguns bem antigos outros mais modernos.	Estilo arquitetônico moderno
Características teológicas e ideológicas	- pobre e simples; - a membresia é de gente do mesmo espaço geográfico do templo (são paroquianos ainda hoje); - todos se conhecem no templo e nas suas residências; - marcada pelo familismo; acolhimento familiar; - coesa e homogênea tanto teologicamente como socialmente; Nenhuma ou pouca distância	- O templo-sede tem duas centralidades: o pastor-presidente e a tradição do Ministério; - Ao longo dos anos o perfil vai se delineando por causa do líder; - gradativamente vai se “modernizando”, pois a membresia vai ascendendo socialmente; - igreja ainda homogênea - acolhimento institucional; - camadas distintas e	Primam pela impessoalidade e assepsia; Plural – pode no mesmo espaço ter produtos distintos; Infraestrutura: estacionamentos, sanitários, berçários, livreria, etc. - A clientela é quem manda - desterritorialização das comunidades; Profissionalização do louvor e som e demais áreas técnicas; Administrações racionalizadas

<sup>404</sup> E não apenas no Nordeste, durante a pesquisa, no dia 26.07.2012, eu estava em um Templo Sede, na Zona de Sul de SP, quando um ônibus do interior de MG chegou e os irmãos foram recebidos com alimentação e, segundo me contaram posteriormente, ficaram lá hospedados. Vieram para uma atividade da igreja, mas também aproveitariam a viagem para resolver questões particulares em SP.

	entre clero e laicato	divergentes; -diferenciação entre clero e leigos;	
Peculiaridade s: os interditos dos lugares	Ainda mantém homens e mulheres separados	- lados extremos ainda separados, mas nas fileiras centrais se misturam;	- Não há nenhuma separação Os prédios devem estar localizados em região de grande fluxo de trânsito; metrô, estação rodoviária, etc. Culto televisionado
Centralidade	<i>Culto anárquico:</i> - Palavra de todos em paridade - idem, testemunhos e louvores.	<i>Culto da ordem:</i> - sequência litúrgica - rito de reforço (Da Matta) - monopolização dos bens de salvação: produtores & consumidores.	<i>Culto espetáculo</i> Como o carnaval, que deixou de ser uma festa de rua, do povo, para ser um show para TV. Mecanizado, cronometrado, etc.

### 5.8 - IDENTIDADE ASSEMBLEIANA PENTECOSTAL BRASILEIRA: 3ª. FASE.

Então, ao invés de falarmos de *rupturas e continuidades*, talvez seja mais próximo da realidade social das religiões no Brasil falarmos de “*circulação e flexibilidade*” desses religiosos, isto é circulação de ideias e práticas religiosas para além das fronteiras institucionais, e flexibilização no vínculo institucional (Almeida, 2006:112, grifo nosso).

Se a “teologia do sofrimento” nasce dentro do contexto da escatologia, a “teologia da disciplina” surge dentro de um processo de tradicionalização, a “teologia da competência” surge em meio a muita competição individual e coletiva, micro e macro, interno e externo. É uma *competência* para competição, pois o *sofrimento* indicava que o mundo era contra ele, a *disciplina* o distinguia do mundo, a *competência* agora o habilita a viver no mundo; e ganhar a luta, porque agora os múltiplos *assembleianismos*, perpassando todos os territórios e ocupando todos espaços, estão em disputa muito mais entre eles do que com outros grupos religiosos.

#### a) “Teologia da Competência”<sup>405</sup>

Ufanistas, com alguma razão, foram alçados à condição de maior igreja evangélica no Brasil. De 20 pessoas em 1911 a 12,5 milhão em 2011. O ufanismo exacerbado se manifesta no exagero histórico (e não comprovado) de se declarar “a maior AD do mundo com 22 milhões de membros em 2009”<sup>406</sup>. De forma pendular, saem do extremo de minoria, para o de maioria. “Cem anos de Vitórias”, “Geração do

<sup>405</sup> O conceito de “competência” é usado por Weber (1991:131 e 1998:142) na sua explicação da dominação racional legal. E ela se manifesta na racionalidade burocrática das delimitações da jurisdição da “autoridade institucional” de empresas privadas, Estado ou Igreja. (198:143).

<sup>406</sup> Essa cifra é uma “estimativa” das AGs, reproduzidas pelo pastor Antonio Mesquita, no seu blogue Fronteira Final, mas no mesmo *post* questionada pelo Pr. Mark Lemos, americano, que diz o seguinte: “*Esses números que você cita são das A/D dos E.U.A. que por sua vez foram dados a eles não sei por quem na base do chutômetro, sem nenhum fundamento estatístico. Pessoalmente acho esses números de 22,5 milhões (11% da população brasileira, 1 em cada 9 Brasileiros) muito longe da realidade. Enfim, as ADs no Brasil, informam os números as AGs, e depois, usam ufanisticamente a “informação americana”*”

<http://fronteirafinal.wordpress.com/2011/07/02/assembleia-de-deus-brasil-maior-do-mundo/> acesso 20.04.2012.

Neste campeonato de exageros e deslumbres, Silas Malafaia foi insuperável. Apesar de elogiar o trabalho do IBGE, indicou que o número de assembleianos era bem maior que o indicado, pois, segundo ele, as “ADs têm 100 mil (sic) templos no Brasil”. (programa *Fala Malafaia*, Rede Bandeirantes, dia 08.07.2012)

centenário: cem anos de conquistas!” (essa era uma das faixas na celebração do Centenário em Belém, em 2011). É uma demonstração de competência. E esse elemento vai permear todos os itens deste capítulo, que serão resumos do que já foi falado e do que ainda será analisado nos próximos itens.

“Competência” é um processo de racionalização manifestada em “qualificação profissional”, “documentação de processos”, “em hierarquias”, etc. Portanto, isso vai aparecer na mídia desde 1917, na articulação apologética da fé pentecostal na publicação de um jornal, também na implantação de EBDs e EBs em um momento do país com ainda altos índices de analfabetismo; nas mulheres que têm oportunidade de falar nas igrejas e escrever no jornal, quando ainda não são cidadãs com direito a votar no país; articulam-se instâncias de poder (tanto em nível local, como estadual e nacional) democráticos onde todos, em paridade, votam e são votados; vão se estabelecendo templos nos mais diferentes extremos das zonas urbanas, e ali homens, mulheres, jovens e crianças se exercitam na música instrumental; desde cedo a membresia é incentivada à leitura dos textos bíblicos e, por conseguinte, apesar da pobreza, vai se firmando o hábito de leitura e investimentos em educação.

Dentro desse contexto, indivíduos e grupos, portadores de determinados tipos de conduta, originalmente de valoração religiosa, vão se autonomizando e produzindo seus próprios modelos, a partir de seus interesses. Por causa de estrutura eclesial e origem sueca, essa instituição se fragmentou e ramificou-se em diversos e diferentes grupos; são grupos parecidos, mas distanciados, portanto, em disputa interna. Grupos de interesses que, sim, podem disputar espaço geográfico com os cultos afro nas classes mais empobrecidas (Birman, 1996), mas também há grupos políticos de classe média enfrentando a concorrência de outros grupos similares (Baptista, 2009); indivíduos vivendo no mesmo patamar de pobreza (Fry, 1975), mas também emergentes urbanos em grupos assembleianos modernos (Correia, 2006).

Nesse caso, um assembleianismo polissêmico. Multifacetado. Assembleianismos mais “místicos”<sup>407</sup>, “ortodoxos”, “tradicionais”, “modernos”, “apostólicos” como oficialmente alguns se autodenominam. Há inúmeras Assembleias que mantêm o primeiro nome e a ele acrescentam alguma adjetivação, tanto geográfica como “teológica” (sendo classificadas neste trabalho como *assembleianismo autônomo* ou

---

<sup>407</sup> Existem assembleianos acreditando em quase tudo: reencarnação, anjos da guarda, horóscopo, (Fernandes, s/d, especialmente o ponto 5.7 – *Mudança, cura e revelação – apartamentos do mundo e seus efeitos no pentecostalismo assembleiano – cap. 5*)

*difuso*), o que dá oportunidade para as mais exóticas possibilidades<sup>408</sup> e até assumidas dissidências que abdicam do nome, mas fazem uma espécie de mimetismo assembleiano, produzindo assim mais do que uma polissemia, mas também uma antropofagia assembleiana. Ministérios autônomos e difusos, nascidos por essas disputas; convenções estaduais que “oficialmente” nascem para demarcar sua “pureza ortodoxa” em tese contra a falta de “doutrina” dos demais grupos assembleianos. Cada um pretende ser mais “assembleiano” que o outro, determinando-se, assim a concorrência.

**b) O ethos “regionalista” carioca & “globalizado” paulista:**<sup>409</sup>

ADs não deixam de ser “cariocas” e se tornam “paulistas”, mas o tom regional, preso a determinado espaço geográfico polarizado entre Madureira & Missão, já analisado no capítulo anterior, vai desaparecer dentro de um escopo cada vez mais cosmopolitano e global; simbolicamente, como São Paulo, a mais globalizada cidade do país. Em diferentes estados da Federal, existiam duas convenções ou Ministérios, reproduzindo a dualidade carioca, mas nas últimas três décadas houve uma pluralidade dos Ministérios (tanto por *autonomia por expansão*, *autonomia por disputa de campo*, *autonomia por disputa teológica* e *autonomia por disputa familiar*) e uma disseminação de convenções estaduais. Isso empiricamente ocasionou o seguinte: 1. Não existem mais dois Ministérios em disputa, mas vários. Relativizou a polaridade, aumentou a concorrência, mas amainou a tensão entre os grupos; 2. Não existem mais dois “caciques” (como Macalão e Canuto), mas vários; 3. Neste período, também as ADs se “globalizam” entrando na WAG (a *Fraternidade Mundial das ADs* será analisada no ponto 6.2); 4. Pela primeira vez na história dessa igreja ela tem projetos que vão além de seu mundo interno. A participação na Constituinte em 1988, o Projeto *Cidadania AD e Ler e Viver*. E, neste ano, foi lançado um projeto impensável em outros tempos: *ADs na Copa do Mundo*. Essas questões mencionadas acima serão aprofundadas em tópicos específicos.

De forma quantitativa é impossível negar o “domínio paulista” em duas questões: no número de assembleianos e na liderança. Se a região sudeste, com mais de

<sup>408</sup> Alguns nomes parecem piada, mas são verdadeiros: *Assembléia de Deus do Pai, Filho e Espírito Santo*; *Igreja Assembléia de Deus Adventista Romaria do Povo de Deus*, *Assembléia de Deus com Doutrinas e sem Costumes*. Uma das mais conhecidas, por causa da atuação de seu pastor junto à criminalidade no RJ, e pelas acusações contra o mesmo, é a *Assembleia de Deus dos Últimos Dias*, se afirmando como a mais ortodoxa entre todas, porque, entre outros radicalismos, suas mulheres usam somente uma específica roupa: uma bata comprida sem nenhum adereço ou enfeite.

<sup>409</sup> Apenas 15 cidades brasileiras têm mais de um milhão de habitantes, entre elas as capitais, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Brasília, Fortaleza, Recife, Porto Alegre, Belém, Goiânia e São Luís; e as cidades paulistas de Guarulhos e Campinas.

80 milhões de habitantes detém mais de 40% da população, São Paulo sozinho tem mais de 20% desse montante. E aqui também está o maior contingente assembleiano (Vamos analisar o crescimento assembleiano por regiões e estados, no 6.3)

Se nas primeiras décadas a CGADB foi dirigida por suecos, nas décadas de 1940 a 1980, pastores de diferentes regiões se intercalaram. No terceiro período, nasce uma “oligarquia paulista”. Apesar do aspecto personalístico que as ADs têm no Brasil inteiro, esse personalismo é multifacetado e regionalizado, pois nenhum pastor em nenhum momento conseguiu transformar essa igreja em uma única igreja no país. Ademais, não há no Brasil uma megaigreja assembleiana local, onde muitas outras deveriam convergir (por exemplo: a IPDA, a CCB). Um bom exemplo disso são os sites e os endereços dos templos. Igrejas nacionais tem um *site único* com endereços de *todos os seus templos* no país (desde a IURD a IPB), algo impossível nas ADs, por isso cada igreja ou cada Ministérios tem seu próprio site, porque também tem sua própria logomarca e sua “identidade” local. Absolutamente distintos dos sites das ADsLA e das AGs, onde se encontra os endereços do país inteiro, estatísticas, organograma, programação e atividades nacionais (Ver Anexo III).

Qual a “cara” de São Paulo; ou, mais especificamente, qual o ethos paulista? Não é exagero afirmar que São Paulo tem todas as caras do Brasil e do mundo. Uma cidade que tem a população de alguns países e gente do mundo inteiro. Plural e multiculturalista. Em São Paulo, temos um cardápio de ADs para todos os gostos. E desgostos.

### **c) Personagens: José Wellington Bezerra da Costa & Samuel Câmara.**

José Wellington e Samuel Câmara, apesar de travarem uma guerra pessoal, são símbolos de uma luta de poder muito maior, mais amplas e mais complexa se comparadas às suas desavenças pessoais.

É algo macro. No caso dos dois, por causa do Centenário, a luta se tornou mais visível. Ser o *presidente da denominação no ano do Centenário* tinha um poder simbólico e era a possibilidade de entrar para história. E os dois conseguiram: quase estragaram a festa (o centenário será analisado no ponto 6.1.).

José Wellington Bezerra da Costa (1934-), cearense, foi consagrado pastor em 1962. Era vice-presidente de Cícero Canuto de Lima (1893-1982), desde 1973, com a jubilação do mesmo em 1980, assumiu o Ministério do Belém – SP. Desde o início da década de 1980 desempenha cargos na burocracia da CGADB e CPAD, em 1987 foi



eleito o vice-presidente de Alcebíades Pereira de Vasconcelos (1914-1988) e com sua morte assumiu a presidência da CGADB. No final do mandato, em 1989, renunciou<sup>410</sup>. Em janeiro de 1990, foi eleito novamente presidente, e apesar do estatuto não permitir reeleição, se mantém na presidência desde então. Na convenção de Vitória-ES, em 2009, foi eleito com 6719 votos, e, em 2011, em Cuiabá-MT, se reelegeu novamente.

Samuel Câmara (1957- ), acreano, foi consagrado pastor em 1980. Era vice-presidente de Alcebíades Pereira, na Convenção do Amazonas, se tornando presidente após a sua morte em 1988. No início de 1997, assumiu a Igreja-Mãe em Belém do Pará, com a jubilação do Pastor Firmino da Anunciação Gouveia (1925- ). Em 2005, foi 1º. vice-presidente da CAGDB, e, em 2006, no Pará, oficializou a CIMADB e desde então é seu presidente (ver Anexo I). Na Convenção de Vitória, em 2009, teve 5.963. Foram 756 votos a menos que o Wellington<sup>411</sup>. Esses dois pastores, como todos os demais similares, são, como Moreira (1999) indica em sua análise do Brasil, um modelo de “modernização, sem modernidade”<sup>412</sup>.

### **Os projetos de “modernização, sem modernidade”**

Eles são extremamente parecidos. Nos erros, principalmente. Mesmo que neguem, com raras exceções de idiossincrasias pessoais, são idênticos. Seus estilos coincidem no modelo administrativo, no patrimonialismo familiar, na “aquisição” de igrejas e/ou convenção no campo “inimigo”; ambos são consumidos pelo poder da presidência da CGADB. Com uma pequena diferença a favor do Jose Welington, há mais de vinte anos na presidência, e nas tentativas frustradas de Câmara para derrubá-lo. Há mais uma conexão na vida de ambos: os dois são pastores-presidentes; um do Ministério do Belém, em SP; o outro de um Ministério em Belém, no Pará.

#### *1. A racionalidade administrativa eclesiástica*

Ambas as administrações, em Belém, bairro de São Paulo, e em Belém, capital do Pará, possuem um sistema de divisão de poder e racionalização de campos. Pela

<sup>410</sup> “Por motivo de saúde e contando com a possibilidade de se candidatar à presidência na Convenção Geral em 1990, o pastor José Wellington renunciou à presidência meses antes do conclave” (Araujo, 2007:225). Esse malabarismo do “motivo de saúde” é típico de jornalismo chapa branca. No final de 1988, ele conseguiu excluir o Ministério de Madureira da CGADB, depois renuncia se reelege e se perpetua no poder nesses últimos vinte anos.

<sup>411</sup> Apesar de estigmatizado como “liberal”, tendo a máquina corporativa da CGADB e força econômica da CPAC contra si, Câmara teve uma votação razoável. Fez uma campanha pesada contra o “continuismo” e estava aliado a Malafaia. A Convenção de 2009, em Vitória, merecia um estudo a parte, pois, além das urnas do TRE, teve uma prolongada luta jurídica durante e posteriormente à convenção. Diversos ministros tiveram suas inscrições impugnadas e alguns participaram da votação a partir de um mandato de segurança. O grave desse episódio é que, evidentemente, os periódicos da CPAD nada publicaram; o que temos são relatos pessoais com versões conflitantes e denúncias indecorosas que não temos como confirmar.

<sup>412</sup> Tão “modernos” quanto a IPDA em seu controle de frequência dos obreiros na reunião com o cabresto de um cartão com código de barras. É a exacerbação máxima do uso da tecnologia moderna para controle de corações e mentes. E bolsos.

grandeza quantitativa das igrejas e grande número de congregações se fez uma divisão administrativa.

Em São Paulo, há divisão de 199 setores (congregações na capital) e Campos (de A a V, igrejas no interior de SP). Cada setor é dirigido por um pastor-eetorial e cada Campo tem seu pastor-presidente<sup>413</sup>. Para além de uma racionalidade geográfica e administrativa, ela fundamental, inclusive, para controle de alguma insurreição<sup>414</sup>.

Em Belém do Pará, a Igreja-Mãe tem 555 congregações, subdivididas e controladas por pastores-coordenadores, uma espécie de “diocese”. O estatuto da igreja determina que uma *Assembleia Geral Anual*, eleja os membros da diretoria da igreja e confirme as contas, mas o pastor-presidente tem cargo vitalício, portanto, é uma espécie “congregiscopal”<sup>415</sup>. Esse sistema de igrejas-sedes e suas congregações organizadas em grupos se tornou padrão no país inteiro. Todos os Ministérios o fazem.

## 2. *O patrimonialismo familista*

Desde 1500, na famosa carta de Pero Vaz de Caminha traficando um emprego para um parente, o nepotismo marca as relações sociais brasileiras, pois, como afirma Darci Ribeiro (1995:83) “sem a prática do cunhadismo, era impraticável a implantação do Brasil” e as ADs não ficaram isentas. Algo que não aconteceu nos primeiros anos, hoje é padrão. José Wellington é pastor-presidente do Ministério do Belén-SP e da CGADB e um dos seus filhos é pastor da igreja-sede em SP, outro, do Ministério em Campinas e outro, das ADs brasileiras nos EUA (ver ponto 6.5). No Ministério de Madureira, bispo Manuel Ferreira é pastor-presidente e um dos seus filhos é presidente em SP e outro, no RJ. Já o Samuel Câmara é pastor-presidente do Ministério da Igreja-Mãe, em Belém do Pará e seu filho é pastor da sede em São José dos Campos – SP. A lista poderia ser feita de Norte ao Sul do país.

**O outsider Silas Malafaia.** No ano do Centenário, enquanto Wellington e Câmara brigavam na TV, nos Tribunais e nas Convenções, Malafaia ganhou terreno. Dos dois. Malafaia (e seu modelo de igreja) é o mais pleno exemplo de *assembleianismo autônomo*. É o pastor assembleiano mais conhecido do Brasil<sup>416</sup>, mas

<sup>413</sup> [www.ad.org.br](http://www.ad.org.br) – acesso 12.04.2012.

<sup>414</sup> Não é sem motivo, portanto, a briga entre Belém-SP e Belém-PA pela igreja em São José dos Campos. Conquanto essa igreja já tivesse uma história conflituosa de anos, em 2010 os grupos brigaram na Justiça e também brigaram fisicamente quando um grupo tentou invadir o templo e se apossar do mesmo.

<sup>415</sup> A expressão “diocese” e esse neologismo “congregiscopal” foram usados por um pastor assembleiano em Belém em entrevista. “Na região metropolitana de Belém os pentecostais ultrapassam a 18% da população” (Jacob, 2003:40).

<sup>416</sup> Ele foi o único pastor assembleiano, até o momento, a participar do Programa na TV Bandeirantes como o debatedor central (conquanto, neste caso, se explique pelos milhões que ele paga à mesma pelo aluguel de horários). E o primeiro pastor a ser alvo de uma matéria de oito páginas na *Revista Piauí* (nº. 60, setembro/2011, p. 24 a 32) e também no New York Times (25.11.2011 <http://www.nytimes.com/2011/11/26>), conquanto ambas as reportagens, apesar da pretensa isenção jornalística, não lhe são necessariamente favoráveis, e, somente na Globo, segundo

somente adquiriu esse capital simbólico na medida em que se afastou do modelo assembleiano, pois ele, para o mal ou para bem, transcende as ADs. Para deslumbre de seus seguidores e desespero de seus – muitos - inimigos (internos e externos no mundo evangélico), ele é uma das caras evangélicas mais conhecidas do país. Polêmico, conservador, rico, escritor, dono de jatinho particular, de editora, de gravadora, é “onomatopeico, careteiro e versátil no uso da voz”, segundo a *Revista Piauí*. Suas “Cruzadas” pelo Brasil levam milhares de pessoas, seus livros vendem muito, e diz, com muita satisfação, que seu Ministério movimenta milhões por ano<sup>417</sup>. A lista de inimigos parece proporcional à sua riqueza<sup>418</sup>. No *front* assembleiano, iniciou outra guerra com José Wellington, CGADB e CPAD e faz questão de divulgar isso com todas as letras em programa de TV<sup>419</sup>. Como o mais novo modelo de *assembleianismo autônomo*, vem abrindo filiais da *Assembleia de Deus Vitória em Cristo - ADVC* em todas as grandes cidades do país e arrebanhando à sua igreja muitos assembleianos “originais”. Numa peculiar “franquia assembleiana” (Correia, 2012) como exemplo ímpar da antropofagia dos assembleianismos. Mas é no mínimo estranho que a ADVC não tenha aberto uma “franquia” em SP, o principal centro financeiro e onde está o maior contingente assembleiano do país. Por que, ela “engoliria” sua congênere paulista, a *AD Bom Retiro*? Na CGADB de 2009, em Vitória - ES, era candidato a vice na chapa do Câmara, mas se elegeu com 5.843 votos na diretoria com o Welington<sup>420</sup>. Renunciou e esnobou a CGADB, porque, de fato, ele não precisa da Convenção e da própria igreja<sup>421</sup>. Logo depois, oficializou o Ministério ADVC.

Aos sábados pela manhã existem três programas assembleianos de TV na Rede TV. O “*Movimento Pentecostal*” conquanto tenha a presença do Pastor José Wellington com a legenda abaixo de seu nome “pastor-presidente das Assembleias”, não é o

---

divulgação de seu site, em 2011 já apareceu cinco vezes. Seu vocabulário “original” esbravejando: *idiota, trouxa, vagabunda, raio que o parta, tapado, ralé, irmã com os melões de fora, mané, otário, descer o porrete, baixar o pau*, etc. É algo que nunca se viu ou se imaginou de um pastor assembleiano falando, ainda mais na TV ou imprensa.

<sup>417</sup> Em seus programas fala abertamente em milhões gastos em uma “cruzada” de um fim de semana ou em um congresso de dias, e, somente no templo da ADVC em Curitiba, gastou seis milhões de reais (Revista Piauí, nº.60, setembro, p. 30).

<sup>418</sup> No plano externo seus inimigos oficiais são militantes gays, esquerdistas, ateus, jornalistas liberais, o governo Dilma, no plano interno evangélico sua briga mais espetacular, até o momento, foi com o Bispo Edir Macedo. Anos atrás ele foi o grande defensor da IURD. Mais recentemente, sua relação também ficou estremecida com o apóstolo Valdemiro Santiago, da IMPD, pois ele inflacionou o preço e lhe tomou seu horário na TV. Existem muitas histórias na internet sobre o mesmo, que não merecem credibilidade, pois são anônimas, mas as citadas foram expostas por ele mesmo na TV ou publicadas em seu site. Aliás, ele criou um site para dar sua “versão jornalística” a todas as suas polêmicas e demandas; [www.verdadegospel.com](http://www.verdadegospel.com)

<sup>419</sup> Além de programa em que divulgou sua saída da Diretoria da CGAD e defenestrou José Welinton e a CPAD, quando divulga sua revista da EBD, ironiza que “essa é mais barata, por que não preciso pagar contas da Convenção”.

<sup>420</sup> Apesar de “chapas”, os cargos da diretoria da CGADB são eleitos individualmente.

<sup>421</sup> Sua renúncia espalhafatosa com direito a programa de TV (em maio de 2010) denunciando “desmandos administrativos” e outras insinuações graves, em carta enviada à CAGDB dia 13/05/2011, recebeu uma “Nota de Esclarecimento” assinada por Wellington, no dia 17/07/2011. Essa nota estava na página inicial do site da Convenção ([www.cgadb.org.br](http://www.cgadb.org.br) – acesso 11/07/2011), mas no momento não consta mais. Para complicar ainda mais também o 1º. Tesoureiro da CGADB, pastor Antonio da Silva Santana, também renunciou. Fica evidente uma disputa econômica.

programa oficial das ADs no Brasil, é o espaço de vendas da CPAD. Tem livros, eventos, CDs e DVDs. Enfim, é um espaço comercial de uma editora e gravadora. O tom “evangelístico” é disfarçado com uma pequena mensagem de cinco minutos perdida no meio de comerciais. A grande originalidade do programa é que é o *único programa evangélico na TV que não pede dinheiro!*

Também o programa “*A Voz das Assembleias de Deus*”, apresentado por Samuel Câmara, pastor da Igreja-Mãe, em Belém do Pará. E mais uma vez: não é a voz oficial, é a voz das ADs de Belém do Pará. Durante o ano de 2011, ano do Centenário, ele se fortaleceu, pois “sua” festa foi bem maior. Esses dois programas disputam a atenção, coração e mente – e bolso – dos assembleianos. Apesar da força da máquina política e econômica da CGADB e da CPAD, Wellington não conseguiu esvaziar o Centenário em Belém. Nisso, Câmara deu uma demonstração de competência no uso mítico da Igreja-Mãe e da “geração do centenário”. Passado o ano de 2011, ambos perderam conteúdo mítico para seus projetos, Samuel Câmara já providenciou outro grande projeto para angariar fundos: a *Rede Boas Novas!*

Um terceiro programa é o do pastor Silas Malafaia, há mais de vinte anos na TV, com seu “*Vitória em Cristo*”. Malafaia é um dos melhores símbolos da ascensão e queda assembleiana. Ele se fortaleceu por que a igreja, institucionalmente, é fraca. Em carreira solo construiu um império comercial a partir da igreja em benefício próprio, mas ironicamente, depois a fortalece; usa o capital simbólico da igreja, mas também devolve (Bourdieu, 1999). No momento é o modelo assembleiano mais “competente”, por quanto tempo isso vai prevalecer é uma incógnita. José Maria da Conceição abalou as estruturas da Igreja Presbiteriana no seu tempo, Manoel de Melo deu cara nova ao pentecostalismo, Nilson Fanini, foi a figura de maior projeção brasileira no mundo batista (a lista é imensa...), mas alguns anos depois, essas pessoas são meros enfeites históricos. Esquecidos e anacronizados. Esses indivíduos são viscerais em suas épocas, mas absolutamente irrelevantes em outros momentos. Pode ser que daqui a algumas décadas a figura de Malafaia, e tudo o que ele simboliza hoje, não tenha nenhuma importância. Ou não. A história dá voltas<sup>422</sup>.

Os três programas: similitudes e distanciamentos.

---

422 Na década de 80 o pastor assembleiano mais conhecido no mundo era Jimmy Swaggart. Com império de mídia, teve seu programa de TV transmitido para centenas de países. Assumindo posições da extrema direita americana, era “moderno sem modernidade”. Ainda continua na TV, mas perdeu completamente o impacto inicial. Inclusive por que outros, mais “conservadores” e histriônicos lhe tomaram o lugar.

**Nenhum é oficial.** Se as falas de Wellington e Câmara não são oficiais, pois nenhum dos dois consegue falar pela igreja em sua totalidade, a de Malafaia muito menos. Ou seja, todos os três programas podem ser oficial, oficioso ou ofiacialesco. Ou as três coisas simultaneamente. Nisso, aliás, o Malafaia é mais honesto, pois não pretende falar em nome da denominação, mas em seu próprio nome, algo que os dois anteriores o fazem, mas não assumem. Como sintetiza Bourdieu na sua análise weberiana das lutas nos campos simbólicos “a história dos deuses segue as flutuações da história de seus servidores” (1999:91). Estes três nomes (e não três pessoas específicas e únicas; elas são apenas símbolos de todo o subcampo pentecostal assembleiano) são sintomas das lutas dos “grupos de status” e suas demandas, como Bourdieu indica.

A “**modernização, sem modernidade**”<sup>423</sup>. Os três são modernos. Estéticos e economicamente modernos, mas conservadores. A verdadeira causa da dissensão entre os mesmos não é teológica, doutrinária ou ideológica, mas econômica. Todos os programas oficialmente objetivam a “evangelização”, mas na verdade são programas de vendas de produtos, são *polishops* – na pior e na melhor acepção da palavra; ambos têm projetos políticos financeiros e todos eles estão ricos. Errados? Talvez não. Ambos têm méritos<sup>424</sup>. Muitos. Os três - e tantos outros mais distanciados ou parecidos- foram responsáveis também pela construção desta igreja. São produtos e produtores de modernização mesmo confundindo o público com o privado, interesses pessoais com interesses comunitários, instrumentalizando a igreja com tecnologia e muito dinheiro. Já a modernidade, enquanto autonomização e racionalização da conduta, não necessariamente precisam estar no mesmo pacote.

## 5.9 - AS ADs & “IURDIZAÇÃO”: antropofagia e polissemia assembleiana.

Ultrapassando as fases de lutas polarizadas entre suecos-brasileiros, brasileiros-americanos, ou Madureira-Missão, “conservadores”-“modernos”, chega-se a uma

<sup>423</sup> Moreira (1999:199) em seu texto “*Weber e o mal-estar colonial*” diz que desde quando colônia, o Brasil tem incentivo e preocupação de modernização tecnológica, mas com “adoção acrítica de ideias estrangeiras; o bacharelismo e a cultura ornamental; o autoritarismo; a democracia como equívoco; a confusão entre as esferas pública e privada, a mudança pelo alto e modernização sem modernidade são algumas das tantas maneiras pelas quais se expressam os sentimentos de inadequação e artificialismo da vida pública e cultura do país” (grifo nosso). João D. Passos (262) citando Josué S. Martins diz “Na sociedade brasileira, a modernidade se dá no marco da tradição, o progresso ocorre no marco da ordem. O novo surge sempre como um desdobramento do velho”.

<sup>424</sup> Da mesma forma seus “erros” não são exclusivamente individuais, seus méritos também não. Mas dentre muitas coisas boas, inclusive da disputa, pode-se indicar na profissionalização da CPAD, o estabelecimento do *Centro de Estudos do Movimento Pentecostal* - CEMP, no RJ, [www.cpad.com.br/cemp](http://www.cpad.com.br/cemp) e em Belém-PA, o *Museu Histórico Nacional da Assembleia de Deus* – [www.museuassembleiadedeus.com.br](http://www.museuassembleiadedeus.com.br). Algo inédito nesta igreja, agora fazendo um investimento de resgate histórico, catalogação de documentos e peças iconográficas, depósito de textos acadêmicos sobre as ADs, arquivo de periódicos, algo que vai ajudar muito as pesquisas sobre essa igreja.

disputa que não é específica com a IURD, mas com o processo de *iurdinização*<sup>425</sup>. Isto é, o modelo da *Universal* em sua pretensão hegemônica e conquistadora (Campos, 1997; Oro, 2003) fazendo escola em todos os demais subcampos pentecostais, na política, na mídia, na construção de templos ou catedrais e até mesmo, de forma mais conceitual, na teologia. Na disputa de saber quem é “mais” ou quem é “menos” assembleiano; fica também implícito agora também o fato de saber quem mais se *afasta* ou mais se *aproxima* do fenômeno neopentecostal.

Neste período, diferente dos demais, as ADs não estão em relação de concorrência com outras manifestações pentecostais (no primeiro período, com a CCB; no segundo, com a IEQ, IPDA, IPBC), mas de forma antropofágica há muito mais concorrência interna; são os múltiplos assembleianismos polissêmicos que, mimeticamente, se fundem e também se explodem. Repetindo a paródia do Sanchis (1994:52), ele mesmo já parodiando Oswald de Andrade no Manifesto Antropofágico: “Quem, no Brasil ou no pentecostalismo (diríamos, nas ADs) vai comer o outro?”.

Os processos de divisão e autonomização dos templos/igrejas raramente foram pacíficos. Envolvendo patrimônio físico, passionalidade dos relacionamentos, conflitos de consanguinidade, usurpação de poder, traição e quebra de confiança em muitos casos se chegou à luta física entre os interessados<sup>426</sup>.

Emerson Costa (2012:114,116) em uma pesquisa de campo nas ADs de São Bernardo do Campo sobre trânsito religioso, constatou que “70% das pessoas afirmam que já tiveram passagem por outro grupo religioso” e “21% afirmam que frequentaram outros grupos religiosos”. Como desde o início, esse *assembleianismo em movimento*, não é “puro” (nenhuma religião é), mas havia algumas facetas de sua identidade razoavelmente definida. Havia.

Na primeira e segunda periodização das ADs há divisões, Ministérios se autonomizando e oficializando novas convenções, mas há um elemento de unidade nacional: a EBD. Durante décadas, todos os domingos, do Oiapoque ao Chuí, milhares de assembleianos, em distintas ADs, estavam lendo e falando sobre os mesmos textos

<sup>425</sup> “Muito mais que pela oposição ou pelo contraste, a Igreja Universal rege seu processo de expansão por uma antropofagia religiosa, na qual as mais diversas crenças podem ser negadas em seu conteúdo religioso original e, ao mesmo tempo, parcialmente assimiladas em suas formas de apresentação e funcionamento” (ALMEIDA, 2009, p.123).  
<sup>426</sup> Na minha adolescência no Ceará, ouvi e vi muitos relatos de gente que apanhou e bateu na “guerra campal” acontecida após a morte do Pr. José Teixeira Rego, em 1960, por que seu genro, Luiz Costa (1927-1993), queria ser o novo pastor. Assim nasceu o *Ministério de Bela Vista* em confronto com o *Ministério do Templo Central*. No enterro dos meus pais em 02/01/1982, um grupo de pastores do Templo Central “proibiu” a presença do Pr. Luiz Costa. Mais recentemente, uma briga ficou famosa por que envolveu o Ministério do Belém-SP, José Wellington e o Ministério Belém-PA, Samuel Camara. Há vídeos no Youtube. Na TV, o programa *A Voz das Assembleias* (08.01.2011) reproduziu as imagens de grupo “inimigo” tentando invadir o templo de São José dos Campos. <http://www.youtube.com/watch?v=HS-st2Tgqys>.

bíblicos em uma única revista para todas as idades e com uma *única interpretação*. E isso, ao longo das gerações, foi fundamental para a delimitação mínima dessa unidade na identidade assembleiana. Os grupos se separam, mas continuam usando as revistas da EBD, algo que muda a partir da década de 1990, quando, por exemplo, o Ministério de Madureira, com sua *Editora Betel*, lança suas próprias revistas<sup>427</sup>, procedimento que outros Ministérios (*autônomos e difusos*) vão repetir. Também agora, existem inúmeros blogues e sites com “Subsídios para a EBD”, onde o autor (que pode ou não ser pastor das ADs) usa o mesmo texto e a lição oficial da CPAD e faz seu “comentário”. Portanto, a homogeneidade doutrinária e a unicidade interpretativa de décadas foram pluralizadas. Afinal, como Hervieu-Léger (2008:58) afirma, “não há transmissão sem que haja, ao mesmo tempo, uma “crise de transmissão”. E ainda mais, a(s) identidade(s) religiosa(s) garantem sua continuidade “na” e “pela” mudança.

Não tendo mais uma fundamentação teológica homogênea, ela vai se diversificar, daí, ADs autodenominadas “ortodoxas”, “apostólicas”, “renovadas”, “tradicionais”<sup>428</sup>. Aqui, portanto, temos um “*assembleiano em movimento*” em contraste com o “*assembleiano praticante*”, adaptando mais uma vez a terminologia de Hervieu-Léger (2008). O praticante tem uma prática fixa, ordeira, repetitiva, comunitária e regulada pela instituição (algo que se encaixa perfeitamente no tipo ideal do *assembleiano da disciplina* do segundo período, analisado no ponto 4.8 - a), já o “assembleiano peregrino” tem uma prática voluntária, variável, individual e autônoma e sem ligação territorial. Ele é um assembleiano polissêmico, pois *desterritorializado* pode exercer sua religiosidade na forma do “crer sem pertencer” do “pertencer sem crer”; um típico frequentador do *Templo-Shopping*<sup>429</sup>. O assembleiano agora pode escolher entre os diversos *assembleianismos* em oferta, não apenas o modelo de louvor, o estilo de pregação, a oferta de profecia e milagres, pois, ele escolhe a comunidade e/ou sua “fé assembleiana” à imagem e semelhança dele mesmo; há, no

<sup>427</sup> E Malafaia viveu em harmonia com a CPAD, mesmo lançando livros, CDs e DVDs, sua briga se oficializou ao lançar revistas de EBDs, segundo ele mesmo fala, “mais barata”. E outros Ministérios e Convenções agora também possuem suas próprias revistas de EBDs.

<sup>428</sup> A Convenção Evangélica das Assembleias de Deus do Distrito Federal – CEADDIF, uma Convenção tradicional ligada à CGADB, tem em seu cadastro igrejas no DF, GO, MT, TO, SP, MA, CE, BA, RJ e AP, e como são ADs autônomas, as mesmas possuem uma adjetivação distintiva, o que na prática implica em diversidade: *AD Novo Dia, Submissão, Semear, Independente, de Missão, Missão Urgente, Novas de Paz, El Samá, Pentecostal de Missão, Evangelho Pleno, Shalom, Arrebatamento, Berseba, Shekimá, Novo Viver, Despertar da Fé, Ágape, Aliança com Cristo, Geração Eleita, Rosa de Saron, File, Boas Novas, Genesis, Nova Aliança, Oasis de Esperança, Tocha Eterna, Resgatando Vidas, Bíblica da Graça, Liberdade e Vida*. <http://www.ceaddif.org/igrejas.mht> Acesso 05.04.2012. Uma pesquisa realizada pelo sociólogo Orivaldo P. Lopes Jr., da UFRN, em 2011, em Natal-RN, além das ADs tradicionais, identificou também: *AD Novo Rumo, de Jesus Cristo, Monte dos Milagres, Nova Aliança, Poço de Jacó, Todos os Santos e Paz Celestial*. No total, 92 igrejas evangélicas em um único bairro de Natal, bairro de Felipe Camarão.

<sup>429</sup> “*Encontramos um sujeito que se declarou frequentar a Igreja Batista por conta dos cultos de ensinamento bíblico, a Igreja Deus é Amor por conta das curas e a Igreja Renascer em Cristo pelas apresentações musiciais. No entanto, não rompe com a IEAD, MSBC, por considerar-se membro e muito envolvido*” (Costa, 2012:116).



*assembleianismo em movimento* uma correlação entre a “subjativação dos percursos de crença versus a pluralização dos processos de construção de identidades religiosas”. Chega-se, então, no *assembleianismo difuso*.

Um aspecto frisado por diversos pesquisadores do pentecostalismo ou das ADs era que esta igreja exigia uma “adesão exclusiva” (Sanchis, 1994; Novaes, 1985, Cartaxo, 1979), e tinha uma resposta do fiel assembleiano. Era distintivo em estética, único em falar em línguas, rigoroso e excludente em suas relações. Era.

Como se não bastasse a multiplicidade de Convenções e Ministérios nascidos no Brasil, agora ainda surgiu uma novidade: “assembleias importadas” dos EUA. Na cultura tupiniquim (Alencar, 2005), um nome estrangeiro dá um *upgrade* no “produto”. Daí uma série de ADs com uma adjetivação inglesa, nada muito diferente de boates, shoppings e lojinhas<sup>430</sup>.

No atual momento, “o crente moderno não se contenta mais em escolher sua fé; ele quer escolher, ao mesmo tempo, sua comunidade, ao menos quando sente necessidade de pertencer a alguma” (Hervieu-Léger, 2008: 176). Nesse estágio de polissemia temos assembleianismos os mais diversos. Aquele estereótipo de crente assembleiano de “monte de oração”, sóbrio, espiritual, que somente ora e jejua, completamente indiferente à sua vida financeira, estética e política, ficou ultrapassado. Seria possível utilizar-se diversos exemplos para essa análise, optou-se por um evento chamado *Gideões Missionários*, pois possui um elemento central do ethos assembleiano que é sua vertente evangelística militante, mas nesse novo modelo incorpora, sem disfarçar, indícios das novas teologias e modelos neopentecostais.

#### **Gideões Missionários - GM: capitalismo e misticismo<sup>431</sup>.**

Nos dias 21 de abril a 1º. de maio de 2012, foi realizado a 30ª. edição do *Congresso Internacional de Missões Gideões Missionários - GM*, em Camboriú-SC, promovido pela AD liderada pelo Pr. Cesino Bernardino, no Ginásio de Esportes Irineu Bornhausen. O evento começou pequeno e local, atualmente se tornou uma marca nacional sendo exportada para diversos estados. Virou um caso especial de marketing, pois muitos “pregadores(as) e cantores(as)” divulgam a si mesmos e seus produtos como “CDs e DVDs lançados nos Gideões”, também se tornou uma franquia que acontece em diversas outras cidades. É um evento missionário, uma concentração de

<sup>430</sup> Algo que aconteceu com o grupo dissidente da Igreja Renascer que, no início, se chamava de Igreja Bola de Neve, depois mudando seu nome para Bola de Neve Church.

<sup>431</sup> As teorias secularizadoras precisam ser reinterpretadas a partir da “revanche do sagrado” e dos “reavivamentos místicos” acontecidos em diferentes locais e por diferentes razões, como tematizam Kolkowski (1977), Martelli (1995) e Kepel, (1992).



uma semana com cultos nos três expedientes, mas a multidão é tão grande que as ruas laterais são tomadas por centenas ou milhares de pessoas em uma versão – piorada ou melhorada? – da rua 25 de Março, em SP. É uma mega feira gospel. Tem de tudo: até crente assembleiano!

*A imbricação entre política e religião.* Algo nada inédito, pois isso é regra desde as caravelas de Cabral. A Prefeitura patrocina como faz também em festas católicas de padroeiros pelo Brasil. A cidade lota de turistas evangélicos e, isso, sim, traz lucro para a cidade. Mas por que a Prefeitura não se restringe ao seu dever de controle do trânsito, recolhimento do lixo, etc. e precisa patrocinar outdoors “evangelísticos”<sup>432</sup>? Além disso, por que, nas eleições de 2010, somente José Serra (PSDB) esteve presente, dando uma palavra?<sup>433</sup>. Neste caso, as ADs não inventaram o modelo promíscuo de relação religião e política, apenas o perpetuam.

*A histeria coletiva.* Como um jogo de futebol ou qualquer outra aglomeração, bom senso e racionalidade não andam juntos. Emoção, sim. Gritar, pular, chorar, abraçar o vizinho, e, no caso, falar em línguas e um êxtase compulsório, coletivo e histérico. Euforia por alguns segundos ou até minutos é normal em qualquer ser humano, mas êxtase durante alguns dias da semana de manhã, de tarde e à noite, pode ser sintoma de outra coisa grave. Daí para acontecerem distúrbios e apelações forçadas do púlpito e serem respondidas pela multidão ensandecida é fácil, não é por acaso que existem diversos de vídeos bizarros na internet retratando o evento.

*Glossolalia e cifrões.* O(a) pregador(a) e o(a) cantor(a) já pega o microfone falando – aliás, gritando – em línguas estranhas. Repetindo chavões como: “*tô vendo um anjo!*”, “*tem fogo aí, meu irmão!*”, “*hoje vai ser um dia de sua vitória!*”, “*Deus tem uma palavra profética para você!*”. Mas além da palavra profética e da glossolalia existe outra informação – essa, sim, talvez mais importante – “*meu CD ou DVD está sendo vendido na loja X!*”. Falar em “línguas dos anjos”, “profetizar” e vender seu produto são dois lados da mesma moeda, em uma simonia natural de fazer Lutero se revirar no túmulo. Nos GMs há uma simultaneidade impossível de ser distinguida entre línguas e cifrões. É uma conjugação prática e teórica de *teologia da prosperidade* elevadas às últimas consequências, numa imbricação inimaginável de camelôs e profetas.

<sup>432</sup> Tem-se fotos do evento de 2009, onde o autor deste trabalho foi pessoalmente, com as seguintes frases: “*Prefeitura de Camboriú. Uma nova administração em prol da evangelização*”, “*Prefeitura de Camboriú. Unidos em prol da evangelização mundial*”, “*Prefeitura de Camboriú. Uma nova administração em prol da salvação*”.

<sup>433</sup> O Governo do Estado, nas mãos do PSDB, liberou uma verba de 540 mil reais para o evento. *Folha de S. Paulo*, 13/05/2010, Caderno Poder, pág. 4.

*Cafetinagem profética.* Há uma desproporção entre o tempo dos cultos, espaço no púlpito (apesar dos três turnos e dos dias) e o número de pregadores(as) e cantores(as) interessados em dar seu “recado”<sup>434</sup>. Solução: alugar uma parafernália de som e uma casa nos arredores, montar seu palco particular e vender seu produto; dar sua “palavra/música profética”. Então, no mesmo quarteirão há dezenas de vendedores de churrasquinhos, milho, gravatas, sanduíches se alternando com gente (homens de paletó e mulheres com seus vestidos longos e brilhosos no calor do verão de Camboriú) cantando e profetizando para os transeuntes. Como a concorrência é grande, ganha quem tem o som mais potente. Ajuda no diferencial do “produto”, colocar alguns assistentes com os CDs e DVDs nas mãos para tentar segurar os clientes no meio da multidão, pois, segundo os mesmos, “esse CD, daquele pregador X, cantora Y, tem uma palavra profética para você, meu irmão!”. Daí, junto com o churrasquinho, refrigerante e uma salada, vem também uma “profecia”, “revelação” e uma “unção”. Difícil é distinguir uma da coisa da outra, ainda mais por que quanto maior a oferta do produto, menor seu valor de mercado.

Concluindo-se as análises dos três períodos (ver a seguir um quadro síntese) veem-se nitidamente os processos de mudanças que ocorreram nesta igreja. As ênfases teológicas da glossolalia, do sofrimento e da disciplina não são abandonadas, mas matizados dentro da multiplicidade dos distintos grupos; as estruturas eclesiais se profissionalizaram e o voluntarismo típico dos assembleianos é, a cada dia, menos visível, sendo substituído por uma camada de “adoradores” e técnicos da máquina Convencional e Ministerial. Em 2011, as ADs completaram cem anos. O que fazer agora? No próximo capítulo, “Há vida depois do Centenário?”, a partir de um recorte de seis questões (três nacionais e três internacionais), serão analisados os desafios de como os milhões de assembleianos estão construindo suas novas identidades no início do século XXI.

---

<sup>434</sup> Em 2011, havia cento e dez nomes na lista de pregadores. Um presbitério e todos os demais pastores, destes apenas uma era pastora. Nomes de todos os estados brasileiros e cinco nomes dos EUA. Alguns nomes inclusive não são assembleianos, mostrando como o evento hoje transcende ao mundo das ADs. No ginásio, onde acontece o evento, há uma entrada especial para pregadores(as) e cantores(as). Havia uma multidão de tientes, caçadores de autógrafos, assistentes e curiosos tão grande que um carro de polícia estava no local para dar o mínimo de ordem na multidão. Apesar da tentativa de conseguir alguma informação exata sobre “como” e “quanto” pagar para pregar e/ou cantar, ouviram-se versões distintas.

**IDENTIDADE ASSEMBLEIANA – Síntese e comparação dos três períodos**

	<b>1º. PERÍODO</b>	<b>2º. PERÍODO</b>	<b>3º. PERÍODO</b>
<i>Teologia</i>	- rigor nos usos e costumes - assembleianismo homogêneo - arminianista	- idem, usos e costumes - retração diante da nova sociedade e do novo pentecostalismo	- assembleianismo em absoluta pluralidade
<i>Relação com a Igreja Católica</i>	Diante da hegemonia católica, sofrendo perseguição, a identidade assembleiana é formada por negação	- a hegemonia católica já foi quebrada, a perseguição foi amainada	- a Católica não é mais a grande inimiga, agora ela é imitada (títulos, catedrais, etc) - elementos residuais católicos
<i>Relação com outras Igrejas pentecostais</i>	- CCB (1910) - igreja étnica - ultra-calvinista	- IPDA (1962) extremo rigor nos usos e costumes - moderada em usos e costumes IEQ, IPBC	- IURD (1996) liberal em usos e costumes - “iurdização pentecostal”: teologia do domínio e da prosperidade
<i>Pontos em comum</i>	- glossolalia, cura, escatologia	- glossolalia, cura, escatologia ainda são fortes elementos identificadores - todas em transição do rural para o urbano	- talvez cura seja o único elemento em comum dos diversos assembleianismos
<i>Assembleianismos</i>	- o assembleianismo é diversificado desde seu nascimento, mas as diferenças são mínimas	- assembleianismo <i>rural</i> & <i>urbano</i> se manifestam na separação entre Igreja-Sede e Congregação	- pela heterogeneidade dos Ministérios surgem os assembleianismos <i>difuso</i> & <i>autônomo</i> e os anteriores ( <i>rural</i> e <i>urbano</i> ) são cada vez mais radicalizados

## CAPITULO VI

### HÁ VIDA DEPOIS DO CENTENÁRIO?

Nenhuma pessoa ou instituição faz cem anos impunemente. O que fazer ou continuar fazendo, então, depois de 2011? Na segunda década do século XIX, ainda é a maior igreja evangélica do país, uma das maiores pentecostais do mundo, e apesar de todos os percalços e acidentes nos cem anos e nas comemorações do *Centenário*, entre mortos e feridos, a igreja sobreviveu. E como o nome *Assembleias de Deus*, no Brasil, somente foi assumido oficialmente em 1918, não poderia ter celebrado o Centenário em 2011. Nisso, aliás, as ADs passaram à frente das AGs, pois, nos EUA, o centenário assembleiano será em 2014.

Em 2011, os nomes, fotos, textos e memórias dos “santos assembleianos”, Berg e Vingren, numa hagiolatria mimética católica, foram levados às ultimas consequências de uso e abuso comercial. Essa centralização nos dois nomes foi uma artimanha da elite dirigente para, estruturando a igreja sobre nomes, fortalecer os seus. Uma falsificação histórica personalística dando conta de que, se não fossem eles dois, a igreja não teria acontecido ou a mensagem pentecostal não teria existido, como se já houvesse pentecostalismo antes deles, inclusive por outros suecos, italianos e brasileiros. Essa inflação personalística e centralidade dos grandes nomes (e somente de homens) fazia parecer como se esse projeto dependesse de duas pessoas. Pretensão que, em nenhum momento, os dois suecos originais nem mesmo insinuaram.

Este capítulo pretende analisar seis aspectos, três brasileiros e três internacionais. Inicialmente uma análise das polêmicas sobre “Usos e Costumes”, nas declarações de 1947, 1979 e 2000. Segundo, se discutirá o projeto da *Década da Colheita* - DC (1990-2000) e, finalizando, serão comentadas as celebrações do Centenário. Todas elas têm em seu bojo questões teológicas, o que não constitui objeto dessa análise, interessando, sim, as tensões da identidade da MPAB, pois o modelo do *assembleianismo rural* não dá conta dessa densidade populacional assembleiana que cresce de forma majoritária na zona *urbana*, tornando-se cada vez mais *autônoma* e *difusa*; é uma disputa entre os “antigos” e os “novos”; entre pessoas e modelos. A segunda questão diz que DC foi disfarçada de rejuvenescimento evangélico, mas por

suas origens nos EUA e por suas motivações no Brasil marca definitivamente a oficialização da adesão brasileira ao *made in EUA* e aqui realiza o encontro dialético das dominações *carisma*, *tradição* e *burocracia* (Capítulo 2), mescladas na articulação política e econômica da CGADB e CPAD. A terceira questão é o Centenário. O gigantismo do centenário, afundado nas disputas hierárquicas do “dilema brasileiro” (DaMatta, 2009), culminou na inevitável luta fraticida. Como já dito, não há impunidade em cem anos. Por fim, de forma sintética, pois o assunto precisa de mais aprofundamento bibliográfico, três análises macros da MPAB: (1) em relação ao pentecostalismo sueco atual, (2) ao norte-americano e (3) mundial.

#### 6.1 – USOS E COSTUMES: o processo de “acomodação” dos assembleianismos.

Conquanto ao longo dos cem anos nas Convenções, periódicos e igrejas locais sempre se discutiram diversos temas, nunca se publicou *oficialmente* algum documento teológico, por exemplo, sobre a Santa Ceia, Cristologia, (algo comum na Católica e também igrejas protestantes e também nas AGs), portanto, se destaca o fato de que o tema “Usos e Costumes” mereceu encontros e documentos<sup>435</sup>. O rigorismo legalista assembleiano sempre foi indicado como impedimento para as classes sociais mais abastadas aderirem e causa para os jovens abandonarem a igreja. Como indica Mariano (2005:205), “para os propósitos expansionistas da Assembléia de Deus, esses costumes e hábitos, com status de doutrina bíblica, estão se tornando cada vez mais disfuncionais”. A questão é que, “disfuncionais” ou não, as ADs sempre cresceram. Enfim, a doutrina assembleiana, vulgarmente conhecida como “usos e costumes”, sempre foi uma marca dessa identidade e, na atualidade, os mesmos não foram abandonados de forma absoluta, apenas ressignificados dentro da pluralidade dos assembleianismos. Nunca publicou um *Regimento Interno* como a IPDA (Alencar, 2010), mas em três momentos (1940, 1975 e 1999) publicou documentos “teológicos” oficiais visando disciplinar a conduta dos membros. Eles têm uma misoginia indisfarçável, exacerbado legalismo em uma hermenêutica bíblica descontextualizada usada como “atestado de autenticidade” doutrinária, mas, por razões diferentes, todos

<sup>435</sup> A “*História Documental do Protestantismo Brasileiro*” (Realy, 1993) não cita nenhum documento das ADs, algo que Freston (1994) indica como desatenção dos pesquisadores em relação não somente às ADs, mas ao pentecostalismo em geral. Conquanto até onde foi possível pesquisar nenhum documento teológico oficial – ou algo que mereça esse nome – tenha sido publicado, no MP há, em diversos momentos, notas, declarações e comunicados das convenções, que poderiam, sim, ser considerados e incluídos na História Documental. Nas duas últimas décadas, em seu amplo processo de racionalização burocrática, no site da CGADB e na Revista Obreiro, foram publicadas declarações sobre as mais variadas questões de interesse da liderança. Nada muito diferente da publicação de uma Encíclica Papal: chama atenção de pesquisadores e da elite da igreja, mas despercebida pelo povo em geral.

sofreram rejeição, fazendo com que o seguinte tenha uma “acomodação cultural”, conseguindo, assim, desagradar os diferentes grupos. Nessa “circularidade e flexibilização” (Almeida, 2006:111-122), se manifesta, como já citado no capítulo anterior, a “modernização sem modernidade” das ADs.

**a) Os documentos: história e contexto.**

	<b>Declaração do Ministério de S. Cristóvão – 1946</b>	<b>Declaração de S. André – 1975. 22ª. Convenção Geral</b>	<b>Declaração do ELAD – 2000. Encontro de Líderes das ADs.</b>
Resumo, Peculiaridades e contexto (os textos originais estão no Anexo V).	Inclui 421 palavras com regras de conduta exclusivamente femininas. Publicado no MP, 01.07.1946. O Ministério de S. Cristóvão se arvorando igreja sede nacional quer definir a conduta de todos. Meses depois publica uma nota “retirando as regras”. É o período pós Segunda Guerra e o Rio é capital do país, enfrentando grandes alterações sociais.	Inclui 276 palavras e, apesar da ênfase na “conduta” feminina, apresenta regras também para os homens. O país vive uma ditadura militar e as ADs precisam reafirmar sua “disciplina” em um período de transição onde a população está cada vez mais urbana. E elas estão disputando espaços com os novos modelos pentecostais.	Inclui 2248 palavras. É um longo tratado assinado por uma comissão da CGABD. É uma demonstração de “competência” erudita (citando palavras no grego), se assume como uma “atualização” da declaração anterior. Tenta fazer uma ponte entre os “liberais” e os “conservadores”. O país já se democratizou e a membresia ascendeu socialmente.

**b) As questões são “teológicas” ou “mundanas”?**

A *Declaração de S. Cristóvão* precisa ser entendida a partir de um “Aviso” publicado alguns meses depois no canto da página 2, no MP – 15.01.1947.

Aviso. O Ministério da Assembleia de Deus, Rio de Janeiro, deseja fazer público que, de acordo com a igreja, *retira as regras* publicadas no Mensageiro da Paz, publicado na 1ª. Quinzena de junho, estabelecidas *para as irmãs* membros da Igreja, pois sem elas as irmãs obedecem à Palavra de Deus. O Ministério” (grifo nosso).

Por que o Ministério de S. Cristóvão “retira as regras”? Se irmãs já obedecem à Palavra, por que então se publicou esse aviso? Essas regras não eram condizentes e doutrinariamente corretas de acordo com a conduta assembleiana? Ainda hoje a declaração de 1946 poderia ser divulgada, pois para muitos Ministérios as irmãs “são a parte mais fraca” e mais (únicas...) suscetíveis ao “mundanismo”, por que, então, cinco meses depois em 1947, o quase pedido de desculpa? Por que os pastores José Teixeira Rego, Paulo Macalão, e diversos outros se revoltaram contra a declaração<sup>436</sup>? Eles eram “liberais” em 1947? Por que a Convenção “exige” de Samuel Nystron (desde 1946 já trabalhando na Suécia, mas ao voltar assume a presidência da Convenção) um artigo de retratação? Por que Otto Nelson, o pastor de São Cristóvão, ficou calado e não se pronunciou? (Daniel, 2004:218-225).

<sup>436</sup> Essa, como em diferentes outros momentos, é a “interpretação” do Silas Daniel (2004:224) sempre caricaturando o Macalão. “Sabemos que, apesar dessa resolução, algumas igrejas mantiveram por longo tempo regras muito rígidas quanto a penteados e vestimentas. Essas igrejas contrariavam a resolução de 1947 e dentre elas destacava-se nos exageros a Assembleia de Deus de Madureira, liderada pelo pastor Paulo Macalão” (grifo nosso).

Essa questão “teológica” esconde uma disputa política entre as igrejas e lideranças: *qual igreja pode e deve definir a conduta de outra igreja?* O problema não foram as “regras de conduta para as irmãs”, mas a pretensão do Ministério de S. Cristóvão de ser a “*a igreja mãe de todas as igrejas do Distrito Federal e do Estado do Rio, e mesmo de mais algumas além das fronteiras deste Estado (...), portanto, deve ser um exemplo para todas as igrejas no Brasil*”. As igrejas e os seus pastores-presidentes (igrejas ainda congregacionais; pastores já episcopais) aceitariam a interferência de uma igreja sobre a outra ou de um Ministério sobre o outro?<sup>437</sup> O Ministério de Madureira inclusive já tinha personalidade jurídica desde 1941, portanto jamais aceitaria essa determinação, principalmente de São Cristóvão, de onde saiu e era sua principal rival.

Outro aspecto mais macro e não somente no Brasil, mas também na Suécia, é a pergunta: *como o pentecostalismo/assembleianismo vai enfrentar os novos tempos?* “A dificuldade surge aqui, como na Suécia, como tem acontecido no Brasil no ponto em que o que não se quer permitir em uma igreja às vezes é permitido em outra”. Essa frase é de Otto Nelson, em artigo com o título “O movimento pentecostal na Suécia”, um relato da Convenção Anual em Nyhem, celebrando os 40 anos do pentecostalismo sueco, publicado no MP, 12/47 (no mesmo ano da “retratação”), páginas 8-9, onde o tema do encontro foi: *O movimento pentecostal ainda é o avivamento que fora no princípio?* Em 1947 já existia a pergunta tanto lá quanto aqui: o avivamento mudou? E qual é o problema? Uma “igreja permite”, mas “outra não”; uma é mais “moderna”, outra mais “conservadora”. Essa lamúria é recorrente ano após ano nos periódicos, em questões pontuais (já discutidas neste texto) com aceitação ou não do rádio, da TV<sup>438</sup>, de instrumentos musicais, da participação política, da prática de esportes, algo, aliás, que não foi uma especificidade das ADs, mas de todas as igrejas.

A *Declaração de Santo André*, em 1975, surgiu ainda durante a ditadura militar<sup>439</sup>. O contingente assembleiano, massa domesticada de operários acostumada a seguir ordens na linha de montagem, obedecer horários, cumprir padrões, vai receber – novamente – algumas regras. Farão diferença? Talvez não. O que chama atenção

<sup>437</sup> No MP, no. 21, de 01/11/35 há um relato da Convenção sobre o uso de cálice único ou cálice individual para a Santa Ceia nas igrejas. Conclusão? As duas opções são válidas, cada igreja deve escolher seu modelo.

<sup>438</sup> Na *Revista Obreiro* de 1998, o pastor Sebastião Rodrigues, na época vice-presidente da CGADB e presidente da Convenção no MT, ainda se manifesta contra a TV. “O Senhor disse-me que o inimigo [Satanás] encontrou na televisão um meio muito fácil de fazer os pastores afrontarem ao Senhor Jesus. Cada pastor, cada crente em geral que colocar no seu aposento um televisor, estará afrontando ao Senhor Jesus, que tem na televisão um conceito de aparelho maldito. Por isso, aconselhamos aos crentes em geral que desistam do aparelho, e que os obreiros terminantemente não possuam, pois o pastor, o obreiro ou aqueles que ocupam qualquer cargo na igreja devem ser exemplo.”

<sup>439</sup> Ironicamente, no mesmo espaço geográfico do ABC, onde o germe da insatisfação e questionamento a essa ditadura surge, em 1979, aconteceu a primeira greve dos metalúrgicos no ABC, marcando, portanto, o início do fim da ditadura militar. Anacronismo a parte, foi também na mais feminista das cidades (Natal-RN) que a Convenção de 30 proibiu o ministério feminino (tema analisado no ponto 3.4 g).

mesmo nesta declaração é a nova realidade diante das ADs, tanto interna quanto externa: os novos pentecostalismos mais “conservadores” versus os “modernos”; como lidar com os novos assembleianismos e os “novos movimentos de renovação” (questão debatida no ponto 4.9).

Em 1999, a comissão apresentou seu trabalho no ano seguinte, 2000, e apenas 24 anos depois, será necessário um *aggiornamento*, nesse “Concílio Vaticano II”, versão assembleiana, no *Encontro de Líderes das ADs – ELAD*<sup>440</sup>. Esse imenso texto de 2.248 palavras diz claramente que *aprova* a anterior (de 1975), mas a *atualiza*. Uma típica argumentação de racionalidade teológica protestante, apelando aos textos originais, fazendo um levantamento histórico doutrinário, mas relativizando os usos e costumes. É um primor de malabarismo e uma tentativa de ponte na questionável interpretação de Silas Daniel (2004:578) entre os “conservadores” e “liberais”. Quem é “liberal” nas ADs?

*Quando afirmamos que temos as nossas tradições, não estamos dizendo com isso que os nossos usos e costumes tenham a mesma autoridade da Palavra de Deus, mas que são bons costumes que devem ser respeitados por questão de identidade de nossa igreja (...). A comissão analisou a resolução da Convenção Geral de 1975, em Santo André, à luz da Bíblia, de nosso contexto e de nossa realidade, expressando esses princípios numa linguagem atualizada (...). a) Quanto à origem, a doutrina é divina, o costume é humano; b) Quanto ao alcance, a doutrina é geral, o costume é local; c) Quanto ao tempo, a doutrina é imutável, o costume é temporário. A doutrina bíblica gera bons costumes, mas bons costumes não geram doutrina bíblica”. (Daniel, 2004:579-580).*

Essa declaração surgiu no final do século, no ultimo ano da Década da Colheita - DC e as ADs já estão filiadas a WAGF. Como, então, manter todo o antigo legalismo quando, internamente, os novos pentecostalismos e/ou assembleianismos o abandonaram? E como se inserir no cenário mundial assembleiano com regras legalistas a *la brasil* inexistentes em outros países (nos EUA, por exemplo) e, até mesmo no Brasil, na década de 40, elas não foram plenamente respeitadas?

### **c) Legalismos e misoginia assembleiana.**

A questão da posição da mulher nas ADs já foi debatida (pontos 3.4; 4.4 e 5.4), portanto, indicaremos apenas dois aspectos. Ainda hoje nas ADs os “usos e costumes”, de forma repressora e prioritária, visam à conduta feminina. Algo que coincide com a IPDA (Alencar, 2010) e muitas outras expressões religiosas, afinal a misoginia é marca religiosa bem anterior às ADs. Segundo, a conduta feminina é apenas um subproduto de uma guerra masculina.

<sup>440</sup> “Evento iniciado em 1979 (...) para se ter um fórum de estudos (...) evento em nível nacional, que reúna as principais lideranças (...) no intervalo entre as AGE da CGADB (Araujo, 2007:280). Em 1989, o ELAD alterou o nome para EMAD – *Encontro de Ministros das ADs*.



**d) “Deus é fiel, o fiel é Deus”<sup>441</sup>**

Uma nova membresia cada vez mais escolarizada, pluralizada e em ascensão social, já vivenciando o processo de democratização do país, aceita tacitamente ordens comportamentais? Não foi apenas a “doutrina” que foi “atualizada” ou muito menos a liderança episodicamente que se tornou mais “liberal”: o país mudou. E os membros das ADs, idem. Agora, querendo-se ou não, “a posição poderosa dos sacerdotes enfrenta a necessidade de ter em conta, no *interesse da conservação e propagação* do grupo de adeptos, as *necessidades dos leigos*. Para manter sua posição de poder, frequentemente precisa *condescender*, em alto grau, às necessidades dos leigos” (Weber, 1998: 313, grifo nosso). E Weber escreveu isso na primeira década do século XX, um século depois, os leigos estão cada vez mais exigentes e os sacerdotes, condescendentes. Esses legalismos ainda “funcionam” muito fortemente no modelo de *assembleianismo rural*, marcado pelo controle ditatorial dos líderes na transigência magificada dos liderados, mas encontra resistência em camadas mais letradas, urbanas e plurais. Daí o sucesso dos *assembleianismos difusos e autônomos*, pois nesses houve uma *adequação* cultural da doutrina à condição e status social dos membros e não o inverso; esses novos modelos de igreja visam às “necessidades dos leigos”. Isso foi mostrado, no capítulo anterior, em diferentes aspectos: na frequência aos templos-shopping, na participação das Convenções, no uso da mídia, na relativização da estética, algo que Mariano (1999) e Campos (1999) analisaram no neopentecostalismo, mas cabe como luva nesse “*aggiornamento assembleiano*”.

Portanto, o jogo de palavras de Pierucci (2012), igualando em importância a fidelidade divina e humana, pois, cada vez mais é o “fiel é fiel a si mesmo” (Hervieu-Léger, 2004:185), ou mais precisamente, às suas “necessidades”. E essas – sem juízo de valor das mesmas –, manifestadas em “demandas de compensação” ou “demandas de legitimação” (Bourdieu, 1999), é quem, no final, determina a membresia. E as igrejas ainda não conseguiram, como fazem bancos e cartões de crédito, algum programa de “desconto” na fidelização do consumo.

## **6.2 – A DC (1990-2000): deu errado, mas deu certo.**

A “Década da Colheita” – DC foi um evento que misturou a típica “síndrome de passagem de século”, com a pretensão racionalista de elaboração de planos, metas, estatísticas, etc., com o sonho de avivar um vetor evangelístico proselitista muito

<sup>441</sup> Essa expressão é o título de um artigo do Pierucci (Folha de S. Paulo, 17/06/2012, pág. 5), publicado pós-morte.

característico da militância pentecostal. Ufanista, tinha dentre seus alvos: 50 milhões de novos membros assembleianos na década de 90. A DC será analisada a partir da teorização weberiana das dominações carismática, tradicional e racional. Inicialmente, tem a pretensão de ressuscitar carismaticamente uma militância pentecostal extremamente aguerrida nas primeiras décadas; injetar ânimo catequético e missionário, restaurando uma igreja que, em décadas atrás, cresceu de forma avassaladora, mas, ao longo dos anos teve uma previsível e natural “rotinização do carisma”<sup>442</sup>.

Na última década do século XX, foram elaboradas uma série de estratégias, produtos de uma típica e pretensa racionalidade protestante. Uma comissão nacional e diversas estaduais foram estabelecidas e também um calendário de eventos, mas o avivamento carismático evangelístico que, há anos já fora rotinizado, agora burocratizado é engessado numa comissão. E os resultados previstos não aconteceram. O mais óbvio seria comparar as metas e os resultados estatísticos. Simples: foi um fiasco. A ação religiosa, no entanto, não é apenas uma estatística. Sim, a igreja cresceu 345% na década. Ressurgiram movimentos carismáticos em um fervor local evangelístico e militante; realizaram-se em todo o país muitas atividades, reuniões, muitos novos membros. Muitos ganhos. E também impasses. Retrocessos. Deu errado, mas também, ironicamente, deu certo.

#### **a) Crescimento assembleiano na última década do século XX**

Na década de 1990 a 2000, as ADs cresceram 245%<sup>443</sup>. Em 1980, havia 2.439.763 membros e terminou o século com 8.418.140 membros (na década seguinte, 2000-2010, cresceu “apenas” 46%, alcançando 12.314.410 membros). São dados extraordinários. Como o Censo de 1980 não contabilizou igrejas separadamente não é possível fazer comparações com décadas passadas e, no final deste capítulo, serão incluídos os dados da primeira década do século XXI. Os dados estatísticos interessam, pois indicam as motivações internas e externas do projeto DC, assim como sua significação para a denominação e suas consequências e relações com a sociedade, pois apesar de todas as variações – crescimento ou decréscimo diferenciado das igrejas – as ADs continuam sendo a maior igreja evangélica do Brasil, como mostra a tabela abaixo.

<sup>442</sup> “A principal dificuldade que a Assembleia de Deus enfrenta atualmente consiste em superar sua estagnação e recuperar seu vigor inicial, sem perder a identidade. Missão das mais difíceis. Haja vista que as denúncias e lamentações do pastor assembleiano confirmam a percepção de que ela não permaneceu incólume às mudanças que, não de agora, vêm se processando no campo religioso brasileiro e, em especial, no meio evangélico. Daí o “Mimetismo e a disseminação de práticas, cultos, ênfases e até da programação semanal dessa denominação” (Mariano 222).

<sup>443</sup> Uma análise profunda do crescimento do pentecostalismo nas décadas de 80 a 90 foi feito por Mariano (2001). Deivis Lopes (2008) discute dados estatísticos.

Tabela: As Dez Maiores Igrejas Evangélicas – 1991-2000-2010

IGREJA	MEMBRESIA 1990	MEMBRESIA 2000	MEMBRESIA 2010
ADs	2.439.763 (1)	8.418.140 (1)	12.314.410 (1)
Batista	1.532.676 (3)	3.162.691 (2)	3.723.853 (2)
CCB	1.635.984 (2)	2.489.113 (3)	2.289.634 (3)
IURD	268.956 (8)	2.101.887 (4)	1.873.243 (4)
IEQ	303.267 (7)	1.318.805 (5)	1.808.389 (5)
Adventista	706.407 (5)	1.209.842 (6)	1.561.071 (6)
Luterana	1.029.679 (4)	1.062.145 (7)	999.498 (7)
Presbiteriana	498.207 (6)	981.064 (8)	921.209 (8)
Deus é Amor	169.341 (9)	774.830 (9)	845.383 (9)
Maranata	-	277.342 (11)	356.021 (10)
Metodista	138.885 (10)	340.963 (10)	340.938(11)

Fonte IBGE

As ADs ultrapassaram a CCB, ainda na década de 50, e depois disso se mantém na liderança, mas como já discutido em outros momentos seu crescimento não é homogêneo, há variações significativas em estados e regiões, algo que será apontado mais à frente deste capítulo, pois, no momento, interessa o projeto de crescimento da DC.

#### b) A origem da Década da Colheita: AGs nos EUA.

*“Tudo o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil!”  
Gel. Juracy Magalhães*

O projeto nasce nos EUA – onde mais poderia nascer um projeto desses? – e é transposto para diversos países. “Projeto nascido em 15 de julho de 1988, quando cerca de 80 líderes das Assembleias em todo o mundo estiveram reunidos em Springfield, Missouri (EUA), e discutiram estratégias para alcançar o mundo com a mensagem do evangelho, na última década do século 20” (Araujo, 2007:257). Então, enquanto projeto global de evangelização, todas as ADs no mundo que aderiram estavam representadas no *Comitê Internacional da Década da Colheita*, sob a liderança das AGs. E é nessa ocasião que surge a *World Assembleis of God Fellowship* - WAGF (que será analisada no ponto 6.5). Algo que já havia sido tentando pelas AGs em 1937, quando o “Conselho das Assembleias de Deus convidou os líderes pentecostais do todo o mundo para participar de seu Conselho” (Burguess, 1988:707)<sup>444</sup>. Parodiando uma das frases mais famosas dos movimentos sociais, o lema é “Assembleianos de todo o mundo, uni-vos”. Vindo dos EUA, o lema é: *“Assembleianos de todo o mundo, uni-vos. Sob o nosso*

<sup>444</sup> Essa proposta “ecumênica” das AGs é muito estranha, pois, nessa época as relações raciais nos EUA ainda são intransponíveis. Também nesta década, as relações norte-americanos & suecos não são amigáveis (inclusive por causa do Brasil), e na PWF seguinte, em 1939, a institucionalização de um órgão pentecostal foi inviabilizada pelos suecos (Hollenweger, 1978:72; Vinson, 2003:570).

*comando*”. Nisso, aliás, os americanos têm razão, afinal lá está a origem desta igreja. Se em Belém do Pará temos a “Igreja-Mãe” do Brasil, nos EUA, temos a “Igreja-Mãe” do mundo. É uma igreja maior seguindo uma menor. Mas essa é mais rica e importante, portanto as assembleias no mundo seguem a americana e não a brasileira.

**c) A DC no Brasil: quatro hipóteses sobre as identidades assembleianas.**

Na Assembleia Geral Ordinária - AGO, em 5 de setembro de 1988, realizada em Salvador-BA, foi organizada a *Comissão Nacional da DC*, e isso teve tanta importância que o presidente da CGADB, Pastor Jose Wellington, faz parte da comissão. Sendo já membro do *Comitê Internacional* (Daniel, 2004:530), também estabeleceram as comissões estaduais e locais e suas metas.

Em seus primeiros anos, além da logomarca da DC que era repetida à exaustão nos períodos oficiais da denominação, o MP tinha uma página exclusiva para a divulgação dos eventos, pois era tema de congressos de missões e alvo de folhetos evangelísticos. A comissão nacional reuniu nomes da maior importância nacional dentro da denominação, tendo um secretário executivo de tempo integral no escritório central da CGADB. Aconteceram *Conferências Regionais* no Norte e Nordeste, em 1991, no Sudeste e Centro Oeste e Sul, em 1992. Portanto, o projeto inicialmente teve apoio e mobilização. Se acompanhada apenas a partir do MP tudo está funcionando da forma mais eficaz possível.

Na 31ª. Convenção, em 1995, novamente em Salvador - BA, Pastor Valdir Bícego (1939 - 1998), na época presidente da DC, faz uma denúncia grave: os alvos não serão atingidos, porque as igrejas e os pastores não estão envolvidos e fazendo o necessário. É a última vez que se fala oficialmente no assunto.

Os alvos eram: (Araujo, 2007:258):

Criar no Brasil uma Cadeia de Oração: três milhões de brasileiros orando pela Década da Colheita: 1. Iniciar o ano de 1990 com um grande trabalho de evangelização, utilizando-se de todos os meios: jornais, televisão, folhetos, praças, telefone, casa em casa, hospitais, etc., com o propósito de chegar ao ano de 2000 com cerca de 50 milhões de membros; 2. Formar novos obreiros; 3. Implantar novas igrejas; 4. Enviar novos missionários.

Atualmente, a comissão mudou de nome, agora é *Comissão de Planos e Estratégias de Evangelismo e Discipulado* e mantém as mesmas metas, acrescentadas algumas outras como, por exemplo, o Projeto *AD na Copa*<sup>445</sup> e também aproveitar os diversos outros eventos esportivos para evangelizar.

<sup>445</sup> No programa *Movimento Pentecostal*, dia 18.08.2012, o Pr. Raul Cavalcante, presidente desta comissão foi entrevistado e também no MP, agosto/2012, ano 82, no. 1527, pág. 8, foi publicada uma matéria que dá conta de que uma comissão de pastores se reuniu com representantes da Embratur e da Secretaria da Presidência da República

Vamos trabalhar com quatro hipóteses. As duas iniciais, apesar de terem alguns elementos de veracidade, não explicam o problema em todas as suas nuances. As duas últimas estão mais próximas de darem conta da problemática. Elas são em resumo o seguinte: 1) O projeto da DC seria apenas uma manobra política de novo grupo que ascendeu ao poder na CGADB nesta década; 2) A comissão foi apenas subproduto disso e enquanto comissão serve para lustrar o engessamento da burocracia eclesiástica. Uma demonstração antecipada do fracasso; 3) O projeto é uma das principais delimitações da identidade pentecostal assembleiana no novo século; 4) O objetivo principal foi alcançado concretamente ao solidificar a burocracia convencional numa demonstração de força empresarial da CPAD em seu projeto modernizante.

### 1. Apenas um jogo político?

O projeto, como já dito, veio dos EUA e foi encampado por algumas ADs no mundo. No Brasil, ele é lançado em um momento muito singular de luta política entre os Ministérios do Belém-SP (Missão) & Madureira. Algo que vem dos anos 30, mas agora “resolvido” com a expulsão da Madureira da CGADB? As figuras icônicas de Cicero Canuto e Paulo Macalão eram “conselheiros vitalícios” como uma fórmula de dissuasão da “guerra fria” assembleiana, foram substituídos por uma “nova geração”.

Da mesma forma como quando aconteceu na dissolução da “Cortina de Ferro”, o outro lado “vencedor”, agora pode intervir, invadir, depor a quem bem entendesse. Com a morte dos dois caciques originais (Canuto em 1982 e Macalão em 1986), herdaram os postos José Wellington, no Belém-SP, e Manoel Ferreira, em Madureira-RJ<sup>446</sup>. O primeiro foi muito mais “competente” na disputa. Tanto que, desde 1988, é o presidente da CGADB e apesar de diversas tentativas de diferentes opositores ninguém até agora lhe tirou o poder. Teoricamente, Belenzinho “venceu” Brás/Madureira. E pode fazer o que bem entende. Expulsar Madureira foi, a princípio, sua maior demonstração de poder e “competência”. A razão da expulsão: a Convenção de Madureira era uma convenção nacional, portanto, não poderia fazer parte de outra convenção nacional. Mero legalismo casuístico, pois diversas outras Convenções Estaduais têm igrejas filiadas nos seus

---

para conversar sobre o projeto. O “melhor” da entrevista foi o pastor fazer a distinção de que as ADs e a CGADB não estão apoiando futebol ou incentivando os jovens a jogarem, mas vendo a oportunidade de evangelização nos eventos. As ADs querem participar incentivando sua mão de obra voluntária no aprendizado em inglês para atender aos turistas e, assim, evangelizá-los. Esse pastor e sua igreja, em Imperatriz-MA, lançou no início de 2012, o “primeiro filme assembleiano”, com amplo destaque no material da CPAD. MP, no. 1524, maio de 2012.

<sup>446</sup> Palavras do Bispo Manoel Ferreira: “Morreram o presidente (Macalão) e o vice-presidente do Ministério da Convenção (ele se refere ao Ministério de Madureira). E, além disso tudo, tinha ainda a grande guerra com o outro grupo denominado CGABD que queria, de qualquer maneira, com uma sede terrível, tornar o Ministério de Madureira uma congregação da CGADB, uma igreja da CGADB” (Ferreira, 2011:146).

Estados de origem e igrejas filiais em outros Estados, mesmo assim permanecem membros da CGADB (ver Apêndice I).

Então, “coincidentemente” o projeto da DC é lançando na mesma reunião da AGO, realizada em Salvador, em 1988, em que o Ministério de Madureira foi excluído. Seria um ótimo vetor para desviar a atenção da manobra casuística do AGO? Deu certo ou errado? Mesmo que isso tenha alguma veracidade<sup>447</sup> não é suficiente para explicar, por duas questões básicas: a DC não foi um projeto inventado por José Wellington no Brasil, foi mundial e a partir dos EUA; segundo, a urgência evangelística sempre foi marca desta igreja.

## 2. Apenas uma comissão?

A comissão é o cerne da questão: a DC é uma tentativa de acordar uma militância evangelística que sempre caracterizou o movimento pentecostal, seja por razões mais teológicas ou sociais<sup>448</sup>, porém nos últimos anos estava – ou está – um tanto adormecida. Solução: cria-se uma comissão. Algo por natureza burocrático. De pastor/sacerdote, então, pior ainda. Como já parodiamos a frase do ministro Frances, *igreja é algo sério demais para ser confiada a pastores*. Pastor é sacerdote, e este naturalmente conservador, mantenedor de status (ver cap. I ponto 1.1.1); não sabe e nunca inventa (ou inventaria) a roda. Repetitivo e burocrático existe para preservação da instituição; é “funcionário de um culto, de uma empresa permanente”. Sua mensagem e atuação se caracteriza pela oficialidade e preservação do rito (Weber, 1998:466).

Citando apenas três nomes: Valdir Bicego, Geremias do Couto, Isael Araujo, pastores, comentaristas das revistas de EBD e jornalistas, todos com uma cultura razoável, típicos “intelectuais orgânicos”, mas ingênuos para acreditar no alvo de 50 milhões de assembleianos na década de 90?<sup>449</sup> Bastava apenas olhar os dados dos Censos anteriores, e com algum esforço de pesquisa, o crescimento das ADs nos demais países. Nos EUA, em 1988, com 74 anos de existência tinham 2.147.041 membros. No final da Década da Colheita, em 2000, alcançou 2.577.560, um acréscimo de 396.058 membros<sup>450</sup>. No Brasil, segundo o Censo, tem 2.439.763 membros, no final da década

<sup>447</sup> Esta insinuação foi encontrada em textos não oficiais na internet e em conversas com algumas pessoas.

<sup>448</sup> Diversos analistas chamam atenção para esta identidade do pentecostalismo assembleiano: a ênfase no testemunho pessoal que os novos membros têm em levar sua mensagem para amigos e parentes; na urgência proselitista e insistência com os visitantes nos cultos nos templos e fora deles. Cultos nas residências, nas praças, nas feiras, ao “ar livre”, distribuição de folhetos, campanhas e cruzadas feitas constantemente caracterizaram este pentecostalismo, por razões teológicas (a crença na doutrina arminianista de que todos devem e podem ser salvos, caso ouçam a mensagem) (Rolim, 1979).

<sup>449</sup> A Igreja Batista também teve um projeto expansionista que não se concretizou durante seu centenário na década de 80, mesmo sendo um pouco menos ufanista, de um milhão de membros (Santos, 2011).

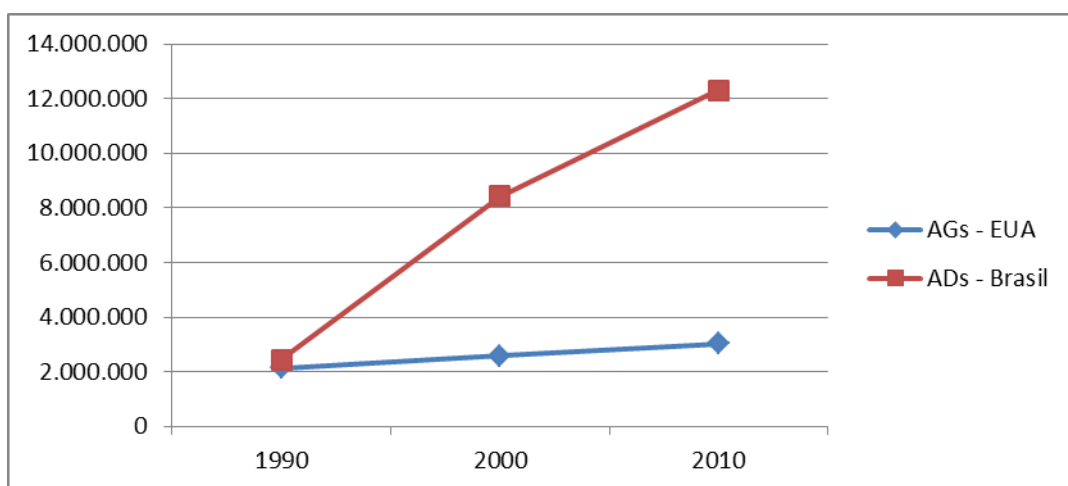
<sup>450</sup> Nos EUA não há estatísticas governamentais e oficiais de religiões, mas o site das ADs possui um amplo e minucioso trabalho estatístico. Site [www.ag.org](http://www.ag.org) – acesso 20.07.2012.

angariou 5.978.377 novos membros. Longe dos 50 milhões da meta, mas se a meta foi absurda, o crescimento assembleiano brasileiro foi igualmente absurdo. E muitíssimamente maior que o crescimento assembleiano norte americano.

Tabela de Membresia AGs & ADs – 1990-2010

	Membresia em 1990	Membresia em 2000	Novos membros 1990-2000	Taxa de crescimento 1990-2000	Membresia em 2010	Novos membros 2000-2010	Taxa de crescimento 2000-2010
AGs	2.147.041	2.577.560	<b>430.519</b>	20,4%	3.030.544	<b>452.984</b>	
ADs	2.439.763	8.418.140	<b>5.978.377</b>	245,04%	12.314.410	<b>3.896.270</b>	46,%

Fonte: IBGE e [www.ag.org/statistics](http://www.ag.org/statistics)



Na DC, nos EUA foram acrescentados às AGs 430.519 novos membros, no Brasil, 5.978.377 novos assembleianos; o crescimento percentual nos EUA foi de 20,4%, no Brasil de 245,04%. Na década seguinte, os números são 452.984 novos assembleianos nos EUA e, no Brasil, de 3.896.270. Apesar de, quantitativamente distantes e as ADs estarem ganhando muito das AGs, observa-se no crescimento das AGs uma constância, enquanto percentualmente, o crescimento das ADs está em queda (nesse momento, isso apenas indicado, pois vai-se retornar ao assunto mais à frente).

A questão é que demorou-se mais de 80 anos para alcançar dois milhões de membros e, em apenas duas décadas, ultrapassou-se a 12, mas ainda bem longe do alvo de 50 milhões, mas como e por que se faria isso em uma década se não se fez em 80 anos? Alguns ex-membros da comissão justificam assim o alvo: foi estabelecido pelo Pr. José Wellington. Um deslumbramento do novo presidente para “impressionar” os

americanos e o resto do mundo? Algo bem brasileiro, aliás. Sendo assim foi, portanto, uma mistura de mandonismo, com a típica obediência religiosa cega, germinando no ufanismo deslumbrado inconsequente. Infelizmente não temos dados estatísticos de outros países para relacionarmos com os brasileiros e americanos<sup>451</sup>. Mesmo que Wellington tenha exagerado na estimativa, se as duas igrejas estavam próximas nos números, algumas décadas depois as brasileiras são muito maiores e isso é mérito também dele. Conquanto muito mais de milhares de assembleianos do que dele.

Valdir Bícego, no entanto, acreditava nestas metas, pois na convenção de 1995 faz um “apelo-exortação”. Evidentemente, sua fala não foi bem ouvida. Desde quando os “bispos” (pastores-presidentes) aceitam que se chame sua atenção pelo não cumprimento do dever? E o assunto morreu. E Valdir Bícego também. Em conversas informais, os poucos que ainda se lembram do assunto creditam o fiasco da DC à morte do Bícego. Silas Daniel (2004:564) registra o seguinte:

Ao final da sessão, o pastor Valdir Bícego apresentou o relatório da Década da Colheita e exortou os líderes a se engajarem no projeto de evangelização do país, lembrando que para ser alcançado o alvo estabelecido de 50 milhões de vidas para Cristo até o final do século 20 as igrejas teriam de crescer 31% até o ano 2000.

É muita imaginação – ou falta de – creditar o insucesso de um projeto envolvendo uma igreja nacional com milhões de membros, com mídia alcançando o país inteiro, com comissões estaduais e locais, a morte isolada de uma pessoa. De verdade, para além da morte do líder principal da comissão, a sua morte foi simbólica, como a morte de um projeto militante.

### **3. A nova identidade assembleiana.**

Um dos aspectos centrais de delimitação da militância assembleiana em seus primeiros anos é prática do testemunho. Dar testemunho faz parte da natureza deste grupo; é falar em público, nos cultos, nas feiras, nas casas, nos templos; ser ouvido e ter voz na congregação e em todas as atividades são compulsoriamente uma satisfação. Todos têm algo a testemunhar: da salvação, de um “livramento”, do batismo com o Espírito Santo. Testemunho de sofrimento, de perseguição, de prisão, de expulsão de casa ou do emprego. Esse sofrimento típico do grupo os unifica; todos são “dignos de sofrer por amor ao Evangelho”. Os testemunhos, portanto, são comuns, pois todos

---

<sup>451</sup> Foram muitas as tentativas de obter informações nas ADsLA, tanto via sites e e-mails para as instituições e membros das Comissões da DC, e também através de amigos(as) e/ou indicados dos mesmos que, na época, viviam em outros países, mas até o momento não foi obtido muito progresso. As pessoas contatadas não se lembram de nada significativo que as ADs tenham feito onde elas estavam – AL, EUA, Europa e África. Nos sites das AGs e demais latinas, há pequenos e irrisórios textos, todos do início da década de 1990, quando o projeto foi lançado. Depois, parece, o assunto foi “esquecido” por todos.



vivenciam os mesmos problemas em condições muito próximas uns dos outros; a irmandade vive próxima geográfica e socialmente. O sentimento de corpo, de unidade, os unifica porque vivem os mesmos riscos e as mesmas conquistas.

Na década de 90, final do século, não há mais a possibilidade de perseguição da Igreja Católica ou de outra igreja denominacional contra os pentecostais. A possibilidade de ser demitido ou expulso de casa por ser crente agora é remotíssima, portanto, qual o conteúdo dos testemunhos agora? Se e quando são dados, os testemunhos de conquistas ou sofrimentos agora *não mais são coletivos*. São acidentes, doenças e problemas individuais, portanto, não do coletivo. A militância pentecostal marcada com a ideia de “ganhar o outro” de forma proselitista agora perde espaço para outro tipo de militância que é “ganhar para si mesmo”<sup>452</sup>. É o que já foi indicado anteriormente no “assembleianismo em movimento” em sua “contínua reelaboração da identidade religiosa”, na expressão de Hervieu-Léger (2008:61).

Qual a motivação desta igreja em décadas passadas para a militância evangelística? Uma razão externa: a salvação dos outros (motivação escatológica); uma razão interna: o aumento da igreja. No momento, as duas estão esvaziadas; a escatologia foi substituída pela ideia de “prosperidade” e, de forma mais instrumental, a igreja já cresceu!

A “nova” identidade assembleiana não é melhor nem pior que sua época: é a cara do tempo presente (analisada no ponto 5.8): as ADs demonstrando sua “competência” carismática, mas também racional-burocrática. Conquanto a DC não tenha alcançado plenamente os alvos estabelecidos deus, sim, certo. Afinal os alvos eram uma desculpa para o projeto em si. O “alvo” não eram os alvos, *o alvo era o projeto*. E este aconteceu. E nada saiu do controle burocrático. Foram mais de cinco milhões de novos assembleianos, se tornando, assim, quase três vezes maior que sua irmã americana e autora do projeto. No entanto, percentualmente, as ADs cresceram muito mais nas primeiras décadas. Enfim, com ou sem a DC as ADs sempre cresceram e as demais denominações pentecostais no Brasil também cresceram. Algumas, aliás, muito mais que as ADs. Nesta década, a IPDA cresceu 357%, a IEQ, 334% e a IURD, mais que o dobro das ADs, pois cresceram 681,50%. Uma pergunta: o que poderia acontecer com esta igreja, se – um considerável “se” – ela tivesse conseguido angariar 40 novos

---

<sup>452</sup> Por isso, as campanhas da IURD e Igreja Mundial fazem tanto sucesso no mundo de hoje? As campanhas e principalmente os testemunhos dessas igrejas nada falam do grupo ou para o grupo, mas são espaços do indivíduo que ganhou algo; é um individualismo de privilégios e soluções levado às últimas consequências, nisso se acentua muito o processo de “iurdinização”.

milhões de membros em uma década? Ou mais grave, como seria o Brasil com 50 milhões de assembleianos?

#### 4. O projeto racional empresarial da CGADB & CAPD.

As ADs continuam sendo uma igreja de pobres, mas atualmente possuem um “lado” rico; é uma igreja pobre com uma editora rica. A CPAD, nascida em 1946, por uma oferta, vinda dos EUA, sempre foi uma empresa modesta e deficitária. Inúmeras vezes foram necessários pedidos de ofertas nas igrejas para a *Casa*. Mas na última década do século XX, a CPAD despontou, tornando-se uma das maiores editoras do país, enquanto as editoras denominacionais definhavam e fechavam suas portas.

Resumidamente: a CPAD na década de 90 se internacionalizou. Abriu 12 filiais no país, além de lojas nos EUA, Europa e Japão. Construiu um novo prédio, publica quase três milhões de revistas da EBD trimestralmente (com venda assegurada), lançou em 1997 um braço latino, *Editorial Patmos*, a gravadora *CPADMUSIC*, em 1996 participou da 14ª. Bienal do Livro e seu faturamento, de cinco milhões, em 1992, alcançou 40 milhões, em 2002. Atualmente, ultrapassa os 100 milhões. Dos seus 268 títulos publicados, 52% são de autores brasileiros. A *Bíblia de Estudos Pentecostais* já vendeu mais de um milhão de exemplares (Araujo, 2010).

A membresia assembleiana esparramada pelo país inteiro pode ainda ser majoritariamente pobre, mas a cúpula da Igreja é rica – algo bem brasileiro: uma nação de pobres liderada por uma elite rica. Conquanto, este substrato social também tenha tido muita ascensão social nos últimos anos, pois, desde a estabilização econômica ainda antes do governo FHC (1994-1998) e, somente nos dois mandatos do Lula (2002-2010), 32 milhões de pobres brasileiros ascenderam para a classe média<sup>453</sup>. Com isso muitos assembleianos se tornaram consumidores. Dos produtos da CPAD, principalmente.

Quais as “afinidades eletivas” entre os personagens, fatos e conceitos? “Naturalmente, a afinidade eletiva não se dá no vazio ou na placidez da espiritualidade pura: ela é favorecida (ou desfavorecida) por condições históricas ou sociais”. (Löwy, 1989:18). Evidentemente, o projeto era “salvar vidas, abrir novas igrejas, levantar um exercito de pessoas em oração”, mas, segundo Weber, mesmo as religiões mais carismáticas, precisam fazer concessões às demandas da clientela. As necessidades

<sup>453</sup> Fonte: [www.fgy.com.br](http://www.fgy.com.br) – acesso 25.04.2011.

“carismáticas” são realizadas de forma apolítica, pois agora são concretas e materiais e não necessariamente vão ter afinidades com o propósito original. Acontece. As ADs sempre anatematizaram a televisão, mas agora com dinheiro e interesses econômicos fortes precisam de um canal de divulgação para seus produtos. TV deixou de ser pecado? Sim, agora os assembleianos podem comprar.

À exceção dos 50 novos milhões de membros, as demais metas foram alcançadas, pois, sim, aconteceram novas adesões, novos missionários, novas igrejas. A comissão mudou de nome e pode ser apenas uma forma pomposa de disfarçar, mas continua reprisando números fabulosos e inatingíveis. Mas, meta que se alcança não é meta.

Enfim, qual era o projeto? “Evangélizar, orar e enviar missionários” podem, sim, na teoria ser indicados carismaticamente, mas na prática o projeto deu uma “nova identidade” e se concretizou empresarialmente, pois, segundo Weber (2002:235), “a busca carismática e mística da salvação” vai se viabilizar a partir de “posições empíricas” na “mistura das organizações religiosas com os interesses de poder”. “Evangélizar” é sinônimo de crescimento, “ganhar almas para Jesus” implica também em aumento de participantes/contribuintes para a denominação – e no caso das disputas no seio assembleiano, ganhar mais para esse Ministério. E na disputa interna e externa (CGADB & CONAMAD) as “lutas de poder” (2002:235) vão resultar em “concessões e relatividades” para benefício e “utilidade” das organizações religiosas. Projeto que conseguiu fazer uma síntese dos anseios carismáticos sendo articulados e domesticados por uma liderança “apolítica” e tradicional. A *estrutura estruturante* deu seu recado: fortaleceu-se internamente, pois a denominação cresceu; e internacionalmente apareceu no cenário pentecostal mundial na WAGF. Adicionando-se ainda a ampla consolidação capitalista da CPAD, em um Brasil vivendo em estabilidade econômica. Foi um momento ímpar do mundo, do país e da igreja. Para a “glória” de Deus e benefício de – quase – todos!

Graficamente o projeto da Década da Colheita pode ser resumido assim:



### 6.3 – CELEBRANDO O CENTENÁRIO – 2011:

A celebração do Centenário foi a cara da igreja: festiva e dividida. As duas “oficiais” foram visceralmente inimigas, mas tiveram algo em comum, o povo celebrando e a elite dirigente se comportando de forma previsível: brigando. Se por um lado, mobilizou milhares de pessoas no país, deu animo evangelístico e senso de pertencimento e *empoderamento* aos membros comuns da igreja, também acirrou as divisões e lutas de poder dentro da estrutura dela.

O Centenário foi marcado por brigas<sup>454</sup>. O único consenso foram as figuras de Berg e Vingren – usadas e abusadas por todos os grupos. A começar pelo nome não houve consenso: era o *Centenário das Assembleias de Deus* ou o *Centenário da Assembleia de Deus*? Muito significativo que o plural foi usado no material oficial da CAGD e o singular pela Igreja-Mãe em Belém. A proposta oficial: em todos os periódicos, sites e programas da CGADB e CPAD divulgou-se uma programação nacional para todas as igrejas. Um livreto de 16 páginas belissimamente produzido (“Celebração Nacional do Centenário das Assembleias de Deus no Brasil”) continha o seguinte: 1. As ADs no Brasil estavam completando cem anos, portanto, a festa era de toda a nação. 2. Mês de junho (e não apenas alguns dias do mês de junho, uma data

454 O acirramento entre os grupos foi tamanho que surgiu uma campanha na internet capitaneada por blogues de assembleianos: “**Pela Unidade no Centenário**” com logomarca e textos pedindo uma trégua em benefício da imagem da igreja e de uma celebração única. Campanha, aliás, que serviu apenas para mostrar um resultado prático: muitos assembleianos não estão na briga e não compartilhavam com os métodos usados (<http://www.terceiraviacgadb.com.br/>). Dentre muitos, destacamos dois blogues, *geremiasdocouto.blogspot.com* e */fronteirafinal.wordpress.com*, de Geremias do Couto e Antonio Mesquita, respectivamente. Ambos pastores conhecidos nacionalmente e ex-diretores da CPAD, neste momento dirigindo igrejas locais, mas em épocas passadas faziam parte da engrenagem política e administrativa da CGADB.

específica): *mês nacional de oração, EDB especial, Cultos da Centésima Ovelha, Campanhas Evangelísticas e Santa Ceia Especial*.

O livreto indica uma absoluta unidade nacional da igreja, mas a “proposta salomônica” da CGADB tem um objetivo maquiavélico: esvaziar Belém do Pará. Pois, contrariamente, a AD em Belém falava nos programas de TV, no site e nos seus periódicos “Centenário da Assembleia de Deus em Belém – Igreja Mãe” e frisava a data de 16 a 18 de junho de 2011 e um local específico<sup>455</sup>.

#### **a) As Celebrações.**

Uma foi a do povo; outra, da elite. Grandiloquente em absoluta efervescência e beirando a histeria, as pessoas já entravam no Estádio e no Centro de Convenção chorando e falando em línguas, principalmente as mulheres. O ufanismo dos “Cem anos de vitória!”, “Cem anos de pentecostalismo!”, “Cem anos de AD”. “Somos a geração do Centenário!” eram manchetes dos jornais diários, mas também frases proclamadas no púlpito e repetidas na plateia. Um ambiente típico que as arquibancadas do Estádio não estranharam: paixão, choro, gritos de alegria, abraços. No púlpito, idem, mas há distinções que são representativas desta nova igreja, apesar de estar no mesmo ambiente e tempo. Lá estão os cantores, pregadores, vereadores, deputados, senadores, governador do Estado e, no último dia, sábado, dia 18/06, até o Arcebispo católico, Dom Alberto Taveira, que foi aplaudido de forma efusiva. O povão, nas arquibancadas, usando camisetas com imagens dos “santos suecos”, já os VIPs assembleianos em trajes de festas, homens de paletós e mulheres de vestidos longos. Uma solenidade *hi-tech* com transmissão ao vivo pela TV *Rede Boas Novas* e por diversos sites, com coreografias, canhão de iluminação, fogos de artifícios, músicas extraordinárias e milhares de pessoas fotografando em suas máquinas e celulares; tecnologia e euforia de mãos dadas. Foi um “novo pentecoste”, como no cenáculo em Jerusalém em que todos falavam em línguas e viam-se tochas de fogo. Agora, idem. Todos falando em línguas e com tochas de fogo, senão na cabeça, nas mãos – os novos celulares fazem milagres! Público e púlpito não são iguais; entre as arquibancadas e as cadeiras numeradas (onde somente alguns convidados e amigos de convidados entravam...) uma visceral distância entre a roupa, o tratamento, o acesso, a importância, a visibilidade (foram muitos mais filmados pela TV); eram os VIPs assembleianos & patuleia; um singular encontro da *Casa Grande* com a *Senzala*, pois todos celebravam *harmoniosamente* o mesmo evento.

<sup>455</sup> O autor deste trabalho, a doutoranda Marina Correa e a jornalista sueca Kajsa Norel estiveram juntos neste período em Belém, assistindo a todas as atividades da semana do Centenário.

Duas coisas foram bem “originais”: músicas e pregações. Os cultos não tiveram cânticos da HC, elemento central da identidade assembleiana, mas apenas os *hits* gravados alusivos ao Centenário<sup>456</sup>. Muito sintomático que os pregadores tenham sido, na primeira noite, uma mulher, na segunda, um pastor dissidente da igreja oficial e, na terceira e última noite, um avivalista alemão<sup>457</sup>. O maior clímax dos cultos foi a coreografia no gramado, com 4.000 participantes formando em um imenso mapa do Brasil, onde tochas de fogo saíam de Belém levando a mensagem pentecostal. Tudo isso precedido da entrada triunfal de um barco com os dois atores representando os missionários suecos, com muito som, luzes e fogos de artifícios e, apesar da repetição nas três noites, isso era suficiente para um êxtase coletivo.

#### **b) O registro do MP.**

A luta fraticida provocou um aspecto quase fascista no MP. Durante o ano de 2011, as festividades em Belém do Pará promovidas pela Igreja-Mãe foram absolutamente ignoradas, o MP e o programa de TV da CPAD, *Movimento Pentecostal*, inflou os nomes de Berg e Vingren, mas magicamente eles não tinham tempo e espaço. Ademais, não se falou na festa que iria acontecer em Belém no mês de junho (data oficial do nascimento das ADs), e no jornal de julho, há uma página inteira sobre as festividades que a CPAD realizou em Belém na semana anterior (e que não constava no livreto do Centenário), que, do ponto de vista de público, foi um fiasco e dá uma pequena nota sobre a megafesta da Igreja-Mãe, em Belém-PA. Um pesquisador ou alguém alheio à problemática desta igreja que for analisar as festividades do Centenário a partir desse jornal vai, no mínimo, não entender o que aconteceu. Basta uma simples olhada nos MP de anos anteriores para se verificar os registros dos aniversários da igreja: há amplas reportagens com fotos, elogios e mensagens de gratidão à Igreja de Belém, mas no *ano do Centenário a Igreja de Belém* *inexiste nos periódicos da CPAD*<sup>458</sup>.

<sup>456</sup> Um pastor em Belém disse não saber oficialmente como e por que esses, e não outros(as), cantores(as) e também pregadores(as) foram os convidados, mas sabia que “gente do Brasil inteiro pediu para participar”. Provavelmente não foi necessário nenhum jabá, pois, afinal foi, e ainda é, uma ótima vitrine para os mesmos, pois trechos de músicas e mensagens ainda continuam sendo apresentados no programa da TV.

<sup>457</sup> As pregações, após o show, foram irrisórias, ademais, o povo conversando e passeando no Estádio impedia de ouvir a missionária Helena Raquel Gonçalves Costa, o pastor Silas Malafaia e o pastor alemão Reinhard Bonnke.

<sup>458</sup> Lamentavelmente, a Coleção do MP, no CEMP, está incompleta. De 1961, ano do Cinquentenário, existem apenas as edições de Maio (nº 9), de Julho (nº 13) e de novembro (nº 22). Na época, o jornal é quinzenal, o de julho apenas divulga que a festa vai acontecer, mas em todos os demais aniversários de anos anteriores e seguidos há extensas reportagens sobre Belém-PA, com “louvores à [igreja-mãe](#) Igreja-Mãe”.

### c) A celebração paulista do Centenário.

No dia 15 de novembro de 2011, realizaram-se em São Paulo, capital, duas festas<sup>459</sup>. Uma no Estádio do Pacaembu, outra na Arena do Barueri<sup>460</sup>; a primeira, do Ministério do Belém e a outra, do Ministério do Braz (a versão paulista da Madureira-RJ). Não conseguiram fazer uma celebração única nem mesmo em SP, como se conseguiria no país inteiro? Apesar da chuva dos dias anteriores e no dia da festa, a Arena de Barueri lotou, mas o Pacaembu não. Ressalte-se que, nessa briga, Madureira parece ter se resignado à marginalidade das celebrações.

Se o Ministério do Belém, leia-se José Welington e companhia, desde o primeiro momento se sentindo o “dono” do Centenário, tinha a pretensão de com essa “festa de encerramento”<sup>461</sup> ir à desforra com a festa de Belém-PA, terminou, porém, por realizar ainda maior fiasco<sup>462</sup>. Choveu o dia todo, o Estádio não lotou, o som não funcionou a contento, a programação não aconteceu devidamente e, enquanto o Pastor William Wood, superintendente das AGs e presidente da WAG, estava falando o som foi cortado por ordem judicial. Evidentemente o MP não divulgou isso, apenas que “apesar da chuva o povo compareceu”<sup>463</sup>.

## 6.4 - IDENTIDADE PENTECOSTAL ASSEMBLEIANA: BRASIL & SUÉCIA

Diversos autores já elaboram teorias sobre a relação da identidade cultural brasileira com outras culturas de forma macro<sup>464</sup>, mas essa pesquisa é mais modesta. Interessa aqui a relação do pentecostalismo assembleiano com os movimentos congêneres na Suécia, AL e EUA. Em um mundo globalizado, é absolutamente impossível as ADs manterem sua condição inicial de isolamento social tanto no país

459 No Rio de Janeiro, aconteceu uma Santa Ceia envolvendo diversos Ministérios, em celebração ao Centenário, dia 06/12/2011, mas descrição minuciosa do evento feito no blog do pastor Jeremias do Couto, indica que, como Santa Ceia, foi um evento político. <http://geremiasdocouto.blogspot.com.br/search?updated-max=2012-01-23T11:39:00-02:00&max-results=8> acesso 29.09.2012.

460 Existem na imprensa e na internet muitas discrepâncias sobre as capacidades dos estádios, portanto, estão sendo utilizadas as informações dadas em sites governamentais, se não são cifras verdadeiras, são, porém, oficiais: *Estádio do Pacaembu*, SP: 37.952 espectadores; *Arena de Barueri*: 37 mil espectadores; *Estádio do Mangueirão*, em Belém: 45.007 mil espectadores. Como o estádio em Belém-PA lotou as arquibancadas e também o gramado, somaram-se, em suas três noites, mais de 135 mil pessoas na festa, enquanto em SP provavelmente não se chegou a 30 mil pessoas.

461 Festa que também não constava no livreto do Centenário, nem tinha sido divulgada meses antes, portanto, deduz-se que ela surgiu depois como resultado de outros fatos (?).

462 Fiasco adicionado a não ter conseguido terminar o templo-catedral que o Ministério está construindo na Avenida Radial Leste, em SP. Enquanto Câmara construiu seu imenso *Centro de Convenções* da AD, em Belém-PA, na mesma festa, inaugurou um *Museu das ADs*, e também, via Governo do Estado e Prefeitura, a *Avenida do Centenário*, dois viadutos cada um em homenagem a um dos suecos e o *Parque Ecológico Gunnar Vingren*.

463 Os jornais diários e a TV noticiaram, além da festa assembleiana, a briga judicial entre a Associação de Moradores e a Prefeitura pela liberação do Pacaembu, isso explica o som ter sido cortado, pois expirou o limite do tempo.

464 Clássicos como *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda e *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, já analisaram a identidade brasileira em relação aos EUA, por exemplo. Também temos Viana Moog (1954), com *Bandeirantes e Pioneiros* e Roberto DaMatta (1999), com *Carnavais, Malandros e Heróis*. O texto de Viola Sachs (1988), *Brasil & EUA: religião e identidade nacional*, reunindo diversos autores é fundamental. Mais recentemente Angela Randolpho Paiva (2003), em *Católico, Protestante, Cidadão*, fez uma original análise do papel da religião (protestantismo nos EUA e catolicismo no Brasil) na construção da cidadania.

como no mundo; algo, aliás, que acontece igualmente ao Brasil, cada vez mais inserido na política e economia global. Se, no princípio, as relações entre as ADs e o pentecostalismo sueco foram próximas, mas acidentadas, atualmente são episódicas; quanto às ADsLA, mesmo sendo igrejas com o mesmo nome e no mesmo continente, tratam-se de grupos absurdamente distintos e distantes. Já com os EUA, no início, por razões teológicas, sociais e étnicas, apesar do nome idêntico são igrejas sem nenhuma identificação, posteriormente há uma tentativa de aproximação não muito frutífera, e, atualmente, alguma relação institucional mais por interesse brasileiro que americano.

**a) O pentecostalismo sueco** <sup>465</sup>.

Como no Brasil, o pentecostalismo sueco atualmente assume as configurações de seu tempo; alterou-se acompanhando o país. Nos países escandinavos, como quase em toda a Europa, religião se tornou “apenas” uma marca cultural <sup>466</sup>. A *Pingst*, a maior organização pentecostal sueca, tem 82.733 membros, mas existem diversas outras “igrejas-livres”, também batistas autônomas não ligadas à *Pingst*. A *Igreja Filadélfia* tem atualmente 5.716 membros. Em 1930, por ocasião da inauguração do novo templo em Estocolmo, eram 3.500 membros (Pethrus, 2004:21). A igreja existe ainda hoje no mesmo templo, se àquela data tratava-se de um grande templo com uma grande membresia, décadas depois mudou pouco. Seu jornal *Evangelii Härold*, surgido em 1916, foi publicado até 1993 e deixou de circular, mantendo uma versão on-line, e atualmente, tem um aspecto ecumênico <sup>467</sup>. Portanto, ao longo dos anos esses dois movimentos pentecostais vão se distanciando, não apenas numericamente, mas sobretudo, em suas identidades.

Tabela Brasil & Suécia: crescimento populacional & crescimento das igrejas.

	1930	2010	Taxa de crescimento
Suécia – população	6.142.191	9.415.570	65,2 %
Membresia da <i>Igreja Filadélfia</i> (organizada em 1912)	3.500	5.716	61,2 %
Brasil - população	37.675.436	190.732.694	506,3 %
Membresia das <i>Assembleias de Deus</i> (organizada em 1911)	13.511	12.314.410	911,4 %

Fonte: IBGE Brasil e SCB - Statistiska Centralbyrån.

<sup>465</sup> Informações sobre o pentecostalismo sueco podem ser encontradas no site [www.pingst.se](http://www.pingst.se). As informações citadas nesta pesquisa foram passadas por Kajsa Norell.

<sup>466</sup> Como analisa Hervieu-Léger (2008:43). “Na Suécia, por exemplo, onde a prática religiosa efetiva é inferior a 5%, 9% dos indivíduos se declaram “cristão praticantes” e 26% se declaram como “não cristão”. Mais de 63% se designam, eles mesmos, como “cristãos à sua maneira”. A crença autodefinida desses fiéis de um novo gênero se distancia, na verdade, substancialmente, da crença luterana oficial. A maior parte do tempo, eles falam de Deus como uma “força superior” e “impessoal”, e formulam sua adesão ao cristianismo essencialmente como a aceitação de um conjunto de valores morais”.

<sup>467</sup> Sua tiragem se inicia em 1916, com seis mil exemplares, em 1920, é de vinte mil, ultrapassa os setenta mil em 1945, no início de 1990, caiu para vinte e dois mil. Seu aspecto “ecumênico” é estritamente evangélico com outras igrejas pentecostais. [www.pingst.se](http://www.pingst.se): acesso 12.01.2012.



Conquanto a Suécia tenha alterado muito seu perfil sócioeconômico, em termos quantitativos populacionais mudou pouco; da mesma forma, a membresia da *Filadélfia*. Ambas as igrejas surgem quase na mesma época, quando as taxas de população rural e urbana são parecidas, mas em poucos anos o pentecostalismo brasileiro ultrapassa o sueco quantitativamente. Uma das primeiras reuniões mundiais do pentecostalismo aconteceu em Estocolmo, em 1939, depois, com a PWC, em 1955, e, novamente, em 2010 – ano do Centenário do pentecostalismo brasileiro. Pethrus e Ongman são citados em textos em inglês (Burgess, Synan, Hollengewer) como as principais lideranças pentecostais do século XX, conquanto nenhum brasileiro é citado.

#### **b) As Assembleias de Deus suecas?**

O ex-secretário de missões, A. P. Franklim, a partir de uma dissidência da *Igreja Filadélfia*, ainda tentou, em 1930, fundar uma *Assembleia de Deus* na Suécia, mas ela teve vida curta. Para além da obviedade de que o modelo assembleiano brasileiro não poderia ser implantado na Suécia, existiram outras razões institucionais que abortaram o projeto (ver Anexo V – Cartas).

Pethrus em sua biografia fala pouco sobre o Brasil; tem uma única citação sobre Vingren já no final de seu texto, conquanto mencione outras vezes a Convenção de 30, pelo seu aspecto tenso da relação entre as igrejas nacionais e a Missão Sueca<sup>468</sup>. A *Igreja Filadélfia* tem diversos missionários espalhados pelo mundo, teve ligação efetiva por quarenta anos com o Brasil, onde mais de 60 missionários trabalharam, e todos os projetos missionários desta igreja têm aqui a maior explosão, então, por que a igreja brasileira quase não aparece em seu texto? Ele veio ao Brasil duas vezes, a primeira em 1930, e também em 1967, por ocasião da 8ª. *Conferência Mundial Pentecostal* – PWF. Por que não veio nas festividades do Cinquentenário, em 1961? A apresentação da biografia de Vingren, que ele escreveu em 1968, parece indicar o quanto ele tem pouca afinidade com as ADs, em 2011. No Centenário, em Belém, o presidente da Pingst, pastor Pelle Hörnmark, veio representando a Suécia. Sobre o centenário foi publicada uma reportagem no “*Pingströrelsens årsbok 2012*” (Anuário Pentecostal 2012). A reportagem usa como fonte de informações a biografia de Vingren publicada em sueco em 1968 e o livro da Kajsa Norell (2011), o que demonstra o quanto o movimento pentecostal sueco é conectado com o brasileiro<sup>469</sup>.

<sup>468</sup> Em uma autobiografia não lançada em português, “*Hos Herren är makten*”, 1955, Pethrus fala bastante sobre o Brasil, principalmente sobre a relação demarcatória entre a Missão Sueca e os trabalhos transculturais na AL e África.

<sup>469</sup> Em 2011, um grupo liderado por José Wellington esteve na *Igreja Filadélfia*, como parte das festividades do Centenário. Segundo o MP e o programa de TV, realizaram seus cultos na sexta, sábado e domingo, mas foram cultos pentecostais para o grupo de brasileiros. Os membros da *Filadélfia* somente participaram domingo pela manhã no seu

### c) O pentecostalismo sueco versus o pentecostalismo mundial.

Segundo Hollenweger (1978:72) e Synan (2003:570), foi a objeção intransigente dos suecos que inviabilizou um organismo pentecostal mundial, isso explica, ainda mais, a relação acidentada que os suecos tiveram no Brasil com os brasileiros e americanos no processo de institucionalização das igrejas. A síndrome das “igrejas livres” e, talvez, o personalismo do Pethrus em sua desconfortável relação com o Governo Sueco e indiretamente com a Igreja Luterana (a igreja estatal) e também com outras lideranças suecas contribuíram?<sup>470</sup> (Esse assunto será retomado no ponto c).

## 6.5 - IDENTIDADE PENTECOSTAL ASSEMBLEIANA: BRASIL & EUA.

O início do movimento pentecostal no século XX encontrou uma esperança generalizada entre seus adeptos de que a renovação pentecostal varreria sobre as igrejas, produzindo uma nova unidade e visível entre todos os cristãos em resposta à oração de Jesus (João 17:21). As esperanças foram logo se transformando em frustração quando surgiram divisões sobre questões de doutrina política, costumes e personalidades (Burguess, 1988:707).

As *Assemblies of God*, nos EUA<sup>471</sup>, nasceram em uma reunião no dia 2 de abril de 1914 na cidade de Hot Springs, Arkansas, quando um grupo de 300 pregadores e leigos realizou o primeiro *Concílio Geral*. A atual formação ainda preserva uma mistura de sistema congregacional com princípios presbiterianos<sup>472</sup>. A igreja local é soberana, pois autogovernada e autossustentada, onde o pastor é eleito pela assembleia local e dirige a igreja junto a um corpo de diáconos. As igrejas são filiadas inicialmente aos *Concípios Distritais* (em 2012, são 64 *Concípios Distritais*, obedecendo limites geográficos e mais 21 *Concípios Étnicos*<sup>473</sup> que se sobrepõem geograficamente) e, finalmente, ao *Concílio Geral das AGs*.

---

tradicional culto. Versão que dada por Kajsa Norell, por e-mail, presente no culto. Essa visita teve ampla cobertura jornalística no Brasil e nenhuma na Suécia nos jornais pentecostais

<sup>470</sup> Pethrus e Ongman, da *Missão Örebro*, fundadora da CIBI no Brasil, os dois principais líderes do pentecostalismo sueco, não concordam em diversos pontos. Na ministração da ceia aberta, no exercício ministerial feminino e no modelo e organização da missão.

<sup>471</sup> Informações sobre as Assembleias de Deus nos EUA podem ser acessadas em seu portal [www.ag.org](http://www.ag.org); estatísticas, documentos e história são coletados e organizados no *Flower Pentecostal Heritage Center* <http://www.ifphc.org/>. O nome AD já era usado pelo pastor Thomas King Leonard, desde 1912, em sua pequena igreja em Findlay, Ohio.

<sup>472</sup> “Desde sua formação, em 1914, o grupo se mostrava avesso a qualquer tipo de organização formal. Queria estabelecer a igreja do Novo Testamento, e o Novo Testamento não apresentava nenhuma forma de organização da igreja local” (Synan, 2009: 198). Apesar da pretensão histórica do Synan, sua avaliação é muito mais teológica e apologética.

<sup>473</sup> Ethnic Fellowships - African Assemblies of God Fellowship, Arabic Assemblies of God Fellowship, National Black Fellowship of the Assemblies of God, National Chinese Fellowship of the Assemblies of God, National Deaf Culture Fellowship of the AG, Ethiopian Fellowship of the AG, National Fijian Fellowship of the Assemblies of God, Filipino-American Christian Fellowship of the Assemblies of God, Ghanaian AG Fellowship, Haitian American Fellowship of the Assemblies of God, Hmong National Fellowship of the Assemblies of God, Assemblies of God India Fellowship of America, Indonesian Fellowship of the Assemblies of God, National Jewish Fellowship of the AG, Native American Fellowship of the Assemblies of God, Nigerian AG Fellowship, Romanian Fellowship of the Assemblies of God, Samoan Fellowship of the Assemblies of God, Southern Asia Fellowship of the Assemblies of God, United States Tongan

O *Concílio Geral*, realizado bienalmente, é formado por ministros ordenados e licenciados eleitos delegados a partir dos *Concípios Distritais* e tem a seguinte estrutura de governo: *Presbitério Geral*, formado por delegados dos Distritais, que se reúne anualmente, e *Presbitério Executivo*, que coordena as atividades no interregno do Concílio Geral<sup>474</sup>, e é formado por 20 membros<sup>475</sup>. Seus primeiros Concípios tiveram grandes polêmicas teológicas (a questão entre unicistas e trinitaristas; a “obra consumada” da salvação, etc.), e desde o início já nasceram em pleno processo de institucionalização.

As ADs, como já indicado em diferentes momentos desta pesquisa, em sua origem sueca, nasceram “acidentalmente” com um grupo expulso da Igreja Batista em Belém, iniciando orações nas casas, se espalham a partir da migração nordestina pós-crise da borracha e possuiu uma estrutura anárquica em seus primeiros anos. Nunca houve uma polêmica teológica, somente oficializa o registro oito anos depois da fundação, vinte anos depois realiza a primeira Convenção, e essa vai ter personalidade jurídica depois de 35 anos de existência. Quando tentou um organismo nacional já estava dividida em Ministérios e inúmeras convenções de forma macro e micro em disputa.

Além da “pentecostalidade”, doutrina da contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, em que as ADs e as AGs se encontram e se distanciam?

**a) A questão racial e movimento pentecostal nos EUA.**

“Na rua Azusa (os cultos de Seymour), porém, pessoas de todas as raças e posições sociais esqueciam seus preconceitos e uniam-se em oração e adoração. Eles diziam: - A linha de sangue apagou a linha da cor” (Horton, 1997:19).

O pentecostalismo nos EUA foi, no início, visceralmente marcado por questões raciais e ainda hoje isso exerce influências sobre o mesmo. Sua música<sup>476</sup> e suas polêmicas políticas e teológicas interligadas<sup>477</sup> vão produzir sua ampla fragmentação eclesiástica. Stanley Horton<sup>478</sup>, um dos principais teólogos assembleianos nos EUA, na citação acima, repete uma frase famosa do movimento “A linha do sangue apagou a linha da cor”, mas seu texto não explica por que as AGs, o ramo branco do

---

Assemblies of God Fellowship e Vietnamese Fellowship of the Assemblies of God. [http://ag.org/top/About/Ethnic\\_Fellowships.cfm](http://ag.org/top/About/Ethnic_Fellowships.cfm). Acesso 17.09.2012

<sup>474</sup> A estrutura administrativa do *Concílio Geral* emprega 900 pessoas, funcionando em 18 edifícios distintivos, envolvendo departamentos de missões, editora, TV, educação, etc.

<sup>475</sup> São seis na liderança executiva (superintendente, assistente do superintendente, secretário geral, tesoureiro geral, dois diretores executivos) mais 14 membros representantes de regiões geográficas, do ministério feminino, ministério jovem, grupos étnicos distintos, etc.

<sup>476</sup> “Una mezcla de melodías estadounidenses y europeas com ritmos africanos” (Hollenweger, 1976:20).

<sup>477</sup> Anderson, 1992, especialmente o capítulo X, “Trinitarian Controversy and Racial Separation”.

<sup>478</sup> Horton é um dos principais teólogos assembleianos nos EUA, foi presidente da SPS 1979-80 (Burguess, 1988:446) e muitos de seus livros foram traduzidos para o português, esteve no Brasil em 1995 (Araujo, 2007:354).

pentecostalismo americano, não floresceu junto ao grupo negro? “Os brancos que haviam recebido a ordenação na Igreja de Deus em Cristo (predominantemente negra) saíram para fundar a Assembleia de Deus (quase exclusivamente branca) em 1914” (Anderson, 1979:189, citado por Freston, 1996:75).

As AGs são segregacionistas, as ADs multiculturais; as AGs possuem mulheres no ministério pastoral, as ADs possuem no início oficiosamente, depois proíbem; as AGs possuem escolas teológicas desde seu nascimento, no Brasil elas são proibidas nas primeiras décadas; as AGs nascem e se mantêm até congregacionais; as ADs também nascem congregacionais, depois alteram sua natureza se episcopalizando. O abismo é grande nos primeiros anos, e ainda hoje, apesar do deslumbre brasileiro por tudo que venha dos EUA, pois a oficialização da *Fraternidade Mundial das Assembleias de Deus* - WAGF no final da década de 80 é uma via de mão única. É uma ligação das ADs com as AGs e não o contrário ou, no mínimo, uma relação de paridade.

Nas ADs do Brasil, logo no início se oficializa um hinário. Se essa igreja tivesse alguma influência do *pentecostalismo black*, poderia ter dado espaço para os repentistas nordestinos cantarem nas igrejas?<sup>479</sup> A HC é uma típica oficialização de uma elite culta, conservadora, com pretensão de controle. Paulo Macalão e Conde (ambos de classe alta, ricos, letrados e falantes de alguns idiomas) são os maiores “autores” de hinos. Isso implica, no mínimo em duas questões graves: primeiro, a *música black*, como os *repetentes*, possui um componente político de denúncia social da condição em que os negros/nordestinos viviam/vivem, produzindo envolvimento social e alteração política (Paiva, 2003); segundo (consequência ou não da anterior, mas uma imbricação da mesma) no culto pentecostal brasileiro, existe toda a *liberdade* de falar, pregar, testemunhar para todos, homens e mulheres, em todos os lugares; nas casas, feiras, cadeias, esquinas, mas não há *liberdade do corpo* no cantar. Esse cântico absolutamente regrado, metrificado e solene visa ao controle do corpo, daí a obrigatoriedade do hinário oficial<sup>480</sup>.

A questão racial sempre foi tão séria que uma reunião entre a liderança das AGs e da *Igreja de Deus em Cristo*, em 1994, foi chamada de “Miracle of Memphis”. A questão racial, como no país inteiro, atualmente foi amainada, mas não resolvida. As

<sup>479</sup> O “improviso” dos repentistas é perigoso, pois os deixam livres para falarem à sua realidade. Patativa do Assaré, um poeta cearense, foi preso na ditadura militar por causa de suas críticas à pobreza e à opressão

<sup>480</sup> O controle do corpo é algo grave no meio pentecostal, ainda mais de um pentecostalismo sueco. A questão do corpo/música é um indício da influência e distância cultural do protestantismo e dos cultos afro no Brasil, algo que já foi discutido em outro texto (Alencar, 2005). Evidentemente, o tema merece muito mais destaque que essa mera indicação.

AGs têm em seu atual *Presbitério Executivo* dois negros, algo absolutamente inexistente em anos anteriores. Memphis resolveu? “Esta celebração da Santa Ceia e lavagem de pés (celebrada em Memphis) foi apenas episódica e não teve muita continuidade”. Essa foi em resumo a fala do pastor superintendente geral, George Wood, realizada na Convenção Geral das AGs, em 2011, no Arizona. Acompanhada de mais um pedido público de perdão aos membros negros da igreja e também dirigido às demais igrejas negras americanas<sup>481</sup>.

**b) O distanciamento das AGs e das ADs.**

Apesar do Bittencourt (1985:35) afirmar que “a A.D. mantém estreitos laços com as igrejas pentecostais americanas, das quais depende quase totalmente em termos de educação teológica”, e a Beatriz de Sousa (1969:114) se equivocar dizendo que as Revistas de EBD eram produções traduzidas do inglês, as ADs nunca dependeram dos EUA. Alguma influência, sim; dependência, nunca. Ironicamente, nas duas últimas décadas, quando as ADs ultrapassaram em membresia as AGs, com diversas escolas teológicas e produção brasileira (basta olhar o catálogo de publicações da CPAD), é que, institucionalmente, como analisado no tópico sobre a *Década da Colheita*, em 1988, as ADs mais se tornam “dependentes” das AGs.

A estruturação e formação das ADs, em suas primeiras décadas, é resultado do ethos sueco-brasileiro, conquanto existam afinidades no pentecostalismo americano, como por exemplo, a ênfase escatológica, a herança pietista, certa aversão à teologia acadêmica, etc.<sup>482</sup>, ao longo dos anos, a historiografia assembleiana norte-americana desconhece – proposital ou não – completamente as ADs. Os periódicos e livros americanos falam da AL, da Europa e Ásia e quase não citam o Brasil.

Em 1995, somente no Brasil, as Assembleias de Deus contabilizavam 13 milhões de membros; a Igreja Universal do Reino de Deus, 7 milhões; a Igreja Cristã<sup>483</sup>, 3,4 milhões; Deus é Amor, 3,2 milhões; e o Brasil para Cristo, 2,6 milhões. Isso significa que, em 1995, quase 20% da população desse país era pentecostal – um em cada cinco pessoas. Ou mais de 30 milhões de pentecostais no Brasil representam 80% dos pentecostais da América Latina. Esses dados podem ser contemplados de uma perspectiva ainda mais impressionante: o Brasil tem a maior população católica do mundo (150 milhões), ao mesmo tempo que é a maior população pentecostal do Planeta (30 milhões) (Deiros, 2009:414/5 in Synan).

Esta é uma citação do texto de Deiros, um teólogo batista, no livro do Synan. Desconsiderando as estatísticas exageradas (estatísticas, aliás, de que o texto não

<sup>481</sup> Informação gravada de entrevista com o missionário americano, Mark Lemos, diretor do IBAD, dia 23/07/2012.

<sup>482</sup> Horton (1997:31,33,56) conta que em 1920, quando recebeu uma bolsa para ir para o seminário, seu avô lhe disse: “Não lhe servirá de nada ir para uma faculdade, já que a vinda do Senhor está próxima.”

<sup>483</sup> É óbvio que o autor está falando da CCB, mas o nome foi grafado errado.

informa a origem), se no Brasil está o maior contingente pentecostal latino e do mundo, por que um livro que tem a pretensão de ser uma avaliação do “século do Espírito Santo” não tem um capítulo – um somente – sobre o Brasil? Ou por que não um teólogo ou historiador assembleiano não escreve o capítulo sobre o Brasil? Esse livro repete de forma piorada, o que David Martin (1990) e David Stoll (1990), fizeram em seus textos sobre o pentecostalismo na AL: não falam no Brasil. O Brasil é o maior país em dimensão geográfica e em população latina e representa mais de 80% da membresia pentecostal, mas é ignorado pelos americanos<sup>484</sup>.

Pior do que ignorar completamente o movimento pentecostal brasileiro e as ADs é informar as cifras de que no Brasil existe a maior comunidade pentecostal e também a maior igreja pentecostal, mas citar as igrejas erradamente e estatísticas questionáveis. Bem americano: *ignora que ignora*. Por outro lado, a publicação da versão em português é bem brasileira: ignora que é ignorado. O prefácio da edição brasileira é deslumbramento acrítico típico de um país tunipiquim diante do Grande Irmão.

Como o centenário das ADs foi visto pelas AGs nos EUA? Na época das festividades em Belém foi publicado na página do *World Missions*, departamento de Missões das AGs, uma pequena reportagem, e em março de 2012 (quase um ano depois), na revista oficial, a *Pentecostal Evangel*, saiu uma reportagem muito elogiosa da dinâmica evangelística brasileira, onde dois executivos de missões americanos falam sobre o Brasil<sup>485</sup>. Nos demais sites e revistas assembleianas norte americanas, latinas e europeias monitorados durante o ano de 2011 nada foi publicado.

### c) PWC & WAGF – a globalização pentecostal.

O início do movimento pentecostal no século XX encontrou uma esperança generalizada entre seus adeptos que a renovação pentecostal varreria sobre as igrejas, produzindo uma nova unidade e visível entre todos os cristãos em resposta à oração de Jesus (João 17:21). As esperanças foram logo se transformando em frustração quando surgiram divisões sobre questões de doutrina política, costumes e personalidades (Burguess, 1988:707)<sup>486</sup>.

A *Pentecostal World Conference* - PWC foi convocada pela primeira vez em 1947, com uma “reunião internacional e ecumênica” (Burguess, 1988:707) e a *World*

<sup>484</sup> Basta uma simples consulta no site Amazon: existem centenas de livros em inglês sobre os pentecostalismos no mundo, mas nenhum texto em inglês sobre as ADs. Em seus 32 anos de existência, a Society for Pentecostal Studies – SPS, nascida em 1970 nos EUA, não teve até o momento nenhum teólogo assembleiano brasileiro em seus quadros.

<sup>485</sup> <http://pe.ag.org> march, 4, 2012. Acesso 03.03.2012. A reportagem sobre o Centenário foi publicada em 18/06/2011. [http://worldmissions.ag.org/regions/latinamcab/\\_.cfm?targetBay=ac6d31db-8d8e-42ff-9454-08eb791d73e7&ModID=2&Process=DisplayArticle&RSS\\_RSSContentID=19685&RSS\\_OriginatingChannelID=1164&RSS\\_OriginatingRSSFeedID=3692&RSS\\_Source=](http://worldmissions.ag.org/regions/latinamcab/_.cfm?targetBay=ac6d31db-8d8e-42ff-9454-08eb791d73e7&ModID=2&Process=DisplayArticle&RSS_RSSContentID=19685&RSS_OriginatingChannelID=1164&RSS_OriginatingRSSFeedID=3692&RSS_Source=)

<sup>486</sup> “The beginnings of the Pentecostal movement in the twentieth century found a widespread hope among its adherents that the Pentecostal renewal, would sweep over the churches, producing a new and visible unity among all Christians in answer to Jesus’ prayer (John 17:21). Hopes were soon turned to frustration when divisions emerged over issues of polity, doctrine, mores, and personalities. In spite of the divisions, there was a growing concern that some differences could be ignored for the sake of common witness in worship”

*Assembleis of God Fellowship* – WAGF apenas em 1988<sup>487</sup>, com o lançamento do projeto da *Década da Colheita*. De 1914 a 1988, são 74 anos, por que as AGs demoraram tanto para tomar essa iniciativa? A criação da WAGF se dá em função da insatisfação das AGs com o “ecumenismo” da PWC? É uma longa história de tensões racistas, teológicas e institucionais que aparecem sorrateiramente em alguns textos em ambos os sites, os quais não será possível aprofundar aqui.

A primeira PWC em Zurich, em 1947, foi uma tentativa de formar a *Comunhão Pentecostal Mundial*, mas ela não se realizou porque não foi obtido um acordo “dogmático e orgânico” (Hollenweger, 1978:72), algo que fracassou também em Paris, em 1949<sup>488</sup>, e os maiores inimigos dessa institucionalização, segundo Hollengewer, (1978:72) e Synan (2003:570) foram os “pentecostais escandinavos”. Conquanto, a primeira reunião mundial pentecostal tenha acontecido em Estocolmo, em 1939, organizada por Donald Gee (1891-1966)<sup>489</sup>, não teve muito resultado por falta de interesse dos suecos.

As PWCs inicialmente eram espaço de reflexão teológica, entretanto, com o aumento das mesmas se tornaram grandes concentrações para “demonstração de força”, como acontece na *Conferencia Mundial Pentecostal* no RJ em 1967:

Parece que en curso de las conferencias posteriores (Helsinki em 1964 y Rio de Janeiro em 1967) no hubo más debates ni aclaraciones, su función fue de la una demostración de fuerza. Em Rio de Janeiro las Assemblies of God estadounidenses trataron – según círculos generalmente bem informados – de poner bajo su control teológico y económico la Conferencia Mundial, asi como también a las importantes Assembléias de Deus brasilenas, pero chocaron com la *dura y eficaz resistência* de los brasilenos. (Hollewenger, 1978:74, grifo no original).

Não foi encontrado até este momento nenhum documento para afirmar com certeza: mas todas essas tensões entre escandinavos e americanos acontecem simultaneamente ao período em que os mesmos estão disputando espaço no Brasil; os primeiros perdendo terreno para os segundos. Coincidência?

***Antiecumenismo assembleiano.*** Existem dois assuntos permanentes nas ADs: batismo com o Espírito Santo e Escatologia. Poderíamos eleger um terceiro assunto que, de forma recorrente, aparece e nunca mudou a análise: *ecumenismo*. No passado e

<sup>487</sup> As AGs, em 1921 já tinham tentado algo parecido e, parece, mais abrangente, uma “união ecumênica dos pentecostais para uma evangelização mundial”, mas o projeto não vingou (Vinson, 2003:565).

<sup>488</sup> “Questões de política, especialmente entre a Escandinávia e pentecostais americanos independentes (...). Assim, a sessão 1947 foi por vezes denominada um fracasso” (Burgess, 1988:707). É nesse mesmo ano que a AD de São Cristóvão lança seu manifesto sobre Usos e Costumes (questão analisada no ponto 6.1).

<sup>489</sup> Donald Gee, pastor assembleiano inglês, ecumênico, foi convidado a participar do Conselho Mundial de Igrejas, mas por pressão das AGs se desligou (Araujo, 2007:330). Foi editor da Revista da PWC. Também David DuPlessis, pastor assembleia nascido na África do Sul, mas com atuação nos EUA, um dos principais líderes da PWC na década de 40, teve suas credenciais suspensas em 1982, pelas AGs, por causa de sua participação no PWC (Horton, 1997:63; Araujo, 2007:275).

presente, ecumenismo é sempre tratado como ação do diabo. São muitos artigos ao longo dos anos<sup>490</sup>, e nisso, as ADs se parecem com as AGs. No Brasil, isso é uma questão de natureza estatutária, pois tanto no Estatuto Geral da CGADB como em muitas Convenções estaduais há um artigo explícito: pastor assembleiano é proibido de ter militância e filiação a algum organismo ecumênico.

O auge do envolvimento das ADs com a PWC foi na década de 60, quando a 8ª. Conferência Mundial Pentecostal aconteceu no RJ, como “demonstração de força” do pentecostalismo brasileiro, e até no início da década de 80, no MP, ainda foram publicadas reportagens sobre a PWC com relatos das comitivas brasileiras presentes. Algo que vai sumir nos anos seguintes, após a oficialização da WAGF.

#### Conferência Mundial Pentecostal – PWC <sup>491</sup>

LOCAL	Tema	PARTICIPANTES E ASSUNTOS	PRESENÇA BRASILEIRA
1. Zurique, Suíça - 1947		Tentativa de um órgão pentecostal mundial fracassou. 250 líderes de 23 países	JP Kolenda, alemão-brasileiro
2. Paris, França - 1949		<i>Comunhão Pentecostal Mundial</i> foi impedida pelos pentecostais suecos	Samuel Nystron, PLM e Eugenio Pires <sup>492</sup>
3. Londres, Inglaterra - 1952		David Du Plessis	Emilio Conde
4. Estocolmo, Suécia - 1955	“O chamado e a comissão do movimento pentecostal: a reavaliação”	Roswell J Flower, Paul Babe, G.R. Wessels, Osvald Orlien, Donald Gee	Emilio Conde
5. Toronto, Canadá - 1958	“O propósito de Deus no movimento pentecostal para esta hora”	Leongard Steiner, J. A. Synan	Emilio Conde/Jose Teixeira Rego
6. Jerusalém, Israel - 1961	“Pentecoste em Jerusalém – antes e agora”	Bem Gurión deu uma saudação	Emilio Conde/ Francisco Pereira do Nascimento, Jose Oscar Skeete
7. Helsinque, Finlândia - 1964	“Evangelismo Mundial”	Embaixador do Brasil fez um saudação <sup>493</sup>	Francisco Pereira do Nascimento
8. <b>RJ, BRASIL - 1967</b>	“O Espírito Santo glorificando a Cristo”		Alcebiades Pereira de Vasconcelos, foi secretário geral
9. Dallas, EUA - 1970		Fundação da <i>Sociedade de Estudos Pentecostais – SPS</i>	Paulo Leivas Macalão e Emilio Conde
10. Seul, Coreia - 1973	“Unidos para pregar”	Teve 3 mil delegados	Paulo Leivas Macalão e Emilio Conde
11. Londres, Inglaterra - 1976	“O Espírito da Verdade”		Paulo Leivas Macalão e Emilio Conde
12. Vancouver, Canadá - 1979	“O Espírito Santo nos últimos dias”		Caranava brasileira liderada por L. Olson
13. Nairobi, Nigéria - 1982	“Vivos no Espírito em nosso mundo”	18 mil participantes	
14. Zurique, Suíça - 1985	“Jesus Cristo – esperança do mundo”	10 mil participantes de 100 países	
15. Singapura,	“Verás a glória do	Deveria ter acontecido em Kuala Lumpur,	

<sup>490</sup> Por isso chama atenção o artigo “Mensagem do Conselho Mundial de Igrejas”, publicado no MP (15.09.1946, ano XVI, nº 18, pág. 2), onde o secretário de Ação Social da Igreja Metodista, Charles W. Clay, faz um relato e um apelo ao envolvimento dos cristãos em favor dos pobres vítimas da Segunda Guerra Mundial. Depois o assunto desaparece do jornal.

<sup>491</sup> Informação sobre a Conferência Mundial Pentecostal estão no site. <http://www.pentecostalworldfellowship.org> – acesso dia 29.12.2011.

<sup>492</sup> Atas da convenção de 1948 – 13ª. Reunião.

<sup>493</sup> Hollenweger (1976:69).



Filipinas 1989	-	Senhor”	Malásia, mas foi cancelada por oposição mulçumana	
16. Oslo, Noruega 1992	-	“Pelo meu Espírito / Esperança para mudar o mundo”		A partir desta década não há mais registro no MP.
17. Jerusalém, Israel – 1995		“De Jerusalém... para todos os povos”		
18. Seul, Coreia – 1998			100 mil participantes de 60 países	
19. Los Angeles, EUA - 2001				
20. Johannesburg, África do Sul - 2004				
21. Surabaya, Indonésia 2007				
22. Estocolmo, Suécia - 2010			Por que essa PWF não aconteceu no Brasil, ano do centenário do pentecostalismo?	
23. Kuala Lumpur, Malásia 2013	-		Previsão segundo o site da PWF	

Em 1994, aconteceu em Seul, Coreia, o primeiro *Congresso Mundial das ADs*, como atividade da WAGF<sup>494</sup>. O segundo no Brasil, em 1997; o terceiro nos EUA, em 2000; o quarto na Austrália, em 2005; o quinto em Portugal, em 2008; o sexto na Índia, em 2011. O sétimo está programado para acontecer em 2014, na “meca” assembleiana americana, em Springfield, EUA, local da sede das AGs. Coincidirá com a celebração do centenário das AGs.

Por que, os congressos tanto PWC como da WAGF, já se repetiram na Europa e nos EUA, e apenas um de cada no Brasil e nunca na AL, o continente onde há o maior crescimento pentecostal?

#### **d) As ADs nos EUA.**

É sintomático ver o site das AGs e demais publicações assembleianas norte-americanas – as ADs simplesmente inexistem; já no Brasil, há sempre menção de livros e pastores americanos. A única exceção é no link da WAGF, onde se relacionam os sites das Assembleias membros, daí a menção ao Brasil, no caso, ao site da CGADB. Se no início os suecos ignoraram os americanos e estes tentaram, sem sucesso, entrar no Brasil, agora os assembleianos americanos ignoram os brasileiros, mas em um deslumbre tupiniquim, os assembleianos brasileiros vão atrás deles. No site das AGs há registro de diversos grupos étnicos<sup>495</sup> e dos *Concílios Distritais* étnicos e uma das línguas oficiais do site é o espanhol e não há nada em português, mesmo que os assembleianos brasileiros sejam mais de 80% da membresia na AL.

<sup>494</sup> As informações sobre a *Fraternidade Mundial das ADs* estão no site <http://worldagfellowship.org>.

<sup>495</sup> [http://ag.org/top/About/Ethnic\\_Fellowships.cfm](http://ag.org/top/About/Ethnic_Fellowships.cfm), como já indicado anteriormente.

Nos periódicos assembleianos brasileiros, fala-se repetidas vezes na *Convenção Fraternal dos Ministros das Assembleias de Deus Brasileiras nos Estados Unidos – CONFRADEB*<sup>496</sup>, fundada em 1998, até porque seu superintendente é o pastor Joel Freire, um dos filhos do José Wellington, presidente da CGADB. Essa convenção, no entanto, não congrega todas as ADs brasileiras nos EUA, existem diversas outras ADs ligadas às AGs, outros Ministérios, pois a CONFRADEB é a versão brasileira do Ministério do Belém-SP. Ademais, não existe Convenção de Ministros nos EUA, mas Convenção de Igreja<sup>497</sup>.

O *Brazilian District Council* segue, em algumas questões, o modelo das AGs. As designações ministeriais são *ministros ordenados, licenciados e certificados*; há um *presbitério regional*, e o cargo central é de *superintendente*, e não pastor-presidente, como no Brasil. No site, o modelo é o das AGs, na prática local das igrejas, não. Até porque elas são congregações do Ministério do Belém-SP, localizadas nos EUA. Também funciona uma escola teológica, a *JW Bible College Internacional*<sup>498</sup>.

## 6.6 - AS IDENTIDADES PENTECOSTAIS NO SÉCULO XXI

“Nos últimos cem anos, o centro de gravidade do mundo cristão deslocou-se inexoravelmente para o Sul, para a África, a Ásia e a América Latina. Já em nossos dias, as maiores comunidades cristãs do planeta encontram-se na África e na América Latina. Se quisermos visualizar um cristão contemporâneo “típico”, devemos pensar numa mulher residente numa aldeia da Nigéria ou numa *favela brasileira*” (Jenkins, 2004:16, grifo nosso).

Cem anos depois de Seymour, o que existe de seu tempo ou de sua identidade e condução pentecostal? Basta lembrar que também cem anos depois de Lutero, idem, Calvino e Wesley (para ficar apenas nos ícones protestantes) muito do que eles intentaram e produziram em suas épocas foi alterado ou se perdeu. Foi ressignificado. Esse tópico não tem pretensão profética, ademais o século está iniciando (sociologia não é vidência), mas tem-se no momento algumas tendências de décadas: crescimento e pluralização. Como tematiza Jenkins (2004), o cristianismo está em amplo progresso na AL, e esse é de vertente pentecostal. E um percentual significativo desse pentecostalismo é assembleiano e as ADs são as maiores neste crescimento.

A “profecia” da morte da religião não se concretizou no Brasil, na AL e no mundo. No início do século XX, o pentecostalismo era majoritariamente negro, pobre e feminino. Um século depois mudou muito, mas permanece igual; continua de maioria

<sup>496</sup> <http://www.confradeb.org/>. Esse é o site do Brazilian District Council.

<sup>497</sup> As AGs publicam anualmente o livro *Church Directory*, com endereços das igrejas, na versão de 2011-12, é possível identificar diversas ADs brasileiras filiadas aos Concílios Distritais (geográficos).

<sup>498</sup> <http://www.jwbc.usfacil.com/index.html>

negra, pobre e feminina. E cada vez mais plural. Se existe algo que se pode afirmar com absoluta certeza sobre as identidades dos pentecostalismos mundiais, de forma macro, são seus hibridismos; nada muito diferente da natureza das identidades pentecostais assembleianas brasileiras em suas múltiplas manifestações.

Como se não bastassem todos os Ministérios e Convenções distintas no Brasil, agora se adiciona um novo modelo assembleiano *made in EUA*. Há alguns Ministérios no Brasil nascidos a partir do “trabalho missionário” de brasileiros que fundaram ou se filiaram a alguma AD nos EUA e retornam ao Brasil para aqui abrir seu “trabalho”, tais como, *AD New Life* (Correa, 2012), *AD de Boston* e *AD Bethel Ministry*, dentre outras. Sem juízo de valor, elas estão, no mínimo, diversificando a imensa pluralidade da identidade assembleiana brasileira.

Apesar das distinções, qual identificação uma AD brasileira teria, por exemplo, com uma AD italiana (isso poderia ser dito de outros países)? Apesar do histórico no site da *Assemblee di Dio* dar crédito ao trabalho missionário dos americanos e à estrutura administrativa ser *made in EUA*, nas rádios da igreja são executadas muitas músicas americanas e mensagens traduzidas do inglês, há algumas “afinidades” com *ethos* brasileiro. Os hinos congregacionais são iguais em letra, ritmo e estilo aos da *Harpa Crista* (hinário das ADs) e as mulheres nos cultos com véus se parecem com a CCB. Bricolagens pentecostais?<sup>499</sup>. O Censo de 2010 divulgou a espantosa quantia de 9.218.129 de “evangélicos pentecostal – outros” (pentecostais pertencentes às pequenas igrejas), portanto, bem próximo aos 12 milhões de assembleianos. É uma “massa pentecostal” fracionada e plural, pois, mesmo os milhões de assembleianos brasileiros estão longe de ser um grupo homogêneo. Portanto, as identidades são múltiplas e distintas.

Afinal, existe uma identidade local distinta de uma identidade global? Pessoas como Pelé, Ronaldo ou Gisele Bündchen não são mais “apenas” brasileiras; idem Messi, Madonna e tantos outros. São locais e globais. Da mesma forma um carro, um *iphone*, um computador não tem nacionalidade; é um produto do mundo. Adicione ainda que a globalização – de pessoas, produtos ou ideias - não é homogênea; é uma heterogeneidade que gera mais heterogeneidade global. Portanto, a globalização do pentecostalismo assembleiano é também uma construção paroquial.

### **HÁ VIDA DEPOIS DO CENTENÁRIO?**

<sup>499</sup> <http://www.assembleedidio.org/>. Não foram obtidos documentos para confirmar, mas brasileiros que estiveram na Itália informam que algumas CCB aderiram às AGs no período pós-guerra.

Pierucci ironiza dizendo que fazer sociologia da religião no Brasil é fazer “sociologia do catolicismo em declínio” (2004:19). Em todos os tempos, qualquer religião dominante e primeira é, por conseguinte, o principal alvo da concorrência das demais. No Brasil, portanto, a Igreja Católica é a “doadora universal” (Almeida, 2004) de membros à concorrência, então, pela lógica quantitativa, as ADs seriam a “segunda doadora universal”? Elas, como as demais, não estão isentas do trânsito religioso, mas não é esse o caso que nos interessa agora. Pelos dados dos Censos de 1991, 2000 e 2010, *o crescimento assembleiano está em declínio*. Plagiando o Pierucci, fazer sociologia das ADs, atualmente, seria também fazer “*sociologia dos assembleianismos em declínio*”?

### Crescimentos e declínios regionais das ADs.

REGIÃO ESTADO	1991	2000	2010	CRESCIMENTO 1991/2000	CRESCIMENTO 2000/2010	REDUÇÃO DE CRESCIMENTO
<b>NORTE</b>						
Rondônia	85.217	145.096	177.165	70%	22,10%	46%
Acre	8.559	50.766	79.026	493%	55,67%	33%
Amazonas	30.251	248.176	407.723	720%	64,29%	27%
Roraima	4.024	37.211	51.000	825%	37,06%	58%
Pará	54.958	643.141	976.214	1.070%	51,79%	43%
Amapá	2.248	60.916	100.821	2.610%	65,51%	32%
Tocantins	12.728	103.696	137.381	715%	32,48%	63%
<b>SUB-TOTAL</b>	<b>197.985</b>	<b>1.289.002</b>	<b>1.929.330</b>	<b>929%</b>	<b>47%</b>	<b>41%</b>
<b>NORDESTE</b>						
Maranhão	37.308	400.017	587.423	972%	46,85%	48%
Piauí	26.839	82.605	129.682	208%	56,99%	16%
Ceará	46.772	310.104	518.843	563%	67,31%	21%
RGN	32.472	135.501	226.722	317%	67,32%	11%
Paraíba	29.182	118.514	200.056	306%	68,80%	9%
Pernambuco	186.571	572.897	802.047	207%	40,00%	41%
Alagoas	23.631	140.104	232.686	493%	66,08%	21%
Sergipe	13.407	41.991	63.970	213%	52,34%	23%
Bahia	146.308	421.049	602.985	188%	43,21%	34%
<b>SUB-TOTAL</b>	<b>542.490</b>	<b>2.222.782</b>	<b>3.364.414</b>	<b>385%</b>	<b>56,55%</b>	<b>32%</b>
<b>SUDESTE</b>						
Minas Gerais	214.419	526.742	713.593	146%	35,47%	40%
Espírito Santo	44.271	205.946	324.471	365%	57,55%	27%
Rio de Janeiro	294.579	1.012.988	1.408.979	244%	39,09%	45%
São Paulo	514.407	1.468.128	2.161.035	185%	47,20%	27%
<b>SUB-TOTAL</b>	<b>1.067.676</b>	<b>3.213.804</b>	<b>4.608.078</b>	<b>235%</b>	<b>45%</b>	<b>35%</b>
<b>CENTRO OESTE</b>						

M.G.Sul	32.635	84.680	117.846	159%	39,17%	36%
M G	66.911	149.207	239.926	123%	60,80%	-10%
Goiás	77.904	431.047	637.663	453%	47,93%	41%
D. Federal	39.191	124.685	181.243	218%	45,36%	34%
<b>SUB-TOTAL</b>	<b>216.641</b>	<b>789.619</b>	<b>1.176.678</b>	<b>238%</b>	<b>48%</b>	<b>32%</b>
<b>SUL</b>						
Paraná	168.181	339.160	467.274	102%	37,77%	25%
S Catarina	97.038	233.297	359.740	140%	54,20%	7%
R. G.Sul	149.744	330.476	408.894	121%	23,73%	57%
<b>SUB-TOTAL</b>	<b>414.963</b>	<b>902.933</b>	<b>1.235.908</b>	<b>121%</b>	<b>39%</b>	<b>32%</b>
<b>BRASIL -TOTAL</b>	<b>2.439.755</b>	<b>8.418.140</b>	<b>12.314.410</b>	<b>245%</b>	<b>46%</b>	<b>35%</b>

Fonte: IBGE – Censo 2012

Em resumo, segundo os dados do IBGE, nas Regiões aconteceram os seguintes crescimentos por décadas e sua consequente redução:

REGIÃO ESTADO	1991	2000	2010	CRESCIMENTO 1991/2000	CRESCIMENTO 2000/2010	REDUÇÃO DE CRESCIMENTO
NORTE	197.985	1.289.002	1.929.330	929%	47%	41%
NORDESTE	542.490	2.222.782	3.364.414	385%	56%	32%
SUDESTE	1.067.676	3.213.804	4.608.078	235%	45%	35%
CENTRO-OESTE	216.641	789.619	1.176.678	238%	48%	32%
SUL	414.963	902.933	1.235.908	121%	39%	32%
<b>BRASIL –total</b>	<b>2.439.755</b>	<b>8.418.140</b>	<b>12.314.410</b>	<b>245%</b>	<b>46%</b>	<b>35%</b>

Fonte: IBGE – Censo 2012

Na última década do século XX, cresceu 254%, na primeira do século XXI, cresceu 46%. Aliás, teve uma *redução de crescimento* em 35%. O que aconteceu? Algumas hipóteses podem ser levantadas. O natural esgotamento de qualquer fenômeno social: cresce e estanca. Acontece com moda, música, esportes, consumo, por que não poderia acontecer com as ADs? A concorrência de expressões mais “culturalmente” adaptáveis e consumíveis. Se seu crescimento se deu inclusive por isso (as questões que analisamos no ponto 6.1 – Usos e costumes), no momento em que novas religiosidades entram no espaço concorrencial levam vantagem<sup>500</sup>.

Nenhuma novidade que tenha crescido, na década de 90-2000, menos no Sul, 121%, e mais no Norte, 929% pois isso acompanhou também as taxas de crescimento e decréscimo da população nestas regiões. No entanto, na década seguinte, 2000-2010, o crescimento de ambas as regiões ficou bem próximo, 47% e 39%, Norte e Sul respectivamente.

De forma genérica, poderíamos apontar o seguinte:

<sup>500</sup> Merece pesquisa, por exemplo, o crescimento da Igreja Mundial do Poder de Deus exatamente no mesmo momento em que a IURD está em declínio. Da mesma forma diversas outras que operam no mesmo segmento.

- Há regiões e estados onde as disputas entre Ministeriais são mais acirradas, por diferentes razões: modernização burocrática, pluralismo doutrinário, politização eleitoral, grupos de status e consanguinidade;
- A luta burocrática se configura explicitamente na oficialização e registro de Convenções Estaduais (daí os nomes “Estados Limítrofes” e “Outros”) a Convenções Nacionais. Essas Convenções e/ou Ministérios não respeitando os limites geográficos dos estados entram nos “campos” de outros e abrem novas igrejas. Em seu fracionamento ela tanto pode se expandir como diminuir quantitativamente;
- A dinâmica desse crescimento – ou redução – passa evidentemente pela expansão populacional de cada uma dessas regiões.
- Impossível, como já dito, não indicar também o esgotamento do discurso. A “novidade” pentecostal e a exclusividade das línguas estranhas as ADs perderam já há algumas décadas. Há muitas outras expressões pentecostais no mercado, muito mais “novas” e “interessantes”. A concorrência é forte.
- No Censo de 2010, foram indicados 25.370.484 pentecostais, dos quais 12.314.410 são assembleianos. Os demais 13.056.074 são pentecostais de milhares de outras igrejas – muitas delas saídas das ADs. E ainda existem 5.267.029 “evangélicas de origem pentecostal – outras”. Ora, esse universo pentecostal somado é muito maior que as ADs. Elas ainda são a maior igreja e teriam uma força extraordinária se fossem de fato uma igreja, mas não são. Elas se perdem dentro deste fracionamento, aliás, elas são uma das razões do mesmo.

Tabela no - **Crescimento e declínio por Estado.**

CLASSIFICAÇÃO DE CRESCIMENTO POR ESTADOS NAS DÉCADAS DE 1991/2000/2010.										
	ESTADO	1991	2000	%			ESTADO	2000	2010	%
1	AP	2.248	60.916	2.610%		1	PB	118.514	200.056	68,80%
2	PA	54.958	643.141	1.070%		2	RN	135.501	226.722	67,32%
3	MA	37.308	400.017	972%		3	CE	310.104	518.843	67,31%
4	RR	4.024	37.211	825%		4	AL	140.104	232.686	66,08%
5	AM	30.251	248.176	720%		5	AP	60.916	100.821	65,51%
6	TO	12.728	103.696	715%		6	AM	248.176	407.723	64,29%
7	CE	46.772	310.104	563%		7	MT	149.207	239.926	60,80%
8	AL	23.631	140.104	493%		8	ES	205.946	324.471	57,55%
9	AC	8.559	50.766	493%		9	PI	82.605	129.682	56,99%
10	GO	77.904	431.047	453%		10	AC	50.766	79.026	55,67%
11	ES	44.271	205.946	365%		11	SC	233.297	359.740	54,20%
12	RN	32.472	135.501	317%		12	SE	41.991	63.970	52,34%
13	PB	29.182	118.514	306%		13	PA	643.141	976.214	51,79%

14	RJ	294.579	1.012.988	244%
15	DF	39.191	124.685	218%
16	SE	13.407	41.991	213%
17	PI	26.839	82.605	208%
18	PE	186.571	572.897	207%
19	BA	146.308	421.049	188%
20	SP	514.407	1.468.128	185%
21	MS	32.635	84.680	159%
22	MG	214.419	526.742	146%
23	SC	97.038	233.297	140%
24	MT	66.911	149.207	123%
25	RS	149.744	330.476	121%
26	PR	168.181	339.160	102%
27	RA	85.217	145.096	70%

14	GO	431.047	637.663	47,93%
15	SP	1.468.128	2.161.035	47,20%
16	MA	400.017	587.423	46,85%
17	DF	124.685	181.243	45,36%
18	BA	421.049	602.985	43,21%
19	PE	572.897	802.047	40,00%
20	MS	84.680	117.846	39,17%
21	RJ	1.012.988	1.408.979	39,09%
22	PR	339.160	467.274	37,77%
23	RR	37.211	51.000	37,06%
24	MG	526.742	713.593	35,47%
25	TO	103.696	137.381	32,48%
26	RS	330.476	408.894	23,73%
27	RA	145.096	177.165	22,10%

Os dados acima são ainda mais emblemáticos, pois, se em todas as regiões houve muita diferença, nos Estados idem, mas elas foram mais absurdas. Algumas alterações estaduais – se não fossem os dados oficiais do IBGE – seriam difíceis de prever ou acreditar.

- Evidentemente, cada Estado (e também cidade) possui uma dinâmica própria e uma explicação de crescimento e/ou declínio no Pará, que não poderia ser aplicada igualmente à realidade do Paraná; idem, Amapá versus Rio Grande do Sul.
- Por que estados nas mesmas regiões, com dinâmicas populacionais e econômicas bem próximas, como por exemplo, Roraima e Rondônia, Sergipe e Alagoas, possuem diferenças tão grandes?
- Por que alguns estados permaneceram na mesma posição de crescimento (por exemplo RA, AC, PE e BA) e outros mudaram tanto para cima como para baixo (como por PA, MT)?
- Na década de 90/2000, nos seis Estados em que as ADs mais cresceram os percentuais foram todos acima de 700%, mas na década seguinte, os seis maiores crescimentos ficaram em torno de 68 a 64%. Como explicar, por que as ADs crescem 2.610% no Amapá na década de 90/2000, mas na seguinte, apenas 65,51%; no Pará, em 2091-2000, 1070%, mas em 200-2010, apenas 51,79%?

*Há vida depois do Centenário?* Este capítulo final ficou martelando essa pergunta que não é mera retórica, traz muito a ser pensando e muito a ser respondido – tanto pela igreja quanto pelos pesquisadores. Iniciou-se o processo, mas muito ainda precisa ser feito. Pesquisado.

A tendência natural desta igreja é viver das glórias do passado ou pelo menos do que foi oficialmente registrado como “glórias”, as ADs possuem mais um ingrediente problematizador por ter se tornado a maior igreja do país – e, como proclama, sem dados oficiais, a maior do mundo! Síndrome bem brasileira, aliás, diversas outras entidades no Brasil (maior nação católica, maior nação espírita, maior nação umbandista do mundo...) se proclamam assim, e não somente as ADs. Mas o que isso significa? Qual a importância e alteração na realidade do mundo, do Brasil e das pessoas que são participantes disso?



## CONCLUSÃO

Cem anos depois de seu nascimento, são doze milhões e meio de assembleianos espalhados nos oito milhões e meio de quilômetros do território brasileiro – o que resulta um assembleiano e meio por quilômetro quadrado. Divididos sobre essa extensão, em natural diversidade de climas, geografias, etnias, expressões idiomáticas, peculiaridades locais e idiossincracias brasileiras, mesmo que as ADs tivessem, desde seu início, se mantido coesas, sua homogeneidade seria parecida com a católica. Ainda mais com distribuição e crescimento quantitativos irregular em todo o país. Portanto, são assembleias.

Originárias do inusitado encontro de pentecostalismos de ethos sueco, americano e brasileiro. Do ethos sueco/europeu, herda componentes pietistas e questões dos movimentos de santidade ainda do século XIX, vitimizado pela perseguição religiosa estatal e pobreza agrícola provocando, assim, uma migração em massa aos EUA, onde também se permanece marginal; vivem nas “fronteiras”. Do ethos americano, os pentecostalismos são herdeiros de fenômenos múltiplos desde os movimentos avivalistas de séculos passados à complexidade de grupos étnicos urbanos visceralmente cindidos por questões raciais. Também lá são assembleias.

O ethos brasileiro culturalmente não difere muito. Também com alta migração interna e externa ocasionada por questões econômicas e agrícolas, com uma religiosidade mística sincrética de herança indígena, católica e afro, o pentecostalismo sueco-brasileiro se espalha acompanhando as migrações nordestinas ocasionadas pelas estiagens, se implantando de forma autóctone e anárquica, porque é uma igreja de liderança leiga e congregacional. São ainda mais assembleias. E, aqui mais ainda, brasileiras.

Modelos diferentes, implantações distintas, estruturas desiguais, há disparidades em todos os aspectos destas igrejas: identificadas nas distinções dos pioneiros, nas formas de implantação das igrejas, nas alterações dos sistemas eclesiais, nas hierarquias, nas músicas, nas liturgias, nas adesões e exclusões dos membros, nos modelos evangelísticos, nos usos – proibições - de meios eletrônicos. Agora não é mais possível pousar de Davi sendo perseguido pelo gigante Golias. Antes pobre, pequena,

marginal e humilhada pelas demais denominações, agora é rica e grande. Se não é mais um Davi, também não é exclusiva e automaticamente um Golias. Abusando destas metáforas bíblicas, ela tem um pouco de Davi, de Golias, mas também tem muito de Saul. Um reinado de vitórias espetaculares, mas também de traições ímpares; de louvores libertadores, mas também de obsessões neuróticas. De conquistas e também quedas. De oficial, mas também de oficioso. São brasileiras.

Em 1911, uma pequena comunidade de 20 pessoas em Belém, que, a partir de uma experiência mística, se organiza anárquica e solidariamente, produz um grande espaço de voluntariado, incentiva a leitura e consequentemente o estudo, promovendo, assim, a ascensão social. Cem anos depois se transforma em um grupo de milhões de pessoas e, alguns, milionários. A pirâmide social brasileira, mais uma vez, não foi negada.

O que fazer com a herança assembleiana? Sim, peremptoriamente, ela existe. Sim, definitivamente, ela é importante. Mas onde ela está? Ela se manifesta no encontro e desencontro das subculturas assembleianas: 1. Nos distintos modelos de assembleianismos, que podem, inclusive, ir além dos quatro tematizados nesta tese. 2. Na segmentação assembleiana; há no presente assembleias para todos os gostos. Sanchis (2001:11) pergunta provocativamente: “qual denominação vai poder liderar a construção desta nova identidade brasileira?... Religião no campo político, política no campo religioso”. No contexto ele fala da perda de hegemonia católica e surgimento de novas identidades religiosas. Resposta: as ADs, inclusive. De presença já centenária, portanto, há mais de uma geração; de presença constante e geográfica em todo o país; de densidade social visível em todos os estratos, tem ainda como vantagem não ser uma religião étnica, portanto, distante da plena miscigenação brasileira. Por fim, formada por milhares de brasileiros com liderança nacional há décadas e sendo a maior igreja evangélica pentecostal do Brasil. Qual outra igreja tem um perfil mais adequado?

Um risco político sério – seríssimo – seria se essa igreja fosse homogênea, com uma liderança única e articulação nacional; tivesse uma única doutrina, um líder carismático indiscutível e uma revelação intocável e absoluta, poderia assim, se quisesse, alterar ou derrubar qualquer outro projeto político que não se coadunasse com seus interesses, e, assim, estabelecer uma teocracia pentecostal (algo que fascina alguns...), mas esse risco, tanto as ADs quanto o Brasil, não correm. Seu fracionamento irreversível, ironicamente sua maior fraqueza, pode ser também sua melhor proteção. E

força. Nada ou nenhuma força – conceitos, personagens ou fatos – alteram isoladamente as ADs. Ao longo desses anos, elas se intercalaram com a história do país.

As *identidades pentecostais assembleianas brasileiras* da MPAB são construídas por estes elementos que identificamos como centrais, tais como tematizados, os Ministérios, Educação Teológica, Relações de Gênero, Mídia, Convenções e Templos. Os *Ministérios* são uma especificidade brasileira em um misto de extremo episcopalismo, nuançado com presbiterianismo e raras manifestações congregacionais, esse modelo é inclusive exportado para outros países no rastro missionário expansionista como subproduto da concorrência. A *Educação Teológica* foi inicialmente realizada informalmente como herança sueca das EBs, ou seja, possui um componente político, tanto por sua versão sueca em tensão com a educação formal estatal luterana quanto pela aversão ao modelo americano. No início, proibida, hoje incentivada por quase todos os grupos. As *Relações de Gênero* são confusamente alteradas na contramão da emancipação feminina no país. Na época em que as mulheres não votam, nas ADs elas pregam, escrevem e dirigem igrejas, quando elas se tornam presentes nos processos sociais, elas são marginalizadas nestas igrejas, conquanto, algumas ADs reconheçam seus ministérios. Quanto à *Mídia*, as ADs desde seu início usam jornais e, na atualidade, usam efetivamente todos os meios de comunicação, mas em décadas atrás satanizaram rádio e TV. Seu lado mais burocrático e político – e também mais conflituoso – se manifesta nas *Convenções*. A partir dos nomes das convenções se manifesta sua absoluta falta de consenso, ademais, nos últimos, a proliferação de convenções distintas em um mesmo estado é a demonstração explícita da politização e instrumentalização dos recursos financeiros e simbólicos. Por fim, os *templos*. Espaços concretos presentes desde os primeiros tempos, são símbolos – edifícios símbolos – da diversidade destas igrejas, e cronologicamente de seu processo de evolução e enriquecimento dos grupos na construção de templos-sedes como demonstração de poder.

Igualmente ao Brasil, esse ethos assembleiano, ou como tematizamos, os assembleianismos são multiculturalistas e sincréticos. Nada mais brasileiro. Nada mais assembleiano. Por fim, se afinal Deus é brasileiro, ele poderia – inclusive – ser também assembleiano. Pelo sim, pelo não, as Assembleias Brasileiras são de Deus e as Assembleias de Deus são brasileiras. Também.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

## • BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA: DOCUMENTOS DA DENOMINAÇÃO:

Jornais: *Jornal A Voz da Verdade*, Belém-PA, em 1917.

*Jornal Som Alegre*, Belém-PA, em 1919-29.

*Jornal Boa Semente*, RJ, entre 1919-29.

*Jornal Mensageiro da Paz*, RJ, de 1930 -

Revistas da EBD, desde 1923.

Revista *Obreiro*

Revista *Seara*

*Jornal Evangelii Härold*- jornal sueco da Igreja Filadélfia de 1917 a 1993

Atas das Convenções

## • BIOGRAFIAS:

ALMEIDA, Abrão (dir) - *Paulo Macalão - a chamada que Deus confirmou*, Rio de Janeiro, CPAD, 1983.

ARAUJO, Isael – *100 mulheres que fizeram a história das Assembleias de Deus no Brasil*, Rio de Janeiro, CPAD, 2011.

BERG, David - *Daniel Berg - enviado por Deus*, versão ampliada, Rio de Janeiro, CPAD, 1995.

BRENDA, Albert W. - *Ouvi um recado do céu*, Rio de Janeiro, CPAD, 1984.

COSTA, Jefferson Magno - *Eles andaram com Deus*, Rio de Janeiro, CPAD, 1985.

GALVÃO, A.Torres - *A memória do saudoso missionário Joel Carlson*, Recife, Edição do Orfanato da ‘Assembléia de Deus’, 1943.

HOOVER, Thomas Reginaldo – *Gustavo Bergstrom. Um herói anônimo*, Rio de Janeiro, CPAD, 1997.

PETHRUS, Lewi – *Lewi Pethrus*, Rio de Janeiro, CPAD, 2004.

STEIN, Luciano – *Nils Taranger. Um coração missionário no Sul do Brasil*, Rio de Janeiro, CPAD, 2002.

VINGREN, Ivar (org) - *Despertamento Apostólico no Brasil*, Rio de Janeiro, CPAD, 1987.

VINGREN, Ivar - *Gunnar Vingren, o diário do pioneiro*, Rio de Janeiro, CPAD, 1973.

- Samuel Nystron

COHEN, Eliezer – *E Deus confirmou os seus passos. Biografia do pastor Alfredo Reikdal*, edição do autor, 2006.

VASCONCELOS, Alcebíades P – *Estadista e Embaixador da Obra Pentecostal no Brasil*, Rio de Janeiro, CPAD, 2003.

NELSON, Samuel – *Nels Nelson. O apóstolo Pentecostal Brasil*, Rio de Janeiro, CPAD, 2001.

BURKE Bob & WOMACK – *Repreendo as trevas. Biografia de Donal Stamps*, Rio de Janeiro, CPAD, 1999.

## • HISTÓRIAS NACIONAIS:

ALMEIDA, Abrão (org) - *História das Assembléias de Deus no Brasil*, Rio de Janeiro, CPAD, 1982.

ARAUJO, Isael – *Dicionário do Movimento Pentecostal*, Rio de Janeiro, CPAD, 2007.

CONDE, Emilio - *História das Assembléias de Deus no Brasil*, Rio de Janeiro, CPAD, 1960.

DANIEL, Silas (org) - *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Os principais líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do Movimento Pentecostal no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

OLIVEIRA, Joanyr - *As Assembléias de Deus no Brasil - sumário histórico ilustrado*, Rio de Janeiro, CPAD, 1998.

RAIOL, Rui – *1911 Missão de Fogo no Brasil. A fundação da Assembleia de Deus*, Belém, Pakatatu, 2011.

VINGREN, Ivar – *Det borjade i Pará. Svensk Pingstmission i Brasilien*, CM Gruppen AB, Brommma, Suécia, 1994.

- HISTÓRIAS REGIONAIS<sup>501</sup>:

\_\_\_ *História da Assembléia de Deus em Belém*, 2a. edição revista e ampliada, (sem autor e editora), 1986.

SOUZA, Benjamim Ângelo – *Luz, Câmera... Milagre! A História da Rede Boas Novas*, Manaus, Fundação Boas Novas, 2005

FERREIRA, Samuel (org.) - *Ministério de Madureira em São Paulo fundação e expansão 1938-2011. Centenário de Glórias. Cem anos fazendo historia 1911-2011*.

- HISTÓRIAS E DOCUMENTAÇÃO INTERNACIONAIS:

\_\_\_ - *Doctrina Fundamentales REglamento Interno y Estatutos. La Conferencia Evangelica de Las Asambleas de Dios de Nicaragua, Sociedad Biblica Unida, s/d*

\_ *Origen y DEsarrollo De Las Asambleas de Dios em Guatemala, 1987.*

\_ *Japan Field – Assemblies of God Headquarters, s/d*

?*Que' son Las Asembleas de Dios?* (folheto publicado pelas Asambleas de Dios de Chile, s/d).

BARATA, Antônio (org) - *Línguas de Fogo - História da Assembléia de Deus em Lisboa*, Lisboa-Portugal, CAPU, 1999.

DEIROS, Pablo A e Carlos Miraida - *Latinoamerica en Llamas - historia y creencias del movimiento religioso más impresionante de todos los tiempos*, Nashville, Editoril Caribe, 1994.

Hidalgo, Rubén Zavala - *Historia de las Asambleas de Dios del Perú*, Lima, Edicionoes Dios es Amor, 1989.

MUNOZ, René Arrancibia - *Historia de las Asambleas de Dios de Chile*, Santiago, CET-Centro Estudios Teologicos da Asambleas de Dios, xerox, sem data, não publicado.

WALKER, Luisa Jeter - *Siembra y Cosecha - reseña histórica de las Asambleas de Dios de México y Centroamérica*, Deerfield, Florida, Editorial Vida, 1990.

- LIVROS DOUTRINÁRIOS:

- *Manual de Doutrinas das Assembléias de Deus no Brasil*, Conselho de Doutrina da CGADB, Rio de Janeiro, CPAD, 2000.

CONDE, Emílio – *O testemunho dos séculos*, Rio de Janeiro, Livros Evangélicos, 1960.

HORTON, Stanley – *O avivamento pentecostal*, Rio de Janeiro, CPAD, 1997

HORTON, Stanley (editor) – *Teologia Sistemática. Uma perspectiva pentecostal*, Rio de Janeiro, CPAD, 1996.

MESQUITA, Antonio Pereira (Org.) – *Artigos Históricos. Mensageiro da Paz. Os artigos que marcaram a história e a teologia do Movimento Pentecostal no Brasil*, Rio de Janeiro, CAPD, 2004, 3 v.

VINGREN, Gunnar – *O Tabernáculo e suas lições*, Rio de Janeiro, CPAD, 2011.

<sup>501</sup> É completamente impossível hoje dá conta das historias regionais, pois, cada Ministério quer lançar sua versão. Com o advento do Centenário das igrejas há proliferação de livros sobre essas igrejas ou Estados. Tenho em mão diversos outros textos que não relacionei.

## BIBLIOGRAFIA GERAL

- ABUMMANSSUR, Edin – *As moradas de Deus. Arquitetura de Igrejas Protestantes e Pentecostais*, São Paulo, Novo Século, 2004.
- ABUMMANSSUR, Edin – *Os pentecostais e a modernidade*, pgs. 115-134, in Passos 2005.
- ALENCAR, Gedeon – *Assembleias de Deus. Origem, militância e construção (1911-1946)*, São Paulo, Arte Editorial, 2010.
- ALENCAR, Gedeon – *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleia de Deus*, Revista Simpósio vol. 10(4) ano XXXVII no. 48, 11-35, nov. 2008.
- ALENCAR, Gedeon – *Protestantismo Tupiniquim. Hipóteses sobre a (não) contribuição protestante à cultura brasileira*, São Paulo, Arte Editorial, 2005.
- ALMEIA, Ronaldo de – *A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade*, in Teixeira 2006.
- ALMEIDA, Ronaldo. *A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico*. São Paulo, Terceiro Nome, 2009.
- ALMEIA, Ronaldo - *A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade*, in TEIXEIRA 2006.
- ALVES, Rubem - *A volta do sagrado. Os caminhos da sociologia da religião no Brasil*, Religião e Sociedade, n. 3, nov. 1978, p. 109-141.
- ALVES, Rubem – *Protestantismo e repressão*, São Paulo, Ática, 1979.
- ANTONIAZZI, Alberto (org.) - *Nem anjos nem demônios – interpretações sociológicas do pentecostalismo*, Petrópolis, Vozes, 1994.
- ARAGÃO, Laura Sá - *Chamadas por Deus, ignoradas pelos homens. Reduccionismo cultural em relação ao trabalho missionário feminino*. Dissertação de Mestrado, Viçosa, CEM, 2004.
- AUBRÉE, Marion – *Tempo, História e Nação – o curto circuito dos pentecostais*, Religião e Sociedade, 17/1-12, 1996, 77-88.
- BANDINI, Claudirene A.P – “*Costurando certo por linhas tortas*”. *Um estudo das praticas feministas no interior de igrejas pentecostais*. Tese de Doutorado em Sociologia, UFSC, Florianópolis, 2008.
- BAPTISTA, Saulo – *Pentecostais e Neopentecostais na Política Brasileira. Um estudo sobre cultura, política, Estado e atores coletivos religiosos no Brasil*, São Paulo, Annablume, 2009.
- BARRERA, Paulo – *Matrizes protestantes do pentecostalismo*, in PASSOS 2005 .
- BASTIDE, Roger – *As religiões no Brasil: uma contribuição sociológica das interpretações da civilização*, São Paulo, Pioneira, 1989.
- BASTIDE, Roger – *Elementos de sociologia religiosa*. In Ciências da Religião 16, São Paulo, IEPG, 1990
- BEGER, Peter – *O dossel sagrado – elementos para uma teoria sociológica da religião*, São Paulo, Paulinas, 1985.
- BERGER, Peter, LUCKMAN, Thomas - *A construção social da realidade*, Petrópolis: Vozes, 1978.
- BIRMAN, Patrícia – *Cultos de possessão e pentecostalismo no Brasil: passagens*, Rio de Janeiro, Religião e Sociedade, 17-12, agosto de 1996. 90-109.
- BITTENCOURT Filho, J. - *A memória é sempre dispersiva: as Assembléias de Deus no contexto brasileiro* em MARASCHIN et al. *Imagens da Assembléia de Deus*, Cadernos de Pós-Graduação/Ciências da Religião, no. 4, março/85.

- BITTENCUORT FILHO, José – *Matriz e matrizes: constantes no pluralismo religioso*, in Passos 2005.
- BLOH-HOELL, Nils - *The Pentecostal Movement*, Oslo: Oslo Universitetsforlaget, 1964.
- BOBSIN, Oneide – *Produção religiosa e significação social do pentecostalismo a partir de sua prática e representação*. Dissertação de Mestrado, PUC, 1984.
- BOFF, Leonard – *Igreja carisma e poder*, Petrópolis, Vozes, 1982.
- BONINO, José Miguel – *Rostos Del Protestantismo Latino América*, Revista da UMESP, 1995.
- BOUDEWJINSE, Barbara & André DROOGERS, F. KAMSTEEG (Org.). - *Algo más que Opio*, San José, Costa Rica, Editorial DEI, 1991.
- BOURDIEU, Pierre – *O poder simbólico*, RJ, Bertrand Brasil, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*, São Paulo, Perspectiva, 1974.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues - *Os deuses do povo*, Brasiliense, São Paulo, 1980.
- BURDICK, Jonh – *Looking for God in Brazil. The Progressive Catholic Church in Urban Brazil's Religious*, Berkeley University of California Press, 1993.
- BURGESS, Stantey M e Gray B. McGee (ed.) – *Dictionary of Pentecostal and Carismatic Movements*, Grand Rapids, Michigan, Zondervan Publishing House, 1988.
- CAMARGO, Cândido P. Ferreira – *Católicos, protestantes e espíritas*, Petrópolis, Vozes, 1973.
- CAMPOS JR, Luís de Castro – *Pentecostanismos: sentidos da palavra divina*, São Paulo, Ática, 1995.
- CAMPOS M, Bernardo – *De La Reforma Protestante a La Pentecostalidade de La Iglesia. Debate sobre el Pentecostalismo em América Latina*, Quito, Ediciones CLAI, 1997.
- CAMPOS M, Bernardo L – *Na força do Espírito: Pentecostalismo, Teologia e Ética Social*, in GUTIÉRREZ, 49-62, 1996.
- CAMPOS, Leonildo Silveira – *Protestantismo Histórico e Pentecostalismo no Brasil: Aproximação e Conflito*, in GUTIÉRREZ, 49-62, 1996.
- CAMPOS, Leonildo Silveira - *Teatro, Templo e Mercado – organização e Marketing de um empreendimento neopentecostal*, SP, UMESP/Vozes, 1999.
- CAMPOS, Leonildo Silveira “*Celebrando*” *obras e carreiras: a função do louvor ao passado e aos líderes na criação e manutenção de uma cultura organizacional em uma denominação brasileira*, in Culturas e Cristianismo Sathler-Rosa, Ronaldo (org), UMESP, 1999.
- CAMPOS, Leonildo Silveira,- *As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco estudada*, Revista USP, 67, 2005.
- CARVALHO, Marcus J. M – “*Fácil é serem sujeitos, de quem já foram senhores*”. *O ABC do Divino Mestre*, Revista Afro-Ásia, no. 31, 327-334, 2004.
- CESÁR, Waldo – *Linguagem, espaço e tempo no cotidiano pentecostal*, Rio de Janeiro, Religião e Sociedade, 17-12, agosto de 1996. 110-123.
- CESÁR, Waldo – *Para uma sociologia do protestantismo brasileiro*, Petrópolis, Vozes, 1973.
- CESAR, Waldo & Shaull, Richard – *Pentecostais e o futuro das religiões cristãs*, Petrópolis, Vozes, 1999.
- CHAUÍ, Marilena – *Brasil. Mito Fundador e Sociedade Autoritária*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2000.
- CHAUÍ, M. S. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 2003.

- CHIQUETE, Daniel & ORELLANA, Luis (edit.) – *Voces Del Pentecostalismo Latinoamericano IV. Identidad, teologia, historia*, Haupén, Chile, RELEP-2011.
- COHN, Gabriel – *Weber. Coleção Grande Cientistas Sociais*, 13, São Paulo, Ática, 2006.
- CONTINS, Marcia - *Narrativas pentecostais: estudo antropológico de grupos pentecostais negros nos Estados Unidos*, Rio de Janeiro, CIEC, ECO, UFRJ, 1993.
- CORREA, Marina A.O.S – *A operação do carisma e o exercício do poder. A lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil*, Tese de Doutorado em Ciências da Religião, PUC-SP, 2012.
- CORREA, Marina, A.O.S. *Alteração das Características Tradicionais da Igreja Assembleia de Deus: Um estudo a partir da Igreja do bairro Bom Retiro em São Paulo*, Dissertação de mestrado PUC SP, 2006.
- CORTEN, André – *O Espírito Santo e os pobres*, São Paulo, Vozes, 1995.
- COSTA, Emerson – *O transito religioso e a recomposição das formas religiosas*, Joao Pessoa, Ed. Universitária UFPB, 2012.
- COX, Harvey – *Fire from heavem – the rise of pentecostal spirituality and the reshaping of religion in the twenty-first century*, Nova York, Addison-Wesley Publishing Company, 1995.
- CUNHA, Magali do Nascimento – *A explosão Gospel. Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*, Rio de Janeiro, Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.
- D'EPINAY, Chistian - *Religião, espiritualidade e sociedade. Estudo sociológico do pentecostalismo latinoamericano*. Cadernos do ISER, n. 6, 1977.
- DAMATTA, Roberto – *Carnavais, Malandros e Heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro*, Rio de Janeiro, Guanabara, 1990.
- DAYTON, Donald W. - *Theological roots of pentecostalism*, London. The Scarecrow Press, 1987.
- DREHER, Martin – *Brasil e Germanidade*, S Leopoldo, Sinodal, 1984.
- DROOGERS, André. – *Visões paradoxais de uma religião paradoxal: modelos explicativos de crescimento do pentecostalismo no Brasil e Chile*, Estudos da Religião, ano VI, no. 8, out/1992. 61-84.
- DREHER, Martin N. – *A Igreja Latino-Americana no Contexto do Mundo*, São Leopoldo, Sinodal, 1999. (Coleção história da Igreja, v. 4).
- DURKHEIM, Émile - *As formas elementares da vida religiosa*, Paulinas, São Paulo, 1989
- EKSTRÖM, Leif – *Estudos sobre a Historia dos Batistas Independentes*, Campinas, Editora Batista Independente, 2008.
- ERSTRÖM, Leif - *A Oração, a Roca e o Moedor de Café. Os Vikings descobrem a América do Sul*, Campinas, Editora Batista Independente, 2005.
- FAUSTO, Boris - *A revolução de 30 – historiografia e história*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- FAUSTO, Boris - *História do Brasil*, São Paulo, Edusp, 1999.
- FERNANDES, Rubem César - *Governo das almas: as denominações evangélicas do Grande Rio*, in ANTONIAZZI 1994.
- FERNANDES, Rubem César - *O debate entre sociólogos a propósito dos pentecostais*. Cadernos do ISER, no. 6, 1977.
- FERNANDES, Rubem César – *Censo Institucional Evangélico-CIN* – Rio de Janeiro, ISER, 1992.
- FERNANDES, Rubem César (Org.) - *Novo nascimento – os evangélicos em casa, na igreja e na política*, Rio, Mauad/ISER, 1998.



- FERNANDES, Silvia Regina Alves – *Novas Formas de Crer. Católicos, Evangélicos e sem-religião nas cidades*, São Paulo, CERIS-Promocat, s/d.
- FONSECA, André Dyone - *São Cristóvão e Santo André: os debates sobre a normatização dos usos e costumes nas convenções gerais das Assembléias de Deus no Brasil (1930-1980)*. Disponível em <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2010/04/6-5.pdf>. Acesso 21.10.2011.
- FORBES JR, Jones A. *Estará o movimento pentecostal ainda em marcha?*, Rio de Janeiro. Tempo e Presença, no. 188, nov/dez/83, p. 12-16.
- FRESTON, Paul - *Breve história da Assembléia de Deus*. Revista Religião e Sociedade, 16/3, maio/94a, Rio de Janeiro.
- FRESTON, Paul – *Entre o Pentecostalismo e o Declínio do Denominacionalismo: O Futuro das Igrejas Históricas no Brasil*, in Gutiérrez, 1996, pgs. 257-276.
- FRESTON, Paul - *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment*. Tese de doutorado. Unicamp, Campinas: 1993.
- FREUND, Julien – *A sociologia de Weber*, RJ, Rocco, 1987.
- FREYRE, Gilberto - *Casa grande e senzala*, Record, Rio de Janeiro, 1933.
- FRODSHAN, Stanley Howard (Ed) – *With signs following – the story of the pentecostal revival in the century*, Springfield, Missouri, Gospel Publishing House, 1941.
- FRY, Peter & HOWE, G. - *Duas respostas à aflição umbanda e pentecostalismo*. Debate e Crítica, no. 6, 1975.
- GOHN, Maria da Gloria – *Teorias dos Movimentos Sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos*, Edições Loyola, 9ª. Edição, 2011.
- GOMES, Wilson - *Cinco teses equivocadas sobre as novas seitas populares*. In ANTONIAZZI, 1994.
- GONDIM, Ricardo – *É proibido – o que a Bíblia permite e a Igreja proíbe*, SP, Mundo Cristão, 1998.
- GOUVEA, Gualberto – *A cidadania dos despossuídos, segregação e pentecostalismo*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, USP, 1995
- GOUVEIA, Eliane - *O silêncio que deve ser ouvido. Mulheres pentecostais em São Paulo*. Dissertação mestrado. PUC: São Paulo, 1986.
- GUIMARÃES, Robson F. – *Os últimos dias: os pentecostais e o imaginário do fim dos tempos*, REVER – Revista de Estudos da Religião – PUC-SP, no. 1, v.5, 2005, p. 35-53.
- GUTIÉRREZ, Benjamim F & Campos, Leonildo Silveira (editores) - *Na força do Espírito: os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas*-Aipral/Ed. Pendão Real, 1997.
- HAHN, Carl J – *História do culto protestante no Brasil*, São Paulo, ASTE, 1989
- HERVIEU-LÉGER, Danièle – *O Peregrino e o convertido. A religião em movimento*, Petrópolis, Vozes, 2008.
- HIRANO, Sedi – *Castas, estamentos e classes sociais. Introdução ao pensamento de Max Weber*, São Paulo, Alfa - Omega, 1973.
- HOEKSTRA, Angela -. *Pentecostalismo rural em Pernambuco (Brasil). Algo más que una protesta simbólica*. In BOUDEWIJNSE, 1991.
- HOLANDA, Sergio Buarque - *Raízes do Brasil*, São Paulo, Cia das Letras, 1999
- HOLLENWEGER, W - *O movimento pentecostal no Brasil*, São Paulo, Simpósio/Aste, ano II, no. 3, junho de 1969. 5-41.
- HOLLENWEGER, W. – *El pentecostalismo – historia y doctrinas*, Buenos Aires, La Aurora 1976.
- HOORNAERT, Eduardo – *História do Cristianismo na América Latina e no Caribe*, São Paulo, Paulus, 1994.

- JACOB, César Romero (Org) *Atlas da Filiação e Indicadores Sociais no Brasil*, Rio de Janeiro, PUC/Loyola/CNBB, 2003.
- JARDILINO, José Rubens Lima, *As religiões do espírito – visão histórico-teológico do pentecostalismo na década de 30*, Rio de Janeiro, ISER/CEPE, s/d
- KAPPAUN, Marciano (Org.) – *Da Suécia ao Brasil. Uma História Missionária*, Campinas, Batista Independente, 2012.
- KOLAKOWSKI, Leszek - *A revanche do sagrado na cultura profana*, Religião e Sociedade, 1, maio 1977, p. 153-162.
- LEMONS, João Kolenda – *Ética Pastoral. Conselhos de uma Jornada Missionária*, Pindamonhangaba, IBAD, 2011.
- LEONARD, Emile G. - *O iluminismo num protestantismo de constituição recente*, Ciências da Religião, São Bernardo do Campo, 1988.
- LÉONARD, Emile-G - *O protestantismo brasileiro – estudo de eclesiologia e história social*, São Paulo, Aste, 1963.
- LESBAUPIN, Ivo – *Marxismo e Religião*, in Teixeira (2003).
- LOPES, Deivis Vânio – *A Organização Eclesiástica da Assembleia de Deus em Canoas –RS*, Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, PUC-RS, 2008.
- MACHADO, Maria das Dores Campos - *Adesão religiosa e seus efeitos na esfera privada – Um estudo comparativo dos carismáticos e pentecostais no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, IUPERJ, Rio de Janeiro, 1994.
- MACHADO, Maria das Dores Campos - *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*, Campinas, ANPOCS, Editores Associados, 1996.
- MACRAE, Donald – *As ideias de Max Weber*, São Paulo, Editora Cultrix/USP, 1975.
- MADURO, Otto. - *Religião e luta de classes*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo - *O pentecostalismo e o pensamento teológico atual: reflexões sobre a pneumatologia e experiência na reflexão teológica*, Estudos da religião, XII, dez/1999..
- MARASCHIN, Jaci (ed.) - *“Visões da Assembléia de Deus”*- IMES – São Bernardo do Campo, s/d.
- MARIANO, Ricardo – *Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil*, Tese de doutorado, UPS, 2001.
- MARIANO, Ricardo - *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*, Revista Estudos Avançados, v. 18, no 52, SP, set/dez, 2004.
- MARIANO, Ricardo – *Neopentecostais- sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, São Paulo, Loyola, 1999.
- MARIZ, C.; MAFRA, C e MACHADO, M.D.C. - *Família e reprodução entre evangélicos*. In Oliveira, R.S. e Carneiro, F. *Corpo: meu bem, meu mal*. Rio de Janeiro, ISER, 1995.
- MARIZ, Cecília Loreto – *Alcoolismo, gênero e pentecostalismo*, Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, v. 16, n.3, maio 1994.
- MARIZ, Cecília Loreto – *Pentecostalismo e a Luta contra Pobreza no Brasil*, in GUTIÉRREZ, 1996.
- MARIZ, Cecília Loreto – *Perspectivas sociológicas sobre o pentecostalismo e o neopentecostalismo*, Revista de Cultura Teológica, ano III, no. 13, out/dez, 1995, São Paulo.
- MARIZ, Cecilia Loreto e MACHADO, M.D.C. – *Pentecostais e redefinição do feminino*, Rio de Janeiro, Religião e Sociedade, 17/1-2, 1996.
- MARIZ, Cecilia Loreto e MACHADO, M.D.C. – *Religião e pobreza: uma comparação entre as CEB's e Igrejas Pentecostais*, Rio de Janeiro, Comunicações do ISER no. 30, 1988

- MARTELLI, Stefano - *A Religião na sociedade pós-moderna* – SP, Paulinas, 1995
- MARTIN, David – *Tangles of fire – the explosion of protestantism in Latin America*, Oxford, Blackwell, 1990.
- MELLO, Izabel Cristina Veiga – *Uma Leitura de Gênero a Partir das Relações de Poder no Pentecostalismo Brasileiro*, Azusa – Revista de Estudos Pentecostais, v. II, n. 1, jan/2011, Joinville - REFIDIM, 2011, p. 65-98.
- MENDONÇA, Antônio Gouvea – *Hipóteses sobre a mentalidade popular protestante no Brasil*, Estudos da Religião, São Bernardo do Campo, ano I, mar/1986, p. 111-123.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa – *O celeste porvir*, São Paulo, Paulinas, 1984.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa/ Filho, Prócoro VELASQUES - *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, Ed. Loyola, 1990, SP.
- MENZIES, William W – *Anointed to serve*, Springfield, Missouri, Gospel Publishing House, 1971.
- MESQUITA, Antônio Neves – *História dos Batistas no Brasil de 1907 até 1935* – Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1940.
- MONTEIRO, Yara Nogueira – *Congregación Cristiana en Brasil, de la fundación AL centenario: La trayectoria de una iglesia brasileña*, p. 77-140. in CHIQUETE 2011.
- MOREIRA, Roberto S.C. – *Weber e o mal estar colonial*, in SOUZA 1999.
- NIEBUHR, Richard, H - *As origens sociais das denominações cristãs*, São Paulo, ASTE-Ciências da Religião, 1992.
- NORELL, Kajsa – *Halleluja Brasilien! Em resa till knarkgängens, favelans och den helige andens land*, Stockholm, Ed. Bladh by Bladh, 2011.
- NOVAES, Regina Reyes - *Os escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores & cidadania*, Rio de Janeiro, ISEER-Marco Zero, 1985.
- ORO, Ari Pedro e Carlos Alberto Steil (orgs.) – *Globalização e religião*, Petrópolis, Vozes, 1997.
- ORTIZ, Renato – *Cultura brasileira & identidade nacional*, SP, Brasiliense, 1985.
- PASSOS, João Décio - *Teogonias Urbanas: o nascimento dos velhos deuses*. Tese de doutorado, PUC-SP, 2001.
- PASSOS, João Décio (org.) – *Os movimentos do Espírito. Matrizes, afinidades e territórios pentecostais*, São Paulo, Paulinas, 2005.
- OSKARSSON, Gunilla Nyberg - I Lucy Farrows fotspår – svenska kvinnor möter den tidiga pentekostala rörelsen, in Sätare (2008).
- OLIVEIRA, Betty Antunes – *Centelha em restolho seco. Uma contribuição para a História dos Primórdios do trabalho Batista no Brasil*, 2ª., São Paulo, Vida Nova, 2005.
- PAIVA, Angela Randolpho – *Católico, Protestante, Cidadão. Uma comparação entre o Brasil e os EUA*, Belo Horizonte, Ed. UFMG, IUPERJ, 2003.
- PELLIZZARO, Nilmar – *Predestinados e Santificados: considerações sobre a Igreja Congregação do Brasil*, pg. 187-221, in Passos 2005.
- PINTO, Celia R. J – *Uma história do feminino no Brasil*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2003.
- POMMERENING, Claiton Ivan – *Pentecostalidade e Pentecostalismo: Fatores de Crescimento Associados à Oralidade*, Azusa – Revista de Estudos Pentecostais, Joinville - REFIDIM v. II, n. 1, jan/2011, , 2011, p. 07-38.
- PIERUCCI, Antonio Flavio – *A Magia*, São Paulo, Publifolha, 2001.
- PIERUCCI, Antonio Flavio – *“Bye, bye, Brasil” – o declínio das religiões tradicionais no Censo de 2000*, Revista de Estudos Avançados 52, São Paulo, USP, volume 18, set/dez, 2004, p. 17-28.
- PIERUCCI, Antonio Flavio – *O desencantamento do mundo. Todos os passos do conceito em Max Weber*, São Paulo, Editora, 34, 2003.

- PRANDI, J. Reginaldo. - *Perto da magia e longe da política; derivações do encantamento no mundo desencantado*. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n.34, 1992.
- PRANDI, Reginaldo - *A realidade social das religiões no Brasil*, São Paulo, Hucitec-Edusp, 1995.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira - *Identidade Cultural, religião, expressões culturais: a criação religiosa do Brasil*, in SACHS 1988.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de - *Messianismo no Brasil e no mundo*, São Paulo, Alfa-Omega, 1976.
- READ, Wilian R. - *Fermento religioso nas massas religiosas do Brasil*, São Paulo, Imprensa Metodista, 1967.
- REALY, Duncan - *A História documental do protestantismo no Brasil*, São Paulo, ASTE, 1993.
- RIBEIRO, Boanerges - *Protestantismo e cultura Brasileira - aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil*, São Paulo, Presbiteriana, 1981.
- RIBEIRO, Ezilene Nogueira - *Eurico Alfredo Nelson (1862-1939) e a inserção dos batistas em Belém do Pará*, Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, UMESP, 2011.
- ROLIM, Francisco Cartaxo - *Pentecostalismo: Brasil e América latina*, Petrópolis, Vozes, 1995.
- ROLIM, Francisco Cartaxo - *Religião e classes populares*, Petrópolis, Vozes, 1980.
- ROLIM, Francisco Cartaxo - *O que é Pentecostalismo*, São Paulo, Ática, 1995.
- ROLIM, Francisco Cartaxo - *Pentecostais no Brasil: uma análise sócio-religiosa*, Rio de Janeiro, Vozes, 1979.
- RONIS, Osvaldo - *Uma epopeia de fé: historia dos batistas letos no Brasil*, Rio de Janeiro, CPB, 1974.
- ROSANO-NUNES, Maria José - *O catolicismo sob o escrutínio da modernidade*, in SOUZA 2004.
- MARTELLI, Stefano - *A religião na sociedade pós-moderna*, São Paulo, Paulinas, 1995.
- SACHS, Viola (Ed.) - *Brasil & EUA: religião e identidade nacional*, Graal, Rio de Janeiro, 1988.
- SANCHIS, Pierre. - *O repto pentecostal à "cultura católica-brasileira"*, In ANTONIAZZI, 1997.
- SANTOS, Marcelo - *O marco inicial batista. Uma discussão historiográfica sobre os Primórdios do trabalho Batista no Brasil*, Rio de Janeiro, Convicção, 2011.
- SANZANA, Elizabete Del C. Salazar - *"Todas seríamos rainhas" - história do pentecostalismo chileno na perspectiva da mulher 1099-1935*, São Bernardo do Campo, Dissertação de Mestrado-UMESP, 1995.
- SARGES, Maria de Nazaré - *Belém: Riquezas Produzindo a Belle-époque (1870-1912)*, Belém, Ed. Parakatu, 2000.
- SÄTARE, Nils-Eije (Org) - *"Azusa Street i Örebro": Pingstväckelsens intåg i Sverige - rapport från ett symposium på Örebro Teologiska Högskola, den 23 november 2006*.
- SCWARTCZ, Lílían - *As barbas do Imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos*, São Paulo, Cia das Letras, 1998.
- SIPIERSKI, Paulo D. - *Pós-pentecostalismo e Política no Brasil*, Estudos Teológicos v. 37, no.1, p. 28-46.
- SODRÉ, Nelson Werneck - *Síntese da Historia Cultural Brasileira*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.

- SOUZA, Beatriz Muniz de – *A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo*, São Paulo, Duas Cidades, 1969.
- SOUZA, Jessé – *A ética protestante e a ideologia do atraso brasileiro*, in SOUZA 1999.
- SOUZA, Jessé (Org.) *O protestante e o malandro – a tese weberiana e a singularidade brasileira*, Brasília, UNB, 1999.
- STÄVARE, Nils-Eije (org.) "*Azusa Street i Örebro*": *Pingstväckelsens intåg i Sverige. - rapport från ett symposium på Örebro Teologiska Högskola, den 23 november 2006*, Örebro Missionsskola, 2008.
- STOLL, David , *Is Latina América turning protestant? The politics of evangelical growth*, Berkely, University of California Press, 1990.
- SWEDBERG, Richard – *Max Weber e a idéia da sociologia econômica*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2005.
- TEDESCO, Marcos Anderson – *De Perseguidos em Nome da Fé a Imigrantes*, Azusa – Revista de Estudos Pentecostais, Joinville - REFIDIM v. 2, n. 1, jan/2011, p. 99-124.
- TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (Org.) – *As religiões no Brasil. Continuidades e rupturas*, Petrópolis, Vozes, 2006.
- TEIXEIRA, Faustino (Org.) - *Sociologia da Religião. Enfoques Teóricos*, São Paulo, Vozes, 2003.
- THOMPSON, John – *Ideologia e Cultura Moderna*, Petrópolis, 1995.
- TOCQUEVILLE, Aléxis – *Da democracia americana*, Porto-Portugal, Rés, s/d.
- TROELSCH, Ernest – *Igrejas e Seitas*, Religião e Sociedade, v.14, n./3, 1987, pgs.135-144.
- TROELTSCH, E – *El protestantismo y el mundo moderno*, México, Fondo de Cultura Económica, 2005.
- VIANA, Luiz Werneck – *Weber e a interpretação do Brasil*, in SOUZA, 1999.
- WAERN, Claes - *Pingströrelsen. Verksamheter och särdrag under 1900-talet*, Librisförlag, 2007.
- WAGNER, Peter – *Por que crescem os pentecostais? Uma análise do espantoso avanço pentecostal na América Latina*, São Paulo, Vida, 1994.
- WEBER, Marianne – *Weber: uma biografia*, Niterói, Casa Jorge Editorial, 2003.
- WEBER, Max - *Economia e Sociedade*, Brasília,<sup>4</sup> ed, Unb, 1998.
- WEBER, Max – *Ensaio de Sociologia*, 5ª. Edição, Rio de Janeiro, LTC Editora, 2002.
- WEBER, Max – *História Geral da Economia*, São Paulo, Editora Mestre Jou, 1968.
- WEBER, Max – *Metodologia das Ciências Sociais – Parte 2*, 2ª. Ed, São Paulo, Cortez Editora, 1995.
- WEBER, Max – *Weber. Coleção Grandes Cientistas Sociais*, vol. 13. Org. Gabriel Cohn, São Paulo, Ed. Ática, 1991.
- WEGNER, Robert – *Os Estados Unidos e a fronteira na obra de Sergio Buarque de Holanda*, in Souza (1999) pgs. 237-256.
- WEINE, Karlsson – *Suécia e America latina. Vínculos e cooperação*. Instituto de estudos da America Latina – LAIS / UNB, Embaixada da Suécia, 1994.
- WERNEK Sodré, Nelson. - *Formação História do Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1973
- WILLEMS, Emílio – *Followers of the New Faith, Culture Change and Rise of Protestantism in Brazil and Chile*, Nashville, Tennessee, Vanderbilt University Press, 1967.

**ANEXO I - CONVENÇÕES NACIONAIS: CGADB & CONAMAD**

<b>ESTADO</b>	<b>CGADB<sup>502</sup></b>	<b>CONAMAD<sup>503</sup></b>
ACRE	CEIMADAC – Convenção Estadual de Igrejas e Ministros das Assembleias de Deus no Acre (1978)	CONEMAD – AC
ALAGOAS	COMADAL – Convenção das Assembleias de Deus no Estado do Alagoas	CONEMAD – AL
AMAPÁ	CEMEADAP – Convenção Estadual dos Ministros das Assembleias de Deus no Amapá	CONEMAD – AM
AMAZONAS	CEADAM – Convenção das Assembleias de Deus no Amazonas (1935) CEADATAM – Convenção Estadual da Assembleia de Deus Tradicional no Amazonas (2000)	CONEMAD – AM
BAHIA	CEADEB – Convenção das Assembleias de Deus na Bahia (1979)	CONEMAD – BA
CEARÁ	COMEDEC – Convenção Estadual dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Ceara CIMADEC – Convenção de Igrejas e Ministros da Assembleia de Deus Ministério de Fortaleza no Estado do Ceara (1973) CONFRADECE – Convenção Fraternal de Ministros das Assembleias de Deus do Estado do Ceara	CONEMAD – CE
DISTRITO FEDERAL	CEADDIF – Convenção Evangélica das Assembleias de Deus no Distrito Federal COMADEBG – Convenção dos Ministros das Assembleias de Deus de Brasília e de Goiás COMADEPLAM – Convenção das Assembleias de Deus do Planalto Central (1986)	CONEMAD – DF
ESPIRITO SANTO	CEMADES – Convenção Evangélica dos Ministros das Assembleias de Deus no Estado do Espírito Santo e Outros (1970) CONFRATERES – Convenção Fraternal das Assembleias de Deus no Estado do Espírito Santo e Outros (1983) CADEESO – Convenção das Assembleias de Deus no Estado do Espírito Santo e Outros	
GOIÁS	CADESGO – Convenção das Assembleias de Deus no Estado do Goiás (1962)	CONEMAD – GO
MARANHÃO	CEADEMA – Convenção Estadual da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Maranhão. COMADESMA	CONEMAD – MA
MINAS GERAIS	COMADEMIG – Convenção Estadual dos Ministros das Igrejas Evangelicas Assembleias de Deus do Brasil (1959) COMADETRIM – Convenção dos Ministros das Assembleias de Deus no Triangulo Mineiro (1985) COMADVARD – Convenção dos Ministros das Assembleias de Deus do Vale do Rio Doce e Outros(1968) CIMADEMIGO	CONEMAD – MG
MATO GROSSO	COMADEMAT – Convenção dos Ministros das Assembleia de Deus no Estado do Mato Grosso	
MATO GROSSO SUL	COMADEMS – Convenção dos Ministros das Assembleias de Deus no Estado do Mato Grosso do Sul	CONEMAD – MS
PARÁ	COMIEADEPA – Convenção dos Ministros e Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Estado do Para CIADSETA-PA/MT CIMADB	CONEMAD - PA - Sul CONEMAD – PA - Norte
PARAIBA	COMEAD – Convenção de Ministros da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Campina Grande e no Estado da Paraíba COMADEP – Convenção dos Ministros das Assembleias de Deus no Estado da Paraíba	CONEMAD – PB
PARANÁ	CIEADEP – Convenção das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Estado do Paraná (1960)	CONEMAD – PR
PERNAMBUCO	CONADEPE – Convenção das Assembleias de Deus no Estado de Pernambuco (1936) COMADALPE – Convenção dos Ministros Evangélicos da Igreja Assembleia de Deus em Abril e Lima no Estado do Pernambuco (1948).	CONEMAD – PE

<sup>502</sup> <http://www.cgadb.com.br>

<sup>503</sup> <http://www.conamad.com.br>

PIAUI	CEADEP – Convenção das Assembleias de Deus do Piauí	CONEMAD – PI
RIO DE JANEIRO	CEADER – Convenção Evangélica das Assembleias de Deus no Estado do Rio de Janeiro e Outros (1962) CONFRADERJ – Convenção Fraternal das Assembleias de Deus do Estado do Rio de Janeiro (1981) COMADERJ – Convenção de Ministros das Assembleias de Deus do Estado do Rio de Janeiro (1995)	CONEMAD – RJ
RIO GRANDE DO NORTE	CEMADERN – Convenção Estadual de Ministros da Assembleia de Deis no RN	CONEMAD – RN
RIO GRANDE DO SUL	CIEPADERGS – Convenção dos Pastores das Igrejas Evangélicas da Assembleia de Deus no Estado do Rio Grande do Sul (1937)	CONEMAD - RS
RONDONIA	CEMADERON – Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Estado de Rondonia (1974)	CONEMAD – RO
RORAIMA	CEDADER - Convenção das Assembleias de Deus no Estado de Roraima	CONEMAD – RR
SANTA CATARINA	CIADESCP – Convenção das Igrejas Evangélicas Assembleais de Deus de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná	CONEMAD – SC
SÃO PAULO	CONFRADESP – Convenção Fraternal e Interestadual das Assembleias de Deus no Ministério de Belém (abrange Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Sul de Minas Gerais) COMADESPE – Convenção dos Ministros das Assembleias de Deus no Estado de São Paulo e Outros (1970). CIEADESPEL – Convenção das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Estado de São Paulo e Estados Limítrofes (1965) COMOESPO – Convenção dos Ministros Ortodoxos das Assembleias de Deus do Estado de São Paulo	CONEMAD – SP
SERGIPE	CONEADESE – Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Estado de Sergipe	CONEMAD – SE
TOCANTIS	CIADSETA – Convenção Interestadual das Assembleias de Deus do SETA no Tocantins e Igrejas Filiadas (1961) <sup>504</sup>	CONEMAD – TO

#### FILIAÇÕES INTERNACIONAIS

EUA JAPÃO	CONFRADEB – Convenção Fraternal dos Ministros das Assembleias de Deus Brasileiras nos Estados Unidos (1998) COMADEJA – Convenção de Ministros das Assembleias de Deus de Língua Portuguesa no Japão (2001)	Portugal, EUA, Italia, Japão, Bolivia e Argentina
--------------	---	---

## ANEXO II - MINISTÉRIOS ASSEMBLEIANOS AUTONOMOS

SÃO PAULO	CEARA
AD Adonai, AD Adoradores de Cristo, AD Apostólica da Fé, AD Apostolica Tabernáculo de Deus, AD Belém de Judá, AD Bereana, AD Brasileira, AD Catedral da Fé, AD Comunhão e Adoração, AD Comunidade da Paz, AD Cristo é a Nossa Esperança, AD da Benção, AD da Renovação, AD Deus é fiel, AD do Brasil, AD do Calvário, AD Edificando, AD Efath, AD El Betel, AD El Shaday Brasileira, AD Eterna Aliança, AD da Fé Apostolica, AD Fiel, AD Filhos de Israel, AD Fonte Viva, AD Força e Poder, AD Grata Nova, AD Harmonia e Paz, AD Jerusalém, AD Jesus e a Paz, AD Kadoshi, AD Maranata, AD Missão Mundial, AD Missão Restaurada, AD Monte Moriá, AD Monte Sião, AD Mover de Deus AD Nações de Cristo, AD Nipo-Brasileira, AD para Cristo, AD Pentecostal da Missão, AD Primitiva Mundial, AD Promessas, AD Remidos do Senhor, AD Renovo no Espirito Santo do Brasil, AD Semeando Fogo, AD Shemá. AD Tempo de Milagres, AD Unção Divina, AD Unida, AD Unidos em Deus, AD Unidos em Jesus Cristo, AD Vida Plena, AD Vidas para Cristo, AD Vidas para Milhões, AD Viva Esperança, AD Viver com Deus.	AD Canã, AD Ministério em Chamas, AD Shalon, AD Santo de Israel, AD Monte das Oliveira, AD Sião Celeste.

Obs.: Nessa listagem de Ministérios Autônomos em SP não contabilizamos Ministérios de localização geográfica (bairros e cidades), o que aumenta consideravelmente o numero de igrejas. Essa listagem está longe de ser completa, no momento, temos uma listagem de cada Estado da Federação, evidentemente um trabalho infindo.

<sup>504</sup> Abrange os Estado de Tocantins, Maranhão, Goiás, Pará, Mato Grosso, Distrito Federal e Bahia. Existe CIADSETA- MA, CIADSETA-PA etc.

### ANEXO III - ADs NA AMÉRICA LATINA

PAIS	Fundação	Programa de rádio	Programa de TV	Instituto Bíblico	Site e nome oficial
ARGENTINA**	1922				Union de Las Asambleas de Dios el Argentina <a href="http://www.uad.org.ar">http://www.uad.org.ar</a>
BOLÍVIA	1959				El Concilio General de las Asambleas de Dios
<b>BRASIL **</b>	<b>1911</b>	<b>1955</b>	<b>1981</b>	<b>1958</b>	<b>Convenção Geral das Assembleias de Deus –CGAD</b>
CHILE *	1949			1953	<a href="http://www.lasasambleasdedios.cl">http://www.lasasambleasdedios.cl</a>
COLÔMBIA **					Concilio de Las Asambleas de Dios de Colombia <a href="http://elconciliosoyvo.com">http://elconciliosoyvo.com</a>
COSTA RICA *	1942	1948	1968	1953	Concilio Las Asambleas de Dios em Puerto
CUBA	1931				
EL SALVADOR	1926	1955		1931	
EQUADOR *					Conferencia Evangelica de Las Asambleas de Dios del Equador <a href="http://www.ceade.org">http://www.ceade.org</a>
GUATEMALA *	1916#	1952			Las Asambleas de Dios en Guatemala
GUIANA	1916	1952		1939	
HONDURAS	1937	1961		1947	Conferencia Evangelica de Las Asambleas de Dios em Honduras
MÉXICO *	1917	1960		1928	El Concilio Nacional de Las Asambleas de Dios <a href="http://www.asambleasdediosmexico.org">http://www.asambleasdediosmexico.org</a>
NICARÁGUA *	1925				Conferencia Evangélica Pentecostal de la Asamblea de Dios <a href="http://www.asambleasdediosdenicaragua.org/">http://www.asambleasdediosdenicaragua.org/</a>
PANAMÁ	1919				
PARAGUAI *	1911	1989	1989	1937	El Concilio de las Asambleas de Dios em la Rca. Del Paraguay <a href="http://www.concilio.org.py">http://www.concilio.org.py</a>
PERU	1919			1940#	
PORTO RICO *	1920	1934		1930	Concilio Asambleas de Dios do Distrito de Porto Rico – distrito das AGs <a href="http://www.cadpr.org">http://www.cadpr.org</a>
REP. DOMINICANA *	1930			1945	Concilio Evangélico Asambleas de Dios de la República Dominicana <a href="http://www.concilioad.org">http://www.concilioad.org</a>
SURINAME					
URUGUAI *	1946	1948			El Concilio General de las Asambleas de Dios em el Uruguay <a href="http://www.lasasambleasdedios.org">http://www.lasasambleasdedios.org</a>
VENEZUELA *	1947				Federação del Concilio General las Asambleas de Dios Venezuela <a href="http://www.asambleasdedios.org.ve/web/">http://www.asambleasdedios.org.ve/web/</a>

Fontes: WALKER, Luisa Jeter – *Siembra & Cosecha. Tomo I – Reseña histórica de las Asambleas de Dios de México y Centroamérica*, Vida, Deerfiel, Florida, 1992.(Além do México, inclue, El Salvador, Nicarágua, Honduras, Costa Rica, Belize e Panamá); MUNÔZ, Renneé Arancibia – *Historia de Las Asambleas de Dios DE Chile*, Xerox não publicada, apostila do Centro de Estudios Teologicos de Asembleias de Dios de Chile, s/d; ZABALA, Rubem – *Historia de las Asambleas de Dios Del Perú*, La Aurora, 1976; SILVA, Kittm – *La Experiencia Pentecostal – El despertar que sacudió a la Iglesia*, Editorial Carisma, Miami, 1996

\* Logo no site igual as AGs; \*\* logo próprio; # - datas distintas entre os livros e os sites.

### ANEXO IV - CARTAS<sup>505</sup>

CARTA – DATA, ORIGEM E DESTINATÁRIO	CONTEUDO
São Paulo, 19 de maio – De Daniel Berg para L.Pethrus	Está tudo bem, temos visto a salvação de almas que foram batizadas no nosso novo local. Minha esposa Sara está muito doente. Fala que não tem dinheiro e já adquiriu empréstimo do irmão Nyström. Pede para que a igreja ore por Sara para que ela fique curada e eles possam continuar trabalhando no Brasil.
Pernambuco, 10/06/1926 – De A. P. Franklin para Frid e Claeson	AP Franklin está desiludido com o trabalho no Brasil, pois não recebe os relatórios; a Associação das Assembleias de Deus está registrada em nomes pessoais, e tudo o que ele resolver pode ser alterado por Petrus que é centralizador
17 de juli de 1930 – papel timbrado da Igreja Filadelfia em Estocolmo – uma circulação sem destinatário	Plano para uma viagem ao Brasil. Primeiro chegar a São Paulo e depois subir a costa visitando lugares. Marcam a data de uma conferencia para setembro dias 5 ao 9. Requer que o máximo de missionários esteja presente na conferência para que o trabalho futuro seja planejado. Pastores e evangelistas também são bem vindos.
São Paulo, 7/10/1930 De Samuel Nystron para Petrus	Informa o recebimento de uma carta de Petrus. Diz que a revolução está acontecendo aqui no Brasil, mas aqui no nosso estado está tudo tranquilo. Fala de algumas dificuldades em comprar produtos para

<sup>505</sup> Temos em arquivo 42 cartas. Algumas são pequenas e pessoais não tendo nenhuma significação institucional, por isso não estão nesta relação.



	subsistência, mas diz que vai dar tudo certo. Manda saudações.
28 de juni (sem o ano) para Daniel Berg sem o remetente	Agradece uma carta recebida de Daniel Berg. Recebemos a visita de Joel Carlsson e o irmão brasileiro Amaro Celestino. Mostra que a visita fará com que muitos se interessem pelo trabalho missionário no Brasil. Diz que o que foi dito na carta anterior o deixou muito triste com relação a Daniel Berg ter sido objeto ou assunto de uma reunião da Missão Livre Sueca e diz que pessoas que trabalham junto em missão não deveriam desejar estes tipos de coisas a ninguém. Diz que na semana de estudos bíblico que aconteceu em kölingare os participantes decidiram falar com a Missão Livre Sueca com a intenção de que missões fiquem nas mãos das igrejas com o possível fim da Missão Livre Sueca. Diz que foi graça de Deus que tudo correu bem sem que houvesse contendas e tudo foi resolvido no amor. Os irmãos não estavam convencidos no começo, mas como não havia outra opção possível para o futuro eles acabaram aceitando a decisão. A nossa igreja funcionará como intermediária entre as igrejas que não tem missionários no Brasil e enviam dinheiro para missões. Os missionários poderão ter conexão direta com eles e com as igrejas que os enviaram. O dinheiro deste caixa será certamente cuidado por nós. Pede oração para que estas decisões tomadas com relação a missões sejam benção e tudo corra bem e com tranquilidade. Deus tem nos abençoado no nosso trabalho. Almas têm sido salvas e pessoas batizadas no Espírito Santo. Os doentes também têm sido curados.
23 de abril (sem o ano) para Daniel Berg sem o remetente	Agradece Daniel pela última carta e o parabeniza pelo novo filho. Também mostra sua alegria em ouvir o que Daniel tem feito no seu trabalho missionário. Os últimos dias têm sido maravilhosos. Multidões têm sido salvas em nossos encontros. Todos os nossos cultos tem ficado lotados e ainda multidões ficam de fora. É graça divina poder participar deste avivamento tão maravilhoso com nosso Deus. O que você mencionou sobre o trabalho em São Paulo e os Evangelistas: é melhor que continuem consultando os irmãos dos outros estados. É sempre mais difícil trabalhar em conjunto e consultando os outros irmãos.
14 de janeiro de 1929 – de Berg para Pethrus	Agradece pela última carta recebida e se alegram pelo fato de que naquele ano eles estavam completando 30 anos de cristãos batizados e servindo a Deus no trabalho missionário. Fala sobre sua dentadura que ficará pronta na semana seguinte e que o Senhor já providenciou alguém que pagará a quantia de 200 coroas suecas pelo serviço. Deseja um ótimo ano e manda saudações aos amigos.
Junho 1933 de Frida para Ester	Querida Esther. Paz. Fala sobre a última vez que Ester havia visitado Frida e visto Gunnar. Diz que não tem sido fácil, mas que o Senhor irá ajudá-la. Pede oração e agradece. No pedaço datilografado à esquerda ela escreve palavras de conforto que são citações bíblicas. No cartãozinho, os filhos dela agradecem pelas flores recebidas para o velório.
9 de janeiro de 1931 para Paul Ongman	Ao irmão Paul Ongman, Paz do Senhor. Obrigado pela ajuda financeira. Diz que quando o dinheiro chegou, eles já deviam tanto que o dinheiro que sobrou só foi suficiente para o mês de janeiro. Fala um pouco mais sobre a situação financeira, que estava difícil, mas também diz que viver longe da cidade é mais barato e que eles deveriam ser gratos a Deus por terem a oportunidade de viverem onde estavam. Os escritos de ponta cabeça na parte de cima da carta: de um lado deseja que Deus abençoe o trabalho que estão fazendo e há uma assinatura de Vingren. Do outro lado diz que esta é uma carta privada para Paul. Pede para saudar o irmão Petrus, agradece por carta recebida por Gunnar e agradece suporte financeiro.
16 de fevereiro de 1931	Irmãos no Senhor, Paz. Agradece pela última carta e diz que foi muito bom recebê-la. Diz que sabe que a igreja tem muitas outras preocupações e agradece pela atenção dispensada. A respeito do fogão e outras coisas: A resolução sobre o cuidado com os filhos de missionários foi muito boa. Deus seja louvado. Um fogão custa em média entre 300 e 600 mil reis. O mais barato está bom. Não são tão bons quanto os suecos, mas já é suficiente. Agradeça ao irmão Petrus pelo que ele tem feito por nós. No canto esquerdo é um agradecimento por ajudarem o irmão Bruno. Na parte de cima da carta ela diz que custam mais ou menos 100 mil reis para instalar o fogão. Fala novamente sobre o assunto do fogão. Fala sobre o preço de aluguel que é muito caro. Pede oração para que o Senhor os ajude a continuarem o trabalho no Brasil por mais um tempo. Diz que os dois têm saúde, porém ficam cansados. Fala sobre viajar para a Suécia e de novo sobre comprar um fogão. Fala sobre colocar as crianças em uma escola e diz que não sabe se vai ser caro ou barato. Fala que entende que o irmão Petrus está interessado nestes assuntos e os resolveria se fosse possível. Entende também que a Filadélfia tem muitos gatos e diz que o Senhor os ajudará na continuação do trabalho. Deixa claro que está escrevendo todas estas coisas a pedido do Gunnar. Explica que o trabalho da igreja tem ido muito bem com pessoas sendo salvas, batizadas nas águas e no Espírito Santo.
Blumenau, 12 de fevereiro de 1932 – Gunnar para Pethrus – escrita a mão	Fala que está em Santa Catarina e que é muito bom estar neste campo missionário. Conta sobre uma viagem a Itajaí. Continua falando sobre pessoas se convertendo, sendo batizadas nas águas e no Espírito Santo. Conta que pessoas falam novas línguas na presença de “inimigos” que ficam maravilhados com o poder de Deus. Conta sobre uma pessoa que começou a rir muito pelo poder do Espírito Santo. Fala que voltaram de ônibus para Blumenau e que viajariam para o interior onde encontrarão irmãos pentecostais alemães. Ele descreve que neste lugar, onde também moram índios brasileiros, as pessoas matam quem elas querem se tem algo contra elas. De lá iremos para Itajaí, onde muitos esperam para serem batizados. Diz que depois de lá irão para Florianópolis. Expressa o

	desejo de ir à Suécia com sua família dizendo que precisa muito de descansar. Se seu pedido não for concedido ele pretende se mudar para a Suécia.
São Paulo 1 de janeiro de 1932 de Nystrom para Pethrus e Ongman	Recebi uma mensagem dizendo que o casal Vingren está deixando o jornal (ou revista). A última mensagem era que o casal e Sylvio ficariam no jornal até o seu retorno definitivo para a Suécia. Quero dizer que só me responsabilizei pelo jornal pelo fato de vocês terem decidido assim aí na Suécia. Depois que Tora Hedlunds os visitou eles decidiram me mandar este telegrama dizendo que eles deixariam o jornal. A carta fala desta discussão sobre a liderança do jornal e também sobre a liderança de uma igreja no Rio. Pede para que Vingren retire o que disse sobre ele.
Rio de Janeiro, 5 de março de 1932 – de Nystrom para Pethrus	Eu sei que Frida deve ter escrito que eu tenho saído e brincado com garotas no local de banho (praia, provavelmente). Bem, se há alguma suspeita sobre isto escutem Lina, que estava lá, Nels J Nelsn também, um dos mais velhos pais na igreja no Pará, Rodrigues agente da bíblia para o Norte do Brasil agora representante de bíblias provenientes da Inglaterra no Peru, Beckett e sua família que eu brinquei com crianças tanto garotos como garotas de 8 – 10 -12 anos é verdade nós recebemos uma menina que nós criamos que tinha 9 anos foi em 1925 – 1926. Depois disto tive tempo e oportunidade de nadar na praia que era um banho normal quando centenas de pessoas nadavam que minha posição na sociedade foi conhecida. Agora você mesmo pode pensar o resto. Se eles, os Vingren, vão ficar ou não vocês decidam. Mas uma coisa, não haveria mais brigas se depender de mim, eu desejo que eles partam, porque a autoridade dos missionários pode ter sido perdida por razão das intrigas e escândalos diante dos nativos. Fala sobre um jornal (ou revista). O primeiro número já saiu e o segundo está quase pronto. Diz que os imprime no Rio, pois sente que Deus o tem guiado para assim fazer. Diz que tem morado com a família Hedand em São Paulo e ficará lá até que Joel venha ou as coisas se arrumem com relação a trabalho. Diz que pensa que é tempo de sair. Fala que foi convidado duas vezes para pregar na igreja dos Vingren. Foi um grande movimento na igreja no Rio e no interior e falaram que Frida seria afastada do trabalho. Os diáconos falaram comigo sobre as vagas e que o interior está preparado para independência. Foram os líderes responsáveis que falaram comigo sobre os acontecimentos. Eles conhecem gerais que são um deles. Eles falam que é melhor que eu venha e comece uma nova igreja no Rio. Perguntaram se todos os suecos seriam como Frida. Agora as coisas se acalmaram desde que os Vingren voltaram para casa, mesmo que tudo ainda não esteja pronto, me parece que a Frida destruiu sua própria reputação no Rio apesar de que ela não reconhece isto. Insisto que Sylvio não deve morar com os Vingren, pois nenhum escândalo deve continuar. Vingren exortou Frida e ela não gostou nada disto. No que diz respeito ao que Vingren falou mal a meu respeito, quero dizer que não existem provas.
Rio de Janeiro, 11 de março de 1932 – de Frida e Gunnar para Pethrus e igreja Filadélfia em Estocolmo, datilografada	Fala de três cartas que foram mandadas. Nas duas primeiras expressava a intenção de ir à Suécia e a terceira dizendo que poderiam ficar por mais um ano, se Deus quiser. Fala que viajou de volta de santa catarina e estava passando muito mal. Em Santos oraram por ele e ficou melhor. Quando chegou a sua casa, no Rio, diz que a cada dia se sente melhor. Conta que chamou o irmão Samuel Nyström para uma conversa, pois os dois tem muita vontade de serem unidos e se entenderem. Samuel tinha pensado que os Vingren tinham falado mal dele em sua igreja. Porém, depois de perguntar a um diácono da igreja dos Vingren e descobrir que eles não tinham falado mal de Samuel, fizeram as pazes. Mesmo entre Frida e Samuel está tudo bem agora. Agora Samuel vai se mudar para o Rio então os Vingren estão o convidando para trabalhar naquele estado. Termina a carta dizendo que está tudo bem agora e descreve um pouco do trabalho próspero que a igreja está realizando.
Rio de Janeiro 5 de maio (sem ano) de Gunnar para Pethrus	Vingren informa que ele e Samuel Nyström decidiram trabalhar juntos no Rio. Desta forma a viagem de volta fica suspensa talvez por um ano.
Pernambuco, 28.4.1931 para Pethrus de - quatro paginas escrita a Mao	Agradece por carta recebida Diz que Deus os tem abençoado muito. O inimigo está furioso. Tem um jornal aqui que está escrevendo contra nós. Continua contando de pessoas que se convertem, são batizadas e batizadas com o Espírito Santo. Diz que quer falar algumas coisas para o irmão Petrus e a igreja: <ol style="list-style-type: none"><li>1. Vocês sabem que foi decidido que os missionários sairão do norte do Brasil e trabalharão no Sul de agora em diante. Os nacionais tomarão conta do trabalho.  Acredito que mesmo que seja tão difícil o trabalho aqui, não é hora de eu sair daqui. Quero ficar e se for preciso falar com a igreja aí na Suécia me falem, pois quero permanecer.</li><li>2. Descreve a necessidade assustadora que tem encontrado. Tudo que ele tem visto nos últimos três meses ele não tinha visto em toda sua vida.  Fala da importância do orfanato. Pergunta se ele deve continuar com o orfanato. Ele diz que o trabalho com orfanatos é muito bom.</li></ol> Assina Joel
Pernambuco, 12.5.1931 para Pethrus – datilografada	Fala sobre o ministério feminino e que ninguém estava se opondo a isto. Todos no Brasil estão felizes pela visita de Pethrus. Fala sobre Frida como redatora e também sobre uma disputa entre Gunnar e Frida. Diz que os irmãos Vingren perderam a simpatia entre os brasileiros.
João Pessoa, 9 de março de 1931 – escrita a mão para Pethrus e Igreja Filadélfia,	pedindo a permissão do irmão Joel Carlson trabalhar em nosso meio na grande cooperação do Evangelho”

escrita em português, assinada por Cicero Lima, Manoel Pedro, Jose Benedito, Joao Adelgicio, Sebastiao Claudino, Severino Marcolino, Antonio de Assis, Luis Chaves.	
Natal, 21.4.1931 – para Pethrus, um texto em português e sua versão em sueco assinada por Cicero Lima, Napoliao de Oliveira, Francisco Gonzaga, João Baptista, José Amador, Amaro Celestino.	Reclamando da atuação da Frida, informando que por causa disso Nystron quer ir embora, e eles dizem preferir que Nystron fique
Rio de Janeiro de Frida para Aimme S. McPherson	Irmã n Cristo, Paz e alegria no Senhor Sou grato por meu Visti em você Temple 1924 e minha conversão ahort com você. Eu sigo com alegria o seu trabalho em seu progresso. glória a Deus. Regozijo-me com o meu bom amigo impressionado pastor TB Barrat há de sua visita em seu Templo no ano passado. E eu vou perguntar-lhe, é que você vai alllw nos publicar alguns de seus sermões. nós temos nossa própria editora através AICH estamos trazendo para fora o mesmo Evangelho completo que você está preschendo. Eu seria grato por ver uma resposta o mais breve possível. Além disso, vou dizer que o lucro da nossa casa publicadora está indo diretamente para a missão os melhores desejos e saudações sua no Senhor

## ANEXO V - RESOLUÇÕES SOBRE USOS E COSTUMES

AD EM S. CRISTÓVÃO, RJ – 1940.	DECLARAÇÃO DE STO. ANDRÉ – 1975
<p>As Assembleias de Deus, tanto neste país como em todo o mundo, estão hoje em dia em grande período de serem invadidas pelo espírito de mundanismo, como tem acontecido nas igrejas das denominações; e, quando isso acontece, o Espírito Santo fica triste e sem liberdade de ação e, por fim, tem que retirar-se, tanto do crente em particular como de uma igreja, onde esse espírito terrível tem liberdade de entrar.</p> <p>Deus sabia que desde o princípio que a mulher é a parte mais fraca e mais facilmente tentada para a vaidade, por isso falou nas Sagradas Escrituras como as mulheres que professam o nome de Jesus devem vestir-se e pentear-se (I Pe. 3.1-5 e I Tm 2.9-10).</p> <p>O ministério desta igreja sente uma grande responsabilidade entendendo que esta igreja é a igreja-mãe de todas as igrejas do Distrito Federal e do Estado do Rio, e mesmo de mais algumas além das fronteiras deste Estado. Por isso, este ministério, como os irmãos membros das mesmas, sentem que esta igreja deve ser exemplo de modéstia e santidade para todas as igrejas consideradas filhas. Ainda mais, a igreja está situada na capital federal e, portanto, deve ser um exemplo para todas as igrejas no Brasil.</p> <p>Em vista do exposto, a igreja unanimemente, na sua sessão ordinária de 4 de junho de 1940, resolveu o seguinte: Não será permitido a nenhuma irmã membro desta igreja raspar sobrancelhas, cabelo solto, cortado, tingido, permanente ou outras extravagâncias de penteado, conforme usa o mundo, mas que se penteiem simplesmente como convém às que professam a Cristo como Salvador e Rei.</p> <p>Os vestidos devem ser suficientemente compridos para cobrir o corpo com todo o pudor e modéstia, sem decotes exagerados e as mangas devem ser compridas.</p> <p>Se recomenda às irmãs que usem meias, especialmente as esposas de pastores, anciãos, diáconos e professoras da EBD, e das que cantam no coro ou tocam.</p> <p>Esta resolução regerá também todas as congregações desta igreja.</p> <p>As irmãs que não obedecerem aos que acima foi exposto serão desligadas da comunhão por um período de três meses. Terminado este prazo, e não havendo obedecido à resolução da igreja, serão cortadas definitivamente por pecado e rebelião.</p> <p>Nenhuma irmã será aceita em comunhão se não obedecer a estas regras de boa moral, separação do mundo e uma vida santa com Jesus.</p>	<p>“E ser-me-is santos, porque eu, o Senhor, sou santo, e separai-vos dos povos, para serdes santos” (Lev. 20.26).</p> <p>A Convenção Geral das Assembleias de Deus, reunida na cidade de Santo André, Estado de São Paulo, reafirma seu ponto de vista no tocante aos sadios princípios estabelecidos como doutrinas na Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada – e conservados como costumes desde o início desta obra no Brasil. Imbuída sempre dos mais altos propósitos, ela, a Convenção Geral, deliberou pela votação unânime dos delegados das igrejas da mesma fé e ordem em nosso país, que as mesmas se abstenham do seguinte:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) Ter os homens cabelos crescidos (1 Co 11.14), bem como fazer cortes extravagantes;</li> <li>2) As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias (1 Tm 2.9, 10);</li> <li>3) Uso exagerado de pintura e maquiagem - unhas, tatuagens e cabelos - (Lv 19.28; 2 Rs 9.30);</li> <li>4) Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica (1 Co 11.6, 15);</li> <li>5) Mal uso dos meios de comunicação: televisão, Internet, rádio, telefone (1 Co 6.12; Fp 4.8); e</li> <li>6) Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes (Pv 20.1; 26.31; 1 Co 6.10; Ef. 5.18).</li> </ol> <p>Esta Convenção resolve manter relações fraternas com outros movimentos pentecostais, desde que não sejam oriundos de trabalhos iniciados ou dirigidos por pessoas excluídas das Assembleias de Deus, bem como manter comunhão espiritual com os movimentos de renovação espiritual, que mantenham os mesmos princípios estabelecidos nesta resolução. Relações essas que devem ser mantidas com prudência e sabedoria, a fim de que não ocorram possíveis desvios das normas doutrinárias esposadas e defendidas pelas Assembleias de Deus no Brasil.</p> <p>(Daniel, 2004:438)</p>

Estamos certos de que todas as irmãs que amam ao Senhor Jesus cumprirão, como gozo, o que foi resolvido pela igreja.  
O Ministério. (Daniel, 2004:218)

5º. ELAD – 2000

Princípios são bases estabelecidas por Deus para orientação da sociedade humana e que estabelecem parâmetros, dentro dos quais o homem é aceito e se relaciona com o Criador. (...) Tradição é a transmissão de ensinamentos, práticas, crenças de uma cultura de uma geração a outra. A palavra grega para tradição é *paradosis*, usada no sentido negativo (Mt. 15.2 e Gl.1.14); e também no sentido positivo (2T 2.15). Quando se coloca a tradição acima da Bíblia ou em pé de igualdade com ela, a tradição assume uma conotação negativa. Muitas vezes é usada simplesmente para camuflar nossos pecados. O problema dos fariseus e da atual igreja Católica Romana é justamente por receber a tradição como Palavra de Deus. Disse alguém: “tradição é a fé viva dos que agora estão mortos, e tradicionalismo é a fé morta dos que agora estão vivos”.

Quando afirmamos que temos as nossas tradições, não estamos com isso dizendo que os nossos usos e costumes tenham a mesma autoridade da Palavra de Deus, mas que são bons costumes que devem ser respeitados por questão de identidade de nossa igreja. Temos quase 90 anos, somos um povo que tem história, identidade definida e, acima de tudo, nossos costumes são saudáveis. Deus nos trouxe até aqui da maneira que nós somos e, assim, cremos que, sem dúvida alguma, Ele nos levará até o fim. (...) Atendendo ao parecer do Conselho da CGADB encaminhado ao 5. Elad, em 25 de agosto de 1999, a comissão analisou a resolução da Convenção Geral de 1975, em Santo André, à luz da Bíblia, de nosso contexto e de nossa realidade, expressando esses princípios numa linguagem atualizada.

O primeiro ponto que precisa ser expresso numa linguagem atualizada é a declaração: “sadios princípios estabelecidos como doutrina na Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada – e conservados como costumes desde o início desta Obra no Brasil”. O texto não faz distinção entre doutrina e costume. O livro *O Manual do Caped*, edição de 1999, CPAD, Rio, página 92, diz:

“Há pelo menos três diferenças básicas entre doutrina bíblica e costume puramente humano”. Há costumes bons e maus. A doutrina bíblica conduz a bons costumes.

- A) Quanto à origem a doutrina é divina o costume é humano.
- B) Quanto ao alcance à doutrina é geral o costume é local.
- C) Quanto ao tempo à doutrina é imutável o costume é temporário.

A doutrina bíblica gera bons costumes, mas bons costumes não geram doutrina bíblica. Igrejas há que têm um somatório imenso de bons costumes, mas quase nada de doutrina. Isso é muito perigoso! “Seus membros naufragam com facilidade por não terem o lastro espiritual da Palavra”.

A palavra grega usada para “doutrina” no NT é *didache*, que segundo o *Dicionário Conciso Grego Español Del Nuevo Testamento*, significa: “o que se ensina, ensino, ação de ensinar, instrução” (I Jo 7.16-17; At 5.28; 17.19). *Didaskalia*, segundo o já citado dicionário, é “o que se ensina, ensino, ação de ensinar, instrução”. O Léxico do N.T. Grego/Português, de F. Wilbur Gingrich e Frederick W. Danker, Vida Nova, São Paulo, 1991, página 56, diz que *didaskalia* é: “Ato de ensino, instrução” (Rm 12.7; 15.4 e 2Tm 3.16). Num sentido passivo – aquilo que é ensinado, instrução, doutrina (Mc7.7; Cl2.22; I Tm1.10; 4.6; 2Tm 3.10 e Tt1.9); e *didache*: “Ensino como atividade, instrução (Mc 4.2; 1 Co 14.6 e 2Tm4.2). Em um sentido passivo – o que é ensinado, ensino, instrução (Mt 16.12; Mc 1.27; Jo 7.16s; Rm16.17 e Ap 2.14s,24). Segundo a *Pequena Enciclopédia Bíblica*, de Orlando Boyer, doutrina é “tudo o que é objeto de ensino; disciplina” Vida, S.Paulo, 1999, página 211).

A luz da Bíblia, doutrina é o ensino bíblico normativo, terminante, final derivado das Sagradas Escrituras, como regra de fé e prática de vida, para a Igreja, para seus membros, vista na Bíblia como expressão prática na vida do crente, e isso inclui práticas, usos e costumes. Elas são santas, divinas, universais e imutáveis.

Os itens 2 e 6 foram colocados num mesmo item, pois tratam de um mesmo assunto. Colocamos referências bíblicas porque os nossos costumes são norteados pela Palavra de Deus. Precisamos ter consciência de que os nossos costumes não impedem o crescimento da Igreja.

Hoje em dia, há igrejas para todos os gostos, mas nós temos compromisso com Deus, com sua Palavra e com o povo. O objetivo de conquistar as elites da sociedade em detrimento de nossos costumes e tradições não é bom negócio. Isso tem causado muitos escândalos e divisões e não levam a resultados positivos. Somos o que somos. Devemos aperfeiçoar as nossas estratégias de evangelismo e não mudar arbitrariamente os nossos costumes, pois isso choca a maioria dos crentes. Criar novos métodos para alcançar os pecadores, disso, sim, precisamos, para que o nosso crescimento possa continuar.

Convém ressaltar que a falta de crescimento de algumas igrejas não é pelo fator usos e costumes, como muitas vezes tem sido enfatizado nas AGOs da CGADB e como foi ressaltado no 5. Elad. Mais de 85% dos líderes das Assembléias de Deus reconhecem a necessidade de preservação de nossas tradições, usos e

A salvação é um ato da graça de Deus pela fé em Jesus. A Bíblia ensina que somos salvos pela fé em Jesus (Rm 3.28; Gl.2.16; Ef.2.8-10 e Tt 3.5). Todos os crentes são salvos porque um dia ouviram alguém falar de Jesus e creram nessa mensagem. Ninguém fez absolutamente nada para ser salvo, a não ser ter fé em Jesus. Como consequência da salvação, temos o fruto do Espírito (Gl 5.22). A vida de santificação é resultado da nova vida em Cristo, e não um meio para salvação. Cristianismo é religião de liberdade no Espírito e não um conjunto de regras e de ritos. Acrescentar algo mais que a fé em Jesus como condição para salvação é heresia e desvio da fé cristã (Gl 5.1-4). Mas ir além da liberdade cristã, extrapolando os limites, é libertinagem (Gl 5.13). A fé cristã requer compromissos e por isso viveremos uma vida diferente do mundo. Do contrário, essa fé seria superficial e não profunda, como encontramos no apóstolo Paulo (Gl 2.20). Não existe instituição sem normas, e nós temos as nossas.

Quando os gentios de Antioquia se converteram à fé cristã, a igreja de Jerusalém enviou Barnabé para discipular aqueles novos crentes (At 11.20-22). Ele entendia que os costumes só deviam ser mantidos quando necessários, pois ensinar costumes, culturas e tradições como condição para salvação é heresia e caracteriza seita. Barnabé sabia que a tradição judaica era mais uma forma de manter a identidade nacional e que isso em nada implicaria na salvação desses novos crentes. Portanto, não seria necessário observar o ritual da lei de Moisés (At 15.19-20).

Os judeus não eram mais crentes do que os gentios por causa dos seus costumes, e nem consideravam os gentios menos crentes do que eles. Pedro pregava aos judeus o “evangelho de circuncisão”, enquanto Paulo o da “incircuncisão”, ou seja, Pedro pregava aos judeus e Paulo aos gentios (Gl 2.7-9). Não se trata de dois evangélicos, mas de um só Evangelho, apresentado de forma diferente. Isso é muito importante, porque as convicções religiosas são pessoais e o apóstolo Paulo respeitava essas coisas. Havia os irmãos que achavam que se deviam guardar dias e se abster de certos alimentos, outros consideravam iguais todos os dias e comiam de tudo (Rm 14.1-8). Ele não procurou persuadir a ninguém dessa ou da outra maneira.

Diante disso, aprendemos que nenhum pastor deve persuadir o crente para deixar de observar os costumes da igreja. Isso é algo de foro íntimo. Da mesma forma, um não deve criticar o outro, porque o que ambos fazem é para Deus. Além disso, o apóstolo via que se tratava de uma questão cultural (Rm 14.6-10). Proibições sem a devida fundamentação, principalmente bíblica, é fanatismo. Quem faz de sua religião o seu Deus não terá Deus para sua religião.

Isso nos mostra que os nossos costumes não são condição para salvação, eles devem ser mantidos para a preservação de nossa identidade como denominação. Não devemos criticar os outros e nem forçar ninguém a crer contra suas próprias convicções religiosas. Há pastores que agredem o rebanho e desrespeitam seus companheiros porque querem demolir nosso patrimônio histórico-espiritual a todo custo. Deus quer a Assembléia de Deus como ela é na sua maioria. As outras denominações foram chamadas como elas são, é assim que Deus quis, Ele é

Nos próprios dicionários seculares, encontramos esse mesmo conceito sobre doutrina: “É o complexo de ensinamentos de uma escola filosófica, científica ou religiosa. Disciplina ou matéria do ensino. Opinião, em matéria científica” (Dicionário Álvaro de Magalhães). “Conjunto de princípios de um sistema religioso, político ou filosófico. Rudimentos da fé cristã. Método, disciplina, instrução, ensino” (*Dicionário Ilustrado Novo Brasil, Ed. 1979*).

Os costumes, por sua vez, são em si sociais, humanos, regionais e temporais, porque ocorrem na esfera humana, sendo inúmeros deles gerados e influenciados pelas etnias, etariedade, tradições, crendices, individualismo, humanismo, estrangeirismo e ignorância.

Convém, portanto, atualizar a redação da resolução de Santo André, omitindo a expressão “como doutrina”, ficando assim: “sadios princípios estabelecidos na Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada – e conservados como costumes desde o início desta Obra no Brasil”.

Quanto aos oito princípios da resolução, uma maneira de colocar numa linguagem atualizada é:

1. Ter os homens cabelos crescidos (I Co 11.14), bem como fazer cortes extravagantes;
2. As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas;
3. Uso de pinturas e maquiagem – unhas, tatuagens e cabelos (Lv 19.28 e 2Rs 9.30);
4. Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica (I Co 11.6,15);
5. Mal uso dos meios de comunicação: televisão, internet, rádio, telefone (I Co 6.12 e Fp 4.8);
6. Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes ( Pv. 20.1; 26.31; I Co 6.10 e Ef. 5.18).

Costumes e de nossa identidade, e veem na falta de visão e de objetivos de muitos líderes a razão da falta de crescimento da igreja. Essa deficiência pode ser vista e comprovada dos dois lados, tanto o dos favoráveis às mudanças como o dos que querem manter o mesmo sistema histórico das Assembléias de Deus. O Crescimento da igreja, à luz da Bíblia, é consequência de evangelismo, discipulado e oração; e o avivamento, fruto de jejum, oração e arrependimento, e não resultado de usos, costumes e tradição.

Nem tudo que é extrabíblico é antibíblico. Nem tudo que nos interessa é condenado ou é pecado. Não podemos julgar ou condenar outros grupos porque adotaram liturgias estranhas e costumes diferentes dos nossos, e nem alcunhar nossos companheiros de ministério de liberais, pois liberal é uma palavra ofensiva. Os liberais são os que não acreditam na inspiração e autoridade das Escrituras, os que negam o nascimento virginal de Jesus, não reconhecem a existência de verdades absolutas. Discordar de nossos companheiros de ministério é uma coisa, mas agredir é outra muito diferente, e fere o espírito cristão do amor fraternal. Devemos sim, preservar os nossos costumes.

soberano. O mesmo Jesus que chamou Mateus disse para outros que não o seguissem. A vontade de Deus para a minha vida não é a mesma para a vida de outras pessoas. Embora todos nós estejamos na direção e vontade de Deus, porém com chamadas diferentes.

Cada igreja tem seu público alvo que pretende alcançar. A nossa igreja é bem conhecida em todo o país e tem sua linha traçada. As Assembléias de Deus não nasceram com projeto político, empresarial e nem com plano específico para evangelizar as elites da sociedade. O nosso projeto é ganhar o povo para Jesus e fundar igrejas locais em todas as cidades e bairros de nosso país. Foi com essa estrutura que Deus nos trouxe até aqui e nos fez a maior igreja evangélica do país.

Não é necessário copiar. Não somos pentecostais clássicos. Isso significa que somos modelos para os outros. São eles, portanto, que devem aprender com as Assembléias de Deus e não nós com eles, em matéria de doutrina pentecostal. É muita falta de bom senso e de respeito para com nossa denominação copiar de grupos neopentecostais, que sequer sabemos quem são, nem de onde vêm e nem para onde vão.

Com a avalanche de igrejas neopentecostais, liturgias e crenças para todos os gostos têm levado alguns de nossos líderes a se fascinarem por esses movimentos, imitando e copiando seu sistema litúrgico. Ora, quem pertence a nossa igreja não está enganado, são crentes que sabem o que querem, que conhecem nossa doutrina, tradição, usos e costumes e com a nossa forma de adoração. É também correto afirmar que a maioria se sente bem em nossos cultos de adoração a Deus.

As tentativas de mudança são sempre um fiasco, porque quem não gosta de nossa maneira de cultuar a Deus já saiu, já foi embora para outras denominações. Por que imitar e copiar outros movimentos? Se eles inventaram suas inovações, certamente as conhecem muito melhor que nós. Quem procura imitar esses movimentos não se identifica com a nossa denominação e nem com a deles. Imitação sempre é imitação. Não conquista os pecadores para Cristo, pois não tem público alvo definido. Não conquista outro público, porque essas pessoas já conhecem a Assembléia de Deus. Por mais que se provar que são outros costumes, que as coisas mudaram, não persuade as pessoas, porque as marcas das Assembléias de Deus são muito fortes.

Esequias Soares – Jundiá (SP)

Iris Goulart Seixas – Curitiba (PR)

Elieenai Cabral – Sobradinho (DF)

Nelson Lutchemberg – Cacoal (RO)

Martin Alves da Silva – Mossoró (RN)

Jundiá, 16 de agosto de 1999.